



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUC O  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**À SOMBRA DO JUAZEIRO:**  
as transformações da experiência religiosa popular  
no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)

José Artur Tavares de Brito

Recife  
2020

José Artur Tavares de Brito

**À SOMBRA DO JUAZEIRO:**

as transformações da experiência religiosa popular  
no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Curso de Doutorado, da Universidade Católica de Pernambuco, para obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Recife

2020

B862s

Brito, José Artur Tavares de  
À sombra do Juazeiro : as transformações da experiência  
religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016) /  
José Artur Tavares de Brito, 2020  
411f. : il.

Orientador: Gilbraz de Souza Aragão  
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Doutorado  
em Ciências da Religião, 2020.

1. Romaria – Juazeiro do Norte (CE). 2. Religiosidade popular.  
I. Título.

CDU 248.153.8 (81)

Luciana Vidal - CRB 4/1338



Tese de autoria de José Artur Tavares de Brito, intitulada “**À SOMBRA DO JUAZEIRO**: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016), apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor em nome do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, em 10 de setembro de 2020, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Presidente

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão – UNICAP

Leitor externo

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin - PUCRS

Leitor externo

Prof. Dr. Alder Júlio Ferreira Calado - UFPB

Leitor interno

Prof. Dr. Drance Elias da Silva – UNICAP

Leitor interno

Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra - UNICAP

Recife

2020

À memória  
Dos notáveis e imortais cearenses,  
Antônio Conselheiro,  
Padre Ibiapina,  
Padre Cícero Romão Batista,  
Beato José Lourenço  
e Dom Helder Câmara,  
Romeiros da Terra da Promissão...

À memória  
Do Pe. Francisco Murilo de Sá Barreto,  
Pastor maior dos romeiros e romeiras do Juazeiro,  
“Pároco do Nordeste”...

À memória  
Da Beata Maria de Araújo,  
Santa do povo romeiro,  
Irmã Ana Teresa,  
“Mãe da Nação Romeira”...

Ao  
Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste –  
GPPN, caminheiro, há mais de trinta anos,  
vivendo ecumenicamente junto aos mais pobres  
do campo e da cidade...

A  
Minha esposa Fátima Nunes e minhas filhas,  
Sara Rebeca, Clara Beatriz e Lara Raquel,  
Minha companhia primeira na peregrinação da vida,  
Rumo à Terra Prometida.

## AGRADECIMENTOS

A realização desta tese não teria sido possível sem a contribuição essencial de múltiplas instâncias e pessoas. A elas quero expressar aqui meu agradecimento.

Este trabalho de investigação é produto de uma trajetória pessoal que vem sendo forjada há muitos anos. No *“camino que se hace al caminar”* foram muitas pessoas que contribuíram para a consecução deste objetivo. Para um filho de padeiro do interior de Pernambuco, esta conquista soa como um sonho que tem sido construído, inicialmente, graças à determinação de meu pai Manoel e minha mãe Severina, que fizeram todos os esforços para que eu alcançasse concluir um curso universitário.

Em minha inserção em grupos de luta social, como na caminhada de vida acadêmica, construí muitas amizades que até hoje são conservadas. Aqui recordo e agradeço aos companheiros e companheiras do Instituto de Teologia do Recife (ITER) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), com quem inspirados na Teologia da Libertação, vivenciamos o compromisso de colocar o “saber acadêmico a serviço do saber popular”.

Agradeço com efusivo carinho:

- À Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – por conceder a bolsa de estudo e todo o apoio necessário, sem os quais não teria sido viável essa pesquisa.
- A meu orientador, Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão, pela dedicação, empenho, carinho e sabedoria com que me acompanhou durante todo o processo de estudo.
- Aos professores e professoras da pós-graduação em Ciências da Religião: Dr. Drance Elias da Silva, Dr. Gilbraz de Souza Aragão, Dr. João Luiz Correia Júnior, Dr. José Afonso Chaves, Dr. José Tadeu Batista de Souza, Dr. Luiz Alencar Libório, Dr. Luiz Carlos Luz Marques, Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral, Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, Dra. Valdenice José Raimundo e Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos.

- Aos professores participantes da banca de defesa da tese: Prof. Dr. Alder Júlio Ferreira Calado, Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra, Prof. Dr. Drance Elias da Silva e Prof. Dr. Luiz Carlos Susin.
- Ao Centro de Psicologia da Religião (CPR) do Juazeiro do Norte, na pessoa da Profa. Dra<sup>a</sup>. Annette Dumoulin, que abriu seus arquivos e biblioteca, subsidiando a pesquisa, por meio do qual agradeço a todas as pessoas e instituições do Sertão do Cariri.
- Ao Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra, que com muito carinho e dedicação profissional realizou a revisão do texto nos mais minuciosos detalhes.
- Às diagramadoras – *design gráfico* – Sara Rebeca Paulino de Brito e Clara Beatriz Paulino de Brito, pelo capricho e atenção permanente com o desenvolvimento da tese.
- Às tradutoras, que com muito carinho e competência traduziram os resumos em língua estrangeira: Anne Claude Marie Genolini, Maite Hernández Alfonso e Lara Raquel Paulino de Brito.
- À Profa. Dra<sup>a</sup>. Nadia Azevedo, pelo incentivo e dicas certeiras no aprofundamento da Análise do Discurso de linha francesa.
- Ao Prof. Dr. Edson Silva Heley, pela atenção e dicas de subsídios sobre a questão indígena do povo Cariri/CE.
- Ao ilustrador e designer Java Araújo, que com sua capacidade criativa foi um suporte importantíssimo para a confecção das ilustrações que deram um brilho todo especial à peregrinação de janeiro de 2020.
- Ao Prof. Luca Pacheco, que como cientista da religião e produtor de vídeo, não mediu esforços para acompanhar a peregrinação de janeiro de 2020 fazendo a cobertura de filmagem nos principais trechos do caminho.
- À empresa 3 Capacitações, nas pessoas de Mariano Vicente, Ana Beatriz e Marcos Luna, que com muita competência profissional e qualificação foi um esteio valioso para o término e apresentação final da pesquisa.
- Aos bibliotecários da Biblioteca Central da Unicap, em especial ao Pedro Manoel pelo apoio e correção das referências.
- Às companheiras e companheiros do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN), que me acompanharam em mais de 600 km a pé durante 30 dias pelas estradas poeirentas de Juazeiro do Norte/CE a Recife/PE.

- Ao pesquisador Renato Casimiro, que com muito esmero disponibilizou o volumoso e histórico arquivo fotográfico, por meio do qual agradeço em memória do também pesquisador Daniel Walker

Agradeço a todos e todas sem exceção, por isso, não vou mais nominar, porque seria uma lista enorme de pessoas que me apoiaram em todo o processo. A todos e todas, meu agradecimento efusivo do coração.

Por fim, agradeço à minha família, esposa Fátima Nunes e filhas Sara Rebeca, Clara Beatriz e Lara Raquel, por terem me oferecido estrutura psicológica e a serenidade necessária dentro de casa, sobretudo por ficarem em comunhão comigo nas saídas para o trabalho de campo, com destaque para os 30 dias de ausência por conta da peregrinação a pé de Juazeiro do Norte – CE a Recife - PE, em janeiro de 2020. Minha gratidão e reconhecimento que me estimulam para continuar o caminho.

## RESUMO

A romaria a Juazeiro do Norte/CE é um dos maiores eventos religiosos do Brasil e, por seu caráter de resistência popular, tem atraído a atenção de pesquisadores e pesquisadoras em diversas áreas do conhecimento, que buscam explicar suas origens e motivos, bem como os seus processos e transformações. O objetivo desta tese é analisar as transformações na experiência religiosa dos romeiros do Juazeiro do padre Cícero Romão, no contexto de mudanças culturais mais amplas, buscando compreender as estratégias de hibridação como mecanismos de preservação e ressignificação da romaria, no período de 1986 a 2016. Assim, situa historicamente as romarias do Juazeiro do Norte, ressaltando a autoprodução religiosa popular que transformou a região do Cariri cearense em importante centro de peregrinação no Nordeste do Brasil. Identifica a romeira e o romeiro do padre Cícero Romão como protagonistas de uma liturgia própria, que se desenvolve em negociações com poderes públicos, com a Igreja ou o mercado. E analisa o processo de canonização do padre Cícero Romão, pontuando continuidade e descontinuidade do protagonismo dos romeiros e romeiras. Esta pesquisa em Ciências da Religião situa-se dentro do marco teórico e metodológico transdisciplinar, que destaca o conhecimento brotado entre e além das diversas áreas e sujeitos. Com uso de metodologia qualitativa, procedeu-se a observação participante e entrevistas semiestruturadas com 30 romeiros e romeiras de vários estados do Nordeste, como também de 30 estudiosos da região do Cariri. A crítica desse material fundamentou-se nas teorizações da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, que produz seu tecido através de contribuições das ciências sociais. O estudo mostrou uma realidade que só pode ser compreendida a partir de um cenário religioso mais amplo, no qual também estão inseridos o padre Ibiapina e os beatos Antônio Conselheiro e José Lourenço. Os entrevistados e entrevistadas consideraram que a modernização do transporte em “caminhão pau de arara” foi “como se perdesse uma entidade do Juazeiro”, porque ele promovia um ambiente de mística solidária e correspondia às condições financeiras dos mais pobres. Além do moderno turismo religioso, o protagonismo dos romeiros e romeiras foi atingido pelo processo de clericalização das romarias, que coincide com o movimento em torno da eventual reabilitação do padre Cícero Romão, contrapondo a religião do Templo à religiosidade da Estrada. Constatou-se que o movimento religioso popular do Juazeiro revela um potencial social subversivo, escondido sob as aparências de passividade alienada, caracterizando um Cristianismo Místico Beato em torno das romarias do padre Cícero, que faz parte de um universo simbólico mais amplo e para além de Juazeiro do Norte, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária.

**Palavras-chave:** Religiosidade popular. Romaria e sociabilidade. Processo de hibridação. Resistência cultural. Análise do Discurso.

## RESUMEN

La peregrinación hacia Juazeiro do Norte/CE es uno de los mayores eventos religiosos de Brasil. Por ser una práctica con carácter de resistencia popular ha atraído la atención de investigadores de diversas áreas del conocimiento que buscan explicar sus orígenes, motivos y transformaciones. El objetivo de esta tesis es analizar las transformaciones en la experiencia religiosa de los peregrinos del padre Cícero Romão, en Juazeiro, en medio de amplios cambios culturales, con la intención de entender las estrategias de hibridación como mecanismos para la preservación y la reformulación de la peregrinación, de 1986 a 2016. Las peregrinaciones hacia Juazeiro del Norte se analizan a partir de una perspectiva histórica, destacando la autoproducción religiosa popular que transformó la región del Cariri cearense, en un importante centro de peregrinación en el noreste de Brasil. Igualmente, se identifica a la peregrina y al peregrino del Padre Cícero Romão como protagonistas de una liturgia propia que se desarrolla a partir de las negociaciones con autoridades públicas, con la Iglesia o con el mercado. También, se analiza el proceso de canonización del padre Cícero Romão, destacando la continuidad y discontinuidad del protagonismo de las peregrinas y peregrinos. La presente investigación en Ciencias de la Religión se ubica dentro de un marco transdisciplinario teórico y metodológico, que destaca el conocimiento surgido más allá, y entre, las distintas áreas y sujetos. Utilizando una metodología cualitativa, se realizó una observación participante y se llevaron a cabo entrevistas semiestructuradas con 30 peregrinas y peregrinos de varios estados del noreste, así como con 30 académicos de la región de Cariri. Para la revisión crítica de este material, nos basamos en las teorías de Análisis del Discurso (AD) de orientación francesa, que opera a través de las contribuciones de las ciencias sociales. Este estudio mostró una realidad que solo puede entenderse a partir de un escenario religioso más amplio, en el que también se insertan el Padre Ibiapina y los beatos Antônio Conselheiro y José Lourenço. Las entrevistadas y entrevistados consideraron que la modernización de las formas de transportación en "camiones *pau de arara*" fue "como si se perdiera una entidad de Juazeiro", debido a que ello promovía un ambiente de mística solidaria y respondía a las condiciones financieras de los más pobres. Además del turismo religioso moderno, el protagonismo de las peregrinas y peregrinos estuvo marcado por el proceso de clericalización de las peregrinaciones, algo que coincide con el movimiento en torno a la eventual rehabilitación del Padre Cícero Romão, confrontando la religión del Templo a la religiosidad del Camino. Se constató que el movimiento religioso popular de Juazeiro revela un potencial social subversivo, oculto bajo las apariencias de una pasividad alienada, razón por la cual llamamos Cristianismo Místico Bendito a este movimiento en torno a las peregrinaciones del Padre Cícero, quien es parte de un universo simbólico más amplio, que va más allá de Juazeiro do Norte, marcado por la inclusión del pobre y por la la comunión solidaria.

**Palabras claves:** Religiosidad popular. Peregrinaje y sociabilidad. Proceso de hibridación. Resistencia cultural. Análisis de Discurso.

## RESUME

Le pèlerinage de Juazeiro du Nord (Ceara) est un des plus grands événements religieux du Brésil. Parce que sa marque est la résistance populaire, il a attiré l'attention de chercheurs et chercheuses en divers domaines de connaissance, qui cherchent à expliquer ses origines et ses causes, ainsi que ses processus et transformations. L'objectif de cette thèse est d'analyser les transformations de l'expérience religieuse des pèlerins du Juazeiro du Padre Cícero Romão, dans le contexte de changements culturels plus larges, cherchant à comprendre les stratégies d'hybridation ainsi que les mécanismes de préservation et resignification du pèlerinage, sur la période de 1986 à 2016. Ce faisant, elle situe historiquement les pèlerinages de Juazeiro du Nord, faisant ressortir l'auto-production religieuse populaire qui a transformé la région du Cariri du Ceara en un important lieu de pèlerinage du Nordeste brésilien. Elle identifie la pèlerine et le pèlerin du Padre Cícero Romão comme les protagonistes d'une liturgie propre, qui se développe en négociation avec les pouvoirs publics, l'Eglise ou le marché. Et elle analyse le procès de canonisation du Padre Cícero Romão en pointant continuité et rupture du protagonisme des pèlerins et pèlerines. Cette recherche en sciences de la religion se situe dans le cadre théorique et méthodologique transdisciplinaire, qui met en lumière la connaissance qui germe entre et au-delà des divers domaines et sujets. En utilisant la méthode qualitative, il a été procédé à une observation participante et à des entretiens semi-directifs avec 30 pèlerins et pèlerines de divers Etats du Nordeste, ainsi qu'avec 30 spécialistes de la région du Cariri. L'analyse critique de ce matériel s'appuie sur les théorisations de l'Analyse du Discours (AD) dans son approche française, qui tisse son travail sur la trame des contributions des sciences sociales. L'étude montre une réalité qui ne peut être comprise qu'à partir d'un scénario religieux plus large, dans lequel s'intègre aussi le Padre Ibiapina et les *beatos* Antônio Conselheiro et José Lourenço. Les personnes interrogées ont jugé que la modernisation du transport en camion « *pau de arara* » est « comme si Juazeiro perdait un peu de son essence », parce qu'il favorisait un climat de mystique solidaire et correspondait aux conditions financières des plus pauvres. Au-delà du tourisme religieux moderne, c'est le processus de cléricisation des pèlerinages qui a touché le protagonisme des pèlerins et pèlerines, coïncidant avec la question de la réhabilitation éventuelle du Padre Cícero Romão, qui oppose à la religiosité de la route la religion du Temple. Ce que l'on constate est que le mouvement religieux populaire de Juazeiro révèle un potentiel social subversif, caché sous les apparences de passivité aliénée. Ce que nous avons nommé christianisme mystique « béat », ce mouvement qui tourne autour des pèlerinages du Padre Cícero, fait partie d'un univers symbolique plus large qui dépasse Juazeiro do Norte, et qui est marqué par l'inclusion du pauvre et la communion solidaire.

**Mots-clés :** Religiosité populaire. Pèlerinage et sociabilité. Processus d'hybridation. Résistance culturelle. Analyse du Discours.

## ABSTRACT

A pilgrimage to Juazeiro do Norte in Ceará is one of the largest religious events in Brazil and, due to its character of popular resistance, has attracted the attention of researchers in several areas of knowledge, who seek to explain its origins and motives, as well as their processes and transformations. The objective of this thesis is to analyze the transformations in the religious experience of the pilgrims to Juazeiro by Father Cícero Romão, in the context of broader cultural changes, seeking to understand hybridization strategies as mechanisms for the preservation and reframing of the pilgrimage, from 1986 to 2016. Thus, it historically places the pilgrimages to Juazeiro do Norte, highlighting the popular religious self-production that transformed the Cariri region of Ceará into an important pilgrimage center in Northeast Brazil. Identify Father Cícero Romão's pilgrims as protagonists of an independent liturgy, which develops in negotiations with public authorities, with the Church or the market. And it analyzes the process of canonization of Father Cícero Romão, pointing out the continuity and discontinuity of the protagonism of these pilgrims. This research in Sciences of Religion is located within the theoretical and methodological transdisciplinary framework, which highlights the knowledge that emerged between and beyond the different areas and subjects. With the use of qualitative methodology, participant observation and semi-structured interviews were carried out with 30 pilgrims from various states in the Northeast, as well as 30 scholars from the Cariri region. The critique of this material are based on the theories of Discourse Analysis (AD) of French orientation, which produces its fabric through contributions from the social sciences. The study showed a reality that can only be understood based on a broader religious scenario, in which the Father Ibiapina and "Beatos" Antônio Conselheiro and José Lourenço are also inserted. Those interviewed considered that the modernization of transportation in a "pau de arara truck" was "as if they lost an entity from Juazeiro", because it promoted an environment of solidary mystique and corresponded to the financial conditions of the poorest. In addition to modern religious tourism, the protagonism of these pilgrims were hit by the process of clericalization of pilgrimages, which coincides with the movement around the eventual rehabilitation of Father Cícero Romão, contrasting the religion of the Temple with the religiosity of the Road. It was found that the popular religious movement of Juazeiro reveals a subversive social potential, hidden under the appearances of alienated passivity, for what we call "Beato" Mystical Christianity to this movement around the pilgrimages of Father Cícero, who is part of a broader symbolic universe and beyond Juazeiro do Norte, marked by the inclusion of the poor and solidary communion.

**Keywords:** Popular religiosity. Pilgrimage and sociability. Hybridization process. Cultural resistance. Discourse Analysis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FOTOGRAFIAS

Itens	Descrição	Página
Fotografia 1	Indígenas da aldeia Sabuká Kariri Xocó	49
Fotografia 2	Romaria de finados na matriz de Nossa Senhora das Dores em 02/11/16	56
Fotografia 3	Estátua do padre Cícero Romão em gesso	110
Fotografia 4	Retrato do seminarista Cícero Romão Batista	118
Fotografia 5	Padre Cícero Romão Batista	130
Fotografia 6	Último registro fotográfico atribuído à beata Maria de Araújo, de autoria desconhecida	140
Fotografia 7	Foto panorâmica atual da cidade do Juazeiro do Norte	167
Fotografia 8	Participação na romaria de afrodescendentes da Dança de São Gonçalo de Alagoas, em frente a Capela do Socorro no Juazeiro - Missa do dia 20 de julho de 2019	192
Fotografia 9	Participação na romaria de indígenas Pankararu de Pernambuco, em frente a Capela do Socorro no Juazeiro - Missa do dia 20 de julho de 2019	193
Fotografia 10	Em frente à igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores	205
Fotografia 11	Monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto	218
Fotografia 12	Irmã Ana Teresa e Irmã Annette Dumoulin	224
Fotografia 13	Papa Francisco	229
Fotografia 14	Romeiras chegando ao Juazeiro para pagar promessa	252
Fotografia 15	Chegada em romaria no Juazeiro do Norte - CE	259
Fotografia 16	Despedida da romaria no Juazeiro do Norte - CE	263
Fotografia 17	Festa das Candeias – Juazeiro do Norte – CE	265
Fotografia 18	Chegada em romaria – Juazeiro do Norte – CE	270
Fotografia 19	Centro comercial de Juazeiro do Norte – CE	274
Fotografia 20	Romeira no Horto – Juazeiro do Norte – CE	280
Fotografia 21	Festa das Candeias – Juazeiro do Norte – CE	285
Fotografia 22	Alto do Horto – Juazeiro do Norte – CE	290
Fotografia 23	Missa campal em frente à Matriz das Dores	297

## FOTOGRAFIAS

<b>Itens</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
Fotografia 24	Romaria de Nossa Senhora das Dores	306
Fotografia 25	Capela do Socorro – Juazeiro do Norte – CE	318
Fotografia 26	Partilha em rancho de romaria	328
Fotografia 27	Despedida do Juazeiro	340

## MAPAS

<b>Itens</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
Mapa 1	Região Nordeste	34
Mapa 2	Localização do Juazeiro do Norte na Região Nordeste	35
Mapa 3	Hipsometria do Sul do Ceará	42

## QUADROS

<b>Itens</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
Quadro 1	Quadro a óleo do padre Ibiapina	64
Quadro 2	Antônio Conselheiro em Canudos	70
Quadro 3	Beato José Lourenço, líder do Caldeirão	76
Quadro 4	Quadro a óleo de Assunção Gonçalves - Juazeiro – 1827	122

## TABELAS

<b>Itens</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
Tabela 1	Distribuição da amostra – frequência de uma década (2006-2016) - por número de participantes que visitou Juazeiro do Norte - CE	235
Tabela 2	Tabela 2. Distribuição da amostra por idade, Estado e origem e número de vezes que visitou Juazeiro do Norte - CE	250

## LISTA DE SIGLAS

<b>SIGLA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>AD</b>	Análise do Discurso
<b>APEC</b>	Arquivo Público do Estado do Ceará
<b>APROFCSB</b>	Arquivo da Província Franciscana do Convento Santo Antônio do Brasil (Recife)
<b>CEBs</b>	Comunidades Eclesiais de Base
<b>CIMI</b>	Conselho Indigenista Missionário
<b>CIR</b>	Centro de Informação Romeiro
<b>CNBB</b>	Conferência Nacional dos Bispos de Brasil
<b>CPR</b>	Centro de Psicologia da Religião
<b>CPT</b>	Comissão Pastoral da Terra
<b>GPPN</b>	Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IHU</b>	Instituto Humanitas
<b>IPMC</b>	Instituto Popular Memorial de Canudos
<b>MPC</b>	Memorial Padre Cícero
<b>MSF</b>	Museu de Santa Fé – PB
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

### PRIMEIRA PARTE PROBLEMÁTICA, MARCO CONCEITUAL E CONTEXTUALIZAÇÃO

<b>INTRODUÇÃO E PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS</b>	<b>18</b>
▪ A modo de introdução	18
▪ O problema e sua relevância	23
▪ Os objetivos da investigação	27
▪ Perspectivas metodológicas	27
▪ Técnicas e procedimentos da investigação	30
▪ Observação participante	31
▪ Localização do universo empírico da investigação	33
▪ Esquema geral dos capítulos da tese	36
<b>CAPÍTULO I: DO POVO CARIRI AO POVO ROMEIRO</b>	<b>41</b>
1.1 Introdução	41
1.2 O Cariri cearense: a herança indígena e camponesa	42
1.3 Sertão nordestino, campo fértil da religiosidade popular	58
1.3.1 <i>Padre e Mestre Ibiapina: missão criativa junto aos pobres</i>	63
1.3.2 <i>Canudos – BA e Caldeirão – CE: movimento de beatas e beatos como afirmação de uma Igreja de leigos</i>	69
<b>CAPÍTULO II: A HISTÓRIA TUMULTUADA DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA</b>	<b>86</b>
2.1 Introdução	86
2.2. O processo de Romanização do Catolicismo Brasileiro: mudanças e rupturas (1880-1920)	91
2.3 Padre Cícero Romão: percurso histórico e personalidade (1844)	109
2.4 A chegada do padre Cícero no Juazeiro em (1872)	121

**SEGUNDA PARTE**  
**TRANSFORMAÇÕES NOS TIPOS DE ROMARIA E A EXPERIÊNCIA**  
**ROMEIRA PESSOAL**

<b>CAPÍTULO III: INÍCIO, DESENVOLVIMENTO E TIPOLOGIA DAS ROMARIAS AO JUAZEIRO</b>	<b>138</b>
<b>3.1 Introdução</b>	<b>138</b>
<b>3.2 Maria de Araújo, a beata do milagre (1889) e o início das romarias ao Juazeiro</b>	<b>139</b>
<b>3.3 O padre Cícero Romão Batista e as romarias</b>	<b>156</b>
<b>3.4 Tipificação das romarias e dos romeiros</b>	<b>181</b>
<b>CAPÍTULO IV: A MÍSTICA ROMEIRA NAS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO SAGRADO</b>	<b>202</b>
<b>4.1 Introdução</b>	<b>202</b>
<b>4.2 O hibridismo religioso e as novas configurações do sagrado na trama dos atuais desafios: permanências e mudanças</b>	<b>205</b>
<b>4.3 Esteios da romaria: Monsenhor Murilo, Ana Teresa, Annette Dumoulin e a releitura da Igreja em tempos do Papa Francisco</b>	<b>217</b>
<b>CAPÍTULO V: A MÍSTICA ROMEIRA NO TECER DAS TRAMAS E ENTRELAÇAMENTO DOS DISCURSOS</b>	<b>234</b>
<b>5.1 Introdução</b>	<b>234</b>
<b>5.1.1 Constituição do corpus discursivo</b>	<b>236</b>
<b>5.1.2 Perfil dos Romeiros e Romeiras Informantes (Pesquisa de campo realizada entre 20.07.2018 e 20.07.2019)</b>	<b>250</b>
<b>5.2 Recorte discursivo 1: Afirmação da Tradição</b>	<b>251</b>
<b>5.2.1 Recorte discursivo 1.a: Afirmação da Tradição (“os antigos”)</b>	<b>252</b>
<b>5.2.2 Recorte discursivo 1.b: Afirmação da Tradição (“transporte pau de arara”)</b>	<b>257</b>
<b>5.2.3 Recorte discursivo 1.c: Afirmação da Tradição (“o maravilhoso”)</b>	<b>264</b>
<b>5.2.4 Recorte discursivo 1.d: Afirmação da Tradição (“dor que liberta”)</b>	<b>269</b>
<b>5.2.5 Recorte discursivo 1.e: Afirmação da Tradição (“turismo nas romarias”)</b>	<b>273</b>

<b>5.3 Recorte discursivo 2: Resistência Cultural</b>	<b>279</b>
<i>5.3.1 Recorte discursivo 2.a: Resistência Cultural (“sentimento de pertença”)</i>	<b>279</b>
<i>5.3.2 Recorte discursivo 2.b: Resistência Cultural (“fé no meu Padrinho e na Mãe das Dores”)</i>	<b>284</b>
<b>5.4 Recorte discursivo 3: Protagonismo Ameaçado</b>	<b>288</b>
<i>5.4.1 Recorte discursivo 3.a: Protagonismo Ameaçado (“o padre já é santo”)</i>	<b>289</b>
<i>5.4.2 Recorte discursivo 3.b: Protagonismo Ameaçado (“antes, o romeiro estava mais na frente”)</i>	<b>295</b>
<b>5.5 Recorte discursivo 4: Cristianismo Místico Beato</b>	<b>304</b>
<i>5.5.1 Recorte discursivo 4.a. Cristianismo Místico Beato (“o pobre”)</i>	<b>305</b>
<i>5.5.2 Recorte discursivo 4.b. Cristianismo Místico Beato (“mudança de vida”)</i>	<b>317</b>
<i>5.5.3 Recorte discursivo 4.c. Cristianismo Místico Beato (“comunhão-solidária”)</i>	<b>327</b>
<b>5.6 O casamento da poeira dos livros com a poeira da estrada (relato de uma experiência)</b>	<b>341</b>

<b>À SOMBRA DO JUAZEIRO: UMA TRAMA QUE NÃO SE FECHA</b>	<b>363</b>
---	------------

<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>372</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>393</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro da entrevista aplicada aos romeiros e romeiras do Padre Cícero Romão</b>	<b>394</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro da entrevista aplicada aos pesquisadores e pesquisadoras</b>	<b>395</b>
<b>APÊNDICE C - Dados Biográficos da vida do Padre Cícero Romão Batista</b>	<b>396</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>399</b>
<b>ANEXO A – Mensagem do Cardeal Parolin</b>	<b>400</b>
<b>ANEXO B - Registros fotográficos da romaria no Juazeiro do Norte – CE</b>	<b>405</b>

**PRIMEIRA PARTE**  
**PROBLEMÁTICA, MARCO CONCEITUAL E CONTEXTUALIZAÇÃO**



## 1 INTRODUÇÃO E PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

### ▪ A modo de introdução

No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (Marcel Mauss).

Foi exatamente em janeiro de 1986 que iniciei, com um grupo cristão interessado na experiência religiosa popular, as peregrinações a pé pelo Nordeste do Brasil. A primeira peregrinação saiu da cidade de Maraial – PE com destino ao Juazeiro do Norte – CE.<sup>1</sup> Nessa época eu não tinha ainda a preocupação acadêmica, mas unicamente de viver uma experiência no meio do povo que habitava em lugares afastados dos grandes centros urbanos. Com a experiência das peregrinações, foi crescendo em mim o aprofundamento do olhar, foi originando-se naturalmente uma postura etnográfica. Com algumas décadas de experiência na estrada, compartilhando vivências, surgiu o desejo de juntar o exemplo empírico da romaria com o aprofundamento teórico. Unir boa teoria com um movimento vivo é o que me desafia nesta pesquisa.

Primeiro de tudo, é importante ter presente que as romarias se apresentam como um campo rico em possibilidades de pesquisa. Seu potencial de estabelecer identidades culturais, a imbricação com o fenômeno das peregrinações - que tomou dimensão alargada na contemporaneidade -, as possibilidades de continuidade e mudança que surgem a partir de tensões e contradições na concepção do fenômeno, os hibridismos presentes que suscitam maior aprofundamento, as persistências culturais relacionadas à dimensão ritual, proporcionando o revisitar de tradições e as apropriações do fenômeno por diversos agentes situados fora do campo religioso, são aspectos que garantem discussões promissoras para este trabalho.

Estudar o fenômeno das romarias possibilita uma análise que incorpora, além do lazer e consumo, que fazem parte da experiência, as tensões e contradições

---

<sup>1</sup>Desde a primeira peregrinação são feitos registros, o que foi se convertendo em um apurado trabalho etnográfico. Para cada peregrinação existe um diário de campo cuidadosamente escrito.

vivenciadas no intuito de ressignificação do sagrado. A trajetória em si, desde a saída de casa até Juazeiro do Norte, delineia um eclético roteiro de visitação, como uma espécie de remissão daquilo que falta ao romeiro e à romeira. É nesse aspecto que me inspiro na afirmação de Geertz de que “o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas” (GEERTZ, 2001, p. 155). Embora essa distinção entre a racionalidade pragmática da versão científica da realidade e a escatologia vivenciada na religião seja exaustivamente procurada, percebe Geertz que “não há uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano, aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma” (GEERTZ, 2001, p. 153).

O antropólogo americano Marshall Sahlins, em diálogo com o estruturalismo, nos anos de 1970, cunhou a frase: “quanto mais uma coisa permanece, mais ela se transforma” (SAHLINS, 1986, p. 72). Esta frase viria a se tornar um dos axiomas fundamentais da antropologia da história. A romaria de Juazeiro do Norte é um desses eventos de longa duração que, embora possa ser analisada em sua continuidade, vem se transformando desde seu início até os dias de hoje.

A sua data de fundação é o ano de 1889, precisamente no dia primeiro de março, quando os fiéis de Juazeiro e o próprio padre Cícero testemunharam o “milagre da hóstia” que se transformou em sangue na boca da Beata Maria de Araújo. Será também uma data marcante na vida sacerdotal do padre Cícero: um dia divisor na sua história. “É importante frisar que não foi o padre Cícero protagonista do acontecimento, mas foi uma mulher, negra e pobre. Era uma mística ou uma doente?” (DUMOULIN, 2017, p. 106). Foi deste acontecimento, com duas versões, que brotaram, em sua duplicidade, as chamadas escolas do pró e do contra, do milagre e do embuste supostamente desmascarado.

No acontecimento do “milagre da hóstia”, percebemos claramente que aí está a origem das romarias do Juazeiro do Norte. Nas próprias palavras do padre Cícero, há um reconhecimento tácito de pessoas que rumam para o Juazeiro de forma sempre crescente:

[...] chove de toda parte um aluvião de gente, que tudo quer se confessar, e contritos deveras, verdadeiros romeiros, dos quinhentos, dos mil, dos dois mil, uma coisa extraordinária, famílias e mais famílias, uns a cavalo, outros a pé, com verdadeiro espírito de penitência quanta gente ruim se convertendo, outro milagre [...] (BARROS, 1988, p. 193).

O Juazeiro do Norte e a figura do padre Cícero Romão Batista, desde o início, foram matéria de estudos e interpretações. Por isso, em uma breve revisão bibliográfica, convém distinguir ao menos quatro momentos ou etapas das publicações e estudos sobre o padre Cícero e o Juazeiro, marcados por determinadas ênfases e preocupações. Trata-se de recortes não estanques e fechados no tempo, uma vez que o importante é perceber as tramas dominantes em cada época.

Primeiro surgiram os escritos dos que conviveram com o padre Cícero Romão Batista, no período de 1910 – 1940, e testemunharam, em primeira mão, os acontecimentos que deram origem à romaria. Esses foram os cronistas da época. Esse momento ou etapa desenvolve uma produção tecida nos meandros da controvérsia e da apologia. Tanto o “milagre da hóstia” como a guerra de 1914 despertaram seguidores. Havia uma grande disputa de quem estava a favor ou contra. No segundo período, das décadas de 1940 – 1970, veio o período polêmico, protagonizado por figuras do clero e por intelectuais iluministas, que se posicionaram em trincheiras cerradas a favor e contra o padre Cícero e a romaria. O que já acontecia se exacerbou nesse segundo período. Um fato que agitou o clima foi quando o historiador padre Antônio Gomes de Araújo publicou em 1956, no número 2 da *Revista Itaytera*, no Crato, o artigo “Apostolado do embuste” (ARAÚJO, 1956). No final dos anos de 1960 temos duas obras de juazeirenses que estiveram intimamente ligados ao padre Cícero. A professora Amália Xavier de Oliveira, filha de um grande amigo do padre Cícero, José Xavier de Oliveira, publicou o livro *O padre Cícero que conheci: verdadeira história do Juazeiro do Norte (1969)*. E O padre Azarias Sobreira, afilehado de batismo do padre Cícero, publicou *O Patriarca do Juazeiro (1969)*. São obras que revelam um carinho especial pelo biografado e tentam apresentar uma linha alternativa de interpretação dos fatos do Juazeiro.

No terceiro período, nos anos de 1970 – 2000, apareceram os primeiros intérpretes acadêmicos. Entrou um olhar pluridimensional para interpretar um amplo e complexo fenômeno. Nesse processo surgiram novas abordagens e a necessidade de reorganização dos conceitos, teorias e metodologias de análise. Surgiram outros olhares, sobretudo da sociologia, história, antropologia, que buscaram dar conta da origem, dos desdobramentos e do significado deste evento no âmbito de uma teoria secular e moderna do país e da religião. Percebe-se a passagem entre um primeiro momento, com os marcos biográficos, para um segundo momento, em que a marca será uma análise sócio-política e histórica. Nesse sentido o historiador Ralph Della

Cava, na obra *Milagre em Joazeiro (1970)*, empreende talvez a mais completa e bem articulada narrativa e interpretação dos fatos do Juazeiro. Outra obra importante foi da doutora em psicologia da religião, Therezinha Estela Guimarães, *Padre Cícero e a Nação Romeira (1985)*. A pesquisa concluída por Ana Teresa, como era chamada, em 1983, escrita em francês, e defendida em Louvain, Bélgica, foi publicada na Coleção do Centenário do Juazeiro. Segundo a autora, o estudo dos arquivos e da correspondência do padre Cícero ajudou a revelar o verdadeiro rosto e a personalidade do padre Cícero. É inegável que a pesquisa serviu de alicerce para construir e realizar, durante mais de 30 anos, um trabalho de pastoral de romaria no Juazeiro do Norte. Da antropóloga Luitgard Oliveira Barros, *A terra da Mãe de Deus (1988)* é uma obra prima. Trabalha fontes inéditas, além de esgotar a bibliografia pertinente. Trabalhando com o conceito gramsciano de religião como concepção de mundo, a autora se aproxima das romeiras e romeiros para descobrir as categorias do catolicismo popular<sup>2</sup> e como isso deixa transparecer a santidade do padre Cícero. É uma obra transdisciplinar por abordar aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e religiosos.

Nos anos de 2000 até os nossos dias se desenvolveu um período intenso de acontecimentos. O mais relevante foi a nova postura do bispado da Diocese do Crato em relação ao padre Cícero e às romarias. Esse fato se deu com a chegada do novo bispo, Dom Fernando Panico, em 2001 e também com a comemoração dos 100 anos de emancipação política do Juazeiro do Norte (1911 – 2011). Na ocasião foi lançada a Coleção Centenário com 22 livros sobre o padre Cícero e o Juazeiro. A academia também se expressou, sediando o Simpósio Internacional sobre o padre Cícero, sempre promovido pela Universidade Regional do Cariri – URCA, já na sua quinta edição. Fato marcante mais recente foi a Carta de Reconciliação da Igreja com o padre Cícero, no ano de 2015.

Nesse quarto período, na primeira década do século XXI, veio à luz uma série de novas pesquisas sobre Juazeiro no Norte, no âmbito da antropologia e da crônica jornalística. Vejamos: em 2007, o antropólogo Francisco Salatiel de Alencar Barbosa

---

<sup>2</sup> Tomamos o termo catolicismo popular enquanto fé do povo nordestino e na medida em que faz parte de sua identidade e história. Catolicismo popular é uma temática plural e contextualizada: trata-se de catolicismos populares e de suas articulações com outras dimensões humanas. Nossa proposta é que o catolicismo popular seja estudado, não como fatos coisificados, mas como sujeitos e processos históricos, onde se desenvolvem formas de fé, de celebração, de ética, de organização, com características específicas e universais do catolicismo.

lançou o livro *Joaseiro Celeste: tempo e passagem na devoção ao Padre Cícero*; em 2008, Antônio Mendes da Costa Braga publicou *Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo*; em 2009, o jornalista Lira Neto publicou *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. Esse último, uma obra densa. Um grande livro de história, de cunho jornalístico, onde se pode compreender as tramas religiosas e políticas da época.

Seguindo a mesma tendência de estudos etnográficos, no início da segunda década do ano 2000, Renata Marinho Paz publica *Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte*; Maria Paula Jacinto Cordeiro publica *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*. A mais recente publicação é obra de Annette Dumoulin (2017), *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. É um estudo inédito que apresenta a vida do padre Cícero Romão por meio de documentos históricos pouco conhecidos.

Estudar a história das religiões não é suficiente para a área de ciências da religião. A história não pode ser mudada. Apenas as percepções dos eventos históricos é que são mudadas. A dimensão da mística vai na direção de aprofundar o que é o coração da religião: o mistério. Assim, novos estudos podem nos dar novos entendimentos históricos e nesse sentido as ciências da religião passam a ser fundamentais. De More, abordando o tema da teologia e ciências da religião, escreveu que

a questão da religião é de grande importância hoje no Brasil, como o mostram as atuais transformações e recomposições do campo religioso do país e o interesse que a religiosidade e as religiões despertam nas ciências humanas, em geral, e na Teologia e nas Ciências da Religião, em particular. (DE MORE, 2011, p. 7).

Tendo presente tudo que já se produziu sobre o tema, propomo-nos o desafio de investigar, no âmbito do universo das Ciências da Religião, o fenômeno do catolicismo popular, mais precisamente o caso das romarias feitas ao Juazeiro do Norte – CE, no período entre 1986 a 2016.

- **O problema e sua relevância**

O mundo espera por suas exigências. Precisa de seu descontentamento, suas sugestões. O mundo olha para você com um resto de esperança. É tempo de não mais se contentarem com essas gotas no oceano (Bertold Brecht).

As motivações que presidem o presente trabalho de pesquisa, estão condicionadas tanto pela atuação profissional que desenvolvi dentro de organizações não governamentais (ONG),<sup>3</sup> como pelo trabalho que exerço como docente pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde participo do grupo de pesquisa UNICAP/CNPq Religiões, identidades e diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos,<sup>4</sup> como também participo do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN)<sup>5</sup> que há 33 anos faz peregrinações pelos sertões nordestinos, sobretudo acompanhando o fenômeno do catolicismo popular, que tem uma expressão significativa nas romarias.

A problemática dessa investigação inscreve-se nos estudos de temas contemporâneos.<sup>6</sup> A pesquisa busca compreender o fenômeno das romarias realizadas no Juazeiro do Norte, considerando as últimas três décadas (1986 – 2016).

<sup>3</sup> Em mais de 15 anos de dedicação profissional em organizações não governamentais fui membro da Animação dos Cristãos no Meio Rural (ACR) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Nesta última com um assessoramento bem definido. Assessorar a preparação, celebração e avaliação das Romarias da Terra no Regional Nordeste 2 (RN2), que compreende os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. A Romaria da Terra é um movimento que integra práxis religioso-litúrgica com celebração político-social, surgida no ano de 1978 no estado sulista do Rio Grande do Sul como memória da resistência cultural dos indígenas nessa região. A propósito escrevi um livro juntamente com o teólogo Marcelo Barros, que foi publicado pela Editora Paulus.

<sup>4</sup> O Grupo de Estudo sobre Transdisciplinaridade e Diálogo, coordenado pelo prof. Gilbraz Aragão na UNICAP, é aberto à participação de pesquisadores, mestrandos e também graduandos interessados na iniciação científica, além de militantes do diálogo inter-religioso. Estuda-se as religiões e as culturas em sua relação sincrônica, interna e estrutural, e diacrônica, em suas transformações (e deformações) da história e sempre na perspectiva de romper com as hermenêuticas redutoras.

<sup>5</sup> O Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN) nasceu há mais de 30 anos, sendo composto por homens e mulheres (crianças, jovens, adultos e pessoas idosas), naturais de toda parte do Brasil. É uma experiência ecumênica com membros de várias igrejas cristãs, como também de outras tradições religiosas. Tem como carisma caminhar segundo o chamado de Jesus de Nazaré: “E enviou-os a pregar o Reino de Deus, e a curar os enfermos. E disse-lhes: Nada leveis convosco para o caminho, nem bastão, nem sacola, nem pão, nem dinheiro; nem tendes duas túnicas” (Lucas 9:2-3). Deste modo, andam sempre a pé, não utilizam e nem recebem dinheiro e não carregam comida. Toda sua manutenção, durante o período da peregrinação, resulta da partilha que as comunidades fazem. Alimentam-se do que lhes é ofertado, partilhando com a comunidade. Suscitam, assim, a comunhão e a confiança nos lugares por onde passam.

<sup>6</sup> Tratando-se de uma abordagem que envolve a religião, o tema da contemporaneidade é por princípio interdisciplinar. Deve-se ajustar à perspectiva epistemológica de que o estudo do fenômeno religioso

Vivemos em uma sociedade de despersonalização das relações humanas e isso significa algo catastrófico quando levamos para o campo das práticas religiosas. Vemos o mundo de hoje mergulhado na instrumentalização das pessoas em todos os níveis. Como essa realidade interfere no mundo das romarias e romeiros?

Um grande desafio é fazer uma releitura do ser religioso no mundo atual. Ao contrário das sociedades tradicionais, que determinavam a identidade dos indivíduos, a atual sociedade apresenta-se com feições pluralistas. E esse elemento é muito importante para o estudo do fenômeno das romarias, considerando as mudanças e permanências. E nesse sentido o indivíduo é quem escolhe sua identidade, por ser uma questão de opção individual e particular. Como assinala a antropóloga Hervieu-Léger, “o panorama religioso que antecede ao novo milênio vem marcado pela difusão do crer individualista, pela disjunção das crenças confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por ‘crentes passeadores’” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.8). Nesse ínterim, o ser humano volta-se, cada vez mais, para o máximo de diversão (lazer), para a busca do corpo perfeito (estética); constrói-se a sociedade da imagem, em que valem as regras do marketing, o espetáculo, a busca, ainda que distante do real ou falseada, da libertação do desejo. Abandonam-se as utopias, os compromissos éticos e históricos. Persegue-se uma “vida leve” longe de sofrimentos, busca-se todo tipo de terapias, técnicas de relaxamento, expansão da consciência. A religião torna-se “show” (espetáculo), terapia ou relação mercantilista dentro do individualismo cada vez mais exacerbado. Tudo se torna líquido: o amor, as relações, a ética, a sociedade (BAUMAN, 2001).

Há uma coisificação do ser humano e nesse caminho o Ser desfalece, ficando a lógica do mercado. O ser humano do mundo técnico-industrial move-se no plano da funcionalidade. As relações do ser-a-ser e do ser-com se perdem numa espécie de anonimato, “num mundo onde o sentimento das relações pessoais ou intersubjetivas se obnubila progressivamente” (MARCEL, 1951, p. 179).

As romarias de Juazeiro do Norte estão no foco do problema estudado. Quando tudo fica reduzido a uma lógica instrumental, é necessário recuperar a inteireza do ser.<sup>7</sup> A romaria resgata essa dimensão essencial do ser humano. O

---

necessita do trabalho em colaboração de muitos saberes, devido à imensa complexidade, universalidade e pluralidade de suas manifestações.

<sup>7</sup> A inteireza do ser é um tema essencial para compreender o mundo romeiro. É importante compreender o seu alcance e perceber nele uma proposta de resgate da integridade do ser humano a partir da experiência ritual realizada com autenticidade. A vivência da romaria extrapola uma função

caminhar em romaria afirma, de maneira concreta e explícita, a nossa irreduzível condição de seres humanos em um mundo dominado pela técnica. Em certo sentido a romaria, que se caracteriza pelo movimento, representa sempre um ato de perturbação da ordem estabelecida. Segundo Michel Meslin, “a intensidade existencial da experiência religiosa deve também ser medida de acordo com um fenômeno presente num grande número de culturas e de religiões: a peregrinação” (MESLIN, 2014, p. 199).

A chamada modernidade trouxe uma gama de transformações para o contexto sócio-político-econômico-cultural do Juazeiro do Norte. Nossa proposta é analisar o problema levando em conta a tensão criativa existente no interno do fenômeno estudado. Estarão presentes elementos importantes como antagonismo, conflito, interação, sincretismo ou diálogo. A perspectiva antropológica será fundamental para analisar a religião e a cultura nas suas várias manifestações. Nesse sentido, a questão do hibridismo passa a ser um princípio interpretativo importante de análise.

Historicamente, sabemos que o Juazeiro do Norte se firmou – desde o pé de juá - como uma cultura de fronteira. A estrada é um lugar significativo porque nela se dá o encontro entre pessoas diferentes. Nesse sentido, as reflexões de Néstor García Canclini, antropólogo argentino, acerca do fenômeno da hibridação cultural, nos ajudam a compreender o intenso diálogo entre a cultura erudita, a cultura popular e a cultura de massas. O tema da fronteira, da passagem, da romaria, converte-se em um elemento importante de análise da cultura popular. Ao propor um debate sobre as teorias da modernidade e da pós-modernidade para a América Latina, García Canclini se ocupa tanto dos usos populares quanto do culto, tanto dos meios massivos de comunicação quanto dos processos de recepção e apropriação dos bens simbólicos. O entrelaçamento desses elementos veio a engendrar o que ele designou como “culturas híbridas”. Para ele “todos os dias se renova e amplia a invenção espetacular da própria cidade. O simulacro passa a ser uma categoria central da cultura” (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 321).

É inegável que sem perguntas pertinentes não há pesquisa. Por isso, à luz desse interesse e do exposto, apresentamos as questões seguintes, as quais devem servir para orientar a análise do presente trabalho de investigação:

---

instrumental. Ela se revela como facilitadora da recuperação da inteireza do ser humano, a partir da experiência ritual autêntica.

- a) Com o reconhecimento do padre Cícero Romão Batista por parte da Igreja Católica Romana (que passou do anátema à reconciliação com o Padre Cícero, abrindo caminho para o seu processo de canonização), a romeira e o romeiro<sup>8</sup> estão ameaçados em perder seu protagonismo nas romarias?
- b) O romeiro do padre Cícero, protagonista de uma “liturgia” própria e tão rica, não vai pouco a pouco transformar-se em “turista religioso” pela força e os interesses dos poderes públicos, do mercado e até mesmo da Igreja?
- c) Como o romeiro do Juazeiro do Norte se situa, tendo presente a constante antropológica de suas vivências a partir dos mitos-ritos-interditos, diante da profusão de inovações e mudanças tecnológicas da sociedade em seu redor?
- d) Como as romeiras e romeiros estão resignificando e vivendo o sagrado em suas vidas para continuar a resistência cultural frente à avalanche de ameaças colocadas pelo mundo atual?

Todas estas questões formam a coluna vertebral do presente trabalho. Para compreender o que ora apresentamos, a análise teórico-metodológica se desenvolverá em consonância com os objetivos, geral e específicos, desta pesquisa que são apresentados da seguinte maneira:

- **Os objetivos da investigação**

- **Objetivo geral:**

Estudar as transformações ocorridas na experiência religiosa das romarias do Juazeiro do Norte – CE, no contexto de uma sociedade moderna, buscando

---

<sup>8</sup>Embora possa soar redundante optamos por utilizar a linguagem considerando os dois gêneros por considerar que o uso da mesma é também uma decisão política.

compreender as estratégias de hibridação, como mecanismo de preservação e ressignificação do sagrado, no período de 1986 a 2016.

#### □ **Objetivos Específicos:**

- ▶ Apresentar, situando-a historicamente, a trajetória das romarias do Juazeiro do Norte – CE, tomando por foco a figura do padre Cícero Romão Batista como impulsionador de um processo religioso popular de forte repercussão no Nordeste.
- ▶ Caracterizar e aprofundar a compreensão da função psico-social que desempenha o santo no mundo religioso popular nordestino.
- ▶ Identificar a romeira e o romeiro do padre Cícero Romão Batista como protagonistas de uma “liturgia” própria e suas transformações ocorridas sob a força dos interesses e poderes públicos, na Igreja e no mercado.
- ▶ Analisar sob a ótica e interesse das romeiras e romeiros do padre Cícero Romão Batista, o processo de reabilitação institucional (canonização) do referido religioso, pontuando respectivamente, continuidade e descontinuidade do protagonismo dos romeiros e romeiras, neste tempo de sociedade líquida e secularizada.

#### ▪ **Perspectivas metodológicas**

A entrevista de tipo qualitativo seria necessária, uma vez que uma exploração em profundidade da perspectiva dos atores sociais é considerada indispensável para uma exata apreensão e compreensão das condutas sociais (Jean Poupart).

A palavras, na perspectiva da análise do discurso, já são sempre discursos na sua relação com os sentidos. Isso quer dizer que toda palavra, para significar, tira seu sentido de formulações que se sedimentam historicamente. Toda palavra refere ao discurso no qual significa ou significou. Dito de forma mais incisiva: toda palavra é

atestado do interdiscurso. Uma palavra por outra, que é próprio do funcionamento discursivo, significa assim um discurso por outro. Ou seja, ideologia (Eni Orlandi).

Todo processo de análise, elaboração e conclusão deste trabalho de pesquisa se situa dentro do marco teórico e metodológico transdisciplinar, por ser um enfoque aberto e inclusivo de diversas áreas do conhecimento.

Com as ferramentas da observação participante – Trabalho de Campo – estaremos fazendo nosso percurso metodológico. A contribuição da antropologia será fundamental para adentrar nesse fenômeno religioso. Juazeiro do Norte é um laboratório vivo para o pesquisador em ciências da religião. Contextualizamos o período (de 1986 a 2016) privilegiado pela pesquisa, arrolando um número representativo de romeiros e romeiras.

Optamos por interrogar 30 romeiros e romeiras, além de 30 pessoas que escrevem e pesquisam a história da região do Cariri.<sup>9</sup> Isso significa que tomamos depoimento de 60 nordestinos. A essas pessoas apresentamos um questionário semiestruturado. Interrogamos romeiros e romeiras considerando faixa etária e sexo. O referido questionário foi aplicado nas grandes romarias que acontecem na cidade de Juazeiro.

Graças a esse material empírico, aprofundamos nossa análise num nível mais concreto e realista. A propósito da importância do informante, é dito que:

Na falta de outras fontes de dados, tais como a análise documental e a observação direta, ou ainda, paralelamente a elas, o entrevistado é visto como um informante-chave, capaz precisamente de “informar” não só sobre suas próprias práticas e as suas próprias maneiras de pensar, mas também – na medida em que ele é considerado como “representativo” de seu grupo ou de uma fração dele – sobre os diversos componentes de sua sociedade e sobre seus diferentes meios de pertencimento. Nesta última acepção, o informante é tido como uma testemunha privilegiada, um observador, de certa forma, de sua sociedade, com base em quem um outro observador, o pesquisador, pode tentar ver e reconstituir a realidade. (POUPART, 2008, p. 222).

---

<sup>9</sup> Fazendo o trabalho de campo, observamos que existe um conjunto de pessoas que conhecem e convivem diariamente com esse fenômeno religioso no Juazeiro do Norte. Chamo essas pessoas de “historiadores do lugar” ou pesquisadores. Alguns entrevistados têm uma produção significativa sobre o Juazeiro do Norte e o padre Cícero. Cito apenas três: Renato Casimiro, Daniel Walker e Maria do Carmo Pagan Forti.

Nos propomos desenvolver a entrevista de tipo qualitativo dentro de uma metodologia de construção da qual fará parte a análise de discurso. Segundo Jean Poupart, as entrevistas constituem uma porta de acesso às realidades sociais, apostando na capacidade de entrar em relação com as outras. O recurso para as entrevistas, considerando seus limites, continua sendo um dos melhores meios para apreender o sentido que os atores dão às suas condutas, a maneira como eles representam o mundo e como eles vivem sua situação, com os atores sendo vistos como aqueles em melhor posição para falar disso. De fato,

o recurso à entrevista em profundidade comportaria, contudo, a vantagem de permitir não apenas evidenciar o que essas pessoas vivenciam no cotidiano, mas igualmente dar-lhes a palavra e compensar, sua ausência ou sua falta de poder na sociedade. (POUPART, 2008, p. 220).

Queremos tomar distância do ponto de vista positivista, que acredita na possibilidade de reproduzir a experiência tal qual ela é. Isso porque nenhuma forma de entrevista pode apreender a totalidade de uma experiência. E pode haver múltiplas versões da realidade, segundo a perspectiva teórica e epistemológica adotada. A pesquisa qualitativa nos possibilita, como pesquisador, uma certa saturação dos temas tratados.

Para análise de discurso, é absolutamente necessária uma postura crítica no reconhecimento de que as maneiras como nós normalmente compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas. É fundamental a convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais. A análise estruturalista e funcional não dá conta de uma análise de discurso aprofundada. O “pós-estruturalismo rompeu com as visões realistas da linguagem e rejeitou a noção do sujeito unificado coerente, que foi por longo tempo o coração da filosofia ocidental” (GILL, 2002, p. 245).

Os analistas de discurso argumentam que todo discurso é circunstancial. É bem verdade que, para trabalhar com análise de discurso, a pessoa está envolvida simultaneamente em analisar o discurso e em analisar o contexto interpretativo.

Nos depoimentos dos romeiros e romeiras, também há o que não é dito – os silêncios. Para esta análise exige-se uma consciência refinada das tendências e contextos sociais, políticos e culturais. A propósito, Rosalind Gill assim se expressou:

Uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto. Os analistas de discurso tendem a ser pessoas muito humildes que não gostam de afirmações bombásticas, e nunca irão argumentar que sua maneira é a única maneira de ler um texto. Em uma análise final, a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado. (GILL, 2002, p. 266).

Deste modo, o investigador deve estabelecer uma relação ética e comprometida com a realidade investigada, em lugar de manter uma postura distante e fria. Para isso, adotamos os procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, filiada ao pensamento de Michel Pêcheux e com desdobramentos teóricos e metodológicos no Brasil a partir de estudos de Eni Orlandi.<sup>10</sup>

A Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. (ORLANDI, 2001, p. 26).

Vamos nos servir dos registros de várias viagens a pé (peregrinações) ao Juazeiro do padre Cícero nessas três décadas escolhidas para análise. Através de um processo longo de convivência, observação e estudo, tiraremos proveito dos diários de campo cuidadosamente escritos.

#### ▪ **Técnicas e procedimentos da investigação**

Desse mundo desencantado, os deuses se exilaram, mas a Razão conserva todos os traços de uma teologia escondida: saber transcendente e separado, exterior e anterior aos sujeitos sociais, reduzidos à condição de objetos sócio-políticos manipuláveis (as belas almas e as consciências infelizes dizem, eufemisticamente, “mobilizáveis”). A racionalidade é o novo nome da providência divina. Talvez tenha chegado a hora da heresia: A ciência é o ópio do povo (Marilena Chauí).

---

<sup>10</sup> Eni Orlandi é uma linguista e professora universitária brasileira. Foi pioneira, no final dos anos 70, da análise do discurso no Brasil. Utilizamos dois livros de Eni Orlandi que são muito importantes para a análise do discurso que desenvolvemos, sobretudo no capítulo 5.

## ▪ Observação participante

Nesta pesquisa, procuramos nos afastar da posição neutra e distante para assumir uma inserção direta no fenômeno das romarias, fazendo junto às romeiras e romeiros uma observação participante.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão

Nenhum conhecimento é neutro e nenhuma pesquisa serve teoricamente “a todos” dentro de mundos sociais concretamente desiguais. Aqui a ideia tradicional da observação participante na Antropologia Social pretende chegar ao seu limite. A participação não envolve uma atitude do cientista para conhecer melhor a cultura que pesquisa. Ela determina um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir. (BRANDÃO, 1992, p. 12).

Nessa perspectiva, o pesquisador participa da situação vivida. Há uma imbricação entre o pesquisador, o pesquisado e o campo de observação.

Desta forma, participei diretamente de várias romarias, sendo 4 a pé, 2 no transporte chamado “pau de arara” e 4 de ônibus. Participar das várias modalidades de romaria ajudou-me a ter uma visão mais abrangente do fenômeno das romarias. O estar junto, desde a partilha da comida até os momentos celebrativos, foi se revelando como oportunidade única de participar e, ao mesmo tempo, obter informações.

Outras atividades importantes, para observar a realidade, são as festas do Juazeiro do Norte. Estive presente em todas no período estudado. Elas foram incentivadas pelo próprio padre Cícero, que já encontrou a capelinha dedicada a Nossa Senhora das Dores, quando em abril de 1872 fixou sua residência no povoado cujos habitantes, segundo o Dr. Geraldo Meneses Barbosa, “já passavam das quinhentas pessoas, sem receber assistência da palavra de Deus” (BARBOSA, 2010, p. 28).

Além dos festejos da padroeira, como o novenário que se encerra na véspera do dia 15 de setembro, o ciclo compreende também o Dia de Finados – 2 de novembro – e se prolonga até 2 de fevereiro, Dia de Nossa Senhora das Candeias. No Nordeste, é o período do verão, quente e seco, sem chuvas. Se o 2 de novembro concentra, no Juazeiro, o maior número de romeiras e romeiros, que já começam a chegar lá pelo dia 28 de outubro para reverenciar a memória do Padrinho, na romaria dele é voz

geral que as festas mais bonitas são a Das Dores (setembro) e das Candeias (fevereiro), que respectivamente abre e fecha o ciclo. A festa de setembro torna-se muito expressiva pelo espetáculo da procissão.

No processo desses últimos 30, anos se percebe que o fluxo de romeiras e romeiros às romarias, que no início tinha datas fixas, passa a ser um fluxo contínuo, chegando a ter, em média, dois milhões e meio de fiéis por ano.<sup>11</sup>

Incluo um registro fotográfico que foi desenvolvido com o objetivo de documentar visualmente as diferentes fases do trabalho de pesquisa, bem como os aspectos da realidade das romarias. Desta forma, constituiu-se uma rica coleção fotográfica, sendo que algumas dessas fotografias estão expostas no corpo do texto com o objetivo de ilustrar as expressões das romarias.

A definição de amostragem foi baseada em critérios qualitativos distantes de modelos matemáticos probabilísticos. Assim, os depoimentos foram intencionalmente selecionados pelo pesquisador. O conhecimento prévio do pesquisador contribuiu muito para o desenvolvimento da pesquisa.

Antes de iniciar esta fase propriamente dita, os roteiros das entrevistas com as romeiras e romeiros foram preparados e examinados. O processo de utilização desses *scripts* foi marcado pela flexibilidade, com o objetivo principal de se adaptar à especificidade dos entrevistados.

É importante registrar que o roteiro foi composto por questões derivadas do objetivo geral. Este foi transformado em eixo central da pesquisa. Pretendeu-se cobrir uma diversidade de opiniões e pontos de vista, que pudessem expressar a pluralidade de compreensão em torno do problema. Todos os entrevistados autorizaram as gravações de seus depoimentos.

---

<sup>11</sup> Alimentadas na fama de “terra prometida” de Juazeiro do Norte, as romarias se diversificaram e ampliam-se em número e modalidade de motivação. As programações religiosas em torno dessas datas duram, em média, de quatro a cinco dias. Contudo, o fluxo de visitantes não se restringe a esses períodos, pois durante as semanas que antecedem as festas religiosas é comum distinguir grupos de romeiros em visita à cidade, assim como ao longo do ano, com menor visibilidade. Por isso, segundo muitos pesquisadores e pesquisadoras afirmam que é quase impossível ter um número certo.

- **Localização do universo empírico da investigação**

Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar (Guimarães Rosa).

No Mapa 1, mostrado abaixo, é possível localizar os estados onde a pesquisa se desenvolveu. A saber: Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Estes Estados, que formam a região Nordeste, têm acentuada concentração de romeiras e romeiros. A região é formada por várias sub-regiões geoeconômicas muito diferenciadas, porém tendo como característica geral a semelhança de problemas ligados ao desenvolvimento econômico e certas afinidades históricas e político-administrativas. O geógrafo Manuel Correia de Andrade se referiu ao Nordeste da seguinte maneira:

É o Nordeste uma das regiões geográficas mais discutidas e menos conhecidas do País. Como ocorre, em geral, com as regiões geográficas, nem os seus limites naturais, nem a sua extensão são razoavelmente estabelecidos. Isto porque a natureza não dá pulos, não sofre, salvo em casos excepcionais, mutação bruscas nas suas paisagens. Assim, o Nordeste, como o Brasil, tem sido pouco estudado e pouco pesquisado por especialistas em ciências naturais e sociais que o tenham realmente perlustrado, observando, trocando ideias com os seus habitantes, aplicando inquéritos pacientemente, enfim, procurando analisar e conhecer as características e os problemas regionais. (ANDRADE, 1986, p. 22).

A geografia é um elemento muito importante e constitutivo de tudo que se desenvolveu em torno da cidade de Juazeiro do Norte – CE. Ainda hoje, escutamos relatos de pessoas que, de diferentes regiões do Nordeste, chegavam e chegam a pé no Juazeiro para pagar uma promessa ou mesmo para, no dizer de um romeiro, “terminar de viver e morrer no Juazeiro”.

Mapa 1 - Região Nordeste



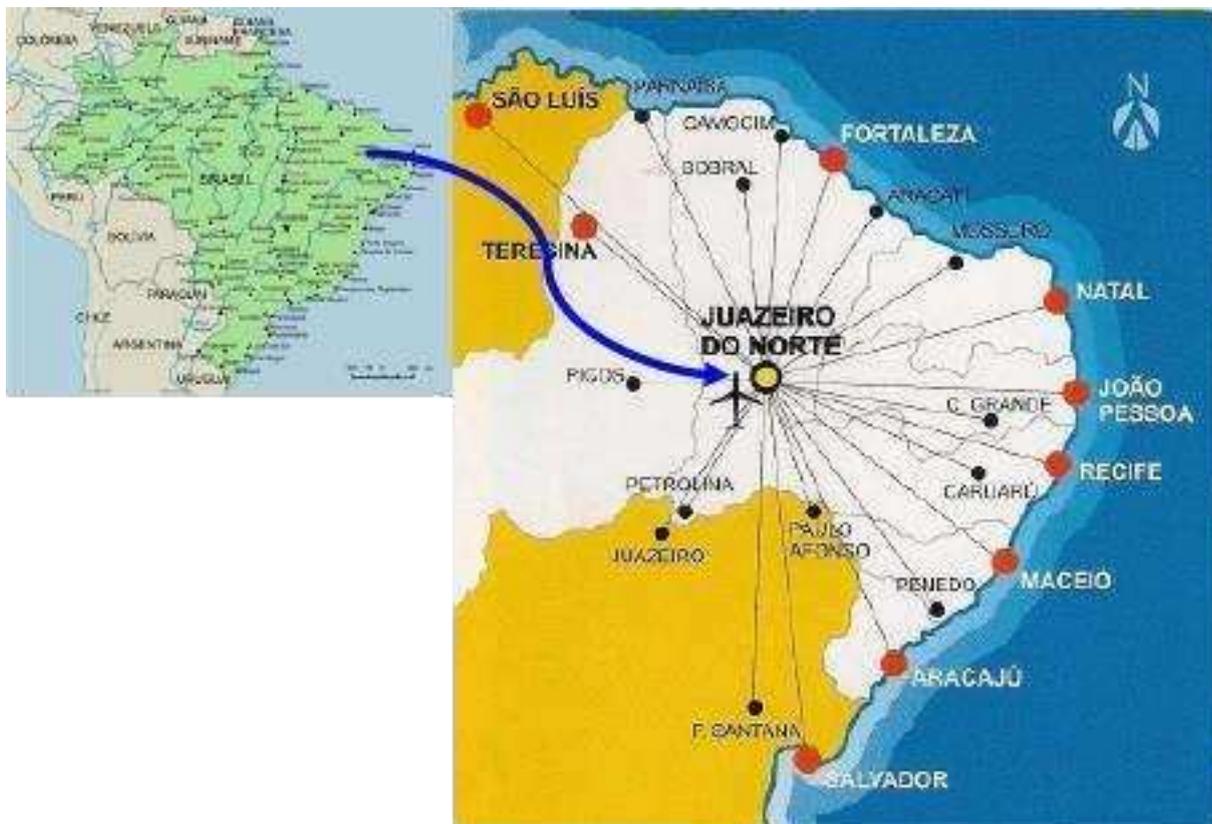
Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará.

Localizado na região sul do Ceará, Juazeiro do Norte está a 574 km da capital Fortaleza. Principal cidade da região metropolitana do Cariri, é a terceira no ranking do polo calçadista no Brasil e possui o 3º PIB do Estado. Graças à figura de padre Cícero, é considerado um dos maiores centros de religiosidade popular<sup>12</sup> da América Latina, atraindo milhões de romeiras e romeiros todos os anos.

Juazeiro do Norte dista em torno de 600 km de todas as capitais do Nordeste. O município de Juazeiro do Norte é geograficamente equidistante de todas as capitais nordestinas o equivalente a uma noite de viagem terrestre (entre 8 e 12 horas). Situado no “centro geográfico” da região, é considerado por muitos romeiros como o coração do Nordeste. Mais especificamente, a cidade situa-se na microrregião do Cariri cearense, cuja colonização se deu no início do século XVIII. É o que vemos no Mapa 2 abaixo.

<sup>12</sup> Segundo Eduardo Hoornaert, com frequência se vê a religiosidade popular ser classificada como algo menor, como “sincretismo”, invencionice, coisas exóticas, obscurantismo ou mero conjunto de curiosidades. Mas, segundo ele, na fé do povo há um tesouro inestimável ao qual convém prestar atenção. A religiosidade popular reúne crenças, práticas, rituais, narrativas, símbolos originários de outras fontes que não àquelas da “oficialidade religiosa” que tende a adesão a aspectos formais, abstratos que afirmam a ortodoxia.

Mapa 2 - Localização do Juazeiro do Norte na Região Nordeste



Fonte: Folheto turístico promocional “Padre Cícero, O Cearense do Século do Século”. Fortaleza: Governo municipal, SETUR – CE, 2001.

Na cidade do Juazeiro do Norte, a romaria das peregrinas e peregrinos pelos lugares sagrados dentro e em torno aponta para uma narrativa sobre o padre Cícero Romão Batista, que é mais extensa do que aquela que a racionalidade construída, pelo clero e pelos intelectuais é capaz de abarcar. No Juazeiro, o sagrado se apresenta sempre impregnado de concretude, ao alcance da vista e da mão, podendo ser tocado. Nesse sentido, a romaria abre os canais da sensibilidade e permite que os seus atores entrem em contato com sua própria subjetividade.

A geografia é um elemento muito importante e constitutivo das devoções que se desenvolvem em torno do Juazeiro do Norte. A própria cidade é um santuário aberto. A pesquisadora e missionária Annette Dumoulin<sup>13</sup> afirma que “uma primeira

<sup>13</sup> Irmã Annette Dumoulin é religiosa da Congregação de Nossa Senhora (CSA) e nasceu em Liège, Bélgica, em 1935. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. Foi membro do Centro de Psicologia da Religião da mesma universidade e professora nas faculdades de Teologia, Psicologia e Pedagogia. Em 1976, acompanhou Irmã Ana Teresa (Therezinha Stella Guimarães) numa missão junto as romeiras e romeiros do Padre Cícero, onde fundaram o Centro de Psicologia da Religião (CPR). Foi, também, professora em diversos seminários, entre outros o da Prainha, em Fortaleza, e o Seminário São José, da diocese do Crato (CE). No dia primeiro de fevereiro

constatação é fundamental: a peregrinação é uma oração espacial. O comportamento romeiro não teria sentido se não fosse um deslocamento real em direção a um lugar santo” (DUMOULIN, 1990, p. 42).

A centralidade geográfica do Juazeiro do Norte também se traduz em termos econômicos. A romaria não apenas colocou a cidade no mapa, como constitui a base da sua economia. O processo de crescimento da cidade não pode ser dissociado, portanto, da sua característica específica, enquanto centro de peregrinação religiosa. Vários estudiosos estão de acordo quando analisam a percepção do peregrino em relação ao Juazeiro do Norte: “é o centro do mundo” (TERRIN, 2004, p. 264).

#### ▪ Esquema geral dos capítulos da tese

As Ciências da Religião lidam com formas simbólicas de alto grau de complexidade, que tiveram um papel decisivo na definição do humano, de uma cultura humana (Paulo Augusto Nogueira).

As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós (Eni Orlandi).

Este trabalho está estruturado em duas partes e cinco capítulos. Estes capítulos foram subdivididos em várias partes que passo a comentar sucintamente. No **Capítulo 1** se enfoca o contexto do Juazeiro do Norte e das romarias. Este capítulo pretende situar o contexto de formação sócio-religiosa do Cariri, que na sua origem tem a marca indígena. Apresentaremos as dimensões que disputam os sentidos do sagrado no contexto da romaria, que são expressão do catolicismo popular. Entendemos catolicismo em seu sentido genérico como o conjunto das expressões de crenças, rituais, comportamentos e atitudes éticas que denotam um certo tipo de pertencimento à Igreja católica. Procuro estabelecer os elementos que me localizam como pesquisador em um universo que me é familiar. Mostraremos também o contexto mais geral de experiências surgidas no coração do Nordeste que têm elementos comuns com a saga de Juazeiro do Norte. As experiências nordestinas de Canudos – BA (1893-1897) e Caldeirão – CE (1926-1937) são parte da história do

---

de 2019, véspera da festa de Nossa Senhora das Candeias no Juazeiro do Norte, recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Regional do Cariri (URCA).

catolicismo que se expressou no movimento de beatos e beatas. Este tipo de catolicismo coloca luzes no fenômeno das romarias, que têm sua dinâmica como um ritual de passagem e que tiveram personagens como o beato Antônio Conselheiro, padre Ibiapina e o beato José Lourenço. Nesse capítulo veremos que as peregrinações e romarias expressam um fenômeno presente num grande número de culturas e de religiões.

No **Capítulo 2**, analisaremos a história tumultuada de Juazeiro e do padre Cícero Romão Batista. Para compreender o presente, é necessário olhar o passado. Analisaremos a percepção da Igreja romanizada perante o movimento de Juazeiro e da religiosidade popular. A evangelização chegou nos sertões nordestinos de forma muito peculiar. O catolicismo trazido ao Brasil pelos portugueses foi o catolicismo vivido pelo povo do fim da Idade Média. Era um catolicismo em que Deus era invocado por intermédio dos santos para resolver os problemas da humanidade. Com a romanização havia uma estratégia de desmontar o “catolicismo colonial”, organizado a partir das Irmandades e Confrarias Leigas, e implantar um tipo de catolicismo que se estruturava segundo o modelo clerical, centrado na figura do padre. Havia uma ideologia dos bispos romanizados que era a noção de purificação do “catolicismo popular” tradicional de seus abusos e superstições. Essa visão, em certo sentido, perdura até os dias de hoje. Os estudos do historiador Eduardo Hoornaert nos falam da formação do catolicismo brasileiro (1985) considerando três características: a) o catolicismo guerreiro; b) o catolicismo patriarcal; c) o catolicismo popular. A noção de romanização do catolicismo brasileiro, também, foi sugerida por Roger Bastide e desenvolvida por Ralph Della Cava em *Miracle at Joazeiro* (1970), e por Pedro Ribeiro de Oliveira em *Religião e Dominação de Classe: gênese, Estrutura e Função do Catolicismo Romanizado no Brasil* (1985). Por fim analisaremos as romarias como elemento fundante do juazeiro.

No **capítulo 3**, tratamos do início dos trabalhos do padre Cícero em Juazeiro, dos “milagres da hóstia” e da Questão Religiosa deles decorrentes. Há mais de um século, o “milagre” ocupa lugar de destaque nos estudos do Juazeiro. Aborda especificamente as transformações nos tipos de romaria e a experiência pessoal do fiel. Percebe-se que há uma complementariedade entre a tradição e a modernidade. Isso porque não são realidade estanques e isoladas. O moderno mora no tradicional. São complementares entre si e fazem sentido na sua oposição. A articulação entre modernidade e tradição no campo das religiões é de uma fecundidade notável. Os

catolicismos, que estão no âmbito da tradição, apontam uma dimensão da religião que se apresenta com várias facetas. Claramente percebe-se os catolicismos magisterial e vivido. As romarias estão na dinâmica do catolicismo vivido. Procuo situar relações entre o mito fundador das romarias em Juazeiro do Norte e a construção de representações entre os romeiros e romeiras. Faço a distinção entre os vários tipos de romarias existentes no Brasil. O fenômeno das romarias do Juazeiro remonta ao final do século XIX. As romarias começaram com o “milagre da hóstia” - protagonizado pelo padre Cícero e a Beata Maria de Araújo. A partir do milagre, cresce a reputação do padre como “santo do povo”, a fama da cidade como “Terra da Mãe de Deus” e o conseqüente fluxo de romarias a Juazeiro do Norte só aumenta. O próprio pesquisador faz uso de diários de campo que datam de meados da década de 80 até os dias de hoje. A experiência da romaria como um grande ritual de passagem expressa a dimensão mística que ressignifica o sagrado.

No **capítulo 4**, voltamo-nos para a ressignificação do sagrado. Este capítulo, intitulado: A mística romeira nas novas configurações do sagrado, descreve e analisa a movimentação do romeiro e romeira contemporâneos. A romaria torna-se uma grande polifonia, que é uma reunião de vozes e instrumentos, uma simultaneidade de várias melodias que se desenvolvem independentemente, mas dentro da mesma tonalidade. As romarias, ao mesmo tempo em que atualizam aspectos importantes da cultura, sofrem ressignificações em suas práticas ao imbricarem-se com a noção de peregrinação. Segundo a socióloga Danièle Hervieu-Léger, a figura do peregrino é típica do religioso em movimento, em duplo sentido. Inicialmente ele remete, de maneira metafórica, à fluência dos percursos espirituais individuais, percursos que podem, em certas condições, organizar-se como trajetórias de identificação religiosa. A pesquisa desenvolve-se na perspectiva de caracterizar o contexto geral das romarias a partir de observações e entrevistas, buscando estabelecer os elementos que indicam continuidades e mudanças tendo presente as últimas três décadas. Percebe-se que há uma fantástica multiplicidade nas expressões das romarias. Há um permanente hibridismo. Segundo o antropólogo Néstor García Canclini, a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas. As romarias do Juazeiro representam um laboratório a céu aberto. Chamamos de esteios das romarias três pessoas importantes na história do Juazeiro do padre Cícero Romão. A figura do monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto (1930 - 2005) foi uma delas, sendo peça chave na consolidação das romarias ao Juazeiro.

Depois do padre Cícero, é a grande referência para a “Nação Romeira” do Nordeste. Dedicou quase 50 anos de sua vida no serviço ao povo romeiro que chegava no Juazeiro. Tornou-se o grande anfitrião e o grande defensor dos devotos seguidores do padre Cícero. Por isso, recebeu o título e assim ficou sendo chamado de vigário do Nordeste. Tão importante como monsenhor Murilo são as religiosas, Irmã Annette Dumoulin (1935 -) e Irmã Ana Teresa (1935 – 2013), que chegaram no Juazeiro do Norte em 1976. São mais de quatro décadas de presença na região. Estavam sempre atentas no serviço, na compreensão, na valorização e diálogo com milhões de romeiras e romeiros do padre Cícero e da Mãe das Dores que visitam o Juazeiro. Na trama produzida pela agência de diversos mediadores, concomitantes sentidos de identidade são acionados, ora fortalecendo noções de comunidade e pertencimento, ora propiciando desvinculações, dispersões e, como consequência, o fortalecimento de sentimentos de individualização e isolamento. As romarias de Juazeiro são marcadas pela conjunção de elementos diversos. A reza e a penitência são elementos de destaque, mas também o são o gozo, a festa, o comércio, os shows, os folguedos populares, os encontros, os namorados, o turismo. O processo migratório, responsável pela constituição de Juazeiro do Norte como uma das maiores cidades do interior do Nordeste, também tem o seu lugar na construção de significados para as romarias. Um fato novo aconteceu em 2015, quando Dom Fernando Panico, então bispo da diocese do Crato, recebeu do Cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado do Papa Francisco, uma carta de reconciliação da Igreja com a pessoa do padre Cícero, como sacerdote. E o processo de canonização? As novas configurações do sagrado se apresentam dentro dessa trama complexa: político-econômica-religiosa.

No **capítulo 5**, que tem como título a mística romeira no tecer das tramas e entrelaçamento dos discursos, analisaremos as entrevistas que foram transcritas pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa pecheutiana (AD). As análises dialogam permanentemente com autores das Ciências da Religião e apontam para questões pertinentes dentro do contexto cultural-religioso atual referente ao tema. Dessa forma, evidenciamos, como principal questão a ser respondida neste trabalho, o modo como o discurso dos sujeitos da romaria do Juazeiro funciona, pois para a Análise do Discurso, teoria e procedimento analítico deste trabalho, importa como o discurso funciona, por meio das marcas da historicidade presente nele, pelo atuar da ideologia na exterioridade que é constitutiva de todo o enunciar, de todo o dizer. Em se tratando da fala dos romeiros e romeiras, temos uma gama de informantes que nos possibilitam

aprofundar algumas afirmações que fazemos no percurso de nossa análise. Nessa análise nos ajudam também o discurso dos pesquisadores do lugar. Representam um suporte muito importante para referendar o discurso dos romeiros e romeiras. Apresentamos as análises trabalhadas por meio do cotejamento do discurso religioso dos romeiros e romeiras, mobilizado por praticantes devotos do padre Cícero Romão e da Mãe das Dores do Juazeiro do Norte. Para o cotejamento das entrevistas, aplicaremos os procedimentos da Análise do Discurso, observando a repetição (paráfrases) e o que é novo (polissemia). No desenrolar do discurso há uma tensão entre o mesmo e o diferente. O simbólico e o político estão sempre se confrontando. Isso porque todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo amplo e constantemente em continuidade. Nesse sentido, o que o romeiro e romeira falam ou deixam de falar passa a ser fundamental para a Análise de Discurso que efetuiremos. As concepções norteadoras da análise são: as condições de produção, as formações discursivas, as formações ideológicas, o pré-construído, o silêncio, o discurso autoritário e o interdiscurso como processos discursivos fundamentais para compreender o funcionamento discursivo analisado. Na construção do conhecimento estávamos sempre atentos a fazer continuamente a síntese entre o saber científico e o saber empírico ou popular, por isso, fizemos uma inserção final com o item nominado “o casamento da poeira dos livros com a poeira da estrada”.

Por fim, à guisa de conclusão, à sombra do juazeiro: uma trama que não se fecha, pontuo alguns aspectos que contribuem para a reflexão crítica de questões essenciais deste trabalho. Propomos um trabalho científico, sem cientificismos e sem abafar as emoções e as sensibilidades. Sem aceitar os dualismos entre razão e emoção, natureza e cultura e outros mais que têm aprisionado a dialógica aberta das controvérsias em um imperialismo das categorias e das oposições binárias. A Análise de Discurso norteará nossas análises a partir de todo o material obtido nas entrevistas, pois darão conta do imbricamento entre os discursos. Esta pesquisa se realiza na Universidade Católica de Pernambuco, no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião que prima pela excelência humana e acadêmica. As Ciências da Religião serão o fio condutor de toda a abordagem porque é o reconhecimento de que a religião cria um sistema próprio de geração de sentido. Pretende ser também uma provocação para a inclusão dos sujeitos excluídos, para com a sua bagagem cultural e prática ajudarem a transformar a Academia e toda a produção do conhecimento.

## CAPÍTULO I: DO POVO CARIRI AO POVO ROMEIRO

### 1.1 Introdução

Juazeiro é uma terra de pouca geografia e muita história (Murilo de Sá Barreto).

Quando os europeus chegaram ao Ceará no século XVI, a terra era povoada por milhares de seres humanos, os quais chamamos de índios, que falavam diferentes línguas e dialetos. Sabemos que o contato entre essas duas culturas foi de conflito permanente. Muitos jesuítas, naquela época, denunciaram as arbitrariedades praticadas por aqueles que viviam da caça de índios; além de escravizá-los, esbulhavam o que possuíam sob qualquer pretexto. Como a resistência indígena no sertão era intensa, os conflitos com os colonizadores resultaram não só na escravização de diferentes povos, mas, principalmente, em muitas guerras de extermínio.

Os povos indígenas resistiram e se espalharam pelo sertão do Nordeste. Em torno das serras criaram-se habitações indígenas. Eram povos acuados pelo avanço do gado e das fazendas, prontos a subirem pelas serras, lugares de refúgio. Interessante observar que Juazeiro é um lugar alto, perto de altas serras, como aquela que faz a divisa com o Piauí. Essa história de “pé da serra” merece uma atenção especial porque é dela que surgem romeiros.

No meio de um sertão árido, que eternamente põe à prova a coragem, a resistência e a fé, Juazeiro do Norte mergulha num vale privilegiado, cercado de montanhas cujas entranhas regurgitam de água pura em abundância. Se evoca essa região como um oásis no sertão, onde a natureza simboliza valores humanos e espirituais.

As romarias a Juazeiro do Norte começaram a acontecer em fins do século XIX, em torno da questão religiosa decorrente dos milagres da hóstia, envolvendo o padre Cícero e a hierarquia eclesiástica. A literatura existente sobre o fenômeno das romarias ao Juazeiro parte dos milagres da hóstia. Neste capítulo, procuramos os antecedentes históricos do Cariri cearense.

## 1.2 O Cariri cearense: a herança indígena e camponesa

Os Cariris – donos do Céu, do Sol, da Terra, da Lua, dos Ventos, dos Rios, dos Espantos e das Festas nas Caatingas – de repente ouviram as recomendações de homens de cabeças santas e de vestes sagradas pela sabedoria divina: Deus está em toda parte... Nós do Cariri queremos continuar a luta dos antigos. Ela não terminou com a destruição do Caldeirão, porque a madeira da Santa Cruz do Deserto ainda indica para os lados o caminho reto do trabalho, e – para as alturas celestiais – os sonhos do seu povo (Cláudio Aguiar).

Para os índios que habitavam a região, o Vale do Cariri cearense já era ‘território sagrado’, bem antes que os primeiros colonizadores católicos chegassem para a conquista, a posse e o saque. Foi em defesa dessa terra da fertilidade e da fartura, onde se situava também o ‘espaço mítico’, que os índios Cariri fizeram guerras contra os invasores brancos e mestiços colonizadores e, bem antes, contra as tribos dos Sertões que, empurradas pela escassez de víveres e pelas secas periódicas, tentavam se estabelecer na região. Índios, negros e mestiços do Nordeste já conheciam o Cariri cearense como ‘terra da fertilidade’, como ‘chão sagrado’, bem antes das pregações do padre Ibiapina e de Antonio Conselheiro, do milagre da beata Maria de Araújo e da fama do padre Cícero (Rosemberg Cariry).

É necessário reconstituir a história e adentrar no mito das origens de Juazeiro do Norte, o epicentro deste fenômeno envolvendo vida, morte, crença, paixão e compaixão, produzindo uma teia complexa de relações, vinculando pessoas, espaços, objetos, monumentos, palavras que condensam o personagem padre Cícero Romão Batista e as romarias.

Mapa 3 - Hipsometria<sup>1</sup> do Sul do Ceará.



Fonte: Fundação de Desenvolvimento Tecnológico do Cariri (FUNDETEC, 1988).

<sup>1</sup>Hipsometria é a ciência da medição e da representação do relevo.

O chamado Sertão do Cariri<sup>2</sup> tem origens remotas, na história dos povos originários, sendo necessária uma maior reflexão sobre os antecedentes geográfico, histórico, cultural, mítico e místico da região. A esse respeito, é muito elucidativo o trecho abaixo:

Já antes da chegada dos portugueses e dos missionários, os índios da região consideravam esse espaço, chamado de “Vale do Cariri”, como sagrado. Periodicamente, eles procuravam esse lugar para realizar seus rituais. Esse vale era para eles como um “caldo mítico, encantado”, onde retomavam forças nessa “terra de fertilidade”. Eles a defendiam violentamente contra qualquer invasor. A razão é muito clara: é que, no meio de um sertão árido e intolerante, que eternamente põe à prova a coragem, a resistência e a fé, esse espaço era para eles e ainda é, até hoje, um vale privilegiado, cercado de montanhas (a Chapada do Araripe) cujas entranhas regurgitam água pura em abundância, com suas 348 fontes naturais. (DUMOULIN, 2017, p. 43).

Quando os europeus invadiram o atual Ceará, no século XVI, a terra era habitada por milhares de indígenas, falantes de diferentes línguas. O contato entre colonizadores e indígenas ocorreu com muitos contrastes. Nesse sentido,

[...] a expropriação da população nativa e a devastação da floresta iniciaram-se no século XVI, com o povoamento e a colonização. Nos primeiros tempos, os navegadores, aventureiros e corsários, às próprias custas ou financiados pelos reis europeus – português, espanhol e francês -, se interessaram pelo escambo dos produtos da terra, sobretudo do pau-brasil, e estabeleceram contato com os indígenas. (ANDRADE, 1995, p. 21).

Pouco se conhece sobre os primeiros habitantes do atual Ceará. Quando os europeus aportaram no litoral no século XVI, encontraram diversos povos que eram senhores absolutos da terra, dominavam os sertões e as praias.

Os Cariris, pelo menos na Bahia e na antiga capitania de Pernambuco, já ocupavam a beira-mar quando chegaram os portadores da língua geral. Repelidos por estes para o interior, resistiram bravamente à invasão dos colonos europeus, mas os missionários conseguiram aldear muito e a criação de gado ajudou a conciliar outros. Talvez provenha dos Cariris a cabeça chata, comum nos sertanejos de certas zonas. (ABREU, 1976, p. 49).

Um dos colonizadores, ao escrever para as autoridades portuguesas, descreveu de forma romântica os habitantes nativos

Tão afáveis, tão pacíficos, são eles, que juro a Vossas Majestades que não há no mundo uma nação melhor. Amam a seus próximos como a si mesmos, e sua conversação é sempre suave e gentil, e acompanhada de sorrisos, embora seja verdade que andam nus, suas maneiras são decentes e elogiáveis. (BROWN, 2003, p.11).

<sup>2</sup>O sertão é mais do que um lugar geográfico; como escreve Guimarães Rosa, “o sertão é sem lugar”. Mas a Região do Cariri, tendo em sua geografia parte da Chapada do Araripe, é considerada um oásis por conta da abundância de água, em pleno Sertão.

A recepção dos chamados indígenas foi pensada como sinal de fraqueza pelos colonizadores, que agiram com violência. Trabalhos forçados, massacres, mortes por doenças contagiosas, esbulhos das terras e fomento de guerras entre povos rivais, que contribuíram para o desaparecimento da maioria dos povos indígenas na região denominada pelos colonizadores como Ceará. Os índios Cariri eram um dos muitos povos resistentes:

Os Cariris habitavam a vasta área da orla marítima. Eram povos oriundos da serra da Borborema, na Paraíba. Durante um longo tempo viveram nas imediações da serra do Araripe. Os últimos Cariris acabaram agrupando-se na antiga Missão do Miranda, que mais tarde tornou-se a Vila Real do Crato. (NOGUEIRA, 2011, p. 10).

A fase sertaneja da escravização indígena ocorreu nos séculos XVII e XVIII, período correspondente às invasões coloniais de áreas do interior do país, como a Bahia, o sertão de Pernambuco, o Ceará e o Piauí. Em um primeiro momento, os indígenas até que perceberam a chegada do europeu como um acontecimento espantoso, admirável e, provavelmente, pensaram que seriam os colonizadores pessoas que trariam o bem.

Pouco mais tarde, essa visão idílica se dissipa. Nos anos seguintes, se anula e reverte-se no seu contrário: os índios começam a ver a hecatombe que caíra sobre eles. Maíra, seu deus, estaria morto? Como explicar que seu povo predileto sofresse tamanhas provocações? Tão espantosas e terríveis eram elas, que para muitos índios melhor fora morrer do que viver. (RIBEIRO, 1996, p. 43).

As referências aos indígenas Cariri<sup>3</sup> evidenciam uma grande produção simbólica como elaboração de conhecimento, no sentido de cultura como sistema simbólico. Clifford Geertz escreveu que o conceito de cultura:

Denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 1978, p. 103).

---

<sup>3</sup> O chamado povo Cariri constituía-se de um conjunto de grupos indígenas, habitando os vastos sertões, desde o atual Ceará a Bahia, região onde foram fundados vários aldeamentos para evangelização dos índios. Do ponto de vista geográfico, a região dos Cariris Velhos está localizada entre a Paraíba e Pernambuco. E região dos Cariris Novos entre a Paraíba e o Ceará. Literatos, cineastas e vários intelectuais, simbolicamente e com ufanismo, referem-se a uma “nação cariri” em relação ao Vale do Cariri no Ceará, todavia não (re)conhecem os atuais índios Cariri na região. Sobre os índios Cariri, ver Oliveira (2016).

Os ritos se manifestam em atos simbólicos e expressam uma forma de conhecimento. A cultura acumula um conhecimento que é socializado historicamente e apresentado como linguagem da sociedade sobre si, sobre os “outros” e sobre o mundo. Ou seja, o simbólico circunscreve ou configura a compreensão das situações, enquanto estas modificam e reformulam os significados daquele movimento constante. Ocorre uma construção social da realidade (BERGER, 1985). Nesse sentido, o conhecimento simbólico apropria-se das novas experiências sociais. No processo histórico, acontecem novas experiências de construção da realidade social.

O mito e o rito não existem nem acontecem no vazio, mas ganham expressão na vida cotidiana, no contexto da vida social. O mito tem uma função importante na realidade social, porque tem uma função instauradora da realidade. Ao mesmo tempo que ele se impõe, é transformado pela realidade. A mudança da realidade pode provocar reformulações no mito. Podem surgir novos mitos, porque ele surge como reserva de sentido para acontecimentos e instituições. Observemos o que diz Mircea Eliade, um dos mitólogos mais importante do século XX<sup>4</sup>, em seu clássico tratado sobre o sagrado e o profano:

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por esta razão suas gestas constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados. O mito é, pois, a história do que se passou *in illo tempore*, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou *ab origine*. Uma vez “dito”, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. (ELIADE, 2001, p. 84).

Existe uma construção simbólica sobre o universo, que os índios Cariri desenvolveram no Ceará. Compreendemos, como evidenciou Mircea Eliade (2001), que o mito está longe de ser uma fabulação. Um dos primeiros aspectos que merecem destaque é a relação da região do Cariri com a água. O sentido dessa questão se expressa na afirmação de Marcelo Barros:

Para os povos indígenas, a água é sagrada. Os povos ribeirinhos são mais ligados à água e a veneram como fonte de vida. Os povos do semiárido veneram a água como tesouro escondido ao qual almejam e do qual dependem. Muitas tradições indígenas afirmam que as

---

<sup>4</sup> Mircea Eliade (1907 – 1986) foi um escritor e historiador nascido em Bucareste, Romênia. É considerado um dos mais importantes e influentes especialistas em história e filosofia das religiões. Uma de suas obras mais importante é *Tratado de história das religiões* (2002), em que empreendeu um estudo sobre a linguagem simbólica das diversas tradições religiosas.

peças foram feitas de água e saíram da água para a terra a fim de cuidarem da natureza. Outras tradições acreditam que a água é o ponto de relação entre o céu e a terra. (BARROS, 2002, p. 83).

Diante do exposto, ressaltamos a descrição do historiador João Capistrano de Abreu sobre o mito dos Cariri. Segundo o autor, os indígenas afirmavam suas origens relacionadas a um lago encantado, provavelmente do Tocantins ou do Amazonas, e, quando fixaram morada na Chapada do Araripe, o mito das águas continuou influenciando o sistema de crenças. Vejamos:

a única mulher da tribo, a Deusa-Mãe, o espírito cósmico da fecundação, representada pela Mãe d'Água, é uma serpente sagrada que dorme nas profundezas da terra e guarda os segredos da vida e da morte. A Chapada do Araripe possui dezenas de nascentes que percorrem os núcleos urbanos do Sul do Ceará e a principal delas, que origina o rio Grangeiro é onde ainda hoje repousa a guardiã das águas, a Mãe d'Água. O mito fundador do povo Kariri apresenta o território de Badzé, o deus do fumo e civilizador do mundo. No princípio era a Trindade: Badzé era o Grande Pai, Poditã era o filho maior e Warakidzã (senhor do sonho), o filho menor. Badzé enviou seu filho predileto, Poditã, para a terra Kariri e esse ensinou os índios a reconhecer os frutos e raízes, caçar animais, fazer farinha, preparar utensílios do cotidiano, dançar, cantar e fazer os rituais sagrados de pajelanças (ABREU, 1899).

Os mitos buscam uma compreensão da realidade humana na sua totalidade. O ser humano nasce inacabado e é preciso um processo de construção para que se torne humano. E a linguagem simbólica, através do mito, tenta construir uma formulação plausível do vivido. Nesse sentido, continua o mito Cariri:

A Terra Sem Males habitada pelos Kariris tinha uma única mulher, e eles queriam mais mulheres. Desse modo, Poditã orientou que eles matassem esta única mulher com um espinho mágico. Depois, eles deveriam cortar o corpo da Única-Mulher em tantos pedaços quantos fossem os homens e cada homem deveria envolver o seu pedaço da mulher com capuchos de algodão. Os índios fizeram tudo conforme orientação de Poditã, e depois seguiram para a caça. Quando retornaram, viram admirados que havia na aldeia muitas mulheres. Elas alimentavam o fogo e tinham preparado uma grande quantidade de bebidas e comidas. Saciadas a fome e a sede, os índios e as índias sussurucaram em suas redes e tiveram muitos curumins. (ABREU, 1899).

O mito não se confunde com a história, mas é historicamente determinado e pode absorver o evento histórico na sua estrutura original. O chamado mito da "Terra sem Males" (CASTRO, 2002) se refere a uma terra dada aos índios por Nhandaru (nosso Pai), onde estão reservadas suas maiores riquezas, onde não há tristeza ou fome, onde tudo se origina com a dimensão feminina.

A Única-Mulher tinha se transformado na lara-Mãe das Águas, que assegurava a fertilidade da terra e a abundância de caças e frutas. Os índios viviam felizes e agradecidos, dançando e cantando a Poditã. Com ciúmes do irmão, Warakidzã desceu à terra Cariri, transformou todos os curumins em podimirins (pequenos porcos), embrutecendo os espíritos e negando o futuro da Nação Kariri. Os podimirins subiram nas grandes árvores e ficaram por lá. Não satisfeito, Warakidzã pediu às formigas azuis para roer o tronco das árvores, derrubando por terra e deixando os curumins-podimirins para sempre encantados no céu. (ABREU, 1899).

O mito é, assim, uma narrativa que interpreta o vivido. É uma construção simbólica para organizar e estruturar a vida. Normalmente, o mito apresenta uma noção de espaço físico/geográfico e histórico que define, por um lado, a origem do povo em termos de localização e, por outro, revela a consciência da diferença, da alteridade. Por conseguinte, é uma construção em que tempo e espaço estão presentes, como vemos na narração final desse mito Cariri:

A terra Kariri permaneceu um eterno “hoje”, sem amanhã. Depois de muitas vãs tentativas de pôr as árvores nos lugares que ocupavam e impossibilitados de subirem até os céus, os índios invocaram Poditã e manifestaram sua tristeza, pedindo de volta a alegria de seu futuro e de seus curumins. Poditã ensinou então aos pajés que, invocando a proteção de Badzé, fumassem seus cachimbos com ervas mágicas e tomassem o cauim da jurema preta para ter visões proféticas, entrando, assim, em contato com o mundo dos encantados. Contento com a visita dos espíritos dos pajés e com as ofertas de fumo, Badzé castigou Warakidzã, desencantou os curumins-podimirins e os devolveu ao Paraíso da terra Kariri. E a terra Kariri voltou a ter um amanhã (ABREU, 1899).

Na literatura histórica sobre a região do Cariri, encontramos que na zona da Caatinga habitaram numerosos povos indígenas, desde antes da época em que iniciaram as invasões e a colonização portuguesa, no final do século XVI (ABREU, 1899; CARIRY, R., BARROSO, 1982; GONÇALVES, 2004). Muitos indígenas migraram, fugindo das perseguições, violências e espoliação dos territórios habitados, das guerras de escravidão movidas pelos colonos “brancos”, com suas lavouras de cana. O Sertão nordestino

[...] foi integrado na colonização portuguesa graças a movimentos populacionais partidos de dois focos: Salvador e Olinda. Foram estas duas cidades que se desenvolveram como centros de áreas de terras férteis de ‘massapê’ e, conseqüentemente, como centros açucareiros que comandaram a arremetida para os sertões à cata de terra onde se fizesse a criação de gado, indispensável ao fornecimento de animais de trabalho - bois e cavalos - aos engenhos e ao abastecimento dos centros urbanos em desenvolvimento. (ANDRADE, 1986, p. 147).

Muitas das expressões socioculturais indígenas foram incorporadas pelo povo nordestino, especialmente no sertão, evidenciando o quanto a cultura indígena marcou a vida do povo nessa região e influenciará as legiões de romeiras e romeiros que povoarão a cidade de Juazeiro do Norte – CE.

Em relação à distribuição territorial dos índios Cariri, considera-se o sul do Ceará, conhecido também como Cariris Novos. A partir do mapa do Ceará, em seguida, destacamos a localização dos Cariris Novos (ou Cariri Cearense), enfatizando no conjunto da região as principais cidades: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha.

O conhecimento do sistema de organização dos indígenas e a constatação de certas expressões socioculturais no sertão, possibilitam identificar, também, certas heranças dos indígenas, em nível de parentesco (organização familiar).

No Sertão, por exemplo, a noção de família é bem mais ampla que as de outras regiões do país. Se um dos pais morre, afasta-se por longo tempo ou é negligente na educação dos filhos, o tio paterno ou a tia materna desempenham importante papel junto aos sobrinhos e sobrinhas. Os primeiros coirmãos são considerados irmãos e os respectivos tios têm sobre eles uma autoridade de pai. Os tios-avôs são considerados, de certa forma, como avós. Nesse sentido, o apadrinhamento tem muita importância. O padrinho é carregado de afeto e proximidade. É o caso do padre Cícero Romão Batista, que será cognominado de “meu padrinho”.

Este povo originário subdividia-se em grupos com outras denominações, mas mesmo com essa pluralidade, qualquer indígena na região era conhecido como “Cariús” (GONÇALVES, 2004), por ser o maior grupo existente. Há especulações sobre a chegada dos indígenas à região. Uma delas é que, possivelmente, os indígenas Cariri eram originários da Ásia e chegaram ao novo mundo pelos rios Amazonas e Tocantins.

Fotografia 1 - Indígenas da aldeia Sabuká Kariri Xocó



Fonte: Arquivo do CIMI – Nacional

Os indígenas trouxeram seus costumes e rituais. Um dos costumes difundidos por eles, e que tinha grande utilidade na mata, era o de dormir em redes, que ajudava a manter os animais afastados. Os ranchos de romaria, no Juazeiro do Norte, são expressão dessa tradição. Escutamos falar que o cearense gosta de dormir em rede e sabemos que essa tradição herdada dos indígenas Cariri perdura até hoje.

A cultura material é um exemplo do que estamos tratando. Os Cariri produziam também cestos e balaios de cipós, utensílios de barro (potes, panelas) e remédios tradicionais, utilizados no dia a dia. Muitos desses medicamentos eram derivados da imburana, da quinaquina, do alecrim, da malva-corama, da erva cidreira, entre outras espécies. Destaca-se a janaguba, árvore nativa da Chapada do Araripe. Ela produz um leite usado até a atualidade no tratamento de inúmeras doenças (MENEZES, 2011).

Essa tradição foi mantida na região e as romeiras e romeiros do Juazeiro do Norte a levaram para todo o Nordeste. Na atualidade, em todas as romarias, pessoas comercializam esses produtos, ocorrendo um hibridismo cultural. Compreende-se por “hibridação, processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2015, p. 18).

Sobre os seres humanos originários do chamado Cariri, observar-se que foram paulatinamente esquecidos no processo histórico. Na perspectiva do projeto ocidental deixam de existir, são pensados como extintos, desaparecidos, exterminados. É a

partir deste contexto que se cria, se constrói simbolicamente o lugar do exaltado “Cariri civilizado”<sup>5</sup>: a partir de uma vaga e confusa referência aos ancestrais habitantes neste vasto território existente do Ceará nordestino, mas que desconhece os atuais indígenas na região.

Para nossas reflexões, optamos por historiadores que pensam o Brasil a partir dos indígenas (OLIVEIRA, 2016) e afrodescendentes. Para isso consideramos a tradição inaugurada por Capistrano de Abreu<sup>6</sup> (ABREU, 1976). Como afirmou Eduardo Hoornaert<sup>7</sup>:

O Brasil, para Capistrano, é antes de tudo o povo. Daí o seu interesse em conhecer a geografia, a etnologia, a sociologia, o folclore, os costumes, os provérbios, a sabedoria popular, a religiosidade, na ânsia de sentir a vida do povo. (HOORNAERT, 1991, p. 11).

Nessa perspectiva de olhar a História, observamos que os indígenas, em muitas situações, foram transformados em mão-de-obra escravizada e suas terras foram esbulhadas pelos colonizadores, sesmeiros e descendentes. Os indígenas foram chamados de caboclos sertanejos, com a identidade negada pelos invasores das terras indígenas.

As transformações ocorridas na agricultura e na pecuária influenciaram profundamente as relações de poder na região do Cariri, pois “o gado tornou-se desta forma o grande invasor do sertão” (HOORNAERT, 1989, p. 47). O processo europeu de colonização do sertão fez surgir a figura do coronel e do senhor de pessoas e de grandes propriedades de terra. É nessa perspectiva que situamos a cultura do coronelismo<sup>8</sup> existente no tempo do padre Cícero Romão Batista. O fenômeno do

---

<sup>5</sup> Segundo o geógrafo Claudio Ubiratan Gonçalves, com a criação da Freguesia do Crato, em 1762, e sua posterior elevação a Vila Real do Crato, em 1764, consolida-se o centro difusor do “projeto civilizador”. Para um estudo mais aprofundado desse tema, ver Gonçalves (2014).

<sup>6</sup> João Capistrano Honório de Abreu (1853 – 1927) foi um cearense da cidade de Maranguape. Foi um historiador crítico da historiografia vigente. Enveredou pelo campo da etnografia e da linguística. A sua obra é caracterizada por uma rigorosa investigação das fontes e por uma visão crítica dos fatos históricos. Para um estudo mais aprofundado desse tema, ver Gontijo (2013).

<sup>7</sup> Eduardo Hoornaert, em sua obra, *Formação do Catolicismo Brasileiro 1550 – 1800*, fez uma distinção muito didática das duas tradições na historiografia brasileira quando afirmou existir, na realidade, duas tradições na historiografia brasileira: uma decorre das pesquisas de Varnhagen, outra das orientações de Capistrano de Abreu. A primeira tradição é a mais conhecida, pois ela é apresentada na história-pátria oficial tal qual é ensinada nos ginásios e colégios é a história dos grandes, dos poderosos, das instituições que dominam o povo brasileiro. A segunda é a história dos esforços dos brasileiros comuns, do povo mesmo. Ora, como a história do catolicismo é antes de tudo a história da fé e das crenças vividas pelo povo, ele fez claramente uma opção por Capistrano de Abreu.

<sup>8</sup> O coronelismo é uma prática de cunho político-social, própria do meio rural e das pequenas cidades do interior, que floresceu, sobretudo durante a Primeira República 1889-1930. O coronelismo é um fenômeno predominantemente rural. O mandonismo em que uma elite, encarnada emblematicamente pelo proprietário rural, controla os meios de produção, detendo o poder econômico, social e político

coronelismo tem sido considerado, em pesquisas acadêmicas, como resultante de uma tradição familiar patriarcal aliada à grande propriedade e, inicialmente, à escravidão indígena e negra, como pilares básicos para a sustentação e continuidade do sistema.

A ocupação econômica do Ceará ocorreu no século XVII<sup>9</sup>. A colonização do sertão cearense foi efetivada a partir da atividade do vaqueiro. O gado introduzido no Brasil para suprir a alimentação da população, além de ser um meio de transporte e de tração nos engenhos de açúcar, foi usado no Cariri nos engenhos de rapadura.

No início do século XVIII, Pernambuco já dispunha de aproximadamente oitocentos currais com mais de 800 mil cabeças de gado. A Bahia, por sua vez, tinha em torno de 500 mil cabeças. No Ceará, o criatório estava espalhado pelas bacias dos rios Jaguaribe e Araraú, sem falar dos sertões de Quixeramobim, Cratêus e Vale do Cariri. Existiam no final do século XVIII quase 1.000 fazendas de criar gado no Ceará. (NOGUEIRA, 2011, p. 56).

Fica evidente que a pecuária extensiva e as condições geoclimáticas exigiam áreas cada vez maiores para que a economia fosse viabilizada. Essa ocupação ocorria desordenadamente e em detrimento da população indígena, pouco a pouco esbulhada de suas terras, em nome do “progresso” e da “civilização”.

Um longo período, em que a mercadoria passou a ser um elemento central:

A mercadoria é o instrumento desta sociedade para subjugar e até aniquilar os povos indígenas. Não deixa de ser significativo que, desde o século XVI até estes nossos dias, a mercadoria tenha sido o ardil para atrair e submeter o índio. Ainda há poucos anos, o padre Calleri, a serviço do governo e dos militares, tentava atrair os Waimiri-Atroari utilizando “mercadorias”. (MARTINS, 1986. p. 16).

A colonização do Brasil foi um empreendimento econômico típico de domínio do capitalismo mercantil (PRADO JÚNIOR, 1946), pois

---

local. Segundo a doutora Maria Auxiliadora Ferraz de Sá, “esse fenômeno não é peculiar apenas de uma região do país. Há também uma diversificação dos sistemas regionais. Dessa forma, não haveria um só tipo de coronel, mas vários; ou seja, o “caudilho” no Sul, o coronel das plantações de cana-de-açúcar, o coronel do cacau, o coronel do Sertão pecuarista, e outros, no Sul e no Norte do país.

<sup>9</sup> No Ceará criou-se a chamada “civilização do couro”, no Nordeste consolidou-se uma sociedade baseada na produção do açúcar, que se tornou nossa atividade principal, no Brasil colonial. A produção canavieira foi implantada no nosso país com associação direta do trabalho escravizado. Foram escravizados indígenas e depois afrodescendentes. A produção açucareira, em larga escala, foi a principal atividade econômica desenvolvida na colônia durante os dois séculos posteriores a chegada dos portugueses. Até o final do século XVI, a mão de obra nativa foi largamente utilizada como escrava, diferentemente da civilização do couro, iniciada no século XVI. Na civilização do couro predominou o trabalho do vaqueiro. Um indivíduo que sempre foi merecedor de respeito em razão do conhecimento da terra, do gado, dos métodos de criação e da responsabilidade direta que ele tinha pela fazenda. Para um estudo mais aprofundado desse tema, ver Menezes (1995).

formou-se, assim, no Sertão – Nordeste semiárido – uma sociedade pecuarista, dominada por grandes latifúndios cujos detentores quase sempre viviam em Olinda ou Salvador, delegando a administração da propriedade a empregados, e nas quais havia sítios que eram economia inteiramente voltada para um mercado distante, situado no litoral, para onde a mercadoria se autotransportava, em boiadas conduzidas por vaqueiros ou tangerinos, por centenas de léguas. (ANDRADE, 1995, p. 47).

Escreveu um pesquisador que “no ano de 1663, começou oficialmente a partilha do solo cearense, com a concessão de fabulosos latifúndios para as famílias dos grandes fazendeiros” (ARRUDA, 1993, p. 52). Nesse sentido, a violência entre os fazendeiros era constante. A definição dos limites territoriais de cada propriedade era sempre motivo de ferrenhas disputas. Não havia lugar nesse sistema para a pequena propriedade, ocorrendo o domínio absoluto dos grandes fazendeiros sobre uma população no Sertão do Cariri, onde os indígenas foram perseguidos. Dispersaram-se ou se tornavam trabalhadores nas terras invadidas pelos fazendeiros.

O Brasil, no decorrer de sua história, consolidou uma estrutura fundiária iníqua e desigual, baseada na concentração desmedida da terra e na exclusão inaceitável das populações nativas. As relações com o regime latifundiário eram mantidas através da oligarquia rural que continuará no poder de geração em geração, perpetuando a situação de desigualdade (DURÁN Y DURÁN, 2020, p. 92) e injustiças no campo.

No Nordeste do século XVII, a situação era de calamidade pública permanente. No sertão, todas as leis eram injustas: a lei era do senhor latifundiário. A lei do latifúndio: riqueza e privilégios para os coronéis e políticos, misérias e injustiças para os trabalhadores e camponeses<sup>10</sup>. As terras, os açudes, os engenhos de açúcar, a pecuária e todos os bens produzidos eram controlados pelos fazendeiros e políticos. Os camponeses eram tratados como servos da casa do “seu” senhor. À custa das calamidades e da miséria do povo, com secas e doenças, os coronéis da terra aumentaram os privilégios.

---

<sup>10</sup> Karl Marx (1818 – 1883), no final do século XIX, analisou que o capital, em seu desenvolvimento, se apropria lenta e gradualmente da agricultura. Seguindo esse caminho aberto por Marx, a análise socioantropológica da realidade brasileira, no que toca a sua histórica estrutura fundiária, exige aprofundamentos. Aqui, o projeto colonizador tornava alguns poucos grandes proprietários de terras, que se associavam aos interesses da oligarquia rural, através de um processo de loteamento do país, iniciado na época das capitânicas hereditárias. Para um estudo mais aprofundado desse tema, ver Martins (1986).

Os camponeses tinham poucas alternativas diante do capitalismo agrário em curso no sertão. Diferentemente de outros países (na Europa e Rússia)<sup>11</sup>, o Brasil tinha uma situação peculiar advinda de todo o processo de colonização. A partir de meados do século XIX, iniciou-se o processo de dissolução da dominação senhorial. O capitalismo agrário também provocou a dissolução da dominação pessoal, exercida pela classe senhorial sobre a massa (MARTINS, 1986).

O que ocorre caracteriza o mesmo traço estrutural, mas com a troca de relações, passando-se da dominação pessoal para a impessoal. A dominação senhorial é exercida pelo grande proprietário de terra sobre os camponeses aos quais concede uma área de terra para o cultivo. A dominação senhorial (relação pessoal) funda-se nos laços de clientelismo/lealdade entre dominante e dominado. O cimento que consolida esta relação é a prestação de serviços em troca de proteção. A relação de dominação senhorial é consolidada pelos laços de compadrio.

No Brasil do século XIX, os principais documentos da Igreja Católica Romana (registros de batismos, casamentos e óbitos) também continham um caráter civil. Esse aspecto era concentrado na Igreja Romana e não existia registro civil de nascimento do Estado. Nesse sentido, o batismo, além de inserir um novo indivíduo no universo religioso católico, também, de maneira formal, o inseria no universo social e político.

Já o capitalismo agrário (relação impessoal) vem dissolver a dominação pessoal, porque retira a capacidade da classe senhorial de assegurar a proteção à massa camponesa. Com a própria base da dominação senhorial caindo por terra, o camponês encontra-se, portanto, desprotegido diante de um mundo que ele não compreende. A não compreensão da nova ordem vigente se agrava cada vez mais à medida que sua condição socioeconômica piora. Na nova realidade, o camponês se vê obrigado a pagar uma renda pela terra ou, então, a vender sua força de trabalho no mercado.

---

<sup>11</sup> Um teórico importante da questão camponesa é o russo Alexander Chayanov (1888 – 1937). Esse autor usou um conceito de unidade familiar bem definido. Chayanov analisou o desenvolvimento e vê todo o processo na unidade familiar. A unidade camponesa é, simultaneamente, uma unidade de produção e de consumo. Nisso podemos ver que a atividade doméstica é inseparável da atividade produtiva. Chayanov vê que a mão de obra é um elemento tecnicamente organizativo de qualquer processo de produção. São importantes para isso a composição e o tamanho da família camponesa. O caráter da família é um dos fatores principais da organização da unidade econômica camponesa. A composição familiar define os limites máximos e mínimos do volume de sua atividade econômica. O importante, para nossa pesquisa, nessa nota, é que no final do século XIX, quando se iniciava a história de Juazeiro do Norte, havia grandes famílias camponesas que apesar de tudo procuravam sobreviver a partir da unidade familiar.

A compreensão sociológica das mobilizações populares no campo, o desvendamento do seu sentido histórico, passa, pois, necessariamente, por esse eixo estrutural da questão, que é a propriedade da terra. Sabemos que a entrada do padre Cícero Romão Batista na política se deve às mobilizações “pelas terras do Coxá”, onde “alguns meses depois, essas circunstâncias contribuíram forçosamente para a decisão do Patriarca de ingressar na política” (DELLA CAVA, 2014, p. 183).

A mobilização pela terra é a história do Brasil. A história da colonização do Brasil não foi uma história pacífica, como muitos livros didáticos deixam a entender, mas um processo muito violento e destruidor. Uma aparente normalidade que existiu nos primeiros anos de contato durou enquanto as novas terras não foram alvo de uma exploração comercial.

É particularmente essencial compreender que a forma assumida pela propriedade territorial ‘amarra’ relações sociais, organiza relações de classes, sustenta relações econômicas e relações políticas, edifica uma determinada estrutura de poder, alimenta relações de dominação, define limites para a participação democrática das diferentes classes sociais, particularmente as classes trabalhadoras. (MARTINS, 1986, p. 67).

É nesse contexto que ocorre o processo da formação de uma prática religiosa que vai se institucionalizando. Por volta do século XIX, a Igreja Católica atravessou um processo de romanização na liturgia e nos rituais e adquiriu uma face menos tolerante e mais institucional nas formas de expressão e cultos, através de capelas dispersas pelos sertões. De maneira estratégica, foram fundadas novas paróquias e dioceses.

As capelas eram construídas nas trilhas das boiadas, passando perto dos aldeamentos indígenas. A pecuária explorava enormemente a mão de obra indígena. Ocorreu um movimento drástico. Houve uma drástica redução do espaço habitado pela população indígena. Isso significa que enquanto o espaço territorial do indígena passava a ser limitado, simultaneamente era também reduzido o seu universo cultural. Como escreveu um historiador:

O combate aos cultos indígenas de santidade representou apenas um aspecto da atividade missionária. O enfoque principal era endereçado ao trabalho de conversão. O termo “conversão”, aliás, expressa muito bem a mentalidade subjacente ao empreendimento missionário: tratava-se de trazer os indígenas, considerados como ovelhas desgarradas, para o redil da verdadeira fé. “Converter” significa basicamente tirar os índios de suas crenças errôneas e reconduzi-los à verdade católica. Não se tratava, portanto, de um diálogo, mas de um monólogo religioso. A teologia da conversão partia do princípio da

exclusividade católica, considerada como única verdadeira, e da necessidade de que todos os povos se submetessem à sua aceitação. A profissão da fé cristã tornava-se, assim, uma necessidade fundamental para se obter a salvação eterna. A proposta missionária não deixava aos indígenas outra alternativa: a única via possível era a conversão, condição imprescindível para a integração no projeto colonial lusitano, ou seja, na cristandade, expressão visível do projeto salvífico divino. (AZZI, 1987, p. 73).

As mudanças ocorridas no sertão se dão em uma teia de relações entre o sistema político, econômico e, conseqüentemente, cultural, em que foram colocados em xeque alguns fatores: a violência praticada pelos coronéis, a concentração da propriedade de terras por aqueles que podiam comprar e o predomínio da estrutura familiar patriarcal.

O final do século XIX apresentou um cenário bastante conturbado no contexto nacional e internacional. É considerável a movimentação existente no Cariri, especialmente em Juazeiro, que ainda não é cidade, entre o final do século XIX e o início do XX.

É significativa a grande quantidade de homens, mulheres e crianças que rumam para instalar morada no Juazeiro. Essas pessoas logo foram identificadas como romeiras e romeiros do “Padrinho Cícero”. Nessa época, o Cariri assistia legiões de pessoas e em grande diversidade, dos mais distintos grupos sociais e étnicos, como indígenas, negros, cangaceiros, simples agricultores, beatas e beatos, místicos ou mesmo pessoas que viam no Juazeiro um lugar ao sol:

Durante os anos seguintes, o movimento cresceu sem interrupção. Muitos romeiros vieram morar no Juazeiro. Entre 1890 e 1898, a população passou de dois mil a cinco mil habitantes. Em 1905, já havia doze mil habitantes e, em 1909, quinze mil. (COMBLIN, 2011, p. 25).

Reconhecemos que as romarias expressam um movimento envolvendo corpo e paisagem. “A peregrinação é uma oração espacial” (DUMOULIN, 1990, p. 42).

Fotografia 2 - Romaria de finados na matriz de Nossa Senhora das Dores em 02/11/16



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

Essa espiritualidade integra a Natureza e o corpo. A espiritualidade caminheira é típica de alguns dos chamados povos tradicionais. No movimento dos corpos que se cruzam no Sertão nordestino em direção ao santuário de Nossa Senhora das Dores, no Juazeiro, os romeiros e romeiras vão demarcando um espaço sagrado que torna certos lugares e objetos mais próximos de Deus do que outros. A propósito da Natureza e do corpo afirmou um educador popular:

O corpo nos liga materialmente à natureza, feito um cordão umbilical. Ele é o nosso primeiro órgão natural de comunicação com os outros seres. Se conseguirmos, por assim dizer, melhorar o contato com o nosso corpo, de passagem, conseguiremos também nos conectar com a natureza toda, nos harmonizar com ela, recuperando um ritmo natural maior, de caráter cósmico, onde a nossa corporeidade se situa materialmente. Quando nos afastarmos daquele ritmo natural, nos afastamos das fontes da vida e da saúde. Se conseguirmos estar em harmonia com o nosso corpo e com a natureza, conseguiremos também nos harmonizar e nos conectar naturalmente com as outras pessoas. (LIZANA, 1990, p. 47).

Nesse sentido, a região do Cariri é fecundada por um movimento popular que se intensifica e toma feições de religião na linha das devoções populares. Alguns aspectos continuam sendo comuns entre a tradição dos povos originários e os trabalhadores da terra de então. Isso leva a uma espiritualidade muito vinculada à Natureza e que continua tendo a terra como mãe.

Um aspecto importante é harmonizar e trazer aqueles que partiram para a vivência do cotidiano através dos rituais. “Os rituais funerários representam assim uma

fonte preciosa do conhecimento das doutrinas relativas à sobrevivência (RIES, 2019, p. 37). Os espíritos dos antepassados se fazem presente nas celebrações<sup>12</sup>.

Essa dimensão foi observada por muitos teólogos cristãos, expressando com muita evidência que a morte faz parte da vida e é seu ponto culminante. No mundo dos pobres, a morte tem uma dimensão de injustiça porque ocorre de forma precoce.

Se é igualmente verdade que pobres e ricos morrem inexoravelmente, entretanto não convivem com a morte da mesma maneira. A morte ronda a vida do pobre desde cedo. Morte de crianças, morte criminosa de marginais, morte de tantas doenças hoje já superadas em outros meios. O pobre familiariza-se com a morte desde bem cedo. Fato psicológico e social. Converte-se também frequentemente em fato religioso. Assim suas orações, suas responsabilidades religiosas vinculam-se com o mundo dos mortos, ora pedindo por eles, ora recorrendo a sua ajuda sob a forma de “almas do purgatório”. (LIBÂNIO, 1985, p. 170).

No Juazeiro do Norte, é muito forte o costume de se rezar pelos mortos. Temos que considerar que a realidade nordestina, historicamente, foi marcada por tantas “Mortes Severinas”<sup>13</sup>:

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra, no  
mesmo ventre crescido sobra as  
mesmas pernas finas,  
e igual também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
E se somos Severinos iguais  
em tudo na vida, morremos  
de morte igual, mesma morte  
Severina:  
que é a morte de que se morre de  
velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte, de  
fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença é  
que a morte Severina ataca  
em qualquer idade,  
e até gente não nascida) (MELO NETO, 1968, p. 204).

<sup>12</sup> Julien Ries (1920 – 2013) foi um cardeal belga, historiador, religioso e professor. Segundo Ries, a morte é provavelmente a mais instigante e desafiadora experiência pela qual o ser humano passa. Contudo, o fenecimento de seus entes mais próximos se mostra um elemento de impacto, a ponto de as várias sociedades formularem hábitos e costumes, de os filósofos formularem suas teorias e das religiões elaborarem seus ritos e entendimentos daquilo que acontece após a morte. Para um estudo mais aprofundado desse tema, ver Ries (2019).

<sup>13</sup> Mortes Severinas: é um referencial simbólico utilizado discretamente por João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999) para fazer-nos compreender sua obra *Morte e Vida Severina*. Mais especificamente trata-se de apresentar, de forma clara e objetiva, os símbolos presentes no poema, símbolos estes que trazem toda sua significação. O poema reflete a dura realidade nordestina.

A religiosidade e espiritualidade emanadas dessas experiências socioculturais forjaram uma espiritualidade muito própria, para além das situações de sofrimento, evidenciando os aspectos festivos e alegres dos rituais e celebrações, da partilha, da reciprocidade, dos presentes, da cura, da gratidão. Tudo isso é típico do que vai se criando na região do Cariri cearense. Sedimentaram-se aspectos religiosos de um catolicismo tradicional ibérico colorido de tintas devocionais e penitenciais, acrescido de uma grande capacidade de resistência do que restou dos indígenas e dos negros entre os pobres sertanejos.

### **1.3 Sertão nordestino, campo fértil da religiosidade popular**

Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso... (João Guimarães Rosa).

[...] em geral, não se julgam sertanejos os caririenses. Em virtude de um certo orgulho nativista, talvez porque o termo sertão lhes dê a ideia de uma zona seca e estéril, acham que sua terra, muito bonita e fértil, não deve incluir-se naquela designação. O Cariri é lindo e rico, não pode ser sertão (Irineu Pinheiro).

A região Nordeste<sup>14</sup> é uma das cinco macrorregiões em que se divide o território brasileiro. A região é bastante heterogênea. Apresenta variações tanto no aspecto físico como no humano. Distinguem-se, dentro do conjunto nordestino, pelo menos quatro zonas geoeconômicas: a Zona da Mata, o Agreste, o Sertão e o Meio-Norte. O sertão ocupa grandes extensões de terra do interior nordestino, chegando até o litoral do Ceará e do Rio Grande do Norte.

---

<sup>14</sup> O Nordeste é formado por nove Estados (o IBGE, ao fazer em 1968 a nova divisão do país em grandes regiões geográficas, considerou como nordestinos os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia).

A região Nordeste vive um drama secular. A grande maioria de seu povo sofre uma situação de miséria e de pobreza<sup>15</sup> considerada endêmica. Josué de Castro<sup>16</sup> foi um dos intelectuais que denunciou essa situação. Segundo ele

a fome era consequência da exploração monocultural da terra, cujo cultivo tinha sido finalizado, não à satisfação das necessidades alimentares das populações locais, mas à economia da exportação e do máximo lucro. Daí a persistência das doenças endêmicas, da carência alimentar, o enfraquecimento do capital humano e o acelerado crescimento demográfico. (CASTRO apud DI TARANTO, 1993, p. 17).

Já está no imaginário do brasileiro que o Nordeste é, pois, o abrigo da maior parte de despossuídos do país. Segundo o geógrafo Manuel Correia de Andrade<sup>17</sup>, o Nordeste

Tem uma superfície que abrange menos de 19% do território brasileiro, tem o Nordeste uma população que equivale, aproximadamente, a 30% da população do País; apesar do subdesenvolvimento e das constantes migrações para o Sul, Sudeste e Centro-Oeste, ela continua a crescer razoavelmente, pois, de 1950 a 1980, aumentou de 17.900.000 hab. para 35.400.000 hab., havendo assim, crescimento regional relativo superior ao nacional. (ANDRADE, 1986, p. 48).

O capitalismo, historicamente dominante no país, necessita de uma reserva de trabalhadores e trabalhadoras; uma quantidade de desempregados e subempregados vivendo em condições precárias. As dificuldades de acesso à propriedade e à posse da terra, as distorções em termos de renda e oportunidades de trabalho criaram, na região nordestina, uma situação difícil para os homens e mulheres que chegaram na idade adulta sem opção de emprego. E nesse sentido a saída foi sempre a migração<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> Pobreza é destituição, marginalidade e desproteção. Destituição dos meios de sobrevivência física; marginalização no usufruto dos benefícios de progresso e no acesso às oportunidades de emprego e renda; desproteção por falta de amparo público adequado e inoperância dos direitos básicos de cidadania.

<sup>16</sup> Josué de Castro era médico, mas sua obra tinha alcance geográfico e mesmo sociológico e historiográfico. Tal como coloca Mayer em prefácio ao seu livro *Geografia da Fome*. Ele diz que o Prof. Josué de Castro não é apenas um homem de laboratório – um conceituado fisiólogo. É também um geógrafo, um pesquisador, um historiador. E os resultados que conseguiu através dos métodos de indagação de disciplinas tão diferentes foram por ele ordenados filosoficamente.

<sup>17</sup> Manuel Correia de Andrade (1922 – 2007), nasceu em Pernambuco, foi escritor, historiador, geógrafo, advogado e professor. Notabilizou-se por ser um geógrafo que descreveu a complexidade do Nordeste de forma profunda. Foi também filiado ao Partido Comunista aos 20 anos de idade, para logo depois afastar-se. Um de seus livros que trabalhamos para esta tese está citado nas referências, ver Andrade (1986).

<sup>18</sup> Migração é o deslocamento populacional pelo espaço geográfico, de forma temporária ou permanente. A luta pela sobrevivência é um dos motivos principais dos movimentos migratórios. Houve um movimento migratório muito intenso no Nordeste em fins do século XIX e início do XX. Assim se expressa a Grande Enciclopédia Larousse: “o eixo Nordeste-Amazônia, levou à Amazônia grandes contingentes demográficos em ondas sucessivas: a do primeiro grande surto da borracha, no final do

O povo nordestino é historicamente marcado pelo êxodo de sua terra. Sabemos que indígenas e remanescentes quilombolas formaram um povo imenso e espalhado nessa grande região.

Darcy Ribeiro, em sua obra, *O povo brasileiro*, faz uma descrição muito elucidativa do que era o Brasil em termos populacionais na entrada do século XVIII. Vejamos:

Em 1700, a população neobrasileira teria atingido uns 500 mil habitantes, dos quais 200 mil representados por indígenas integrados ao sistema colonial, e havia dobrado sua área de ocupação. Os negros seriam, talvez, 150 mil, concentrados principalmente nos engenhos de açúcar, mas também nas zonas recentemente abertas à mineração. Uma parcela deles se refugiava em quilombos, para além das fronteiras da civilização, mas Palmares, o principal núcleo, que chegara a reunir 30 mil negros, acabava de ser destruído. A população “branca”, que seria de 150 mil habitantes, formada majoritariamente por mestiços de pais europeus e mães indígenas, falava principalmente com esta parcela de brasilíndios um número ponderável de mulatos originados por diversos cruzamentos – o banda-forra (branco com negro), o salta-atrás (mameluco com negro), o terceiro (recruzado do branco com mulato) – que, sendo muito aculturados e falando português, ajudariam daí em diante o colonizador a impor-se culturalmente aos mamelucos. (RIBEIRO, 1996, p. 151).

Nesse contexto, o Nordeste foi a primeira região de povoamento e colonização portuguesa. Até meados do século XVIII, constituiu a área mais populosa e também com um elevado grau de prosperidade para os que detinham terra, poder político e econômico.

Esses povos foram se misturando. Na realidade, as migrações, como processo social, são a consequência lógica das transformações que estavam ocorrendo na organização de um sistema de produção que apenas obedece à necessidade do fator capital. A migração, nesse contexto, é uma estratégia de sobrevivência. “Desde muito tempo, os fluxos migratórios vêm historicamente seguindo os ciclos da produção econômica” (PLUMMEN, 1990, p. 8). No final do século XIX e início do XX, o Nordeste continua a ser celeiro de mão-de-obra barata para suprir as necessidades da economia nacional em expansão.

---

século séc. XIX e início do séc. XX; durante a II Guerra Mundial e, mais recentemente, depois da abertura da rodovia Transamazônica, que facilitou o deslocamento de populações nordestinas para o Maranhão, sul do Pará e Tocantins”. Grande Enciclopédia Larousse Cultural, volume 16 (1995). São Paulo: Larousse e Nova Cultura Ltda.

O traço indígena e afrodescendente, incluindo o europeu, se juntam e criam uma humanidade própria. Daqui irão surgindo movimentos que afirmam uma expressão religiosa própria. Na visão de um historiador:

A cultura nordestina é formada pelo encontro de diversos elementos culturais provenientes da África, da Espanha, da América: o fato é tão evidente que parece uma banalidade enunciá-lo. Contudo, os valores não europeus nunca constituíram ponto de partida de nenhum plano pastoral pelo simples fato de serem ele às mais das vezes mal interpretados pelos representantes da cultura dominante, se não forem por completo desconhecidos. (HOORNAERT, 1973, p. 13).

A partir de uma realidade social sofrida, o Sertão nordestino, entre outras carências, sofre com longos períodos de seca criando toda uma cadeia de eventos e de modo especial a religiosidade. Vão surgindo muitos místicos e místicas no meio do povo. O místico, xamã ou beato,<sup>19</sup> serão peças chaves nas experiências religiosas nesse contexto.

Se toda experiência mística é pessoal, jamais pode ser expressa a não ser no âmbito e por intermédio de uma linguagem culturalmente definida. Uma vez que a expressão que o místico dá dessa experiência é sobretudo comunicação daquilo que ele viveu, e por transmissão a um outro. (MESLIN, 1998, p. 13).

É importante registrarmos a herança desse catolicismo chegado ao Brasil e como se espalhou pelos sertões. Sabemos que o catolicismo trazido pelos portugueses foi o catolicismo popular do fim da Idade Média. Era um catolicismo piedoso e objetivava confortar o povo em seu sofrimento. Chegava uma teologia cristã do “Cristo Expiador”<sup>20</sup>. Com esse enfoque teológico, chega o mito do “bom” Jesus, onde se exalta a conformidade do ser humano com o seu limite.

Nessa perspectiva, o exemplo do “bom” Jesus apresentava-se como um reforço à aceitação da terra como “vale de lágrimas”. O mito atingia, assim, toda a população colonial cuja vida precária foi anteriormente enfatizada. Mas o mito “falava”, com uma eloquência especial, às populações mais pobres, compostas de negros escravos, de mestiços, caboclos e indígenas, socialmente marginalizadas. Daí a enorme difusão do culto do bom Jesus na cristandade colonial. (AZZI, 1987, p. 104).

<sup>19</sup> O místico, ou xamã, ou beato são figuras importantes e centrais para populações longínquas e esquecidas. Carlos Rodrigues Brandão diz que são diversos os modos pelos quais os funcionários do religioso se separam dos homens comuns; e ser justamente um separado para os serviços do mistério ou da divindade é o primeiro atributo de todos. A religião constitui os seres humanos que a inventam e cada um deles ocupa lugares e reproduz gestos reservados.

<sup>20</sup> O termo “Cristo Expiador”, na perspectiva de Azzi se opõe ao “Cristo Libertador”. São expressões que o autor trabalha, aprofundando os conceitos a partir de duas categorias filosóficas: o mito e a ideologia.

Nessa mesma linha de pensamento, José Comblin apresenta algumas reflexões referentes ao catolicismo brasileiro. Uma delas é que “o Brasil não viveu a Idade Média com sua formação efervescente” (COMBLIN, 1966, p. 574). Nesse contexto foi se espalhando um catolicismo sem muito controle da hierarquia. A ausência de paróquia rural ajudou a disseminar um catolicismo da terra, digo nativo. Como era bastante simples e não havia vigilância hierárquica, foi-se formando algo com uma função própria, na mistura de crenças primitivas dos indígenas, dos africanos e da piedade portuguesa. Deve-se ainda levar em conta dois outros fatores importantes na formação desse catolicismo:

a) Aqui não se conheceram as heresias nem as guerras religiosas, o que dá ao catolicismo brasileiro uma certa doçura e tolerância; b) não se teve também um centro regulador e orientador do catolicismo, seja uma escola de teologia ou uma universidade para coordenar o diálogo e a reflexão. (COMBLIN, 1966, p. 578).

A religião que chega ao sertão tem componentes fortes dessa herança. Desde o seu nascedouro, vai se dando uma prática de religião misturada no Cariri cearense. Nesse sentido temos aí um terreno fértil e de poderosíssimo imaginário religioso. Está o terreno preparado para acontecimentos futuros em que se darão encontros e encantos. Muitos estarão nessa estrada como conselheiro, confessor, padrinho, guia e santo. “Do ponto de vista da geografia humana, a região do Nordeste possui a população mais fecunda do Brasil” (OLIVEIRA, 1985, p. 92).

Muitos estudiosos da religião aprofundaram as configurações do catolicismo popular na América Latina. Muitos refletiram que, além de seus conteúdos transcendentais, se recolhe tanto à identidade cultural como às múltiplas ações e reações que o processo exige. Segundo José Luís Gonzáles, é preciso perceber que os comportamentos religiosos populares na América Latina só podem ser corretamente entendidos se for levado em conta que são resultados dos seguintes fatores:

a) As ações opressivas da Conquista e da Colônia realizadas pela Espanha e por Portugal e prolongada, sob outras formas, pela ação da cultura dominante; b) A identidade das culturas ameríndias e negras, e sua firme vontade de sobreviver e se libertar da opressão; c) A ação evangelizadora da Igreja estreitamente ligada aos interesses – e às vezes aos métodos – da Conquista; d) A ação testemunhal e eficiente de pessoas e instituições eclesíásticas que, enfrentando o poder colonial, tomaram a causa da defesa dos vencidos e escravizados. (GONZÁLEZ, 1993, p. 15).

O catolicismo popular tem uma grande herança e manifesta, através de suas expressões, ações e devoções, organização mística, tradições milenares e inovações contemporâneas, intimidade, estrutura, elementos originais e traços em comum com outras heranças crentes (PEREGRINO, 2019, p. 87). E, muito particularmente, o que é vivido no Sertão do Cariri.

Considerando o que foi explanado, veremos, como exemplos de vivência desse catolicismo, figuras marcantes como o padre Ibiapina, o beato Antônio Conselheiro e o beato José Lourenço.

### **1.3.1. Padre e Mestre Ibiapina: missão criativa junto aos pobres (1806 – 1883)**

O padre José Antonio de Maria Ibiapina foi o maior missionário do Nordeste do Brasil (José Comblin)

O trabalho realizado por Ibiapina teve algo de extraordinário: fundou uma congregação religiosa de mulheres, talvez a primeira do Nordeste, a qual, a despeito de sua ilegalidade canônica, constituiria precedente importante na tentativa das futuras gerações eclesásticas do cariri (sic) para estabelecerem ordens genuinamente brasileiras. Com suas casas de caridade, difundiu, no interior, as primeiras instituições educacionais para mulheres (Ralph Della Cava)

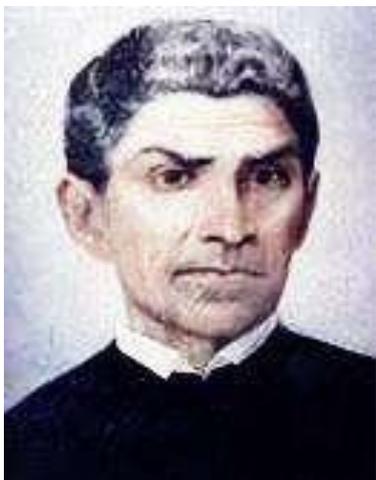
Já existem publicações formidáveis sobre a vida e obra do padre Ibiapina. Entre elas, encontramos muitos livros, dissertações e teses. Vale registrar um trabalho excepcional de Eduardo Hoornaert, intitulado “Cinco reflexões sobre o Pe. Ibiapina”<sup>21</sup>.

Padre Ibiapina nasceu em Sobral, no Ceará, em 1806, e morreu em Santa Fé, na Paraíba, em 1883. Dentro do vasto território nordestino, o padre Ibiapina andou a pé ou a cavalo milhares e milhares de quilômetros.

---

<sup>21</sup> Hoornaert, ao fazer memória do teólogo José Comblin, rememora a vida do padre Ibiapina. Vejamos: Ibiapina 01: o advogado. A vida de Ibiapina antes de 1850. Ibiapina 02: a virada. Os anos 1850-53. Uma nova decisão. Uma nova espiritualidade. Ibiapina 03: o missionário. Um novo tipo de missão. A educação popular. Ibiapina 04: intuições de Ibiapina (três viradas na vida). Ibiapina 05: literatura (os 3 estudos mais importantes). Esses trabalhos podem ser encontrados no blog: [www.eduardohoornaert.blogspot.com](http://www.eduardohoornaert.blogspot.com)

### Quadro 1 Quadro a óleo do padre Ibiapina



Fonte: Museu de Santa Fé – PB

Podemos dizer que o padre Ibiapina foi o inspirador de Conselheiro e de padre Cícero. Antônio Conselheiro escutou pregações do padre Ibiapina e padre Cícero. Como era bem informado, conheceu de perto os efeitos da missão do padre e mestre Ibiapina. A experiência vivida no Caldeirão do beato Jose Lourenço é um retrato da influência e do trabalho em mutirão, método missionário do padre Ibiapina. Segundo o depoimento do reitor do Santuário de Santa Fé, padre José Floren: “o pai do beato José Lourenço foi muito influenciado pelo padre Ibiapina. O mesmo, como morava perto, ia sempre à Santa Fé escutar as pregações do missionário”<sup>22</sup>.

O jovem Ibiapina era inquieto quanto ao que deveria seguir na vida. Foi orientado para entrar no seminário, mas logo tentou outra profissão (COMBLIN, 1993).

Está registrado que em 1828 cria-se a primeira Faculdade de Direito do Brasil e o Ibiapina é um dos primeiros matriculados. Essa faculdade funcionou no Mosteiro de São Bento de Olinda-PE. Ele saiu de lá bacharel, no final de 1832. E assim Ibiapina exerce, durante 18 anos, ofícios ligados à sua condição de Bacharel em Direito. Era um advogado brilhante. Foi sempre muito respeitado pelas suas qualidades profissionais e morais. Assumiu a defesa dos injustiçados com muita paixão. Ibiapina acreditava no direito e na justiça e botou fé nessa profissão, no sentido de defender o pobre, o pequeno, os que sofriam por não ter ninguém que os defendesse. Tinha uma firme decisão de lutar contra “a miséria em que se debatem as classes menos

---

<sup>22</sup> Entrevista realizada com o padre José Floren, no Santuário de Santa Fé do Ibiapina, município de Solânea – PB, no dia 07/07/2017.

favorecidas da fortuna, [...] milhares de infelizes órfãos, arrastando os andrajos da miséria, [...] a tiritar de fome” (HOORNAERT, 2006, p. 75).

Só que o futuro padre Ibiapina foi percebendo na própria pele o que era a sociedade em que vivia. Logo entrou em conflito com uma sociedade elitista e tradicional, em que as relações sociais tradicionais eram mais fortes do que as leis ou a justiça que se aprende nos estudos na faculdade.

Sua experiência como juiz de direito foi em 1833, na cidade de Quixeramobim (CE), onde nasceu e vivia Antônio Conselheiro. Ibiapina conhecia bem a realidade de opressão e de impunidade. Sua experiência como advogado o fez vivenciar a injustiça que reinava em todo o sertão do Nordeste.

Sabia ele, e sobre isso falava como professor, que a polícia e a justiça subordinavam-se ao poder dos grandes donos de terra; tinha consciência de que os juízes, promotores e delegados policiais não passavam de instrumentos dos chefes políticos que os nomeavam e os transferiam como bem desejavam.

Ibiapina assumiu com muito entusiasmo o seu ofício de juiz de direito. Desde a sua chegada, percorreu todas as comarcas da sua jurisdição e, depois de um mês, já mandou ao presidente da província do Ceará um relatório que continha todo um programa de reformas. Ele trabalhava a ponto de receber carta dizendo que o jovem juiz fosse menos ativo e entusiasmado (ARAÚJO, 1995).

Todo seu talento, saber e energia foram colocados a serviço dos pobres e dos humilhados. Ibiapina adquiriu a fama de ser um dos melhores juristas de sua geração (COMBLIN, 1984, p. 10). A propósito, a imprensa da época fez a seguinte matéria:

Durante muitos anos foi ele considerado, senão o primeiro, com certeza um dos mais notáveis advogados do Recife, já pelos seus conhecimentos como civilista, já pela facúndia e aptidão que revelava na tribuna criminal. Neste gênero deixou ele mais de um trabalho notável; os moços o tomavam por modelo, porque de fato havia em seu estilo alguma coisa de original, e a frase era límpida e correta. (DARTE, 2005, p. 75).

Outra experiência vivida foi como deputado federal. Foi eleito com a maior votação da sua província para a legislatura 1834-1837. No entanto, nas duas experiências vividas encontrou desilusões e dissabores. Em 1850, Ibiapina renuncia à carreira de advogado. Já tinha experimentado o fracasso na carreira de juiz e na carreira de deputado. E ainda teve o noivado desfeito. Muitas quedas em poucos anos (COMBLIN, 1984).

Tempo de deserto. Foi de 1850 a 1853 que Ibiapina viveu na solidão. Ficava em casa estudando, rezando e fazendo trabalhos domésticos. Dedicava muitas horas do dia à oração e ao estudo. Vivia em uma casa rodeada de muitas árvores. “Como lazer, dedicava muitas horas ao cultivo de um jardim e de um pomar” (ARAÚJO, 1995, p. 107).

Na sua rotina, Ibiapina recebe uma visita inesperada que vai dar um novo rumo na sua vida. Era um amigo, o Dr. Américo Magalhães. Era uma visita surpresa e com um propósito. Dr. Américo tinha conversado com amigos sacerdotes que admiravam Ibiapina e lamentavam que tantos talentos não fossem mais bem aproveitados a serviço da Igreja.

Na visita o Dr. Américo perguntou ao amigo: “O senhor nessa vida assim... Por que não se ordena padre?” Houve uma grande pausa que permitiu Ibiapina olhar no profundo horizonte das árvores, e depois respondeu: “Sr. Américo, o senhor foi mandado hoje aqui pela Providência. Saiba que meu espírito há muito luta com essa ideia, e esse é o meu maior desejo”. Acrescentou que não tinha se atrevido a falar do assunto porque temia que o achassem doido. Então, autorizou o amigo a comunicar o seu desejo ao bispo de Olinda. Dr. Américo saiu da casa do amigo feliz da vida e foi logo reunir outros amigos e falar com o bispo. Na ocasião Ibiapina estava com 46 anos. Naturalmente já estava mais que preparado para assumir tal ministério. Durante os três anos que ficou recolhido estudou profundamente os conteúdos de teologia. Tinha colocado como condição para aceitar ser padre não ter que ir estudar no seminário. O bispo aceitou prontamente porque viu em Ibiapina uma pessoa muito preparada para tal missão. Sendo assim foi ordenado sacerdote no mesmo ano. (MARIZ, 1997, p. 52).

Quando foi ordenado, Ibiapina estava com 47 anos. Considerado uma vocação tardia ao sacerdócio, mas ainda jovem para enfrentar o que lhe esperava. Até o ano 1860, Ibiapina realiza algumas tarefas que lhe foram dadas pelo bispo. Mas tinha chegado a hora de fazer algo diferente. Pediu ao bispo para ir como missionário ao sertão. Ibiapina já conhecia o sertão do seu tempo. Ele conhecia as estruturas de opressão de sua época. Quando chega ao sertão ele sente-se desafiado pela realidade que encontra. Ele vai procurar uma resposta à miséria, ao total abandono do povo do interior.

Deixa a Igreja instalada na capital pernambucana para buscar o povo de Deus perdido nesse interior que a ninguém interessa. Então, começa a sua vida de missionário. Os últimos 28 anos da sua vida vão fazer uma extraordinária carreira de missionário. (COMBLIN, 1984, p. 11).

Ibiapina se embrenhou pelos interiores do sertão, construindo açudes, os primeiros hospitais da região, casas para acolher crianças abandonadas e pessoas idosas que não tinham quem delas cuidasse, como também cemitérios em inúmeros lugares.

O missionário, percebendo o abandono das populações do interior, procura organizar mutirões para socorrer as necessidades do povo. A peregrinação do padre Ibiapina pelo interior do Nordeste durou 15 anos. Foi um tempo para desenvolver inúmeras atividades.

A pregação do padre Ibiapina apelava para o sentimento comunitário. Daí vem a colaboração, o mutirão, as ações coletivas no geral. Ibiapina alcançou rapidamente um grande prestígio pessoal. Milhares de pessoas procuravam responder ao apelo do padre e mestre, caminhando muitas léguas para se colocarem à disposição das obras da missão. Havia uma profunda identificação entre Ibiapina e o povo. A partir daí podemos compreender como o padre e mestre Ibiapina conseguia recursos para fazer as muitas construções pelo interior afora. Sem essa identificação quase mística, nunca teria podido realizar tais obras. As missões eram verdadeiras mobilizações populares livres e espontâneas.

Para o padre Ibiapina a religião devia não somente preparar para a vida após a morte, mas criar melhores condições de vida (HOORNAERT, 1981), lutando contra o que se chama hoje o pecado social ou estrutural. Padre Ibiapina procurava mobilizar as energias latentes no povo para responder às necessidades mais urgentes. O poder convocatório do padre Ibiapina estava na sua capacidade de ler a vida cotidiana do povo pobre do interior do sertão.

Sua marca mais forte foi a fundação de 22 Casas de Caridade espalhadas pelo Nordeste. Em 12 anos empreendeu essas construções, envolvendo mulheres de várias situações para socorrer os mais pobres. Quatro Casas de Caridade no sul do Ceará (no Cariri Novo), dez na Paraíba, duas no norte do Ceará, três em Pernambuco, três no Rio Grande do Norte. Um trabalho de pesquisa que não se pode deixar de consultar são as “Crônicas das Casas de Caridade”, manuscritos recolhidos por Eduardo Hoornaert (HOORNAERT, 1981).

Na prática, a educação dada nas Casas de Caridade era tão boa que muitas famílias pediram que as suas filhas pudessem também participar da formação. Dessa maneira, as escolas para órfãs foram também institutos de educação para meninas. Naquele tempo não havia nenhuma escola para moças no Nordeste inteiro, salvo no Recife e em Fortaleza. (COMBLIN, 1993, p. 31).

Segundo Comblin, o padre Ibiapina inventou um método missionário muito significativo para os nossos tempos. A evangelização não se faz somente pela administração dos sacramentos, mas também pelo exercício concreto e prático do amor ao próximo. Em 1860, Ibiapina fez missão no distrito de Gravatá do Jaburu, hoje Gravatá do Ibiapina, município de Taquaritinga do Norte - PE, onde

Pregou e fez o santo mês mariano e tomou por protetores os sagrados Corações de Jesus e Maria e começou o primeiro edifício da Caridade, ele 'abriu missão' segundo a tradição. Mas foi uma missão diferente, uma missão 'útil', no sentido de que Ibiapina aliou o trabalho espiritual (orações, sacramentos, sermões, penitências, procissões) ao trabalho material: comandou a construção de um hospital provisório e de um cemitério. Escreve a Crônica: [Ibiapina] tratou de associar obras espirituais [morais] e materiais, como [construção de] igrejas, cemitérios e açudes. (HOORNAERT, 2006, p. 73).

O processo de romanização em curso dificultou a expansão e multiplicação deste método missionário.

Os bispos da época queriam destruir as formas populares e mais ou menos carismáticas de lideranças religiosas. Quiseram destruir o papel dos conselheiros, beatos ou beatas. Queriam promover a única autoridade religiosa prevista pelo direito canônico, a autoridade dos párocos. A herança de Ibiapina fora atacada diretamente. Deixaram-na morrer sem fazer nenhum esforço para renová-la. (COMBLIN, 1993, p. 46).

De fato, os bispos não gostavam desse modo de vivenciar a religião. A pregação do padre Ibiapina era baseada no amor e na reconciliação entre todos que eram encontrados pela missão. Uma característica, ao término de cada missão, era organizar um mutirão para construir alguma obra para a melhoria de vida das pessoas do lugar: a limpa de um roçado, a construção ou reforma de uma igreja, abrir um açude, erguer um cemitério, construir uma Casa de Caridade.

Com o título: "O passado é a morte das coisas – Padre Ibiapina: ante o esquecimento, a memória em construção", o pesquisador Gilvan Gomes das Neves, escreveu:

Vale salientar que a tese central de nossa pesquisa é que uma boa parte da obra missionária do Padre Ibiapina (Casas de Caridade, hospitais, as beatas, os beatos), caiu no esquecimento, no abandono, sob a ação de um certo modelo eclesial, implantado na igreja do Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Um processo iniciado antes mesmo de sua morte, conforme atestam alguns fatos: D. Luís Antônio, bispo do Ceará, o proíbe de missionar na região do Cariri e o Padre Mestre entrega àquela Diocese a administração da Casa de Caridade edificadas nas cidades de Crato, Milagres, Barbalho e Missão Velha;

a reconstrução da sua memória se dá a partir do Sertão do Curumataú-PB, quase um século depois, nos anos setenta do século XX. (NEVES, 2019, p. 19).

O padre Ibiapina se reveste de uma grande importância para o catolicismo popular no Nordeste. Com a sua ação e testemunho, mesmo considerando o esquecimento, surgiram iniciativas levadas adiante por pessoas como os beatos Antônio Conselheiro e José Lourenço.

### **1.3.2. Canudos-BA e Caldeirão-CE: movimento de beatos e beatas como afirmação de uma Igreja de leigos**

Quando aparece Vicente Mendes Maciel, o andarilho cearense, rapidamente forma-se um elo de comunicação e empatia entre ele e os sertanejos. O pessoal forma um cortejo que passa a atravessar o sertão no compasso interminável e aparentemente negligente dos benditos e das ladainhas. O brilho interno que irradia do sisudo e solitário penitente fascina o grupo mais brincalhão, instaurando um continuado processo de negociação entre sisudez cristã e ludicidade ancestral (Eduardo Hoornaert).

Mesmo diante do corpo do Beato Lourenço, que continua vivo perante o seu povo, não vou parar de contar a origem dos mistérios que encobrem a verdade sobre o Caldeirão, seu desenvolvimento, as perseguições e demais desgraças que culminaram nos funestos acontecimentos da Santa Cruz do Deserto, desencantada violentamente pelas armas militares do Ceará. Também falarei das beneméritos e maravilhosas maneiras de como o Beato Lourenço e seus Santos-Guerreiros construíram um mundo novo e exaltaram a fé cristã nos confins do Cariri, lá nos altos pedregosos do Caldeirão dos Jesuítas (Cláudio Aguiar).

A partir de meados do século XIX, dados históricos informam que, além da proibição do tráfico negreiro, dá-se a promulgação da “Lei das Terras”<sup>23</sup> no Brasil, que transformou em mercadoria o solo agricultável nacional.

Acabou-se a escravidão (1888) e veio a República (1889), no entanto continuava a estrutura fundiária excludente, através do latifúndio. “O que interessava

---

<sup>23</sup> Lei das Terras, como ficou conhecida a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, foi a primeira iniciativa no sentido de organizar a propriedade privada no Brasil. Até então, não havia nenhum documento específico que regulamentasse a posse de terras e com as modificações sociais e econômicas pelas quais passava o país.

era manter o latifúndio, os privilégios odiosos do latifundiário” (FACÓ, 1980, p. 76). O governo da Monarquia não tomava providência para solucionar os graves problemas do Nordeste. A mudança da Monarquia para a República agravava ainda mais a situação do trabalhador e trabalhadora do campo. A República não se dispôs a tocar na distribuição das terras. Não se dispôs a mexer na estrutura fundiária existente no sertão brasileiro. E, para os nordestinos, restavam duas coisas a fazer: ficar na terra como agregados ou se tornar retirantes do destino, sem rumo algum.

É dentro desse contexto que surge a comunidade do Belo Monte (Canudos) na Bahia. Surge por causa da ineficácia do governo republicano no que se refere a dar condições para os sertanejos viverem. Tem como líder Antônio Conselheiro.

Antônio Conselheiro era conterrâneo do padre Cícero do Juazeiro, ambos eram cearenses. Só que Antônio Conselheiro nasceu antes do padre Cícero. O menino Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu na pequena cidade de Quixeramobim, na então província do Ceará, a 13 de março de 1830.

#### Quadro 2 - Antônio Conselheiro de Canudos



Fonte: IPMC – Instituto Popular Memorial de Canudos

Depois que deixou o magistério, percorreu várias localidades do interior do Ceará: Sobral, onde trabalhou como caixeiro; em Tamboril, desempenhou a função de escrivão de Juiz de Paz, e em Ipu, tornou-se advogado provisionado (também

chamado de “rábula”), ou seja, advogado sem diploma. Antônio Vicente era um homem inteligente e versátil, aprendeu fazendo, praticando, trabalhando (ARRUDA, 1993, p. 54).

Todas essas ocupações deram a Antônio Vicente a oportunidade de exercitar seus dons oratórios, de escritor e de conhecer melhor a “justiça” dos sertões, manipulada pelos ricos e poderosos fazendeiros – os “coronéis” – que a usavam contra seus adversários, principalmente contra os pobres e fracos sertanejos.

Desde o início da vida, seus pais queriam que o pequeno Antônio se preparasse para carreira sacerdotal, pois entrar para o clero era, naquela época, uma das poucas possibilidades que os pobres tinham para ascender socialmente. Mas o caminho foi outro. Depois de muitos contratempos em sua vida, vai para a estrada.

Antônio Conselheiro caminhou durante vinte anos pelos sertões nordestinos, de 1873 a 1893. Conselheiro fazia suas andanças juntando o povo para fazer mutirões no que fosse preciso. “O andarilho logo percebeu a monstruosidade das injustiças e decidiu partir ao encontro do povo sofrido (PEREGRINO, 2019, p. 143). Daí vai se firmando um movimento em torno da figura do beato.

Com a própria base da dominação senhorial caindo por terra, o camponês se vê obrigado a pagar uma renda pela terra ou, então, a vender sua força de trabalho no mercado. Um reflexo dessa realidade aparece claramente em 1893, quando, na Vila do Soure, no Nordeste baiano, seguidores do Conselheiro<sup>24</sup> despedaçaram as tábuas municipais onde figurava a cobrança de impostos estabelecidos pelas autoridades locais e que recaíam sobre as camadas mais desprotegidas, porque ninguém ousava cobrar aos grandes fazendeiros. E esse ato de rebeldia foi praticado em diversas cidades do sertão.

Diante de tal situação, o camponês reage de várias maneiras. Alguns enveredam pelo caminho do banditismo ou marginalidade social, outros optam pela migração para outras regiões, e outros ainda pelo protesto religioso. Por conseguinte,

---

<sup>24</sup> O Conselheiro vestia um camisolão azul, sem cintura. Tinha cabelos longos e barbas longas. Nos pés calçava sandálias para enfrentar o pó das estradas e, a cabeça, protegia-a do sol inclemente com um chapelão de abas largas. Nas mãos levava um cajado, como os profetas. Saudava sempre as pessoas dizendo: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. Chamava os outros “meu irmão”. Foi conhecido como Antônio dos Mares, uma certa época, e também como Irmão Antônio. Antônio Conselheiro era conterrâneo do padre Cícero do Juazeiro-CE, ambos eram cearenses. O seu nome de batismo era Antônio Vicente Mendes Maciel e nasceu na pequena cidade de Quixeramobim, na então província do Ceará, a 13 de março de 1830. Nas suas andanças futuras andou 20 anos, pelos sertões nordestino, antes de se estabilizar em Canudos-BA.

o movimento camponês de Canudos assume características de afirmação religiosa encarnada na vida. O poder da religião foi mais forte de que qualquer coisa.

A partir do ano de 1895, o Conselheiro e seus(suas) companheiros(as) enfrentam adversários desiguais. Não dispõem dos meios políticos, econômicos e sociais comuns para resistir ao poder da elite no poder. Mesmo assim, a experiência demonstra que existe um poder na margem da sociedade estabelecida, o poder da imaginação, da fé, da habilidade e da astúcia. O poder da religião; afinal de contas, a lógica emocional da religião é mais forte do que a lógica puramente racional dos poderes constituídos. Em Canudos, o poder da religião chega a desestabilizar abertamente o sistema. (HOORNAERT, 1997, p. 112).

Em 1893 foi iniciada a formação da cidade comunitária de Canudos. Os camponeses descobriram na pregação do Conselheiro um chamado. Chegavam a Canudos famílias que vendiam ou que deixavam suas pequenas propriedades, escravos, indígenas e sertanejos que corriam do sofrimento. Canudos passou a ser um lugar de acolhida para todos. Não faltava mutirão, comida e reza. Rapidamente a comunidade foi crescendo e em poucos anos se tornou uma das maiores do Nordeste. Tinha 25.000 (vinte e cinco mil) habitantes, chegando a ser a cidade maior do estado da Bahia, depois da capital Salvador (MONIZ, 2001).

A composição social de Canudos era muito heterogênea. E essa heterogeneidade que compunha a sociedade estabelecida em Canudos teve um cimento unificador no aspecto religioso (CABRAL, 2001, p. 24).

A pregação do Conselheiro insistia em dizer que a terra tem um dono só. Se a terra é dom de Deus, os camponeses podiam ocupá-las (OTTEN, 1990). Inspirados nesses preceitos divinos e nas necessidades concretas do povo, os camponeses iniciaram a ocupação das terras, até então improdutivas e abandonadas. Como afirmou o historiador:

Canudos era uma velha fazenda abandonada com palhoça de pau-a-pique, à margem do Vasa-Barris ou Iparipiranga, quando Antônio Conselheiro aí chegou em 1893. Ali os fiéis podiam construir o seu lar, sem se sujeitarem aos caprichos das autoridades policiais nem dos grandes proprietários de terra. (MONIZ, 2001, p. 43).

A historiografia que resgata o episódio de Canudos (CALASANS, 1959; MONIZ, 2001; HOORNAERT, 1997) enfatiza que Canudos era um oásis no deserto da fome brasileira. Era a prova de que o sonho encontrara lugar no meio do povo camponês.

Este movimento provocou a ira dos fazendeiros e tornou-se fonte de conflito entre os moradores de Canudos e os coronéis do Sertão nordestino.

Por isso, quando rebentou a luta armada dos habitantes de Canudos, fazendeiros, Governo, toda a imprensa das classes dominantes, republicana ou restauradora, mostraram-se mais que surpresos – alarmados. (FACÓ, 1980, p. 77).

O pavor da elite brasileira: se Canudos não fosse destruído, outros Belos Montes surgiriam pelos sertões. Os coronéis passaram, então, a criticar o uso coletivo da terra, posto em prática pelos trabalhadores, dizendo que era subversão e que Canudos devia ser combatido.

Ante o fenômeno Canudos, os senhores das classes dominantes e seus porta-vozes recusavam-se a acreditar na realidade: milhares de páreas do campo armados em defesa da própria sobrevivência, em luta, ainda que espontânea, não consciente, contra a monstruosa e secular opressão latifundiária e semifeudal, violando abertamente o mais sagrado de todos os privilégios secularmente estabelecido desde os começos da colonização europeia no Brasil – o monopólio da terra nas mãos de uma minoria a explorar a imensa maioria. Era este o mais nefando dos crimes contra a ordem dominante. (FACÓ, 1980, p. 77).

O conflito estava se armando. O governo republicano reuniu tropas e atendeu às exigências dos fazendeiros. O povo de Canudos resistiu até o fim, defendendo sua experiência, que garantia a sobrevivência e o bem-estar de todos. Venceram três batalhas, mas na quarta expedição foram aniquilados pelo exército brasileiro, que para lá enviou milhares de combatentes (MONIZ, 2001).

A luta e a resistência do povo de Canudos significam um marco na história do Brasil. O fato de Canudos ter resistido até o fim, sem se entregar, comprova o grau de convicção da comunidade de Antônio Conselheiro. O poder da fé religiosa fez aquela gente proceder daquela forma, coerentes com o que acreditavam e achavam. A fé religiosa, em Canudos, estava a serviço de uma ética baseada na justiça social e no sentimento de liberdade.

Canudos e Conselheiro passaram a ser comentados até mesmo no litoral, inclusive em cidades como Salvador, Recife e Fortaleza. Os limites territoriais dos sertões são extrapolados e seus poderes são cantados em prosas e versos, fora mesmo da região nordestina. Verso como: “Quem quiser remédio santo / lenitivo para tudo / procure Conselheiro / que está lá em Canudos” (CALASANS, 1959, p. 62).

No contexto religioso, é uma época efervescente que deu base para o aprofundamento do movimento de beatos e beatas no Brasil, sobretudo no Nordeste. Esse movimento foi mais forte na segunda metade do século XIX. A condição de beato

não era extraordinária. Como os beatos e beatas, no geral, não escreviam nada sobre sua experiência, muito pouca coisa chegou até nós.

Como vimos, o padre Ibiapina fazia missões populares pelo interior, pregando, curando, fundando confrarias para cuidar de orfanatos e escolas, estimulando o povo a construir açudes e estradas, enfim, exercendo uma atividade religiosa e social junto à população do sertão, tendo granjeado muita fama. Tudo indica que depois do padre Ibiapina, muita gente decidiu seguir seu exemplo, seja formando confrarias de beatos, seja tornando-se beato itinerante, como foi o caso de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, (ARRUDA, 1993, p. 57), que, em alguns momentos, acompanhara o missionário Ibiapina (COMBLIN, 1984).

O movimento de beatos e beatas era uma expressão de um catolicismo vivido pelo povo pobre do interior. Era, sobretudo, um modo de ser Igreja longe dos centros religiosos institucionais que, na época, foram atingidos pela romanização<sup>25</sup>. O beato ou a beata quase nunca encontrava um padre, mas ele ou ela representava uma Igreja de leigos<sup>26</sup> consagrados, a serviço dos desvalidos da sociedade ou dos “mal-aventurados”, como dizia o próprio Conselheiro.

O beato tem, normalmente, um momento de andanças constantes em sua vida. Poucas vezes a existência dos beatos foi registrada pelos historiadores, exceto em casos de grande repressão, que envolveram a força militar, agindo conjuntamente com capangas dos latifundiários, como foram os casos das comunidades rurais do Contestado, em Santa Catarina, de Canudos, no interior da Bahia, e do Caldeirão, no Cariri cearense.

O estilo beato era bastante popular e aceito no meio das populações pobres. Os beatos e beatas eram conselheiros e conselheiras nos lugares onde moravam ou faziam suas peregrinações. Hoornaert captou o sentido profundo da via peregrina quando afirma que

Entre as respostas brasileiras diante da evangelização-invasão nenhuma é mais popular que a via peregrina. Se é verdade que desde séculos se considera a ida ao mosteiro ou ao convento para aí dedicar sua vida à oração, penitência e silêncio como uma *via perfectionis*, um modo de se alcançar a perfeição, não é menos verdade que a *via peregrinationis* lhe é anterior. A ‘ida ao deserto’ antecede o mosteiro na tradição cristã e a peregrinação vem antes da formação de

<sup>25</sup> Há décadas o respeitado historiador José Oscar Beozzo afirmou que já se tornou clássico chamar-se de ‘romanização’ o processo a que foi submetida a Igreja do Brasil entre 1880 e 1920.

<sup>26</sup> Leigo é um membro da igreja católica feito pela fé e pelo batismo. Sua característica principal é viver sua fé no mundo fora dos quadros do governo da Igreja oficial. Por isso se denomina Igreja de leigos.

comunidades. A via peregrina é tão antiga no cristianismo que suas origens se confundem com a própria vida apostólica de Jesus e seus discípulos pelos caminhos da Galiléia a anunciar a Boa-Nova do Reino de Deus de aldeia em aldeia, “sem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto, mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas, e um cajado apenas” (Mc 6,8-9). (HOORNAERT, 1991, p. 102).

A experiência de Canudos é uma demonstração de um catolicismo que não se curvou diante do processo de romanização. A propósito disso, a missão feita em Canudos pelo Frei João Evangelista de Monte Marciano<sup>27</sup> mostra bem o conflito entre uma visão clericalizada e o povo leigo. Dizia o relatório final apresentado pelo missionário ao arcebispo da Bahia:

A seita político-religiosa, estabelecida e entrincheirada nos Canudos, não é só um foco de superstição e fanatismo, e um pequena cisma na igreja baiana; é, principalmente, um núcleo, na aparência desprezível, mas um tanto perigoso e funesto e ousada resistência e hostilidade ao governo constituído do país. (ARRUDA, 1993, p. 170).

Há claramente um conflito entre o catolicismo magisterial (doutrinal) e o catolicismo vivido pelo povo pobre do Sertão baiano.

É provável que o Deus que levaram aos rebeldes não atendesse às misérias dos sertanejos. Era o Deus das autoridades que os frades proclamavam, e não o do povo ignorado e desatendido [...] O Deus que levarão, por sua vez, Ibiapina e Antônio Conselheiro atende ao povo e é atendido pelo povo do sertão, mas causará irritação e a reação das autoridades. (OTTEN, 1990, p. 265).

A posição da Igreja Católica frente a Canudos revela as diversas tentativas daquela de deslegitimar a pregação de Antônio Conselheiro, ao mesmo tempo em que incentivava o clero<sup>28</sup> a competir com ele através da mesma arma.

Chegando ao nosso conhecimento, que pelas freguesias do centro deste arcebispado, anda um indivíduo denominado Antônio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúne para ouvi-lo, doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida com que está perturbando as consciências e enfraquecendo não pouco a autoridade dos párocos destes lugares, ordenamos a V. Rev.ma., que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos Paroquianos que lhes proibimos absolutamente, de se reunirem para

<sup>27</sup> A pedido do governador Rodrigues Lima, o Arcebispo D. Jerônimo Tomé envia uma missão de frades capuchinhos ao Belo Monte para tentar por meio persuasivo a dissolução do povoado. O chefe da missão Frei João Evangelista de Monte Marciano, contou em minucioso relatório o malogro de sua tarefa nada cristã, no mês de maio de 1895.

<sup>28</sup> Vale salientar que havia alguns clérigos simpatizantes de Antônio Conselheiro e seu movimento. Em 4 de junho de 1883, período ainda distante da fixação de Canudos, um vigário do sertão, padre Antônio Porfírio declarou ao monsenhor Santos Pereira que recebera o Conselheiro em sua freguesia, dizendo que tendo procurado ouvi-lo para conhecer a doutrina por ele anunciada nada encontrara de ofensivo a religião antes pelo contrário as suas explicações não são mais do que a verdadeira lei de Deus.

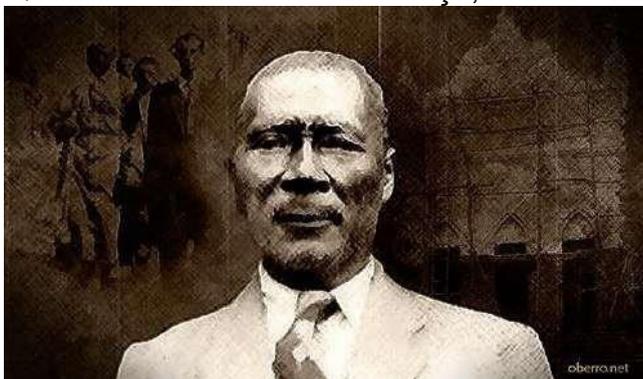
ouvir tal pregação, visto como, competindo na Igreja Católica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular quem quer que ele seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem a autoridade para exercê-la. Entretanto, sirva isto para excitar cada vez mais o zelo de V. Rev.ma. no exercício do ministério da pregação, a fim de que os seus paroquianos, suficientemente instruídos não se deixem levar por todo o vento de doutrina. (CUNHA, 1987, p. 117)

A experiência de fé vivida em Canudos tem uma aproximação profunda com a experiência do Caldeirão do beato José Lourenço – CE. Ambas eram comunidades camponesas sertanejas. Fundadas e animadas pelo mesmo espírito: “ora et labora” (oração e trabalho). Ambas foram ignoradas pelos hierarcas da época. Se a Igreja Católica tivesse tomado outra posição em relação a essas comunidades, Canudos e Caldeirão, o futuro delas, com certeza, seria diferente.

A comunidade do Caldeirão<sup>29</sup>, como Canudos, foi fundada por um beato, o beato José Lourenço<sup>30</sup>. “Natural da Paraíba, chegou ao Juazeiro em 1890, contando apenas 20 anos, quando ainda existia a beata Maria de Araújo” (SOBREIRA, 2011, p. 166).

José Lourenço, conforme já disse no começo desse trabalho, é natural da Paraíba e de cor preta. Conta sessenta e quatro anos de idade, mas é forte e desempenado como um atleta. Sua carapinha conserva-se ainda completamente preta, aparecendo encanecidas apenas algumas farripas da barba, espalhadas pelo rosto liso e lúcido, como o de um jovem. (SOBREIRA, 2011, p. 172).

### Quadro 3 - Beato José Lourenço, líder do Caldeirão



Fonte: Acervo do Centro de Psicologia da Religião

<sup>29</sup> O nome Caldeirão está ligado ao fato de haver nessas terras uma grande quantidade de caldeirões de pedra que conservam a água na estiagem. O Caldeirão está situado no município do Crato, na Região do Cariri, no Estado do Ceará.

<sup>30</sup> Zé Lourenço era Paraibano e tinha um trabalho de pecuária. Amansava animais, burros e cavalos, cuidando deles, vindo daí sua preferência e seu amor pelos animais, durante toda a sua vida. Zé Lourenço chega a Juazeiro do Pe. Cícero em romaria, no final do século XIX, quando tinham acontecido os milagres com a Beata Maria de Araújo. Zé Lourenço chega a Juazeiro com uma certeza: instalar-se no Juazeiro do “meu padrinho”. Ele era jovem, forte e de boa estatura, seria um bom trabalhador. Logo procurou o Pe. Cícero para conseguir uma terra para ali se fixar com sua família.

O padre Cícero Romão indica as terras do Caldeirão<sup>31</sup> para o beato José Lourenço. Lá ele deveria se instalar. O caldeirão fica situado nas encostas da Chapada do Araripe, distante vinte quilômetros da cidade do Crato. Devido a sua localização, o terreno é beneficiado pelo húmus fertilizante que desce da Chapada com as águas das chuvas. Essas águas formam pequenos riachos que irrigam as terras e se acumulam nos caldeirões de pedra.

José Lourenço da Silva chega da Paraíba ao Juazeiro em fins do século XIX, em busca de melhores condições de vida, atraído pela fama do padre Cícero Romão Batista. O nome de beato lhe é devido pelo fato de ele ter participado de algum grupo de penitentes existentes na região. No Juazeiro, o beato não demorou muito a ser acolhido pelo padre Cícero, que logo o encaminhou com várias famílias para a propriedade chamada sítio Baixa Danta. A disposição do beato, juntamente com a mobilização daquelas famílias, tornou o sítio um oásis no sertão. Toda organização era para, primeiramente, suprir as necessidades da comunidade.

Alguns hectares de terra, até então árido e encapoeirada, transformava-se num belo pomar frutejando, em pleno desenvolvimento, plantados em ordem, alguns milhares de laranjeiras, mangueiras, limeiras, coqueiros, limoeiros, abacateiros, mamoeiros, bananeiras e cafeeiros ao lado de uma bem cuidada de algodão e outras diferentes qualidades de plantas e hortaliças. Só de carás o beato reuniu 16 a 18 espécies. (CARIRY, 1982, p. 159).

Quando José Lourenço chegou ao Caldeirão com algumas famílias que o acompanhavam, não havia benfeitoria, só mata. José Lourenço deu início às atividades de desbravamento da terra, mediante um trabalho árduo. E seguia a vida normal de comunidade. Como líder, ele distribuía tarefas, dava conselho e ensinava a prática rudimentar da agricultura e medicina popular. Um contemporâneo do beato, o padre Azarias Sobreira, assim se expressa:

Com a fama de sua prosperidade e do seu inesgotável espírito de caridade, sua moradia começou a cercar-se de numerosas famílias pobres e a encher-se de órfãos o seu próprio lar, começando ele a gastar, com raro desprendimento, o produto de seu ingente esforço, com essa gente que passou a constituir sua família. Durante alguns lustros, ele viveu serenamente em Baixa Danta, sem ser incomodado nesse derrame humanitário de benefícios. (SOBREIRA, 2011, p. 167).

---

<sup>31</sup> “Caldeirão dos Jesuítas tira seu nome do fato de ali haver um grande caldeirão de pedra que conserva água durante grandes estios, e de terem vivido ocultos ali, em épocas remotas, dois jesuítas. No Caldeirão, só resta uma capela e três casas de pau-a-pique perdidas no meio do mato. O clero do Crato, com raras exceções, evita em falar no Caldeirão e no beato Zé Lourenço.

A comunidade do Caldeirão aumentava na medida que a experiência beneficiava a todos. Chegavam ao Caldeirão famílias retirantes ou que deixavam suas pequenas propriedades, ex-escravos, indígenas e sertanejos que corriam do sofrimento. “Em 1934, o Caldeirão contava com uma população de aproximadamente 9.000 pessoas; 3.000 fixas e 6.000 flutuantes” (MOURA, 1995, p. 39). A comunidade do Caldeirão era vista como um perigo para o Estado e para a Ordem, e por isso foi logo chamada de “Nova Canudos”.

Com a diversificação dos trabalhos, havia um envolvimento da população nas atividades coletivas e isso levou a comunidade do Caldeirão a prosperar.

As famílias recebiam uma ‘comissão’ de arroz, feijão, rapadura, café, açúcar, carne, leite, batata, macaxeira e milho para o consumo da semana. As mulheres também trabalhavam no plantio, na limpa, na colheita, na alimentação dos animais domésticos, na confecção de tecidos e na modelagem de barro. (CARIRY, 1982, p. 161).

Como em Canudos, a comunidade do Caldeirão plasmou uma vivência do religioso a partir da busca de alternativas para a realidade adversa das primeiras décadas do século XX. Vivia-se um sistema de cooperação no trabalho, em que todos partilhavam das tarefas e dos benefícios. As formas de produção agrícola do Caldeirão eram uma forma alternativa dentro das condições sociais do Brasil e particularmente do Nordeste. Na observação de um estudioso, fica claro que:

As fotografias conhecidas da comunidade de Zé Lourenço mostram fisionomias (...) de pessoas bem alimentadas e de aparência melhor que a do nordestino do interior, e distinguem-se belos rostos de mulher. Evidentemente não passavam fome. (FACÓ, 1980, p. 200).

O catolicismo vivido era expressão de uma vida assumida em torno da liderança do beato. As tarefas diárias começavam ao raiar do dia com uma procissão, tendo o Beato à frente carregando a Santa Cruz; iam pelos caminhos cantando benditos e rezando. Depois cada um partia para suas tarefas diárias: roçado, manufaturas, engenho de rapadura, hortas, pomares e construções. Isso tudo se deve ao cimento unificador da experiência do Cadeirão: a religião.

A capela do Caldeirão nunca foi reconhecida pela paróquia de Nossa Senhora da Penha da Diocese do Crato. A diocese procurava ignorar a existência da Capela, evitando mandar um padre para benzê-la e realizar os serviços religiosos, orientando e prestando assistência religiosa ao povo que lá vivia. O beato mandou uma carta pedindo ao vigário da paróquia, Monsenhor Assis Feitosa, para benzer a Capela. Não foi dada resposta ao pedido do beato. Com isso, aquele povo foi colocado cada vez mais à margem da Igreja oficial. As autoridades da

Igreja desejavam evitar as seguidas romarias ao Juazeiro e, por extensão, ao caldeirão, que cresciam dia a dia. (MAIA, 1992, p. 26).

A expressão do catolicismo beato era de diálogo com o catolicismo clerical, como vemos na atitude, por parte dos beatos Antônio Conselheiro e Zé Lourenço, em relação aos padres e a doutrina católica. Só que esse diálogo ficava sempre unilateral. Os beatos não faziam a ruptura. Nesse ponto, a criatividade das expressões religiosas do catolicismo vivido era ao mesmo tempo aculturada<sup>32</sup> e aculturadora.

E não se juntavam porque são dois mundos muito diferentes. São concepções e motivações diferentes. A nível sócio-econômico-eclesiológico se chocam os interesses. Pois a Igreja é uma força social geradora de práticas as mais diversas. Existe uma distinção clara entre a 'Igreja dos padres' e a 'Igreja dos beatos e beatas'. Com essa distinção se tem uma linha divisória clara entre essas duas expressões de Igreja. Existem outras tantas experiências eclesiais que emergem do catolicismo. O catolicismo tem que ser interpretado a partir das forças muitas vezes contraditórias nele existentes e não apenas a partir de sua aparente tranquilidade organizacional.

O historiador Eduardo Hoornaert, escrevendo acerca da "Via peregrina", destaca cinco linhas que configuram o tipo de experiência levada a cabo pelo beato José Lourenço.<sup>33</sup> Esses cinco aspectos fazem parte de uma visão de mundo, de uma linguagem própria dentro do seu contexto. Avolumava-se no beato uma clareza que a sua religião pedia para transformar as miseráveis condições em que viviam num mundo de paz, trabalho e dignidade. Vejamos:

1<sup>a</sup>. O radicalismo itinerante. O beato não queria nada para si, pois as andanças pelo mundo são uma forma de trabalhar, a mais importante, a mais urgente.

Mas uma decorrência da itinerância dos beatos que me parece clara é a lucidez. A experiência da penúria e marginalização que são inerentes à peregrinação é fonte de lucidez. Longe de mim a imagem de um beato ignorante e leso. A situação de pobreza e miséria e o contato contínuo com os marginalizados e desclassificados, longe de ser origem de ignorância e atraso cultural, são fontes de um saber profundamente

---

<sup>32</sup> Aculturação é um processo de alteração cultural de uma pessoa, grupo ou sociedade que busca se adaptar a outra cultura ou retira dela aspectos importantes. Um exemplo é quando alguém passa a possuir a cultura da sociedade em que está inserida. Num estudo de aculturação são da maior valia as colocações de Darcy Ribeiro. É deste autor a expressão 'transfiguração étnica' e que expressa muito bem o processo lento, mas irreversível, de absorção das populações indígenas pela sociedade nacional brasileira. A absorção esta que caminha inexoravelmente e à revelia dos poderes públicos, em face dos interesses das populações indígenas que entram em contato com representantes da sociedade nacional.

<sup>33</sup> Diversos trabalhos sobre o tema podem ser encontrados no próprio blog de Eduardo Hoornaert: <http://eduardohoornaert.blogspot.com/>

humano e rico em perspectivas para toda a humanidade, não apenas para os pobres. (HOORNAERT, 1989, p. 5).

2ª. O radicalismo do celibato. Os mais próximos ao beato dão testemunho da sua dignidade nesse sentido. O beato era muito respeitador e não aceitava nenhum tipo de “imoralidade”. Nesse sentido:

Os beatos, no fundo, pertencem à corrente encratista, que desde cedo influenciou o cristianismo e sustenta que a vida sexual não faz parte da *via perfectionis* mas atrapalha a santidade. Vida sexual e perfeição cristã não andam de mãos juntas. Por mais que o cristianismo dos inícios lutasse contra a influência do encratismo – especificamente através dos concílios do século quatro – e apresentasse argumentos em contrário, este não deixou de impor-se e dominar a visão que se tem da santidade. (HOORNAERT, 1991, p. 108).

3ª. O zelo pela casa de Deus. Os beatos não questionam a doutrina católica como tal, eles são super-ortodoxos, mas o que eles questionam é o abuso da religião para fins não propriamente religiosos. O culto católico passa a ser central.

O zelo pela casa de Deus se manifesta em primeiro lugar no esforço que o beato faz em tirar esmola para a igreja. O beato é um primeiro lugar um esmoler. Mas muitos vão além e passam a construir capelas ou mesmo igrejas, com a ajuda do mutirão popular, ou reconstruir edifícios religiosos decaídos ou sem teto, ou ainda refazer muros de cemitérios ou outras construções menos explicitamente religiosas como tanques de água, ou barragens no sertão seco, ou canais de irrigação. (HOORNAERT, 1991, p. 109).

4ª. A questão da violência e da não-violência. No Caldeirão não se estimulava ou praticava a violência. O próprio beato não aceitava a violência de nenhuma parte, era não-violento por vida.

As mentiras sobre o Caldeirão foram tantas que se chegou à acusação de haver no Caldeirão um depósito onde estavam guardadas armas: o que a polícia encontrou foi um bom sortimento de utensílios agrícolas (CORDEIRO, 2004, p. 111).

A resposta dada pelas comunidades beatas diante das contradições da sociedade e da marginalidade entrava normalmente na linha do trabalho. Foi pelo trabalho honesto que muitos beatos enfrentavam as dificuldades, congregavam em torno de si uma comunidade e evitavam ficar no pedestal acida dos demais membros da comunidade. (HOORNAERT, 1991, p. 110).

5ª. A formação da comunidade. A mensagem solidária e fraterna do beato congregava muitas pessoas em torno de si. Também fazer parte da “irmandade da

Santa Cruz<sup>34</sup> significa que se acreditava nela como ponto convergente de milagres e salvação. Caldeirão é o lugar de uma esperança presente no Cariri cearense. Como era o Juazeiro, passa a ser o refúgio dos náufragos da vida.

O elo que unia os camponeses não era no fundo outro do que o espírito de fraternidade e solidariedade, o entusiasmo de realizar algo em comum e em benefício de todos, a própria experiência fraternal, e nem sempre a motivação religiosa. Nem todos os seguidores dos beatos eram virtualmente beatos ou tinham uma vocação de beatice. Mas todos viam na comunidade articulada em torno do beato um projeto novo, de dignificação e identificação de marginalizados e desclassificados. (HOORNAERT, 1991, p. 111).

Essas cinco dimensões da vida beata nos colocam profundamente dentro de um catolicismo que foi sendo tecido nos sertões nordestino. A vida dedicada à religião se ligava à vida concreta do cotidiano dos pobres. Há claramente uma relação entre santidade e práxis do evangelho. A experiência plasmada no caldeirão evidencia uma ligação entre o trabalho, o respeito pela pessoa humana, a proteção aos que sofrem, a igualdade, a ausência da fome, o desprendimento de dinheiro, a humildade, traços de um catolicismo vivido. Luitgarde Oliveira colheu o depoimento que segue de uma sobrevivente do Caldeirão, que conviveu com o beato:

Aquele homem era um santo! Ói minha gente, ele não era homem de ambição desse mundo! Ninguém nunca viu ele mangá do mais pobre, ter ganância de dinheiro, botar a mão no alheio, desgraçá u'a moça, levantá a língua contra um filho de Deus, mostrá u'a malquerença; não senhora!!! Era um homem do trabalho dele e da reza. Sem orgulho. Ninguém se valia dele que não tivesse um auxílio. Chegava aquele povo pobrezinho do mei do mundo, aquele bando de inocentes, tudo chorando, aquele fim de mundo! E ele ali manso, ajuda um, ajuda ôtro, tratava logo de arrancar tudo, mandava levantar uma casa, botava logo os mais sadio no trabalho. Aquilo era uma beleza de Deus! Ali ninguém passava fome; não senhora! Era tudo irmão. Tudo trabalhando junto, rezando junto, ali era uma beleza! As mulé ou na roça ou fazendo pano, ou costurando, ou cuidando da casa, tudo vestida direita, no procedimento. Qualquer coisa que acontecia corria aonde tava o Beato e ele resolvia. Era o céu! Eita povo bom! Era tanto do homem na roça, os paió tudo cheio, uma fartura que fazia gosta. Ói, ali era igual, não sei não; a bondade do mundo todo, não sabe? Um orde, todo mundo obedecendo, era uma beleza! E de noite na igreja? Todo mundo lá rezando, mulé, menino de braço, o povo todo. E o beato dando valia a um, valia a outro, conselho a um, conselho a outro, e mandando o povo rezá; rezá e trabalhar! Ói, eu não sei como era uma coisa daquela. O povo levava pra ele tudo de bom e de

---

<sup>34</sup> No paralelo entre o dizer de uns e de outros informantes que têm visões de fora e de dentro das comunidades, acham-se falas opostas sobre a origem e o significado da 'Santa Cruz'. A Origem da 'Santa Cruz' como uma 'Irmandade' se dá nos relatos sobre o Caldeirão como uma comunidade.

melhor. Uma louça tão boa, tudo tão bonito! E ele ali tão humilde, com aquela roupinha de beato; manso!!! Só queria sabe de fazê o bem. Era um homem sem vaidade. Aquilo ali, tudo que colhiam era guardado tudo. Depois ele dividia: tirava o que dar de comê aquele povão todo, separava pras obras de caridade, e aí mandava o resto pra feira. Ele não era um pecado como nós. Dava gosto conversá com ele: minha mãe gostava muito dele e dizia: minha filha esse homem é um santo!! E olhe, um dia desse veio aqui u'a moça e me contou que alcançou uma graça numa promessa que fez com ele. Nem me lembro mais qual foi, mas ele está obrando milagre! Ele era muito bom! Então com esse povinho miúdo! Ele amparava muita gente: viúva, menino órfão, aqueles véio, doente, ói, era tanta gente, se eu for conta!!! (BARROS, 2014, p. 186).

O Caldeirão foi uma experiência que deu certo<sup>35</sup>. É de se imaginar que nem o beato, nem os moradores do Caldeirão tinham uma ideia homogênea a respeito do seu significado. Enquanto, para uns, o Caldeirão é um lugar de penitência e oração; para outros, é um lugar de muita organização, muita disciplina e trabalho.

Muitos estudiosos fizeram referência ao Caldeirão. Alguns cometeram equívocos em suas análises. Uma delas é nominar a experiência do Caldeirão como movimento messiânico. A pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>36</sup> e seu mestre, o pesquisador francês Roger Bastide, consideram o Caldeirão como movimento messiânico, ou seja, que fundamenta sua existência na espera e na chegada de um redentor que instaurará uma nova ordem social de justiça e de felicidade. “Roger Bastide até se refere ao Caldeirão como Messianismo malgrado do Beato José Lourenço” (MOURA, 1995, p. 44).

Parece-me claro que, para Maria Isaura Pereira de Queiroz, é necessário considerar os movimentos messiânicos a partir da situação social em que se originam. Ela faz uma descrição do messianismo nos seguintes termos:

Os movimentos messiânicos existem quando há a instalação de uma situação colonial, que força comunidades nativas independentes a entrarem em relações de dominação e de subordinação com uma sociedade branca colocada em nível superior, situação que redundava para aquelas em: a) perda da possibilidade de criarem ou de seguirem

<sup>35</sup> Em 1936 e 1937 a comunidade do Caldeirão foi destruída em consequência de duas expedições por parte da “força”. Destruíram toda plantação e mataram muitos camponeses, assim foi o assalto que exterminou o Caldeirão. O tenente José Góis de Campos Barros foi o comandante do assalto ao Caldeirão em 1936, mesmo assim não deixou de expressar sua admiração no que vira na comunidade que, segundo ele, reinava ali uma disciplina e uma ordem rígida. É um testemunho como a comunidade do Caldeirão foi edificante. Significou um espetáculo de organização e rendimento do trabalho.

<sup>36</sup> A boa tradição das Ciências Sociais nos faz ver que não é possível descrever os movimentos populares sem ouvir os próprios participantes destes movimentos. A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz em 1965 arrolou uma dezena de movimentos populares sob a denominação comum de “movimentos messiânicos rústicos”. A pesquisa científica nos faz ver que a vida do povo exige uma abordagem metodológica sempre mais exigente.

seus próprios padrões de comportamento; b) obrigação de seguirem padrões de comportamento formulados dentro de uma estrutura social inteiramente diversa. Isto é, perda da autonomia mais fundamental. (QUEIROZ, 2003, p. 84).

O beato José Lourenço, como tantos outros beatos e beatas no Brasil, tinham um segredo: assumir profundamente o compromisso com a cotidianidade da vida de seu povo, de sua comunidade e dar uma resposta concreta aos gritos de vida mais digna para todos. O caso do beato José Lourenço é bem ilustrativo. Ele não se proclama messias, ele não faz mais que continuar o movimento do padre Cícero Romão Batista.

Como já vimos, na experiência de Canudos houve intermediação da Igreja, mas no Caldeirão não. A Igreja aceitou a tese de que o Caldeirão se constituía em um foco comunista que colocava em “perigo” a sociedade e “lavou as mãos”. E assim o massacre foi feito ao Caldeirão.

Na realidade, a experiência vivida pelos beatos, com destaque para Antônio Conselheiro (Canudos) e José Lourenço (Caldeirão), revela líderes absolutamente normais e gente forjada no sofrimento e na labuta junto ao seu povo. Na leitura que se fez de Canudos e Caldeirão, há claramente um reflexo das lentes do discurso oficial. Passaram por relatórios policiais, escritos a partir da visão do invasor, em que predominam preconceitos de todos os modelos ao pintar a figura do beato como lunático.

Decorre, dessa visão, uma compreensão distorcida da realidade. Criou-se uma leitura em que messianismo, fanatismo e jagunço faziam parte de uma única compreensão. Segundo Facó, essas experiências beatas cometeram um crime capital: “tudo ali lhes era comum, todos os bens que produziam. Como violar impunemente as leis da propriedade privada burguês-feudal?” (FACÓ, 1980, p. 203).

Na rica linguagem poética de Patativa do Assaré, as experiências de Canudos e de Caldeirão são retratadas com muita grandiosidade:

Sempre digo julgo e penso  
Que o beato Zé Lourenço Foi  
o líder brasileiro  
Que fez os mesmos estudos Do  
grande herói de Canudos  
Antônio Conselheiro.

Tiveram o mesmo sonho De  
um horizonte risonho Dentro  
da mesma intenção

Criando um sistema novo  
 Para defender o povo  
 Da maldita escravidão.  
 (CORDEIRO, 2004, p. 200).

Hoje o padre Ibiapina, o beato Antônio Conselheiro e o beato José Lourenço<sup>37</sup> são tomados como signos de resistência e exemplos de afirmação de uma humanidade liberta. Essas experiências são ricas em humanidade e espiritualidade, em sabedoria popular. O imaginário plasma uma visão de mundo que se traduz em saberes locais. Segundo Peter Berger, toda sociedade fornece aos seus membros um corpo de “saber”:

Partilhar da sociedade é partilhar do seu ‘saber’, ou seja, co-habitar o seu *nomos*. O indivíduo se apropria dele tornando-o sua própria ordenação subjetiva da experiência. É em virtude dessa apropriação que o indivíduo pode “dar sentido” à sua própria biografia. Os elementos discrepantes da sua vida passada são ordenados em termos do que ele “sabe objetivamente” sobre a sua própria condição e a dos outros. Sua contínua experiência se integra na mesma ordem (...) viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. (BERGER, 1985, p. 34).

Nessa mesma linha de abordagem, Geertz faz uma metáfora sobre a noção de saberes locais, valendo-se de um provérbio africano que diz: “a sabedoria vem de um monte de formigas” (GEERTZ, 1978) A partir de um ambiente hostil, essas figuras místicas assentam sua pregação na Bíblia, enfocando fortemente a sociabilidade. As figuras bíblicas servem de inspiração para fortalecer a comunidade. Como na Bíblia, os sertanejos também vivem em um ambiente adverso, enfrentando longos períodos de estiagem e o flagelo da escassez e da fome.

O segredo da exitosa experiência vivida pelos beatos e beatas é “se organizar de maneira bastante eficiente e produtiva, tendo sentimentos morais como referência para a criação de sua socia(bi)lidade” (CAMPOS, 2013, p, 124). Essa sociabilidade se reflete na disposição de acolhimento dos que chegam, como também da solidariedade permanente aos necessitados. Temos aí um campo fértil para a vivência do

---

<sup>37</sup> A cada ano, na terceira semana de fevereiro, dia 19, celebra-se a grande Romaria do padre Ibiapina em Santa Fé, município de Solânea – PB. Todo primeiro final de semana de outubro celebra-se a grande Romaria de Canudos – BA. Acontece um tríduo da sexta-feira ao domingo. O evento compõe-se de várias atividades: mesa redonda, debates, exposições, noite cultural. O ponto alto é a celebração da romaria que acontece no domingo pela manhã. Tornou-se uma tradição, no terceiro final de semana do mês de setembro, a realização da “Romaria do Caldeirão do Beato Zé Lourenço”. Essa romaria é organizada por setores da igreja católica e movimento populares do Sertão do Cariri.

catolicismo popular, de modo que a participação na romaria e peregrinação pode significar a afirmação do novo, através de uma volta criativa à tradição.

Assim, no capítulo a seguir, situaremos, a partir da história do Juazeiro do Norte e do padre Cícero Romão Batista, as manifestações ocorridas, num ambiente marcado pela tensão entre hierarquia eclesiástica e as crenças e práticas dos fiéis.

## CAPÍTULO II: A HISTÓRIA TUMULTUADA DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

Depois que o Padre Cícero Romão morreu (1934) a cidade que ele fundou não para de crescer. Parte desse crescimento deve ser creditado aos romeiros que continuaram visitando Juazeiro, atendendo assim ao seu pedido, expresso no testamento (Daniel Walker).

A canonização do padre Cícero não acrescenta nada às curas, graças e consolos que o povo recebe de seu Padim. Mas o povo quer partilhar as suas graças recebidas com toda a Igreja em busca de sua conversão pastoral. O primeiro milagre de Juazeiro do Norte aconteceu na hora da comunhão, da eucaristia, da ação de graças (Paulo Suss).

### 2.1 Introdução

A figura de padre Cícero Romão tem impactos diretos na realidade cultural, política, social e econômica na região do Cariri cearense. A sociedade brasileira, na segunda metade do século XIX, passava por progressivas e rápidas mudanças.

No primeiro capítulo, vimos que, durante mais de três séculos, o Brasil conservou praticamente inalterada sua estrutura econômica e social. Mostramos que a colonização portuguesa foi um duplo processo de desestruturação do modo de produção indígena e de estruturação de uma formação social baseada na grande produção de mercadorias agrícolas para exportação. O regime social dos engenhos e fazendas familiares aos poucos é que foi se tornando empresarial: o domínio do poder senhorial não desaparece de uma hora para outra, mas vai se instaurando um novo poder, o capitalismo agrário.

O panorama religioso do século XIX foi marcado pela contradição institucional do catolicismo: só entenderemos o que significou o processo de romanização<sup>1</sup> se

---

<sup>1</sup> O termo romanização foi criado pelo padre e historiador “alemão” Johann Joseph Ignatz Von Döllinger (1799-1890). A obra em que usa o conceito em análise foi traduzida e prefaciada por Rui Barbosa sob o título de O Papa e o Concílio, em 1877. Von Döllinger, que publicou o livro em 1869 e foi excomungado em 1871, no bojo das deliberações do Vaticano I (1869-70), com o pseudônimo Janus, opunha-se ao processo de expansão do poder centralizador da Cúria Romana e do dogma da infalibilidade papal: eis aí, provavelmente, a razão para a tradução do livro da parte de Rui Barbosa que também desconfiava das novas articulações da Santa Sé. Por outro lado, mais tarde, Rui, que teve uma experiência em loja maçônica durante a juventude, afirmou ter traduzido o livro e escrito o prefácio a mando de Joaquim

olharmos não como um fenômeno isolado, mas como um processo de mudanças religiosas inscritas num processo mais amplo de transformações estruturais. A propósito, há consenso entre os historiadores quanto à afirmação de ser a segunda metade do século XIX, período do processo de romanização e gênese da história do Juazeiro do Norte – CE, o período de mais profundas mudanças na economia brasileira.

Inicia-se a reforma católica. Ela indica um período de profundas mudanças no catolicismo praticado no Brasil, principalmente, mas não só, em seu aspecto institucional. Apontaria para uma inserção da estrutura hierárquica da Igreja Católica do Brasil na estrutura burocrática da Santa Sé. Essa inflexão levaria a uma clericalização<sup>2</sup> e sacramentalização<sup>3</sup> das práticas religiosas do catolicismo no Brasil,

---

Saldanha Marinho (1816- 1895), importante maçom baiano, sob a promessa de receber 50 contos de réis. Não recebeu o dinheiro e teve vários dissabores políticos por conta do livro e de outras manifestações anti-ultramontanas. No que nos interessa aqui, urge salientar que o termo romanização surge, assim, em meio a um conflito envolvendo ultramontanos e “liberais”. Eduardo Hoornaert afirma que podemos com toda a razão falar de uma romanização, já que o período anterior (1500 – 1808) não é romano, senão indiretamente, e que Roma foi a primeira instituição a aproveitar amplamente das novas facilidades de comunicação entre a Europa e o Brasil: navios a vapor, correio mais rápido e mais seguro. Daí proveio o estabelecimento de uma nunciatura no Brasil, com grandes consequências para a instituição. Nesta mesma linha Riolando Azzi, em 1974, publicou um artigo sobre o movimento de reforma no Brasil do século XIX considerando, a reflexão de Comblin (que escrevera sobre a Teologia da Revolução em 1970), a questão da europeização do catolicismo brasileiro desde a expressão “movimento romanista”. Para Azzi, “durante os séculos XVIII e XIX os católicos da Europa se cindiam em dois grupos: os chamados católicos regalistas, galicanos ou jansenistas, que defendiam os interesses de uma igreja mais vinculada à sua nação, sob certa dependência do poder civil e com um cunho de ação marcadamente político, e os designados como católicos “romanos ou ultramontanos” que apregoavam uma adesão incondicional ao papa, dentro de uma Igreja de caráter universal, mas sob a orientação exclusiva da Santa Sé. No Brasil, a vinculação com Roma fora muito débil no período colonial, pela forma que a Igreja assumiu dentro do regime de Padroado. Mas a partir do século passado, especialmente por influência do novo espírito trazido pelos lazaristas, a Igreja do Brasil passa a proclamar sua adesão total ao Papa, tentando desvincular-se das poderosas malhas do padroado imperial. Esse cunho romanista que marca a renovação católica, representa uma opção consciente dos bispos reformadores.

<sup>2</sup> O clericalismo está ligado a um sentido de direito, superioridade, exclusão e abuso de poder. Desde o cristianismo primitivo, o apóstolo Paulo lista várias maneiras pelas quais os membros se ajudavam mutuamente em sua Carta aos Coríntios. Membros diferentes tinham diferentes talentos que usavam para servir a comunidade. Consideravelmente cedo, esses talentos foram formalizados como ministérios. A palavra latina para designar ou dirigir é “*ordinare*”. Os anciãos (presbíteros) da comunidade cristã primitiva surgiram como líderes em linhas semelhantes à sinagoga. Presidir a Eucaristia se tornou reservado a eles. Com o tempo, esse papel se tornou sacralizado; e sua designação (ou ordenação) rotineira, uma consagração. O padre já não era mais apenas o mais velho: era uma pessoa sagrada. O preço pago pelo clero foi o orgulho, a arrogância e uma presunção de direito, o que fez deles uma casta que dominou em vez de servir - que forçou em vez de liderar. Isso criou duas classes de cristãos. Essa tendência vem até os dias atuais. Nos dias atuais, o Papa Francisco tem feito um verdadeiro combate ao clericalismo. Percebemos que para que haja uma mudança na postura do clero é necessária uma conversão de coração, do poder para o serviço. Mudar o estilo de vida e currículo dos seminários para que eles deixem de ser academias do clericalismo. O clericalismo é uma doença e, para o bem da sociedade, tem que ser cuidada.

<sup>3</sup> O termo sacramentalização foi usado nos meios eclesiais, em grande medida nas três últimas décadas do século XX, para indicar um trabalho missionário onde o forte era a administração dos sacramentos.

sem precedentes, em substituição ao caráter laico, festeiro e devocional do catolicismo praticado.

A reforma pretendeu transformar o catolicismo luso-brasileiro em catolicismo romano através da implantação do Concílio de Trento no Brasil<sup>4</sup>. Com o clero reformado, puderam aumentar o número de dioceses e paróquias, reformar as tradições, as práticas e os costumes do catolicismo romano.

Neste capítulo, procuraremos abordar como se deu a realidade da chamada romanização do catolicismo e também fazer a contextualização do padre Cícero Romão dentro dessa realidade. Analisar a aventura de um nordestino do interior do Ceará que se tornou uma figura eminente a ponto de ser eleito, em 2001, por meio de uma campanha estadual<sup>5</sup>, o "Cearense do Século", tendo em vista a sua representatividade para o Estado do Ceará.

Em um estudo de Ciências da Religião como este, a dimensão do sagrado perpassa toda a abordagem. Isso porque a religião é um produto das relações dos seres humanos na sociedade. E nesse sentido a religião é passível de permanentes discussões. Em todo caso, não reduzimos a religião puramente a um reflexo das relações contraditórias da sociedade. Uma dimensão fundamental que explica a religião é o seu caráter sagrado. O texto sagrado supõe sempre um contexto humano e social, histórico. Por isso, o significado da religião depende das relações dos membros de um grupo ou comunidade. No caso concreto que analisamos, o Juazeiro do Norte, o mais importante na religião são as romarias. Assim, Danièle Hervieu-Léger faz uma importante consideração acerca da necessidade que os seres humanos têm:

---

A teologia católica entende a liturgia e os sacramentos como expressão simbólica. Os sacramentos são expressões simbólicas das situações fundamentais da vida humana. Essas situações expressam-se pelas etapas da vida do ser humano: nascimento, puberdade, juventude, idade adulta, velhice e morte. A chamada pastoral da sacramentalização normalmente se opunha a uma pastoral social onde o acendo mais forte era o alívio do sofrimento dos pobres da cidade e do campo.

<sup>4</sup> O Concílio de Trento, realizado entre as décadas de 1540 e 1560, na cidade italiana homônima, teve uma grande influência nos rumos da Igreja, a partir do século XVI. Christopher Dawson elencou, em sua obra *A Divisão da Cristandade – Da Reforma Protestante à Era do Iluminismo*, os pontos mais importantes do Concílio de Trento. Sua importância para a Igreja, todavia, não pode ser superestimada. Ofereceu condições para a Igreja recobrar as forças da ortodoxia que estavam dispersas e desorganizadas e conferiu uma base sólida de dogma e disciplina, a partir da qual novos avanços poderiam ser realizados. Acima de tudo, trouxe todo o peso da autoridade para reprimir abusos facilmente notados que causaram a ruptura do governo eclesiástico – a ausência dos bispos e pastores dos locais em que deveriam exercer suas funções, o pluralismo ou a acumulação de benefícios, a negligência para com a oração, o descuido com a educação clerical e muitos outros.

<sup>5</sup> Em março de 2001, padre Cícero Romão Batista foi escolhido O Cearense do Século em votação promovida pela TV Verdes Mares. Padre Cícero é uma das figuras mais biografadas do mundo. Sobre ele, existem mais duas centenas de livros, sem falar nos artigos que são publicados frequentemente na imprensa local, regional e nacional. Desde do final do século passado sua vida vem sendo estudada por cientistas sociais e da religião do Brasil e do Exterior.

Os homens têm necessidade dos deuses para existir em sociedade, mas os deuses dependem dos homens, que se dedicam, por meio do culto que lhes prestam, a preservar sua existência. As práticas religiosas e as crenças que racionalizam teologicamente sua necessidade social têm como função reativar regularmente e perenizar a “emoção das profundezas”. Elas relançam a própria dinâmica da vida coletiva, garantindo a “restauração moral” dos indivíduos que retornam à vida profana com mais coragem e ardor. (HERVIEU- LÉGER, 2008, p. 194).

Nesse sentido, entende-se a religião como uma construção social, necessária à sobrevivência dos seres humanos. As devoções populares encontram-se em uma teia simbólica. As devoções devem ser entendidas a partir de uma conjugação de áreas. Na maioria dos dicionários,<sup>6</sup> encontramos o significado de devoção como afeição intensa a Deus e aos santos, demonstrada por práticas religiosas. Expressa-se como cumprimento de práticas religiosas como acontece com as romarias do Juazeiro, em que há um forte sentimento de dedicação, de devoção.

Atinamos para uma postura crítica em relação aos vários contextos históricos próprios de cada cultura. As expressões de fé de uma tradição religiosa devem ser entendidas como afirmação de seu modo de ser. A devoção vivida numa postura profunda leva a pessoa a estruturar toda sua vida. Para se entender esse fenômeno temos que romper com a lógica dicotômica clássica. Sendo assim, para entender determinados contextos histórico-culturais é preciso entrar em uma lógica autônoma e consoante ao sistema de valores e ao mundo das ideias próprios de cada cultura: no contexto das culturas etnológicas, uma lógica diferente da clássica ocidental (a lógica aristotélica, por exemplo).

Os povos antigos viam todos os elementos da vida a partir da fé. As sociedades se organizavam de forma religiosa. Tudo fazia parte do culto: o nascimento, as relações humanas, a caça, a medicina e a vida familiar. Esses elementos, de certa forma, continuam presentes nos dias atuais como descreve Gilbraz Aragão:

No cotidiano do pobre, confundem-se a vida do corpo e a vida do grupo, o trabalho manual e as crenças religiosas. O que caracteriza a cultura popular é o fato de ser muito grupal, mas resguardar um espaço privatizado para a fé, de valorizar tanto materialismo como animismo, possuindo uma visão cíclica da existência que remonta à vida rural e interpreta tudo pelos ciclos da natureza. De forma que o homem pobre, no interior ou no subúrbio, conhece o uso da matéria, mexe com a terra ou com instrumentos mecânicos que são seu meio de sobrevivência. Por isso ele é realista, prático, sabe até onde pode agir, mas, ao mesmo tempo, recorre a uma força superior que se

---

<sup>6</sup> Podemos verificar em Aulete (1980); Ferreira (1999).

desdobra em entidades carregadas de energia (os santos e espíritos). (ARAGÃO, 2013, p. 21).

Vamos procurar entender por que as romeiras e romeiros têm tanta devoção que canonizaram padre Cícero Romão em seu coração, contra a vontade das autoridades da hierarquia da Igreja. Ao mesmo tempo, analisar a função desse santo no catolicismo popular brasileiro, que é plural. Nas palavras de Laplantine, “o fato de poder ser abordada de diferentes maneiras, de sujeitar interpretações múltiplas, ou mesmo vocações diversas, é próprio de toda obra importante” (LAPLANTINE, 1995, p.92).

Queremos entender o contexto da época, por isso, enfocamos a romanização como um processo de mudanças religiosas inserido num processo global de mudanças sociais decorrentes da instauração do capitalismo agrário.

Procuraremos fazer um estudo contextualizado, levando em conta o que ocorria no mundo da política, da economia, da cultura e da sociedade, sobretudo da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Optamos por uma abordagem transdisciplinar. Tentaremos romper com o raciocínio cartesiano de objetividade, linearidade e descontextualização. Na nossa visão, tudo tem ligação com tudo. O termo transdisciplinaridade é novo, mas a atitude transdisciplinar acompanha o ser humano desde os tempos antigos. O ser humano é produto da natureza biofísica e cósmica. A natureza sempre se comportou de forma transdisciplinar. A linearidade é uma lente construída pela lógica clássica e reducionista. É verdade que o advento da ciência moderna significou uma mudança radical no modo de pensar das pessoas de cultura medieval. Mas a transdisciplinaridade nos leva a superar a mentalidade fragmentária. Como analisar o percurso histórico do padre Cícero Romão, sem fazer as conexões: locais (Crato / Juazeiro), regionais (Fortaleza), nacional (Rio de Janeiro) e universal (Roma)?

As hermenêuticas redutoras<sup>7</sup> não dão conta de compreender uma realidade tão complexa como a que estudamos. Entendemos “complexo” em sua etimologia de *complexus*, “o que é tecido junto” (MORIN, 2001, p. 33).

---

<sup>7</sup> Chamo de hermenêuticas redutoras o paradigma da simplificação que é o aporte do que denomina a ciência clássica. Seus princípios e fundamentos são a generalização, redução e separação. Tais princípios da hermenêutica redutora não permitem ver a realidade em toda sua totalidade e complexidade. Por tal razão, chama de paradigma da redução ao conjunto dos princípios de inteligibilidade próprios da cientificidade clássica, e que, ligados uns aos outros, produzem uma concepção simplificadora do universo (físico, biológico e antropossocial).

No primeiro capítulo falamos da chegada dos portugueses ao Brasil. Pedro Álvares Cabral não teria chegado se não tivesse a capacidade de estabelecer relações entre os diferentes saberes da época, aplicando um pensar transdisciplinar. Ele viu que tinha que lidar com muitos lados da realidade. Entre eles, as credências de “fim de mundo”. A lógica que trabalhamos corresponde em ver a realidade como uma teia de relações. A partir dessa visão, acreditamos que somente com uma abordagem da complexidade compreenderemos melhor as tramas acontecidas no Cariri cearense que envolveram o padre Cícero Romão, o Juazeiro do Norte e as romarias, e que chegam até os nossos dias.

As áreas das ciências são complementares. Um dos expoentes do pensamento complexo, Basarab Nicolescu (1999), no Manifesto da Transdisciplinaridade, no artigo 3, assim se expressou:

A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que as articulam entre si; e ela nos oferece uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. (NICOLESCU, 1999, p. 161).

Estudar o fenômeno da romanização na perspectiva da transdisciplinaridade requer um esforço de ampliação das possibilidades interpretativas de maneira mais rica e fecunda.

## **2.2 O processo de Romanização do Catolicismo Brasileiro: mudanças e rupturas (1880 - 1920)<sup>8</sup>**

Já se tornou clássico chamar-se de ‘romanização’ o processo a que foi submetida a Igreja do Brasil entre 1880 e 1920 (José Oscar Beozzo).

A romanização, também chamada movimento ultramontano<sup>9</sup>, corresponde à europeização do catolicismo brasileiro. O cenário político e econômico é sacudido por

<sup>8</sup> As fontes principais de apoio para esta análise foram: Riolando Azzi, Eduardo Hoornaert, Pedro A. Ribeiro de Oliveira, José Oscar Beozzo. Foi ao longo dos anos 1970 que o conceito se tornou “clássico”. Esse período caracterizou-se pela aproximação da História da Igreja às Ciências Sociais e à Teologia da Libertação.

<sup>9</sup> O ultramontanismo nasceu na França na primeira metade do século XIX e tem por intuito a defesa do poder e das prerrogativas do Papa em matéria de disciplina e fé. O ultramontanismo se caracterizou

convulsões revolucionárias<sup>10</sup> nas quais se prega a igualdade social e econômica mediante reformas radicais. Em 1848 surge o *Manifesto Comunista* de Karl Marx e anos mais tarde é publicado *O Capital* (1867)<sup>11</sup>. Chega o comunismo! Há de se considerar que, no século XIX, no cenário religioso, aconteceu o Concílio Vaticano I (1869 – 1870)<sup>12</sup>, convocado pelo Papa Pio IX, em que se discutiram racionalismo, liberalismo, materialismo, infalibilidade pontifícia.

No contexto religioso europeu, surgem as encíclicas papais. A encíclica *Quanta Cura* e o anexo *Syllabus errorum*, de Pio IX<sup>13</sup>, como também a encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII<sup>14</sup>, foram posicionamentos pontifícios frente às mudanças que

---

por um movimento de combate ao mundo moderno, pois pregava a total submissão dos poderes temporais à autoridade do Papa para a igreja universal, o bispo para cada diocese e o clero em cada paróquia. Representou um centralismo da igreja romana, um fechamento sobre si mesmo, era uma postura de rejeição ferrenha ao mundo moderno. Alguns estudiosos da religião afirmam que a história da antimodernidade católica [ultramontanismo] é uma dimensão que ainda não encontrou seu lugar em nenhuma das eruditas histórias da religião de que dispomos. Vemos claramente que o projeto de restauração do Estado Cristão defendido pelos ultramontanos compreendeu o esforço da hierarquia eclesiástica, sob a égide do Pontífice Romano.

<sup>10</sup> Os movimentos revolucionários são sempre marcados por uma explosão de sentimentos juntamente com uma indignação pelas injustiças sofridas por um povo. A história da humanidade está marcada por explosões de manifestações populares, em pequena ou grande escala, que tem a tônica da revolta. O que chamamos de convulsões sociais se explica dentro desse contexto. As três décadas – de 1884 a 1914 – separam o século XIX do século XX – que é palco do nosso estudo - se caracteriza como um período de transição para catástrofes vindouras. A filósofa Hannah Arendt chama atenção para esse período de transição entre os dois séculos apontando sua importância para aqueles que pretendem estudar as ideologias que se estruturam e ganham força no século XX.

<sup>11</sup> *O Capital* foi construído dentro de um contexto e foi um processo de escrita de vários livros, sendo o primeiro de 1867, de Karl Marx que constitui uma análise do capitalismo. Muitos consideram esta obra o marco do pensamento socialista marxista. Na obra *O Capital*, existem muitos conceitos econômicos complexos, como o de mais valia. A contribuição de Marx continua viva e a prova disso é que o texto figura entre os livros mais traduzidos, vendidos e discutidos na história da humanidade.

<sup>12</sup> O Concílio Vaticano I (1869 – 1870) acontecia depois de mais de trezentos anos do Concílio de Trento (1563). O concílio foi proclamado por Pio IX (1846 – 1878). Entre suas decisões principais podemos destacar a Constituição Dogmática intitulada *Dei Filius*, sobre a Fé católica e a Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*, sobre o primado e infalibilidade do Papa quando se pronuncia “ex-cathedra”, em assuntos de fé e de moral (MATOS, 1997). O mundo não católico imbuído de liberalismo proclamava-se defensor da liberdade dos que não aceitavam tal decisão. Na Alemanha, o historiador padre Dollinger (1799 – 1890) colocou-se à frente do movimento antiinfabilista, com diversos escritos contrários a esta definição.

<sup>13</sup> Giovanni Maria Mastai-Ferreti nasceu na cidade italiana de Senigallia e estudou em Roma. Assumiu o nome de Pio IX e foi o papa de número 255 na história da Igreja Católica, entre 1846 e 1878, seu pontificado durou 32 anos. Pio IX desenvolveu um pontificado condenatório das doutrinas tidas como contrárias às diretrizes católicas. Insistia que a única teologia e a única filosofia que deveria ser seguida era a de São Tomás de Aquino. Promoveu o dogma da Imaculada Conceição e também a devoção ao Sagrado Coração. Convocou o concílio Vaticano I que determinou a infalibilidade papal como dogma da fé.

<sup>14</sup> Aos vinte dias de fevereiro de 1878, Vincenzo Luigi Pecci, conhecido como Cardeal Pecci, foi eleito para sucessor do Papa Pio IX, passando a ser conhecido como Papa Leão XIII (seu pontificado durou 25 anos - de 20 de fevereiro de 1878 a 20 de julho de 1903). Sua contribuição mais sensível no campo social foi a Encíclica *Rerum Novarum*. A encíclica trata de questões levantadas durante a revolução industrial e as sociedades democráticas no final do século XIX. Leão XIII apoiava o direito dos trabalhadores de formarem sindicatos, mas rejeitava o socialismo ou social democracia e defendia os direitos à propriedade privada. A importância do pontificado de Leão XIII torna-se ainda maior tendo

eclodiam na sociedade contemporânea. Nessa época, com a posse de Pio IX, em 1846, o cerco da hierarquia ultramontana contra os chamados heréticos se fecharia mais ainda. Lira Neto assim escreveu:

Um ano antes de Cícero Batista haver palmilhado a longa estrada que o levou do Crato ao Seminário de Fortaleza, o sumo pontífice publicou a encíclica *Quanta Cura* e promulgou o *Syllabus errorum*, documentos nos quais condenava, de forma contundente, a liberdade de culto, a maçonaria e os “avanços funestos da modernidade”, considerados “manifestações monstruosas do espírito de Satanás”. Pela nova encíclica papal, a liberdade de pensamento equivalia, textualmente, à “liberdade de perdição”. (LIRA NETO, 2009, p. 34).

Pio IX (1792 – 1878) denunciava a perdição do mundo moderno sem nenhum viés de abertura ao diálogo. O Papa Pio IX, em sua encíclica, reitera de maneira inflamada sua política ultramontana e aponta os erros da modernidade.

Leão XIII (1810 – 1903) cria uma aproximação com a questão operária em busca da justiça social, denuncia a penúria em que viviam as trabalhadoras e trabalhadores, mas não se deve deixar negligenciar o forte respaldo ultramontano como base do seu pontificado. Em um breve apanhado de sua encíclica *Rerum Novarum* podemos ver, em Mayer:

censurava a intemperança do liberalismo econômico e social – de modo específico a usura, os lucros e as fortunas desmedidas dos capitalistas –, e lamentava, ao mesmo tempo, a miséria e superexploração dos trabalhadores. Mas o pontífice romano também, ou principalmente, denunciava o socialismo e os sindicatos como irreligiosos e aproveitadores da situação difícil do proletariado. Além disso, tendo declarado a propriedade privada inviolável e componente da ordem natural de Deus, voltava-se para o Estado para “proteger os proprietários legais da espoliação” e defender os trabalhadores das “artes sediciosas dos perturbadores”, os quais deviam ser reprimidos. Em suma, a multidão precisava se manter dentro da “linha do dever”. O quinhão da humanidade era “sofrer e suportar”. Assim Leão XIII exortava os trabalhadores a não entrarem em greve, a desprezarem o socialismo e a revitalizarem as corporações artesanais, para controlar os abusos piores do capitalismo. Essa declaração de política social cristã era tudo, menos imparcial: enquanto aprovava o capitalismo industrial, pressionava os trabalhadores a confiarem em formas pré-industriais de autodefesa. A inclinação não progressista do papa Leão XIII se tornou ainda mais evidente em sua denúncia da crítica bíblica contemporânea, nos últimos anos de seu pontificado. (MAYER, 1987, p. 242).

---

em vista a oposição que seu espírito avançado encontrou em amplos setores da Igreja. O medo e a desconfiança para com o mundo moderno e, em geral, em relação a todo movimento de renovação conduziram, no governo de seu sucessor de tendência conservadora, um dos mais tristes episódios da História Eclesiástica Contemporânea. Em 1907, Pio X condenou publicamente o chamado modernismo na Encíclica *Pascendi*.

Na velha Europa, a partir da segunda metade do século XIX, há um processo de pensamento autônomo e independente nas camadas intelectuais, sobretudo na França e Alemanha. O domínio do positivismo de Auguste Comte (1798 – 1857)<sup>15</sup> e do ceticismo se avolumam significativamente. É um tempo de otimismo no progresso e confiança ilimitada nas capacidades do ser humano e suas realizações científicas. Também um tempo caracterizado por conflitos. O primeiro conflito travou-se entre a concepção do universo, de sua origem – do início da humanidade, como a Escritura narra – e os dados que a ciência vinha descobrindo. Corresponde a duas visões de mundo que entram em choque: a da Revelação e a da ciência. Como afirma Libânio, analisando as ciências em conflito com a cristandade:

a questão Galileu Galilei pôs em xeque o mundo ptolomaico que, na verdade, se tratava da concepção científica pré-moderna. A revelação se exprimira dentro dele e por isso muitas de suas verdades, por contágio, se imbricaram com ele. No momento em que os cientistas o questionaram, os homens de Igreja se sentiram ameaçados, equivocadamente, no conteúdo da fé. Estava levantado o problema fé e ciência, cujos mal-entendidos causaram negativas consequências para a fé cristã ao longo dos séculos da modernidade. (LIBÂNIO, 2006, p. 117).

No final do século XIX, a alta burguesia e a aristocracia das cidades europeias, em especial Paris, passaram a levar uma vida despreocupada, consumida pelo luxo, caracterizando um estilo de vida privilegiado. Isso repercute na elite brasileira nordestina: Fortaleza, capital do Ceará, iniciou um período da *'belle époque'*<sup>16</sup> no final da década de 1880.

tornou-se um polo econômico-social de forma hegemônica na segunda metade do século XIX, com o apoio da exportação do algodão para o mercado externo, com a implantação da estrada de ferro até Baturité, com a fixação de firmas estrangeiras e com o comércio de cargas providas da Ponte dos Ingleses, que modificaram a paisagem urbana da cidade. (NOGUEIRA, 2011, p. 8).

É uma época de muitas novidades: surgimento do cinema, do rádio e das vitrolas. “No dia 25 de abril de 1880, começou a circular em Fortaleza a linha de bonde

<sup>15</sup> Augusto Comte (1798 – 1857), filósofo francês, que recebeu o destaque de ser fundador da sociologia e do positivismo. Dedicou-se intensamente na criação de uma filosofia positiva em uma tentativa de remediar o mal-estar social de sua época. O contexto era o da Revolução Francesa, que exigia uma nova doutrina social baseada nas ciências. Comte acreditava que era possível planejar o desenvolvimento da sociedade e do indivíduo com critérios das ciências exatas e biológicas. É mais ou menos consensual no âmbito das Ciências Sociais que a palavra "Positivismo" tem um significado negativo, assim como que já possuiu um significado positivo.

<sup>16</sup> A *Belle Époque*, expressão francesa, corresponde ao período entre o fim do século XIX e 1914, quando a Europa passou por um período de relativa paz e conseguiu se desenvolver tecnologicamente. Nessa época a França permaneceu como capital cultural do continente. Paris passou por grandes reformas que a fizeram ser reconhecida pelo nome de “Ville Lumière” (Cidade Luz), como o alargamento de avenidas e urbanização da cidade, além da construção da Torre Eiffel para a Exposição Universal de 1889. Essas influências francesas se espalharam não só pela Europa, mas pelo mundo e inclusive no Brasil chegando em terras cearenses.

de burro” (NOGUEIRA, 2011, p. 9). Oliveira descreve essa atmosfera chegada no Brasil da seguinte maneira:

A modernização do Brasil, isto é, a adoção de instituições e do estilo de vida dos países mais avançados – e a França aparece nesse contexto como o modelo por excelência – é o grande objetivo da elite intelectual brasileira comandada pelos bacharéis. Modernizar o país é adotar o que há de mais novo no plano das ideias, das instituições políticas e culturais, das artes, para estabelecer aqui um estilo de vida equiparável ao da França. Assim é que o Brasil é levado ao mimetismo cultural, cujo exemplo mais notável é a reurbanização do centro do Rio de Janeiro: Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas-Artes e a Praça Paris procuram dar à cidade um ar parisiense, onde não falta até mesmo uma miniatura do obelisco da Praça da Concórdia. (OLIVEIRA, 1985, p. 233).

Todas essas mudanças aconteciam e mexiam com o posicionamento da Igreja católica romana, que conservou uma postura antimodernista. Segundo Libânio, a Igreja “construiu para tanto uma identidade tridentina tão sólida e firme que resiste até hoje em muitos rincões católicos” (LIBÂNIO, 2006, p. 115).

O que chamamos de modernidade é um fenômeno que se manifesta de diversas formas. É uma construção e um processo que, no dizer de Libânio,

é uma construção que vai se dando porque desde o final da Idade Média vai se criando as condições para o capitalismo até firmar-se nos séculos XVII e XVIII com a revolução industrial. Houve uma reação de resistência que se apoiou sobre três pilares: um imaginário religioso compacto, o enquadramento do clero e dos leigos. Os engenheiros dessa obra lançaram mão de quatro instrumentos: a pedagogia do medo, a força política, os recursos econômicos e a inculturação simbólica. (LIBÂNIO, 2006, p. 115).

Desenvolveu-se uma teologia do medo a partir da pregação dos novíssimos – morte, juízo, inferno e paraíso. Em decorrência, desenvolvia-se também uma pedagogia do medo. Para isso cuidou-se para ter um clero mais bem formado, enquadrado moral e intelectualmente em uma formação nos seminários que correspondesse às exigências criadas a partir do Concílio de Trento. Era uma maneira de converter as pessoas e mantê-las no rebanho da Igreja. Essa foi a resposta da Igreja pós-tridentina, que perpassou a teologia do final do século XIX e início do século XX, palco de todas as tramas que aconteceram no Sertão do Cariri. A propósito Libânio escreve que

um pregador dessa época resumiu muito bem essa intencionalidade atemorizante: “Tenho reconhecido por experiência própria que não existe verdade mais adequada para intimidar os maiores pecadores e leva-los à penitência do que as penas do inferno, resolvi começar por esse assunto os sermões que devo fazer-vos durante todo o transcurso do ano”. (LIBÂNIO, 2006, p. 117).

Simultaneamente a essa postura da Igreja frente ao mundo moderno, convivia o fenômeno da chamada romanização. Tornou-se uso frequente esse conceito. O fato é que ao lado dos conceitos de ultramontanismo e de reforma católica, ele indica um período de profundas mudanças no catolicismo praticado no Brasil, principalmente, mas não só, em seu aspecto institucional. A romanização corresponde, na prática, a uma clericalização e sacramentalização das práticas religiosas do catolicismo, em substituição ao caráter laico, festeiro e devocional do catolicismo praticado.

O antropólogo Roger Bastide<sup>17</sup>, na metade do século passado, retomou o conceito de romanização e, em seguida, Ralph Della Cava colocou-o em sua tese de doutorado, em 1970. Em *Milagre em Joazeiro*, Della Cava usou sistematicamente o conceito, dedicando-lhe, inclusive, toda uma extensa nota explicativa. Vejamos:

Para Bastide, o conceito de “romanização” (embora use a expressão “igreja romanizada”) consiste em: 1) a afirmação de uma autoridade de uma Igreja institucional e hierárquica (episcopal), estendendo-se sobre todas as variações populares do catolicismo folk; 2) o levante reformista, em meados do século XIX, por parte dos bispos, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; 3) a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros (europeus) principalmente ordens e das congregações missionárias, para realizar “a transição do catolicismo tradicional e colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral”; 4) a busca destes objetivos, independentemente ou mesmo contra os interesses políticos locais. A essas dimensões do processo de “romanização”, importa acrescentar um quinto item: 5) a integração sistemática da Igreja brasileira, no plano quer institucional quer ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Católica Romana, dirigida de Roma. (DELLA CAVA, 2014, p. 70).

Para Pedro Ribeiro de Oliveira, o processo de romanização transformou a Igreja no sentido de adaptá-la como “aparelho de hegemonia” da burguesia agrária. O autor deixa entender que houve uma instrumentalização por parte da burguesia agrária em relação à Igreja. A importância da Igreja era grande porque tinha muita capilaridade e certa autoridade. Trabalhava-se numa perspectiva de unificação nacional e estruturação social com base no sistema agrário-exportador. A romanização se dá em um contexto eclesial global e, nesse sentido,

a romanização não é um processo endógeno ao catolicismo brasileiro; ela se insere num processo mais amplo de transformações do aparelho religioso católico em escala mundial, processo iniciado com

---

<sup>17</sup> Roger Bastide foi um intelectual francês muito disputado pela sociologia e antropologia. Em 1938 veio, com outros professores europeus, à recém-criada Universidade de São Paulo para ocupar a cátedra de sociologia. Teve uma grande influência nos meios acadêmicos no Brasil. Bastide estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia.

o pontificado de Pio IX (1846) e que se estende até a Primeira Guerra Mundial. (OLIVEIRA, 1985, p. 292).

Nesse período houve um enorme crescimento das ordens e congregações religiosas, o desenvolvimento das devoções e da vida espiritual intimista, a expansão missionária e os primeiros ensaios da renovação litúrgica. Junte-se a tudo isso a reforma do clero, que se tornara mais disciplinado e piedoso. A abertura de seminários de formação eclesiástica cresceu em ritmo acelerado.

Ainda segundo Oliveira, a principal estratégia desse movimento foi a destituição do poder do leigo, o que, em contrapartida, com resistência, teria gerado uma reapropriação dos símbolos difundidos pela Igreja romanizada que consistiria em uma nova forma de catolicismo: o catolicismo privatizado. A romanização tratou de desacreditar o catolicismo popular: “Essa definição do povo brasileiro como um povo ignorante e atrasado coaduna-se à definição que lhe dá o clero romanizado para justificar seu combate ao catolicismo popular” (OLIVEIRA, 1985, p. 233).

A doutrina religiosa do clero, de fato, não era conhecida pelo povo. O pressuposto da ignorância religiosa popular foi contestado por Comblin, nestes termos:

O povo não se interessa pela catequese porque não sente falta de conhecimento religioso. Nós achamos que eles estão precisando de catequese. Mas eles não se acham ignorantes em matéria religiosa. Ao invés, eles acham que, em assuntos religiosos, sabem todas coisas necessárias para a vida... Na realidade, o povo não é ignorante da sua religião, desse catolicismo popular que se transmite por tradição oral de geração em geração desde os primeiros portugueses que o trouxeram há quatro séculos. O povo não conhece o catolicismo oficial da Igreja Católica, nem se preocupa por conhecê-lo... o povo não é ignorante da sua religião: é ignorante da nossa. (COMBLIN, 1967, p. 848).

Na nova configuração, a tônica do catolicismo brasileiro desloca-se do leigo para o bispo. Da prática de uma religião mais familiar, para a religião do templo. O que era feito com rezas em casa, no arruado, passa agora para um templo com um sacerdote estilizado que celebra a missa em latim. Passa-se do terço para os sacramentos. Há nitidamente uma clericalização e ao mesmo tempo um esvaziamento das funções e do lugar do leigo na vida religiosa. O leigo passa a ser um serviçal e só é tolerado para funções subalternas.

Um grande limite da reforma romanizante dá-se pelo desenraizamento cultural da Igreja por ela provocado. A formação histórica do país é plasmada pela cultura

luso-brasileira e que sofre uma progressiva mudança, quando a cultura tende a receber maior influência europeia, sobretudo francesa e italiana, e passa a manter certo descaso, quando não desprezo, pelas tradições do catolicismo popular.

Nessas circunstâncias, os dois primeiros bispos do Ceará, dom Luis Antônio dos Santos (1860 – 1881) e dom Joaquim José Vieira (1883 – 1912), tinham uma clara missão: colocar a diocese de acordo com as novas orientações romanas. Nesse contexto, o catolicismo popular era visto como uma fonte de fanatismo e também como algo que se desviava da verdadeira religião. E, por isso, deveria ser combatido com as estratégias da romanização. É nesse contexto que vieram novas congregações religiosas envolvidas com o processo da romanização. Renata Mariz Paz assim escreveu:

A atuação da Igreja romanizada no sentido de restaurar o prestígio do aparelho eclesiástico, de diminuir a distância entre este e os fiéis fundava-se no princípio de que o catolicismo popular é uma fonte de fanatismo, desviante da verdadeira religião, algo a ser rejeitado e combatido. A chamada romanização do catolicismo brasileiro buscou essencialmente substituir o catolicismo popular, ainda preso às tradições lusitanas, com seu caráter devocional e místico, fortemente apegado às promessas e milagres, pelo catolicismo universal de Roma, com ênfase em seus princípios hierárquicos, morais e doutrinários. (PAZ, 2011, p. 70).

Na época, a diocese de Olinda englobava o Ceará. A diocese do Ceará foi criada em 1853. Lira Neto descreve a chegada do bispo da recém criada diocese do Ceará:

Quando avistou do mar o porto de Fortaleza, em setembro de 1861, dom Luís Antônio dos Santos trazia, além da mitra branca sobre a cabeça e do dourado cajado episcopal nas mãos, um respeitável diploma dentro da mala: ele era, aos 44 anos, um dos três únicos religiosos brasileiros a portar o título de doutor em direito canônico por Roma. Com 25 anos dedicados ao sacerdócio, dom Luís deixara a reitoria do Seminário de Mariana, em Minas Gerais, para assumir o cargo de primeiro bispo do Ceará. Era um dia histórico para a província. Até 1854, a Igreja cearense estivera subordinada à diocese de Olinda, em Pernambuco. À frente do novo cargo e do novo bispado, a missão de dom Luís não era pequena. (LIRA NETO, 2009, p. 34).

Ao assumir a diocese, em 1861, dom Luís tinha objetivos bem claros: dedicar-se à disciplina do clero, à moralização, sobretudo a combater a “ignorância religiosa”, representada por práticas supersticiosas e pela manifestação de fanatismo no culto religioso (AZZI, 1992, p. 29).

Dom Luís procurava inaugurar uma nova era na qual a Igreja e seu clero liderariam a substituição do “catolicismo colonial” do Brasil pelo “catolicismo universalista” de Roma, com toda a rigidez hierárquica, moral e doutrinária que tal transição implicava. Desse modo, ele foi o

precursor do trabalho desenvolvido, a longo termo, pela hierarquia no sentido do “romanizar” o catolicismo brasileiro. (DELLA CAVA, 2014, p. 70).

Com o processo de romanização, a Igreja passou por uma fase de retração, recolhendo-se às suas paróquias. De maneira escandalosa omitiu-se e ficou indiferente em relação à causa da Abolição. Joaquim Nabuco (1848 – 1910), nascido em Recife, teve de experimentar os limites da religião católica numa luta de cunho social, como era a luta pela abolição. “Ele teve palavras amargas sobre o clero, as quais são expressão sentida da decepção de um católico convertido que vivia guiado pela fé” (HOORNAERT, 1990, p. 23).

Joaquim Nabuco foi um brasileiro que fez um diagnóstico muito real dos limites de toda a ação social católica oficial. Escancarou a aliança do clero com a elite dominante da sociedade estabelecida, aliança que não permitia outra coisa a não ser continuar o status quo. Por falta de apoio por parte do clero, os movimentos abolicionistas tiveram muitas dificuldades. “Se reuniram em casas de particulares ou em lojas maçônicas, pois as dependências das igrejas católicas lhes foram vedadas (HOORNAERT, 1990, p. 23).

Em *O abolicionista*, Joaquim Nabuco expressa sua indignação com o clero da época, com palavras implacáveis:

Ao povo a linguagem única que se pode falar é a do missionário, é um povo de pé no chão que se descobre todo ao ouvir pronunciar o nome de Cristo. Entre eles que efeito prodigioso não faria a palavra do sacerdote que realmente pregasse a moral social do Evangelho! No entanto, onde já se viu um missionário abolicionista! Na Irlanda o clero católico está todo com os rendeiros e a pobreza. Entre nós ele está com os grandes proprietários de homens e combina o sacerdócio com a escravidão. Quando se escreve a história da Igreja brasileira não se há de registrar um só fato (senão de dedicações de pessoais) que a honre nesse grande movimento que se apossou do coração nacional! O abolicionismo tem procurado por todos os meios chamar a si o concurso da Igreja. Apesar disso, nada conseguimos e ainda não houve no Brasil bispos que levantassem a voz contra a escravidão. (BEOZZO, 1980, p. 279)

Com a proclamação da República (1889) e a separação entre Igreja e Estado (1890), poderia ter-se iniciado uma nova configuração, um período novo. No entanto, poucas e isoladas vozes do clero se colocaram contra o regime de escravidão.

A nova conjuntura nacional coincidia com a publicação da encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII (1891), mas o medo da Igreja católica, com o avanço das ideias socialistas (a luta de classe, o materialismo dialético, o fim da propriedade privada)

paralisou sua ação, embora tivesse um documento tão importante para a época. Nessa situação, o documento recém-lançado não teve quase nenhuma ressonância no Brasil. Os bispos, por razões já sabidas, não aplicavam a nova encíclica. A indiferença à condição dos escravos fez com que o clero não tivesse nenhuma sensibilidade pelos problemas sociais. A ação social se reduzia a ações caritativas como dar esmola.

Em fins do século XIX, a Lei Áurea foi assinada, libertando os escravos. Seguiram-se muitas comemorações, com povo na rua, capoeiras e expressões religiosas, tanto nos meios urbanos como rurais. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte. Com o passar dos anos ficava claro que a chamada “libertação dos escravos” foi um passo importante, mas que não resolvia a situação real do povo que vinha do regime escravocrata. Jessé Souza se refere a esse período a partir de referências empíricas descritas por Gilberto Freyre da seguinte maneira:

A partir do fim do século XIX, no entanto, o Brasil passa por transformações fundamentais. A primeira delas e a mais importante é a abolição formal da escravidão. Ela instaura um mercado formal competitivo do trabalho com base no contrato que significa uma importante mudança, ainda que com continuidades fundamentais sob outras roupagens, em relação ao período anterior. A base dessa mudança abrange também um deslocamento espacial do eixo de desenvolvimento econômico nacional. O Sul e o Sudeste do Brasil, muito especialmente a cidade e o estado de São Paulo, passam a substituir o Nordeste brasileiro e sua monocultura decadente do açúcar como polo de desenvolvimento. A cidade de São Paulo, com seu crescimento vertiginoso, passa também a substituir, de modo crescente, a cidade do Rio de Janeiro como centro do Brasil tradicional. As bases desse novo eixo de desenvolvimento são o trabalho livre, como base da cultura cafeeira paulista, ou seja, não escravo, e a massiva imigração de contingentes estrangeiros que passam a vir ao país – especialmente para o estado de São Paulo e o Sul do país – a partir de 1880 aos milhões”. (SOUZA, 2017, p.36).

Nessa época, o movimento abolicionista movido por setores da elite econômica dos anos 1880 não se traduziu realmente em ação humanística solidária ao povo negro. A história da luta abolicionista constitui apenas um capítulo dentro da luta multissecular que o povo brasileiro travava contra os que tolhiam suas aspirações legítimas. Veio a Proclamação da República e a Abolição, mas não se tocou no regime do latifúndio. “Diante de tão grave problema que foi se tornando a terra, ponto nevrálgico da problemática brasileira, as populações rurais ficavam órfãs de uma lei que as amparasse. Essa lei seria a Reforma Agrária” (PEREGRINO, 1992, p. 27).

Pouquíssimas vozes isoladas surgiram para denunciar a realidade dramática em que viviam os trabalhadores rurais, que eram os que realmente trabalhavam a terra para tirar o sustento. Uma das vozes proféticas da época foi a do padre Júlio Maria de Lombaerde (1878 – 1944). Era um dos poucos que estavam conscientes da importância do momento histórico. Ele via que a separação da Igreja e Estado provocou um fechamento da Igreja em si mesma. Ele foi uma “voz que pregava no deserto”. Tinha uma retórica fluente e possuía facilidade na transmissão de suas ideias. Tornou-se um personagem destacado ao chamar atenção de muitos fiéis para a doutrina social da Igreja no Brasil.

Padre Júlio Maria foi um sacerdote que deu uma guinada na forma de pensar, superando sua formação muito conservadora. Ele é lembrado como o primeiro brasileiro a ingressar na congregação dos redentoristas, de Santo Afonso Maria de Ligório. A partir do Rio de Janeiro, irradiava sua ação a todos os recantos do Brasil. Transformou-se em um dos mais lúcidos seguidores do pensamento do Papa Leão XIII no Brasil. Vejamos um dos seus escritos:

Com o direito de brasileiro, católico e padre, disse e demonstrei que o clero no Brasil não pode, nem deve presentemente encastelar-se nos santuários, contemplando de longe o povo e pensando que fará obra de Deus só com as nossas devoções, as nossas festas e os nossos panegíricos. Demonstrei que, bem longe disso, o que assim dizer, deve ser a sua missão é isto que no mundo inteiro, neste momento solene e trágico da sociedade moderna, se impõe como programa ao catolicismo: a questão social, que é a questão por excelência, porque ela afeta os interesses fundamentais do homem e da sociedade; não mais pleitear privilégios que já não têm razão de ser; dar aos partidistas intolerantes dos novos regimes a persuasão de que já não é prudente, nem lícito resistir, no que é justo e legítimo, à força nova que agita o mundo; mostrar aos pequenos, os pobres, aos proletários que eles foram os primeiros chamados pelo Divino Mestre, cuja igreja foi logo, desde seu início, a igreja do povo; sujeitar o despotismo do capital às leis da equidade; exige dele, não só a caridade, mas a justiça a que tem direito o trabalho; dignificar o trabalhador; proclamar bem alto a eminente dignidade do operário na cidade de Deus, que Jesus Cristo fundou na terra, não com as castas, as aristocracias, as burguesias ou as dinastias, mas com o povo e para o povo, etc. (MARIA, 1950, p. 245 – 247).

O padre Júlio Maria estava atento ao momento histórico em que vivia ao propor uma ruptura com as classes dirigentes. Insistia fortemente para que o clero se abrisse às questões sociais, na qual teria uma ação própria, direta. Mas ele não ficou sem revide. Seu pior opositor entraria em cena em 1898: o cônego Dr. Vicente Wolfenbüttel. O cônego era doutor em teologia dogmática pela Universidade

Gregoriana, e desfecharia pela imprensa um ataque cerrado contra o padre Júlio Maria, em que a agressividade era a norma. Assim um historiador escreveu:

Apareceu um miserável, [...] um doutor, formado em ciências jurídicas, já suspeito, porque, tendo sido cristão, abandonou os arraiais do Cristianismo para ser incrédulo – ele mesmo assim o confessa – tira-se dos seus cuidados e, levado por espírito de vaidade e orgulho, apresenta-se com uma missão especial (os grifos são do autor), a semelhança de São Paulo, e, dirigindo-se ao povo e a ao clero brasileiro, apregoa uma religião progressista, uma religião que mostra não haver nada mais progressista do que o dogma católico e que, devido à falta das convicções luminosas de S. Rev.ma, a religião no Brasil via mal: o clero é retrógado porque vive agarrado ao Syllabus de Pio IX; o povo, mal orientado pelo clero, em hostilidade com a República, com a qual é preciso que a Igreja se congrace. [...] A religião é o que foi e será: inovações não queremos. [...] Fora o Pe. Júlio Maria! (VIEIRA, 2007, p. 444).

Anteriormente ao padre Júlio Maria tivemos uma figura ilustre do clero nordestino, o padre cearense Ibiapina, cujo legado já descrevemos no capítulo anterior.

Padre Ibiapina, já em 1863, havia sido mandado embora da cidade de Sobral, por pregar na região. Como padre Ibiapina andava pela região do Cariri em ação missionária, dom Luís o proíbe de fazer missão definitivamente e a permanecer em sua diocese. Era uma atitude de destruir as formas populares e carismáticas de lideranças religiosas. Nessa atitude vemos a posição de um hierarca que afirma como única autoridade religiosa a prevista pelo direito canônico: a autoridade dos párocos.

A proibição ao padre Ibiapina foi escrita nestes termos pelo bispo do Ceará, dom Luís Antônio dos Santos:

Palácio Episcopal do Ceará, 19 de julho de 1869. Muito Reverendo Sr. Tendo nós observado que em algumas missões, [...] tem aparecido não poucos inconvenientes, com detrimento da disciplina eclesiástica e daquela paz e harmonia que deve reinar entre o próprio Pastor e o rebanho, conhecendo nós que em grande parte isto é devido a não conhecerem os Reverendos Párocos as faculdades de que se acham munidos os Reverendos Missionários durante os tempos das Missões, e querendo nós obviar a este inconveniente mandamos a V. Revma. não permita nem consinta que Missionário algum de qualquer título e ordem que seja missione na sua paróquia sem licença nossa por escrito, na qual com a necessária autorização declaremos as faculdades de que o Missionário poderá usar neste Bispado, o que a V. Revma. cumprirá e fará cumprir para maior serviço de Deus e bem dos fiéis. Deus guarde a V. Revma., Luiz, Bispo do Ceará. (PINHEIRO, 1950, p. 160).

Padre Ibiapina era obediente à Igreja e naturalmente ao bispo, que o convida a sair da diocese. Em uma carta comovente que escreveu à superiora da Casa de Caridade do Crato, se despede sem nunca mais voltar:

Declaração que faz o Padre Ibiapina aos Irmãos, Beatos e Irmãs das Santas Casas de Caridade Cariri Novo. Fiz entrega das Casas de Caridade do Cariri Novo ao Excmo. [sic] Revmo. Sr. Bispo por segurarlhes um venturoso futuro [...]. Digo adeus a todas as Casas, abraçando as minhas queridas filhas órfãs e derramando uma lágrima de ternura paternal. [...] Adeus bom povo do Cariri Novo, eu vos abraço sem exceção porque de todos vós recebi testemunhos de amor e de simpatia que bem se conhecia que o vosso coração era meu, como o meu era vosso. (PINHEIRO, 1950, p. 161).

Havia uma afirmação da autoridade, por parte da hierarquia católica, para delimitar bem o campo de atuação, não deixando espaço para que experiências alternativas prosperassem. Surgiram várias, mas foram abafadas. Dumoulin considera que

para o Padre Cícero e o povo da região, a expulsão do Padre Ibiapina foi vivida com grande desolação. O punho da romanização feriu profundamente a cultura e as tradições populares do catolicismo dito “colonial”, onde as confrarias dos leigos tinham grande liderança. Um dos objetivos da romanização era retirar a autoridade dos leigos dentro da Igreja e das confrarias e centralizá-la no clero. (DUMOULIN, 2017, p. 84).

Não podemos analisar a história de forma compartimentada, mas vê-la dentro de uma teia de relações. Isso nos faz refletir que as experiências vividas pelo padre Ibiapina, o beato Antônio Conselheiro, padre Cícero Romão e o beato José Lourenço criavam uma grande perturbação no Cariri cearense. Todos tiveram suas ações condenadas pela Igreja. É o que se pode ver na carta de dom Joaquim Vieira, bispo que sucedeu a dom Luís Antônio, endereçada ao Monsenhor Guidi, internúncio apostólico no Brasil, datada em 27 de março de 1897:

Presentemente ninguém mais liga importância às mulheres embusteiras, que não fazem mais milagres e já caíram no ridículo; todo o fanatismo agora se concentra na pessoa do Padre Cícero que os ignorantes apelidaram de “Padre Santo”; é um segundo Antônio Conselheiro, que tem o dom de fanatizar as classes ignorantes. Cumpre-me cientificar a V. Excia. Revma. que nesta Diocese os casos de desequilíbrios das faculdades mentais são frequentes e ocasionais, e quase todos se manifestam por tendências para o maravilhoso [...]; isto devido ao Dr. Ibiapina, homem ilustrado em ciências jurídicas, mas supersticioso, que resolvendo ordenar-se, conseguiu esta graça sem estudar Teologia, e depois saiu a pregar pelos sertões de Pernambuco e do Ceará, e demorando-se mais nesta Diocese, onde muito contrariou o meu antecessor de saudosa memória, o Sr. Dom Luís: o Padre Cícero, o Sr. José Marrocos e outros foram discípulos deste

Doutor Pe. Ibiapina. Daí vem em parte a história do Juazeiro<sup>18</sup>. (VIEIRA, 1897, p. 3).

A partir dessa carta vemos que as autoridades da Igreja tinham uma frente de combate. Sendo escrita em 1897, concomitantemente ao último confronto que massacró a comunidade de Canudos, diz que esse era o medo da experiência do Juazeiro do padre Cícero Romão: tornar-se uma Nova Canudos.

Diante das pesquisas realizadas (BARROS, 2014; FACÓ, 1980; ARRUDA, 1993), pode-se afirmar que a disputa permanente da Igreja católica na modernidade, sobretudo em termos geográficos e cronológicos, foi com o comunismo. Canudos representou essa ameaça. Os jornais das capitais falavam de um foco monarquista contra os poderes da República. Mas não faltavam boatos que diziam que em Canudos estava um foco comunista no Nordeste. Segundo Walnice Galvão,

é difícil, para o leitor de hoje, aquilatar o porte e a extensão que o jornalismo da época deu à Guerra de Canudos. Afora as rápidas menções dos historiadores, temos as referências do próprio Euclides da Cunha n'os sertões, e é em geral por via desta fonte que se pode ter uma idéia do estardalhaço que a imprensa fez. Ainda assim, informação já filtrada e ocupando um lugar reduzido dentro do livro. (GALVÃO, 1994, p. 54).

Mais enfática é a observação do escritor peruano Vargas Llosa<sup>19</sup> quando afirmou:

Uma das coisas que me fascinou, ao investigar o que aconteceu na rebelião de Canudos, foi ver como a imprensa teve um papel tão importante na distorção da realidade. Ou seja, as publicações da imprensa [...] constituem informações totalmente subjetivas condicionadas pelas ideias políticas ou preconceitos de cada uma. Ao ler os jornais da época, é impossível entender o movimento de Canudos, porque as interpretações da imprensa são loucas. (LLOSA apud BERNUCCI, 1989, p. 214 – tradução do autor).

---

<sup>18</sup> Carta de dom Joaquim Vieira, bispo que sucedeu a dom Luís Antônio, endereçada ao Monsenhor Guidi, internúncio apostólico no Brasil, datada em 27 de março de 1897. Esta carta encontra-se em dois arquivos: os de Dom Mateus Rocha, beneditino, Rio de Janeiro (Documento inédito): "Documentos sobre o Padre Cícero" e os de Mons. Francisco Assis Pereira, (Documento inédito – Padre Cícero no Santo Ofício, 2004).

<sup>19</sup> "Una de las cosas que me fascinó, al investigar lo que sucedió en la rebelión de Canudos, fue ver cómo la prensa desempeñaba un papel tan importante en distorsionar la realidad. En otras palabras, las publicaciones de prensa (...) constituyen información totalmente subjetiva condicionada por las ideas políticas o los prejuicios de cada uno. Al leer los periódicos de la época, es imposible entender el movimiento de Canudos, porque las interpretaciones de la prensa son una locura" (apud Bernucci, 1989, p.214).

O papel da imprensa, claramente, foi o de insuflar ânimos e disseminar o terror e o medo, instituídos pelas facções políticas espalhadas nas cidades e pela Igreja Católica. Vemos que os jornais tiveram participação importante no massacre de Canudos.

Essa luta teve início no século XIX e continua pela história com algumas variações. Nesse sentido, em alguns momentos, apesar de suas divergências ideológicas, Estado e Igreja acabam se reaproximando. Empenhando-se, também, na luta contra o comunismo ateu, imiscuindo-se pelo terreno do social, a Igreja vai se inserir, inevitavelmente, na lógica burguesa-capitalista.

Na luta desvairada contra o comunismo, a Igreja vê-se fechada em um mundo em que não cabia outra coisa a não ser o combate aos inimigos da religião. Nesse sentido, não só ignorou, mas combateu o movimento de Canudos, Caldeirão e as romarias do padre Cícero Romão para o Juazeiro. A europeização do catolicismo brasileiro estabeleceu uma forte repressão aos movimentos populares. Rui Facó faz uma descrição nesse sentido:

Entre meados do século XIX e começo do século XX, sucedem-se em cadeia movimentos de rebelião de pobres do campo, de norte a sul do País. Assumem as mais diversas características. Seus pontos culminantes são Canudos (1896 – 1897), Contestado (1912 – 1916) e o Caldeirão (1936 – 1938). Apesar da especificidade de cada um, liga-os um traço comum sobressalente: o choque aberto entre a religiosidade popular e a religião oficial da Igreja dominante. (FACÓ, 1980, p. 39).

Pelo que estamos analisando, havia uma queda do conceito, para as populações rurais, da hierarquia da Igreja. Pesou muito negativamente a Igreja ter estado comprometida com a escravidão. O compromisso da hierarquia com os poderosos da terra desprestigiou a Igreja. Some-se a isso as “vistas grossas ao compromisso com o celibato” (LIRA NETO, 2009, p. 33). Sem sombra de dúvidas o desprestígio do clero era enorme. Segundo pesquisas sobre à época (DUMOULIN, 2017), padre Cícero Romão era um caso exemplar de vivência da disciplina do celibato. Descrevendo a situação do clero da época, Lira Neto escreveu que

ao visitar o Ceará em 1839, o então bispo de Olinda, dom João da Purificação Marques Perdigão, ficou preocupado com a quantidade de padres concubinados com que deparou no interior da província. “Chamei o padre José da Costa Barros para imediatamente lançar fora de casa uma mulher, que conservava em sua companhia há muitos anos, irmã do vigário de Quixeramobim, e da qual tem um filho”, escreveu o bispo em seu relatório à época. “Chamei também o vigário da freguesia do Cascavel e lhe estranhei a comunicação ilícita e

pública que tinha com uma mulher, e depois de uma larga exortação, prometeu-me fazê-la residir na distância de cinco léguas”, anotou o mesmo dom João da Purificação. (LIRA NETO, 2009, p. 33).

Nesse ínterim, uma gama de acontecimentos possibilitou o surgimento de experiências que apontassem para um modo de vida mais satisfatório. Cada experiência guarda suas especificidades, mas várias delas tinham em comum a esperança de romper o estado de coisas reinantes e lutar por dias melhores. Assim escreveu Oliveira:

Tocado da terra, o camponês preferia ir para o sertão a transformar-se em vendedor de força de trabalho nas fazendas. E, mais que isso, o camponês reagia à opressão sofrida, apoiando-se na religião onde encontrava um modelo de ordem social fundada na aliança entre poderosos e fracos e não nas relações sociais reguladas pelo mercado. (OLIVEIRA, 1985, p. 237).

O Nordeste brasileiro vivia uma crise na economia que se arrastava pelas últimas décadas do século XIX. A expansão da produção açucareira e algodoeira encontrava muita dificuldade, enquanto a produção cafeeira florescia no Centro-Leste. Os camponeses foram feitos massa de manobra, porque, para pagar suas dívidas, senhores do Nordeste vendiam seus escravos para os fazendeiros de café e passavam a intensificar a exploração dos camponeses que viviam sem suas terras, mesmo depois de 1888.

Devemos considerar que a grande seca de 1877 a 1879 agravou ainda mais a situação dos camponeses, sobretudo no Ceará. A seca devastou a economia da região, que era baseada principalmente na agricultura, com as plantações de algodão, ou na pecuária com a criação de animais, provocando a miséria e a fome que se espalharam e criaram um contexto extremamente desfavorável, com milhares de mortes, como vemos na descrição de Neves:

As ruas ocupadas por uma multidão de pedintes andrajosos, a perambular pelas casas e praças, em busca de ajuda, de esmolas e alimentos, davam a sensação de uma cidade ocupada. [...] como sempre, a caridade individual ou particular procurou dar conta dessa população de famintos, [...] as obras públicas a serem implementadas teriam uma função não só de equipar o Estado de um sistema de armazenamento d'água capaz de fazer frente à irregularidade de chuvas, mas principalmente de manter o homem do campo no campo. (NEVES, 2009, p. 72).

Nesse momento, os retirantes eram notícias nos principais jornais das capitais. Podemos imaginar a miséria como espetáculo cruento de sofrimentos e agonias de um povo. A fome se espalhava pelos sertões atingindo principalmente as crianças e

idosos. As doenças, consequência da fome, tornavam a situação ainda mais grave e as cidades tornavam-se a arena principal do drama da seca.

Na história das secas cearenses, nunca houve uma migração tão intensa como na seca de 1877. Foram três anos de seca, quando centenas de milhares de pessoas foram se refugiar em lugares menos afetados. Os retirantes chegavam de diversas regiões com a esperança de migrarem para fora do Ceará. Há registros de grupos de flagelados que saíam em debandada e muitos saqueavam depósitos demantimentos do governo.

Na região do Cariri cearense, especialmente na cidade do Juazeiro do Norte, o padre Cícero Romão se desdobrava para socorrer os flagelados que chegavam de toda parte. Sobre o acontecimento da seca, Della Cava escreveu que

em 1877 – 1879, por exemplo, o Nordeste foi flagelado por uma das secas mais devastadoras de sua história; o Ceará foi declarado área de calamidade nacional. Em setembro de 1878, no pior ano do flagelo, d. Luís Antônio dos Santos dedicou, de maneira dramática, toda a providência ao Sagrado Coração de Jesus, como haviam feito os bispos do mundo católico, em 1875, num ato solene de reparação pelos pecados do homem. Além disso, prometeu que, terminada a seca, ele, como bispo, ergueria uma grande igreja em Fortaleza em nome do Sagrado Coração de Jesus. No Cariri, o clero seguiu seu exemplo; por toda parte faziam-se votos a essa efigie específica do Cristo, enquanto em Missão Velha e Barbalha os padres organizavam procissões solenes de uma igreja a outra, levando à frente as imagens em tamanho natural de seus respectivos padroeiros. Foi nesses tempos de crise nacional, regional e local que padre Cícero iniciou seu ministério cristão em Joazeiro do Cariri e arredores. (DELLA CAVA, 2014, p. 78).

Não há uma estimativa exata do número de óbitos em consequência da seca de 1877/79, mas calcula-se que morreram cerca de quinhentas mil pessoas. Sobretudo, na Província do Ceará, a seca provocou um debate intenso entre engenheiros, intelectuais e políticos. O engenheiro André Rebouças, abolicionista, negro, respeitado por suas ideias progressistas, chegou a calcular em mais de dois milhões as pessoas atingidas pela seca, ainda em novembro de 1877. Como pensar em seca sem vir logo a imagem da fome? A fome, décadas mais tarde, seria a pedra fundamental da obra de Josué de Castro (1908-1973)<sup>20</sup>, sobre a qual ele inseriria a temática nas categorias do pensamento moderno (CASTRO, 2007).

---

<sup>20</sup> Josué Apolônio de Castro nasceu em 05 de setembro de 1908 em Recife. Filho único de Manoel Apolônio de Castro, proprietário de terras e mercador de gado e leite, e de Josefa de Castro, conhecida como Dona Moça. Seu pai tornou-se retirante do sertão em decorrência da aguda seca de 1877 e sua mãe era filha de um proprietário de engenho na zona da Mata. O próprio Josué de Castro conta que

Para Josué de Castro, a fome era o resultado do sistema colonial mantido em suas linhas mestras mesmo depois da independência política do país (1822) e representava a matriz do subdesenvolvimento. Foi um pensador que estava adiante do seu tempo, sobretudo porque não se limitou a dar o diagnóstico da fome do mundo, passou também a orientar como se poderia desenvolver a luta pela sua erradicação. Com formação médica, ele partia sempre de desafios biológicos para chegar aos problemas sociais. Nesse sentido, propôs a reforma agrária como fundamental para erradicação da fome e conseqüentemente para o desenvolvimento regional.

Josué de Castro (CASTRO, 1959) e, posteriormente, Celso Furtado viriam salientar que a seca não era a responsável pelo flagelo, apenas o intensificava devido às condições econômicas e sociais que caracterizavam o sistema dominante na região. Ele tinha clareza de que o sistema vigente beneficiava os grandes proprietários rurais, os grandes comerciantes e os políticos, que chegaram a ser classificados nos anos 50 como *industriais da seca*.

Nesse período muitos escritores desenvolveram uma literatura, cujo tema central era a seca, a exemplo de “*Os retirantes*”, de José do Patrocínio (1853 - 1905). O romance conta a história do povo nordestino que sofria enormemente com a seca. O próprio tema, “*Os retirantes*”, destacava a mobilidade, a retirada, a migração, o êxodo, a transferência de seus personagens principais de um lugar para outro. Por que não pensar que esse contexto desenvolveu uma dinâmica permanente de andanças à procura de um lugar imaginário, que para muitos foi o Juazeiro do Norte, onde se encontrava um padre, chamado Cícero Romão, que se desdobrava para salvar quem chegava no pequeno povoado?

O padre Cícero Romão foi, em certo sentido, privilegiado por já conhecer bem o terreno que pisava. Viveu em uma época que lhe dava condições de ter uma visão mais ampla da realidade. Sabia muito bem quem foi e qual foi o método utilizado pelo missionário padre Ibiapina. Com certeza era muito bem informado de quem foi o beato Antônio Conselheiro e o que aconteceu em Canudos. Quando deu guarida ao beato

---

seu pai era um homem pobre, de Cabaceiras, na Paraíba, lugar mais seco do Nordeste. Também que sua mãe era de família de engenho, aristocrata, Carneiro da Cunha. Isso explica suas raízes de sua natureza: retirantes pelo lado paterno (seca de 1877 nas terras cinzentas do sertão), donos de engenho pelo lado materno (terras verdes dos canaviais da zona da mata) e de sua infância nas imediações dos mocambos - edificadas em manguezais do Recife. Há uma tese de doutorado do professor Helder Remigio de Amorim sobre o tema que é muito pertinente. A saber: “Um pequeno pedaço do incomensurável”: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro. Recife: UFPE, 2016.

José Lourenço, recém-chegado da Paraíba, já entendia de camponês que gosta da terra e a faz produzir.

Uma ligação entre esses movimentos é destacada por Oliveira (1985), da seguinte maneira:

O contexto sociológico onde ocorre o movimento religioso em torno à figura do Pe. Cícero é fundamentalmente o mesmo do movimento de Canudos: o sertão do Nordeste, empobrecido pela transferência dos escravos para o Sul e pela decadência da produção algodoeira, marcado pela intensificação da exploração dos camponeses pela grande seca de 1877/79. (OLIVEIRA, 1985, p. 248).

O caso do Juazeiro e do padre Cícero Romão esteve no centro de um turbilhão de acontecimentos envolvendo uma gama de aspectos. É o que veremos em seguida.

### **2.3 Padre Cícero Romão: percurso histórico e personalidade (1844)**

Compreender os fenômenos religiosos é, sempre perguntar-lhes outra coisa daquilo que eles quiseram dizer; é interrogá-los a respeito do que nos podem ensinar a respeito de um estatuto social, através das formas coletivas ou pessoais da vida espiritual; é entender como representação da sociedade aquilo que, do seu ponto de vista, fundou a sociedade (Michel de Certeau).

O cordelista e poeta João Mendes de Oliveira, contemporâneo de padre Cícero e autointitulado “historiador brasileiro negociante”, um dos primeiros a enaltecer o sacerdote em rimas e versos, assim o retratou: “Perante a lei da verdade, não vou dizer nada à toa, Padrinho Cícero é uma pessoa, da Santíssima Trindade” (LIRA NETO, 2009, p. 24). Logo cedo, padre Cícero, um sujeito histórico, vai se transformando em mito<sup>21</sup>.

A imagem de padre Cícero só não está nas igrejas, mas na maioria das casas no Sertão nordestino está sempre exposta em algum lugar. Padre Cícero é sempre

---

<sup>21</sup> O sagrado é constituído por símbolos e signos, produzidos pelos seres humanos, que possibilitam a transcendência em função da organização da imanência. O mito estrutura a vida do ser humano. O sagrado, a fé do “ser humano religioso” é verdadeiro e assume concretude. O que há mais de cem anos possibilita a vivência da fé na romaria é exatamente algo estruturante. O mito nasce a partir de uma necessidade consequente e primordial. O que explica o fato de que todas as culturas, em todos os tempos, criam os seus mitos. Não existe sociedade sem mito. Os cientistas da religião constatam que o ser humano não suporta viver no caos.

retratado com o cajado, o chapéu e a batina preta inconfundível. Essa iconografia está na fachada das lojas, das farmácias, dos supermercados, dos cartórios, das bodegas, dos comitês eleitorais. Estátuas de Cícero de gesso – e em tamanho natural – adornam até mesmo as agências das grandes redes bancárias espalhadas pela cidade de Juazeiro do Norte.

Fotografia 3 - Estátua do padre Cícero Romão em gesso



Fonte: acervo do doutorando

Tudo começou com o nascimento do menino! Era madrugada do dia 24 de março de 1844. É normal que ao contar o nascimento de alguém muito admirado aconteça uma amplificação na narração, tornando o acontecimento algo fantástico. Não foi diferente com o nascimento do menino Cícero. Muito do que se escreveu ou se narrou pela tradição oral a respeito do padre Cícero já faz parte de uma construção mítica. Como escreveu Tolovi:

E uma característica desse tipo de narrativa consiste em uma perspectiva que vai do presente para o passado. Isto é, falar do nascimento ou da infância de um ser humano extraordinário depois de todos os prodígios que este realizou durante a sua vida pode significar uma narrativa carregada de sentimentos místicos ou religiosos que fazem sentido dentro de um contexto já estabelecido. (TOLIVI, 2015, p.128).

O povo devoto recorre a uma imaginação fértil e faz a sua narração. Aqui encontramos o poder da narrativa. No universo religioso podemos tomar uma infinidade de exemplos. Um cientista da religião deve perceber o poder das

hierofanias<sup>22</sup> e heterogenias. O cientista das religiões deve “tentar compreender o sagrado no contexto das hierofanias sujeitas às limitações da espacialidade e da temporalidade” (RIES, 2017, p. 77).

É dentro desse contexto que surgiram várias versões sobre o nascimento do menino Cícero. Os cordéis exploraram bastante esse tema. Estudiosos do fenômeno do Juazeiro do Norte colhem muitas descrições do nascimento do menino Cícero. Lira Neto, descrevendo uma das versões, diz que

mais de 1800 anos após ter sido pregado numa cruz pelos soldados romanos no monte Gólgota, em Jerusalém, Jesus Cristo, o homem em cuja memória se fundou a Igreja que congrega mais de 2 bilhões de fiéis espalhados por todo o mundo, voltou à Terra. Nasceu de novo, na cidade do Crato, interior do Ceará. Cristo retornou na forma de um bebê sertanejo, com traços nitidamente caboclos, mas de cachinhos dourados e olhos azuis. O Menino Jesus redivivo chegou dos céus em meio a uma explosão de luz, com a força de mil sóis, no meio do sertão. Foi trazido por um anjo de asas cintilantes, que na mesma hora levou embora a filhinha recém-nascida de uma católica fervorosa, a cearense Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como dona Quinô. De tão intenso, o clarão deixou a mulher temporariamente cega, bem na hora do parto, o que a impediu de perceber a troca das duas crianças. Como sinal de que era um iluminado, o menino santo acabava de regressar ao mundo em um 24 de março, véspera da data em que se celebra a Anunciação de Nossa Senhora, exatos nove meses antes do Natal. (LIRA NETO, 2009, p. 23).

A construção mítica parte de um imaginário forte. Na narração do nascimento de um santo, na compreensão popular, há algo de fantástico. O nascimento e a morte não podem ser contados da mesma maneira de um mortal. O sagrado sempre se manifesta através de qualquer objeto ou pessoa do meio natural, profano (ELIADE, 2001). E então todo objeto só ilumina pelo transcendente, a partir de uma dinâmica simbólica.

Não abordamos esse fenômeno como os pensadores iluministas ou colonialistas que estudavam e estudam o fenômeno religioso a fim de mostrar o espaço cada vez maior conquistado pelas explicações racionais. Trabalhamos com situações vividas pelo povo romeiro, que é religioso, para desvelar significações essenciais. E nesse sentido entendemos o sagrado não como um estágio na história

---

<sup>22</sup> Hierofania pode ser definido como o ato de manifestação do sagrado. Hierofania é a manifestação do sagrado no profano, conforme o conceito do historiador das religiões Mircea Eliade, pois segundo ele o termo exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo natural, profano”.

da consciência, como algo pontual e estanque, mas como um elemento na estrutura da consciência.

Para as romeiras e romeiros, que têm um imaginário na tradição, um lugar ou um tempo só têm sentido, valor e realidade, se o sagrado ali se manifesta. Por isso, a história desde o começo não pode ser contada sem esse viés. O sagrado passa a ser uma fonte de sentido, uma referência absoluta. Algo do mundo fantástico. Para Eliade somente a experiência do sagrado confere significação.

A verdade é que nasceu o menino Cícero como qualquer menino do Sertão do Cariri: “cabeça avolumada, orelhas grandes, cabelos alourados e o que chamou mais atenção foi o surpreendente par de olhos azuis, o que ajudou a fazer uma associação com a imagem do Cristo europeu” (LIRA NETO, 2009, p.24). Na realidade, essas características do menino Cícero foram herdadas dos antepassados portugueses da família, tanto do lado materno quanto do paterno.

Um fato que chama atenção do pesquisador é que o menino Cícero, segundo uma versão, nasceu no dia 23 de março, mas foi registrado no dia 24. Otacílio Anselmo, em sua obra “Padre Cícero: Mito e Realidade”, contesta este registro do dia 24 de março. Citando fontes testemunhais, ele afirma que Cícero nasceu aos 23 de março deste mesmo ano. Assim ele descreve:

não se pode indicar a quem coube a responsabilidade desse pulo de 24 horas sobre a data natalina do sacerdote. Entretanto pode-se afirmar que o salto, embora sem significação aparente, tivera um objetivo determinado, qual seja o de vincular o nascimento de Pe. Cícero ao dia 25 de março, que é consagrado pela Igreja à Anunciação de Nossa Senhora. (ANSELMO, 1968, p.18).

Essa versão é contundentemente criticada por Sobreira quando escreve que

Não é, pois, sem fundamento que persisto que no meu ponto de vista anterior: Cícero nasceu no local acima indicado, depois de meia-noite do dia 23 de março de 1844. De lamentar é que haja levado descaminho um caderno manuscrito em que o autor de meus dias, a instantes pedidos de um seu amigo, consignou um feixe de impressões pessoais relacionadas com a genealogia de algumas famílias do Sul do Estado e, notadamente, com personalidades que lhe haviam merecido particular admiração. Entre elas, poderíamos citar [...] Cícero Romão Batista. (SOBREIRA, 2011, p. 38).

Notadamente forçar o nascimento do menino para perto da festa da Anunciação do Anjo à Virgem Maria é algo que provoca o fabuloso, o fantástico. Na data de 25 de março, a Igreja católica romana celebra, desde 525 d.C., a nova era de graça divina que começou com a Encarnação de Cristo, da qual a Anunciação é o primeiro ato.

Esse dia é conhecido como dia da Anunciação. Há uma lógica na escolha do dia 25 de março porque é o anúncio do nascimento do Salvador. Representa exatamente nove meses antes do Natal de Jesus, em 25 de dezembro. Como uma gestação normal dura por volta de nove meses, contou-se, partindo de 25 de dezembro para trás, e chegou-se ao dia 25 de março. Nesse sentido a narrativa como elemento central na construção de um mito é descrita por Tolovi da seguinte maneira:

No caso de Padre Cícero, por exemplo, o que vamos perceber é que as beatas e os cordelistas se tornaram as narradoras e os narradores que mais colaboraram para a construção do mito. E, para estas e estes, a data e o lugar do nascimento do 'Padim' é o que menos importa. O importante mesmo é traduzir o sentimento da religiosidade popular em uma linguagem simbólica completamente 'prenhe' de sentido. (TOLOVI, 2015, p. 130).

As narrativas fabulosas foram construídas, com o passar do tempo, através dos mais diversos canais, desde pessoas semianalfabetas até os chamados letrados. Produziu-se uma narrativa que historicamente foi-se passando de geração em geração.

Um filho de Juazeiro e afilhado do padre Cícero, Azarias Sobreira, escreve uma obra importante sobre o padre Cícero: *O patriarca do Juazeiro*. Assim, Sobreira descreve a chegada e traços de Cícero:

Consoante o testemunho fidedigno de uma ex-escrava de seus genitores, a acatada octogenária de todos conhecida por Teresa do Padre Cícero, são estes os dados concernentes à sua infância: nasceu na cidade do Crato, na rua Grande, atualmente Miguel Limaverde, oito a dez casas acima da demolida igreja de São Vicente Ferrer, lado do sol, no dia 24 de março de 1844. [...] O primeiro mestre-escola que Cícero teve foi o professor Rufino, natural de Icó, que morava na vizinhança. Nessa escola êle se matriculou aos seis anos de idade. Só aos dezesseis anos é que foi para Cajazeiras, na Paraíba, onde ficou sob a batuta do renomado educador Padre Inácio de Sousa Rolim, ocasião em que teve por colega de estudos o futuro Cardeal Dom Joaquim Arcoverde. De então por diante, os únicos mestres que teve foram os Padres Lazaristas, de origem francesa, que em 1864 tinham assumido a direção do atualmente centenário Seminário Provincial de Fortaleza. [...] Franzino de constituição, Cícero que, depois de investido na carreira eclesiástica, jamais dispôs de tempo para outra ginástica senão a de andar a cavalo, possuía força muscular fora do comum e uma resistência à fadiga que não deixou de causar pasmo a seus colegas e outras pessoas que com êle trabalharam. (SOBREIRA, 2011, p. 32).

Há muitas pesquisas e escritos sobre a vida do padre Cícero. Nos atemos mais aos relatos de pessoas que conviveram com ele ou são da primeira geração após sua morte. Encontramos relatos que reportam aos seus contemporâneos.

A vida da família de Cícero não se destacava das demais do município do Crato, vale do Cariri cearense. O pai, Joaquim Romão, tinha casa própria de tijolo, uma venda humilde e quatro pedaços de terra para trabalhar, o que caracterizava a família de condição média. Seu avô paterno era o capitão Romão João Batista, latifundiário do Crato. Seu avô foi comandante do corpo de cavalaria do exército libertador que ajudou a consolidar a independência nas províncias do Ceará, Piauí e Maranhão, tendo exercido destacado papel na história daquela região (DUMOULIN, 2017, 51). Dona Quinô era o apelido da mãe de Cícero. Joaquina Ferreira Gastão era seu nome de batismo. Já a família da mãe de Cícero tinha origem na Bahia. O avô materno de Cícero era o baiano José Ferreira Gastão.

Casa-se Joaquim com Joaquina. O casal teve um filho e duas filhas: Cícero Romão, Maria Angélica (chamada de Mariquinha) e Angélica Vicência. Com eles, vivia também uma ex-escrava, conhecida como Teresa<sup>23</sup>.

Os antepassados de Cícero tiveram uma certa influência na região. Desde suas origens, o Cariri tem-se destacado pelas figuras ilustres que contribuíram com sua história. Por exemplo: o bisavô de Dona Quinô, Francisco Gomes de Melo, foi o primeiro capitão-mor na inauguração da chamada Vila Real do Crato, em 1764.

A família de Cícero também passou por episódios dramáticos em relação à sua reputação. O contexto da metade do século XIX era de muitas mudanças de mentalidade. Se dizia que em Fortaleza podiam-se encontrar as últimas novidades chegadas ao Rio de Janeiro de Paris, mas a febre amarela e a varíola periodicamente dizimavam a população pobre. Era um tempo em que o luxo convivia com a miséria. Proliferava a prostituição e a malandragem. Uma das expressões da moral se apresentava pela moda. Havia uma pudicícia muito grande a ponto de muitas mulheres usarem camisola, que ia até os pés, sem decote e de mangas compridas. Foi nessa época que a família de Cícero foi humilhada e com um episódio doloroso. Dumoulin conta da seguinte maneira:

Certo coronel, José Francisco Pereira Maia, tinha sido traído por sua esposa. Em represália, jurou vingar-se seduzindo o maior número

---

<sup>23</sup> Teresa, conhecida mais tarde pelo apelido de “Teresa do padre”, deve ter sido alforriada muito cedo pela família Romão Batista e morreu bem velhinha, fazendo parte da família. É bom lembrar que o Ceará foi a primeira Província do Brasil a abolir a escravatura, em 25 de março de 1884 (padre Cícero tinha 40 anos), mas que, em 30 de janeiro de 1881, um grupo de abolicionistas, incluindo um primo dele, José Marrocos, já tinha assinado o decreto seguinte: “Um por todos e todos por um: a sociedade libertará escravos por todos os meios ao seu alcance”. Para divulgar seus ideais, em 1881, foi fundado o Jornal O Libertador, que começou a circular em 1º de janeiro, e teve como um dos seus redatores José Joaquim Teles Marrocos.

possível de moças e mulheres no Vale do Cariri e orgulhou-se de ser assim o pai de 74 filhos! Eis um exemplo da lei “mão de ferro” do coronelismo com suas tropas de jagunços, que dominavam o interior do sertão. As seis irmãs de Dona Quinô foram estupradas por esse indivíduo. Somente a futura mãe de Cícero conseguiu resistir à sedução desse rico coronel. Esse fato, que marcou profundamente a família do jovem Cícero, foi-nos contado por Dona Amália Xavier de Oliveira, cujo pai era grande amigo do Padre Cícero. (DUMOULIN, 2017, p. 52).

Podemos imaginar que os comentários e as bisbilhotices se espalharam não só pela pequena cidade do Crato, mas pelas vizinhanças. Essa história, envolvendo as tias, marcou profundamente o pequeno Cícero.

O padre Azarias Sobreira, escritor e testemunha ocular dos acontecimentos do Juazeiro, recolheu muitos dados relativos à vida do padre Cícero. Uma das informantes foi Maria Teresa de Jesus, que ficou com a alcunha de “Teresa do padre”, informante muito importante porque morou com a família do padre Cícero. Em atitude etnográfica, Sobreira escreve:

O que colhi, depois de homem feito, relativamente ao Padre Cícero, obtive-o de fontes das melhores que se poderiam encontrar, consultando a amigos e inimigos do saudoso extinto, raramente prescindindo de que a declaração solicitada me fosse feita com a mão sobre o Evangelho. Se o informante não tinha noção segura, se hesitava, simplesmente eu passava adiante. Quanto a ter sido no sobredito prédio que o Patriarca veio ao mundo, é minha convicção que o testemunho dado por Maria Teresa de Jesus, vulgo Teresa do Padre Cícero, basta para firmar opinião. (SOBREIRA, 2011, p. 37).

O menino Cícero chamava atenção dos adultos por seu gosto pela oração. Seus contemporâneos contam que a caminho da escola, entrava na igreja matriz para rezar, atrasando-se muitas vezes para a aula. Com 4 anos de idade, já conhecia o catecismo e com 8 fez a primeira comunhão. Acontecia também que

chegada a hora das refeições, não ser encontrado em casa. Então era certo achá-lo na igreja, mergulhado em oração: ou, se já era bôca da noite, na farmácia vizinha, pertencente ao boticário Garrido, onde se detinha a escutar, com pasmosa atenção, as palestras dos homens principais da terra que ali diariamente se reuniam. Vem dessa época tão recuada o seu gosto pelo estudo da História, sobretudo do Brasil e do Cariri, que era a mania de um dos frequentadores da roda. (SOBREIRA, 2011, p. 33).

Sobreira teve uma interlocução de quase 20 anos com o padre Cícero Romão, chegando a dar o seguinte depoimento:

eu mesmo, que com êle palestrei demoradamente e ao longo de quase vinte invernos, sequioso de saber particularidades de sua

vida e de sua estranha mentalidade, ainda me considero jejuno para me ocupar de muita coisa que lhe diz respeito. O que não padece dúvida é ter sido um menino singular, o que não o impediu de correr, brincar, fazer ginástica no quintal doméstico, trepar em árvores, realizar longas caminhadas a pé, como todo e qualquer sedento de dar provas de força e virilidade. (SOBREIRA, 2011, p. 33).

A instrução do menino Cícero foi entregue, inicialmente, a educadores que acompanhavam seus estudos<sup>24</sup>. Era muito comum, o estudo em escolas privadas que também eram chamadas de domésticas. No período imperial, há um lento e contínuo processo de expansão do ensino, embora as chamadas escolas domésticas fossem superiores em muito ao número de escolas públicas. Essa modalidade de ensino normalmente funcionava na casa do próprio professor ou de uma família, ou em prédios comerciais ou públicos. Normalmente eram os pais que pagavam os honorários do professor, posto que a maioria das escolas não apresentavam vínculos com o Estado (FARIA FILHO, 2000). Nessa primeira etapa de aprendizado, Cícero estudou com o professor Rufino de Alcântara Montezuma, depois com os professores Jesuíno e Laureno Brizeno da Silva e, por fim, com o professor João Marrocos.

O pai do menino Cícero tinha o desejo de que o filho se tornasse comerciante, mas vários relatos afirmam que muito cedo ele manifestou gosto pelos estudos e pela vocação sacerdotal. Esse interesse de Cícero foi sempre aceito pela família, inclusive por seu pai.

Cícero estava entre os 16 e 17 anos, quando foi encaminhado ao prestigiado colégio do padre Inácio de Souza Rolim<sup>25</sup>, na cidade de Cajazeiras, Paraíba. Dedicava-se aos estudos com afinco, quando foi surpreendido com a morte de seu pai, em 28 de junho de 1862, em consequência da tragédia do cólera<sup>26</sup>, que assolava

---

<sup>24</sup> No século XIX, incentivado pelo governo imperial, propagou-se o modelo de método mútuo, que surgiu para substituir o método individual, diretamente, voltado para um único aluno. As escolas eram divididas em escola para meninos e escolas para meninas, sendo comum um currículo diferenciado. Há um lento e contínuo processo de expansão do ensino durante o período imperial, que favorece a inclusão de uma clientela de filhos de homens livres e pertencentes a estratos sociais não tão abastados, dentro do processo educacional. Essas escolas do século XIX podiam ser públicas ou privadas. O número de escolas privadas – também chamadas de domésticas – suplantava e muito o número de escolas públicas.

<sup>25</sup> Segundo um contemporâneo de padre Cícero Romão, o padre Azarias Sobreira, só aos dezesseis anos é que Cícero foi para Cajazeiras na Paraíba e ficara sob a batuta do renomado educador Padre Inácio de Sousa Rolim. O padre Inácio de Sousa Rolim (1800 – 1899) foi um sacerdote eminente paraibano que dedicou sua vida à educação e ainda em vida foi chamado de “o Anchieta do Norte”.

<sup>26</sup> O cólera chegou no Ceará de forma avassaladora vitimando milhares de pessoas e criando um pânico geral. A epidemia de cólera, que atingiu o Brasil a partir de 1855 e se espalhou por várias províncias, teria atingido o Ceará somente por volta de 1862. O desenrolar dessa doença pode ser

o Cariri cearense. Esse acontecimento fez Cícero, com 18 anos de idade, voltar ao Crato para assumir os negócios do pai, abandonando momentaneamente o sonho de se tornar padre. Pouco tempo depois, o pai de Cícero apareceu-lhe em sonho e lhe deu a garantia de que “não abandonaria os seus livros, pois Deus daria um jeito para fazê-lo prosseguir os seus estudos” (COMBLIN, 2011, p. 10).

Não passou muito tempo para essa dificuldade logo ser superada. Cícero tinha um padrinho de crisma, o coronel Antônio Luiz Pequeno, rico comerciante local e chefe político do Crato. Dona Quinô, sua mãe, assumiu os negócios da casa e pediu ajuda ao padrinho que era muito amigo do finado Joaquim. Cícero também relatou o sonho que teve com o pai. Prontamente o coronel Antônio Luiz resolveu ajudar seu afilhado, dispondo-se a custear os estudos do rapaz, ajudando-o a ingressar no recém-criado Seminário Episcopal do Ceará, em Fortaleza<sup>27</sup>. Era isso que Cícero ambicionava, entrar no recente seminário, conhecido como Seminário Diocesano da Prainha. Em todo esse processo dona Quinô foi uma guerreira: preparou o enxoval de seu único filho para que continuasse os estudos, agora no seminário.

Em 1865, o jovem Cícero, com quase 21 anos de idade, ingressou na segunda turma do seminário de Fortaleza, recém-aberto. Todos os professores do seminário daquela época eram de nacionalidade francesa. Podemos imaginar os encontros e desencontros culturais. Desde a fundação, em 1864, foi entregue aos padres lazaristas franceses. Chegaram com sua bagagem europeia, considerada, naquela época, como o verdadeiro catolicismo romano em oposição ao catolicismo dito “colonial” ou “luso-brasileiro”. O seminário tinha um objetivo bem claro: reformar o clero cearense. Os padres eram pertencentes à Congregação de Missão, fundada por São Vicente de Paulo (1581 – 1660), que tinha a tarefa de dirigir o seminário diocesano, reformando o clero nos âmbitos morais e doutrinários, segundo os desígnios tridentinos, que foram mais tarde reafirmados no Concílio Vaticano I (1869 – 1870).

---

acompanhado através do cruzamento de informações constantes nas correspondências, obituários e notícias publicadas nos periódicos fortalezenses, bem como na correspondência e ofícios trocados entre as Comissões de Socorros e o Governo da Província. Desta maneira, os caminhos do cólera no Ceará e em várias de suas localidades descortinam um cenário que evidencia a trágica realidade enfrentada pela população.

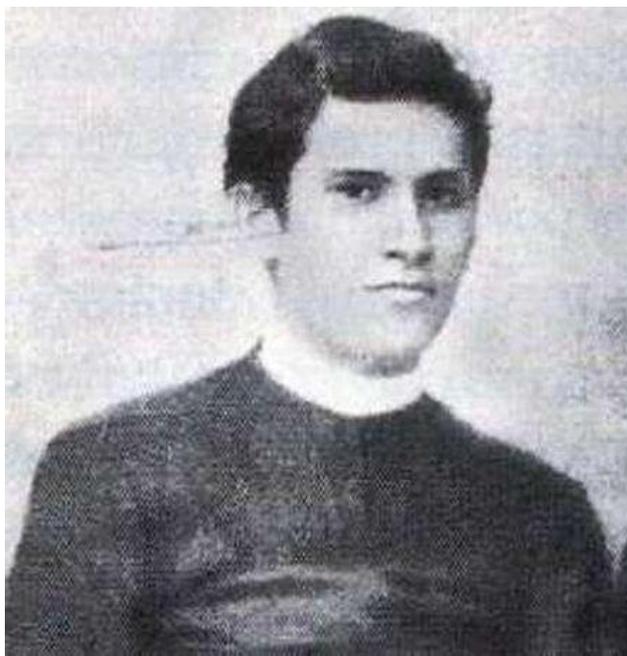
<sup>27</sup> O Seminário da Prainha foi fundado como Seminário Episcopal do Ceará em 1864, em Fortaleza. Tinha claramente o objetivo de fidelidade ao ensino religioso no âmbito do processo de romanização. Para essa missão passou quase 100 anos dirigido pelos padres lazaristas franceses (1864 – 1963), chamados “Padres da Missão”. Neste período, foram responsáveis pela formação de personagens proeminentes na história da igreja do Brasil como dom Helder Pessoa Câmara. A formação no seminário era voltada para defender o conservadorismo em detrimento das ideias liberais e modernizantes que chegavam da Europa.

Não demorou para surgirem insatisfações e conflitos entre os padres ultramontanos e muitos seminaristas que expressavam uma mentalidade nativa, brasileira, nordestina. Della Cava fala de uma “rebelião dos seminaristas” que foi uma reação à imposição de padrões europeus aos discípulos nordestinos que, segundo ele, “provocaria, mais tarde, dissensões dentro do seminário” (DELLA CAVA, 2014, p. 71).

Cícero vive este contexto na sua formação seminarista. Segundo Braga,

sua passagem pelo seminário poderia ser apresentada como relativamente tranquila não fossem algumas objeções feitas quando ele estava na metade do curso e que partiram do Conselho de Ordenação, especialmente, do padre lazarista Pierre Chevalier, reitor do seminário, sugerindo que ele não deveria ser ordenado. Dom Luiz Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, não acatou a sugestão do Conselho e dois anos depois decidiu ordená-lo, em 30 de novembro de 1870. Deste modo Cícero Romão Baptista foi ordenado sacerdote, apesar das restrições do Padre Chevalier. (BRAGA, 2007, p. 32).

Fotografia 4 - Retrato do seminarista Cícero Romão Batista



Fonte: Memorial Padre Cicero – Juazeiro do Norte – CE

Cícero chega ao final dos estudos e é ordenado aos 26 anos de idade, no ano de 1870. Segundo Comblin

o padre francês Pierre Chevalier, reitor do seminário, desaconselhou a ordenação sacerdotal porque achava Cícero demasiadamente místico, cabeçudo e por vezes audacioso em matéria doutrinal. No entanto, dom Luís tinha muita simpatia por Cícero e o ordenou em 30 de novembro de 1870. Aluno zeloso e fervoroso, certamente

influenciado pela leitura de revistas missionárias, pensou em servir a Deus na China. João Aprígio, seu antigo tutor e amigo da família, demoveu-o imediatamente dessa ideia: como poderia abandonar a mãe viúva e as duas irmãs órfãs? (COMBLIN, 2011, p. 10).

O neófito sacerdote já tinha dado sinais de uma pessoa decidida a doar-se na missão abraçada. O manifesto desejo de ir missionar na China mostra o nível de seu desprendimento e também traços de sua personalidade. No seminário, Cícero não se contentava com as leituras internas, ele procurava ler jornais e revistas europeias. Tinha uma empolgação com a missão em um país que perseguia os cristãos e os fazia mártires. Conforme escreveu Dumoulin:

Nasceu no jovem Cícero o grande desejo de se oferecer para converter os chineses, consciente de que seu fim seria certamente o martírio. Comprou até um dicionário que encontramos na sua biblioteca, hoje, conservada pelos padres salesianos, em Juazeiro do Norte, e começou a estudar chinês. (DUMOULIN, 2017, p. 73).

Cícero recebeu uma grande influência, na sua formação, do padre Rolim, conforme já referimos. Dois títulos vão aproximar os dois num futuro próximo. Rolim ficou conhecido como “Anchieta do Nordeste” e Cícero “Conselheiro e Patriarca do Sertão”. De maneira magistral Dumoulin escreveu:

conhecendo a trajetória humanitária e espiritual de Cícero, fico impressionada com a semelhança dos sonhos e dos ideais do Padre Rolim, chamado de “Anchieta do Nordeste”, e de um dos seus alunos, o futuro “Conselheiro e Patriarca do Sertão”. Estamos descobrindo, amigo leitor, mais um “sinal” de Deus escrito no “livro da vida” desses dois homens que assumiram a missão de servir, educar e evangelizar o povo nordestino. Vejamos. Essas missões começaram a partir de duas capelinhas, a primeira situada no Estado da Paraíba, na fazenda do nome de uma árvore (Cajazeira), da qual o Padre Rolim fundou uma cidade do “homem/fazer”, a partir de “uma escola da visão ampliada, dos projetos, do fazer construir”. A segunda no lugar conhecido por outra árvore (Juazeiro) onde Padre Cícero criou outra cidade, um “universo” de desenvolvimento sustentável, uma “cidade do saber/fazer”! E os métodos utilizados pelos dois são parecidos em muitos aspectos. Não resisto à tentação de lhe apresentar desde já um exemplo do método de educação do “saber/fazendo”, próprio a Cícero e parecido com a “imaginação material” do Padre Rolim. (DUMOULIN, 2017, p. 60).

Padre Cícero Romão era de caráter e personalidade forte. Não faltavam comparações para os escritores regionais. Comparavam-no, por exemplo, ao Cura d’Ars e Dom Bosco (SOBREIRA, 2011, p. 68). Entre inúmeras cartas escritas pelo padre Cícero Romão, encontrei uma cópia que se acha no Centro de Psicologia da Religião (CPR) do Juazeiro do Norte - CE, cujo original está guardado nos arquivos dos salesianos, da mesma cidade. Já sacerdote

maduro, Cícero escreve essa carta a um amigo, padre Lúcio, que passava tremendas dificuldades, com as seguintes palavras:

Meu caro e bom amigo Padre Lúcio, Laudetur Js. Christus. Recebi sua carta, onde tão expansiva e confidencialmente me escreve. Espero que Deus o tire do abismo onde os infortúnios da vida o atiraram. Deus lhe salva, lhe falo como amigo por quem tenho tanto interesse como por mim mesmo. É o sacerdócio de Deus que lhe reviste que reaja e corte de um golpe a amizade e a vida que você bem sabe quanto está fora do que Jesus Cristo quer, e deve ser um sacerdote de coração bom e inteligente como você é. Deus lhe chama e lhe quer um seu filho e bem-aventurado no céu. Para facilitar as coisas, mando convidar a mãe e a filha para aqui encarregar o João Rodrigues trazê-las no caso de quererem vir, soube que é uma professora aposentada que tem um ordenado de 600#000, aqui chega para passar modestamente. Como o meu bom amigo deve de um modo ainda mais especial amar-lhes a alma e salvação delas que tão infelizmente se distanciaram, não se oponha à vinda delas. Aqui tem sido um refúgio dos náufragos da vida: tem gente de toda parte que modestamente vem abrigar-se debaixo da proteção da Santíssima Virgem. E como é certo, que todo bem, ainda os mínimos, vem de Deus, e de todo mal Deus é quem nos livra, ou por meio da Santíssima Virgem, ou de sus santos, ou por qualquer criatura, ou diretamente por si, porque só ele, Deus é o Criador de todas as coisas, ainda as mínimas, é o autor absoluto de todo bem e de toda graça. Falo assim teólogo; elas vindo em busca da Santíssima Virgem, é um bem, é Deus quem as traz, e, portanto, não se oponha. E torna-se mais fácil como você intimamente bem vê para tudo de sua vida de padre. Elas vindo não será difícil o bispo novo, ou integrá-lo em sua freguesia, ou dar-lhe outra freguesia que lhe sirva. Reze, meu amigo, todos os dias o seu breviário, o rosário da Santíssima Virgem das Dores, e ame a pureza e a nobreza de sua vida sacerdotal, a sua salvação, para onde a Santíssima Virgem das Dores e o Divino Coração de Jesus lhe chamaram. Ânimo, meu amigo, deixe tudo que Deus não quer, e vamos começar o Reino do Céu onde nos reconheceremos. Não repare falar-lhe deste modo, é o interesse que tenho de vê-lo salvo, e fora, por completo, das coisas que, você bem sabe, não podem ser em quem se salva e muito mais no meu bom amigo que quero de todo coração vê-lo no céu e é sacerdote do Senhor. Outro assunto. Como já lhe disse, os horrores da seca me obrigam para não deixar morrer de pura fome uma população inteira de necessitados, me abismaram em uma dívida tão grande, que tudo quanto alcanço é para pagar aos que me confiaram. Se não fossem essas dificuldades em que estou, não lhe emprestava, lhe dava com muito gosto de ajuda-lo na vida. Não repare mandar-lhe um pequeno socorro para suas precisões, vão inclusos cem mil reis (100#000). Vá entender-se com o seu novo bispo, e pode acontecer que Deus lhe proteja e você se saia bem. Peço-lhe como amigo que, recebendo esta minha carta, que é uma voz de amizade que lhe tenho, comece o seu breviário, todos os dias o Santo Rosário da Mãe de Deus; a vida de bom padre, e nunca querer tirar a sua batina. Deus super omnia – Oremos ad invicem. Disponha sempre. De seu amigo e irmão em Js. C. Pe. Cícero Romão Batista. O.S.: Peço-lhe que leia mais de uma vez e reflita. (DUMOULIN, 2017, p. 67).

Essa carta expressa, de maneira categórica, o quanto padre Cícero Romão era sensível às necessidades das pessoas. Era alguém que tinha uma atitude de acolhimento do outro. Sua atitude para com a senhora e sua filha é um testemunho límpido. Numa postura amorosa, não condena nem rejeita, pelo contrário, coloca a pessoa humana em primeiro lugar. Convida a senhora e sua filha para morarem no Juazeiro, debaixo da proteção da Virgem das Dores, sem forçá-las, apenas se assim elas o desejassem. Padre Cícero se colocava na escuta respeitosa da realidade que o cercava. Procurava discernir o que era melhor para as pessoas a partir de sua teologia. Um fato concreto é que chegou a ajudar o padre Lúcio, colega de ministério, inclusive financeiramente. Na compreensão da teologia do padre Cícero Romão, fica configurado que acolher o outro é acolher a Deus e, por isso, o acolhimento misericordioso está acima de toda moral. Naturalmente, não era a teologia do padre Chevalier, reitor do Seminário da Prainha que desaprovava Cícero no quesito ordenação sacerdotal. Essa carta foi escrita em 1918, há exatos 102 anos. Sua postura se assemelha à do Papa Francisco na atualidade. É o que veremos em um dos itens dos próximos capítulos.

Seu primeiro ano de sacerdócio foi dedicado a missões em Trairi, município do estado do Ceará, localizado a 137 km da capital, Fortaleza. No ano de 1871 padre Cícero Romão regressou a sua cidade natal, Crato. Era um jovem de 27 anos com muita disposição para trabalhar. Residindo na cidade do Crato, colaborava onde era chamado para celebrar missas e administrar batizados. Neste ano, colaborou como professor de latim no Colégio Cratense Venerável Ibiapina, de seu primo, o professor José Marrocos. Padre Cícero tinha um desejo guardado que era, após o primeiro ano de sacerdote, voltar para Fortaleza e lecionar no Seminário Diocesano, mas um convite do professor Semeão Correia de Macedo, para celebrar a missa de natal na capela do povoado onde ele lecionava, próximo a Crato, chamado Juazeiro, mudou definitivamente sua vida.

#### **2.4 A chegada do padre Cícero no Juazeiro em (1872)**

Naquela época, havia no povoado cerca de trinta e poucas casas; umas de tijolo eram cobertas de telhas; outras de parede de barro e cobertas de telhas; outras mais e na maioria, de parede de barro ou

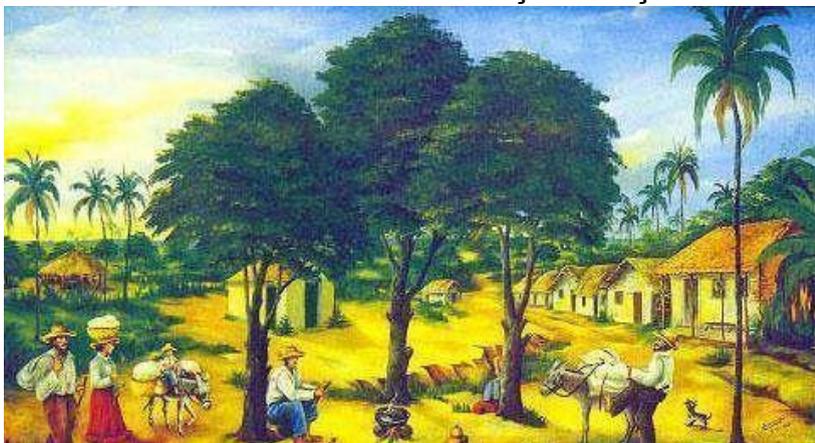
taipa e cobertas de palha de babaçu e ainda muitas espalhadas pelos terrenos e roças, todas de palha (Hermínio Oliveira).

Zeloso, estimulava associações, como a Conferência São Vicente de Paulo, dando provas de sua abnegação aos pobres e doentes durante a terrível seca de 1877 – 1879, quando salvou muitas vidas fazendo cavar poços e plantar mandiocais (Daniel Walker)

Os primórdios de Juazeiro do Norte não diferenciavam de muitos lugarejos que se tornaram cidades desenvolvidas. Tudo começou com o interesse de uma ou mais famílias de querer habitar o lugar que era um povoado oriundo da fazenda Tabuleiro Grande, pertencente ao brigadeiro do exército brasileiro, Leandro Bezerra de Menezes, que na localidade mandou construir a casa de fazenda da família.

Os indígenas e descendentes de escravos habitavam a região do Cariri. Quando aparecia possibilidade de trabalho, logo chegavam no entorno da fazenda para tentar a sobrevivência com sua família. Foi nesse sentido que foram construindo suas moradias. O brigadeiro teve um neto, Pedro Ribeiro de Carvalho, que se ordenou padre e logo mandou construir uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Dores para o recém-sacerdote celebrar missas. Acontece que, em 1827, padre Pedro Ribeiro mudou-se para o pequeno povoado, com a finalidade de assumir a assistência religiosa do lugar.

Quadro 4 - Quadro a óleo de Assunção Gonçalves - Juazeiro – 1827



Fonte: Memorial Padre Cícero – Juazeiro do Norte – CE

Vários padres passaram pelo povoado prestando algum serviço de desobriga<sup>28</sup>, outros para passar um tempo. Cinco capelães estiveram no povoado até padre Cícero

<sup>28</sup> Desobriga é uma expressão usada para designar a missão, de padres e religiosos católicos, em lugares remotos e de difícil acesso, praticando a catequese e administrando os sacramentos. Muitos

se instalar. Como o povoado ficara, algumas vezes, sem padre, surge o convite para o padre Cícero ir presidir uma eucaristia na capela dedicada à Nossa Senhora das Dores.

Padre Cícero celebrou a missa do galo<sup>29</sup> no Juazeiro em 1871 e, em abril de 1872, chega ao Juazeiro para fixar residência. Não imaginava a avalanche de acontecimentos desafiadores que estariam para processar-se em sua vida.

Celebrar a missa do galo e dar alguma assistência religiosa era o comum para um assistente religioso naquelas condições. Padre Cícero Romão preenchia essa necessidade. Braga registra, entretanto,

como aquela comunidade estava sem capelão, foi-lhe solicitado que começasse a celebrar ali missas aos domingos e dias santos, dando assistência religiosa ao povo. Padre Cícero aceitou o convite e logo lhe foi solicitado que assumisse em definitivo aquela capelania e passasse a residir no povoado. (BRAGA, 2007, p. 32).

Amália Xavier de Oliveira conheceu padre Cícero e, juntamente com sua família, privava da amizade e intimidade com o sacerdote, a qual em sua obra clássica, *O Padre Cícero que eu conheci*, cuja primeira edição data de 1968, descreve com expressividade o anúncio da missa da noite de Natal:

A notícia de que haveria Missa na Capelinha naquela noite, satisfaz a todos; e ficaram aguardando com muito entusiasmo a vinda do Sacerdote. E assim, na Noite de Natal de 1871 estavam todos com os seus trajes domingueiros, reunidos no Povoado para a Missa da meia-noite. Naquele Natal de 1871 o Pe. Cícero celebrou na Capelinha de Nossa Senhora das Dores de Juazeiro, a primeira Missa que representou o primeiro Ato aos pés daquela Virgem, a “Mãe de Deus e Mãe Nossa” a quem nos ensinou a amar e venerar. Os fazendeiros e o Professor eram seus amigos e amigos de sua família; pediram-lhe que ficasse celebrando ali aos Domingos e Dias Santos e ele satisfez ao pedido. (OLIVEIRA, 1989, p. 46).

Todo padre jovem é ávido para dar início à sua vida de apostolado ou, no entender de alguns, continuar sua “carreira eclesiástica”. Há quem dissesse que

---

saíam em missão, muitas vezes, com comitivas de auxiliares, fazendo desobriga pelo interior do Brasil. As missões de sacramentalização (ver nota 3) conduzidas pelos padres e religiosos eram, muitas vezes, os principais momentos de encontro entre duas linguagens religiosas distintas: a dos missionários, que na teoria representava a ortodoxia, e a do povo, que na mesma linha representava uma prática religiosa profana.

<sup>29</sup> A missa do Galo é o nome dado pelos católicos à missa celebrada na véspera de Natal. Sempre começa à meia noite do dia 24 para o dia 25 de dezembro. A noite de Natal é uma das noites mais solenes e mais comovente do ano. O ponto culminante das vivências do Advento nas famílias cristãs é a vigília do Natal, que possui uma liturgia familiar muito rica. A gênese dessa liturgia remonta aos primeiros séculos do cristianismo, de maneira que esses ritos e costumes possuem uma tradição antiga. As vigílias em geral já eram conhecidas no Antigo Testamento. Eram comemoradas antes de cada solenidade, e até antes de cada sábado.

Cícero, ordenado, pensava em continuar os estudos em Roma, incentivado por alguns superiores que reconheciam sua aguda inteligência. Mas o argumento de João Aprígio, amigo da família, o fez retornar ao Crato, para junto da mãe e das duas irmãs, onde iniciaria seu ministério sacerdotal.

O Juazeiro surgiu como uma área de missão importante naquele momento. Padre Cícero teve que decidir e muitas decisões não são fáceis. Ele tinha uma margem de liberdade. O que teria acontecido para ele desistir de ser professor no Seminário da Prainha? Por que ele já não estava designado para uma paróquia da diocese? O que pesou para decidir ficar no Juazeiro, lugar paupérrimo, considerado um “oco do mundo”? O seu primeiro desejo poderia ter sido não ficar no Crato após um tempo. Como já vimos, alguns relatos dão conta de que ele dizia que sua primeira intenção era, após passar um período no Crato, retornar para Fortaleza e lecionar no Seminário. Segundo Braga:

pode ter sido este o seu primeiro desejo. Mas, ainda que tenha tido esse interesse, isso provavelmente não era uma certeza quanto ao seu destino. Mesmo que tenha existido algum convite para lecionar no Seminário, é muito pouco provável que ele não tivesse alguma consciência e mesmo receio dos obstáculos a serem enfrentados. Notadamente, o fato de ter que se deparar novamente com o conturbado relacionamento que ele tivera com os membros do Conselho de Ordenação do seminário e a necessidade de ter que considerar a sua condição de arrimo, posto que agora fosse sua a responsabilidade de sustentar a mãe e as duas irmãs solteiras. (BRAGA, 2007, p. 72).

A escolha, significa uma opção e uma ação de responsabilidade. A escolha de padre Cícero envolve sua família e todo um povo. É normal ter passado por alguma angústia.

Segundo Comblin, padre Cícero não tinha o mínimo desejo de ficar como capelão de Juazeiro. Pois Juazeiro era um lugarejo insignificante de duas ruas, 36 casas e uma capelinha dedicada à Nossa Senhora das Dores (COMBLIN, 2011, p. 11). Mas um sonho pode mudar tudo.

É fato, padre Cícero Romão teve um sonho fatídico que determinou os acontecimentos que estão na gênese do Juazeiro e definitivamente mudou a sua vida e a de muitos sertanejos (OLIVEIRA, 1989, p. 47); (DELLA CAVA, 2014, p. 56); (LIRA NETO, 2009, p. 44); (SOBREIRA, 2011, p. 43); (DUMOULIN, 2017, p. 87).

Já era tarde da noite, quase virando o outro dia, jornada exaustiva de tanto trabalho. Desde muito cedo padre Cícero celebrou a missa, fez atendimento em geral, sobretudo atendendo confissões sem parar. Assim, Sobreira descreve:

Trinta quilômetros entre ir e voltar, eis a jornada que êle precisava vencer a cavalo, semanalmente, para cumprir a obrigação assumida. Ia no sábado ainda cedo e ficava o resto do dia, até além das nove da noite, no interior da capelinha local, doutrinando e confessando os fiéis. E, quando se erguia do confessionário, era para rezar o Ofício Divino, ocupação que só abandonava à meia-noite, sub-jugado pelo sono. (SOBREIRA, 2011, p. 43).

Com certeza, foi em uma dessas noites que o jovem sacerdote, vencido pelo cansaço e talvez ainda com o breviário em suas mãos, sob a luz de um candeeiro, olhando para o crucifixo pendurado na parede, adormeceu e viu desenrolar-se a cena em sono que passamos a descrever<sup>30</sup>.

Todos os relatos do sono convergem para a imagem que, depois de um dia intenso de trabalho, padre Cícero dirigiu-se para a escolinha do lugar, onde estava provisoriamente alojado. Ali, no quarto pegado à sala de aulas, pegou no sono e uma visão predestinada se revelou: viu entrar pela porta da frente da escolinha um grupo de pessoas. Ele mesmo, padre Cícero, estava sentado à cabeceira da grande mesa da sala da escola, tendo uma visão privilegiada de toda a movimentação. Identificou logo que eram os doze apóstolos que entraram e ficaram ao lado da mesa, enquanto o Coração de Jesus era rodeado por eles. E o Sagrado Coração era o próprio Jesus que ia começar a falar aos apóstolos, mas, nesse momento, entrou de repente na sala uma multidão de retirantes: era um cortejo de adultos, mulheres, homens e crianças famintos, esgotados, tocados pela seca. Eram camponeses retirantes de feições sofridas vindo de todos os lugares do Nordeste. Vestiam roupas esfarrapadas e as crianças nem isso tinham. Ouviu perfeitamente a voz do Coração de Jesus, lamentando-se com a voz forte e temível que, no mundo, há inúmeras ofensas que os pecadores fazem ao seu Sacratíssimo Coração. E prometeu fazer um último esforço para converter o mundo tão miserável, mas anunciou que, se este não respondesse ao apelo, seu fim viria certamente. E o mais comovente foi padre Cícero ver Jesus apontar para os pobres e ao mesmo tempo se dirigir a ele com palavras que nunca mais iria esquecer: “E você, padre Cícero, tome conta dessa gente”. Depois dessa voz ele deu um grande suspiro e acordou. Ficou espantado! Esse sonho para padre Cícero

---

<sup>30</sup> A interpretação do sono é interpretação do autor com base nas fontes já mencionadas.

foi uma experiência mística. Tomou o sonho como recado de Deus. Guardou o sonho com ele, mas não por muito tempo.

A ruminação do sonho levou-o, depois de alguns meses, a tomar uma decisão fundamental: aceitar o convite de mudar para o Juazeiro. Esse foi o significado prático para a vida de padre Cícero. Para ele o sonho significou um alargamento da compreensão da realidade. Representou uma expansão da consciência, dos arquétipos.

Padre Cícero acordou muito impressionado com a imagem do sonho e ficou se perguntando: que Deus quer de mim com esse sinal? O sonho refletia suas escolhas afetivas? Que significado transmitiam as imagens do sonho? Este sonho pode significar um encontro com ele mesmo? O sonho, nesse sentido, pode ser interpretado como restaurador e integrativo da psique na dinâmica de ordem e desordem, calma e força, do racional e irracional, do consciente e inconsciente, para lutar pelos seus objetivos. Esse sonho, poderíamos dizer, não só foi um encontro consigo mesmo, mas foi um sonho que iria pautar toda a sua vida. Sonho que o torna uma pessoa livre das sombras do passado e leva-o a adquirir um caráter de autodeterminação para uma missão nova.

Devemos considerar, também, que, naquele momento específico, padre Cícero tinha de decidir o destino de sua vida sacerdotal, visto que fora convidado a assumir uma capelania em Juazeiro e, aparentemente, ainda nutria a intenção de retomar os estudos e seguir a docência. Aquele era um momento de “encruzilhada” na sua vida como padre. Nessa decisão de rumo, ele estava diante de si mesmo. Segundo a teoria junguiana (psicologia do inconsciente), estaria relacionada à vivência do si-mesmo:

[...] se o indivíduo conseguir reconhecer o inconsciente a moda de fator co-determinante, ao lado do consciente, vivendo do modo mais amplo possível as exigências conscientes e inconscientes (isto é, instintivas), então o centro da gravidade da personalidade total deslocar-se-á. Não persistirá no eu, que é apenas o centro da consciência, mas passará para um ponto por assim dizer virtual, entre o consciente e o inconsciente: o si-mesmo. (JUNG, 2004, p. 59).

É dentro de um contexto de busca e liberdade que padre Cícero aceita o convite para residir no Juazeiro, local tão desvalido de assistência. Como era arrimo de família, fixa residência no Juazeiro com sua mãe, dona Quinô, as duas irmãs, Maria Angélica e Angélica Vicência, e a escrava alforriada, Teresa do padre. Abril a setembro de 1872 foi um tempo para se ambientar nesse novo lugar.

No final de setembro de 1872, o bispo dom Luís o nomeou capelão da Capela de Nossa Senhora das Dores. Padre Cícero Romão torna-se oficialmente o padre do Juazeiro, onde ficaria 62 anos. No início, o povoado contava em torno de quatrocentos a quinhentos habitantes que se arranjavam em moradias de taipa, mistura rudimentar de argila e cascalho misturado na água, com improvisada cobertura de palha.

Uma rua grande e uma pequena eram a geografia do povoado. A chamada rua Grande fazia esquina com a rua do Brejo. O local servia de parada fácil para vaqueiros, tangedores de gato e caixeiros-viajantes a caminho do Crato, situado a três horas de distância, se tivesse um bom cavalo. A tradição oral conta que o nome do povoado se deve a três velhos pés de juá – árvore típica da caatinga – que emprestavam a sombra de suas copas antigas a peregrinos, transeuntes, tropeiros e mercadores.

Com pouco tempo, padre Cícero Romão sempre encontrava formas de conciliar as normas da Igreja às demandas da gente do Juazeiro e circunvizinhança. Isso era perceptível aos olhos da população. Sobre isso, Amália Xavier descreve dizendo:

admiremos o espírito de abnegação do Pe. Cícero já bem demonstrado naquela época. Moço pobre, inteligente, recém ordenado, ia iniciar o seu ministério sacerdotal, num lugarejo, de onde não podia esperar lucros materiais, confiando apenas nas promessas que lhes fizeram os amigos generosos. Não recebia dinheiro de estola; dava-lhe alguma coisa, quem queria dar, e quando queria, a título de presente. Teria com que passar juntamente com sua família e nada mais. Só mesmo muito espírito de renúncia e muito amor às almas. (OLIVEIRA, 1989, p. 49).

Ainda muito antes do milagre da hóstia, que só vai acontecer em 1889, padre Cícero era procurado muito pelos sertanejos em busca dos sacramentos e dos conselhos. No decorrer dos tempos:

sertanejos dos lugares próximos, afastados e mais distantes, vinham procura-lo para ouvir seus conselhos, confessarem-se, e acreditou que havia sido escolhido, por desígnios superiores, para tomar conta deste lugar. Qualquer um, em circunstâncias idênticas, pensaria da mesma maneira. (OLIVEIRA, 1989, p. 49).

O novo capelão do Juazeiro arregaça as mangas e trabalha incansavelmente para promover as melhorias do lugar. A população logo percebe que o novo cura<sup>31</sup> do Juazeiro fala e age com autoridade. Seu espírito de liderança logo é percebido pelos moradores e essa sanha o tornaria o grande Conselheiro do Nordeste. Padre Cícero

---

<sup>31</sup> Cura é um termo para designar, no sentido religioso, um sacerdote católico ou um pároco. Assim, o padre Cícero Romão era o Cura de Juazeiro.

ia consolidando em seu coração que foi Deus que o colocara em naquele lugar, onde encontrou um povo desviado e abandonado. Não saíra de sua cabeça a frase forte que tinha escutado no sonho: “E você, padre Cícero, tome conta dessa gente”.

Durante 17 anos, exerceu o ministério no anonimato. Peregrinava pelos sítios e lugares onde era chamado. Não media esforços. Gostava de pregar nas missões que desempenhava e estava sempre presente nas rezas das novenas, terços e procissões. Mantinha uma dinâmica de vivência com o povo através das caminhadas que fazia para visitas domiciliares na redondeza. Em sua casa acolhia quem chegasse. Acolhia também muitos padres que acorriam ao Juazeiro para ter com ele. Sobreira descreve que

houve dias, antes de 1890, em que se podiam contar quatro, seis padres, procedentes de todas as direções, sentados à mesa do paupérrimo capelão de Juazeiro. Alguns deles, com o volver dos anos, iam até lá com o propósito de se confessar a êle, que acabou sendo o modelador de sua conduta, menos pelo conselho e fraterna admoestação do que pelo atrativo do exemplo firmado em convicções profundas. (SOBREIRA, 2011, p. 52).

Dentro de pouco tempo, Juazeiro foi se tornando um modelo de ordem e virtude. Empenhou-se em corrigir os vícios e os abusos morais do lugarejo. Acabou com as bebedeiras, proibiu as danças e conseguiu criar uma convivência mais pacífica entre homens e mulheres. Procurava, sobretudo pela amizade, restaurar as relações entre os moradores. Seu zelo pastoral o coloca na comparação a grandes figuras como o Cura d’Ars (1786 – 1859)<sup>32</sup>, que viveu na França e foi declarado patrono dos párocos. Nesse sentido destacamos uma descrição de Comblin quando diz que

padre Cícero adquiriu em poucos anos a fama de um sacerdote dedicado inteiramente ao povo, sempre disponível, sempre desinteressado, atento, desprezioso, bom conselheiro, implacável na vida pessoal, fiel rigorosamente ao seu voto de castidade, aceitando trabalhar na capelania mais miserável da diocese. Consta que tinha um olhar penetrante e uma palavra forte, capaz de convencer os mais duros corações. Gente de todas as classes, até o

---

<sup>32</sup> João Maria Batista Vianney (1786-1859) foi um sacerdote francês, canonizado pela Igreja católica e conhecido como o Santo Cura de Ars. Foi considerado o santo do confessionário porque passava, às vezes, 12 a 14 horas confessando os fiéis. Durante os últimos anos de sua vida, já experimentava a multiplicação de objetos e imagens relacionados a sua pessoa, bem como escritos sobre sua vida. Sua fama de santo percorria o imaginário dos habitantes da pequena cidade de Ars e das adjacentes. Em seus últimos anos, seus prodígios como sacerdote foram conhecidos em muitas outras regiões da França, inclusive pelo papa. Quando faleceu, seus pertences, suas roupas e seu corpo exumado foram disputados por fiéis e eclesiásticos que queriam suas relíquias em suas dioceses. A devoção ao Cura d’Ars ocorreu enquanto ele ainda estava vivo. Seu reconhecimento como santo fora do território francês foi catalisado pelas variadas publicações de cunho biográfico que se multiplicaram após a morte do cura. Uma das publicações mais elaboradas foi publicada por um padre e historiador francês chamado Francis Trochu.

clero, de longe e de perto vinha buscar seus conselhos. (COMBLIN, 2011, p. 14).

Com o passar dos anos, a casa do padre Cícero tornou-se a casa de todos, desde os que chegavam aflitos em busca de uma solução imediata para seus problemas, como os pobres retirantes e mendigos que encontravam no Juazeiro um refúgio, até ricos comerciantes e políticos da região, que acorriam ao Juazeiro. Era comum também receber estrangeiros em sua casa. Pessoas que viveram na época diziam que havia dias em que repartia a mesa com vinte, trinta pessoas.

Sem sombra de dúvidas, o ímpeto que animou o padre Ibiapina estava presente com o novo padre do Juazeiro. Seu vigor para a missão fazia-o grande conhecedor da vida dura do povo sertanejo. A propósito, Amália Xavier testemunha:

muitas vezes encontramos seu Padre, (era assim que o chamavam os naturais, hoje chamamos irreverentemente Pe. Cícero) andando pelos matos em busca da casa de um que precisava receber os Sacramentos para morrer. Ia sempre acompanhado por pessoas que encontrava no caminho. Como levava Nosso Senhor (O Viático) ia sempre rezando ou contando história de santo. Na ida não demorava porque levava o Sacramento; mas na volta, parava às vezes para conversar com quem estava trabalhando no roçado; algumas vezes, senta-se para descansar um pouco da caminhada, no alpendre de alguma casa onde lhe davam uma xícara de café que era muitas vezes o “quebra-jejum”. (OLIVEIRA, 1989, p. 50).

A inserção no cotidiano da vida do povo dava-lhe a lucidez, o discernimento necessário para dar conselhos e orientações. Foi aos poucos exercitando a prática da exortação, do encorajamento. Por isso padre Cícero não pode ser tachado de alguém que implantou um misticismo alienante. Sua influência foi se processando em vários âmbitos da vida do Cariri que surpreendentemente vai ter no futuro uma densidade demográfica copiosa.

Segundo os moradores antigos do Juazeiro, era uma prática diária o padre Cícero reunir, todos os dias, no final da tarde, quem estivesse no seu entorno para rezar o rosário, explicar trechos da bíblia, dar conselhos e a benção. Podemos imaginar, diante de uma população quase toda analfabeta, qual método de comunicação foi usado para atingir as pessoas. O padre do Juazeiro valorizou a comunicação direta com todos que chegavam. Aí já podemos prever o início das

romarias ao Juazeiro. O caminho devocional foi muito incentivado pelo padre Cícero, sobretudo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus<sup>33</sup>.

Fotografia 5 - Padre Cícero Romão Batista



Fonte: Centro de Psicologia da Religião

Seu lado devoto se sobressaiu mais do que seu lado romanizado<sup>34</sup>. O universo religioso de sua infância estava mais próximo de um catolicismo piedoso, centrado na devoção e no culto aos santos que de um catolicismo centrado nos sacramentos, estimulado pelo clero e episcopado, romanizado a partir de meados do século XIX

<sup>33</sup> Padre Cícero Romão entronizou, em 1898, uma imagem do Coração de Jesus na Igreja Nossa Senhora das Dores no Juazeiro. Ele encarregou várias pessoas para difundir a devoção no seio das famílias juazeirenses, fazendo algumas recomendações. Insistia para que naquele momento festivo, não celebrassem sozinhas, mas que convidar os parentes, amigos e vizinhos, tornando-se também um ato de confraternização. E assim, a festa tem sido comemorada entre as famílias da região até os dias atuais. A devoção é originária de uma visão de Santa Margarida Maria de Alacoque (1647-1690), na cidade de Paray-le-Monial, na França, quando Jesus apareceu-lhe numerosas vezes de 1673 até 1675, com o coração em chamas, e pediu-lhe que celebrassem uma festa para honrar seu coração. Há uma festa de renovação que acontece anualmente nas residências. Sua organização ocorre através de regras, símbolos e práticas que englobam o momento da oração e da confraternização e que traduz a essência, o comportamento, os sentimentos e as intenções do grupo que faz a festa. Há também a transmissão de uma linguagem, uma memória e uma mensagem, traduzida pelas orientações da Cartilha da Renovação, e que se inicia fixando o quadro ou imagem do Sagrado Coração de Jesus em um lugar de honra da casa, de preferência na parede da sala de estar da família.

<sup>34</sup> O lado romanizado do padre Cícero foi, aos poucos, sendo reciclado pela mística dos beatos e beatas. Uma mística colada à vida, ao fazer. Pelo caminho da humildade foi se consagrando a misericórdia e uma vida doada. Não se guiou pela disciplina ascética e rígida que aprendera com os padres lazaristas no Seminário da Prainha, mas fez um caminho de aprendizado no meio dos pobres do sertão. “Deixou-se evangelizar pelos pobres” (COMBLIN, 2004).

(AZZI, 1978). É importante lembrar que o seminarista Cícero foi formado no modelo ultramontano, romanizado, dos padres lazaristas.

Ele vai colocando em prática a teologia que aprendeu, mas de forma honesta, consigo mesmo, vai se convertendo ao assistir e participar da aflição do povo sertanejo e assim sua teologia vai sendo inculturada, isto é, vai aprofundando uma fé popular. Ele elege dois “tesouros” em sua ação: a eucaristia e o pobre. Pode ser que ele não tivera a consciência mais profunda das consequências de sua ação missionária, mas os resultados começavam a surgir.

Ele agia como devoto, porque seu catolicismo de infância estava muito forte dentro dele. Vivia uma devoção colada à vida, por isso, é perfeitamente possível afirmar que fazia parte de sua vida uma espiritualidade devocional. E isso o povo simples entendeu em profundidade. Era perceptível a prosperidade de sua ação missionária. Todos percebiam, inclusive o seu bispo.

Padre Cícero contava com o apoio e a maior admiração de dom Luís Antônio, seu bispo, isso porque as notícias que chegavam à cúria diocesana eram muito elogiosas ao trabalho missionário desenvolvido no Juazeiro. Em 1883, dom Joaquim José Vieira assumiu a diocese do Ceará e depositou nele a mesma confiança. Em uma visita pastoral ao Juazeiro, um ano depois de assumir a diocese do Ceará, para consagrar o altar da capela de Nossa Senhora das Dores, que acabava de ser restaurada, ficou impressionado com o que viu e fez os maiores elogios ao padre.

Padre Cícero não perdia a oportunidade para escrever para seu bispo e mantê-lo informado sobre os desafios que ia encontrando em seu trabalho no longínquo e esquecido povoado. Escrevia contando sobre a situação do povo, ao mesmo tempo, fazia alguma reflexão, em geral, preocupado com os dramas da humanidade. Em 4 de junho de 1889, em um ano de seca terrível, ele escreve uma carta para o seu bispo, dom Joaquim, a qual está arquivada no Centro de Pesquisa e Psicologia da Religião (CPR)<sup>35</sup>:

Exmo. Reverendíssimo Senhor Bispo. Angustiado por tanta aflição nem sei dizer o que sinto. O tremendo flagelo da fome apresenta-se de ante dos meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar (...). Lembrei-me de pedir a Vossa Excelência, que sabe chorar com os que choram, para se interessar, por nós nos

---

<sup>35</sup> O Centro de Pesquisa em Psicologia da Religião (CPR) do Juazeiro do Norte – CE foi fundado pelas Religiosas da Congregação de Nossa Senhora (CSA), Ir. Annette Dumoulin e Ana Teresa em 1976. A instituição reúne o acervo das cartas que re Cícero escreveu durante os anos de 1874 a 1934.

alcançando algum recurso de Governo, por meio de algum trabalho e que seria de garantia para prevenir outros anos. Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo tendo trabalho possa escapar. Em Constantina, na Argélia, os poços artesianos têm remediado o mesmo mal que nós sofremos, e me parece que si é verdade o resultado que dão, será um remédio mais pronto e mais eficaz. Aí está uma companhia contratada pelo Governo para esse fim, nos alcance um destes poços para o nosso pobre Juazeiro de proporções largas que dê para regar as terras que eram regadas pelo rio Batateira nos anos precedentes. A quantia por que cada um foi ajustado, sobra, e nosso terreno se presta do melhor modo e me parece que tem o melhor resultado. Vossa Excelência Reverendíssima por caridade e por Nossa Senhora das Dores, que é dona deste lugarzinho tão caro ao seu Sagrado Coração, seja o instrumento de que ela se sirva para nos salvar (...). Outras coisas que tinha necessidade de falar sobre outros assuntos já estou por demais enfadando a Vossa Excelência Reverendíssima, tão ocupado, ficará para outra ocasião. Desculpe-me. Eu sofro tanto! E é uma consolação falar com quem sabe sentir. Abençoe a minha gente e ao povinho que dirijo. Disponha sempre. Do súbdito fiel amigo verdadeiro, Pe. Cícero Romão Batista. (DUMOULIN, 2017, p. 75).

Padre Cícero extravasou sua alma, quando, em tom de angústia, expressava para seu bispo o drama humano que vivia o povo do Cariri. Externa era a sua sensibilidade diante das questões sociais. Demonstrou, de forma transparente, sua opção humanística e universal. Embora fosse tachado de cura de aldeia, sua visão ultrapassava fronteiras. É perceptível a preocupação desse homem: sacerdote e líder, condutor e conselheiro, que já naquele tempo decidira lutar pela justiça social, sempre atento aos anseios dos humildes contra o exclusivismo das elites.

Desde o início, padre Cícero procurava envolver outras pessoas no trabalho, mas chegou um momento em que começou a contar com o auxílio de um grupo de beatas dedicadas a uma vida de oração e trabalho. Claramente, a inspiração de recrutar mulheres labutadoras veio da ação do padre Ibiapina, que marcara a região com as fundações das Casas de Caridade<sup>36</sup>.

Havia muito trabalho e era necessário um grupo de apoio importante para desenvolver as atividades diversas da Igreja. O carisma do padre Cícero congregava

---

<sup>36</sup> As casas de caridade figuram como as principais obras do padre Ibiapina e congregavam um ideal de vida à ser seguido pelas beatas. Eram centradas em dois eixos estruturantes: a espiritualidade e o trabalho, este último responsável por sua autossustentação. As Casas de Caridade eram movidas pela espiritualidade do trabalho e se mantinham através do artesanato e dos teares. Além do cuidado com as órfãs, atendiam a todos os abandonados. As irmãs realizavam diversos serviços aos doentes, do banho à alimentação, até catar piolhos e tirar bichos de pé nas crianças. Da Casa de Caridade de Santa Fé, na atual Solânea (PB) o missionário acompanhava as Casas de Caridade comunicando-se através de cartas com as superiores. Durante seu itinerário de peregrinação foram construídas vinte e duas casas de caridade nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

pessoas diversas ao seu redor. O milagre ainda ia acontecer, mas o padre do Juazeiro já carregava a fama de santo, de profeta e de milagreiro.

Um fato terrível aconteceu em 1888, um cenário de muito sofrimento na região, uma seca consumia a vida em grandes proporções<sup>37</sup>. É nesse clima arrasador que padre Cícero convoca o povo a rezar e a pedir a Deus providência. Fez promessa de construir uma grande igreja, em honra do Sagrado Coração, no alto da serra do Catolé. Vieram chuvas abundantes, que logo foram atribuídas como resposta do céu, e as obras começaram no maior entusiasmo.

Há claramente uma mística forte presente nesse movimento, que Comblin vai chamar de movimento popular (COMBLIN, 2011). A própria atitude do padre Cícero de optar por permanecer no Juazeiro e ser excluído do ministério sacerdotal deve ser visto nesta ótica. Por toda celeuma do milagre, em 05 de agosto de 1892 padre Cícero Romão é suspenso de suas ordens sacerdotais pelo bispo de Fortaleza. Em 1898 o bispo concede a licença ao padre Cícero para celebrar a missa na diocese, menos no Juazeiro e nas circunvizinhanças. Mas ele prefere ficar acolhendo e aconselhando o povo romeiro, gente roceira que vinha de todos os cantos. Tratava-se de ser fiel a Deus e ao que lhe tinha sido confiado pelo Sagrado Coração, em sonho, dedicando-se aos desvalidos. A frase escutada em sonho sempre vinha como um refrão: “padre Cícero, toma conta dessa gente”.

Juazeiro vai se caracterizando como um centro de devoção popular, onde o povo romeiro é sujeito da romaria. O conceito de devoção é muito importante ser compreendido. Os romeiros e romeiras costumam se identificar como devotos do padre Cícero Romão.<sup>38</sup>

A devoção ao padre Cícero vai fazendo-o sagrado, santo. Há uma série de ações meritórias do padre Cícero, mas a sua conversão em santo é, sem dúvida, uma prerrogativa do povo devoto. O povo romeiro santifica o templo. É imprescindível

---

<sup>37</sup> Sobre o drama da seca, no final do século XIX, existe uma considerada literatura da História Social que investiga os efeitos e desencadeamentos gerados pela seca no meio sociocultural do Nordeste brasileiro, sobretudo no Estado no Ceará. Aconteciam epidemias ocasionadas pela aglomeração de sertanejos em péssimas condições de salubridade, os saques como ações políticas coletivas, migrações em massa de sertanejos.

<sup>38</sup> É importante considerar que o termo devoção, está diretamente conectado ao macro campo do catolicismo e ao universo da religiosidade popular. Devoção neste contexto está diretamente associada à ligação dos fiéis ao santo devoto, o que gera um movimento, o estabelecimento de relações e compromissos. Podemos também definir religiosidade popular como a experiência religiosa de comunidades pobres que estão à margem da sociedade dominante.

reconhecer a relação entre devoção e problemas que afetam as pessoas pobres no seu concreto da vida.

O cristianismo vivido pelo povo pobre não é uma forma decadente do oficial; ao contrário, “possui igual dignidade ao encarnar a mensagem de Jesus na cosmovisão popular” (BOFF, 2011, p. 166). Além do mais o cristianismo popular é festeiro, acompanhado de santos e santas protetores que estão no dia a dia das labutas. Há muitas lutas e sofrimentos, mas também muita alegria que se expressa no colorido das festas, no ritmo das danças e na partilha das comidas e bebidas. A tradição dos beatos e beatas do Nordeste são um exemplo da relação entre devoção e problemas concretos da vida. A prática devocional nesse contexto é um exemplo concreto porque se guia fundamentalmente pela aguda sensibilidade social.

Percebemos uma ligação muito forte da devoção popular com a cotidianidade da vida. Daí surge uma lucidez diante dos problemas da vida. Aqui a devoção passa a ser algo que manifesta uma vivência conectada aos problemas concretos da vida.

Nesse sentido, vemos que a religiosidade popular sustenta a fé do povo devoto que, com tenacidade, continua as romarias. As expressões de fé popular denotam um casamento entre a vida e a mística. Duas faces de uma mesma moeda. O bispo do Ceará e a Santa Sé não perceberam que existe uma relação profunda entre devoção popular e problemas que afetam as pessoas. A ignorância e perfídia da hierarquia está numa carta, já descrita no primeiro capítulo, extremamente ameaçadora, enviada por dom Joaquim ao internúncio Giovanni Battista Guidi no dia 27 de março de 1897.<sup>39</sup> Trava-se uma grande luta simbólica entre a hierarquia e as populações analfabetas do Sertão nordestino. A carta citada era do mês de março de 1897, data em que o povo de Canudos estava sendo massacrado, sendo totalmente exterminado pelas forças repressoras dos poderosos, em outubro do mesmo ano, com a conivência do arcebispo da Bahia. Já vimos que o poder eclesiástico tinha uma sinergia com o sistema senhorial e continuava com os poderosos no capitalismo agrário (OLIVEIRA, 1985).

---

<sup>39</sup> A carta de dom Joaquim se baseava em ilações a partir de informações contraditórias colhidas de propagandistas que tomaram partido para denegrir a imagem da beata Maria de Araújo e do padre Cícero. O bispo não foi in loco, mas dava vazão a tudo que contribuísse para sua tese fixa por afirmar que tudo não passava de um grande embuste. Na carta, o bispo relaciona padre Ibiapina, o beato Antônio Conselheiro e padre Cícero como exemplos de perversidade. Parecia que as cúrias de Fortaleza e Roma queriam acabar com Juazeiro e silenciá-lo para sempre. O desprezo chegou a ponto de o bispo não permitir que a Capela Mãe das Dores tivesse um capelão entre 1892 – 1917. Quem quisesse confessar-se tinha que ir até a cidade do Crato, e só recebia a absolvição se jurasse que não acreditava nos milagres do Juazeiro.

A afirmação do catolicismo popular sertanejo não tem de ser procurada simplesmente no nível dos símbolos, ou seja, das imagens ou dos ritos, mas no nível de uma ação eficiente no campo das relações sociais e políticas. Os movimentos de pobreza na Idade Média tinham uma roupagem religiosa, mas eram de reivindicações sociais. O catolicismo popular é sempre mal compreendido pelos que têm a ilusão de pensar que a luta se trava apenas no nível da religião e, esquecem que o que determina o bem-estar das pessoas são os relacionamentos reais de ordem social e política. Por isso, as experiências de Canudos e Caldeirão, sendo essencialmente religiosas, “cutucaram o cão com vara curta”, e por isso,

foram atacadas impiedosamente e destroçadas até as raízes. Bastava que revelassem o menor indício de tentativa de romper o estado de coisas reinante no campo: o monopólio da terra, as relações semifeudais de produção, o domínio absoluto do grande proprietário rural. (FACÓ, 1980, p. 44).

Desde suas origens, a novidade do que acontecia com o padre Cícero e Juazeiro não deve ser procurada em megaprojetos, mas em trabalhos humildes. O próprio padre Cícero dizia que “a pessoa deve dar o primeiro passo, e o resto o nosso bom Deus dará” (WALKER, 2009, 28).

As romarias iniciais ao Juazeiro têm um elemento fundamental até os dias de hoje: o acolhimento. Não surgiu do nada a vontade de querer morar e morrer no Juazeiro. Todo processo sofrido ajudou a construir uma cultura da ajuda mútua entre as romeiras e romeiros. Recordo-me do livro de Eduardo Hoornaert, *Hermas no topo do mundo* (2002), um comentário de um dos primeiros escritos cristãos, redigido por um ex-escravo chamado Hermas. Conta que os cristãos “organizavam um serviço regular de alimentação e hospedagem para necessitados, viúvas e órfãos e mantinham uma caixa de ajuda mútua para casos de urgência” (HOORNAERT, 2002, p. 88). Segundo o autor, foi esse comportamento que levou os cristãos do século II a se firmarem. Temos aqui um ponto de apoio para buscar explicação para a resistência do povo romeiro. Como explicar a capilaridade e resistência das romarias a Juazeiro, mesmo com o clero sendo contra? Que explica sua continuação e o aumento de romeiras e romeiros a cada ano?

Quando falamos de catolicismo popular, devemos ter presente um mundo complexo de expressões e imaginarmos um catolicismo sincretizado (AZZI, 1987). Em relação ao padre Cícero, é perfeitamente possível afirmar que fazia parte de sua vida uma ascese devocional que vinha desde a infância. Embora “o tom, o caráter, a

qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos” (GEERTZ, 1999, p. 67) fossem os mesmos do clero que estava ligado ao processo de romanização do catolicismo brasileiro, sua imersão na realidade sofrida do povo o converteu mais à missionaridade do que à ortodoxia (COMBLIN, 2011).

O campo das devoções populares carrega uma sabedoria que vem pela tradição. A fé não foi inventada, e sim, foi herdada culturalmente dos antepassados. O fenômeno religioso no Juazeiro é um laboratório a céu aberto. As romarias são um termômetro da dinâmica religiosa do que estamos estudando. Há vários tipos de romaria, por isso a importância da tipologia de estruturas no catolicismo popular. Registramos que as romarias foram alimentadas por pessoas que continuaram a fidelidade aos pobres da terra que são os romeiros e romeiras. É este o tema do próximo capítulo.

**SEGUNDA PARTE**  
**TRANSFORMAÇÕES NOS TIPOS DE ROMARIA**  
**E A EXPERIÊNCIA ROMEIRA PESSOAL**



## CAPÍTULO III: INÍCIO, DESENVOLVIMENTO E TIPOLOGIA DAS ROMARIAS AO JUAZEIRO

### 3.1 Introdução

O Juazeiro do Norte se inicia e se desenvolve sob a égide do “milagre”. Mas foi na década de 1970, mais de 80 anos depois do acontecido, que os estudiosos começaram a investigar a história desse lugarejo que condensa demografia, religião, economia e política. A tese de doutorado em história de Ralph Della Cava, *Milagre em Juazeiro, de 1970*, em que situa o movimento num contexto mais amplo, dentro de uma complexidade envolvendo uma enormidade de atores locais, regionais e nacionais, foi um marco para a pesquisa do tema (DELLA CAVA, 2014).

Até então, não havia lugar para perguntar sobre a beata Maria de Araújo. Com os avanços dos estudos a pergunta foi posta. Entre outros intentos, esta pesquisa procura devolver à beata Maria de Araújo o seu lugar na história.

As romarias do Juazeiro estão umbilicalmente ligadas à beata Maria de Araújo e ao padre Cícero Romão. As grandes romarias iniciaram para ver o “milagre” e tomar os conselhos e bênçãos do que seria o “padrinho de todos”. As relações entre o lugar, as romarias e as pessoas que ali vivem e circulam constituem-se elementos indissociáveis na compreensão do fenômeno das romarias e dos rumos que a cidade tomou desde sua fundação.

As romarias parecem algo monolítico, mas têm uma dimensão profundamente plural. Há uma diversificação fantástica nas suas várias expressões, por isso, aprofundaremos suas possibilidades, investigando suas tipologias para identificar seu espaço de interação entre a tradição e a modernidade. É importante investigar a ressignificação do papel e do perfil do/aromeiro/a nas romarias.

### 3.2 Maria de Araújo, a beata<sup>1</sup> do milagre (1889) e o início das romarias ao Juazeiro

Acreditava-se que Juazeiro era um espaço de comunicação entre a Terra e o Céu. A transformação da hóstia em sangue anunciava que o remoto povoado era um território de purificação e salvação da alma. O milagre significava um aviso de Deus para converter os desviados e alimentar a fé dos devotos (Jorge Macedo Ramos).

Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo nasceu no dia 24 de maio de 1862<sup>2</sup>, na então povoação do Juazeiro. Maria de Araújo, como ficou sendo chamada, era mestiça, tinha os cabelos quase crespos, estatura média, olhos quase negros e suaves na expressão; lábios um pouco grossos, nariz pequeno e pescoço bem proporcional, assim descreveram seus biógrafos (WALKER, 2009; FORTI, 1999). Segundo padre Azarias Sobreira, que a conheceu, ela “não despertava a atenção a não ser pela simplicidade de manias, boa educação doméstica, fácil inteligência das coisas, apesar de analfabeta” (SOBREIRA, 2011, p. 308). Não sabia ler, como a maioria da população da época. Importante lembrar que Joana d’Arc<sup>3</sup> também não sabia.

Nascida antes da chegada do padre Cícero, conheceu-o, provavelmente, assim que ele chegou. Fez sua primeira comunhão aos 9 anos de idade em 1872, no mesmo ano da chegada do padre Cícero a Juazeiro. Começou, desde então, a confessar-se e comungar frequentemente.

---

<sup>1</sup> O estilo beato era bastante popular e aceito no meio das populações pobres. Os beatos e beatas eram conselheiros e conselheiras nos lugares onde moravam ou faziam suas peregrinações. O movimento de beatos e beatas foi mais forte na segunda metade do século XIX. A condição de beato não era extraordinária. Já nessa época, um padre, Ibiapina, fazia missões populares pelo interior, pregando, curando, fundando confrarias para cuidar de orfanatos e escolas, estimulando o povo a construir açudes e estradas, enfim, exercendo uma atividade religiosa e social junto à população do sertão tendo granjeado muita fama. Tudo indica que depois do padre Ibiapina, muita gente decidiu seguir seu exemplo, seja formando confrarias de beatos, seja tornando-se beato itinerante.

<sup>2</sup> Em 14 de janeiro de 1914, faleceu Maria de Araújo. Ela vivia já há alguns anos em uma pequena casa próxima à igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, alheia ao turbilhão que animava a já então efervescente cidade de Juazeiro. Ainda usava seu hábito negro e, segundo relatos, fora acometida de um câncer. Morreu em extrema pobreza, praticamente sozinha.

<sup>3</sup> Joana d’Arc (1412 – 1431) é uma heroína francesa, figura mítica, conhecida por seus feitos durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), que ajudou a França a ser vitoriosa em conflito com a Inglaterra. Foi canonizada em 1920 pela Igreja católica, sendo conhecida posteriormente como a Santa Padroeira da França. Ela era filha de camponeses e não sabia ler nem escrever.

Era muito doente, tanto assim que foi acometida de meningite infantil (espasmo); sofria de ataques de epilepsia, contudo, levava uma vida de jejum, oração e trabalho humilde.

Sua atividade de trabalho maior era de artesã. Fiava o algodão e fazia bonecas de pano para vender. A mandado do padre Cícero, ensinava este ofício a algumas meninas de sua idade. Também chegou a prestar serviços numa olaria, contando tijolos. Também desenvolvia a atividade de lavar roupa e engomar. Dizia Maria de Araújo que era beata por inspiração divina, já que desde os oito anos, ao fazer sua primeira comunhão, consagrou-se, segundo seu diretor espiritual, o padre Cícero Romão Batista, como “verdadeira esposa de Jesus Cristo”.

Fotografia 6 - Único registro fotográfico atribuído à beata Maria de Araújo de autoria desconhecida



Fonte: Memorial Padre Cícero – Juazeiro do Norte - CE

Maria de Araújo era órfã de pai e mãe, por isso foi morar na casa do padre Cícero, onde viveu a maior parte de sua vida, ou seja, até a condenação do milagre da hóstia, do qual havia sido a protagonista. Assim se referiu o padre Sobreira sobre esse fato: “havendo bem cedo perdido os pais, foi morar, ainda menina, na casa do padre Cícero onde se manteve até a condenação dos fatos ditos portentosos” (SOBREIRA, 2011, p. 309).

Ficou conhecida como beata Maria de Araújo. Seus parentes vêm do tempo da escravidão. Alguns estudiosos refletem que sua condição de mulher, negra e pobre representava, de maneira muito visível, os mais pobres do Sertão do Cariri.

Maria de Araújo passou a vestir o hábito de beata muito jovem, em 1885, com 22 anos. Participou de um retiro espiritual juntamente com Joana Tertuliana (Mocinha), Maria Leopoldina da Soledade, Ana Ferreira, Raimunda da Cruz (Minda), Josefa Maria do Espírito Santo, Rosa de Dona Guerra, Maria das Dores de Jesus, Maria Martins de Macedo, Gerônima Bezerra, Giluca, Isabel Calou e Benzinha, com o padre Cícero e o padre Vicente Sother de Alencar, recebendo, após o término do evento, o hábito de beata e o manto negro sobre a cabeça (PERINI, 2007). O padre sempre tinha uma atenção toda especial para Maria de Araújo, chegando, uma certa vez, a exclamar que "a vida dessa criatura é uma maravilha da graça de Deus" (ARAÚJO, 2004). Sua admiração era tão perceptível que, quando ela morreu, mandou abrir uma sepultura na Capela do Socorro e providenciou um enterro digno de uma pessoa querida.

Maria de Araújo tinha um comportamento singular, porque, além das visões, recebia estigmas que sangravam. Sobreira, que foi afilhado do padre Cícero e conheceu a beata nos dá o seguinte testemunho:

Dê-se a tais ocorrências a interpretação que se der, não é lícito negar que em Juazeiro do Norte ocorreram, na pessoa de Maria de Araújo, fatos surpreendentes e dignos de meticoloso exame. Além do sangue surgido nas partículas consagradas a ela distribuídas, vez por outra parecia arrebatada em êxtase. Também nela se viram, de raro em raro, os tradicionais estigmas da paixão do Salvador: umas como listas de sangue escorrendo da frente, das mãos, dos pés e dizem que igualmente do coração. (SOBREIRA, 2011, p. 310).

A leitura de vida dos santos era muito recomendada na época. Padre Cícero gostava muito de contar essas histórias. Uma consolação para a beata era escutar as histórias da boca do próprio padre, porque ele associava o que acontecia com ela aos próprios santos. Contava as histórias dos santos que tiveram estigmas, e explicava para ela que se tratava de sinais extraordinários que o Senhor concede. A pessoa que recebe o estigma também recebe a Cruz. Maria de Araújo dedicava-se à vida de oração e castidade, mantendo os votos de pobreza, castidade e obediência.

O estilo beato já era conhecido na região do Cariri. Como já vimos, padre Ibiapina instituiu, a modo de congregação religiosa, uma sociedade de abnegadas mulheres que se dispuseram a praticar o "zelo pela casa de Deus" (HOORNAERT, 1997). As beatas do padre Cícero, como ficaram sendo chamadas, em certo sentido,

continuaram a tradição de Ibiapina. Padre Cícero continuou a tradição de ter as beatas como colaboradoras na missão. Por que não organizou as beatas em Casas de Caridade? A resposta é muito simples. Porque já previa uma reação contrária por parte da ortodoxia. Mas para ele era importante manter o espírito que vinha pelo trabalho e oração. Todas as beatas realizavam trabalhos sociais. Atuavam na área da educação, através da formação de jovens, sobretudo órfãos, às quais eram ensinadas a leitura e a escrita, bem como trabalhos manuais, visando sua preparação para o casamento. O conhecimento da medicina caseira era passado pelos antepassados e através das beatas esse conhecimento era transmitido. O próprio padre Cícero era sabedor de um grande conhecimento das ervas que tratava uma enormidade de doenças. Sabemos que todo esse conhecimento acumulado vem do povo indígena Cariri. O lado religioso envolvia muitas atividades, desde novenas, rezas diárias do terço e ensinamento para crianças e jovens.

A influência do padre Ibiapina na vida do padre Cícero vem de ocasiões anteriores, como em 1865, por ocasião da inauguração da casa de Caridade de Missão Velha. O jovem Cícero conheceu pessoalmente o missionário e “ficou fascinado pelo verbo eloquente e pelo carisma daquele reformador de costumes” (LIRA NETO, 2009, p. 28). Toda a “família Romão Batista, foi bastante influenciada por esse sacerdote, especialmente Cícero” (DUMOULIN, 2017, p. 47).

Muitos acontecimentos marcaram o ano de 1889. Alguns estudiosos retratam um clima de “fim de mundo”. A seca que assolou o Ceará naquele período, sendo muito forte no Cariri, deixara um rastro de sofrimento para a população pobre da região. Os anos de 1888/1889, foram suficientemente implacáveis para desorganizar a economia da região. A seca provocou,

com seu impacto que marca profundamente a cultura local, uma mudança significativa nas estruturas de sentimentos com relação à pobreza, às migrações, à caridade, ao trabalho e às responsabilidades sociais perante os pobres. A partir de então, a seca passa a fazer parte permanente da história do Ceará, determinando novas relações políticas e sociais e mobilizando a cultura e as manifestações da arte. (NEVES, 2009, p. 84).

O imaginário religioso foi profundamente sensibilizado pela voracidade da seca. A seca ceifou a vida de milhares de sertanejos e obrigou milhares de cearenses a migrarem para o Norte, tornando-os presa fácil de patrões exploradores. Ficava o sertão com muitas viúvas de maridos vivos, pois os mesmos iam tentar a vida em

outro lugar. Também um alto percentual dessa massa retirante era composta de homens solteiros que, encontrando-se numa região onde imperava a lei da força, abusavam das mulheres indígenas, enquanto que eles próprios, reduzidos a uma condição de semiescravidão, perdiam quase todas as perspectivas de vida.

O final do século XIX foi impiedoso no que se refere à sobrevivência dos pobres. A realidade de seca traz a angustiante consciência da morte e do devir. A partir desse contexto, o ser humano adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino inevitável ou transformar e inverter seus significados para algo reconfortante. Aqui entra a busca de sentido que se expressa na religião. “A experiência religiosa é, pois, uma captação do Infinito divino, do eterno no mortal” (MESLIN, 2014, p. 124).

A experiência religiosa vivida no sertão passa por um poderoso imaginário. Essas atitudes imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano. Gilbert Durand, em *As estruturas antropológicas do Imaginário* (1989), busca, através da natureza, mostrar como estão representados, simbolicamente, os fenômenos naturais e os animais no imaginário humano. Corbin explica que o mundo da imagem,

[...] é tão ontologicamente real quanto o mundo dos sentidos e o mundo do intelecto. Esse mundo requer uma faculdade de percepção que pertença a ele, isto é, uma potência imaginativa, uma faculdade com uma função cognitiva, um valor poético que é tão real quanto o sentido da percepção ou a intuição imaginativa ou imaginação cognitiva, não equivale à “fantasia” que produz o “imaginário”, na linguagem corrente se confunde intelectual. (CORBIN, 1958. p. 5).

O imaginário é formado por um conjunto de elementos simbólicos que têm como principal função levar o ser humano a um equilíbrio biopsicossocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da morte iminente. Por isso, surge a fé religiosa que se traduz como uma “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza” (ALVES, 1990, p. 26).

É importante estudar o modo como as imagens são produzidas e transmitidas e como ocorre a sua recepção. O “milagre da hóstia” em Juazeiro deve ser visto e estudado nessa perspectiva. O imaginário é responsável por grande parte da simbologia que se forma a partir dos fatos, das coisas, do ser humano, do animal e da natureza em geral.

As circunstâncias da época possibilitaram ao Juazeiro ser um lugar de refúgio dos deserdados, dos que corriam da seca e da fome. O imaginário do lugar foi-se tornando referência. Se o sonho selou o destino de padre Cícero Romão, criando um eterno laço entre ele e o povoado, foi, no entanto, o milagre protagonizado pela beata Maria de Araújo a pedra fundamental para consolidar o Juazeiro como um “centro de salvação religiosa” (DUMOULIN, 1990, p. 47).

Chega o ano de 1889, ano fatídico! Esse ano tornara-se um divisor de águas para padre Cícero e Juazeiro. Acontece o extraordinário evento do milagre da hóstia. Por essa razão, pode-se afirmar que a região possui um divisor temporal que configura um antes e depois dos episódios de transformação da hóstia consagrada em sangue, durante uma comunhão ministrada pelo padre Cícero à beata Maria de Araújo.

O milagre<sup>4</sup> protagonizado pela beata Maria de Araújo foi a pedra fundamental na construção da cidade de Juazeiro e das romarias que foram se firmando ao longo do tempo. O fato extraordinário da hóstia, sangrando por ocasião da comunhão da beata, aconteceu pela primeira vez na missa da primeira sexta-feira do mês, 1º de março de 1889.

Os registros literários que narram grande parte da vida e obra de padre Cícero sempre colocam em destaque o milagre da hóstia. Nesse sentido destacamos a obra clássica sobre o padre Cícero e o Juazeiro que carrega esse nome: *Milagre em Joazeiro* (DELLA CAVA, 2014). Um grande encadeamento de pesquisas e trabalhos foram surgindo, sobretudo no final do século XX e início deste. Della Cava descreve o milagre da seguinte maneira:

No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Joazeiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia de festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer todos os dias. (DELLA CAVA, 2014, p. 84).

---

<sup>4</sup> Alguns biblistas não tomam os milagres (no sentido fundamentalista) ao pé da letra, como um acidente que acontece na rua, e que se observa da janela. Klaus Berger, assim escreveu: “embora o resultado de um milagre muitas vezes tenha sido um fato sólido, a própria maneira como esse resultado se realizou não podia ser explicada mecanicamente, ou fisicamente, ou no sentido de uma causalidade. Em vez disso reconstruímos um terceiro caminho, o de uma percepção e de uma vivência mítico-mística.

O acontecimento comoveu a todos os presentes naquela manhã surpreendente. Viu-se, como em uma cena teatral, que “no mesmo momento, a hóstia se transformou em sangue, tão abundante, que caiu no chão e manchou até seu braço” (DUMOULIN, 2017, p. 107). Dumoulin continua relatando o ocorrido, dizendo que

naquele dia, muitos devotos passaram a noite em vigília reparatória ao Sagrado Coração de Jesus, na pequena capela da Mãe das Dores. Padre Cicero passou horas confessando os homens. Todos estavam esperando a hora para poder participar da missa pela manhã. Mas padre Cícero, lá do confessionário, observou um grupo de mulheres que tinham ficado a noite inteira em oração, e teve compaixão delas. “Como elas devem sentir fome!”, pensou o sacerdote. Por isso, saiu do confessionário e resolveu dar-lhes logo a comunhão, para que elas pudessem ir até suas casas, tomar café e voltar a tempo para assistir a Eucaristia. (DUMOULIN, 2017, p. 106).

A euforia e repercussão na região foi tanta que iniciou um processo contínuo de romaria ao pequeno povoado do Cariri. Quatro meses depois do sucedido, o reitor do seminário do Crato, monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, conhecido pela oratória inflamada, grande admirador do padre Cícero, em 7 de julho de 1889, dia da festa de *Corpus Christi*<sup>5</sup>, convocou a população do Crato e circunvizinhança para rumar ao Juazeiro. Comandou grande romaria de 3.000 católicos, numa procissão com muitos adornos, sobretudo velas, flores e fitas coloridas, de Crato<sup>6</sup> até a capela de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro. Sucedeu-se que

---

<sup>5</sup> O histórico da festa de Corpus Christi tem raízes no final do século XIII em Lieja, Bélgica. Surgiu um movimento de cultivo da adoração da eucaristia, cujo centro foi a Abadia de Cornillon fundada em 1124 pelo Bispo Albergo de Lieja. Este movimento deu origem a vários costumes eucarísticos, como por exemplo, a exposição e bênção do Santíssimo Sacramento, o uso dos sinos durante a elevação na missa e a festa do Corpus Christi que é uma festa móvel da Igreja católica romana que celebra a presença real e substancial de Cristo na Eucaristia, sendo o único dia do ano que o “Santíssimo Sacramento” sai em procissão pelas ruas. No calendário católico ocidental é realizada sempre numa quinta-feira, na seguinte ao domingo da Santíssima Trindade que, por sua vez, acontece no domingo seguinte ao de Pentecostes. Por ocasião da Festa há confecções de tapetes que são construídos pelas comunidades e representa um ritual. O estudo dos rituais situa-se numa vertente central na antropologia e, a noção de ritual pode ser conceitualmente banal se a tomamos como equivalente a comportamento, uma vez que todo comportamento humano é inerentemente simbólico. A festa de Corpus Christi é um ato extremamente ritual. Se repete a cada ano e faz parte do imaginário religioso católico. Por sua vez, deixa de ser um objeto, um tópico de estudo, um tipo de comportamento, para transformar-se em abordagem teórica.

<sup>6</sup> Podemos afirmar que a primeira romaria para Juazeiro data de 7 de julho de 1889 e esse acontecimento é muito importante para buscar a gênese das romarias ao Juazeiro do Norte – CE. Nessa primeira grande romaria, que fez o trajeto da cidade do Crato para o Juazeiro, estava plantada a semente que germinou. Imaginemos, no final do século XIX, a distância entre a cidade de Crato e a cidade de Juazeiro do Norte que é de quase três léguas (uma légua corresponde a 6 km), 16 km. Numa caminhada, em passos rápidos, podemos contar que se faz 6 km por hora. Mas com milhares de pessoas, em estradas íngremes, o tempo mais que dobra. Com certeza, foi um dia de caminhada, com as paradas, para se chegar no Juazeiro.

diante da multidão, ele proclamou que o sangue dos panos mostrados no altar era o próprio sangue de Jesus Cristo, o que provocou a maior comoção no povo. Aí começaram as grandes romarias para ver o milagre. Os panos foram colocados numa urna de vidro e o povo vinha tocar a urna, o que provocava grande diversidade de milagres. (COMBLIN, 2011, p. 18).

A pregação do reitor do seminário do Crato, monsenhor Monteiro, falou ao coração da população de romeiros e romeiras espalhados na praça, hoje da matriz, onde levou aquela multidão ao êxtase. A população, em grande ato de devoção, queria tocar no receptáculo de vidro onde estavam os panos com manchas de sangue do próprio Jesus Cristo. A comoção se avolumou, tornando-se uma cena de arrebatamento coletivo. Uns ficavam de joelhos em terra, outros erguiam os braços aos céus e uma boa parte ficava em pranto ao viver aquele “momento fantástico, do maravilhoso” (ELIADE, 2001).

Com o passar do tempo, a fama do milagre espalhou-se pela região do Cariri, provocando romarias e atos de muita devoção. O clero do Cariri ficou bastante sensibilizado com esse grande acontecimento religioso. Todo o povo de todas as classes sociais acompanhou e aderiu: ninguém pôs em dúvida a transformação da hóstia em sangue<sup>7</sup>.

É provável que esta fiel exposição de um acontecimento sobrenatural levante a incredulidade, e que esta o comente a seu sabor. Mas o que é certo é que ele foi testemunhado por mais de 30 mil pessoas; e que o Juazeiro tem se tornado uma nova Jerusalém pela romaria dos povos vizinhos. (LIRA NETO, 2009, p. 70).

---

<sup>7</sup>O milagre da hóstia foi visto e interpretado, por um lado, como revelação de Deus a um povo sofrido e esquecido, outros viam como embuste e outros faziam uma leitura classista do acontecido. Para apoiar a tese da veracidade do milagre evocou-se que ocorrera uma série de outros episódios endossados pelo Vaticano com a denominação genérica de “milagres eucarísticos”. O mais famoso deles era o chamado “milagre de Lanciano”, registrado por volta do ano 750, no Mosteiro de São Legoziano, dos monges basilianos, na Itália. A história conta que um monge dessa comunidade, tinha restrições à presença de Jesus na eucaristia e foi surpreendido em uma celebração eucarística. Em certa manhã, durante a celebração da missa, o monge de fé vacilante encontrava-se confuso em relação a fé, para seu espanto e alucinação, na hora da consagração, o pão se transforma em carne viva e o vinho em sangue. Essa história percorreu milênios e chegou até o Juazeiro. Entre os que se colocavam contra a veracidade do milagre estavam o bispo dom Joaquim e seus assessores diretos. Um deles era o velho reitor do seminário da Prainha, padre Pierre-Auguste Chevalier (uma espécie de conselheiro informal da diocese), que sobre aquele assunto de hóstias que sangravam e se transformavam em carne em pleno Cariri, só uma coisa podia ser dada como certa: “Nosso Senhor não iria deixar a Europa para fazer milagres no Brasil”. Já para a antropóloga Luitgarde, a essência da questão religiosa de Juazeiro é vista não como aparece, causada pelo milagre do surgimento do sangue de Cristo na hóstia recebida pela beata Maria de Araújo, mas como uma luta dentro da Igreja, entre duas concepções do religioso, uma luta entre a hierarquia burocrática da Igreja e a religião como era vivida pelas classes subalternas.

Dois anos depois, na Quinta-feira Santa de 1891, em 25 de março, renovou-se o milagre na presença do Dr. Marcos Rodrigues de Madeira, médico de Crato, que publicou no jornal de Fortaleza, *O Cearense*, um documento no qual dizia que a transformação da hóstia em sangue era “um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação natural” (COMBLIN, 2011, p. 18). Esse testemunho provocou reação imensa no Ceará e todos ficaram aguardando parecer do bispado, autoridade eclesiástica competente, para saber o que pensar de um depoimento tão impactante.

O bispo de Fortaleza, dom Joaquim, ficou irritadíssimo porque só foi tomar conhecimento dos fatos de Juazeiro em novembro de 1889, oito meses depois do ocorrido. Ficou desapontado porque padre Cícero não lhe tinha feito nenhuma comunicação. A atitude do bispo foi de perplexidade e recomendou que não se proclamasse que se tratava de um milagre.

Neste final de século, muitos acontecimentos, sobretudo as secas e a Proclamação da República, contribuíram para um clima de final de mundo. Muitíssimos comentários surgiram após o acontecimento da hóstia vertida em sangue. Comentava-se que diante da imensa ruindade do mundo, Jesus tinha resolvido derramar o seu sangue uma segunda vez para uma nova redenção. E Juazeiro tinha sido escolhida para esse momento de juízo final.

O fato estava tomando proporções inimagináveis e tudo isso espantou o bispo. Sua formação canônica rígida, de imediato, trazia o fantasma das heresias. Assim, aos 21 de julho de 1889, vários meses depois do ocorrido da hóstia, por meio de portaria, dom Joaquim, nomeava uma comissão para o caso. Nomeia uma comissão de inquérito formada por peritos da diocese. Para compor essa comissão, foram escolhidos os dois padres mais preparados teologicamente. E, assim, foram escolhidos e enviados os doutores em teologia: padre Clycério da Costa Lobo, como comissário, e padre Francisco Ferreira Antero, como secretário do inquérito que deveria concluir (DUMOULIN, 2017, p. 120) que aquilo que ocorria em Juazeiro não passava de manifestações de fanatismo de pessoas que não conheciam a teologia católica. Aqui já estava presente um grande conflito que iria se arrastar pela história da Igreja católica no Brasil, chegando até nossos dias.

O inquérito durou um mês e os investigadores interrogaram 10 beatas, 8 padres e 5 civis eminentes. Durante este tempo assistiram várias vezes ao milagre da transformação da hóstia em sangue. Os clérigos investigadores confabularam

bastante, chegando a uma conclusão: a partir do que viram, deram um veredicto bombástico, sobretudo para o bispo: que se tratava realmente de fatos sobrenaturais, de origem divina.

O bispo esperava outro resultado e se sentira traído pelos teólogos. Dom Joaquim não se convenceu da conclusão do inquérito porque estava inclinado a acreditar que essa história não passava de uma armação, de um embuste<sup>8</sup>. Dumoulin, descrevendo o episódio diz que, para o bispo,

não somente o sangue não era nem poderia ser o de Jesus Cristo, mas ele ficou cada vez mais convencido de que o fenômeno era o resultado de um subterfúgio inventado pela beata ou manipulado por José Marrocos. Uma das razões dessa convicção do bispo resultou da “desobediência” de Maria de Araújo à orientação por ele dada de sair da residência do Padre Cícero e ir morar na casa de caridade do Crato. “Uma santa nunca iria desobedecer à ordem de seu bispo”, concluiu Dom Joaquim. Consequentemente, os fatos que aconteceram com ela na hora da comunhão não podiam ser milagrosos. (DUMOULIN, 2017, p. 117).

A notícia do ocorrido no Juazeiro já tomava o mundo. Não demorou muito para o fato ser noticiado na imprensa de Recife e Rio de Janeiro. O assunto percorreu fortemente as rodas de conversas até chegar a ser estampada nos periódicos do país e o primeiro a noticiar foi o *Diário do Commercio*, que tinha redação, escritório e oficina na famosa Rua do Ouvidor, pertinho da Confeitaria Colombo, no centro do Rio de Janeiro, onde se conversava sobre as principais notícias do país. A história foi apresentada:

“Recebemos a seguinte informação, em carta dirigida da província do Ceará”, anunciava o jornal carioca, na edição de 19 de agosto daquele ano de 1889. “Quando o padre Cícero dava a comunhão à virtuosa beata Maria de Araújo, transformou-se a sagrada forma em sangue, que caiu na toalha e na murça da beata, fato que se foi dando todas as sextas-feiras e depois diariamente”. Informava-se ainda que “um sem-número de habitantes da cidade do Crato, e de toda a circunvizinhança, concorreu de modo que jamais se viu naquela povoação tamanha aglomeração de fiéis”. (LIRA NETO, 2009, p. 89).

Os meios eclesiásticos, na capital da nascente República, ficaram encabulados com essa notícia. Dom José Pereira da Silva, bispo do Rio de Janeiro, em 1892, reverberou as notícias do jornal da capital em reuniões eclesiásticas. Teria Deus deixado os lugares “sagrados”, ornados com seus utensílios banhados a ouro

---

<sup>8</sup> Os dicionários comumente designam embuste como: mentira artilosa. “Embuste” no caso citado, refere-se à uma forma de enganação ou falsificação. Havia a suspeita de que aquele fenômeno estava sendo produzido intencionalmente, na tentativa de se usufruir dos resultados impactantes produzidos por ele.

suntuosamente preparados pelo clero, para se manifestar em um lugar e em pessoa tão insignificante? Teria Jesus Cristo escolhido o povo mais banal e o lugar mais apartado do mundo para, sobre ele, se manifestar derramando seu sangue redentor?

A resposta é dada pelo povo sertanejo, de perto e de longe, afluindo em massa ao longínquo lugarejo e se concentrando em torno da pequenina igreja dedicada a Nossa Senhora das Dores para receber a benção daquele que seria o “padrinho” de todos. Estaria ali o início das romarias devocionais ao Juazeiro do Norte? É o que veremos no próximo capítulo.

E as notícias não paravam de circular em outras regiões do país. A notícia publicada na *Gazeta* da capital do país, Rio de Janeiro, começava a ser repercutida em outros jornais importantes do país a exemplo do *Diário de Pernambuco*, o mais prestigiado do Nordeste na época, que fez um grande estardalhaço trazendo na capa em negrito e letras garrafais: “Fato estupendo”. A notícia era acompanhada de relatos dissertando sobre a profusão de peregrinos e peregrinas que não paravam de chegar ao Juazeiro.

Em abril de 1892, aconteceu algo surpreendente: desapareceu a urna com as hóstias e os panos manchados de sangue que o bispo tinha mandado transferir para o Crato. Esse acontecido caiu como uma luva para o bispo, que estava convencido de que havia um embusteiro nessa história. O acusado foi nada menos do que José Marrocos (1842 – 1910)<sup>9</sup>, um ex-seminarista, primo e amigo íntimo de padre Cícero, contemporâneos no Seminário da Prainha. O mesmo foi expulso do seminário pelos padres lazaristas franceses. Segundo Della Cava,

Marrocos, ao que parece, compensou esse insucesso dedicando sua vida à religião e à Igreja. Era amigo dos pobres e do clero. Chegou a construir, às próprias custas, um cemitério perto do Crato e uma capela em Fortaleza para uso exclusivo da população escrava da capital. (DELLA CAVA, 2014, p. 84).

---

<sup>9</sup> José Joaquim Teles Marrocos (1842 – 1910), passou pelo Seminário da Prainha, embora tenha sido expulso em 1868. Contava muito negativamente ter sido filho de um padre. Voltou para sua cidade natal Crato, mas como o primo e amigo pessoal padre Cícero Romão, teve sua história marcada pela terra juazeirense – lutou arduamente para ajudar na sua emancipação e desenvolvimento. Descrito pelo historiador Renato Casimiro como “um personagem ímpar da vida sociocultural do Cariri”. Ele foi teólogo, jornalista e pedagogo. Foi um fiel seguidor do padre e mestre Ibiapina e um intelectual conectado com os problemas do seu tempo. Foi um ferrenho defensor do seu primo, padre Cícero Romão e da beata Maria de Araújo. Chegou a fundar quatro jornais: *A voz da religião*, em Crato; *O libertador*, em Fortaleza; *Jornal do Cariry*, em Barbalha; e *A cidade do Rio*, no Rio de Janeiro. Ainda ajudou a fundar e escrever no histórico semanal *O Rebate*, em Juazeiro do Norte, por onde, literalmente, rebatia argumentações falaciosas sobre o episódio da hóstia, padre Cícero, beata Maria de Araújo e a emancipação de Juazeiro.

José Marrocos desde os primeiros momentos tomou a liderança dos movimentos de apoio ao padre Cícero. Pinheiro faz um destaque importante, quando diz:

Quem estudar a fundo o drama religioso juazeirense que comoveu populações católicas de nossa pátria de Norte ao Sul do Brasil, haverá de concluir, em minha opinião, ter sido o professor José Marrocos um de seus personagens centrais, seu maior defensor não só na imprensa, mas também perante a Santa Sé. (PINHEIRO, 1963, p. 131).

Diante dos vários acontecimentos, dom Joaquim achou que estava na hora de tomar uma atitude exemplar. Em 5 de agosto de 1892, baixou um decreto suspendendo o padre Cícero, privando-o do poder de pregar, confessar e orientar os fiéis. Somente deixou o consentimento de celebrar missa. Esse posicionamento chocou o povo do Sertão do Cariri que não tinha dúvida da beleza que acontecera em Juazeiro. O padre Cícero, suspenso de ordem desde agosto de 1892, não podia mais exercer o seu ministério presbiteral, como capelão do povoado. Nem mesmo sua viagem e estada em Roma, de fevereiro a setembro de 1898, conseguiu reverter esse quadro. A condição imposta era que só seria possível com sua saída do Juazeiro.

Quanto mais a perseguição aumentava, mais “gente de todos os pontos do Sertão acorria para se proteger à sombra do Padrinho” (QUEIROZ, 2003). A dimensão da perseverança é um elemento fortíssimo para definir os romeiros e romeiras do padre Cícero Romão, que eram nordestinos destituídos de qualquer posse. Não só o milagre de 1889, mas vários fatos consolidaram no povo a crença de que Juazeiro era, de fato, uma terra abençoada, Nova Jerusalém<sup>10</sup>, palco de uma nova redenção. “A crença na segunda Redenção, com suas implicações teológicas sofisticadas, enraizou-se sobretudo entre membros do clero e do laicato mais instruído” (DELLA CAVA, 2014, p. 97).

O decreto do bispo criou uma situação de revolta no Cariri. Havia clima para uma revolta popular de grandes proporções. Os partidários do padre Cícero tinham

---

<sup>10</sup> O tema Nova Jerusalém, remonta aos tempos bíblicos e é tomado como paralelo diante do que significou e significa para os/as romeiros/as a cidade de Juazeiro. A temática é retomada no filme dirigido pelo cineasta Rosemberg Cariry, com produção de 2001, que relata a cidade do Juazeiro como a Nova Jerusalém. “Mergulhando nas maravilhas e misérias do cotidiano da Cidade Santa de Juazeiro do Norte, no Ceará, o filme conta a história do Padre Cícero Romão Batista (1854-1934) e revela um universo desconhecido e fascinante para o espectador, onde o sonho se confunde com a própria realidade” (JUAZEIRO, A Nova Jerusalém. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza: Independente, 2001. 1 DVD (1h 12 min)).

multiplicado os apelos à Santa Sé<sup>11</sup> contra as decisões do bispo. José Marrocos teve muita influência nesse movimento. Crescia, em todo vale do Cariri, a hostilidade contra a pessoa do bispo, acusado de todos os pecados.

Para completar, em dezembro de 1893, o bispo colocou o povoado de Juazeiro sob interdição parcial: doravante nenhum ato religioso poderia realizar-se na capela dedicada a Nossa Senhora das Dores<sup>12</sup>.

Uma atitude extremamente supressiva. Era como se toda população de Juazeiro fosse colocada para fora da Igreja. Há uma evidência na história das lutas e resistências populares: quando há uma injustiça grande acontecendo, a mesma injustiça ajuda o povo a se unir mais. Por conseguinte, essa diligência provocou mais unidade na revolta do povo da região contra o bispo, dom Joaquim.

O decreto de Roma, em 31 de julho de 1894, não deixava dúvidas quanto ao sucesso das investidas de dom Joaquim em condenar o milagre. A sentença do Santo Ofício de Roma foi tornada pública. O veredito é que a Santa Sé reprovava todos os fatos de Juazeiro como “gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia” (COMBLIN, 2011, p. 20), o que o bispo do Ceará deveria reproduzir em sua diocese.

As medidas tomadas por dom Joaquim para fazer valer a orientação de Roma foram radicais. Entre elas, todas as romarias deveriam cessar imediatamente. Também tudo que foi escrito, fotografado, guardado como medalhas, deveria ser recolhido e queimado. O clero deveria silenciar diante do assunto. Quem falasse a favor dos fatos de Juazeiro seria suspenso de ordem. E nesse caso quase todos se submeteram. Os leigos que defendessem os fatos de Juazeiro seriam privados dos sacramentos. Como a urna roubada era um mistério, veio o veredito de que a mesma devia ser restituída; caso contrário, depois de 30 dias, o autor do ato seria excomungado. Um dado interessante é que padre Cícero devia restituir todas as esmolas recebidas em razão dos milagres de Juazeiro. José Marrocos faleceu em

---

<sup>11</sup> A Santa Sé, também chamada de Sé Apostólica, é a jurisdição eclesiástica da Igreja Católica em Roma, sendo uma entidade soberana independente. Do ponto de vista legal, é distinta do Vaticano, ou mais precisamente do Estado da Cidade do Vaticano. Quer dizer, a Santa Sé e o Estado da Cidade do Vaticano, têm personalidades jurídicas próprias; a primeira tem natureza religiosa e o segundo tem natureza política.

<sup>12</sup> A capela dedicada a Nossa Senhora das Dores foi o primeiro templo religioso do Juazeiro, tendo sua pedra fundamental assentada em 1827. Padre Cícero Romão foi o seu o sexto capelão. A capela dedicada à Nossa Senhora das Dores ficou sem capelão entre os anos 1892 a 1917. Significa que ficou fechada, por ordem do bispo dom Joaquim, durante 25 anos. Isso significou uma carga muito pesada para as pessoas que quisessem confessar. Nesse caso tinham duas opções: ficar sem receber o sacramento da confissão ou andar mais de 30 quilômetros a pé ou montado no jumento para tal.

1910 e com esse acontecimento veio à tona uma notícia bombástica: a urna desaparecida há 18 anos aparecera entre os objetos que lhe pertenciam. Isso significou uma confirmação da tese de dom Joaquim, de que o milagre era um embuste. Dumoulin<sup>13</sup> escreve que:

só 18 anos depois, em 1910, quando José Marrocos faleceu, foi recuperada a urna que ele guardava religiosamente em sua casa, numa pequena capela, onde só ele entrava para fazer suas longas orações. Tal comportamento revela mais a crença que ele tinha da presença do sangue precioso de Jesus do que uma tentativa de esconder um subterfúgio. Se fosse, teria sido mais lógico destruir a “prova do crime” do que guardá-la preciosamente numa capela. (DUMOULIN, 2017, p. 122).

O milagre nunca foi propagado pelo padre Cícero, que se comportou sempre de modo cauteloso e a princípio era hesitante quanto ao significado dos fenômenos testemunhados por ele e pela multidão de devotos, que não paravam de chegar ao Juazeiro. Ele era honesto consigo mesmo e guiava-se pela reta intenção. “Uma das grandes virtudes do padre Cícero era a profunda obediência a sua consciência” (DOMOULIN, 2017, 127). Em sua defesa diante do bispo dom Joaquim e da Santa Sé, apela para o testemunho do próprio Jesus, que lhe teria aparecido<sup>14</sup> e garantido tratar-se verdadeiramente de seu sangue.

Em várias ocasiões padre Cícero foi orientado a desabonar a beata Maria de Araújo. Foi intimado a negar publicamente o milagre nos seguintes termos:

Ordenamos ainda ao Reverendo Cícero se desdiga no púlpito da proposição que avançou afirmando que o sangue aparecido nas sagradas partículas era o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo; pois que não o é e nem pode ser, segundo os ensinamentos da Theologia Catholica. (CASIMIRO, 2012, p. 29).

Padre Cícero não foi contra a sua consciência, sua atitude foi sincera, viu que não cabia tal atitude. Seguiu uma máxima sertaneja que diz: “a honestidade faz bem ao sono” (AGUIAR, 1992, p. 56). Como também foi instruído a deixar o Juazeiro, mas

<sup>13</sup> Dumoulin levanta suspeita sobre a questão intrigante para o bispo e para muitos até hoje. Como explicar cientificamente e provar que foi um truque? A pesquisadora afirma que diversas explicações foram dadas, mas nenhuma comprovada até hoje. Para a pesquisadora o ponto de vista de dom Joaquim e dos que o acompanhavam foi insuficiente e inadequado, assim como as interpretações dos motivos do roubo da urna.

<sup>14</sup> Em capítulo anterior relatamos o sonho que na expressão do padre Azarias Sobreira é chamado de “fatídico”, porque mudou radicalmente a vida do padre Cícero Romão e traçou o destino do pequeno povoado já chamado de Juazeiro. O sonho levou padre Cícero Romão a tomar o sonho como “verdade” a ponto de decidir permanecer no Juazeiro, o que lhe custou ser suspenso de ordem. Isso porque para ele não fora um sonho comum, daqueles que se tem corriqueiramente, mas foi de outra ordem. O sonho lhe causou um impacto tão grande que parecia ser real. Para ele não havia dúvidas que o Cristo tinha aparecido e lhe revelara algo precioso.

não o fez. Sua postura lhe custou também a proibição de celebrar missa, em 1896. Finalmente, veio a excomunhão<sup>15</sup> em 1916, que ficou engavetada na Cúria diocesana do Crato e não foi aplicada.

O padre Azarias Sobreira, que conviveu com a beata, registra que a mesma teve uma vida de jejum, oração e trabalho humilde. Imagino que a vida de Maria de Araújo remonta às grandes místicas da Igreja católica como Rita de Cássia (1381 – 1457), Margarida Maria Alacoque (1647 – 1690), Teresinha de Lisieux (1873 – 1897), todas europeias, sendo a beata a única brasileira, do Sertão nordestino. A história do cristianismo está cheia de exemplos significativos. Na tradição sobre a aparição de Guadalupe (México), o que acontece é que a Virgem aparece ao índio Juan Diego, mas não aparece no colégio dos padres, onde ele ia receber a catequese, nem na cidade, onde os espanhóis construíram conventos e igrejas, mas no monte Tepeyac, onde os indígenas adoravam Tonantzin, “a nossa Mãe, a Mãe dos deuses”. Assim diz Sobreira:

Acima de tudo, desperta-me especial reflexão o silêncio e conformidade em que ela se refugiou depois que lhe comunicaram o pronunciamento condenatório do Santo Ofício, em Roma. Em lugar de fazer comentários com o fim de justificar-se, absteve-se de tocar nesse assunto, sumiu-se no interior de sua nova morada, quartirão e meio distante da igreja, e, entregue aos trabalhos mais rudes na companhia de duas ou três mocinhas que foram morar com ela, trabalhos esses donde retirava o pão e o vestuário, assim viveu por mais duas décadas, até o dia dezessete de janeiro de 1914, quando veio a falecer. Desapareceu das vistas do mundo por tal forma que dentro em breve ninguém dava por sua pessoa, como se realmente já fosse com Deus. Vi-a pela derradeira vez no dia 15 de janeiro de 1914, antevéspera de sua morte. (SOBREIRA, 2011, p. 310).

Já há uma tendência forte, na historiografia contemporânea, para dar um lugar digno à beata Maria de Araújo. Nas produções mais recentes – a partir de 1999 – e devido à introdução de novos temas e abordagens teórico-metodológicas, como os estudos culturais relacionados à religiosidade, aliados, no caso, às questões de gênero, as beatas ganharam um espaço ao lado do estudo sobre as romarias e práticas devocionais. Sobre tal tema, Maria do Carmo Pagan Forti escreveu que

---

<sup>15</sup> No ano de 1898, padre Cícero Romão ficou alguns meses em Roma onde teve cinco audiências com a Congregação do Santo Ofício e um encontro de 20 minutos com o Papa Leão XIII, no dia 6 de outubro. Sua viagem a Roma foi até certo ponto proveitosa, pois terminou sendo absolvido das penalidades impostas pelo seu bispo. Todavia, isto durou pouco. O bispo conseguiu manter a sua decisão anterior, e padre Cícero Romão continuou suspenso de ordem para sempre. Padre Cícero Romão chegou até a ser excomungado, embora esta pena nunca tenha sido aplicada.

Maria de Araújo foi considerada pela Igreja de Fortaleza e por Roma como uma embusteira. Uma mulher que precisava de uma pena, de um castigo, de uma grave penitência, de vigilância constante, de direção espiritual segura e não poderia ser vista por ninguém. Todos os seus feitos queimados e condenados. Que não sobrasse nada, nem na memória. (FORTI, 1999, p. 53).

De tudo que acontecia no Juazeiro, a beata Maria de Araújo era um símbolo fulcral, reconhecida desde o peregrino mais simples ao prelado mais graúdo. Isso também levou a ser o epicentro da ira dos que queriam aviltar sua reputação.

O preconceito e o racismo contra a beata estava manifesto muito fortemente em figuras do clero cratense como o padre Alencar Peixoto,<sup>16</sup> que a desqualifica em virtude de suas origens e seu fenótipo quando diz que

Maria de Araújo é um produto do cruzamento de duas raças desprezíveis [negra e índia] dando portanto uma hibridez horrível, uma monstruosidade feita mulher. [...] O nariz irrompe entre os olhos, sem base e levantando-se, a pouco e pouco, alarga-se de asas chatas até os ossos molares, achambroirados [grosseiros], entupidos nas gelhetas [rugosas] bochechas cavas. Os beiços moles e relaxados deixam a descoberto em um dos cantos da cacóstoma (maus odores) boca, à competência com a pele cor de azeitona em estado de putrefação, desnegrados, os dentes lanianos. É uma alma soberanamente execrável. (FORTI, 1999, p. 39).

A propósito, Dom Arcoverde<sup>17</sup>, um influenciador contumaz de Dom Joaquim, recomendou que,

por mais tarde que pudesse parecer, era chegada a hora de tomar uma decisão implacável para pôr uma pedra sobre o assunto. O bispo deveria mandar queimar tudo o que existia a respeito dos episódios do Juazeiro: panos, toalhas e lenços manchados de sangue. “Que se fechem em um baú de lata e se remetam a Vossa Excelência, que os fará queimar à sua presença”, sugeriu. Como medida adicional,

<sup>16</sup> Joaquim de Alencar Peixoto nasceu na cidade do Crato em 1871, um pouco antes do padre Cícero Romão se instalar no Juazeiro. Ele foi um intelectual, político e sacerdote que tomou partido ficando do lado dos que condenavam e perseguiram a beata Maria de Araújo. Ele não aceitou que continuasse o culto a uma negra do Sertão nordestino.

<sup>17</sup> Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1850 – 1930), mais conhecido como Cardeal Arcoverde, primeiro a ser elevado ao título de cardeal na América. Nasceu em Cimbres, município de Pesqueira, em Pernambuco, em 1850. Aos treze anos de idade, entrou para o Seminário Menor, em Cajazeiras, na Paraíba, e aos 16 anos seguiu para Roma onde cursou ciências e letras, filosofia e teologia, tendo concluído seus estudos no Colégio Pio Latino Americano. No Brasil foi reitor do Seminário de Olinda como também desempenhou o episcopado em São Paulo e algumas dioceses, se estabelecendo na arquidiocese do Rio de Janeiro, onde permaneceu de 1897 até sua morte, em 1930. Dom Arcoverde estava atento aos movimentos sociais que eclodiam no Brasil, manifestando atitudes reacionárias aos vários acontecimentos. Ele tinha a responsabilidade de zelar pela ortodoxia, sobretudo porque estava cotado para ser cardeal, o que aconteceu em 1905. No Caso de Juazeiro, Dom Arcoverde teve uma posição de apoio a dom Joaquim, então bispo de Fortaleza e, ao mesmo tempo, cobrava dele uma posição mais enérgica com o caso que já fora noticiado na imprensa em vários veículos de comunicação no Brasil.

aconselhou que dom Joaquim não perdesse mais tempo e enviasse o caso para ser apreciado por quem era responsável pela repressão aos hereges: “Mande o processo para Roma, para ser julgado pela Inquisição”. (LIRA NETO, 2009, p. 148).

No dia 22 de outubro de 1930, um pouco mais de duas décadas após seu falecimento, o túmulo da beata Maria de Araújo, que foi construído pelo padre Cícero na Capela do Socorro, foi violado, totalmente destruído e os restos mortais da beata foram sepultados em local oculto. A ordem do monsenhor Alves de Lima foi dada para satisfazer o então bispo do Crato, dom Quintino Oliveira, primeiro bispo da diocese. Os contemporâneos contaram que padre Cícero, que tinha 86 anos de idade na época, recebeu a notícia do sumiço dos restos mortais da beata com muita tristeza e ficou muito enternecido.

Passados cem anos da morte da beata Maria de Araújo, falecida no dia 17 de janeiro de 1914, quando estava em curso a chamada Sedição de Juazeiro, dom Fernando Panico, então bispo da diocese do Crato, fez um reconhecimento laudativo à beata. Desde que chegou na diocese do Crato, deu a entender que queria fazer justiça aos romeiros. E, diferentemente de outros prelados, proferiu uma homilia elogiosa à beata Maria de Araújo, reconhecendo a grande injustiça que lhe fora praticada. Ele sobrelevou que

Maria de Araújo foi colocada em situações para que ela negasse este fato. Ela preferiu silenciar. É a mártir do silêncio! Ela passou por muitas provações. Passou por sérias dificuldades: foi injustiçada, foi ofendida na sua dignidade de mulher, mas ela tudo suportou com amor. Não com raiva, não com ódio, não com o desejo de “dar o troco”, mas tudo fez com amor, obedecendo a Deus, reconhecendo na sua vida a vontade de Deus que a chamava para participar do mistério da Cruz redentora, de Cristo. Vocês sabem também como a Beata Maria de Araújo enfrentou muitas provações na sua vida, por causa do fenômeno extraordinário que ocorreu naquele dia, na primeira sexta-feira do mês de março do ano de 1889, quando a hóstia se converteu em sangue na boca da Beata. Vocês sabem que a partir de então, começou um fenômeno que prova como Deus escreve direito por linhas tortas na história dos seus eleitos. Deus se serviu também desse fenômeno extraordinário, para suscitar um movimento grandioso de pessoas, que se colocam no caminho de Jesus, com Maria, Mãe das Dores, ao encontro do coração de Cristo, ao encontro do Deus da vida! Começaram as romarias. Com este fenômeno da hóstia consagrada, este afluxo de pessoas que vinham a Juazeiro para se encontrar com Padre Cícero, o conselheiro dos pobres, agora, a partir deste momento, o fluxo de pessoas que vinham a Juazeiro tem como finalidade encontrar-se com uma experiência forte de fé. Essa experiência que a Beata Maria de Araújo tinha realizado: a experiência do encontro com Cristo. Venerar a memória da Beata Maria de Araújo hoje, deve servir para todos nós um renovado compromisso de

encontro pessoal com Jesus. Um Jesus da vida da Beata Maria de Araújo. Um Jesus para o qual Maria de Araújo tinha consagrado inteiramente a sua vida; como sofreu a Beata Maria de Araújo! Os inquéritos do famoso processo movido contra o Pe. Cícero, e consequentemente contra o fenômeno que tinha como protagonista a Beata Maria de Araújo, esses inquéritos falam! Quantos vexames, quanto sofrimento, quantas injustiças... eu não hesito em dizer que a Maria de Araújo pode ser tida, para nós hoje, como uma das tantas mulheres que no nosso Cariri foram e continuam sendo injustiçadas, violentadas, assassinadas, mortas pela violência!!! Que a Beata Maria de Araújo, assim como o Padre Cícero nos ajude a todos para que a nossa memória deles, seja uma memória viva, uma memória que transforme a nossa vida! (WALKER, 2014).

Diante de tanta perseguição ao padre Cícero, à beata e ao povo romeiro vai forjando-se uma espiritualidade da resistência. As romarias não param de crescer. Explode uma devoção bem original com rosto sertanejo, sincrético, inclusivo. É um catolicismo que se expressa na cotidianidade da vida do povo pobre. O espírito das missões do padre Ibiapina parece acompanhar esse movimento que não para.

### 3.3. O padre Cícero Romão Batista e as romarias

Joaseiro santo exulta de amor  
 Por ter Padrinho Cícero por teu defensor.  
 De graças estais cheio  
 Em tão alta soma.  
 Sois Jerusalém.  
 Sois Segunda Roma.  
 Sois santo Sião  
 Cidade bendita Aonde  
 reina a glória Da luz  
 infinita.  
 (Francisco Salatiel de Alencar Barbosa)

A religiosidade que analisamos aqui tem a ver com a religiosidade popular medieval lusitana, que nos chega no século XVI e imprime seu selo profundo em nossa cultura – como vimos no início do primeiro capítulo – expressando-se numa imensidade de misturas com os povos indígenas e africanos até nossos dias. A região do Cariri, desde a segunda metade do século XVI, foi alvo de uma cadeia de missões populares, como lemos em Oliveira:

na segunda metade do século XVI, os missionários jesuítas Francisco Pinto (1552 – 1609) e Luiz Figueira penetraram na região do Ceará.

Este último foi morto pelos índios da serra de Ibiapaba. O padre Antonio Vieira S.J. (1608 – 1697) pregou nos Estados da Bahia, Ceará e Maranhão. Frei Carlos José de Spezia (1683 – 1752) pregou durante 40 anos no Nordeste, sobretudo em Pernambuco. O padre Gabriel Malagrida S.J. (1689 – 1791) também foi pregador na região. Frei Martinho de Nantes e frei Bernardo de Nantes organizaram cidades para os índios, à beira do rio São Francisco, de 1672 a 1702. Frei Carlos S. M. Olearo pregou no Cariri (1720 – 1730). Frei Apolônio de Todi (1748 – 1820) pregou durante dezenas de anos no sertão da Bahia. Frei Vital da Penha pregou em todo o Nordeste de 1780 a 1820. Frei Serafim de Catania continuou seu trabalho, de 1841 a 1886. O padre José Maria Ibiapina trabalhou na região do Cariri de 1860 a 1869. (OLIVEIRA, 1985, p. 101).

A partir de 1872, como já vimos, a região do Cariri vai conhecer o trabalho missionário do padre Cícero Romão que, por circunstâncias muito especiais, vai transformar o minúsculo povoado do Juazeiro na cidade santa, que no dizer dos próprios romeiros e romeiras, cantado nos benditos e declamados nos cordéis, recebe vários títulos: Juazeiro Celeste, Céu do romeiro, segunda Roma, Santo Sião, cidade da Luz Infinita. A cidade se confundia com o Padrinho. A descrição do Sr. Geraldo Meneses expressa bem a centralidade do padre Cícero Romão para os seus devotos quando diz que,

em meio a tantas frustrações, assumiu um líder – Padre Cícero Romão Batista – nascido em meados do século XIX, que soube optar pelos pobres sertanejos, amparando-os contra as injustiças, orientando-os e evangelizando-os com tamanho apostolado, que gerou inveja e a ira de alguns dos seus superiores hierárquicos. Escorraçado de sua terra e suspenso das ordens sacerdotais, o padre sofreu com humildade e resignação evangélica a todas as violências morais e físicas de um autoritarismo diocesano absurdo, sem, porém, rebelar-se contra sua religião, nem negar sua fé em Jesus Cristo. Foi, posteriormente, cognominado de “mártir da disciplina” pelo Arcebispo Metropolitano de Fortaleza. Importante ainda. Está canonizado no coração dos seus 40 milhões de devotos, como o evangelizador que ensinou ao povo nordestino a rezar o Rosário de Nossa Senhora. Um hiperdólico da Virgem Maria. (BARBOSA, 1997, p. 6).

A partir de 1891, essa fama do padre se espalhou pelo Sertão nordestino. Os acontecimentos sociais, políticos e religiosos interferiam na economia da região e isso mexia com as relações de poder regional. Os romeiros e romeiras acorriam ao Juazeiro para pedir a bênção e à procura de trabalho. A veneração do nordestino ao Padrinho se explica pela proximidade de um santo popular que conheceu as suas necessidades e com quem eles se identificam.

É bem verdade que as expressões populares de fé sempre foram vistas com certa desconfiança, e, em muitas ocasiões, como erro ou como uma abordagem

herética da doutrina formulada pela ortodoxia da Igreja. O caso das romarias para o Juazeiro é um exemplo lapidar, porque é um fenômeno vivo e crescente. O fenômeno das romarias e a devoção ao padre Cícero Romão, que antes eram apenas assunto de uma “Questão Religiosa”, hoje desperta interesse da academia, fomentando pesquisas de mestrado e doutorado, não apenas no Nordeste, mas em muitas universidades do Brasil e em outros países (DELLA CAVA, 2014; GUIMARÃES, 2011).

No Juazeiro do Norte, essa religiosidade se firma a partir das romarias, que aumentam a cada ano, independentemente das proibições impostas ao padre Cícero e ao povo. Em 1896, dom Joaquim, seu bispo, despojou o padre Cícero do último poder que ainda lhe restava: celebrar missa.

Em Juazeiro, tudo foi convergindo para uma organização popular e se firmando como um forte movimento. Comblin fala que diante da situação de quase ruptura com o bispo do Ceará, a população de Juazeiro organizou a resistência:

A base do movimento popular foi formada por seis associações: o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, a Confraria de São Vicente de Paulo, a Confraria de Nossa Senhora das Dores, a Confraria do Santíssimo Sacramento, a Confraria do Precioso Sangue e, por fim, a partir de 1895, a Legião da Cruz. Cada uma dessas associações foi transformada em tropa de choque na campanha de reabilitação de padre Cícero. Todas tinham milhares de membros. A Legião da Cruz contava 5.000 (cinco mil) membros somente no Juazeiro e mais de 10.000 (dez mil) fora do povoado. Isso quer dizer que o povoado inteiro estava mobilizado e, com ele, uma boa parte da população do município inteiro e dos municípios vizinhos. (COMBLIN, 2011, p.23).

Padre Cícero Romão estava sempre à espera de uma resposta de Roma, na esperança de regularizar sua situação eclesiástica. Em junho de 1897, chegou a última resposta de Roma. Dessa vez, o Santo Ofício ameaçava padre Cícero de excomunhão, se ele não se retirasse imediatamente de Juazeiro no prazo de 10 dias. Depois de 9 dias da portaria de excomunhão, ele comunica ao seu bispo a decisão de apelar para a Santa Sé e partiu imediatamente para Salgueiro – PE, onde permaneceu vários meses.

Em Salgueiro, território da diocese de Olinda, ele tinha consciência de sua difícil situação e teve a ideia, por prudência, de escrever ao bispo de Olinda, dom Manoel dos Santos Pereira. Transcrevemos aqui um pequeno trecho da carta:

(...) eu vim para Salgueiro somente para obedecer às decisões do Santo Ofício que me impeliam a deixar o Juazeiro sem o determinado lugar e, além disso, só provisoriamente, enquanto tratava da minha ida a Roma em conformidade das mesmas decisões, e aqui, como no

Ceará, não tenho feito o exercício das minhas ordens, me conservando suspenso segundo todas as prescrições do meu bispo. (DUMOULIN, 2017, p. 145).

Padre Cícero Romão e Juazeiro já eram um tema da imprensa regional. Já naquela época, o sensacionalismo da mídia estava presente. Os jornais davam notícias do padre a partir de boatos. Um deles era que o padre, na companhia de capangas, teria ido para Salgueiro, como geograficamente era estratégico, para organizar uma revolta nos moldes de Canudos, na Bahia. As autoridades da região ficaram perplexas e, de imediato, mandaram investigar. O governador de Pernambuco logo se dirigiu ao bispo de Olinda, no sentido de tomar as providências para coibir tão grande perturbação da ordem. De imediato o bispo de Olinda pediu esclarecimentos ao vigário de Salgueiro. No mesmo dia, o vigário enviou ao seu bispo o seguinte telegrama:

(...) Padre Cícero retirando-se de Juazeiro em obediência ao decreto da Congregação, veio a esta vila onde está. Tendo inteiro conhecimento sua dedicação, paz, ordem, tranquilidade todos, julgo incapaz qualquer tentativa de agitação pública. Posso afirmar V. Exa. que tem sido ele todos os tempos e em todos os lugares elemento de ordem. Autoridades aqui telegrafaram ao Governador o mesmo sentido. Padre João Augusto, Vigário. (DUMOULIN, 2017, p. 146).

Já o bispo de Fortaleza, dom Joaquim, não teve a prudência de dom Manoel, bispo de Olinda, que procurou averiguar a veracidade dos fatos. Dom Joaquim não só se baseou nos boatos da imprensa, mas ampliou-os ao máximo. Em uma missiva descoberta nos arquivos do Vaticano, o bispo do Ceará se dirigiu ao Cardeal Parocchi, em uma carta datada de 14 de fevereiro de 1898, nos seguintes termos:

(...) [Padre Cícero] foi para Salgueiro, localidade da Diocese de Olinda, onde continuou a defender a sua miserável obstinação e a propagar os pretensos milagres condenados pelo Santo Ofício. Neste lugar, começou uma grande aglomeração de fanáticos, de tal modo perturbadores, que o Governador civil foi obrigado a enviar tropas que, com eles, pelejam, seguindo-se várias perdas. (...) Eminentíssimo Senhor, o sacerdote Cícero, agindo como alucinado e perturbador da ordem pública, tanto religiosa como civil, mostra-se perigoso nesta e nas dioceses vizinhas, cuja população que vive no interior, totalmente ignorante, é muito suscetível a superstições. Queira Deus que este sacerdote tome o conselho de permanecer na Europa ou pelo menos de se mudar para o sul do Brasil. (DUMOULIN, 2017, p. 146).

Nem o arcebispo da Bahia<sup>18</sup>, na época de Antônio Conselheiro, foi tão duro como dom Joaquim, com o padre Cícero Romão. O que ele fez é o que, cem anos depois, vai chamar-se de *Fake News*, criar uma polêmica em torno de uma pessoa, caluniando e difamando sua imagem. Uma característica é usar um teor extremamente dramático e apelativo para eliminar a outra pessoa, nesse caso o padre Cícero Romão.

O tempo que padre Cícero Romão ficou em Salgueiro foi o suficiente para refletir sobre sua vida e tomar uma decisão que seria a cartada definitiva em relação ao seu ministério: ir a Roma. Ele se convenceu de que o último recurso era viajar pessoalmente a Roma. Ele próprio não tinha condições de bancar a viagem para a Europa, mas graças à ajuda do presidente da província de Pernambuco, padre Cícero pôde pagar as despesas.

O padre ficou em Roma oito meses (de fevereiro a setembro de 1898). Já no mês de abril se apresentou pela primeira vez ao Palácio do Santo Ofício. Como não sabia italiano, protocolou uma carta na congregação, logo na chegada, um texto em português: “Sou o padre Cícero Romão Batista, do Juazeiro do Ceará, Brasil, suspenso desde 1892, desterrado para longe de uma mãe e irmã, ambas em leito de morte e pobres, de quem eu sou o único arrimo” (LIRA NETO, 2009, p. 244).

Cada carta que chegava ao Juazeiro, levando notícias do padre querido, não tardava a virar notícia. Os romeiros e romeiras ficavam atentos e atentas a qualquer informação ou movimento em relação ao padre Cícero Romão. Mesmo sem o padre não deixavam de chegar romeiros e romeiras ao Juazeiro.

Em Roma, padre Cícero Romão foi atendido várias vezes pelo Santo Ofício e, no fim, foi recebido, em brevíssima audiência, pelo papa Leão XIII. A conclusão foi de que se deveriam manter os decretos anteriores. No entanto, o padre recebia permissão para celebrar missa em Roma e, dependendo do bispo, também no Ceará.

De volta ao Juazeiro, o padre estava contente porque o Santo Ofício tinha sugerido que saísse do Juazeiro, mas não o obrigava a fazê-lo. De Roma, enviou uma

---

<sup>18</sup> Luís Antônio dos Santos (1817 – 1891) foi arcebispo da Bahia antes de ser nomeado primeiro bispo do Ceará. À medida que se avolumava o movimento de Antônio Conselheiro, as autoridades eclesiásticas ficaram preocupadas. Os párocos dividiam-se, pois julgavam que a ação do Conselheiro era algo inofensivo e só ajudava o povo. O caso chegou ao arcebispo da Bahia, que tomou uma posição contrária à pregação do Conselheiro. Lançou uma circular em 1882 proibindo todos os párocos de receber um indivíduo chamado Antônio Conselheiro, a quem atribuía uma moral “excessivamente rígida” e vinha pregando ao povo “doutrinas supersticiosas”. O bispo é muito claro quando diz que ele está perturbando as consciências e enfraquecendo a autoridade dos padres. Então, proibia os paroquianos de se reunirem para ouvir tais pregações.

carta longa e reveladora para sua mãe. Contou a dona Quinô que o navio que iria partir de Gênova o deixaria no porto de Recife em alguns dias. Estaria a caminho do Juazeiro, mas, em vez de voltar logo direto da capital pernambucana para o Juazeiro, ele iria antes até Fortaleza, para visitar o bispo dom Joaquim. Entendia que era uma obrigação primeira. De Fortaleza, de imediato, estava ansioso para chegar ao povoado, no desejo de encontrar sua querida mãe e seu povo. Sem maior alarde, como diz em carta:

O meu desejo é voltar e chegar em casa na hora que menos me esperem. E como pretendo viver uma vida retirada, depois de tanta luta e tanta angústia, intenciono ir fazer a minha morada quase toda no Horto, lá celebrando a maior parte dos dias. (LIRA NETO, 2009, p. 262).

A vida conturbada do padre Cícero Romão o leva a procurar um caminho de viver “uma vida retirada”. Significativo que, nessa altura da vida, poderia se guiar por caminhos vantajosos pessoalmente, mas prefere se recolher sem grandes ambições. Queria somente um lugar retirado para continuar celebrando a missa. Nessa época, ele tinha 64 anos, o que possibilitava uma reflexão mais apurada sobre sua vida.

O cerco eclesiástico ia se fechando para o padre Cícero Romão. Tinha chegado ao Juazeiro no dia 4 de dezembro de 1898, em clima de festa, mas logo teve uma notícia triste: o bispo não lhe permitiu rezar missa. O bispo se amparava no fato de que o novo documento do Santo Ofício confirmava as proibições anteriores. Mesmo que os cardeais, em Roma, permitiram celebrar missa na Europa, continuaria sem poder fazê-lo no Juazeiro. O bispo permitiu que padre Cícero Romão celebrasse em qualquer lugar do Ceará, mas não no povoado de Juazeiro e nas suas circunvizinhanças. Dom Joaquim certificou a Nunciatura com estas palavras: “Dei licença ao reverendo Cícero para celebrar nesta diocese; menos, porém, no Juazeiro, centro estratégico das imposturas e superstições que tanto mal têm causado ao povo ignaro” (LIRA NETO, 2009, p. 266).

As pessoas mais próximas ao padre ficaram revoltadas. E os romeiros e romeiras não paravam de chegar ao Juazeiro. O movimento das romarias não parou de aumentar. Comblin observou que

quanto mais crescia a perseguição da Igreja, mais o povo defendia o seu “padim”. Não podendo mais confessar e pregar, ele passou a apadrinhar todas as crianças que eram batizadas e tornou-se o padrinho de todos. Pessoas importantes e ricas de Crato e do Cariri afastaram-se de padre Cícero por causa da campanha dirigida pelo bispo. Mas milhares de migrantes vindos dos estados mais pobres do

Nordeste, especialmente Alagoas, passavam a defendê-lo e amá-lo. E o padre Cícero, homem ativo e dedicado, já que não podia exercer o seu ministério, passou a ocupar-se com a vida do povo, sua situação econômica, sua sobrevivência, a formação escolar e profissional, o progresso do lugar. (COMBLIN, 2011, p. 25).

O milagre continuava sendo o ponto de unidade de todo o movimento e, também se transformou no motivo inicial das romarias. As romarias, por sua vez, tornaram-se manifestações de um fenômeno muito maior. As romarias, como se lê em Tolov,

colocaram em evidência a autoridade de um padre que foi identificado como um patriarca, revestido de poderes sobrenaturais, que oferecia aos romeiros e romeiras segurança e esperança. Diferentemente do coronel que garantia apenas a sobrevivência, Padre Cícero oferecia um “espaço sagrado”, oferecia terras para plantar – como fez com o Beato Zé Lourenço e centenas de outras famílias – e, acima de tudo, proporcionava o acolhimento de um pai e padrinho, sem perder a firme autoridade – representada simbolicamente por sua batina e seu cajado. (TOLOV, 2015, p. 143).

Padre Cícero Romão tinha um carisma<sup>19</sup> que cativava os sertanejos. Ele foi se tornando o padrinho na medida que convivia com o povo e participava das suas dores e esperanças. É a partir desta perspectiva que vai se dando o processo de santificação daquele que fora venerado ainda em vida.

Padre Cícero era uma pessoa privilegiada por receber uma avalanche de informações dos romeiros e romeiras de todo Nordeste. Também recebia uma enormidade de cartas que expressavam as amarguras e esperanças do povo sofrido. Normalmente desenvolvia a função de orientador espiritual, conselheiro, benzedor e curandeiro, a exemplo dos xamãs e pajés das antigas nações Cariris, cujo sangue lhe corria nas veias.

A fama do padre Cícero Romão se espalhava pelos sertões nordestinos cada vez mais. Um dilema que o acompanhou durante toda a vida foi estar fortemente pressionado pela hierarquia que esperava dele posições para o fortalecimento do poder clerical, sendo o sinal mais exigido negar radicalmente o milagre e se juntar aos que condenavam a beata Maria de Araújo. De um outro lado, além de sua profunda convicção pessoal, tinha consciência e percebia que a narrativa do milagre lhe

---

<sup>19</sup> Carisma deriva-se de *charis* ou *chairein*, palavras-geradoras da compreensão teológica da escritura cristã, significando a gratuidade, benevolência e o dom de Deus que se abre e entrega ao ser humano. É uma palavra rara na literatura corrente e também nos estudos bíblicos, onde ocorre poucas vezes, ainda assim variantes. Padre Cícero Romão, nesse sentido, era portador de um carisma a serviço da comunidade, dos romeiros e romeiras.

oferecia a manutenção de um poder extraordinário, que o colocava como alguém muito forte no campo da religiosidade popular. Padre Cícero Romão se sentia apoiado e confirmado pelo campo do catolicismo popular e foi nessa direção que ele caminhou, embora sabendo que corria o risco de ser excluído pelas autoridades que manifestavam para a Igreja um outro projeto.

É possível que o bispo dom Joaquim soubesse com que estava mexendo. Sabia que a repercussão do referido milagre poderia desencadear uma onda de fortalecimento da religiosidade popular. Por isso resolveu emitir Cartas Pastorais. Era uma repressão de forma mais amena e que poderia contar com a maioria dos clérigos. As Cartas Pastorais, que eram documentos oficiais, foram lançadas em anos sucessivos – 1893, 1894, 1897, 1898 – e todas tinham um endereço bem claro: condenar os supostos milagres, juntamente declarar a beata Maria de Araújo como uma mulher doentia e inimiga da Igreja e o padre Cícero Romão como alguém desobediente e rebelde. Mas esse intento do bispo não estancava o constante aumento das romarias. Dom Joaquim tratava com algo muito complexo e percebia que precisava de uma abordagem mais amena, como vemos nessa declaração:

A única coisa que eu imponho é que não se publiquem quaisquer factos, dando-se-lhes caráter miraculoso, de sorte que faça abalo no povo. Si Maria de Araújo recebe realmente poderes do céu, que vá gozando só, sem perturbar a boa ordem da Diocese. (CASIMIRO, 2012, p. 500).

Como dom Joaquim faz para barrar o fluxo das romarias ao Juazeiro? Nesse ponto foi incompetente, porque todas as estratégias usadas só faziam aumentar as romarias. A capela construída por padre Cícero Romão era um símbolo de referência para as romarias, onde, mesmo sem padre e missa, aconteciam as festas, os terços, as ladainhas e todo tipo de reza.

A capela era também um ponto de encontro do povo romeiro. Pois, no dia 23 de janeiro de 1894, o bispo proibiu o fluxo de romeiros e romeiras na capela. Isso porque lá, mesmo sem missa, as lideranças da religiosidade popular reuniam os romeiros e romeiras para as articulações, no sentido de se fortalecerem, mantendo a autonomia com relação à hierarquia e toda estrutura de dominação hegemônica da época. Na publicação da chamada Pastoral Coletiva<sup>20</sup>, de 1915, o artigo 823 traz a seguinte afirmação:

---

<sup>20</sup> A Pastoral Coletiva de 1915 levou adiante um discurso exemplar que durou até o Concílio Vaticano II. De direito e de fato, a Pastoral Coletiva funcionou como constituição eclesial e como guia pastoral

Sendo comuns em nossas dioceses abusos no funcionamento e na administração das capelinhas de estradas e até mesmo de bairros que circundam as localidades principais, queremos que os Rvds. Párcos mantenham-nas fechadas a todo e qualquer serviço religioso, a menos que não sejam observadas as seguintes cláusulas: 1ª – cada uma terá um zelador nomeado pelo pároco, com a obrigação rigorosa de não consentir que se façam nela festas, terços, ladainhas, rezas, etc. (OLIVEIRA, 1985, p. 290).

Sobre o fechamento das capelinhas rurais ou de “beira de estrada” Oscar Beozzo, faz o seguinte comentário:

As capelinhas só poderão funcionar se deixarem de estar sob o controle da população para passar ao controle do clero, se perderem sua autonomia e seu caráter leigo, se renunciarem à sua base financeira. Os bispos chegam mesmo a aventar o recurso à polícia (no quadro de uma estrita separação entre a Igreja e o Estado) para fazer cumprir suas ordens, temendo por certo a ineficácia de suas ordens ou o seu claro desacatamento por parte do povo. Há aqui um contraste prenhe de significação: nos conflitos com as irmandades a instância chamada a dirimir a contenda são os tribunais. O apelo é feito à ordem jurídica, como supõe a convivência entre pessoas civilizadas. Contra o povo das capelinhas porém, apela-se para a força policial. (BEOZZO, 1977, p. 757).

Vemos claramente a religiosidade popular<sup>21</sup> perder sua base comunitária, só sobrevivendo na esfera dos oratórios domésticos que, em certo sentido, continuam reunindo a família e gente do entorno. E, nesse caso, as romarias passam a ser uma manifestação de afirmação da fé coletiva. O catolicismo popular, em uma situação de limitação, faz uma reinterpretação dos símbolos ao seu alcance. Reproduz, na medida do possível, suas práticas e representações tradicionais. A própria devoção do Sagrado Coração de Jesus é reinterpretada pelo catolicismo popular. Houve uma adaptação espontânea do catolicismo tradicional. Maria Isaura Pereira de Queiroz assim define essa adaptação: “neste processo, elementos novos surgiram, elementos antigos ou pertencentes à religião oficial sofreram transformações, dogmase liturgias foram deformados por necessidades locais”. (QUEIROZ, 1973, p. 75).

da Igreja Católica no Brasil, deixando evidente o caráter pastoral do documento, destinado a ser um guia para os párcos e fiéis, mais do que um conjunto de decretos canônicos.

<sup>21</sup> Entre os especialistas do catolicismo brasileiro, Pierre Sanchis é um dos que demonstram ter maiores reticências ao uso do adjetivo 'popular'. Em momento posterior, ele chegou mesmo a sugerir a substituição do termo 'religião popular' por 'religião fundamental'. De repente, segundo esta perspectiva, vê-se surgir no Brasil uma separação entre um catolicismo tradicional (luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar) e um outro renovado (romano, clerical, tridentino e sacramental). Além disso, esses dois catolicismos são relacionados, por Azzi, a duas camadas sociais diferentes: O catolicismo tradicional foi, de uma certa maneira, sufocado e marginalizado. Contudo, é evidente que o catolicismo romano foi bem assimilado pelas elites culturais do país, enquanto o povo permaneceu, em geral, mais ligado ao catolicismo tradicional.

É assim que o povo pobre dos sertões vai se firmando. Vai construindo um caminho próprio. Se convencionou atribuir ao catolicismo popular a seguinte máxima: “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Essa prática popular não poderia coexistir com a mentalidade da hierarquia da época, que não admitia compartilhar o poder. A prática popular é múltipla em suas manifestações, expressa-se de diversas maneiras e fomenta uma gama de caminhos.

Pierre Sanchis (2009)<sup>22</sup> afirma que "há religiões demais nessa religião", o catolicismo. Ele quer dizer que há uma grande complexidade e plasticidade na forma de ser católico. É preciso procurar entender os processos de deslocamento, que não é apenas geográfico, mas também político e cultural. Colaborando com Sanchis, Reesink descreve uma herança coletiva existente no catolicismo quando diz:

Eles me revelaram uma identidade católica multiforme, mas sempre ancorada sobre o mesmo fundo comum: a consciência de uma herança coletiva que faz de cada um a(u)tor de uma mesma história, de uma mesma cultura, de uma mesma 'natureza'. Este fundo comum é o núcleo da construção do ser católico, e é em relação a ele que os indivíduos católicos elaboram sua identidade e sua prática. É por esta razão que o catolicismo aparece, de fato, como um. Esta unidade não diminui em nada sua capacidade de ser percebido e concebido de maneira múltipla; contudo, sua pluralidade é fundada nesse fundo comum, estabelecendo assim não um catolicismo dicotômico, mas uma religião concêntrica, em que os católicos estariam a cada vez mais próximos ou mais longe de seu centro teológico. Nessa perspectiva concêntrica, isto se produziria por meio do processo de interpretação e reinterpretação posto em movimento pelos fiéis, o que os situariam diferentemente no campo católico: permitindo passagens em direção a outras religiões, mas especialmente e mais facilmente, dentro do próprio catolicismo. (REESINK, 2003. p. 235).

Embora se fale hoje de um catolicismo plural, suas evidências podem ser identificadas nas vivências desde o início do século XX. No caso do romeiro e romeira, muitas vezes o que enxergamos são apenas manifestações exteriores de relações mais profundas, que envolvem a totalidade da subjetividade. O romeiro e a romeira, no seu ofício, aprofundam uma relação de identificação, de confiança e amizade, por isso, chamam o padre Cícero Romão de “meu padrinho”.

O padre Cícero Romão é assumido pelo romeiro e romeira como alguém íntimo e isso implica uma relação duradoura. Há um processo de identificação do romeiro e

---

<sup>22</sup> Joseph-François-Pierre Sanchis, nasceu em Perpignan, França, em 1928, falecendo em Belo Horizonte, Brasil, em 2018. Sanchis foi um dos mais reconhecidos estudiosos no campo da religiosidade. Antropólogo, professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais. Teve uma produção vasta sobre o catolicismo, sobretudo estudou a globalidade do campo religioso brasileiro na sua relação com a modernidade, as enculturações e o sincretismo.

romeira com o “padrinho”. A intimidade se aprofunda de tal maneira que romeiro e romeira nunca se revoltam com o seu santo por não serem atendidos em dado pedido. A devoção se aprofunda de tal maneira que sai do plano externo para o interno, ou seja, há um processo de identificação que coloca a vida de um em relação à vida do outro. Quer dizer: se uma graça não é alcançada, é porque não seria para o bem de quem pede. É entregue ao santo protetor o destino de sua vida.

Os conselhos do padre Cícero Romão eram como uma orientação segura. Em época tão difícil, o Juazeiro era uma luz no fim do túnel. A época era marcada pelo clima de final de mundo. Juazeiro seria como que uma cidade de refúgio, no meio das adversidades dos últimos tempos. Juazeiro passa a ser o “centro do mundo”. Passa a ser percebido como “o último degrau da escala que chega ao Paraíso. Para muitos, Juazeiro simboliza o lugar da ressurreição dos mortos, do julgamento do fim do mundo” (DUMOULIN, 1990, p. 47).

Esta segunda salvação, para o romeiro e romeira, está intimamente ligada à primeira. A tradição oral conserva vivos os convites do padre Cícero a todo pecador à procura de conversão. Braga descreve que padre Cícero

foi um homem que nasceu, cresceu e viveu dentro do mundo da “culpa e do arrependimento” que marcou o catolicismo do século 19. Logo, o fato de o discurso do Sagrado Coração estar alicerçado na ideia de que os homens são pecadores e que Ele daria a Salvação para aqueles que se arrependessem era algo que fazia muito sentido para aquele sacerdote, assim como provavelmente fazia para a ampla maioria dos católicos de então. (BRAGA, 2007, p. 93).

Embora a teologia da época tivesse essa dimensão expiadora, padre Cícero se guiou acentuadamente pela “Teologia da Graça”<sup>23</sup>. O pecador era todo aquele que estivesse na precisão da sobrevivência. No Juazeiro, todos que chegassem teriam um amparo. São muitos os testemunhos de romeiros e romeiras de várias regiões do Nordeste que venderam tudo, foram morar e passar seus últimos dias no Juazeiro.

Um exemplo clássico do que estamos relatando se passou com Madrinha Dodô<sup>24</sup>. Ela se deslocou de Santa Brígida, Bahia, para passar seus últimos dias no

<sup>23</sup> O vocábulo *graça* provém do latim *gratia*, que deriva de *gratus* (grato, agradecido). Padre Cícero Romão, em sua vida, se pautou muito mais por uma teologia presente no cotidiano das pessoas que o procurava do que nas exigências rígidas dos códigos canônicos. Plasmava uma compreensão de uma teologia do cotidiano colada nas necessidades das pessoas que o procuravam.

<sup>24</sup> Para compreender quem foi Madrinha Dodô, falecida no Juazeiro do Norte em 1998, é necessário compreender sua história, que é relacionada com a comunidade de Santa Brígida – BA, que teve como liderança o beato Pedro Batista (1888 - 1967). Pedro Batista contava com a ajuda de Maria das Dores, a Madrinha Dodô, que foi sua herdeira espiritual. Graças ao respeito que o povo tinha por ela, Santa Brígida não experimentou uma dispersão imediata de romeiros/as após a morte do beato que era o

Juazeiro, onde gostaria de ser enterrada. Era voz geral o seu último desejo: ali onde viesse a falecer, gostaria de ser sepultada. No Cemitério do Juazeiro ela já tinha o seu túmulo. Era muito comum também na época as pessoas confeccionarem a sua mortalha.

Juazeiro será também, de certo modo, para o romeiro e a romeira, uma cidade de Deus, uma “Nova Jerusalém”. Então, lutar pelas causas do Juazeiro é fazer uma luta sagrada. Para o romeiro e romeira, se a luta é de Deus, tende a ir adiante. E foi o que aconteceu. Nesse sentido, no final do século XIX, Juazeiro despontava como uma boa opção para os desvalidos em busca de sobrevivência. Interessante é que mais de cem anos depois, Juazeiro está entre as cem cidades mais promissoras do Brasil<sup>25</sup>.

Fotografia 7 - Foto panorâmica atual da cidade do Juazeiro do Norte



Fonte: Memorial Padre Cícero – Juazeiro do Norte – CE

---

líder do movimento de Santa Brígida. Com a morte do beato, Madrinha Dodô ocupou o lugar de conselheira, abençoadora e curadora da comunidade. Um dado importante é que ela fez a ligação da comunidade Santa Brígida - BA com o Juazeiro do Norte – CE. Muitos romeiros do beato Pedro Batista eram romeiros do padre Cícero Romão.

<sup>25</sup> A cidade de Juazeiro do Norte – CE, não está entre as 100 cidades mais promissoras do Brasil por acaso. É uma cidade que nasceu de um sonho e de um milagre. Desde o final do século XIX a cidade cresce e se desenvolve. As oficinas incentivadas para cada casa e, em cada oficina um oratório, se multiplicaram. O padre Cícero recebia os novos moradores direcionando-os para o trabalho e a oração. E para os que aqui já estavam também. Mas o crescimento de Juazeiro tomou proporções maiores e, hoje, é um polo regional. A economia vem se fortalecendo ao longo dos anos e a área educacional está em expansão, com os cursos universitários que se multiplicaram em pouco menos de três décadas.

Foram muitos os que chegaram a Juazeiro como romeiros e romeiras ou imigrantes à procura de um novo endereço. Para conhecermos mais a fundo a romaria, temos que conhecer o povo romeiro. Geraldo Menezes Barbosa<sup>26</sup>, filho do Juazeiro e que teve o pai gozando da amizade com o padre Cícero Romão, em seu livro, *O padre e o romeiro*, descreve de forma magistral a saída de uma família para morar definitivamente no Juazeiro. Assim ele inicia seu livro:

Madrugadinha. Marcolino ajustou os dois cassuás de cipó na cangalha do burro, acomodou os meninos, sentado Aureliano de um lado e Afra do outro. Como havia diferença de peso entre o garoto de 8 anos de idade e a menina de 6, o pai equilibrou a carga com um pequeno saco de farinha. Os dois animais carregados com pertences de uso pessoal e alimentos para uma viagem longa, enfileiraram-se à frente. – Vamos indo, Antônia? – Vamos. O rosário está aqui na mão. – Pois comece, enquanto a gente vai seguindo. A esposa passou a desfiar o Pai Nosso e as ave-marias, tangendo os animais naquela madrugada fria no interior das Alagoas. Era o começo do mês de junho de 1895. Há duas semanas que a família iniciou a romaria, saindo do sítio Branca, município de Atalaia, onde deixou as terras do Major Camelo, destinada a morar no Juazeiro. A caminhada era de 120 léguas. (BARBOSA, 1997, p. 11).

A história de Marcolino e Antônia, que partiram definitivamente para o Juazeiro com os filhos, confundia-se com a de milhares de famílias que se destinaram em romaria, fazendo um percurso gigantesco, 120 léguas<sup>27</sup>, que corresponde a 720 km. Essa distância corresponde mais ou menos à rota mais famosa do caminho de Santiago de Compostela, que tem início na cidade francesa de Saint-Jean-de-Port, chegando a 130 léguas até ao santuário na Espanha.

No final do século XIX, a família que partiu em romaria, saindo de Alagoas para o Juazeiro, não sabia que estava abrindo caminho para um itinerário por onde iria passar, a pé, montando em burro, ou em pau de arara, uma legião de romeiros e romeiras que buscavam

encontrar a Terra Prometida do Juazeiro, ver Nossa Senhora no altar onde aconteceram os milagres da Hóstia Consagrada que se transformou em Sangue na boca de uma santa beata e nas mãos do Padre. Procurariam o padrinho Cícero para contar-lhes os sofrimentos, beijar-lhe as mãos e pedir-lhe para ficar, criar os filhos, envolver-se na festa da Mãe das Dores. (BARBOSA, 1997, p. 12).

---

<sup>26</sup> O padre e o romeiro, é um romance baseado na vida real do romeiro Aureliano Pereira da Silva e o padre Cícero Romão Batista, tendo como cenários Juazeiro do Norte e o Nordeste brasileiro, entre os anos de 1895 a 1973 (1997), trata de um dos mais prósperos romeiros graças às bênçãos do Padrinho, acreditava ele. O Padrinho teria profetizado que ele seria pai de 36 filhos de quatro casamentos.

<sup>27</sup> O termo légua comumente era usado para aferir distância. Uma légua corresponde a seis quilômetros de distância. No sertão usa-se a expressão: “uma légua boa”. Quer dizer, com certeza, que dará mais de seis quilômetros.

As notícias do Juazeiro se espalharam pelas regiões mais remotas do Nordeste. Aqui está o crescimento das romarias ao Juazeiro do padre Cícero Romão, como também o crescimento populacional da própria cidade do Juazeiro. As histórias corriam soltas no imaginário do romeiro e romeira. A cidade do Juazeiro já começava a ser um espaço diferente, um espaço sagrado. Lá aconteceu o milagre e morava o padre Cícero Romão. Quem visitava o Juazeiro voltava contando prodígios:

Zefinha disse que é muita gente. Os romeiros pelas ruas, nas igrejas, nas feiras e nem precisa fechar as portas para dormir. Marcolino sabia de tudo aquilo e muito mais. Que a casa do padre Cícero, também não se fechava. Como um pai, recebe o povo, abençoa, aconselha, orienta, ajuda e diz o que cada um deve fazer. A igreja de Nossa Senhora é tomada de gente. Foguetes sobem e espocam, numa permanente festa, em louvor à Mãe de Jesus Cristo. O povo fica em redor do altar onde aconteceu o milagre. O milagre da Hóstia Consagrada que se transformou em sangue na boca da Beata Maria de Araújo, quando o Padre lhe ministrava a santa comunhão. (BARBOSA, 1997, p. 13).

O fenômeno das romarias do Juazeiro nos coloca diante de um olhar duplo: os que fazem a experiência e os que observam. Os que vivem são os romeiros e romeiras, que estão imersos com intensidade, naquilo que se elege como essencial e dá sentido para continuar vivendo. É uma experiência do fantástico. Nesse sentido “o ser humano descobre a sacralidade da vida e deixa-se arrastar progressivamente por sua própria descoberta” (ELIADE, 2001, p. 108). Quem está de fora, digo, observando, muitas vezes, não se desvencilha de uma carga de preconceitos apreendidos em suas vivências que têm os romeiros e romeiras como ignorantes, fanáticos e idólatras.

O nome de Juazeiro tomara fama e as romarias cresciam a olhos vistos. Vemos, a partir dos relatos, que a cultura popular foi criando uma identificação com a “Cidade Santa”. A dimensão da festa era um elemento presente porque a romaria passava a ser um elemento importante de comunicação e coesão social. Podemos imaginar, a partir de uma cultura eminentemente rural, os romeiros e romeiras dispersos em seus sítios e territórios afastados, que afluíam para se juntar a outros romeiros e romeiras a fim de fazer a romaria ao Juazeiro. Azzi ressalta que a importância da religião como elemento de aglutinação social constitui “em uma das mais difundidas formas utilizadas pelo ser humano em seu esforço de sobrevivência neste mundo ‘dado’, diante do qual ele se sentia totalmente frágil e indefeso” (AZZI, 1987, p. 26).

As romarias, desde cedo, tinham um caráter de protesto simbólico, mesmo sem ser consciente. A linguagem simbólica está sempre presente e é usada para expressar

uma afirmação de resistência. As romarias ocultam um significado vigoroso, em que o símbolo aproxima o divino do humano, é a ponte que os liga.

O simbolismo do milagre foi se materializando nas romarias que aumentavam a cada ano. Como já vimos, o fenômeno das romarias é responsável direto pelo crescimento populacional e econômico de Juazeiro do Norte. Tal dotação de sentido não se restringe à compreensão de um contexto particular de um grupo, mas está relacionado com uma teia de relações. O milagre, as romarias e o crescimento da cidade propiciam um cenário que institui a noção de cidade como terra de romeiros, situando de forma ambígua a figura do residente fixo, em relação ao romeiro visitante que é ocasional ou anual, embora haja uma ampliação da compreensão geográfica. O imaginário romeiro é muito mais amplo do que o espaço geográfico, a ponto de haver uma compreensão de que todos, em certo sentido, são romeiros e romeiras.

As romarias crescentes devem-se ao fervor religioso que se deu em torno das beatas do Juazeiro e do Crato. Os pobres, sobretudo, foram os que demonstraram ser os mais entusiastas dos milagres. A beata Maria de Araújo, como já vimos, partilhara de toda efervescência de Juazeiro, na companhia de padre Cícero e de monsenhor Monteiro. A beata era proclamada “santa”, ainda em vida, pois nos últimos anos do século XIX percorria uma medalha na região com a imagem de Maria de Araújo.

O surgimento das beatas está no rol de um movimento mais amplo e que no contexto da época não era algo extraordinário. Tudo indica que “depois do padre Ibiapina, muita gente decidiu seguir seu exemplo, seja formando confrarias de beatos e beatas, seja tornando-se itinerante, como foi o caso de Antônio Conselheiro” (ARRUDA, 1993, p. 57). As beatas que moravam em comunidade faziam muitos serviços à comunidade como também se obrigavam com o sustento, apoio e manutenção. As Casa de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina exemplificam esse tipo de experiência. As beatas do Juazeiro do Norte, em torno de padre Cícero, têm elementos comuns. As beatas, em certo sentido, participavam de uma amálgama de santidade por causa de sua identidade como pertencendo ao mesmo grupo social. Della Cava relata que

reivindicando participação naqueles “poderes sagrados”, as novas beatas tornaram-se os oráculos populares de Joazeiro. Saídas da mesma classe social a que pertencia a maioria dos aproximadamente quatrocentos romeiros que chegavam, dia após dia, durante 1891 e 1892, as novas “santas” do povo manipularam o credo religioso de Joazeiro com retumbante sucesso. Á margem da discussão teológica

sofisticada que se passava entre o clero, as beatas deram asas à religião popular que nascia. (DELLA CAVA, 2014, p. 117).

As romarias ao Juazeiro, no final do século XIX, eram marcadas por um intenso movimento espiritual que tomou conta das populações sertanejas. A contagiante euforia espiritual predominou, sobretudo entre os anos 1898 e 1892, e transformou aquele minúsculo lugarejo numa “Jerusalém Celeste”, isso porque todos os dias chegavam novos contingentes de romeiros e romeiras, muitas vezes com famílias inteiras. Também afluíam clérigos de vários níveis, como pessoas de classe social mais abastada, embora a grande multidão fosse, de pobres, que superlotavam a capela nas horas de celebração. As ruas do Juazeiro eram abarrotadas de gente de inúmeros lugares. Já naquela época o povoado passara a ser um ponto de encontro com o padrinho e seus afilhados. Geraldo Barbosa descreve a alegria do romeiro Marcolino, que saiu de Alagoas e andou a pé 28 dias com a mulher e dois filhos, para chegar e se estabelecer no Juazeiro:

Marcolino quase não se demorava em casa, reunindo-se aos romeiros. Era assim que imaginava o Céu. Gente cantando benditos, gente rezando o rosário, gente olhando a gente com sorrisos feitos de fraternidade autêntica e falando a linguagem dos simples. Cada saudação era precedida daquele refrão habitual: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. E logo a resposta, como num cântico: “Para sempre seja Deus Louvado”. (BARBOSA, 1997, p. 13).

Famílias inteiras iam em romaria definitiva para o Juazeiro, na certeza de que lá encontrariam um canto para morar e trabalhar. O caso da família de Marcolino e Antônia é muito ilustrativo, porque essa família se estabeleceu no Juazeiro no final do século XIX e reside até os dias de hoje. O caminho do Juazeiro era facilitado para quem ia em sua direção. Os romeiros e romeiras que iam na frente deixavam alguma indicação para quem vinha atrás. O romeiro Marcolino demonstra como fazia para saber que estava no rumo certo:

Os troncos de árvores próximo tinham gravações de pequenos talhes em forma de cruz. Era o sinal deixado, indicando o caminho do Juazeiro. Os casebres, logo adiante, perdidos nas proximidades de riachos, à maioria vazios, serviam para pernoite. Ao se aproximarem de alguma vila ou povoado, acontecia o encontro com outros andarilhos ou romeiros voltando à suas terras. (BARBOSA, 1997, p. 14).

Era assim que o nome de Juazeiro ganhava fama, porque bastava uma história, um fato e o interesse dominava as rodas de conversas. Eram histórias que passavam de pai para filho, como vemos:

Ali no Juazeiro, meu filho, acontece milagre todo dia. Meu padrinho Cícero é um santo. Ele fala com os santos. Conhece a vida de todos nós. Foi Deus quem botou nesse mundo aquele Padre, para acudir os pobres e os abandonados. Por isso, é que nós estamos indo de morada. É uma terra santa. (BARBOSA, 1997, p. 14).

São muitas histórias que estão na constituição do espaço de Juazeiro, como também na multiplicidade das narrativas sobre a “Nova Jerusalém”. À medida que Juazeiro se tornava um centro de romarias e de desenvolvimento econômico, padre Cícero Romão assumia a condição de grande negociador e pacificador da futura maior cidade do Cariri cearense e naturalmente conquistava grande prestígio nos jogos da política. Internamente ele teve que administrar, em um povoado que explodia de novas moradias, a relação entre os filhos da terra e os que chegavam de outras regiões do Nordeste, os quais podemos chamar de adventícios. Della Cava faz uma descrição esclarecedora:

A distinção entre filhos da terra e adventícios tornou-se patente desde 1894, no momento em que a condenação de Roma logo levou vários naturais da localidade, sobretudo os independentes e ricos fazendeiros, a descreer dos milagres; em consequência, muitos desfizeram os laços de intimidade que os haviam ligado ao padre. Alguns filhos da terra, comerciantes e os de maior zelo religioso, conservaram a amizade do Patriarca por motivos econômicos ou religiosos. Apoiaram-no instintivamente. (DELLA CAVA, 2014, p. 179).

Já nos anos de 1908 e 1910, Juazeiro idealizou, como todo lugarejo que cresce, seu pedido para se tornar independente do Crato. Essa campanha pela emancipação envolveu todas as forças do lugar e não poderia ter ficado de fora a pessoa mais eminente na ocasião, padre Cícero Romão, que entusiasticamente entrou para valer na fase final do processo, o que o joga irrevogavelmente no campo da política.

Os conflitos avolumavam-se entre os filhos da terra e os habitantes que vinham de fora. A rivalidade chegara ao impasse, sobretudo porque as brigas eram por conta dos grandes coronéis da região do Cariri. Muitos queriam aumentar o seu poder na região graças à prefeitura do Juazeiro.

É nessa conjuntura que padre Cícero Romão, segundo ele a contragosto e forçado pelas circunstâncias, resolveu candidatar-se a prefeito em 1911. Ganha as eleições e é aclamado como primeiro prefeito da cidade de Juazeiro. O padre

alimentava uma certeza de que com a independência política de Juazeiro poderia aumentar sua influência junto ao poder eclesiástico, tanto para levar uma cúria diocesana para Juazeiro, como também para fazê-lo recuperar plenamente seu ministério sacerdotal.

Alguns analistas refletem que, na ocasião, ele era a única pessoa capaz de estabelecer certa unidade entre os partidos e, de fato, conseguiu diversos pactos de não agressão entre partidos e coronéis que podiam muito bem ter desencadeado guerras sangrentas. Assim, logo que foi eleito prefeito, padre Cícero Romão convocou todos os coronéis da região e conseguiu que eles assinassem um pacto de paz, conhecido como “o pacto dos coronéis”<sup>28</sup>.

Outro aspecto, como já aludimos, é que padre Cícero Romão alimentava um velho sonho de ver Juazeiro ser a primeira diocese do Cariri<sup>29</sup> e para isso era necessário levantar recursos e se articular politicamente. Segundo Irineu Pinheiro

[...] chega-se à conclusão de que o padre Cícero acabou por julgar que através da influência do governo melhor poderia resolver a questão que tanto o interessava. Daí o aproximar-se pouco a pouco, sem talvez o perceber, do campo sempre eletrizado da política. (PINHEIRO, 1938, p. 166).

O cenário que se apresenta para o patriarca do Juazeiro é de muita complexidade: comparado com uma arte, é como uma colcha de retalhos. A trama política é contínua e intensa. Havia muita animosidade reinante no ambiente do Cariri e um exemplo é o que ficou conhecido como o conflito do Coxá.<sup>30</sup> Para entendê-lo arrolamos a figura de uma pessoa que marcou profundamente as ações do padre Cícero Romão de 1908 a 1926. Falamos do Dr. Floro Bartholomeu da Costa, médico nascido na Bahia, que chega ao Juazeiro em maio de 1908 e transformou-se no

<sup>28</sup> No início do século XX havia um quadro complexo no tabuleiro político da região do Cariri cearense. Como já vimos, havia um quadro de miséria e abandono das populações rurais quando em 1911 padre Cícero Romão elegeu-se prefeito de Juazeiro e firmou o Pacto dos Coronéis. O fenômeno do coronelismo perpassou toda a história do século XX e, como tão bem descreveu Maria Auxiliadora Ferraz de Sá, dizendo que o coronelismo persiste, embora redefinido e parcialmente ameaçado em suas bases e como sistema de domínio.

<sup>29</sup> Depois de padre Cícero Romão regressar a Juazeiro em julho de 1899, continuou a trabalhar para Juazeiro ser escolhido sede da diocese. Em 11 de abril de 1910, escreveu à viúva do barão de Ibiapaba, pedindo-lhe uma contribuição de 150 contos para o patrimônio. A correspondência entre o Patriarca e a baronesa começou em 25 de setembro de 1908 e continuou até 1914. As cartas encontram-se no bispado do Cariri.

<sup>30</sup> As terras do Coxá eram cobiçadas pelo fato de conterem minas de cobre. Foi uma *terra* cedida pelos beneditinos ao padre Cícero Romão. Não há registro da compra ou da data da compra. Pinheiro registrou que as terras do Coxá foram compradas “na primeira década do século XX” (PINHEIRO, 1938, p. 164) e tudo indica que tal fato se deu antes da chegada de Dr. Floro e do conde Adolpho van den Brule. Pormenores sobre o conflito armado do Coxá encontram-se numa carta sem data do Dr. Floro ao padre Cícero.

conselheiro mais ouvido pelo padre Cícero Romão. Padre Azarias, que foi contemporâneo e acompanhou toda permanência do Dr. Floro no Juazeiro, diz que ele era

baiano e solteirão, mal concluía o curso médico, rumou para o interior do Estado natal, onde viveu da clínica e do serviço de garimpo. Dali, em 1907, viu-se atraído ao Sul do Ceará pelo Conde Adolfo Van den Brüle, que já estivera na referida zona cearense, farejando as célebres e até agora improdutivas minas de cobre do Coxá, já então pertencentes, em boa parte, ao Padre Cícero. Ambos, àquele tempo, já se estimavam, sócios que estavam sendo na extração de diamante, no Município de Venturosa, pleno sertão da Bahia. Em maio de 1908 é que, à sombra do Conde, foi ter a Juazeiro, onde entabulou as primeiras relações com o inculcado sacerdote. (SOBREIRA, 2011, p. 79).

A mina de cobre em Coxá, terra adquirida por padre Cícero Romão, possibilitou a aproximação, amizade e colaboração entre o engenheiro francês Adolfo van den Brule, Dr. Floro e o padre. Coube ao Dr. Floro ser o mais próximo do Patriarca de Juazeiro e se impor, com sua personalidade forte, sobretudo liderando novas tendências políticas. Ele trazia ideias novas e entraria em conflito com os coronéis locais. Era um estrangeiro ou um típico forasteiro que viera desafiar as oligarquias locais. Em todo caso, encontrou muito apoio da população, que já era imensa, com parcela muito considerável de pessoas de fora do Cariri. Dr. Floro entrou de cheio no conflito com os coronéis e caciques do lugar, inclusive se projetando a nível estadual. Dumoulin considera que

criou-se progressivamente uma aliança muito forte entre o médico e o sacerdote, esses dois homens tão diferentes em seus temperamentos e pretensões. O Doutor Floro, com habilidade, mostrou-se pronto a ajudar o Padre Cícero a realizar seus sonhos. Aliou-se ao Padre Peixoto e aos defensores da autonomia do Juazeiro. O primo e amigo do Padre Cícero, José Marrocos, que tinha lutado tanto em favor do “milagre da hóstia”, apoiou também o movimento de independência. Mas não chegou a festejar a emancipação de Juazeiro, pois faleceu no dia 10 de agosto de 1910. Alguns historiadores afirmam que Marrocos teria sido envenenado pelo Doutor Floro, que queria eliminar ou afastar os amigos íntimos do velho sacerdote para tornar-se seu alter ego e advogado. (DUMOULIN, 2017, p. 178).

As romarias aconteciam simultaneamente às tramas políticas de toda ordem. Padre Cícero Romão passava a ser um ponto de equilíbrio. Via com preocupação como seriam tratados os romeiros e romeiras pelo novo mandatário do Juazeiro. Sabia que um pretendente a ser o primeiro prefeito, major Joaquim, tinha aversão e hostilidade aos romeiros e migrantes. E nessa engenharia política, Floro passava a

ser um “mal necessário”, pois graças a ele Juazeiro não foi arrasado pelo governo de Franco Rabelo<sup>31</sup>.

A Revolução de 1914,<sup>32</sup> assim ficou conhecida, ou “Sedição do Juazeiro” (PINHEIRO, 1938), foi o conflito entre o governo federal e o novo governador do Ceará, Franco Rabelo, de partido oposto. Embora se atribua ao padre Cícero a chefia do Movimento Sedicioso de 1914, foi sempre desmentida por ele tal afirmação, dizendo que o comando de fato foi de Dr. Floro. Na ocasião, ele escreveu ao presidente do Brasil, Hermes da Fonseca, nestes termos:

Aproximam-se tropas de Juazeiro, mandadas por Franco Rabelo para massacrar-nos. Rogue meu nome, Marechal Hermes... medida urgente para evitar guerra civil. Sacerdote católico alheio, lutas armadas. Imploro por providências prontamente. Saudações. Padre Cícero. (DUMOULIN, 2017, p. 181).

Os conflitos se avolumam e, com eles, o aumento do comprometimento do Patriarca do Juazeiro, tendo que dar uma resposta a cada situação, sendo levado a tomar partido cada vez mais abertamente. Uma vez prefeito de Juazeiro, tornou-se o líder político mais importante do Cariri e ocupou essa função durante, pelo menos, durante duas décadas. À frente de seus destinos, o zeloso cura foi empossado como Prefeito, “que durante os anos, imprimiu a seu modo, um ritmo de trabalho e progresso que fez aglomerado inculto e heterogêneo a primeira cidade, logo após a capital” (ARAÚJO, 1994, p. 130). Nessa época, padre Cícero Romão era a figura política mais poderosa do Cariri e um dos mais influentes do estado. Tanto é que, em 1912, foi eleito vice-governador do Ceará. Nessa esteira também Dr. Floro foi eleito deputado federal.

---

<sup>31</sup> Marcos Franco Rabelo (1851 – 1940), fez carreira militar e em julho de 1912 assumiu o governo do Estado do Ceará. Sua posição política era contra os interesses do Marechal Hermes da Fonseca, então presidente da República. No entanto, o que mais lhe trouxe adversidade foi se colocar contra o padre Cícero do Juazeiro, que era prefeito na ocasião. Enfrentou grandes adversidades e dificuldades que culminaram no movimento conhecido como sedição de Juazeiro (1913 - 1914), de que resultou a sua deposição.

<sup>32</sup> A guerra de 1914 trouxe muitos transtornos para o padre Cícero Romão. É possível que esta tenha sido a decisão mais difícil para ele. De fato, ele assumiu o papel de chefe político da terceira maior força do Estado do Ceará, que tinha no Vale do Cariri, Sul do Estado, que sempre aspirou à independência política, uma base sólida de sustentação. Contudo, ele hesitou e relutou, antes de dar o seu consentimento para a luta armada. E, mesmo assumindo esse papel, relutou até a última hora pela reconciliação. O padre Cícero nunca abriu mão de sua identidade sacra, do seu papel de guia religioso, de líder espiritual, para se tornar um político profissional; tampouco abriu mão da mística do ‘milagre’ e de sua visão messiânica, símbolo do catolicismo popular, daquele primeiro sonho que teve quando Cristo encarregou-o de cuidar do Juazeiro e de seu povo. Não sairão mais do imaginário do padre Cícero Romão: o sonho que teve, o milagre acontecido e a guerra que saiu vitorioso.

A Sedição do Juazeiro, 1913-14, foi uma verdadeira guerra entre Crato e Juazeiro. Como vimos, padre Cícero Romão ficou extremamente preocupado e queria a todo custo evitar esse conflito armado e entrou em apoio ao Movimento Sedicioso no intuito de salvar o Juazeiro e sua gente, como também oferecer um ambiente de paz a todos que em grande quantidade chegavam no Juazeiro em romaria. Ele declarou: “Fiquei passivo, permitindo que as pessoas defendessem as suas vidas ameaçadas” (MOREL, 1966, p. 70).

É verdade que foi o Dr. Floro que organizou um exército de capangas para enfrentar a cidade do Crato. No entanto, a participação de padre Cícero foi necessária, pois sem ela seria praticamente impossível o recrutamento dos voluntários, que aderiram ao Movimento pensado principalmente em defender o padre Cícero. Uma demonstração era que no combate

muitos traziam costurados na aba do chapéu de couro, como enfeites, espelinhos redondos e fitas vermelhas, além de medalhinhas com a efigie de Cícero pregadas na blusa à altura do peito para garantir proteção. (LIRA NETO, 2009, p. 370).

O resultado da disputa é que, no dia 24 de janeiro de 1914, as tropas do Dr. Floro venceram e saquearam a cidade de Crato. Foi uma disputa com combates violentos, havendo elevado número de mortes, especialmente do lado do governo, que foi derrotado facilmente, apesar de suas tropas estarem mais bem municiadas, inclusive com um canhão que hoje se encontra no Memorial Padre Cícero na cidade de Juazeiro do Norte – CE. Daniel Walker descreveu esse momento dizendo que

nos instantes que antecederam aos combates, Padre Cícero recomendou ao povo reunido em frente a sua residência: “Rezem o rosário da Mãe de Deus. Os pais de família fiquem em casa e defendam até morrer a sua honra. Os combatentes não bebam cachaça, não desperdicem munição, não persigam os fugitivos, não tirem do alheio. (WALKER, 2009, p. 114).

A atitude do padre Cícero Romão, de orientar os combatentes de não perseguir o derrotado, sobretudo não tirar nada do alheio, corresponde à mesma atitude e orientação do beato Antônio Conselheiro para os combatentes de Canudos – BA. Mas acontece que Dr. Floro, no intuito de incentivar seus comandados, botou na cabeça deles que “na guerra, o vencedor tem o direito ao que é do vencido” (WALKER, 2009, p. 114). Muito provavelmente, por causa dessa motivação e orientação, tenha havido tanto saque na cidade do Crato, Barbalha e Fortaleza. As notícias que corriam pelos jornais, alimentadas pelos boatos era que padre Cícero Romão, como era de se

esperar, estava por trás de tudo que acontecia. É importante considerar que o Juazeiro foi o reduto político mais importante do Nordeste durante a segunda e terceira década do século XX, tendo o padre Cícero Romão grande influência na política nacional.

Nos anos que se seguiram, alguns acontecimentos mexeram com a vida pessoal do padre do Juazeiro. Sua mãe e uma irmã haviam falecido. A beata Maria de Araújo também havia falecido. Padre Cícero Romão nunca deixou de acompanhar o que acontecia no mundo da política, mas quem, de fato, mandava era o influente Dr. Floro, que morreu em 1926.

Já com mais de 80 anos, o Patriarca do Juazeiro tinha a saúde frágil e não saía mais do Juazeiro: a partir de sua residência abençoava os romeiros e romeiras que chegavam à sua procura. Os últimos anos de sua vida foram vividos no interior da casa. Quando morreu a última irmã do velho padre, quem lhe orientou foi outra beata, Joana Tertuliana de Jesus, conhecida com o cognome de Beata Mocinha, imortalizada na música de Luiz Gonzaga. Ela passou a ser a secretária do padre Cícero Romão para assuntos da casa, sobretudo cuidando da saúde, como também do mundo exterior, envolvendo os pedidos dos romeiros e romeiras para vê-lo em busca de uma benção e um conselho.

Mesmo diante das perseguições eclesiais e dos acontecimentos turbulentos, como foi a Sedição de Juazeiro em 1914, as romarias ao Juazeiro não saíam do coração do romeiro e romeira. Também, à medida que o tempo passava, padre Cícero Romão ficou cada vez mais com a obsessão de recuperar o uso pleno do sacerdócio. Nesse sentido, pesquisadores desse tema (MONTENEGRO, 1959; PINHEIRO, 1938) são de parecer que o problema com a hierarquia eclesial levou o padre do Juazeiro a enveredar pela política. Por um lado, teria maiores condições de fazer a conciliação com a Igreja e, por outro lado, seria mais difícil ser destruído pelo processo em curso, em relação à sua pessoa, sobretudo sua imagem perante as classes populares. Araújo escreve que, de acordo com esta linha de pensamento, poderemos concluir que

foram os “Milagres do Juazeiro”, ou seja, a própria beata Maria de Araújo, os condutores do sacerdote à política. Não houvesse o “Milagre” da beata, não existiria todo o contencioso entre o clérigo e seus superiores e colegas eclesiais, movimentando sua adesão à política partidária. (ARAÚJO, 1994, p. 131).

Juazeiro já não era mais um povoado, mas uma cidade que guardava os ares de um lugar sagrado, atraindo um impressionante número de romeiros e romeiras. A

busca por uma melhor condição de vida se encontrava, muitas vezes, entrelaçada com vivências do sagrado. O comércio crescia conjuntamente com o aumento das romarias. Chegava a linha férrea, como também os primeiros pendões de luz na praça central da cidade. Juazeiro, apelidada de cidade de fanáticos, estava conectada com o que ia aparecendo de moderno. O padre do Juazeiro estava atento às atividades artesanais ou industriais e as transações de compra e venda, a ponto de sugerir e dar as condições para a existência de uma fábrica de relógios. Nesse sentido, “Juazeiro passou a ser um centro de salvação econômica no Nordeste” (DOMOULIN, 1990, p. 45).

Durante os anos seguintes, o movimento de romeiros e romeiras e migrantes crescia ininterruptamente “com, sem ou contra os padres” (DOMOULIN, 2017). Nas palavras saudosas de um morador de Juazeiro que assistiu a esse crescimento nos anos quarenta e cinquenta, décadas que se seguiram à morte do padre Cícero Romão:

Juazeiro, sempre viveu com suas ruas repletas de romeiros, Igrejas tomadas pelos peregrinos cantando os louvores ao Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores. A matriz, as ruas, os ranchos, permaneciam sempre cheios, enquanto a subida do Horto formava uma multidão de penitentes da fé. Era a peregrinação feita a pé. Não havia ônibus. Os caminhões eram poucos, e as estradas ficavam apinhadas de peregrinos. Famílias de 20 a 30 pessoas, tangendo seus jumentos ou todos caminhando, mais de um mês, rompendo a sequeidão dos sertões de Alagoas, da Paraíba, Pernambuco ou Rio Grande, para chegarem em Juazeiro cantando o bendito de Nossa Senhora das Candeias: “Bendito louvado seja, a luz que Mais Alumeia. Valei-me meu Padim Ciço e a Mãe de Deus das Candeias. (BARBOSA, 2014, p. 50).

O caminho cheio de pedra e areia não era motivo de desânimo, mas de resistência e impulso para chegar ao ponto final da romaria. E todo caminho era vivido com muita determinação e fé, como vemos:

Traziam as poeiras das estradas, queimaduras no rosto de um sol de mais de 30 dias, marcas das pedras nos calos, que inchavam nos pés. E em meio àqueles homens e mulheres que atravessavam os estados do Nordeste, a pé, conduzindo também as crianças, trazidas no colo ou nos ombros dos pais, tomando água nas cabacinhas penduradas às costas, eles aprendiam o caminho santo do Juazeiro Santo do Padre Cícero. Aquela peregrinação de sofrimento e mau passado, para eles, era ungida de uma alegria da alma e do coração. Caminhos longos, mas muito mais longe é o sentimento da fé que continua vibrando na alma dos nossos romeiros de todos os dias. O povo, nas calçadas da Rua São Pedro ou Padre Cícero, assistia à passagem das levadas de romeiros, 20, 30 e quantos outros, num desfile, cantando os

benditos e rezando o rosário de Nossa Senhora. Tempos de beleza cristã, as nossas romarias do passado. (BARBOSA, 2014, p. 51).

Um paralelo entre as romarias da metade do século XX para as do início do século XXI ajuda a perceber as mudanças significativas acontecidas. A mais significativa é em relação à condição de transporte. A pé, de burro, de pau-de-arara, de ônibus, carro, de avião. As romarias mudam para continuar.

As romarias atuais, sempre são em transportes motorizados, inclusive em aviões diários que ligam a terra santa do Padre Cícero, até o exterior, mas, vez por outra entram romeiros, a pé, cantando e rezando, renovando de saudades os tempos das penitências que purificavam o corpo e a alma. Voltando à velhas lembranças das romarias dos tempos de 50, rememoramos um Juazeiro que sempre soube ser hospitaleiro aos romeiros do Padre Cícero. Desde aquele tempo, já as famílias ofereciam suas moradas para abrigar os peregrinos cansados e estropiados das longas jornadas. Hoje, com a multiplicação dos romeiros que chega a atingir milhares de pessoas, existem excelentes hotéis, abrigos, bastante rancharias. Mas a hospitalidade do povo continua a mesma. As casas residenciais são oferecidas para abrigar os nossos visitantes. Nesta época do ano, nossas saudades se voltam para aqueles tempos dos romeiros chegando a pé, tangendo seus jumentinhos, cantando, como hoje ainda, encantando as ruas daquelas mensagens que continuam sendo lembranças que agradam. (BARBOSA, 2014, p. 51).

Por conta das proibições, não se falava mais do milagre, inclusive o próprio padre dava ordem expressa para não falar mais dele. Já nos referimos à proibição de dom Joaquim às romarias, mas também houve proibição ao batizado de crianças com o nome Cícero. Como aconteceu com as romarias, essa proibição não fez nenhum efeito, aliás, fez o efeito contrário porque nunca se viu tanto menino com nome de Cícero e Cícera. Há, para exemplificar o que estamos dizendo, um povoado de romeiros e romeiras em Alagoas que se chama Cicerópolis.

A relação do padre Cícero Romão com os romeiros e romeiras era de bastante proximidade. Além do atendimento pessoal a todos que o procuravam, era assíduo em trocar cartas com os romeiros e romeiras. As cartas sempre diziam respeito a conselhos ou ajudas materiais. A partir dos arquivos do Centro de Psicologia da Religião do Juazeiro, podemos fazer a análise de algumas cartas. No geral o romeiro e romeira tinha duas atitudes ao escrever a carta: a primeira era de chamar de “padrinho”, e a segunda era de nunca entrar no assunto sem antes pedir uma bênção. Ele é tido não apenas como referência religiosa, mas como conselheiro em vários tipos de situação. Questões de relacionamento, de negócios e, sobretudo de saúde. Como segue no trecho de uma das cartas destinadas ao sacerdote.

Meu Padrinho Cícero adeus, Primeiro de tudo rogo-lhe que lance sobre mim a sua bênção. Primeiro que tudo eu estimarei que estas mal redigidas linhas tenham a felicidade de o encontrá-lo. Desfrutando de uma perfeita saúde. Meu Padrinho venho por meio deste pedir-lhe que por todos os merecimentos que vós tendes para Deus, mande-me, por amor do mesmo, um remédio para mim para me curar de um terrível mal que a dois anos e oito meses sofro dele na cabeça e só vós abaixo dos poderes de deus podem dar-me um jeito. (BRAGA, 2007, p. 211).

Nota-se que a figura de padre Cícero Romão é central para o povo da romaria. Como vimos, este rito comum de pedir a “bênção” ao “Padim Ciço” pode simbolizar a mediação que, para os romeiros e romeiras, ele fazia com Deus. Os conselhos pedidos extrapolam os assuntos espirituais. As recomendações feitas pelo padre Cícero eram de remédios caseiros e modos básicos de higiene.

Juazeiro e as romarias são expressões de algo fantástico para o romeiro e romeira, porque é algo encarnado nas vivências, e não um mero “sistema de crenças”. Desde março de 1889, quando apareceram as primeiras romarias, atraídas pelos milagres da beata Maria de Araújo, iniciou-se a fundação de uma cidade sagrada e um centro religioso, como Aparecida do Norte, Bom Jesus da Lapa, Guadalupe ou Lourdes. O que faz um lugar qualquer tornar-se um espaço sagrado? Para Eliade, o espaço sagrado é responsável pela fundação do mundo e é lá “onde o sagrado se manifesta, o real se revela, o Mundo vem à existência. Mas a irrupção do sagrado não somente projeta um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, um ‘Centro’ no ‘Caos’” (ELIADE, 2001, p. 43).

As grandes espiritualidades e tradições religiosas além de elegerem um espaço físico como Centro, dão significado e sacralidade àquele local. No contexto do Juazeiro, fica claro para o romeiro e romeira que o Centro do mundo é lá. Aquele lugar onde ele direciona seu desejo e para onde convergem as demais localidades. A dimensão transcendental passa por este “Centro”. As romarias estão imaginadas a partir do desejo do romeiro e romeira. Alguns estudiosos (VERGOTE, 1998; ALVES, 1990) descrevem a importância do desejo na busca religiosa. Portanto, as visitas ao Juazeiro eram sagradas porque lá se faziam as “obrigações da romaria” e se cumpria o desejo do “padrinho”, que era de nunca deixar de ir ao Juazeiro.

### 3.4 Tipificação das romarias e dos romeiros

Uma corrente inspirada pela etnologia e pela análise sociológica da 'Teologia da Libertação' procura descobrir os valores que vivem no povo e são fundamentais da sua cultura. Segundo esta corrente, o catolicismo legítimo e verdadeiro é o catolicismo popular que é desconhecido e alienado pelo catolicismo dominante. O catolicismo oficial, dominante – dizem os protagonistas desta corrente – sempre foi o catolicismo dos dominadores. Segundo isto, agora se trata de “restituir à tradição popular a sua força performativa (Paulo Süß).

Em todos os anos, setembro, novembro, vou ao Juazeiro  
Alegre e contente, cantando na frente, sou mais um romeiro  
Vou ver meu padim, de bucho cheio ou barriga vazia  
Ele é o meu pai, ele é o meu santo, é minha alegria  
(Luiz Gonzaga).

Juazeiro do padre Cícero Romão pode ser comparado com uma gama de experiências religiosas que chamamos de romaria, pois correspondem a um ato silencioso e forte de resistência cultural, de voltar às fontes do desejo mesmo com todas as adversidades. No estudo dos vários tipos de romaria poderemos identificar suas origens e elementos comuns.

Todas as grandes religiões do mundo têm peregrinações na sua gênese, por isso é muito importante buscar algumas raízes antropológicas e históricas da romaria. O termo peregrinação, diante do ponto de vista histórico, é anterior ao termo romaria e expressa de forma mais ampla as raízes antropológicas do caminhar peregrinante da humanidade.

A tradição diz que um dos grandes sistemas religiosos da China, o Taoísmo (religião do caminho), teria sido fundado por Lao-Tsé (601 a.C.), que foi um filósofo e escritor da antiga China Zen. Lao-Tsé disse certa vez que

existência de todas as coisas do mundo e do próprio ser humano  
m um caminho que lhe é próprio que poderia ser chamado de  
aminho natural, de forma natural de ser. Este é chamado de Tao.  
ara o ser humano, o ideal é buscar e viver conforme este caminho.  
udo o que for feito contra esse caminho está fadado a dar errado: 'o  
ue é contra o Tao deixará de existir'. (BERKENBROCK, 2019, p. 95).

Para os sábios da antiguidade, a caminhada é como a respiração e é o gesto mais comum e, assim, mais humano. A antropologia biológica fala da importância da

postura ereta sobre os dois pés, que é uma das características essenciais do Homo Sapiens, que por sua vez foi fundamental para o desenvolvimento sociocultural.

A palavra “peregrinação” tem recebido diversos significados no decorrer da história. O termo “*peregrinus*” é uma substituição do advérbio *peregre* (de *per* e *ager*). O significado é que indica aquele que se encontra *per agros*, isto é, pelos campos, fora do lugar de residência.

Inclusive, em relação ao uso destes termos, nota-se em língua francesa e inglesa, não se fala “romaria” e “romeiro”, mas, apenas, “peregrinação” e “peregrino”. Já nas línguas portuguesa e espanhola, usam-se no mesmo sentido as duas palavras, sendo mais comum o emprego dos termos “romeiros” e “romarias”. (ARAÚJO, 2009, p. 48).

No decorrer da história, o termo *peregrinus* também foi usado para indicar aquele que sai de sua casa ou de sua pátria por um motivo qualquer. Durante os primeiros séculos do cristianismo, “*peregrinus*” se referia ao estrangeiro, em oposição ao “*civis*”, cidadão que tem direito à cidade (MAIA, 1986, p. 9).

Muitas tradições espirituais tomaram o tema da peregrinação como uma linha de espiritualidade. Algumas falam no benefício de caminhar em direção à paz e não propriamente a um lugar específico. Thich Nhat Hanh relata que

o milagre não é andar sobre as águas ou ar rarefeito, mas sim andar sobre a Terra. Ande de uma maneira tal que você se torne totalmente vivo (a) para que a alegria e a felicidade sejam possíveis. Este é o milagre que todos podem realizar. Eu realizo este milagre toda vez que ando; e você também pode realizá-lo. Se você tiver consciência plena, concentração e discernimento em cada passo que der sobre a Terra estará realizando um milagre. (HANH, 2016, p. 127).

O fenômeno da peregrinação é de caráter universal e perpassa as grandes religiões do mundo. Desde a antiguidade, existem peregrinações em todas as religiões mais conhecidas. No Oriente, o hinduísmo tem santuários em lugares de peregrinação nas regiões mais altas da terra, conhecidas por Himalaia. O povo corre dos mais diversos lugares para se banhar nas águas sagradas do rio Ganges. Como em outras tradições religiosas, as peregrinações hindus simbolizam a marcha interior de cada ser humano. Na espiritualidade hindu, busca-se o núcleo do seu mais profundo eu e a sua libertação das sensações “ilusórias” do mundo exterior. A peregrinação é vivida, para monges e monjas, como “uma estrada interior” (GRÜN, 2009, p. 26), para aproximar-se da divindade.

A peregrinação aos santuários caracterizou a caminhada dos hebreus no mundo antigo. Abraão é reconhecido como aquele que demonstrou muita fé e

confiança, deixando imediatamente sua casa e seu clã no momento em que a divindade o chamou para uma grande jornada para o território desconhecido de Canaã.

O povo da Bíblia nasce de uma “romaria”. A peregrinação está no coração da mensagem bíblica. A Bíblia, em síntese, considera a história de um povo peregrino em busca de terra, vida e liberdade.

A peregrinação se torna uma chave de leitura para entender a Bíblia e toda a tradição judaico-cristã. Segundo a tradição bíblica, há uma experiência de Deus. Não só Deus intervém na história, mas o povo caminha a sua procura. A história de Abraão e Sara nos dá uma noção clara de como se iniciou a fé bíblica.

Javé disse a Abraão: Saia de sua terra, do meio de seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Eu farei de você um grande povo, e o abençoarei; tornarei famoso o seu nome, de modo que se torne uma bênção. Abençoarei os que abençoarem a você, todas as famílias da terra serão abençoadas. Abraão tinha setenta e cinco anos quando saiu de Harã. (Gn 12, 1-4).

Para a fé de Israel, sua história começou quando o Senhor disse a Abraão: Parte! E Abraão, que praticava peregrinações com sua família para adorar a lua, passa a ser, com sua mulher Sara, romeiro da terra. Em Siquém, antigo santuário dos cananeus, o Senhor se revela a ele e lhe mostra a terra na qual vai instalar sua descendência.

Um outro personagem central da Bíblia é Moisés. Ele é considerado o grande libertador do povo no Antigo Testamento. O texto bíblico do Êxodo é uma passagem fundamental para o povo de Israel. O mesmo Deus peregrino que chama Abraão, desce a seu povo e fala a Moisés. Para o povo de Israel, a caminhada libertadora do Êxodo foi um fato fundamental porque a divindade se manifesta no caminho e através de Moisés:

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que emana leite e mel. (Ex 3,7-8).

Os estudiosos da Bíblia consideram o evento da grande caminhada relatada no livro do Êxodo como uma das primeiras romarias do Antigo Testamento, que é seguida pelos profetas. Os judeus criaram uma tradição de subir ao Templo de Jerusalém três vezes por ano, onde se vivia uma profunda ritualidade.

A celebração da Páscoa do Êxodo tinha o objetivo de lembrar a libertação, como um processo histórico e conflitivo de tribulações vivido pelos ancestrais, mas cultivava a certeza de que o Deus dos antepassados permanecia com o povo nas angústias presentes, dando-lhe proteção. A peregrinação tinha quatro momentos fortes: “a preparação para partida, a caminhada, a chegada ao santuário (acolhida, catequese, sacrifícios, oração individual) e o retorno” (BALBINOT, 1998, p. 88).

Assim também, no Islã, um dos cinco pilares da religião é, ao menos uma vez na vida, fazer uma peregrinação a Meca. A peregrinação é um pilar importantíssimo que todo fiel deve cumprir pelo menos uma vez em sua vida, se tiver meios para isso, e é formada de várias etapas. O Islã é uma religião de revelação e tem como seu profeta Mohammed, nome às vezes traduzido por Maomé.

A peregrinação às fontes da fé islâmica é a busca que cada crente faz da unidade, e Meca (por causa de Maomé) simboliza a morada de Deus nesta terra. Lá ou em Jerusalém (por causa do Pai Abraão), os crentes refazem entre si, com o universo e com Deus, uma unidade indivisível. Riens relata que o Islã é ao mesmo tempo

uma religião, uma cultura e uma comunidade com seus próprios valores específicos. Transformado em religião universal, o Islã conserva a mesma fé, práticas conformes aos cinco pilares, mas um sagrado vivido que pode ser diferente no Islã da Indonésia, do Irã ou do norte da África. Consideremos a expressão do sagrado no Corão e na tradição primitiva. (RIENS, 2017, p. 78).

Já no cristianismo, com a centralidade de Jesus de Nazaré, as peregrinações do povo de Israel mudaram o seu significado. Jesus participou das peregrinações do seu povo. O Evangelho fala que seus pais iam todos os anos em peregrinação para Jerusalém para a festa da Páscoa e levavam Jesus, conforme o costume. Uma boa parte dos Evangelhos retrata a longa peregrinação de Jesus para Jerusalém. Comblin afirma que

a vida de Jesus foi uma peregrinação. O evangelho de Lucas a apresenta literalmente como peregrinação (Lc 9,51), mas os outros mostram da mesma maneira sem expressá-lo explicitamente. Jesus anda de povoado em povoado, percorrendo a Galileia e subindo para Jerusalém, onde termina a peregrinação. No seu povo, a peregrinação a Jerusalém era parte fundamental da religião. Jesus toma também o caminho de Jerusalém, ainda que com outro projeto. (COMBLIN, 2005, p. 66).

Os estudiosos situam o início das peregrinações cristãs por volta do século V: eram motivadas por um espírito de devoção e respeito aos mártires cristãos. A Terra Santa era o lugar preferido.

Existe um diário atribuído a uma mulher, Etéria, do século IV, que narra as festas pascais em Jerusalém e em outros lugares onde Jesus de Nazaré tinha andado. A peregrinação de Etéria abriu um período de peregrinações aos lugares sagrados. A partir do século VI o elemento penitencial é característico das peregrinações.

O destino da maioria das peregrinações no século VI era Roma, devido à ocupação da Terra Santa pelos muçulmanos. Quem ia a Roma, começou a chamar-se romeiro, quer dizer, aquele que ia à Roma, originalmente também o termo romeiro. Nos séculos seguintes, os lugares de romaria e peregrinações vão se multiplicando e se convertem em uma prática normal da piedade popular. (BARBOSA, 1985, p. 14).

Na América Latina, as romarias do povo em busca dos lugares sagrados tiveram um número considerável. Enfatiza-se o caráter de penitência juntamente com o de conversão, que posteriormente se vinculou ao voto da promessa, que pela tradição e mentalidade indígena ganhou maior força. Na introdução ao estudo comparado das religiões, Aldo Natale Terrin faz ver que “no mundo cristão temos toda uma tipologia das peregrinações que se define a partir do lugar sagrado e, ao mesmo tempo, é marcada pelo tempo em que o lugar se constituiu e pela devoção que o inspirou” (TERRIN, 2004, p. 263).

No Brasil, as romarias surgiram a partir de peregrinações do povo a santuários que, ao menos no início, não eram compreendidos pelos bispos e padres. Muitas destas Igrejas surgiram a partir de milagres que não foram acreditados pelos bispos e até hoje são pouco aceitos ou não reconhecidos pelos meios oficiais das Igrejas. Em todo o Brasil, vários dos santuários mais queridos do povo começaram a existir por movimentos e devoções que, com o tempo, passaram a receber peregrinos e peregrinas vindos de lugares cada vez mais distantes. Tornaram-se centros regionais e até nacionais. Através das romarias a esses locais que as pessoas mais simples e pobres proclamaram como sagrados, o povo toma posse de uma terra santa, uma terra de milagre (BARROS, 1996, p. 16).

Entre os santuários mais importantes do Brasil estão os de Juazeiro do Norte - CE, com a devoção ao padre Cícero Romão, São Francisco de Canindé - CE, São José do Ribamar - MA, Santo Cristo do Ipojuca - PE, Bom Jesus da Lapa - BA, Divino Pai Eterno - Trindade - GO, Romaria de Nossa Senhora - MG, Nossa Senhora da

Penha - ES, Bom Jesus do Pirapora - SP, Nossa Senhora Medianeira - RS, Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará e Nossa Senhora Aparecida, Aparecida do Norte - SP. A romaria não é somente ir a um lugar sagrado, mas é também e sobretudo um “deixar-se envolver pelo lugar sagrado” (TERRIN, 2004, p. 265).

Há uma dimensão latente entre os seres humanos de que todos são “romeiras/os”, embora exista a dimensão implícita e explícita. Há grupos que explicitam esse arquétipo como no caso das romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão. Nesse caso, estamos diante de um paradigma sobre o qual se inscreve a história da romaria no plano histórico-comparado como uma história da alma,

como uma história gravada na pedra pela necessidade de se lançar em direção a outro lugar, entendido como modalidade fundamental para descobrir algo da transcendência, como experiência do magnetismo do lugar sagrado enquanto terra de contemplação e de satisfação de um desejo religioso imenso e inextinguível, onde seja possível encontrar marcas do divino seguindo e perseguindo no espaço as suas pegadas e, finalmente, chegando a entrar em contato com a realidade verdadeira ou presumida que um lugar particular assume. (TERRIN, 2004, p. 258).

O ser humano vive um drama que muitas vezes se manifesta de maneira interior e exterior que se conjugam e um reflete o outro. A romaria deve ser entendida como arquétipo, que por sua vez, deve ser entendido como metáfora de uma caminhada. A caminhada é como a respiração, respira-se para viver, não se vive para respirar. Caminhar continua sendo um gesto profundamente humano. A pessoa que caminha ergue-se sobre dois pés e isso significa o primeiro feito. É a partir daí que a pessoa se situa no mundo. Esse gesto revolucionário não precisa de muita coisa. Apenas de duas pernas e é isso que as/os romeiras/os fazem em romaria, caminhando em direção àquilo que realiza e dá sentido para o existir, criando espaços sempre novos.

O professor e escritor Benedito Gomes Bezerra, refletindo e escrevendo sobre a espiritualidade do caminho diz que

O peregrino também é aquela pessoa que desistiu de confiar em seus próprios recursos. Vive a gratuidade do caminho. Confia que o Deus que mantém vivos e belos os pássaros e os lírios do campo é o mesmo Pai providente que virá ao encontro dos seus pequeninos e pequeninas. Na experiência da peregrinação, Deus vem ao nosso encontro sob diferentes rostos, e de diferentes maneiras. No coração sensível de um jovem padre que envia água, refrigerante e biscoitos aos peregrinos abrigados debaixo da catingueira, na solidão da estrada. Na inesperada compaixão do sertanejo que passa e nos presenteia com rapadura e bananas. Na determinação da mulher-irmã

que não consegue ficar no sossego de sua casa sabendo que os peregrinos passam sede e fome na estrada. E no desprendimento do bispo que esquece a sua alta posição eclesiástica e social e vem ao encontro dos peregrinos com água, bolo e laranja, lembrando o conselho evangélico de que é bem-aventurado aquele que der pelo menos um copo de água ao pequenino no nome de Jesus. (BEZERRA, 2019, p. 18).

Turner (1974) e Terrin (2004) nos fornecem uma teoria para compreender alguns elementos que podem tornar possível um primeiro esboço interpretativo das romarias. Primeiro de tudo, os lugares representam um ponto de partida para compreender as romarias. Sobretudo os lugares de chegada caracterizam as romarias no que se refere a sua tipologia. Terrin se apoiou em Turner afirmando que uma tipologia forte da peregrinação é a designação dos lugares, e um deles são os prototípicos que manifestaram-se através das

peregrinações que surgiram em seguida ao próton, à inauguração e volta ao “primeiro” lugar do fundador. Lá onde nasceu uma experiência religiosa singular, onde o fundador reuniu os seus primeiros discípulos, lugares originários nos quais aconteceu a primeira teofania religiosa à qual uma religião se refere. Aquele lugar se torna, então, capaz de transmitir a força e a energia originária, pode comunicar a graça do fundador, é um lugar que vai permitir reviver em toda a plenitude o momento originário de experiência de fé e de revitalização da fé; será um lugar para sempre “hierofânico”, expressão do sagrado e guardião das verdades das origens. (TERRIN, 2004, p. 261).

Juazeiro do Norte é uma terra hierofânica<sup>33</sup> para o romeiro e romeira do padre Cícero Romão. O que Terrin (2003) afirma é o que acontece de verdade na “terra da Mãe de Deus”. É um lugar da manifestação do sagrado e também é lá onde se guarda a memória das origens. Nesse sentido Juazeiro torna-se revelador do sagrado. Por isso que, para o romeiro e romeira, a água do Juazeiro é diferente de todas as outras. Tudo tem um significado forte. Até mesmo o romeiro ou romeira que foi assaltado pode interpretar o roubo como fazendo parte da penitência.

A intenção de Mircea Eliade de escolher o termo hierofania para designar o ato de manifestação do sagrado, realça o fato de que o sagrado se manifesta na realidade profana. Há também muito forte no Cariri, uma teofania da natureza ligada aos lugares sagrados. Cada romaria é uma festa em que se reencontra o mesmo tempo sagrado, que é o tempo criado e santificado. Pela linguagem dos ritos, os romeiros e romeiras vivem um tempo sagrado, uma espécie de eterno presente mítico.

---

<sup>33</sup> Hierofania pode ser definido como o ato de manifestação do sagrado. O termo foi cunhado por Mircea Eliade em seu livro *Tratado e história das religiões* (2002) para expressar a manifestação dosagrado.

No caso concreto do Juazeiro, podemos nos referir à Capela do Socorro, onde está sepultado o padre Cícero Romão. Lá as romarias têm uma referência forte pelo esplendor sagrado do lugar e nesse sentido o próprio nome da cidade passa a simbolizar uma fonte de sacralidade para a qual ela/e se dirige continuamente. A peregrinação é vivida em seu aspecto de encontro com o sagrado como um acontecimento personalizador. A romaria tem um significado especial para cada um e é intransferível.

Há vários modos de entrar em contato com os objetos sagrados. Entre os mais frequentes estão o de tocar com a mão ou beijar, dar voltas em redor da imagem ou igreja, tocar ou receber a água benta, doar alguma quantia de dinheiro (não existe um lugar sagrado de peregrinação sem uma bandeja ou urna para as ofertas, sem uma possibilidade de “doação”). No próprio ambiente de romaria fazer vários deslocamentos correspondendo a estar sempre em busca do sagrado.

O fenômeno da romaria pode ser individual, mas comumente é ato coletivo. Manifesta-se preferencialmente em expressões religiosas populares. Encontrar a divindade é o objetivo do peregrino ou peregrina. É se dirigir ao local específico de sua teofania. Segundo Mircea Eliade, as peregrinações são fenômenos que expressam, por parte do peregrino e peregrina, o desejo de viver no presente a escatologia feliz. Isso o realiza e cria uma esperança fantástica para continuar vivendo. São fenômenos que manifestam a “nostalgia do paraíso”. Cria no peregrino e peregrina o sentimento de recordação sagrada, simbolizando um “estado primordial”. Toda a paisagem está, deste modo, animada, os seus mais pequenos (espaços) pormenores têm uma significação, “a natureza está carregada de história humana” (ELIADE, 2002).

Ser romeiro e romeira significa um ato de fé pública. É uma manifestação pública da fé católica. O sentido da vida e da esperança está fortemente presente. Caminha-se movido por uma forte experiência do sagrado e o local para onde se caminha, o santuário, passa a ser o “centro do mundo”, como já nos referimos em relatos anteriores. E esse centro passa a ser o espaço sagrado. Vários estudiosos (ELIADE, 2002; VERGOTE, 1966; DUPRONT, 1987), fazem uma reflexão que a criação do mundo começa num certo centro. A criação do ser humano só poderia ter lugar neste mesmo ponto, real e vivo no mais alto grau. Surge a concepção de que o ser humano foi feito no umbigo da Terra.

Os romeiros e romeiras têm a sua representação do mundo e por isso necessitam de sinais visíveis. Os santuários são exuberantes e bem coloridos. O aspecto da festa também faz parte do itinerário da romaria. As várias expressões de fé presentes nas romarias retratam, de maneira abrangente, o fenômeno do catolicismo vivido. O romeiro e romeira não se contenta com o centro local, mas necessita de um centro de romaria “fora”. O romeiro e romeira sai de sua espacialidade e se aproxima dos valores que se manifestam como de suma importância.

Esse local tanto pode ser o santuário visível de pedra como pode ser a natureza em sua exuberância fantástica. Para o romeiro e romeira devoto do padre Cícero Romão, a geografia do Juazeiro é mais ampla que o lugar físico. A cidade passa a ser um santuário. Não é diferente em São Francisco das Chagas de Canindé – CE e assim por diante. O que importa é se dirigir para esse centro motivador e essencial. Para ilustrar essa dimensão de busca relatamos um depoimento que retrata a experiência de um grupo de romeiros e romeiras devotos do padre Cícero Romão:

Pela mercê do Deus Bendito e em honra de minha madrinha Nossa Senhora das Dores e do meu Padrinho Cícero Romão Batista, vou dizer como se fez, como aconteceu e como se sucede hoje a romaria de Deus.

Era uma mulher, por nome de Antônia Barros de Souza, nascida no Maranhão. Ela, por permissão de Deus, foi visitada pelo Padrinho Cícero e ele deu a ela ordenação de juntar romaria e vir para as bandas daqui.

Então, nós saímos do Maranhão e do Piauí em número de 120 famílias com a beata Antônia. No caminho, nós encontramos a irmã Júlia Maria da Conceição, que vinha também no mesmo rumo, guiada por uma cruz que ela carregava. Virou um só movimento e eu me juntei a eles, solteiro e sem nada.

Atravessamos o Tocantins e viemos a pé, rezando e cantando os benditos do meu Padrinho. De vez em quando, parava numa fazenda de alguém que fosse cristão e, interessado nas bênçãos de Deus, desse boa acolhida aos romeiros.

Nós viemos até aqui abrindo caminho no mato. Por essa região, só tinha onça pintada e sucuri. Mas foi bem ali, onde tem aquele cruzeiro, que o meu Padrinho apareceu em sonho à beata e mandou a gente ficar aqui em romaria perpétua. A gente avistou esses dois morros e achou ele tal e qual os da terra santa de Juazeiro. Batizou-se de Morro Final esse aqui, e aquele se chamou de Monte das Oliveiras, onde tem o horto.

Aqui a gente limpou tudo, primeiro levantou o cruzeiro e fez nossos barracos, tudo de acordo com os mandamentos de Deus. Assim, implantou-se a romaria.

Uns anos depois, chegou o beato Manuel Borges dos Santos, mandado pelo meu Padrinho pra continuar o trabalho dele. O beato juntou nós todos pra construir a Igreja lá em riba. Só tinha pedra.

Tivemos de levar areia e água. Até o burrinho de São Francisco ajudou. A última carroça que ele trouxe foi este sino que a gente ganhou de um devoto de Deus. Quando ele carregou tudo, meu Padrinho deu a ele pra sempre e eternamente carta de alforria. Nunca mais cangalha nenhuma foi botada em riba dele. Ele está livre até o fim da vida.

Aqui nós ficamos até os fazendeiros nos perseguir e obrigar a gente a sair. Nós, os filhos de Deus, tínhamos de viver cada dia mais encurralados pra plantar nosso roçado, e o gado deles solto, sem cerca nem restrição. Eles obrigaram a gente a ficar encurralado no morro, onde não tem terra pra plantar, nem água pra beber.

Um dia, o beato Manuel, que já está na glória de Deus, disse pra nós: “Vamos embora, meu povo. Como o menino Deus e a Sagrada Família. Vamos pro Egito. O poder de Deus é maior e, um dia, Ele faz a gente voltar. Quando eu morrer, me enterrem nesta terra santa, mas vamos atrás da Bandeira Verde, onde Deus indicar, pra lá do Araguaia. O irmão Raimundo fica aqui pra cuidar da igreja e do lugar pra minha sepultura.

E assim aconteceu. A comunidade vive hoje nas beiras do Araguaia, num lugar de nome Santa Fé. Dois anos depois que foram pra lá, o Beato faleceu, e nós trouxemo ele pra ser enterrado aqui. O sofrimento e a perseguição têm sido grandes, mas a romaria continua, conforme os mandamentos de Deus e do meu Padrinho. (BARROS; PEREGRINO, 1996, p. 29).

Esse depoimento relata uma experiência vivida com muita intensidade por um grupo de homens e mulheres. Como vemos, existem dois veios muito fortes: o catolicismo vivido e a busca de uma terra para se viver em liberdade. O catolicismo vivido expressa um elemento muito forte de resistência. De fato, pode ser uma visão equivocada pensar que a romaria tradicional não pode ter uma dimensão política transformadora.

O sentido da peregrinação é que enquanto a pessoa caminha, literalmente, com os pés, desenvolve-se uma caminhada interior. A pessoa vai buscar no próprio coração o seu verdadeiro ser.<sup>34</sup> No caso das romarias, a caminhada nunca é solitária. A experiência coletiva é um incentivo a todos que caminham, sobretudo quando se tem um objetivo de fé e se quer chegar a um lugar comum.

As romarias, como expressão diversificada da fé, ensinam para nós que é possível resistir à uniformização que uma modernidade<sup>35</sup> acachapante tenta impor.

<sup>34</sup> Ao caminhar a pessoa adentra em um sentido profundo da vida que desagua no mistério. O místico é alguém que recebeu uma Graça especial que, no dizer de Dom Hélder Câmara é caminhar sempre e nunca desistir.

<sup>35</sup> Entendemos por modernidade um processo histórico-cultural bastante complexo de transformação de mentalidade. O mundo contemporâneo acompanhou-se de um enfraquecimento das utopias, como também um declínio das instituições tradicionais e fortalecimento das relações de natureza comunitária. A modernidade, que absolutizou a razão instrumental, é a mesma que hoje, numa autocrítica, se volta contra si própria, criando novos espaços e novas perspectivas para o religioso.

Vivemos hoje em uma sociedade de desigualdade estrutural entre classes sociais, em que as romarias podem ser aproveitadas de vários modos, seja como instrumento de poder no interesse dos governantes, seja como símbolo e experiência do fortalecimento da resistência de baixo, das culturas mantidas na marginalidade. A ação da romaria caracteriza-se por uma liturgia<sup>36</sup> na estrada, porque muitos são os caminhos e muitas são as expressões. Ione Buyst registra que

numa sociedade caracterizada pela dominação de uma classe social sobre as outras, a luta pelo poder se fará sentir também nas práticas simbólicas que têm como função legitimar e reforçar o sistema social e político. Cada classe fará o possível - consciente ou inconscientemente - de legitimar e comunicar sua visão para impor-se aos demais e reforçar assim seu poder. Dessa forma, a liturgia - querendo ou não - tem papel ideológico e estará reforçando um ou outro lado das classes em conflito; ou estará reforçando as classes que estão no poder e que estão interessadas na manutenção do status quo, ou estará reforçando as classes interessadas numa mudança social. (BUYST, 1990, p. 53).

A romaria é um ato simbólico e cultiva um poderoso imaginário individual e coletivo. A romaria se caracteriza pela imediatidade de suas representações, pela espontaneidade de suas expressões de fé, expressões que carregam uma afetividade e uma beleza litúrgica simples. Já vimos que as romarias se expressam de forma multifacetada e sem a rigidez do culto oficial, podendo, desse modo, assimilar elementos das mais diversas matrizes culturais. Sua função ideológica não aparece nitidamente, mas está presente.

No Brasil, como em toda a América Latina, um dos elementos mais comuns da religião do povo é o costume de fazer peregrinações, ou romarias, a santuários de sua devoção.

No catolicismo popular, temos uma mistura muito grande de indígenas e quilombolas, junto com os pobres, o que enriquece e embaraça nossa visão, rompendo com a ditadura de um modelo único para se pensar a vida social.

Em celebração de que eu participei, no dia 20 de julho de 2019, presenciei cenas extraordinárias em frente à Capela do Socorro, no Juazeiro, quando, ao término

---

<sup>36</sup> O termo "liturgia" designa uma ação sagrada, através da qual, pelo rito, a experiência religiosa de uma comunidade, nesse caso de uma romaria é expressa. Portanto, é "ação de sagrada": e "ação" não no sentido apenas externo, mas voltada ao Transcendente, ao sagrado. A expressão "através da qual" qualifica-a como um meio, ou seja, ela tem natureza instrumental. O termo "pelo rito" indica que essa experiência se expressa através de determinadas palavras, ações e gestos simbólicos. A ritualidade, por sua vez, consistiria na propriedade dos atos humanos que, realizados de forma repetida, simbolizam as realidades transcendentais. Na pesquisa, assumimos esse conceito aplicado à liturgia das romarias.

da missa, espontaneamente se apresentaram para os romeiros e romeiras dois grupos étnicos populares: a Dança de São Gonçalo<sup>37</sup> e os indígenas Pankararu,<sup>38</sup> do Sertão de Pernambuco.

Fotografia 8 - Participação na romaria de afrodescendentes da Dança de São Gonçalo de Alagoas em frente a Capela do Socorro no Juazeiro - Missa do dia 20 de julho de 2019



Fonte: Acervo do doutorando

<sup>37</sup> Como parte integrante da bagagem cultural do colonizador lusitano, a dança que integrava o culto a São Gonçalo do Amarante, bastante popular em Portugal, foi introduzida no Brasil, sendo, talvez, um dos ritmos mais difundidos do catolicismo rural brasileiro. No município de São Gonçalo do Amarante (Ceará) a dança é realizada durante a festa do santo padroeiro e apresentada em nove jornadas, num ambiente de muita fé e animação. São Gonçalo é o protetor dos violeiros e das donzelas casamenteiras. Segundo Carlos Rodrigues Brandão. Melhor do que os pesquisadores, João Guimarães Rosa entendeu o sentido que os sertanejos dão à reza, às vezes fórmulas muito próximas a encantamentos da magia. A reza tem um valor em si mesma, mesmo as orações cotidianas do povo e da Igreja. Mas é preciso saber reza, mais do que, às vezes, rezar com fé. Saber rezar é saber produzir a reza como um ritual perfeito, sem erros e sem tropeços.

<sup>38</sup> O povo Pankararu vive entre as serras e brejos no Sertão pernambucano, próximo às margens do rio São Francisco. O território Pankararu é estimado em 15.926 hectares sobre os municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia, no estado de Pernambuco. Há em torno de 8.000 Pankararu que vivem nesse território. Há uma diáspora Pankararu: muitos vivem longe de suas terras. Apesar de demarcada a terra, muitos posseiros se recusam a receber a indenização e sair da área indígena, sem contar que essa relação entre índios e não índios é conflituosa desde o início, uma vez que os posseiros ocupam as melhores, se não as únicas, áreas disponíveis para a agricultura. Contam os mais velhos que muito antes do reconhecimento pelo Estado brasileiro, a Terra indígena Pankararu já tinha sofrido grande redução de sua área original. Nesse processo foram muitas as atrocidades, muitas perdas. A língua materna foi uma delas e as palavras que restam não formam um vocabulário suficiente. Mas a resistência do povo Pankararu fez com que conseguisse reconquistar a terra. O Povo Pankararu tem suas festas e rituais. A Festa do Imbu, também chamada de corrida do Imbu é um dos eventos mais importantes da tradição Pankararu herdada dos antepassados, ela acontece uma vez por ano seguindo o ciclo da safra do imbu, fruto de especial significado para a alimentação e mitologia Pankararu. Cada povo indígena tem suas lutas, festas e rituais.

Fotografia 9 - Participação na romaria de indígenas Pankararu de Pernambuco em frente a Capela do Socorro no Juazeiro - Missa do dia 20 de julho de 2019



Fonte: Acervo do doutorando

Essa celebração pelos 85 anos do falecimento do padre Cícero Romão teve participação de milhares de romeiros e romeiras que lotavam a praça, às 6 horas da manhã<sup>39</sup>. Alguns madrugaram para pegar um bom lugar perto do altar.

Ancorado nas leituras bíblicas, o bispo da diocese de Crato, dom Gilberto Pastana<sup>40</sup>, refletiu sobre a caminhada do Povo de Deus no antigo testamento, a partir do livro do Êxodo, que relata a história da libertação do povo escravo no Egito. A primeira leitura bíblica da missa dizia que

<sup>37</sup>os filhos de Israel partiram de Ramsés para Sucot. Eram cerca de seiscentos mil homens a pé, sem contar as crianças. <sup>38</sup>Além disso, uma multidão numerosa subiu com eles, assim como rebanhos consideráveis de ovelhas e bois. <sup>39</sup>Com a massa trazida do Egito fizeram pães ázimos, já que a massa não pudera fermentar, pois foram expulsos do Egito, e não tinham podido esperar, nem preparar provisões para si. <sup>40</sup>A permanência dos filhos de Israel no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. <sup>41</sup>No mesmo dia em que se concluíam os

<sup>39</sup> No dia 20 de julho celebra-se o aniversário de morte do padre Cícero Romão. Devido um pedido especial do padre Cícero Romão que se rezasse por ele, depois de sua morte, 12 missas por ano. Assim ficou sendo celebrada a cada dia 20 do mês, sendo a mais concorrida no dia 20 de julho. As missas sempre são celebradas às 6 horas da manhã.

<sup>40</sup> Gilberto Pastana de Oliveira é o sexto bispo da diocese de Crato. Nasceu em 1956 em Boim- PA, foi bispo da Diocese de Imperatriz, Maranhão. Tem a incumbência de administrar a complexa diocese de Crato em um momento de transição em relação as romarias e a figura de padre Cícero Romão. Substituiu dom Fernando Panico que foi o responsável pela reabertura do processo de reabilitação do padre Cícero Romão, tendo sido, desde então, o principal defensor da causa do padre amado pelo povo romeiro.

quatrocentos e trinta anos, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egito. <sup>42</sup>Aquela foi uma noite de vigília para o Senhor, quando os fez sair da terra do Egito: essa noite em honra do Senhor deve ser observada por todos os filhos de Israel em todas as suas gerações. (Ex 12, 37-42).

O livro bíblico do Êxodo narra a história do nascimento de um povo de forma prodigiosa: uma população inteira de escravos parte da opressão para a liberdade, como também relata as dificuldades de sua jornada pelo deserto em direção à Terra Prometida. O livro do Êxodo é fundamental para entender a mensagem de toda a Bíblia. E a perícopes proclamada na missa exorta a todos/as a não esquecerem que Javé é o Deus que liberta da opressão. O bispo conclamou os romeiros e romeiras a não aceitarem a opressão imposta nos tempos atuais. Esquecer essa história do povo da Bíblia é cair novamente na idolatria, cultuando os ídolos que produzem escravidão e morte. Dom Gilberto Pastana chamou atenção de todos os romeiros e romeiras para o compromisso social dizendo: “você não podem se acomodar diante da morte, da escravidão. Nós não podemos apoiar leis que matam, que favoreçam à morte. E não pensem sozinhos, pensem sempre comunitariamente”. O bispo recordou a luta do padre Cícero Romão em defesa dos mais pobres.

O texto proclamado e a refletida posição do bispo era um recado claro para todos, de uma vez que, naqueles dias, estava se votando, no Congresso Nacional, as novas leis da previdência social, em que os mais prejudicados com a Reforma da Previdência eram os pobres, os assalariados, as mulheres, os aposentados, os trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade. A palavra profética do bispo questionava o sistema opressor governamental de um governo neoliberal e neofacista (que governava o Brasil na época) que impunha uma carga pesadíssima de opressão em cima da população pobre.

A imagem passada no dia 20 de julho de 2019, pela celebração, foi de oferecer elementos de crítica à realidade, suscitando um processo de reflexão em que a Bíblia estaria casada com a vida dos romeiros e romeiras. A pregação intuía um chamado à luta e um alimento de esperança, expressando a vontade e a necessidade de mudança social e política.

No campo das romarias tradicionais, há uma variedade significativa de expressões. Em muitas regiões do Brasil, as pessoas do interior que querem alimentar a sua fé em Deus contam apenas com os santuários de romaria como os lugares em que sentem a Igreja como sua. A maioria dos santuários tradicionais é frequentado

por pessoas de cultura rural ou de cidades do interior. Isso caracteriza bastante o tipo de liturgia. Por conseguinte, muitas promessas e orações das romarias estão, de algum modo, ligadas à questão da terra.

No final da década de 1970, em plena ditadura militar, surgiram as primeiras Romarias da Terra organizadas pelas pastorais populares, principalmente a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Por sugestão de dom Pedro Casaldáliga<sup>41</sup>, 1978 foi declarado Ano dos Mártires. Completava-se 222 anos da morte de São Sepé Tiaraju<sup>42</sup>. O cacique missionário foi morto juntamente com 1.500 indígenas companheiros que lutavam em defesa da terra, contra os exércitos de Espanha e Portugal, ao grito de “Esta terra nos foi dada por Deus e seu Arcanjo Miguel. Somente eles nos podem tirar”. Celebrava-se o segundo centenário do martírio dos índios na destruição da República dos Guaranis<sup>43</sup>. A experiência foi tão marcante que, durante três anos, continuou-se fazendo essa romaria. A partir daí, multiplicaram-se pelo Brasil, tomando um caráter mais regional.

Algumas Romarias da Terra ocorreram ligadas aos encontros nacionais de CEBs<sup>44</sup>, em santuários tradicionais como Canindé – CE e Juazeiro do Norte – CE. Um dos mais conhecidos cânticos das comunidades tem origem em uma romaria ligada ao encontro nacional das CEBs, no santuário de São Francisco das Chagas de

---

<sup>41</sup> Dom Pedro Casaldáliga (1928 – 2020) nasceu em Balsareny, uma província de Barcelona, na Catalunha, em 1928. Bispo da Igreja Católica, escritor e poeta, que fez história na Prelazia de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso. Neste Estado, onde reina o latifúndio, converteu-se a causa dos oprimidos, reinventou-se como defensor dos oprimidos, posseiros e camponeses, contra grileiros e grandes fazendeiros.

<sup>42</sup> A cada ano, as comunidades do Rio Grande do Sul celebram o aniversário do martírio do índio Sepé Tiaraju (1723 – 1756). Sempre acontecem Romarias da Terra no extremo sul do Rio Grande em memória dos mártires. A alma do povo gaúcho vibra quando lembra as comunidades indígenas guaranis dos Sete Povos das Missões, particularmente o grande chefe Sepé, que o povo carinhosamente invoca como São Sepé Tiaraju. Há séculos, o povo o considera São Sepé. Só agora, com o Papa Francisco, o Vaticano acolheu o pedido para reconhecê-lo como santo católico. Como a palavra católica significa universal, São Sepé tem uma amplitude própria do Espírito Divino que se manifesta presente nas culturas.

<sup>43</sup> A missão dos jesuítas entre os guaranis sempre foi um tema polêmico que verberou em um número expressivo de publicações, ainda na segunda metade do século XVIII. No século XVIII a Companhia de Jesus torna-se tópico inescapável das disputas políticas entre ilustrados franceses, portugueses e brasileiros de um lado, e os próprios jesuítas, de outro. É importante fazer uma análise histórico-crítica das diversas formas de governo atribuídas às trinta reduções guaranis que floresceram nos territórios atuais do Paraguai, Argentina e Brasil, entre os anos de 1610 e 1768. Um dos temas mais discutidos, e controvertidos, era o das missões jesuíticas entre os guaranis no sul da América do Sul, que não era estritamente uma questão jesuítica.

<sup>44</sup> As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos de cristãos, surgidos no seio da Igreja católica romana, organizados em torno da paróquia ou capela (urbana ou rural), por iniciativas de leigos e leigas com apoio e acompanhamento de padres e bispos. As primeiras surgiram pelos anos 60 e estão no rol da Teologia da Libertação. As CEBs desenvolvem uma pedagogia baseada na Bíblia ligada à vida concreta, o que se denominou com o binômio fé/vida. Recebeu muita influência do método do Educador Paulo Freire.

Canindé – CE: “Bendito e louvada seja esta santa romaria, bendito o povo que marcha, tendo Cristo como guia” (BARROS, 1996, p. 24).

E as Romarias da Terra logo se tornaram Romaria dos Mártires<sup>45</sup>. Nas últimas décadas, tivemos no Brasil os assassinatos do padre Ezequiel Ramin (Rondônia 1985), padre Josimo Tavares (Maranhão 1986), líder seringueiro Chico Mendes (Amazônia 1988), líder sindical Margarida Alves (Paraíba 1983), irmão Doroty Stang (Amazônia 2005) e tantos outros lutadores sociais que a mandos dos latifundiários foram barbaramente assassinados. Tinham um trabalho junto aos lavradores e lavradoras de suas regiões. Seguiram-se a estes acontecimentos as Romarias dos Mártires da Caminhada.

Pode parecer que não, mas, na mentalidade romeira, parece que as Romarias da Terra estão em continuidade com as romarias tradicionais. Até porque os romeiros e romeiras, no geral, são os mesmos que vão ao santuário e à área de conflito onde se celebra a romaria. Os santuários tradicionais têm muitos elementos em comum. Em um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, Carlos Alberto Steil pesquisa as modificações existentes, a partir do encontro da tradição do Santuário com o fenômeno da Romaria da Terra e conclui:

Longe de erradicar os outros discursos do espaço do santuário, a Romaria da Terra, na verdade, acaba trazendo mais uma contribuição para a pluralidade dos discursos que compõem o culto da romaria em Bom Jesus da Lapa. A estrutura de compatibilidade que caracteriza o culto no santuário se alarga ainda mais, incluindo o discurso da conscientização. Muitos romeiros de Bom Jesus manifestam grande apreço pelos rituais e pela pregação dos agentes de pastoral e assessores, estabelecendo uma relação de complementaridade entre a visão conscientizadora da religião e a perspectiva veiculada pela tradição oral. São cada vez mais comuns os romeiros que participam das romarias de Bom Jesus, da Soledade e da Terra com igual entusiasmo e envolvimento. (STEIL, 1996, p. 280).

Estudar a tipologia das romarias é estudar as várias expressões de fé do povo. Tem havido consideráveis avanços na interpretação e valorização da religiosidade popular no Brasil. O termo religiosidade popular comumente é associado ao termo catolicismo popular (AZZI, 1987; COMBLIN, 1967). Entretanto, Süss (1978) amplia o

---

<sup>45</sup> A celebração litúrgica da morte de João Bosco Penido Burnier, SJ (um sacerdote jesuíta brasileiro que dedicou os anos de sua vida à Igreja até ser morto pelo Regime Militar em 1976) deu origem a Romaria dos Mártires da Caminhada, iniciada com uma grande celebração em 1986, em memória de 10 anos do martírio (outras grandes realizações foram em 1996, por ocasião dos 20 anos, e em 2001, pelos 25 anos). Inicia-se na praça de Cascalheira ao entardecer e, em seguida, segue-se a caminhada até o Ribeirão Bonito, depois da vigília e, no outro dia, acontece a celebração eucarística.

horizonte indo além do catolicismo popular. A religião vivida nas classes oprimidas é uma elaboração complexa. Há muitos trabalhos na área das ciências sociais que enfatizam a função da religiosidade popular de forma indissociável quando se refere à função social e à função religiosa. As fotos anteriores mostram como, de fato, as romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão são expressão de um povo que resiste a várias formas de opressão. Nesse particular, Süß (1978) defende um limite a partir de uma associação do termo religiosidade popular ao termo catolicismo popular, considerando a existência de uma religiosidade universal, a qual “abrange todos os costumes e vivências religiosas do povo, sejam eles de origem africana, indiana, protestante, católica, espírita ou pagã (SÜSS, 1978, p. 28). E esse enfoque faz jus à área de ciências da religião. Refletindo sobre o campo epistemológico das ciências da religião, o professor Gilbráz Aragão (2013) vai mais além quando diz que as Ciências da Religião, devem nos levar a ficarmos mais atentos aos fe-“noumenos” do que ao “noumeno”.

Os documentos oficiais da Igreja católica, desde Medelín - 1968, até nossos dias, têm insistido sobre este tema, sob diversas denominações: “Religião do Povo em América Latina”, “Piedade Popular”, “Catolicismo Popular” (LIBÂNIO, 2006). No decorrer do texto, às vezes, me refiro ao “Catolicismo Vivido”, usando essa expressão do historiador francês Henri Delumeau (DELUMEAU, 1989), que distinguiu o catolicismo como “vivido” para superar a dicotomia catolicismo popular e não popular. As romarias ao Juazeiro do padre Cícero Romão devem ser vistas como vivências de um povo que busca constantemente um lugar de refrigério para sua vida. É nesse ponto que podemos fazer a distinção entre o tipo de romeiro e romeira turista e o peregrino. O turista olha para fora, excitado pelas novidades que o rodeiam. O peregrino volta-se para dentro de si mesmo enquanto caminha, em busca de um significado escondido na obscuridade do próprio coração.

Tipificando as romarias ao Juazeiro do Norte, em um estudo comparado das religiões, podemos caracterizar alguns aspectos significativos. Primeiro de tudo, observa-se que as romarias ao Juazeiro convertem-se em um grande movimento de espiritualidade pessoal e coletiva, expressando-se de várias maneiras. O histórico dessa romaria é que se chega a pé, a cavalo, de bicicleta, de moto, de caminhão, de ônibus e até de avião. A ida ao Juazeiro corresponde a um deslocamento interior que se traduz em um movimento espiritual. Em termos de peregrinação, toda caminhada que se faz com os pés corresponde a uma caminhada interior.

A espiritualidade romeira tem um enraizamento no aqui e agora, compreendendo-se como caminho para ser feliz por meio da dedicação de sua vida ao benefício dos outros. Isso transparece no decorrer das romarias, pois basta dar uma andada pelos ranchos e pousadas para ver atitudes fraternas em grupos de vários Estados que fazem amizade e se ajudam. As romarias são também a expressão de uma prática religiosa eminentemente prática. Uma constatação é fundamental em perceber que a romaria é uma oração espacial e toma conta de todo o ambiente. É um “rito de passagem” (TURNER, 1974), com todas as características de um ritual de iniciação (VAN GENNEP, 1978).

A música e os cânticos na romaria expressam uma inculturação da liturgia. Com típica melodia nordestina sertaneja, os cantos e a música da romaria compõem o elemento litúrgico muito importante da celebração. A imagem de Nossa Senhora das Dores, consagrada no imaginário nordestino, é cantada nas celebrações que expressa uma íntima ligação com a vida do povo que vive uma constante busca de sobrevivência no semiárido nordestino. Para o romeiro e romeira há uma íntima ligação do padre Cícero com Nossa Senhora das Dores, porque ambos sofreram e isso faz com que sejam símbolos dos sofredores e desamparados. O Padrinho de todos tem a característica como aquele que acolhe, escuta e aconselha em nome do sagrado. Como vemos nos cordéis, orações e cânticos religiosos, conhecidos como Benditos<sup>46</sup>.

Bendito e louvado seja  
O lugar da redenção  
Nossa Senhora das Dores  
E Padrinho Cícero Romão

Bendito e louvado seja  
O lugar da redenção  
A terra da Mãe de Deus  
O porto da salvação

E do meu Padrinho Cícero  
Vivia a Santa moradia  
Onde se tem por memória  
A cama que ele dormia

---

<sup>46</sup> A música é um dos elementos que mais contribuem para que toda a assembleia participe de uma celebração de romaria. Os benditos são cânticos de repetição que possibilitam aos romeiros e romeiras se situarem na tradição da liturgia da romaria e, ao mesmo tempo, se inserir na realidade cultural e religiosa do povo. Nesse sentido, é importante o refrão repetido (tipo responsório ou mantra), ligado ao tema que se celebra. Cânticos e refrões de repetição propiciam um clima mais dialogal e até dispensam o uso de livretos. A contribuição dos padres Geraldo Leite Bastos e Reginaldo Veloso foram de fundamental importância para a inculturação das celebrações das romarias.

Pois era lá onde ele  
 Vivia de prontidão  
 Recebendo os seus romeiros  
 E rezando esta oração.  
 (TOLOVI, 2015, p. 144).

“A romaria é a páscoa do romeiro”<sup>47</sup>, pois representa um forte momento de rever a vida e tomar decisões. Muitos romeiros e romeiras falam de tradição familiar que remonta ao início do século, a de vir em romaria a Juazeiro do Norte, como já faziam seus pais e avós. Já é uma tradição, para muitos, querer fazer a romaria a cada ano. A ritualidade da romaria exige uma gama de detalhes. Os romeiros e romeiras se ajudam materialmente para poder ir a Juazeiro a cada ano. Uma vez no santuário, pedem em favor e em nome daqueles que não puderam vir e que guardam seus rebanhos, enquanto eles vêm ao santuário. Alguns falam em permuta, ou seja, em um ano uns vão e em outro ano há uma troca. A romaria é uma ocasião de uma “multiforme troca de favores” (BOURDIEU, 2004).

A romaria caracteriza-se por ser uma boa oportunidade de fazer compras<sup>48</sup>. O ritual de passagem que é a romaria também é um ritual comercial, que se traduz em lucro para o povo do Cariri. A cidade de Juazeiro já tem um fluxo contínuo de movimentação religiosa e comercial. Um dado importante é que no Juazeiro do Norte, os romeiros e romeiras encontram tudo aquilo de que necessitam para seus trabalhos no campo, seja de ferramentas ou insumos agrícolas vegetais ou animais como também insumos mecânicos. Em tempos de romaria, o Juazeiro converte-se em uma grande feira, pois a cidade fica repleta de gente de todo Nordeste. Os interesses são diversificados, pois os turistas que chegam, movidos por simples curiosidade, se defrontam com expressões religiosas que suscitam reflexões. Ninguém fica imune ao que acontece no Juazeiro em tempos de romaria.

---

<sup>47</sup> O romeiro e a romeira que vem ao Juazeiro tem um caminho percorrido, pois é na localidade de moradia e trabalho que ele decide pela viagem, não importa se é a pé, de animal ou a carro. Importante é que, meses antes, a romaria já começou. Desde o momento quando ele/a decidiu que irá em romaria para o Juazeiro. Alguns guardam a data da romaria como um grande acontecimento do ano. Isso significa que a romaria é a páscoa do/a romeiro/a porque ele/a elege como um tempo forte, primordial em sua vida. O simbolismo na romaria lembra que outro mundo é possível, mesmo quando a realidade dura diz que é impossível.

<sup>48</sup> A romaria, para o devoto, é algo especial e tudo passa a ser especial para o praticante. A pessoa que mergulha no profundo significado da romaria é transportada realmente para um mundo especial, muito diferente do cotidiano. O novo ambiente passa a ser povoado de forças de excepcional intensidade, que invadem e o transformam. As ligações entre a dimensão devocional do ser humano e seu desejo de participar de outras dimensões são internalizadas sem contradição. Fazer compras na romaria é uma delas. Por exemplo, o alumínio adquirido no Juazeiro passa a ter um significado todo especial. Inclusive muitos trazem encomendas de compras de pessoas de suas localidades caracterizando assim uma prática de ajuda mútua dos indivíduos em sociedade.

“A festa dos pequenos”<sup>49</sup> não está em contradição com o aspecto penitencial. O aspecto festivo não é algo estanque, mas é algo que acontece no conjunto de toda romaria. O clima de alegria e de relaxamento de uma romaria caracteriza sua festividade. Os cânticos, a dança, o encontro com amigos, conhecidos e vizinhos, as novas amizades, as refeições em comum, a ingestão de vinho ou cachaça, os fogos de artifício fazem da romaria uma festa. O aspecto festivo não significa fuga da realidade, pois festa tem sempre um motivo tirado da própria vida, da práxis, “que espelha a realidade do ser humano como ‘faber’ e ‘ludens’, ser da práxis e ser da festa” (TABORDA, 1987, 50).

Nas últimas décadas, foco de nossa pesquisa, percebe-se que a tipificação do romeiro e romeira aponta algumas mudanças significativas. As romarias têm um calendário anual, o que faz com que a cidade de Juazeiro receba um número bem maior de visitantes. Há de se considerar as principais festas. Dia 15 de setembro celebra-se a romaria de Nossa Senhor das Dores, padroeira do município, romaria em homenagem a Mãe das Dores, que começa pela manhã, com o desfile da imagem da santa, que passa pelas ruas abençoando as casas e familiares, acompanhada de uma multidão de romeiros e romeiras. Dia 2 de novembro celebra-se a romaria de finados de Juazeiro do Norte, constituindo-se em um importantíssimo espaço de expressão da cultura popular do Cariri, reunindo centenas de milhares de fiéis, tendo essa romaria reunido 500 mil pessoas em média nos 5 dias de movimentação. Dia 2 de fevereiro, que fecha o ciclo das romarias, é uma importante festa, aonde ocorre uma multidão de romeiros e romeiras de várias regiões do Nordeste e tem seu ponto alto na procissão das velas, ocorrida na noite desse mesmo dia. Já o dia 20 de julho é muito especial, porque comemora-se, em uma grande celebração campal, em frente à Capela do Socorro, o dia de morte do patriarca e conselheiro do Nordeste.

A figura do padre Cícero Romão sempre presente em Juazeiro e a persistência dos romeiros e romeiras foi de fundamental importância para a continuação das romarias. O sacerdote e a cidade do Juazeiro são como uma moeda de duas faces. O romeiro e a romeira que visitam Juazeiro têm a convicção de que estão visitando o

---

<sup>49</sup> “A festa dos pequenos” é o título de um livro (1996) escrito por Marcelo Barros e Artur Peregrino que detalha a estrutura litúrgica de uma romaria fazendo um paralelo das romarias da terra com as romarias tradicionais levando em conta as peregrinações de tradição católica em várias partes do Brasil. A dimensão da festa está intimamente ligada a fé. O/A romeiro/a, através de sua fé, vai em romaria ao Juazeiro e em sua esmagadora maioria são pobres, por isso, pequenos. Em certo sentido, a romaria é um sacramento para o/a romeiro/a porque faz brotar a alegria de viver.

Padrinho. O Juazeiro, o romeiro, a romeira e seu fundador têm muitos tons, daí a importância de se fazer uma análise dos vários discursos que contém muitas cores e muitos sabores, o que nos leva a aprofundar no próximo capítulo uma rica polifonia do sagrado.

## CAPÍTULO IV: A MÍSTICA ROMEIRA NAS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO SAGRADO

### 4.1. Introdução

A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso (Rubem Alves).

Os acontecimentos em torno do padre Cícero Romão e do Juazeiro ocorrem dentro de um momento histórico favorável e muito mais amplo. A luta e a resistência do povo romeiro caracterizam um grande movimento de afirmação cultural e sinalizam a possibilidade de uma alternativa de organização e mobilização em vista da afirmação de uma sociabilidade própria. Uma sociabilidade construída pelos mais pobres, ignorando as estruturas da Igreja e do Estado, afirmando uma maneira de ser apoiando-se na solidariedade para superar os grandes desafios que apareciam. A comunhão humana e a solidariedade social presentes nas romarias para o Juazeiro do Norte, como elementos estruturantes, constituem, do ponto de vista das Ciências da Religião, uma referência importante para afirmação de uma identidade própria.

É dentro de um contexto chamado de modernidade que os romeiros e romeiras do Juazeiro do Norte santificam um padre destituído de suas ordens sacerdotais.

Bem antes do Papa Francisco<sup>1</sup> e do Concílio Vaticano II<sup>2</sup>, antecedem as opções da Igreja pelos pobres elegendo padre Cícero Romão como Padrinho, Intercessor junto a Deus de todos os problemas da vida. Antecipou em muitos anos as opções da Igreja porque os próprios pobres se encarregaram de fazer valer seu direito, mantendo a opção de afirmar seu jeito de crer resistindo em continuar as romarias. O fenômeno das romarias do Juazeiro sobreviveu à modernidade e, mais que isso, incorporou suas contribuições em seu discurso. Mudou para permanecer. Essa aceitação é quase uma

---

<sup>1</sup> O papa Francisco trouxe um novo frescor para a Igreja tirando-a de um longo período de inverno.

<sup>2</sup> O Concílio Vaticano II foi o maior acontecimento do século XX para a Igreja Católica.

condição dos romeiros e romeiras para continuarem resistindo e reproduzirem sua romaria.

As religiões, as diversas expressões de fé em cada cultura não estão imunes à avalanche da modernidade, globalização, sobretudo “dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam” (GARCIA CANCLINI, 2015, p. 18). Nesse sentido, os processos de hibridação estarão permanentemente presentes em nossa análise.

As expressões religiosas representam uma riqueza imensa na humanidade: riqueza cultural, riqueza de artes, riquezas de um poderoso imaginário. Em nenhum outro campo do conhecimento humano há tantas compreensões quanto as acumuladas pelas tradições religiosas. O tradicional se alimenta da manutenção dos mitos e ritos, embora os mais velhos vão morrendo e permanece uma questão: como fica o dilema da religiosidade popular, representada pelas romarias, diante da modernidade globalizante? Percebemos que se dá uma simbiose que nos coloca inevitavelmente no estudo da hibridação que, nesse contexto, são processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (GARCIA CANCLINI, 2015, p. 19).

Em nossa pesquisa, o fenômeno das romarias, é aprofundado a partir da mística dos romeiros e romeiras, ou seja, da ótica dos protagonistas. Uma gama de depoimentos colhidos nos darão elementos para o aprofundamento. Para isso ancoramos nossa análise e reflexão a partir dos fundamentos da Análise do Discurso<sup>3</sup> de linha francesa (AD). Os depoimentos colhidos durante toda a pesquisa estarão sob o olhar de uma análise cuidadosa, embora saibamos que, para se chegar às interpretações, um elaborado processo de análise foi realizado. Tal trabalho não aparece quando são apresentados os resultados.

A romaria caracteriza-se por uma celebração que se estende por todo o ano e para fazê-la é preciso um tempo de preparação. Na realidade “as romarias têm três momentos importantes: a preparação, a celebração da romaria e a volta para casa que compreende continuar na vida” (BARROS, 1996, p. 92). A tradição das peregrinações diz que desde o momento em que se decidiu a ir em romaria, esta já

---

<sup>3</sup> O capítulo 5 fará a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Serão expostos o percurso histórico, suas especificidades e principais conceitos, além do delineamento metodológico mobilizado para a pesquisa e a estruturação do corpus discursivo de análise.

começou internamente. As romarias que são expressão do povo do campo, considerando as mudanças atuais, passam a ser também do povo da cidade. Uma romaria tradicional mantém o espírito e o ritual, mas dialoga com a modernidade. Conforme a análise efetuada por Danièle Hervieu-Léger, a crença tem também o caráter paradoxal da modernidade. Se, por um lado, as grandes explicações religiosas do mundo sofrem um processo de desqualificação, por outro, esta mesma modernidade secularizada tem oferecido as condições mais favoráveis à expansão da crença. E este paradoxo define o processo de secularização que caracteriza o mundo moderno (HERVIEU-LÉGER, 2008). É fundamental, ao falarmos de secularização, perceber o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade em que o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e cuja condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las.

Os acontecimentos históricos existem porque aparecem pessoas concretas e dialogam com a história. Tem sido assim também no Juazeiro do Padrinho. As romarias surgiram, mas foram mantidas pelos romeiros e romeiras com ajuda e apoio, sobretudo em momentos difíceis. Chamamos de esteios da romaria as pessoas que desde o padre Cícero Romão até os dias de hoje dão continuidade e apoiam os romeiros e romeiras em seu desejo de continuar as romarias. Destacamos três figuras que trabalharam muitas décadas em parceria: Murilo de Sá Barreto, Annette Dumoulin e Ana Teresa. As duas últimas tinham um desafio, como estudiosas da religião, quando chegaram no Juazeiro em meados da década de 1970, de abrir dois centros complementares: um de psicologia da religião e outro de acolhida para as romeiras e romeiros. O empenho dessas pessoas convergiria plenamente com os anseios do Papa Francisco que prega uma Igreja católica em saída ao encontro dos mais pobres. Consciente de que o saber científico e o saber popular se retroalimentam, fizemos uma peregrinação de 30 dias para conversar com as pessoas e colher depoimentos no decorrer do caminho percorrido. O casamento da poeira dos livros com a poeira da estrada supõe a criação de uma aliança entre a inteligência acadêmica e a sabedoria popular. É o que descrevi e incluí como uma inserção na parte final do próximo capítulo.

## 4.2. O hibridismo religioso e as novas configurações do sagrado na trama dos atuais desafios: permanências e mudanças

Hoje existe uma visão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. O culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos (García Canclini).

Não deveria haver mais razões para se marginalizar a mística beata, nem o santo que fez o que podia, no seu contexto, para cuidar dos pobres (Gilbráz de Souza Aragão).

Fotografia 10 - Em frente à igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Acervo da Basílica de Nossa Senhora das Dores

Antes do hibridismo, é fundamental ver a questão do sincretismo religioso. O termo sincretismo embora rejeitado por muitos, continua sendo utilizado em muitas análises e se mostra útil no estudo da religião, como também em muitos aspectos da realidade social. É fundamental percebermos como o catolicismo foi sendo apropriado pela dimensão popular. Talvez o termo sincretismo passou a ser identificado com a dominação colonial porque foi utilizado enormemente pelos historiadores, sobretudo na abordagem das expressões das religiões afro-brasileira, e assim é considerado por muitos como ultrapassado.

Estudos significativos foram publicados sobre sincretismo, valendo um destaque para o pesquisador Pierre Sanchis, que entre trabalhos mais significativos apresenta *Fiéis e Cidadãos*, coletânea com dois trabalhos seus sobre o campo

religioso brasileiro, envolvendo um leque de temas e relação com modalidades sincréticas (SANCHIS, 1995).

As reflexões de Pierre Sanchis sobre sincretismo em relação à Igreja Católica e a outros aspectos das religiões no Brasil têm sido muito estimulantes e têm contribuído para ampliar as análises deste tema.

Na discussão do sincretismo religioso, entramos profundamente no tema do catolicismo popular, que inclusive já foi abordado em capítulos anteriores. Vimos que o catolicismo renovado, com base na Reforma Católica, tem como características, “[...] ser romano, clerical, tridentino, individual e sacramental” (AZZI, 1976, p. 103). A religiosidade popular é uma das expressões do catolicismo e as romarias são genuinamente fruto desse movimento. A propósito, muitos estudiosos focaram sua reflexão sobre o cruzamento de culturas, a partir de um olhar antropológico, sendo um deles Darcy Ribeiro, que faz ver que o surgimento da cultura brasileira reúne três matrizes fundamentais: Tupy, Lusa e afro (RIBEIRO, 1996). É a partir dessa mistura que nasce o catolicismo popular. Na compreensão de Azzi, há de ser considerado ainda que

o catolicismo popular, em suas diversas manifestações históricas, esteve sempre bastante próximo dos cultos africanos e ameríndios, gerando não poucas vezes expressões religiosas que podem ser consideradas como verdadeiros sincretismo religioso. (AZZI, 1978, p. 11).

Na abordagem de muitos estudiosos do tema, é muito difícil fazer uma distinção entre o que é cultural propriamente e o que é religioso. Entendo que a expressão religiosa é manifestação de um traço cultural característico de determinada cultura. Assim Azzi entende que

O catolicismo tradicional, por sua origem lusitana e por seu aspecto social, está mais profundamente vinculado à cultura do povo brasileiro. Nesta maneira de expressar-se do catolicismo, a fé e a cultura caminham de mãos dadas, numa inter-relação tão íntima que não poucas vezes é difícil distinguir o cultural do religioso. (AZZI, 1978, p. 10).

Há uma discussão na antropologia sobre se o conceito de popular é conveniente para a expressão “catolicismo popular”. Acho que a expressão é validada, fazendo as devidas ressalvas. Entendemos catolicismo popular como aquele vivido pelos pobres que representam uma classe social baixa. Às vezes presenciamos uma pessoa de outra classe participando de uma romaria popular, mas é uma minoria que

não afeta a categoria popular. Nas romarias do Juazeiro do Norte, podemos encontrar uma pessoa de classe alta, mas dará um certo trabalho.

O catolicismo popular se expressa através de um forte simbolismo, por isso que tudo fala: os gestos, as bênçãos, as imagens, os toques, os lugares, as velas, a água benta, ou seja, tudo tem um toque de transcendência. Leonardo Boff define bem o que estamos abordando quando diz que

popular é o que não é oficial nem pertence às elites que detêm a gestão do Católico. Catolicismo popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana, dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferentes, exatamente aqueles populares. [...] Por isso para entendê-lo faz-se mister um instrumental adequado e diferente daquele com o qual se analisa o Catolicismo oficial que se orienta pelo pensamento reflexo e pelo rigor lógico de sua sistematização doutrinária. (BOFF, 2011, p. 165).

Para entender mais profundamente o catolicismo popular, é necessário um esforço de compreensão porque ao mesmo tempo que tem autonomia de um lado tem ligação com catolicismo oficial por outra. Nessa linha, o catolicismo oficial detém a palavra, as doutrinas e todo um código legislativo, mas deixa as práticas fluírem no meio do povo. No entanto, Comblin afirma que o catolicismo oficial, definido pela teologia e pelo direito canônico, nunca existiu, “nem no Brasil, nem em qualquer outro país da cristandade. Esse catolicismo é pura abstração dos teólogos. Há somente catolicismo populares de vários níveis sociais e culturais” (COMBLIN, 1968, p.48).

Como já abordamos, a questão religiosa do Juazeiro está ligada a um contexto histórico em que o cultural-religioso tinha um recorte bastante significativo. No decorrer da segunda metade de século XIX e a primeira do século XX, a crença no milagre era comum ao clero romanizado e não-romanizado, assim como ao conjunto dos fiéis. A própria história impõe uma diferença de discurso narrativo. Para usar uma expressão emprestada dos estudos pós-coloniais, a romaria apresenta-se como um entre-lugar, onde as estruturas simbólicas existentes são postas em discussão.

A romaria é um espaço de fronteira e também um ambiente de encontros e desencontros, travessias e retornos, limites e rompimentos. No entre-lugar fronteiro, as identidades constroem-se e se refazem continuamente. A romaria constitui-se em um ritual que requer uma compreensão da complexidade do fenômeno, que tem uma identidade regional dentro de uma experiência de solidariedade.

Importante o registro de que a romaria não termina com a secularização, mas ganha novas formas e contornos, novos sabores, numa dinâmica em que, ao mesmo

tempo em que se esgota, se dilui, renasce, ressurgue e se difunde (HERVIEU-LÉGER: 2008). Há uma recomposição do catolicismo popular.

No caso do Juazeiro, há uma performance, a qual nos permite perceber a atuação do padre Cícero Romão e dos romeiros e romeiras não como uma forma de dissidência, mas sim como uma busca insistente pelo seu reconhecimento e inscrição na identidade católica. O movimento de Juazeiro, afirmado pela persistência das romarias, mesmo quando empurrado para a margem, não reivindica uma autonomia em relação à instituição, mas pelo contrário, busca seu reconhecimento e sua pertença institucional.

Percebemos um sinal diacrítico da identidade católica: a quase indissociabilidade entre o catolicismo, enquanto movimento e tradição, e a Igreja Católica, enquanto instituição. Imaginemos o que aconteceria se o próprio padre Cícero Romão tivesse aberto uma dissidência em relação à instituição Igreja Católica Romana? Podemos imaginar qual seria o desdobramento desse movimento. Mas supomos que foi justamente a grande identidade de pertença (SANCHIS, 1986, p. 5-16) que fez com que padre Cícero Romão permanecesse no seio da Igreja Católica até sua morte e que fez com que o povo romeiro, teimosamente, nunca deixasse de peregrinar em grande multidão para o Juazeiro do Norte. Esse movimento foi tão persistente que em 2014 a Igreja Católica se dirigiu aos fiéis da diocese de Crato expressando que é “oportuna alguma forma de ‘reconciliação histórica’, que, considerando todos os aspectos da vida humana e sacerdotal do Padre Cícero, venha lançar luz também sobre os aspectos positivos de sua pessoa” (DUMOULIN, 2017, p. 23).

O fenômeno das romarias do Juazeiro lança uma reflexão sobre a religiosidade contemporânea. A influência da religião nos novos contextos vividos pela sociedade é inegável. Até porque no nosso substrato social historicamente convivemos com uma “cultura católica”, na medida que se encontra difundida na população. Sabemos que a dimensão religiosa é marcada e condicionada por razões psicológicas, sociológicas ou culturais. Convivemos com expressões religiosas novas a partir do que se convencionou chamar de novos movimentos religiosos. As interpretações são variadas sobre cada um, mas podemos diagnosticar elementos comuns.

Observa-se que a religião é vivida como uma procura de realização do ser humano, mas de várias maneiras. Desde o final do século passado vive-se um ambiente marcado por um ceticismo difuso generalizado. Uma realidade que atinge

crentes e não crentes. A fé é revelada vazia de conteúdo específico e a religiosidade expressa-se sem credo. Vemos também a religião enquanto terapia diante de um mundo que tem se mostrado cada vez mais violento.

Há discussões infundáveis sobre a era moderna e pós-moderna. No entanto, Leonardo Boff afirma que

a pós-modernidade participa de todos os pós-ismos (pós-histoire, pós-industrialismo, pós-estruturalismo, pós-socialismo, pós-marxismo, pós-cristianismo, etc.) com aquilo que eles têm em comum: a vontade de distanciamento de certo tipo de passado ou a recusa a certo tipo de vida e de consciência, a percepção de descontinuidade sentida e sofrida no curso comum da história, e a sensação de insegurança generalizada. (BOFF, 2000, p. 18).

É dentro desse contexto que a religião pode, no dizer de João Batista Libânio, tornar-se uma “ilha de fantasia” (LIBÂNIO, 2004). É aquela situação na qual a pessoa não combate o sistema e muito menos o transforma, mas encontra uma maneira de viver como numa bolha. Em uma sociedade agitada por muito motivos as pessoas encontram espaços individuais ou coletivos onde passam longas horas nas orações em busca de terapia e cura corporal e espiritual. Fala-se hoje de um “coquetel religioso” em que se vive a religião “à la carte”, de tipo “selfservice”.

Uma outra dimensão da religião é aquela que rompe com uma compreensão da realidade para além dos limites da razão técnico-científica vigente. O fenômeno das romarias realizadas para o Juazeiro do padre Cícero Romão tem lampejos de quebra da razão instrumental e avança sobre as hermenêuticas redutoras. A romaria, sendo a páscoa anual para o romeiro e romeira do Juazeiro, afirma uma religiosidade que marca a vida por um desejo ardente e incontrolável (porque volta a fazer a romaria todos os outros anos) de entrar em comunhão com esta incompreensível realidade que se chama sagrado (BINGEMER, 2013).

A religiosidade não foge das influências das condições sociais e econômicas de cada período histórico. Cada ciclo político-econômico resulta em novos modelos. De fato, a globalização é uma realidade no mundo atual e desafia nossa reflexão para incluir o elemento religioso. A globalização apresenta um novo panorama mundial, novos mapas geográficos e conseqüentemente interfere fortemente no cotidiano das pessoas incluindo aí a religiosidade. Nas palavras de Néstor García Canclini:

começamos a perceber, então, as muitas maneiras como a globalização integra, exclui ou segrega as culturas populares. Já não as estudamos ou apoiamos para revitalizar populismos nostálgicos, muito menos para suscitar admiração por sabedorias ou belezas pré-

globalizadas. A utilidade dos estudos, parece-me, passa por ajudar a discernir entre o que reforça, renova ou desafia as marginalizações arcaicas. Sobretudo para descobrir e pensar como podem as culturas populares sair de seu abandono local e, com suas criações e saberes, participar competitivamente do comércio global. (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 94).

No âmbito das religiões, muitos hábitos vinculados à religiosidade dos povos foram vistos e descortinados, sobretudo pelos viajantes que iam de lugar em lugar. Essa constatação nos remete à antropologia clássica como ciência etnográfica que teve seu início com as grandes viagens, mas também com observações do caixeiro-viajante pelo sertão a dentro.

As novas dinâmicas culturais impõem à religiosidade novas dinâmicas. “Podemos dizer que a cultura realiza um movimento pendula: entre ‘localismo’ e ‘globalismo’, entre estabilidade e mudança, entre tomada de consciência interior e um olhar voltado para o exterior” (TERRIN, 2004, p. 80).

A religiosidade popular e a globalização convivem numa permanente permuta entre o velho e o novo, dinamizando no seu interno uma simbiose e gerando novos significados. A propósito, Bauman diz que

o significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. (BAUMAN, 1999, p. 67).

Percebe-se que as tradições religiosas foram alcançadas pelo fenômeno da globalização e por seus agentes, não de maneira inocente, mas com certo cálculo e planejamento. A tecnologia entrou de cheio na dinâmica das religiões e aí lançou seus interesses bem definidos. Há uma interferência no mundo da religiosidade popular e em sua vivência com o sagrado. O fenômeno das romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão não fica de fora dessa interferência. Por isso, deve-se pensar o fenômeno de forma local e global. A propósito, García Canclini afirmou que

Os estudos mais esclarecedores do processo globalizador não são os que apontam para uma revisão de questões identitárias isoladas, mas o que são os que propiciam a compreensão do que podemos fazer e ser com os outros, de como encarar a heterogeneidade, a diferença e a desigualdade. Um mundo onde as certezas locais perdem sua exclusividade e podem, por isso, ser menos mesquinhas, onde os estereótipos com que representávamos o distante se decompõem na medida em que o encontramos com frequência, um mundo que oferece a chance (sem muitas garantias) de que a convivência global seja menos incompreensiva, com menos mal-entendidos. (GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 28).

A globalização também seus limites e impotências, porque nem tudo que se apregoa sobre ela procede.

Muito do que se diz sobre globalização é falso. Por exemplo, que ela uniformiza todo mundo. Ela nem sequer conseguiu estabelecer um consenso quanto ao que significa 'globalizar-se', nem quanto ao momento histórico em que seu processo começou, nem quanto a sua capacidade de reorganizar ou decompor a ordem social. (GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 41).

Não teremos saída para reflexões mais profundas se não nos conectarmos com as conquistas mais recentes no campo das ciências. A transdisciplinaridade nos acompanha nessa abordagem porque uma disciplina ou saber não dá conta de uma análise do todo do fenômeno. A área de ciências da religião deve ser entendida como uma área do saber que se conecta com outras áreas para construir o conhecimento e tentar dizer algumas palavras sobre os desafios que a realidade impõe.

[...] seu estudo não pode ser tarefa de uma única disciplina (a antropologia ou a sociologia política), mas de um trabalho transdisciplinar, em que intervenham especialistas e comunicação, semiólogos, urbanistas, e onde seria útil que participassem outros experts como os economistas e os biólogos, que se ocupam de cenários decisivos para a recomposição atual das identidades. (GARCÍA CANCLINI, 1999, p. 172).

A realidade da hibridação é uma constatação e não uma hipótese. O conceito de hibridismo é considerado mais moderno e mais amplo, por abordar elementos da cultura não especificamente religiosa. O estudo sobre as romarias e as culturas populares constituem oportunidade fértil para rever reflexões sobre o tema. Nos interessa, de forma particular, a centralidade na estrutura das religiões.

A fusão e o entrelaçamento entre diferentes tradições culturais produzem uma criatividade fantástica, mas se deve ter cuidado ao considerar que a cultura não muda tão rápido. Toda cultura recebe influência e influencia. Há um entrelaçamento entre o tradicional e o moderno. "Nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade" (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 239).

É importante perceber o aspecto dinâmico da cultura. Aqui é importante compreender a dinâmica do hibridismo ao agir entre as tradições e culturas. Considere-se que muitas mudanças culturais se devem à introdução das novas formas de comunicação. "Observou-se, alguns anos depois do surgimento da televisão ou do

vídeo, que não devemos superestimar as mudanças de hábitos culturais gerados pelas inovações tecnológicas” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 53).

Percebendo o poder e influência da comunicação, nesse quesito, a diocese de Crato, através da Matriz de Nossa Senhora das Dores do Juazeiro, criou a TV WEB Mãe das Dores, possibilitando ampliar o poder de comunicação e assim atingir milhares de romeiros e romeiras em várias regiões do país. “A redistribuição maciça dos bens simbólicos tradicionais pelos canais eletrônicos de comunicação gera interações mais fluidas entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 196). A comunicação pode contribuir e abrir um canal dialógico e assim contribuir com a resistência da religiosidade popular, e isso porque “são as práticas sociais discretas que geram novas estruturas e novas práticas” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 22).

A multiculturalidade e a interculturalidade são dois termos que se relacionam e se tocam e isso é natural no mundo globalizado. Hoje existe uma visão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. Há que considerar não só povos diferentes, mas também gerações muito díspares. A comunicação acontece quando há uma abertura para o diálogo. A continuidade das romarias no Juazeiro do padre Cícero Romão acontece porque há um diálogo e conexão entre gerações. Isso porque

de um mundo multicultural – Justaposição de etnias ou grupos de uma cidade ou nação – passamos a outro, intercultural e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 17).

É um desafio o estudo das identidades, como também é necessário encontrar um ponto de encontro e diálogo entre o velho e o novo, ou seja, uma reflexão sobre as mentalidades. Nesse sentido,

estudar o modo como estão sendo produzidas as relações de continuidade, ruptura e hibridação entre sistemas locais e globais, tradicionais e ultramodernos, do desenvolvimento cultural é, hoje, um dos maiores desafios para se repensar a identidade e a cidadania. (GARCÍA CANCLINI, 1999, p. 175).

A religiosidade popular se firma e resiste e busca seu reconhecimento, a partir da afirmação da tradição e de suas práticas. O elemento da resistência cultural é o

grande ingrediente para continuar afirmando sua identidade de forma autônoma e firme. “A reprodução das tradições não exige fechar-se à modernidade (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 238). Esse ponto é muito importante para continuar resistindo.

A cultura popular, no decorrer da história, sempre encontrou caminhos para continuar se expressando. O mundo globalizado trouxe ingredientes que desafiam o mundo popular e o catolicismo popular, sobretudo a disputa no campo das novas tecnologias. O sentido social de sua presença no mundo é disputado e negociado permanentemente,

Por isso, as culturas populares não se deixam decifrar apenas como afirmação e resistência dos subalternos. Aparecem, nessas peripécias de sua história, como os espaços em que grupos hegemônicos ou subordinados, e até excluídos, disputam e negociam o sentido social. Sua prosperidade ou sua cadência dependem, em parte, das tendências que ‘governam’ a globalização à base de desigualdades e exclusões. Também dependem do enfrentamento dessas condições adversas, assumindo os contextos herdados ao lado da interação criativa com os circuitos da cultura industrializada e exercendo certo controle sobre o destino de seus bens e mensagens. (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 99).

No campo da religiosidade popular e de modo especial no fenômeno das romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão, percebemos uma riqueza de trocas simbólicas entre gerações e isso é o que mantém a continuidade sem rupturas. No tocante à avalanche de interferências da chamada globalização em tempos de modernidade, concordamos com García Canclini, que deixa claro que o objeto de estudo não é a hibrididade, mas, sim, os processos de hibridação. Como possibilitar que também os meios populares se apropriem dos benefícios da modernidade? Eis uma questão central no nosso aprofundamento.

Importante igualmente é não ter uma visão ingênua do processo de hibridação, por isso, tem que haver uma consciência crítica desse processo para perceber inclusive o que não pode ser hibridado. Importante o registro que a hibridação só ocorre em condições históricas e sociais específicas. No processo de naturalizar a exclusão, é importante ter uma consciência crítica, observando que

um dos traços distintivos da cultura tradicionalista é ‘naturalizar’ a barreira entre incluídos e excluídos. Desconhece a arbitrariedade de diferenciar esse território daquele, determinar esse repertório de saberes para ensiná-lo na escola ou essa coleção de bens para exibir em um museu, e legitima solenemente, mediante uma ritualização indiscutível, a separação entre os que tem acesso e os que não conseguem. O ritual sanciona então, no mundo simbólico, as distinções estabelecidas pela desigualdade social. Todo ato de instituir simula, através da encenação cultural, que uma organização social

arbitrária é assim e não pode ser de outra maneira. Todo ato de instituição é 'um delírio bem fundamentado', dizia Durkheim, 'um ato de magia social', conclui Bourdieu. (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 193).

Além do mais, a própria modernidade é um projeto inconcluso, como tudo na vida. O próprio Garcia Canclíni deixa uma pergunta sem resposta: “Por que os promotores da modernidade, que anunciam como superação do antigo e do tradicional, sentem cada vez mais atração por referências do passado?” (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 51).

Nossa pesquisa se propõe a estudar as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do padre Cícero Romão ocorridas desde o ano 1986, como também o livro de García Canclini, *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Segundo ele “o estudo procura conectar essa revisão da teoria da modernidade com as transformações ocorridas desde os anos 80 na América Latina” (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 27). Essa constatação é um elemento relevante para nossa pesquisa, embora seja importante ir além dele. Continuaremos aprofundando e tentando responder uma pergunta crucial: por que os romeiros e romeiras continuam fazendo romaria tradicional na modernidade?

As ciências da religião têm feito incursões cada vez mais profundas ao considerar que o fenômeno religioso contemporâneo apresenta um cenário extremamente complexo. As hermenêuticas redutoras, com perspectivas e vieses antagônicos, não sugerem uma abordagem mais integrativa. No campo da sociologia, não podemos deixar de considerar a contribuição de Danièle Hervieu-Léger que estabelece um diálogo entre religião e modernidade.

A obra de Danièle Hervieu-Léger: *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, permite trabalhar os processos de construção e transmissão das identidades religiosas na modernidade. Ao mesmo tempo, contribui para quebrar o antagonismo existente no campo das ciências sociais. Além de outras contribuições, queremos focar o estudo sobre as transformações e dinâmicas do fenômeno religioso que representa as romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão.

À luz da perspectiva hervieulégeriana, queremos analisar a situação das religiões e das expressões de fé no mundo de hoje de um ponto de vista sociológico. Saibamos que essa perspectiva nem sempre tem uma aplicação direta para o fenômeno que analisamos, nos ajuda a perceber o quadro religioso na modernidade. O estudo faz com que percebamos, se não o fim, mas as transformações de uma

gama de entidades religiosas antigas e o aparecimento de novas crenças. Um elemento importante é que não só se encontra outras motivações para crer, mas se adquire certa independência em relação às instituições religiosas históricas.

O que caracteriza o tempo atual, sobretudo no Brasil, não é a mera indiferença com respeito à crença, mas a sua perda de “regulamentação” por parte das instituições tradicionais produtoras de sentido. O que vemos, como se diz na antropologia, é uma “bricolagem de crenças” e assim as instituições históricas perdem o controle sobre os fiéis. Com esse fenômeno há uma “crise de transmissão”. Coloca-se o problema da continuidade de uma geração para outra, porque a religião se firma no tempo.

Uma questão central para nós é perguntar pela figura do praticante. Isso porque o praticante é uma figura estável e se insere dentro de uma territorialidade que supõe uma comunidade. Porém, o que caracteriza a religiosidade das sociedades modernas é a dinâmica do movimento e de outras buscas e formas de crer. Como fica, então, a sociabilidade romeira? No geral, o romeiro e a romeira refazem o caminho dos antigos e, nesse sentido, participam de uma sociabilidade peregrina. Assim podemos afirmar que o romeiro e romeira é ao mesmo tempo praticante e peregrino. Para Hervieu-Léger, não é tarefa fácil fazer a distinção entre o peregrino e o praticante porque

distinguir o religioso a partir do movimento, a partir da dispersão das crenças, da mobilidade de pertenças, da fluidez das identificações e da instabilidade dos agrupamentos é tarefa difícil. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 81).

Hervieu-Léger, a partir da sociedade francesa, faz ver que a sociedade mudou muito e não é mais possível entender o homem e a mulher em uma sociedade inteiramente “paroquializada”. As formas de militância antiga não têm mais lugar no mundo moderno. Nesse sentido,

a figura que parece melhor cristalizar a mobilidade, característica de uma modernidade religiosa construída a partir de experiências pessoais, é – juntamente com a do ‘convertido’ – a do ‘peregrino’. Associar modernidade com peregrinação pode parecer surpreendente; o peregrino, na história religiosa, aparece, de fato, bem antes do praticante regular. Ele aparece na história de todas as grandes religiões. A peregrinação não apenas não é uma característica específica do cristianismo, como também sua prática é atestada desde os primórdios. À primeira vista, portanto, o peregrino encarna uma forma extremamente antiga e perene da religião e da sociabilidade religiosa. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 87).

O nosso estudo se propõe a ser situado e não quer comparar o presente com o passado simplesmente, mas se esforça para traçar uma compreensão mais próxima do que vem a ser a “figura do peregrino” e ao mesmo tempo compará-la com a “figura do praticante”. Nosso olhar se fixa nas romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão, que tem um público, na sua grande maioria, de trabalhadores rurais, moradores de pequenas cidades, que não frequentam regularmente a paróquia (alguns nunca vão), socialmente de classe pobre.

É bem verdade que a figura do peregrino sempre existiu como forma de busca da humanidade. Primeiramente, para encontrar maneiras de sobreviver, e com o passar do tempo foi se descobrindo que o caminho correspondia a buscas de sentido para a própria vida. É um estilo de vida tão antigo e tão atual. Já a figura do “praticante”, segundo Hervieu-Léger, “definia os traços típicos de uma sociedade religiosa paroquial que serviu durante muito tempo de referência para a descrição da paisagem religiosa (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89).

No terceiro capítulo do livro de Hervieu-Léger, a autora faz uma comparação das duas figuras mencionadas, mas a meu ver precisaria de mais aprofundamento, porque no caso das romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão não dá para separar peregrino e praticante em dois modelos opostos de sociabilidade. Segundo ela “a figura do praticante e do peregrino se opõem, enfim, na medida em que encarnam dois regimes nitidamente distintos do tempo e do espaço religioso” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 99). O que acontece é que o típico romeiro e romeira do “Padrinho Ciço” se movimenta entre “o Templo e o Caminho”. É considerando o Templo, mas vai-se além dele. Há uma complexidade nessa relação, digo, complementariedade.

O romeiro e a romeira, de modo geral, têm traços de praticante e de peregrino. Na descrição comparativa entre as duas figuras, Hervieu-Léger diz que

o praticante se conforma a disposições fixas, que têm, por isso, um caráter de obrigação para todos os fiéis. Mesmo quando a observância é solitária, ela conserva uma dimensão comunitária. A prática peregrina, ao contrário, é uma prática voluntária e pessoal. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 98).

Ao nosso ver, não há dois modelos do religioso que estão em oposição, no caso das romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão. Através das análises e da pesquisa participante, não percebemos uma oposição entre a figura do praticante e a figura do peregrino como Danièle Hervieu-Léger aborda. A saber: prática obrigatória e prática voluntária; prática regida pela instituição e prática autônoma; prática fixa e prática

variável; prática comunitária e prática individual; prática territorializada (estável) e prática móvel; prática repetida (ordinária) e prática excepcional (extraordinária) (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 98).

Depois de escutar e conviver com centenas de romeiros e romeiras, sobretudo tomando depoimentos, temos uma linha de raciocínio que aprofunda uma abordagem do complemento e não da oposição. Contudo a contribuição de Hervieu-Léger revela-se particularmente importante para o estudo que se depara com um campo religioso que se mostra cada vez mais plural, como revelou os últimos dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

Tanto a contribuição de García Canclini, com um olhar latino-americano, a partir dos processos de hibridação, como também de Hervieu-Léger, com um olhar europeu, buscando trabalhar os processos de construção e transmissão das identidades religiosas na modernidade, iluminaram nossa pesquisa para um olhar mais aprofundado.

#### **4.3 Esteios da romaria: monsenhor Murilo, Ana Teresa, Annette Dumoulin e a releitura da Igreja em tempos do Papa Francisco**

Como ‘o Vigário do Nordeste ou como ‘o padre-romeiro’, padre Murilo é suficientemente inteligente para saber o que está fazendo. Sem as amarras da censura ele fica livre para fazer a grande Nação Romeira pulsar forte no coração dos nordestinos, reavivando a fé na Palavra de Deus, na devoção a Nossa Senhora das Dores e a admiração pelo padre Cícero Romão, e por outro lado, contribuindo para que as romarias continuem sendo o maior suporte da economia juazeirense (Daniel Walker)

Quando as religiosas, irmã Annette e Ana Teresa, chegaram a Juazeiro, à primeira vez, vieram como passageiras do trem que respeita os trilhos da cultura popular (Murilo de Sá Barreto).

O verdadeiro Pastor vai aonde deve ir.  
Arrisca sua vida, arrisca sua fama,  
arrisca perder sua comodidade, seu status,  
inclusive perder sua carreira eclesiástica,  
mas é um bom pastor.  
(Papa Francisco)

As romarias surgiram e se desenvolveram com diversos apoios de pessoas que dedicaram sua vida à causa dos romeiros e romeiras, e esse empenho convergiu plenamente com os anseios do Papa Francisco, que prega uma Igreja Católica em saída ao encontro dos mais pobres. Monsenhor Murilo de Sá Barreto foi uma dessas pessoas que por quase 50 anos desenvolveu um serviço ininterrupto aos romeiros e romeiras.

Murilo de Sá Barreto nasceu na cidade de Barbalha, no Vale do Cariri, em 31 de outubro de 1930. Na tradição de muitas figuras importantes como Hélder Câmara e padre Cicero Romão, Murilo entra para o Seminário da Prainha em Fortaleza e faz o curso de filosofia e teologia de 1952 a 1957. Foi ordenado sacerdote em 15 de dezembro de 1957 na Matriz da cidade de Barbalha, sua cidade natal. Em 1966 passou a pároco da Matriz de Nossa Senhora das Dores, no exercício de cujo cargo se manteve até o final de sua vida, em 2005.

Fotografia 11 - Monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto



Fonte: Arquivo da Matriz de Nossa Senhora das Dores do Juazeiro do Norte – CE

O monsenhor Murilo promoveu, de forma abnegada, o reencontro dos romeiros e romeiras com o padre Cícero Romão, a partir da mística das romarias. No início se sentia sozinho para manter a linha de defensor dos romeiros e romeiras que vinham ao Juazeiro de muitas regiões do Nordeste. Mas encontrou grandes colaboradoras na

figura das religiosas da Congregação de Nossa Senhora: irmãs Annette Dumoulin e Ana Teresa. Outra figura que não pode ser esquecida é Dom Fernando Panico (foi o quarto bispo da diocese de Crato: 2001 – 2016), que foi o responsável pela reabertura do processo de reabilitação do padre Cícero, tendo sido, desde então, o principal bispo defensor do padre Cícero Romão.

Monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto, pelo efetivo compromisso com a missão junto aos romeiros e romeiras, como também na formação educacional, cultural e religiosa do povo do Cariri, tornou-se uma das mais conhecidas, respeitadas e queridas figuras humanas do Cariri. Monsenhor Murilo foi - há 48 anos - pároco do Santuário Diocesano de Nossa Senhora das Dores de Juazeiro do Norte, paróquia cujo espaço de influência não se restringe aos limites geográficos dessa cidade, tendo ressonância pelas vastidões do Sertão, Agreste e Zona da Mata do Nordeste brasileiro. Sabemos que sua ação missionária ampliou-se também por cidades, povoados, vilas e sítios, onde habitava sem dúvida um fiel da nação romeira nordestina. Por tudo isso, Monsenhor Murilo sempre foi conhecido como o Vigário do Nordeste e sempre contribuiu, de forma significativa, para a divulgação e valorização do que se convencionou chamar de nordestinidade.

Monsenhor Murilo tinha uma visão ampla dos acontecimentos da cidade do Juazeiro do Norte. É dele a frase: “Juazeiro é um lugar de pouca geografia e muita história” (SÁ BARRETO, 1998). Tinha uma aguda curiosidade de compreender os acontecimentos e não dispensava para isso o estudo das ciências, como lemos em um de seus depoimentos:

Realmente, a pesquisa, em qualquer ramo das Ciências, encontra farto material para suas observações. O que se tornou abundante. Agora crescente, é o fenômeno de suas romarias. Justifico a expressão pelas peculiaridades de que se dotam as romarias de Juazeiro: são feitas, durante o ano todo; à cidade, e não só a um epicentro único; envolvem um Padre não reconhecido por santidade da Igreja, oficialmente; carentes de incentivos oficiais do governo; sem financiamento das companhias de turismo e sem reconhecimento da hierarquia eclesiástica. (SÁ BARRETO, 1998, p. 42).

Percebemos que o foco da atividade missionária do monsenhor Murilo eram as romarias, que tinham fluxo contínuo, isto é, o ano todo. Via a cidade como um grande santuário, onde o romeiro e romeira transformavam o Juazeiro num imenso santuário. O santuário era a própria cidade, que para a fé popular exalava santidade. Se colocava como defensor de um padre injustiçado e que não era reconhecido pela Igreja oficial.

Reclamava do abandono das autoridades para com o Juazeiro. E por fim faz uma queixa da hierarquia eclesiástica que não reconhecia e apoiava o que acontecia no Juazeiro (importante lembrar que dom Fernando Panico, que se colocou como grande defensor dos romeiros e romeiras, só assume a diocese de Crato em 2001).

O livro da vida do monsenhor Murilo tem muitos ensinamentos de alguém que por 48 anos conviveu com a realidade das romarias. Tem uma palavra forte a dizer a todo pesquisador. Assim ele continuou com seu olhar etnográfico:

a envolvência do sagrado, no contexto romaria, deve abranger ritual de origem, rito de ambulatório, chegada no Centro-Santuário. Em Juazeiro, a grande motivação inicial é a visita do Nordeste à Imagem de Nossa Senhora das Dores que se venera na igreja Matriz, Padroeira da Cidade. Mas, não se restringe a ela. Os romeiros se espalham na Cidade como num todo. Transformam Juazeiro num imenso Santuário, em que se visitam suas igrejas, pagam-se promessas, pisam-se o solo e o chão marcado pelo Padre Cícero. Enquanto isso, se transferem, suas experiências, fotografam-se e se revelam. Basta um ligeiro olhar, um diálogo atencioso com estes homens e mulheres que vestem roupas de promessa, cortam as ruas de nossa cidade, sem o menor acanhamento, para se ter tentação de perguntar, de admirar, de aprovar, de rejeitar. (SÁ BARRETO, 1998, p. 43).

Os protagonistas da romaria são os romeiros e romeiras e essa centralidade é fortemente percebida pelo monsenhor Murilo. Os testemunhos correntes que são dados sobre ele atestam sua defesa intransigente de todos que chegavam ao Juazeiro para fazer sua romaria. Ele faz um casamento muito explícito das duas figuras: do praticante e do peregrino (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 98). E assim diz:

Hoje as observações pastorais já cresceram mais. Saíram do anel de supervisão do alto e do poder, para uma observação de mais perto. Há desafios gritantes às equipes de pastorais de Santuário. O sujeito da romaria é o romeiro. Ele é o agente, é o ministro, é o protagonista. Não rechaça a presença da instituição hierárquica, até precisa do Padre, mas numa parceria de culto que completa. A romaria a Juazeiro exige uma definição pastoral que, de um lado guardasse fidelidade ao Evangelho e, de outro lado, não deixasse apagar a 'fumaça que ainda fumeja'. (SÁ BARRETO, 1998, p. 43).

A preocupação centra-se na pergunta fundamental: quem é o romeiro do Juazeiro? “É alguém de acentuada definição de pertença à Igreja, sua fé é comunitária e rica de símbolos, partilha, de gestos que tocam o Sagrado, é respeitosa, é existencial” (SÁ BARRETO, 1998, p. 44). O quesito de pertença à Igreja devemos entender no sentido lato, ou seja, em grande medida, o povo romeiro faz um caminho próprio por fora da instituição. Sua pertença é muito mais numa dimensão de rede e

ligações com grupos de romaria do que de assiduidade paroquial. E o monsenhor Murilo sabia muito bem desse movimento, por isso, chega a dizer que o romeiro e romeira não rechaçam a presença da instituição hierárquica, até precisam do padre, mas numa parceria de culto que completa. Essa percepção é muito importante porque afirma um reconhecimento do protagonismo da fé romeira, da fé peregrina que segundo Hervieu-Léger, “encarna uma forma extremamente antiga e perene da religião e da sociabilidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 87).

O seu olhar de grande observador não deixa passar o registro dos gestos de homens e mulheres que sinceramente encontram sentido através de sua prática ritual, como lemos em um de seus depoimentos:

A força maior dos gestos dos romeiros são os toques nas imagens, o movimento do corpo, o símbolo dos chapéus de palha, altamente significativo porque é companheiro de luta na vida dos nordestinos. A romaria de Juazeiro é uma Festa. São os simples que se encontram. São encontros que irmanizam e celebram. Uma celebração irrigada que escorre do rosto marcado pelas rugas e suor, a que se juntam lágrimas vezes contundentes e que falam a linguagem do silêncio, **que contesta sem ruídos orquestrados**. É uma **transusão de sangue vivo na alma devota**, desgastada por todas as forças do secularismo, por mudanças precipitadas na condução do serviço da Igreja. (SÁ BARRETO, 1998, p. 45, grifo nosso).

Texto belíssimo que expressa a alma do povo romeiro na sua sutileza. Quando diz que a romaria de Juazeiro é uma Festa é porque é nessa festa que o romeiro e a romeira fazem a sua Páscoa. Tem consciência de que “a prática romeira sente contestação, há muito tempo” (SÁ BARRETO, 1998, p. 45), por isso vê claramente que tem que se aproximar da “iluminação científica” (SÁ BARRETO, 1998, p. 45), para fundamentar e fazer valer uma experiência dos pobres que se expressa pela resistência contestatória, sem ruídos orquestrados. Para ele, a experiência romeira é algo tão forte que pode ser comparada com uma transusão de sangue na alma. Certa vez, quando perguntado sobre o que o romeiro e romeira buscam no Juazeiro, diz que

O romeiro é alguém que vem de sua terra à cidade de Juazeiro do Norte e traz no coração a devoção de Nossa Senhora das Dores e a veneração ao Pe. Cícero, que é também para ele, ‘Padrinho’. Em todo lugar que o Pe. Cícero pisou faz parte da caminhada mística dos romeiros. (MACIEL, 1999, p. 155).

Monsenhor Murilo sente que os desafios são muito avolumados e vê que é preciso estudar e aprofundar os acontecimentos do Juazeiro para ajudar o povo romeiro e toda a Igreja. Sente-se só para essa tarefa, porque “o padre do Juazeiro” era jogado no ostracismo em vários âmbitos e principalmente o eclesiástico. É em

relação à necessidade de um embasamento científico que situa o surgimento das irmãs de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho que colocaram seus estudos a serviço da Pastoral de Romaria.

as psicólogas da religião deitam seu olhar clínico, não para aumentar o currículo. Mas para ajudar a interpretar, desde a linguagem, até os sentimentos das massas sertanejas que elas vêem, não como procissão de miseráveis, senão como, inquietos de Deus, peregrinos de um espaço que não é o centro físico do mundo, mas é o referencial para relacioná-lo com o sagrado. (SÁ BARRETO, 1998, p. 46)

“Uma coisa é conhecer a romaria, outra coisa é experimentar” (SÁ BARRETO, 1998, p. 46), dizia monsenhor Murilo. Como pessoa do Sertão do Cariri, escutava os ensinamentos dos antigos, que diziam que a primeira condição para entender a história não é estudar a história, mas vivê-la. É fato que o saber de cada pessoa se funda nas raízes da experiência vivida e que esse saber é intransferível. Ele falava da religiosidade popular, que é um fenômeno existencial. É uma experiência de vida de um povo que tem uma característica essencial na formação humana e que se expressa como saber popular. O saber vem da experiência comum de um grupo que lhe tem dado motivo para iniciar a experiência e, ao mesmo tempo, continuar o caminho iniciado. É uma experiência que se expressa como fruto coletivo de um grupo que segue uma tradição que envolve muitas vivências incluindo a espiritual. Chamo isso de saber popular.

Carlos Rodrigues Brandão acrescenta:

O saber da religião popular é uma memória salva pelas redes sociais de trocas entre agentes e usuários, e uma memória viva, enquanto as unidades locais de sua reprodução preservam ativas as condições do trabalho coletivo dos especialistas do sagrado. As unidades de que falo são grupos de consenso, entre agentes de solo ou de duplas rezadoras, capelães, benzedeira, curandeiros, pais de santo de consultório; ou são equipes corporadas, com estrutura de valor político para dentro e de valor simbólico para fora, entre os agentes que trabalham em grupos – os chefes católicos de ternos de congos, de turmas de santos reis ou São Gonçalo, o pai de santo de terreiro e o dirigente pentecostal com ‘igreja’ formada. (BRANDÃO, 1980, p. 160).

Um bom exemplo de saber compartilhado ou comunitário temos nas romeiras e romeiros de regiões distantes do Juazeiro do Norte, que se articulam para promover as festas do dia 20 de cada mês, especialmente o dia 20 julho, em cada lugarejo, como também para organizar a romaria para o Santuário de Nossa Senhora das Dores. Nesse ínterim, cultivam o conhecimento de plantas medicinais. Havendo alguém doente, consultam-se umas às outras. Isso acontece no Juazeiro e nas

regiões de origem. Uma conhece uma planta ou raiz que cura, outra já sabe onde se acha essa planta. Esse fenômeno de sabedoria popular teve início no campo e hoje está presente fortemente nas periferias urbanas. O padre Cícero Romão ensinava o que aprendia, ou seja, como ele era uma fonte de informação, sabia muito sobre a vida do campo, incluindo a sabedoria popular sobre as ervas que curam.

Iniciou com o monsenhor Murilo o que se chama pastoral de romaria. A pastoral dedica-se a organizar e dar o suporte a tudo que acontece em torno das romarias. Em suas palavras,

A pastoral de romaria reclama estudo, exige atenção especial. A produção literária sobre as romarias de Juazeiro não escapou do carimbo. Ou se falam nelas, ou se falam delas (sobre). Fala-se e escreve-se, tendo-as, como assunto. E por muito tempo, assim, elas sofreram. Foram vítimas de observador, à distância. Por vezes, já compactuado com o preconceito. Ultimamente, aproximaram-se mais, os estudiosos da experiência, tornaram-se romeiros, vestiram a camisa. Surgiram daí fatos novos. (SÁ BARRETO, 1998, p. 47).

Relatando a chegada, pela primeira vez, das irmãs Annette Dumoulin e Ana Tereza no Juazeiro, monsenhor Murilo se referiu a passageiras do trem que respeita os trilhos da cultura popular. Mas quem são essas religiosas, estudiosas do fenômeno de romaria, do Juazeiro do padre Cícero Romão?

Irmã Annette Dumoulin é religiosa da Congregação de Nossa Senhora (CSA) e nasceu em Liège, Bélgica, no dia 14 de julho de 1935. Era muito criança quando viveu os horrores da guerra. É doutora em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. Foi membra do Centro de Psicologia da Religião da mesma universidade e professora nas faculdades de Teologia, Psicologia e Pedagogia. Em 1976, acompanhou Irmã Ana Teresa numa missão junto aos romeiros e romeiras do padre Cícero Romão, onde fundaram o Centro de Psicologia da Religião (CPR) e outras obras, como veremos. Foi, também, professora em diversos seminários e institutos de teologia, entre outros o da Prainha, em Fortaleza, o ITER (Instituto de Teologia do Recife - PE, como visitante no tempo de dom Hélder Câmara), e o Seminário São José, da Diocese de Crato - CE.

Figura 18 - Irmã Ana Teresa e Irmã Annette Dumoulin



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

Irmã Ana Teresa nasceu na cidade de Guaratinguetá – SP em 1935 e faleceu na cidade de Juazeiro do Norte – CE em 2013, aos 78 anos. Foi religiosa da Congregação de Nossa Senhora (CSA). Melhor do ninguém, a companheira de convivência e de pesquisa, Annette Dumoulin descreve quem foi Ana Teresa:

Nascida em Guaratinguetá, Therezinha Stella Guimarães (ir. Ana Teresa) é parente do primeiro Santo Brasileiro, Frei António de Sant'Ana Galvão. Ela viveu seus primeiros anos à sombra da Matriz Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Entrou na Congregação de Nossa Senhora, da ordem das Cônegas de Santo Agostinho, após seus estudos em Pedagogia na Faculdade Sedes Sapientiae, em São Paulo. Aos 39 anos, e com a experiência de alguns anos como diretora no Colégio Stella Maris, em Santos, ela se lançou na descoberta de um "outro Brasil": o Nordeste! Mas antes, fez dois anos de reciclagem em teologia e psicologia, na Bélgica. Na mesma época, a Universidade de Louvain me ofereceu um tempo de pesquisa no Brasil, na minha especialização em Psicologia da religião. Juntamos então nossos dois projetos e nos lançamos à descoberta do povo nordestino em Recife, no tempo da ditadura militar, sob o olhar profético de Dom Hélder Câmara. Durante doze meses, estudamos na escola dos pobres, nas CEBs, chamadas em Recife, "encontro de irmãos". Queríamos descobrir como nasciam as lideranças religiosas nessa área dinâmica da cultura popular, perseguida pelo regime militar da época. Alugamos uma casinha em Beberibe, na "Linha do Tiro" bairro pobre da Capital de Pernambuco, para nos aproximar o mais possível da realidade desse povo. Foi um ano muito proveitoso onde tivemos a chance de mergulhar no mundo das Comunidades Eclesiais de base. (ARRAES, 2012, p. 44-53).

O inesperado acontece, mas segundo a fé da Ir. Annette o que vai acontecendo na vida das duas está presente nos planos de Deus. A viagem para conhecer a terra do padre Cícero Romão foi decisiva para o futuro das duas e também para a pastoral da romaria no Juazeiro.

Mas os planos de Deus eram diferentes para nós: Maninha, uma vizinha, tinha pendurado na sua sala, um grande pôster de um homem, de batina, um padre... "Mas, quem é ele?" perguntava eu no meu português rudimentar da época. Maninha tentava explicar com gestos, palavras e emoções porque tinha tanta devoção nesse Padre... Ana Teresa se lembrava que se tratava do Padre Cícero, líder polêmico de um movimento religioso duvidoso do Nordeste, mas que estava em fase de extinção! Era isso que se sabia do Padre Cícero e de seus devotos no Sudeste do País, nos anos 60! Fomos convidadas pelos pais de Maninha, para conhecer Juazeiro. Mais do que curiosas, aceitamos sem hesitação. Passamos 10 dias na "terra da Mãe das Dores e do Padre Cícero", na casa de Seu Mocinho e Dona Tita, Rua Padre Cícero. Selvina, lavadeira da família, tinha se liberado de qualquer trabalho e compromisso para nos servir de cicerone. E que cicerone! Tinha passado algum tempo no Caldeirão, com o Beato José Lourenço. Era dessas mulheres sábias, descendente de índios, convicta de sua fé, e que nos oferecia, gota a gota, com prudência, o tesouro de seus conhecimentos em relação ao "mistério" do Juazeiro e do Padre Cícero. Ficamos "encantadas" a ponto de tomar a decisão de continuar nossas pesquisas não mais em Recife, mas nessa "mina a céu aberto" que é Juazeiro do Norte. A oposição silenciosa, mas determinada da Diocese de Crato, em relação às romarias a e ao Padre Cícero, nos questionava. Observamos ao mesmo tempo o isolamento e a coragem pastoral do Padre Murilo de Sá Barreto e de seu auxiliar, Padre José Alves, acolhendo com carinho e sabedoria os milhares de romeiros, ditos fanáticos, que acorriam na Matriz das Dores e na Capela do Socorro. Mais do que pesquisadoras, somos cristãs e religiosas consagradas na linha da opção preferencial pelos pobres. Essa situação não podia nos deixar indiferentes! E foi assim que, depois de semanas de reflexão e hesitações, numa noite de São João, na Serra do Catolé, a decisão foi tomada. Pegamos no chão uma cabaça ainda verde e gravamos nosso compromisso: "De todo jeito, voltaremos para o Juazeiro. Ana Teresa e Annette - 24 de junho de 1974". Foi nessa noite que Therezinha Stella Guimarães decidiu enfrentar anos de pesquisa para chegar, em 1983, a defender sua tese de doutorado, objeto desta publicação. Por que um tal esforço? Porque os pobres merecem que a gente se forme para servi-los! Com o apoio de Padre Murilo, planejamos abrir na Matriz das Dores dois centros complementares: "Psicologia da religião", e "Acolhida aos romeiros", cada Centro se alimentando do outro, numa dinâmica muito produtiva. (ARRAES, 2012, p. 44-53).

A pesquisa feita por Ana Teresa foi muito importante para dar elementos de análise para uma gama de pesquisadores do fenômeno padre Cícero Romão e as romarias.

A pesquisa feita por Ir. Ana Teresa em 1983, escrita em francês, e defendida em Louvain, Bélgica, demorou para ser publicada. Entretanto, ela não ficou apenas na prateleira empoeirada de uma biblioteca de Universidade. Ela nos serviu de alicerce para construir e realizar, durante mais de 30 anos, um projeto de Pastoral de Romaria na Matriz de Nossa Senhora das Dores, em colaboração com o nosso saudoso Pastor e Mestre, Padre Murilo. O estudo dos arquivos e da correspondência do Padre Cícero nos revelou também o verdadeiro rosto e a personalidade deste Sacerdote. Ir. Ana Teresa hesitou em publicar sua tese na sua apresentação árida, analítica, sistemática,

segundo as exigências da Universidade de Louvain. Alguns amigos, entre outros, Antônio Renato Casimiro e Daniel Walker, a convenceram a não diluir ou simplificar a apresentação, pois o método semiprojetivo utilizado era, até agora, único no seu gênero no campo de pesquisa sobre os romeiros do Padre Cícero. Valia a pena uma apresentação sistemática das etapas estatísticas, mesmo fastidiosas, do caminho escolhido pela pesquisadora. Comunguei com essa opinião. Quem sabe se, na leitura deste trabalho, um universitário não se entusiasmaria para reproduzir a pesquisa, com o mesmo método e rigor, hoje, 30 anos depois! Os estudos longitudinais são raros nesse domínio, mas ajudariam muito a verificar em que medida o papel do Padre Cícero junto ao Nordeste, está se modificando. (ARRAES, 2012, p. 44-53).

O próprio monsenhor Murilo, dá testemunho da descoberta das duas irmãs que estavam predestinadas a morarem no Juazeiro. No entanto, é sabido que teve algumas dificuldades no início ficando muito inseguro por causa da conjuntura eclesial. Durante quase cem anos pairava uma sombra nefasta sobre o Juazeiro. Annette Dumoulin guarda uma carta do monsenhor Murilo em que ele, temendo a repressão eclesial por parte do bispo da Diocese de Crato diz: “Não façam isso, não venham para o Juazeiro, não, não abandonem a faculdade! O bispo, Dom Vicente, me chamou ultimamente de aliciador de romeiro! Posso ser mandado embora para outra paróquia. E vocês?” (OLINDA, 2016, p. 254). Isso mostra a conjuntura complexa que era viver e trabalhar no Juazeiro naquele momento histórico. Mais de duas décadas depois da chegada das religiosas e estudiosas, ele escreve em uma publicação da paróquia que

estavam respondendo a um convite de vizinhos em Recife, que vieram para a reunião de cada ano e renovar a Consagração da Família ao Sagrado Coração de Jesus, prática da maior expressividade da religião do povo. Foi o suficiente para despertar o interesse científico, na vontade de esclarecer, alcançar o significado de outras maneiras interessantes de ler a fé do povo. Posteriormente, ofereceram-se para trabalhar com o povo. Escolheram as vizinhanças da rua do Horto, candelabro sempre aceso, da alma dos simples. Cresceram, investindo sempre no sentido de iluminar o relacionamento Pastoral e Ciência. (SÁ BARRETO, 1998, p. 48).

Falando da postura que o Santuário de Nossa das Dores deveria ter com os romeiros e romeiras, centra sua atenção e seu cuidado no acolhimento e nesse sentido as religiosas deram uma fundamental contribuição. Para a pastoral de romaria, uma ação concreta deveria ser o acolhimento e para isso deveria estar de prontidão. Essa preocupação deflagrou uma iniciativa de criar uma Sala de Informações para o romeiro e romeira. O acolhimento passou a ser a alma da romaria e para isso

O Santuário deve estar de prontidão. A romaria acontece nas dimensões geográficas do Santuário. Os romeiros pisam o chão, aproximando-se, devagar, dando voltas em torno da Igreja Matriz. Carregam os gestos e crenças sagradas e aceitam o universo, um tanto mágico. Colocam-se como de fora, porém dignos de uma atitude acolhedora. (SÁ BARRETO, 1998, p. 48).

É verdade que a postura da Diocese de Crato vai mudando ante as expressões religiosas dos fiéis em Juazeiro, consideradas durante muito tempo como práticas fanáticas e supersticiosas, sendo assim negadas e ignoradas por mais de sete décadas. Annette Dumoulin diz que juntamente com Ana Teresa descobriu, pouco a pouco, o isolamento do padre Murilo, pároco da Matriz de Nossa Senhora das Dores,

descobrimos a maneira incompreensível da atitude dos bispos, da hierarquia! Nós descobrimos que o romeiro era duas vezes excluído: primeiro, porque era pobre; segundo, porque era romeiro, sobretudo romeiro do Padre Cícero. Ora, na minha própria vocação, eu queria me colocar a serviço daqueles mais pobres, eu descobri nos romeiros os mais pobres dos pobres, quer dizer: os mais humilhados da parte de minha própria igreja, pecadora e santa. Dizem que é santa, acredito, mas eu acho que é mais pecadora do que santa, mas ela é santa! Tudo bem! (OLINDA, 2016, p. 248).

Chamamos de esteios da romaria, não por acaso, porque as romarias do Juazeiro não seriam o que são sem a contribuição de Murilo, Annette e Ana Teresa. Todo bom dicionário vai dizer que esteio é o mesmo que suporte, amparo, apoio, arrimo, base, pedestal, sustento. Os romeiros e romeiras encontraram, nessas pessoas, um canal de diálogo e compreensão para sua luta de resistência que se expressa no campo sócio-político-econômico-cultural. São muitas lutas para garantir o mínimo do mínimo que é deixar o povo pobre se expressar. Mais uma fala da irmã Annette mostra realmente o que estava e continua “à sombra do Juazeiro”:

Realmente, é necessário tirar sobretudo da cabeça dos intelectuais que a sabedoria popular não vale nada. Às vezes, somos tão pobres, tão fechados, tão pegados em livros e teorias! Não foi tão difícil para mim fazer essa conversão! Porque eu tinha tudo a aprender, chegando de outro mundo! Senti-me realmente ignorante! Vocês imaginem o que é ser belga, europeia, professora de uma universidade das mais conhecidas do mundo, Louvain, a mais antiga da Idade Média, de uma família de classe média, e querer entrar no mundo do Romeiro do Padre Cícero? Quer dizer, chegando aqui, eu precisei e quis realmente me deixar transformar, entrando no mundo do ‘outro’, guardando minha identidade, porque entrar no mundo do outro não significa perder sua identidade, suas raízes. Sim, acredito nisso! Mas é isso que é bonito e enriquecedor, continuando... belga, mas eu não sei como explicar. Vocês podem explicar melhor do que eu. Acredito profundamente que o pobre, o pequeno, o oprimido pode me ensinar uma coisa que eu ainda não sei. Acreditar mesmo! Não fazer de conta. Sempre eu penso assim: **se eu não consigo entender o que o**

**romeiro me diz, não é ele que é imbecil, sou eu que ainda não consegui entender!** Porque o que ele me diz tem a sua razão de ser, ele tem a sua leitura da vida, que não é a minha. Seu vocabulário está cheio de imagens, um pouco como a literatura de cordel! Ele é muito imaginativo, utiliza imagens, tem um pensamento mais abstrato! Eu percebo assim! Então, se eu não entendo a mensagem do romeiro é porque ainda sou 'burra', pois ele tem alguma coisa a me dizer e que faz sentido para ele. Eu tenho que me abrir mais para entender, eu posso não estar de acordo, isso é diferente, eu não posso engolir tudo o que ele diz como sendo a única e pura verdade e fazer disso a minha nova visão do mundo, a minha religiosidade. Por exemplo, eu não vou mudar necessariamente a minha maneira de ser cristã! Mas eu tenho que ser autêntica, acreditar que o que ele diz tem valor. (OLINDA, 2016, p. 239, grifo nosso).

Esses relatos imprimem uma marca de pessoas que levaram muito a sério o compromisso com os romeiros e romeiras do padre Cícero Romão. Para conhecer mais profundamente o mundo da romaria, é preciso deixar uma carga de preconceitos que só atrapalham de ver a realidade mais límpida.

As romarias do Juazeiro do Norte estão no rol de experiência vividas pelos pobres na América Latina e expressam um modelo de Igreja centrada nos pobres e marginalizados. Irmã Annette fala que os romeiros e romeiras são quatro vezes marginalizados por uma boa parte da sociedade brasileira: "porque são pobres, porque são nordestinos, porque são romeiros e, pior ainda, porque são romeiros do Padre Cícero!" (OLINDA, 2016, p. 11).

Essa realidade das romarias do Juazeiro traz presente um tema importante na Igreja Católica hoje, que é o da "Igreja em saída", convocado pelo Papa Francisco. A visão de Igreja contida na Exortação "A Alegria do Evangelho" do Papa Francisco tem como referência o magistério e a teologia da América Latina, que historicamente colocou a centralidade no pobre. A pessoa do pobre visto, não de maneira individual, mas de maneira coletiva.

Como não refletir teologicamente a partir desta situação de um Jó coletivo? Já se disse acertadamente que uma teologia que não incluir em seu quefazer esta questão de vida ou de morte não escapa do cinismo, da irresponsabilidade e da completa irrelevância histórica. Quem não escuta a voz do Crucificado nos pobres e oprimidos não está na herança do Jesus histórico e, no fundo, suas palavras são falsas e não tem nada a dizer a Deus nem nada a dizer sobre o Deus da revelação. (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 158).

A teologia latino-americana deu suporte e também se alimentou da rica produção de documentos episcopais produzidos após o Concílio Vaticano II. Segundo Comblin

O Vaticano II abriu as portas para a liberdade. Teve a ousadia de se deixar conduzir pelos textos do Novo Testamento. A constituição *Gaudium et Spes* reabilitou a liberdade. Imediatamente criou-se toda uma literatura teológica sobre cristianismo e liberdade. (COMBLIN, 2005, p. 314).

Essa constatação de Comblin se confirmou com as conferências que se sucederam. A saber: a II Conferência Episcopal em Medellín (1968), a III Conferência Episcopal em Puebla (1979), a IV Conferência Episcopal em Santo Domingo (1992) e a V Conferência Episcopal em Aparecida (2007). Dessa última, o Papa Francisco, ainda como cardeal, participou ativamente como relator.

A reflexão do Papa Francisco permanece marcada pela sua própria experiência, que pode ser percebida a partir de sua prática. Ele quis chamar-se bispo de Roma, em vez de Papa, demonstrando uma maneira colegiada de governar a Igreja. Deixou o palácio papal e foi morar numa hospedaria onde os padres que vêm a Roma se hospedam. Come junto com todos, na fila, dizendo, com humor: “assim é mais difícil que me envenenem”. Esse modo de vida cria escândalo para alguns e é sinal de “uma Igreja pobre e para os pobres” (BARROS, 2019, p. 88).

Fotografia 13 – Papa Francisco



Fonte: Arquivo da CNBB - Regional NE II

Francisco atraiu a ira de muitos porque rompeu com o casulo que aprisionava o bispo de Roma. Prefere o encontro existencial com Cristo à proclamação de doutrinas sobre Cristo. Deixa claro, em seus discursos, que é a pessoa de Cristo que salva e não as doutrinas. Incentiva o diálogo inter-religioso. Toma uma atitude ativa na inclusão de pessoas, grupos, Igrejas e religiões. O bispo de Roma tem a compreensão de que a Igreja deve ser como uma espécie de hospital de campanha que olha a pessoa humana em suas necessidades.

Em capítulos anteriores, vimos toda a trajetória do padre Cícero Romão e percebemos que, em muitos aspectos, ele agia na linha do que o Papa Francisco gostaria que todos os pastores fizessem. Sua maneira de agir pastoralmente era de uma convivência *direta* com o povo e isso acontecia pela sua dedicação e decisão de visitar todas as casas dos sítios, gesto que aprofundava sua relação com as pessoas. Era muito comum ser convidado para benzer uma casa, uma plantação e os animais. Era visto andando quase sempre a pé com aquela batina preta, um chapéu e o seu bastão. Nas andanças não cansava de dizer que “cada casa deve ser um santuário, uma oficina e cada quintal, uma horta” (COMBLIN, 2011, p. 42).

Padre Cícero Romão agiu, em toda sua vida, com amor ao pobre e por isso obedeceu a lei maior: amparar o desamparado e mostrar-lhe um caminho. O título pai dos pobres e padrinho vem dessa entrega e serviço aos pobres que ele amava do fundo do coração.

A releitura da Igreja em tempos do Papa Francisco nos possibilita fazer um paralelo com algumas ações do padre Cícero Romão, que antecipou alguns temas que seriam tomados pela Igreja quase cem anos depois. Um deles é a publicação dos 10 famosos mandamentos ecológicos. Vejamos:

não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau. Não toque fogo nem no roçado nem na caatinga. Não cace mais e deixe os bichos viverem. Não crie o boi nem o bode soltos: faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer. Não plante em serra acima, nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água da chuva. Represe os riachos de cem em cem metros ainda que seja com pedra solta. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer até que o sertão seja uma mata só. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só. (WALKER, 2009, p. 47).

Em 2015, o Papa Francisco lança a encíclica *Laudato Si: cuidando da Casa Comum* que o colocou, segundo os especialistas, na ponta da discussão ecológica integral, do mundo inteiro. Ele critica o consumismo e o desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global para combater a degradação

ambiental que só terá resultados práticos com a *ecologia integral* que incorpora a natureza, a sociedade, a política, a educação e a espiritualidade.

Dentro da abertura atual da Igreja Católica, por parte do Papa Francisco, e do reconhecimento da memória do padre Cícero Romão, poderíamos perguntar: por que, então, o padre Cícero Romão não é declarado santo pela Igreja? Alguns estudiosos escreveram sobre esse assunto, tentando entender a posição da Igreja, merecendo destaque para Leonardo Boff (2018) e Annette Dumoulin (2017, p. 229-245).

A partir de 2002, merece particular atenção a iniciativa da Diocese de Crato ao ter-se lançado na causa de revisão do Processo do padre Cícero Romão, com o objetivo fundante de promover estudos que desembocassem na sua reabilitação histórico-ecclesial.

Em 2006, junto à Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, volumoso estudo promovido por uma comissão de pesquisadores de todo o país, sob a coordenação da Diocese, foi protocolado junto a Santa Sé, coroado por uma petição que também foi assinada por 254 membros do episcopado brasileiro. Já no dia 13 de dezembro de 2015, dom Fernando Panico, então bispo da Diocese de Crato, durante a homilia, se dirigiu ao povo dizendo:

Hoje, por ocasião da abertura solene da Porta Santa da Misericórdia nesta Catedral de Nossa Senhora da Penha, quero anunciar com alegria, à querida Diocese de Crato e aos romeiros e romeiras do Juazeiro do Norte, um gesto concreto de misericórdia, de atenção e de carinho por parte do Papa Francisco para nós: a Igreja Católica se reconcilia historicamente com o padre Cícero Romão Batista. (O POVO, 2015).

Para o povo romeiro foi uma festa, mas o caso é mais complexo. Há razões técnicas que levaram a instância doutrinária a proferir as sentenças que passamos a comentar.

Leonardo Boff é um dos analistas da Igreja dos mais argutos e certos. Por anos viveu um processo disciplinar imposto pela mesma instância que cuida do caso padre Cícero Romão, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, por isso, com base em suas análises, passo a comentar o que se segue.

A Congregação da Doutrina da Fé, em 27 de outubro de 2014, afirmou num documento “não poder proceder à solicitação de reabilitação do sacerdote” padre Cícero Romão Batista (primeiro *Omnes*). Mas, quase de forma contraditória assevera que “julga oportuna, uma certa forma de reconciliação histórica...que coloque em luz

também os lados positivos de sua figura” (segundo *Omnes*).<sup>4</sup> Para entender esta aparente contradição, devemos entender a forma como esta instância doutrinária profere suas sentenças. Estas são de suas ordens: *de tuto* e *de vero*. Afirmção *de tuto* significa afirmação de “segurança” e de “prevenção”, sem querer decidir acerca da verdade do fato analisado. *De vero* é quando se quer decidir sobre a “verdade” do fato. Esta é a sentença mais peremptória. Tudo leva a entender, dada a segunda observação (*Omnes 2*), que a Congregação para a Doutrina da Fé se ateve ao aspecto da segurança (*de tuto*), que possui um valor menor, e não ao aspecto da verdade (*de vero*), que fecharia totalmente a questão (BOFF, 2018).

Isso fica mais claro na carta do Secretário de Estado do Vaticano, a primeira pessoa depois do Papa em autoridade, o Card. Pietro Parolin, enviada ao bispo dom Fernando Panico, em 20 de outubro de 2015. Este documento vem de uma instância mais alta que aquela da Congregação da Doutrina da Fé. O Card. Parolin, como Secretário de Estado, é a primeira pessoa após o Papa. Explicitamente escreve em nome do Papa Francisco. Deixa para trás a discussão do passado e vai logo ao centro da questão que é pastoral: põe em realce a figura de padre Cícero Romão Batista e a nova Evangelização, procurando concretamente ressaltar “*os bons frutos que hoje podem ser vivenciados pelos inúmeros romeiros que, sem cessar, peregrinam a Juazeiro atraídos pela figura daquele sacerdote*”. Insiste que se deve “por em evidência *aspectos positivos de sua vida e figura*, tal como atualmente é percebida pelos fiéis” (DUMOULIN, 2017, p. 237).

O ponto alto da afirmação do Card. Parolin se encontra no número 5 de sua carta em que descreve o perfil pastoral da Igreja com que o Papa Francisco sonha:

No momento em que a Igreja inteira é convidada pelo Papa Francisco a uma atitude de saída, ao encontro das periferias existenciais, a atitude do Padre Cícero em acolher a todos, especialmente aos pobres e sofredores, aconselhando-os e abençoando-os, constitui, sem dúvida, *um sinal importante e atual*. [...] a presente mensagem foi redigida por expressa vontade de sua Santidade o Papa Francisco. (DUMOULIN, 2017, p. 241).

Temos aqui, portanto, um pronunciamento da autoridade papal, a mais alta da Igreja, abrindo o caminho para a reconciliação com uma pessoa que teve a vida marcada por intenso trauma que se configurou através do seu afastamento por longo

---

<sup>4</sup> *Padre Cícero e a questão religiosa de Juazeiro: reconciliação... e agora?* É uma obra que explora a questão da carta de reconciliação da Igreja em relação a padre Cícero e apresenta a situação atual da questão. Talvez seja a mais recente publicação sobre o padre Cícero Romão.

período da Igreja. No meio de todas as tribulações da vida do padre Cícero Romão, o povo dos pobres nunca o esqueceu. O Patriarca de Juazeiro teve muitos inimigos e detratores, mas jamais lhe faltou a confiança do povo simples. Havia um reconhecimento da figura do sacerdote, que encarnava para o povo pobre a pessoa do Cristo de maneira visível, como também era extremamente acessível e compreensível.

Durante muitos anos, os romeiros e romeiras, independentemente do aguardo, aos reclamos de diversas épocas, por uma reabilitação histórico-eclesial, proclamam na sua linguagem em ritmo de cordel:

Meu Padrinho é padre santo / como ele outro não há / pois tudo que  
 ele recebe tudo de esmola dá.  
 Assim foi fazendo o bem / que ele tão grande ficou / e seu nome corre  
 o mundo / e nobre fama tomou.  
 Para ter uma batina / era preciso lhe dar / pois dinheiro não guardava  
 / para ele mesmo comprar.  
 Somente por estes atos / de tanto desprendimento / de tanto amor ao  
 seu próximo / de tanto devotamento.  
 É que dois sertões longínquos / para aqui foram chegando / levas e  
 levas de gente / segura fé procurando.  
 Por isso depois um dia / Deus lhe querendo mostrar / o quanto pode a  
 virtude / o bom caminho trilhar.  
 E pela Graça Divina / na primeira sexta-feira / de março de oitenta e  
 nove / E da quaresma a primeira.  
 Permitiu-lhe que um milagre / nesta aparecesse / que o sangue de  
 Jesus Cristo / pelas suas mãos corresse.  
 Em uma mocinha pobre / sem parente e sem posição / quase preta,  
 sem parente / mas pura de coração.  
 Foi então que se manifestou / o fato que admirou / a quem viu sem se  
 enganar / mesmo a quem depois negou. (CAMPINA, 1985, p. 2013).

No próximo capítulo, passaremos para as análises das entrevistas, que estão agrupadas em cinco blocos discursivos. No entanto, em toda a elaboração da tese, a teoria está imbricada, construindo o desenvolvimento do objeto teórico, da metodologia e das análises.

## CAPÍTULO V: A MÍSTICA ROMEIRA NO TECER DAS TRAMAS E ENTRELAÇAMENTO DOS DISCURSOS

### 5.1 Introdução

O estudo do movimento religioso de Juazeiro e do Pe. Cícero revela um potencial 'subversivo' escondido sob as aparências de passividade alienada (Therezinha Stela Guimarães).

O silêncio é assim a "respiração" (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido (Eni Orlandi).

"Yo lo he visto con mis ojos" (Antoine Vergote).

As Ciências das Religiões são desafiadas pelas expectativas da sociedade a prover informações e análises significativas que sejam relevantes para a solução de questões realmente importantes, e o fenômeno das romarias do Juazeiro do Norte é uma delas. Este estudo rompe com as hermenêuticas redutoras porque não se fecha em uma versão concebida de modo estreito do estudo das religiões, seja pelo aspecto mais cognitivo ou, de outra forma, pela abordagem dialógica. Já aludimos em capítulos anteriores que buscamos argumentar com o método que lida com as complexidades.

A presente pesquisa não tem a pretensão de apresentar inovações no campo metodológico. Ela se apoia em métodos de pesquisa empíricos que foram introduzidos no decorrer do trabalho. Não nos propomos a um estudo estatístico, mas a uma apresentação por meio de dados empíricos, de entrevistas com os participantes, de impressões e sentimentos pessoais, com base nos quais se desenvolve uma interpretação.

A assim denominada mística ou a procura por uma mística religiosa é bastante abrangente. Para compreendermos mais a fundo a mística romeira, temos que adentrar no significado de uma mística rural, que se refere ao sentido religioso com o qual o agricultor compreende seu mundo, a terra, a vida e o trabalho. Há uma cosmologia rural como pano de fundo. A propósito, 70% de

romeiros e romeiras que deram depoimentos são de área rural ou oriundas dela, correspondendo a vários Estados do Nordeste.

Tabela 1 - Distribuição da amostra – frequência de uma década (2006-2016) - por número de participantes que visitou Juazeiro do Norte - CE

ESTADO	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>ALAGOAS</b>	45.182	42.268	47.508	37.357	42.097	49.255	44.963	56.857	44.698	41.189	41.749
<b>BAHIA</b>	921	1.362	1.111	1.048	1.051	988	675	1.209	932	923	1.009
<b>CEARÁ</b>	3.722	3.051	3.240	3.461	3.625	5.437	3.900	4.762	3.840	3.980	3.730
<b>DISTRITO FEDERAL</b>	0	0	577	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>MARANHÃO</b>	3.952	2.970	3.274	4.081	4.104	4.467	3.632	4.652	5.048	4.125	3.780
<b>MATO GROSSO</b>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	0
<b>PARAÍBA</b>	31.218	33.583	34.072	34.051	36.551	35.741	29.967	38.096	38.698	37.666	33.763
<b>PARÁ</b>	0	0	152	43	0	0	91	0	0	0	0
<b>PARANÁ</b>	0	0	46	0	0	0	50	0	0	20	5
<b>PERNAMBUCO</b>	73.122	68.868	69.342	65.794	68.346	76.038	64.070	68.815	68.101	63.456	68.620
<b>PIAUI</b>	17.252	15.379	14.885	15.197	17.583	16.573	13.680	18.728	18.965	16.574	16.204
<b>RIO DE JANEIRO</b>	0	0	0	0	0	60	1	0	5	0	0
<b>RIO G. DO NORTE</b>	24.514	29.751	26.507	26.127	27.742	29.178	18.213	28.659	26.885	25.180	23.686
<b>SERGIPE</b>	3.181	3.866	5.851	4.068	3.854	4.039	4.052	4.493	5.407	4.210	4.797
<b>TOCANTINS</b>	56	27	91	106	123	159	111	76	129	129	50
<b>SÃO PAULO</b>	14	9	5	12	66	26	30	53	31	93	167
<b>TOTAIS</b>	203.134	201.134	206.661	191.345	205.142	221.961	183.435	226.400	212.739	197.595	197.560

Fonte: Centro de Informação Romeiro da Basílica Nossa Senhora das Dores – Juazeiro do Norte – CE

A cultura rural é um espaço de construção de símbolos sobre a vida, sobretudo quando se trata da cultura sertaneja, como vimos no primeiro capítulo, perpassada por elementos indígenas. A cultura rural tem um encantamento próprio. Os romeiros e romeiras vivem uma experiência de devoção que é uma porta aberta à vivência do “maravilhoso”. Eles e elas são levados a viver e santificar o momento presente. A vida assim é vivida sem dramas e heroísmos. Há uma profunda discricção na vivência da mística romeira.

Uma característica forte da mística romeira é a oração, mas sua forte experiência de oração vem pelo corpo através dos pés. A romaria passa a ser uma “oração espacial” (DUMOULIN, 1990). Os romeiros e romeiras caminham para um lugar. Lá, colocam seu pensamento e seu olhar.

O caminho re-arruma o espaço vivido e naturalmente re-arruma a própria vida. Tomemos como exemplo o romeiro e a romeira que fazem sua romaria para o Juazeiro do padre Cícero Romão. É dado a ele e a ela a possibilidade de organizar-se interiormente. Muitos se preparam por meses e até anos para partir em romaria. Na linguagem dos salmos bíblicos, se chama “ter o coração recolhido” (PEREGRINO, 2019, p. 115).

A romaria torna-se uma verdadeira Páscoa para a romeira e romeiro. É um deleite para a alma. Isso explica o ritual de voltar a cada ano ao mesmo lugar. Nesse sentido, a experiência ritual realizada com autenticidade resgata a integridade do ser humano. E a romaria passa a ser um grande ritual de passagem (GENNEP, 1987). A própria vida é um grande ritual de passagem e nesse caso a romaria é uma materialização da passagem. A romaria se impõe como um ritual dentro de um processo vivido (TURNER, 1974). Na experiência de uma romaria ou peregrinação acontece a união entre corpo, mente, alma, espírito. Por princípio, cada rito supõe uma ação. A ação corporal é, portanto, central para sua realização. O espírito expressa-se no corpo. Tal como ressaltado por Gaiarsa, quando diz que “nossas atitudes psicológicas e espirituais têm tudo a ver com nossa postura corporal” (GAIARSA, 1991, p. 18). E isso forma uma unidade e é por essa unidade que o ser humano pode ter acesso ao divino, ao transcendente. Aqui acontece a “inteireza do ser” (BARONTO, 2000, p. 19) que possibilita uma forte vivência mística.

### **5.1.1 Constituição do corpus discursivo**

A constituição de um corpus discursivo é, de fato uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa (Jean-Jacques Courtine).

Neste capítulo, apresentamos a Análise de Discurso de linha francesa (AD) em sua constituição, a partir de seus postulados teóricos e analíticos, como também mobilizamos, ainda, uma interface com os Estudos Culturais.

A Análise de Discurso surgiu no contexto da França no final dos anos sessenta com os trabalhos pioneiros de Michel Pêcheux. Nos anos sessenta e setenta do século XX, a intelectualidade francesa faz discussões aprofundadas e rupturas em torno do Materialismo Histórico de Althusser, da Linguística Estrutural de Saussure e da Psicanálise, com a releitura lacaniana de Freud.

Tudo isso foi importante porque

de um lado, com o progresso da Linguística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo. Isto permitia à análise de discurso não visar o que o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto) mas como um texto funciona. De outro, nesses mesmos anos, há deslocamento no modo como os intelectuais encaram a “leitura”. Este fato pode ser pensado a partir de trabalhos como os de Althusser (Ler Marx), de Lacan (a Leitura de Freud), de Foucault (a arqueologia), de Barthes (a Relação leitura/escrita). Há o que designo como suspensão da noção de interpretação. A leitura aparece não mais como simples decodificação, mas como a construção de um dispositivo teórico. [...] um sentido preciso que leva em conta a materialidade da linguagem, isto é, sua não-transparência e coloca a necessidade de construir um artefato para ter acesso a ela, para trabalhar sua espessura semântica – linguística e histórica – em uma palavra, sua discursividade. (ORLANDI, 2001, p. 21-22).

Os estudos antropológicos avançaram e com eles vão se assumindo novos paradigmas. O discurso assume uma conotação dentro de cada realidade e contexto. A consciência humana é estruturada no pensamento pelas formas de comunicação e o pensamento é devedor do meio através do qual o conhecimento é adquirido. E a linguagem é vital para o ser humano enquanto ser social e para o desenvolvimento de qualquer cultura.

Para apreender o discurso dos romeiros e romeiras, se faz necessário adentrar no seu esquema mental. As romarias, por sua vez, correspondem a uma necessidade de contatos e de troca. Após a romaria, o romeiro e a romeira retornam para casa reconfortados e encorajados para enfrentar arduamente mais um ano.

A partir de sua rica experiência, procura-se transmitir, através de palavras, o vivido no concreto. Temos aqui o limite para este tipo de abordagem. É o limite da interpretação desta história e a passagem da oralidade para a escrita. É sempre um desafio para o cientista da religião fazer essa passagem. Ele sabe que convive com um limite de não conseguir expressar toda a riqueza que viu no campo através da tinta e do papel.

A história de como acontecem as romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão nos coloca diante de uma pluralidade católica. Em capítulos anteriores, vimos que o catolicismo introduzido e desenvolvido através das romarias é marcadamente laico e sem a ortodoxia e a disciplina clericais pretendidas pelo processo de romanização. Esta é uma das razões de sua polissemia (BRANDÃO, 1986, p.112). Que, no caso específico da área estudada, traduz-se pela sobrevivência de um catolicismo popular que se expressa também através de um discurso. Segundo Eni Orlandi, a Análise do Discurso de linha francesa pecheutina (Análise do discurso pecheutiana, AD pecheutiana ou AD, apenas), visa fazer compreender

como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma 'chave' de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2001, 26).

Para o cotejamento das entrevistas, aplicaremos os procedimentos da Análise do Discurso, observando a repetição (paráfrases) e o que é novo (polissemia). No desenrolar do discurso, há uma tensão entre o mesmo e o diferente. O simbólico e o político estão sempre se confrontando. Isso porque todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo amplo e constantemente em continuidade.

Decorre daí a afirmação de que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (ORLANDI, 2001, 38).

A realidade está sempre sendo construída e é permanentemente cambiante. É importante perceber que não são as informações genéticas que fazem o sujeito ser ou sentir-se romeiro e romeira, mas sua posição-sujeito marcada pela historicidade a partir de uma memória discursiva, tocada pelas formações imaginárias do que é ser um romeiro. “O imaginário faz

necessariamente parte do funcionamento da linguagem (ORLANDI, 2001, p.42). Acerca disso, Pêcheux (2014) esclarece que a memória deve ser entendida como nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória do historiador.

As imagens constituem o processo de elaboração discursiva, pois se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem e às condições de produção. Isto é, as relações de forças (protagonistas), as relações de sentido (um discurso em relação a outro) e de antecipação (representação do discurso), condicionados pelas formações imaginárias. No discurso, as relações entre esses lugares, definíveis acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” (DURAND, 1989) que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Vale também ressaltar que a relação de sentido postula que não há discurso original, isto porque todo discurso faz parte de um processo, ou seja, é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos. A própria incompletude do ser humano respinga na condição da linguagem.

Outra dimensão importante é perceber os processos metafóricos como um mecanismo presente em todo processo de produção de sentidos. A metáfora passa a possuir a noção de “transferência”, o modo como as palavras significam. Deduzimos, nessa maneira de entender, que não há sentido sem metáfora, como bem expressou Pêcheux:

o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se “revestem de um sentido” não poderia ser predeterminado por propriedades da língua, pois isto seria admitir que os elementos já estão dotados de sentido. De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, sinônimos), das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. (PÊCHEUX, 2014, p.239).

Outro elemento importantíssimo é o silêncio, o que não é dito ou está silenciado. É preciso perceber que há silêncio nas palavras. Como descobrir isso na trama que envolve os romeiros e romeiras do Juazeiro do padre Cícero Romão? Vamos ver que há um processo de produção de sentidos silenciados

que nos faz entender uma “dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do ‘implícito’” (ORLANDI, 1995, p.12).

A Análise do Discurso nos ajuda a entender que o silêncio se impõe por ele mesmo. Quando não se está falando, não quer dizer que estamos mudos, mas que estamos em silêncio. Nesse silêncio se processa o pensamento, a introspecção e a contemplação. Ao refletir sobre o silêncio, Orlandi é bem clara quando diz que

o nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isto se expressa pela urgência dizer e pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano. (ORLANDI, 1995, p. 38).

É claro que o silêncio que se fala aqui não é ausência de sons ou de palavras, mas trata-se do silêncio fundador, ou fundante, princípio de toda significação, fazendo parte de uma totalidade. Esse silêncio deve ser entendido como sentido e considerado parte fundamental na história dos seres humanos. Sabe-se que a história humana vive da incompletude do sujeito que pode ser compreendida como trabalho do silêncio. A constituição do sujeito e do sentido passa pelo silêncio. Isso porque

o sujeito tende a ser completo e, em sua demanda de completude, é o silêncio significativo que trabalha sua relação com as diferentes formações discursivas, tornando mais visível a sua contradição constitutiva. Sua relação com o silêncio é sua relação com a divisão e com o múltiplo. (ORLANDI, 1995, 80).

Como não se pode estar fora do sentido, assim como não se pode estar fora da história, daremos voz ao discurso dos sujeitos de nossa pesquisa: os romeiros e romeiras. Nossa pesquisa traz à baila a noção de real do discurso buscando o sentido, por isso sua relação com a paráfrase, a polissemia e com o interdito e o silêncio. Interessa-nos aqui basicamente demonstrar como chegamos a captar, nos meandros do texto, o eixo articulador do discurso da entrevista. Embora, sabemos que muito da entrevista se passa em nível inconsciente. Assim, procedemos a inúmeras leituras da entrevista, com o objetivo de captar os eixos que articulam a produção discursiva provocada pela situação da pesquisa.

Ficamos muito atentos às repetições, às resistências, às passagens ininteligíveis, às lacunas, aos lapsos, esquecimentos, reticências, silêncios, e as

contradições foram tomadas como momentos privilegiados que apontariam aquilo que conscientemente não se destinava a ser comunicado, como também as falas fortuitas que permitiram explicitar o processo que estruturou a entrevista. Por fim, buscamos as cadeias associativas detectáveis no discurso e as constelações de associações resultantes.

Para isso, analisamos dois grupos envolvidos nas romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão. O primeiro refere-se aos próprios romeiros e romeiras, sujeitos das romarias. O segundo grupo são os pesquisadores do lugar, o que envolve professores, agentes de pastoral, lideranças religiosas e pesquisadores em geral. Daí juntamos o material para compor o corpus discursivo de análise da pesquisa.

De posse da teoria da Análise do Discurso, inquietamo-nos ainda mais para seguirmos em busca de uma investigação que respondesse às seguintes questões de pesquisa:

(Questões aplicadas aos romeiros e romeiras)

- (i) Você é romeiro do Juazeiro há quanto tempo?
- (ii) De quantas romarias ao Juazeiro você participou até hoje?
- (iii) O que você acha mais importante, que gosta mais nas romarias do Juazeiro?
- (iv) Nos últimos 30 anos você observa algumas mudanças nas romarias do Juazeiro?
- (v) E na sua vida, o que mudou durante este tempo? Você poderia dar alguns exemplos?
- (vi) O que não mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?
- (vii) Além das devoções, quais são outras atividades que você gosta de fazer no Juazeiro?
- (viii) O que explica essa perseverança dos fiéis romeiros em continuar sua devoção nas romarias?
- (ix) Você sabe que durante muito tempo a maioria dos padres era contra meu padrinho e agora estão se aproximando. A Igreja Católica reconhecendo que ele é santo, o que pode mudar?

(Questões aplicadas aos pesquisadores e pesquisadoras do padre Cícero Romão e das romarias)

- (i) Você tem contato com as romarias do Juazeiro há quanto tempo?
- (ii) Nos últimos 30 anos você observa algumas mudanças nas romarias do Juazeiro: o que mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?
- (iii) O que não mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?
- (iv) Como você vê o turismo no Juazeiro do Norte? Ele mudou o jeito de ser das romarias?
- (v) O que Juazeiro representa para os romeiros?
- (vi) O que explica essa perseverança dos fiéis romeiros em continuar sua devoção nas romarias?
- (vii) Com o reconhecimento do padre Cícero Romão Batista por parte da Igreja Católica Romana (abrindo caminho para o seu processo de canonização), o romeiro está ameaçado em perder seu protagonismo nas romarias?
- (viii) Ao final deste depoimento, quais as suas últimas palavras?

Dessa forma, evidenciamos, como principal questão a ser respondida neste trabalho, o modo como o discurso dos sujeitos da romaria do Juazeiro funciona, pois para a Análise do Discurso de linha francesa, teoria e procedimento analítico deste trabalho, importa como o discurso funciona, por meio das marcas da historicidade presente nele, pelo atuar da ideologia na exterioridade que é constitutiva de todo o enunciar, de todo o dizer.

Em se tratando da fala dos romeiros e romeiras, temos uma gama de informantes que nos possibilitam aprofundar algumas afirmações que fazemos no percurso de nossa análise.

Para demonstrar o conteúdo do discurso dos romeiros e romeiras, relataremos uma amostra de nossa pesquisa de campo, levando em conta a entrevista estruturada aplicada na ocasião. Da parte dos praticantes das romarias, escolhemos o depoimento de um romeiro sergipano que já tem 54 idas de romaria ao Juazeiro. Sr. Eloi tem origem rural, mas desenvolveu várias atividades na cidade. Vejamos:

**Nome: Eloi Alves de Santana**

**Qual sua idade: 77 anos**

**Qual sua cidade: Monte Alegre – SE**

1. *Você trabalha, já trabalhou em que?*

*Resp. Trabalhador rural, mas atualmente aposentado como educador e engajado no trabalho da paróquia.*

2. *Você conhece as romarias do Juazeiro há quanto tempo?*

*Resp. Desde 1978, e até hoje, já participei de 54 romarias. O mais importante para fazer essas romarias, acredito que seja o nosso histórico do Padrinho Cícero, através da conversa dos antigos, como minha sogra, minha esposa ou meus compadres e eu vim conhecer como turista, mas a jornada para as pedras fizeram com que eu continuasse vindo para o Santo Juazeiro. No ano passado vim quatro vezes.*

3. *Nos últimos 30 anos você observa algumas mudanças nas romarias de Juazeiro?*

*Resp. Primeiro nos Transportes, porque tive o conhecimento de pau de arara, muitos romeiros vinham a pé e por animais. Houve essa mudança, através da Polícia Federal e também o comportamento dos romeiros, muitos vêm como turista, para se divertir, mas não tem nenhuma devoção. Eu conheço pessoas que não conhecem uma só igreja do Juazeiro.*

4. *O que não mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?*

*Resp. A fé dos romeiros que têm fé no meu Padrinho Cícero, seja sair do Rancho até o Santo Sepulcro, a pé, fazendo penitência, contando histórias que os mais antigos nos contavam, aquela pedra do taboado onde lá meu padrinho Cícero descansava de meio-dia e saía daqui meia-noite, para ficar lá. Isso toca muito na gente, agora à noite. Eu me encontrei com uma romeira, que há 22 anos que nós nos encontramos, e ela disse que eu falei sobre um negócio lá nas pedras, e imediatamente aconteceu: uma filha matou o pai e se enganchou na pedra e eu disse a ela olha você tem um grande pecado e nós a tiramos a pulso, enganchada que rasgou as pernas dela toda*

5. *Como você vê o turismo no Juazeiro do Norte, mudou o jeito de ser das romarias?*

*Resp. Isso mudou o jeito de ser das romarias, sim, porque é mais seresta, bebedeira, só curtidão, os banhos de piscina, e também não participam. Alguns*

*que ficam na ali na Praça da Matriz, impede até da gente entender o que os padres estão celebrando na missa.*

**6.** *Como se explica essa perseverança dos fiéis em continuar sua devoção?*

*Resp. Porque acreditamos que meu padrinho foi um enviado por Deus, com a tradição de tudo que nós ouvimos dos antepassados e participando disso, faz crescer a fé naqueles que tem fé no Jesus Cristo Salvador, e que meu padrinho Ciço foi um mensageiro d'Ele.*

**7.** *Com o reconhecimento do padre Cícero Romão Batista por parte da Igreja Católica Romana abrindo o caminho para o seu processo de canonização o Romeiro está ameaçado em perder seu protagonismo nas romarias?*

*Resp. Olhe, eu acho que meu padrinho disse que nas horas da partida dele desse mundo que ele ia para o Céu. E a própria Igreja iria fazê-lo retornar na pessoa dos próprios romeiros de fé. Eu lembro que, quando foi encaminhada a primeira documentação para Roma, veio uma resposta para Monsenhor Murilo, que se a Igreja pagasse 50 mil dólares o processo ia sair, e Monsenhor Murilo perguntou se poderia enviar esse dinheiro, os romeiros gritaram “não!” Pois ele já era santo não precisava de Papa nem Cardeal nem padre para santificá-lo, porque ele já é santo desde o dia que nasceu. Aí você vê agora tudo interessado pelo meu padrinho. Os que fazem parte daqui da diocese. Hoje, tem interesse que quanto antes ele seja liberado um santo, porque vai melhorar a situação da Igreja financeiramente, e nós sabemos, que tem padre que gosta muito de dinheiro.*

Como amostra também relatamos o conteúdo do discurso de um dos historiadores do lugar. Chamamos de historiadores do lugar aquelas pessoas de variadas atividades como professores e professoras, escritores e escritoras, poetas e poetisas, contadores e contadoras de história entre outras. Vejamos o que disse um grande pesquisador e escritor juazeirense:

**Nome: Daniel Walker Almeida Marques**

**Qual sua idade? 71 anos**

**Qual sua cidade? Juazeiro do Norte -CE**

**Você trabalha, já trabalhou, em quê?**

*Estou aposentado. Fui professor adjunto da Universidade Regional do Cariri-Urca*

*1. Você tem contato com as romarias do Juazeiro há quanto tempo?*

*Resp. Desde os anos 60, nos meus tempos de jovem, pois morei perto da Igreja do Socorro onde está sepultado o padre Cícero, local muito visitado pelos romeiros. Antes fui apenas observador, depois passei a ser estudioso das romarias. Antes, como espectador, não entendia o seu verdadeiro significado; hoje, como estudioso, sei muito bem o que elas representam como vitrine de uma religiosidade popular de fisionomia peculiarmente nordestina e de beleza sui generis.*

*2. Nos últimos 30 anos você observa algumas mudanças nas romarias do Juazeiro?*

*Resp. Nos últimos trinta anos as romarias de Juazeiro sofreram grandes transformações dentro dos mais variados aspectos. Mudou o perfil do romeiro do ponto de vista religioso, social e econômico. E as romarias como um todo também sofreram transformações pontuais, mas sem destruição das bases de sustentação. Os romeiros, por conta da melhoria no poder econômico, social e cultural, passaram a ter uma nova linha de consumo, não ficando apenas no consumo de artigos religiosos como era mais comum no começo. Ultimamente os romeiros vão até ao shopping! Usam celular, tem e-mail e atuam nas redes sociais. Os mais antigos e tradicionais, ainda são mais apegados à religião e à Igreja, participando ativamente dos atos religiosos; os mais jovens também fazem isso, mas em menor escala, e usam parte do seu tempo em Juazeiro para participar de outras atividades, como passear pela cidade, frequentar as praças e os locais de lazer. As romarias que antes tinham o caminhão pau de arara como único meio de transporte dos romeiros, hoje utilizam com maior intensidade os ônibus, havendo agora um número bem reduzido de paus de arara. Isto porque as estradas melhoram consideravelmente, a fiscalização nos postos rodoviários ficou mais intensa e o perfil econômico dos romeiros melhorou, possibilitando a opção por um meio de transporte mais seguro e confortável. Também já se observa uma considerável migração de romeiros para outras religiões, causando diminuição do número de romeiros nas famílias que antes vinham a Juazeiro sendo toda a família católica e devota de padre Cícero e da Padroeira, Nossa Senhora das Dores. Mas sempre há ingresso de novos*

romeiros, possibilitando estabilidade. Hoje há também uma novidade: romeiros jovens que vêm sem os pais, formando grupos organizados por eles mesmos. Isso no passado não ocorria. Houve também uma grande mudança na forma de vestir. Os romeiros estão atualizados com a moda. O chapéu de palha é atualmente coisa rara. Em seu lugar está o chapéu de ráfia importado da China. É a modernidade destruindo a tradição.

3. O que não mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?

Resp. Não mudou ainda a devoção dos romeiros a padre Cícero e à Mãe das Dores. Os romeiros são devotos fieis.

4. Como você vê o turismo no Juazeiro do Norte? Ele mudou o jeito de ser das romarias?

Resp. Sim o turismo está mudando o jeito de ser das romarias de Juazeiro, e isso é inevitável. A presença do ônibus como meio de transporte mais usado é um indício disso. Hoje junto com as romarias está proliferando o turismo religioso e não há como deter essa nova tendência. É um processo de transformação natural e era esperado. A cidade vê hoje o turismo religioso como um grande canal econômico e o estimula, pois é formado por gente de poder aquisitivo maior do que o dos peregrinos, oriundos geralmente das zonas rurais e cidades pequenas do interior nordestino. É possível que num futuro mais distante o turismo religioso prevaleça, descaracterizando as romarias tradicionais, como já ocorre noutros grandes centros de peregrinação, como Aparecida, por exemplo. Mas ainda tenho esperança de que a marca da nordestinidade irá continuar... por conta do carisma especial do padre Cícero.

5. O que Juazeiro representa para os romeiros?

Resp. Para os romeiros Juazeiro será sempre a Terra das Mãe de Deus ou Mãe das Dores como pregou o padre Cícero. É o “refúgio dos naufragos da vida”, como também disse o padre Cícero. A espacialidade romeira existente em Juazeiro e o Roteiro da Fé (criado pelos romeiros) são marcas indeléveis que resistirão à modernidade.

6. O que explica essa perseverança dos fiéis em continuar sua devoção nas romarias?

Resp. A crença no padre Cícero. Para os romeiros o padre Cícero não é apenas um santo popular canonizado por eles à revelia do Vaticano, mas um padrinho, um protetor que nunca falta, e isso para os romeiros tem muita significação. O

*Padrinho perseguido pela Igreja encontrou altar no coração dos romeiros. Enquanto isso existir as romarias também existiram.*

*7. Com o reconhecimento do padre Cícero Romão Batista por parte da Igreja Católica Romana (abrindo caminho para o seu processo de canonização) o romeiro está ameaçado em perder seu protagonismo nas romarias?*

*Resp. Nada impedirá de ter o romeiro como protagonista nas romarias de Juazeiro. Nem mesmo quando o padre Cícero for reconhecido como santo oficial pela Igreja. A canonização do padre Cícero não interferirá nas romarias, pois elas surgiram independentemente de padre Cícero ser ou não reconhecido como santo pela Igreja. Elas serão sempre do padre Cícero Padrinho e não de um santo do hagiológico do Vaticano, muitas vezes escolhidos por meios discutíveis. A grande verdade é esta: romeiros e padre Cícero formam uma simbiose perfeita. É impossível separá-los.*

*8. Ao final deste depoimento, quais as suas últimas palavras?*

*Resp. padre Cícero é o grande responsável pela existência atual das romarias. É ele quem as administra. Os romeiros serão sempre seus fieis devotos e seguidores. E Juazeiro será sempre a Terra da Mãe das Dores.*

Organizando as respostas do questionário em blocos e destacando as mais significativas, podemos explorar mais nitidamente o objeto do nosso trabalho. Eis o conjunto das respostas mais significativas, dos romeiros e romeiras, classificadas a partir do que se repete (paráfrase), do que é novo (polissemia), do que é diferente e do que fica em silêncio (não dito).

Esses depoimentos dão um indicativo da coleta de dados da pesquisa de campo. Desta feita, o direcionamento deste trabalho consiste em estabelecer uma relação estreita entre a pesquisa teórica e a atividade prática, por meio do acionamento da memória discursiva constitutiva nas marcas da historicidade presentes no discurso religioso desses romeiros e romeiras por meio também das relações de heterogeneidade discursiva apresentada, sobretudo considerando a complexidade presente no fenômeno.

Ao estudarmos o discurso religioso, constatamos uma carência de investigações em torno da natureza desse discurso, da sua constituição, dos conteúdos e imaginários por ele veiculados. Pode ser que o discurso religioso seja pouco estudado, provavelmente pelo fato de sua compreensão exigir um

relativo conhecimento de outras áreas do saber, pois isso implica o conhecimento de um vasto intertexto, nem sempre acessível a todos. Estamos certos de que as Ciências da Religião, fazendo uma interface com a Análise do Discurso, podem tomar o discurso religioso como objeto de investigação, tendo em vista, sobretudo, o poder e complexidade que a religião exerce nesse caso concreto que estudamos: as romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão.

Nessa altura da pesquisa, buscamos situar, isto é, compreender o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico, ou seja, no discurso do romeiro e da romeira do Juazeiro do padre Cícero Romão, como também dos seus pesquisadores. Para isso é necessário perceber que

a construção desse dispositivo resulta na alteração da posição do leitor para o lugar construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir. Nesse lugar, ele não reflete, mas situa, compreende, o movimento da interpretação inscrito no objetivo simbólico que é seu alvo. Ele pode então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação. Por isso é que dizemos que o analista de discurso, à diferença do hermeneuta, não interpreta, ele trabalha (n) os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele em uma nova posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições. (ORLANDI, 2001, p.21).

Nossa pesquisa traz à baila a noção de real do discurso e sua relação com a paráfrase, a polissemia, o interdito e o silêncio. Do ponto de vista da pesquisa em pauta, lançando um olhar para alguns resultados de análise a partir de recortes discursivos, extraídos de entrevistas-relato, realizadas com 30 romeiros e romeiras, além de 30 pesquisadores e pesquisadoras. Os relatos foram gravados em áudio e, a seguir, transcritos para serem analisados. Assim sendo, foi possível analisar o corpus discursivo que aqui é concebido como portador de materialidade sócio-histórica, uma vez que a relação entre a linguagem e a sua exterioridade é concebida como substancial. A Análise do Discurso procura estabelecer a relação entre um discurso e as condições de produção que permitiram que ele gerasse determinados efeitos de sentido em detrimento de outros. Sobre isso, Orlandi esclarece que

a análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessam. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em

movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2001, p. 15).

Tal estudo, que aqui desenvolvemos, visa à compreensão de como estão se dando as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do padre Cícero Romão, analisando, a partir dos romeiros e romeiras, sua produção discursiva e seus efeitos de sentido. Por isso, para atendermos ao caráter descritivo e interpretativo desta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2002), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No nosso projeto de pesquisa, descrevemos que o método qualitativo permite ao pesquisador um aprofundamento no mundo dos significados das ações e relações humanas, o que não é perceptível nem captável em equações, médias e estatísticas, próprias do método quantitativo. Além disso o método qualitativo, neste ponto, se harmoniza com a perspectiva adotada por esta análise de nosso trabalho, em que usamos as ferramentas da Análise do Discurso.

É importante salientar que o universo da pesquisa foi constituído por 30 romeiros e romeiras, apresentando idades entre 40 a mais de 80 anos. A seleção dos sujeitos romeiros e romeiras abrangeu o espectro do Nordeste brasileiro, considerando a área rural e urbana, como também o número de viagens que cada um fez ao Juazeiro do padre Cícero Romão, como demonstra a tabela a seguir.

### 5.1.2 Perfil dos Romeiros e da Romeiras Informantes (Pesquisa de campo realizada entre 20.07.2018 e 20.07.2019)

Tabela 2. Distribuição da amostra por idade, Estado e origem e número de vezes que visitou Juazeiro do Norte - CE

<b>De estados do Nordeste</b>	PE	AL	PB	SE	CE	BA	MA	RN	PI
	48%	16%	4%	4%	12%	4%	2%	4%	4%
<b>Média de idade</b>	De 40 a 60 anos			De 61 a 70 anos			Acima de 70 anos		
	15%			50%			35%		
<b>Do meio rural ou urbano</b>	Rural					Urbano			
	70%					30%			
<b>Quantidade de viagens ao Juazeiro</b>	De 10 a 20		De 20 a 30		De 30 a 40		Mais de 40		
	10%		8%		27%		55%		

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Os sujeitos, ou seja, os praticantes que participaram da pesquisa, tiveram que atender a alguns critérios e variáveis, como: aceitar livremente a participação na pesquisa; ser romeiro ou romeira de alguma região do Nordeste; ser maior de 40 anos, para que se pudesse observar o discurso na fase mais adulta e de pessoa com mais vivência em romarias. (Na medida do possível buscamos identificar sujeitos que tinham alguma liderança na organização da romaria).

Ao pesquisar o fenômeno, para garantir a anonimidade dos sujeitos, optamos por não expor seus nomes. Na medida que os discursos forem cotejados, cognominaremos os sujeitos da entrevista.

A partir desse contexto, veremos agora como se porta a interpretação da Análise do Discurso, isto é, compreender o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico, ou seja, no discurso religioso dos romeiros e romeiras, como também dos pesquisadores e pesquisadoras do padre Cícero do Juazeiro.

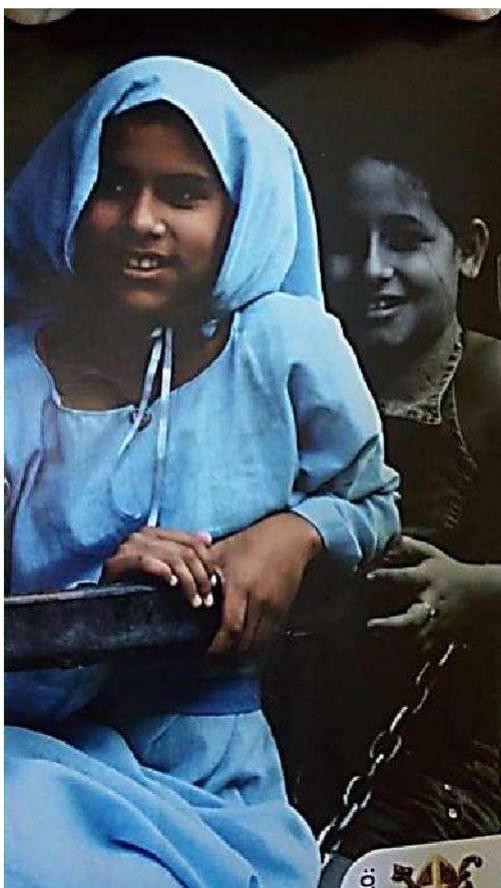
Nesse sentido, através dos recortes discursivos dos sujeitos entrevistados via teorização à luz da Análise do Discurso e do diálogo com os Estudos Culturais e as Ciências da Religião, buscaremos desvelar, através dos depoimentos, elementos que dão sentido às romarias do Juazeiro.

Para a Análise do discurso, podemos usar recortes discursivos ou sequências discursivas. Segundo Orlandi, “o recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação (...) os recortes são feitos na (pela) situação de interlocução, aí compreendido um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia” (ORLANDI, 2001, p. 34). Para favorecermos a análise do discurso religioso dos romeiros e romeiras do padre Cícero Romão, como já aludimos, assumiremos a concepção de Orlandi acerca de recorte discursivo. Nesse sentido, elegemos quatro recortes discursivos que autodenominamos de: 1. Afirmação da Tradição; 2. Resistência Cultural; 3. Protagonismo Ameaçado. 4. Cristianismo Místico Beato. Fizemos questão de transcrever o discurso dos romeiros e romeiras na mesma linguagem em que foram narrados e optamos por em cada bloco discursivo o máximo de expressões discursivas. Vejamos suas descrições e análises.

## **5.2 Recorte discursivo 1: Afirmação da Tradição**

Neste recorte discursivo, nos atemos a uma questão central na pesquisa que, por sua vez, está conectada com o objetivo geral que é perceber as mudanças ocorridas nas romarias no período estudado, como também perceber as permanências. Os discursos presentes nas entrevistas que analisaremos estão indissociavelmente ligados à experiência vivida, durante décadas, nas romarias ao Juazeiro do Norte, o que ao mesmo tempo ratifica o sentido de cada palavra na sucessão das situações concretas vividas por cada romeiro e romeira do padre Cícero Romão. Agora o escopo é situar a Análise do Discurso, usando o dispositivo teórico-analítico discursivo como já foi apresentado.

Fotografia 14 - Romeiras chegando ao Juazeiro para pagar promessa



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

### **5.2.1 Recorte discursivo 1.a: Afirmação da Tradição (“os antigos”)**

***Sou do tempo de romeiro que vinha morrer aqui no Juazeiro. / Sou romeiro e o mais importante para fazer essas romarias, acredito que seja o nosso histórico do Padrinho Cícero, através da conversa dos antigos, como minha sogra, minha esposa ou meus compadres e eu vim conhecer como turista, mas a jornada para “as pedras” fizeram com que eu continuasse vindo para o Santo Juazeiro e já são 56 viagens. Por aí, né? / No tempo do padre Murilo a gente via que ele defendia o romeiro e lutou muito junto ao romeiro, era mais atencioso, mais animado. Agora vemos que hoje os padres do Juazeiro não têm muita atenção ao romeiro. Hoje é uma missa igual as outras. Não tem aquele fervor que***

tinha antes que era uma missa para os romeiros. O romeiro se sentia na missa dele. O romeiro usava chapéu de palha e hoje essa tradição está morrendo. / Na época de Mons. Murilo a gente ia no tempo de Natal e era muita gente com muita animação e hoje não tem mais aquele fervor, aquela multidão. As pessoas parecem que perderam aquele ardor de ir cantando os benditos antigos, aquela alegria. Antes as pessoas cantavam os benditos antigos e eram uma animação só e se rezava toda viagem. / **Hoje, vemos que, os padres do Juazeiro, não é voltado para o romeiro.** / Na minha opinião mudou. Ao meu ver **no tempo do padre Murilo a romaria era mais. Vejo que tem diferença como o padre Murilo tratava o romeiro para hoje.** A diferença é que padre Murilo dizia trate o romeiro como se fosse minha família. **Os padres hoje celebram a missa, mas é uma missa seca.** / As primeiras viagens que a gente ia não via violência lá e agora tem violência. **No tempo do padre Murilo pra trazer era um povo mais religioso.** Hoje em dia tem gente que vai pro Juazeiro, mas fica muito em bar, em bebedeira. Antes os povos tinham mais fé em Deus. **No tempo o padre Murilo os benditos eram mais antigos e a gente entendia mais forte.** / **No tempo do padre Murilo era mais animado e aquilo que ele falava batia em você fortemente.** Principalmente na missa final de despedida do romeiro. / **Hoje, os padres do juazeiro são como qualquer outro e não empolga.** / O que não mudou foi a recepção do povo de forma que no tempo do padre Murilo era tudo muito atencioso. Se padre Murilo fosse vivo, a gente romeiro acha, que a romaria com pau de arara não tinha acabado. Se fosse padre Murilo a romaria não teria mudado. O que mudou foi deixar a romaria de pau de arara que acabou. **No tempo do padre Murilo era mais emoção.** Ele tinha um jeito especial. Hoje naquela matriz (de Nossa Senhora das Dores) existe um vazio muito grande. O Juazeiro perdeu uma parte de sua história. Uma partinha que ainda tem de sua história é representado por Ir. Annette. / Muitas coisas. Eu sinto uma alegria tão grande. Transformações tão grande. O Juazeiro é lugar de paz, de ter fé. / Mudou, **nós somos descendentes de romeiros, nossa família vai crescendo e aumentando.** Naquele tempo as romarias eram à pé, hoje a situação de dinheiro melhorou. Antes a situação também era mais difícil, hoje

*melhorou os estudos. / No tempo do padre Murilo tinha um fervor bem maior e assim a participação. / Antes as missas nas romarias tinham mais comunicação com os romeiros e hoje é mais afastada do romeiro. As vezes os romeiros ficavam lá (Matriz) e hoje o romeiro pagou o rancho e pronto. / Ir para o horto, passo o dia em redor da estátua de meu padrinho. / Acho que mudou muito. / A gente tem que dar continuidade naquilo que era. Porque existe o romeiro de verdade, que ele não vem de ônibus, entendeu? Eles deixaram de vir, porque, além de ser mais caro, eles querem continuar a tradição de antigamente, né? Por isso que eles não vêm de ônibus. / Os mais velhos explicavam as coisas melhor. (Afirmação da Tradição.1.a).*

O romeiro e a romeira do Juazeiro do Norte têm um profundo sentimento de pertença a uma tradição. Sentem-se fazendo parte de uma longa caminhada dos antigos. De antemão, recorro que no passado recente predominou um catolicismo tradicional, marcado pela espontaneidade, pela diversidade de expressões e pelo seu caráter penitencial e festivo. Como já vimos, esse rico mosaico de expressões da fé do povo constitui também, nesta região nordestina, o somatório de inúmeras práticas devocionais advindas dos colonizadores, das irmandades religiosas e de pregadores leigos (beatos, benzedoras populares e outros). O padre e Mestre Ibiapina, o beato Antônio Conselheiro e o próprio padre Cícero Romão conviveram com essa realidade.

A tradição da romaria é imbuída de uma memória forte, através de sujeitos que ocupam uma posição social reconhecida na comunidade dos devotos. Por isso, têm uma memória discursiva bem definida. Há uma retomada de valores, práticas e representações sociais, via formações imaginárias, quando se afirma que: *“Sou romeiro e o mais importante para fazer essas romarias, acredito que seja o nosso histórico do Padrinho Cícero, através da conversa dos antigos, como minha sogra, minha esposa ou meus compadres”*. Aqui, o romeiro e a romeira recorrem à tradição que vem na sua linhagem familiar, caracterizando a continuidade e afirmação da tradição.

A afirmação da tradição expressa pelos romeiros e romeiras se inscreve na formação discursiva das romarias. Trata-se de uma interpretação construída na história dos antigos. Podemos assim dizer que as romarias têm uma “função

nômica” (ordenadora) do universo simbólico (BERGER & LUCKMANN, 1985), que tem na religião um componente de destaque (BERGER, 1985, p. 15).

Estudar e analisar o discurso dos romeiros e romeiras nos coloca dentro de uma grande ambição que é demonstrar que a religião se constitui em uma espécie de linguagem segunda, linguagem da cultura, linguagem das narrativas sobre Deus e sobre o mundo do sagrado e do profano, através de estruturas próprias, da construção de símbolos que geram sentido de modo ilimitado.

O discurso dos romeiros e romeiras passa a consagrar a memória veraz dos antigos. Como vemos no dizer dessa informante: *“nós somos descendentes de romeiros. A gente tem que dar continuidade naquilo que era. Porque existe o romeiro de verdade, que ele não vem de ônibus, entendeu? Eles deixaram de vir, porque, além de ser mais caro, eles querem continuar a tradição de antigamente, né? Por isso que eles não vêm de ônibus. / Os mais velhos explicavam as coisas melhor”*. Há uma afirmação muito contundente que carrega a marca representativa da ideologia presente no discurso, ficando claro que “todo dizer é ideologicamente marcado” (ORLANDI, 2001), como também “todo processo discursivo se inscreve em uma formação ideológica de classe” (PÊCHEUX, 2014). Isso quer dizer que a ideologia é que fornece evidências de que uma dada palavra, expressão, proposição signifique aquilo que ela está significando em determinado momento sócio-histórico. No recorte discursivo analisado, percebemos que a ideologia transmitida na fala dos romeiros e romeiras passa a ter um peso tão grande que é uma verdade a ser seguida.

Percebemos que o discurso é algo que exige uma compreensão antes, durante e além, ou seja, “não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2001, p. 39). No recorte discursivo analisado, percebemos que volta como um refrão a referência ao padre Murilo. Isso denota um permanente movimento em que a paráfrase é uma constante. Nesse discurso, uma das principais características que nos chamou a atenção foi a constante repetição da expressão *“no tempo do padre Murilo”*. No discurso dos romeiros e romeiras, afirma-se a tradição e, por isso, a interdiscursividade se realiza e muitas vezes de maneira metafórica. É o que vemos nas falas seguintes: *“no tempo do padre Murilo a romaria era mais forte. Vejo que tem*

*diferença como o padre Murilo tratava o romeiro para hoje. No tempo do padre Murilo pra traz era um povo mais religioso. No tempo o padre Murilo os benditos eram mais antigos e a gente entendia mais. / No tempo do padre Murilo era mais animado e aquilo que ele falava batia em você fortemente. / No tempo do padre Murilo era mais emoção. / No tempo do padre Murilo tinha um fervor bem maior e assim a participação. / Antes as missas nas romarias tinham mais comunicação com os romeiros e hoje é mais afastada do romeiro” (1.a). O romeiro e a romeira, ao citar sua experiência e referenciar a memória da tradição, fazem sua discursividade, fazem ressoar ecos de um tempo passado.*

Fica claro, no discurso dos romeiros e romeiras, que ao afirmar a tradição estão fazendo outro movimento que é lançar uma crítica aos novos atores, nesse caso, eclesiásticos. É o que vemos no discurso de alguns informantes: *“Agora vemos que hoje os padres do Juazeiro não têm muita atenção ao romeiro. Hoje é uma missa igual as outras. / Hoje, vemos que, os padres do Juazeiro, não é voltado para o romeiro. Os padres hoje celebram a missa, mas é uma missa seca. / Hoje, os padres do juazeiro são como qualquer outro e não empolga” (1.a)*. Vemos que o discurso produz efeitos e significados porque a memória discursiva diz respeito à recorrência de enunciados no discurso e, por sua vez, separa e elege, dentre os elementos de uma determinada contingência histórica, aquilo que deve ser rejeitado e o que pode emergir e ser realizado num novo contexto.

Já o discurso dos pesquisadores e pesquisadoras do lugar, nesse ponto, dão suporte aos sujeitos da romaria. Isso fica claro nas palavras de Maria da Conceição: *“o falecimento do padre Murilo e a chegada de novos padres tiveram por consequência diversas mudanças inevitáveis, como por exemplo na liturgia (novas equipes de canto com animação, entre outras dos carismáticos)”*. Percebe-se aqui uma paráfrase, onde há sentido e repetição do discurso, como vemos em Orlandi, quando afirma *“que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo” (ORLANDI, 2001, p. 38)*.

No discurso dos romeiros e romeiras, fica claro que manter a tradição através da memória dos antigos é fundamental. Percebemos que há uma força na imagem que chega através dos discursos e, ao mesmo tempo, forma um processo de significações.

Em um outro recorte discursivo (“protagonismo ameaçado”), analisaremos mais essa questão. Continuando com o recorte de afirmação da tradição, veremos que a proibição do transporte “pau de arara” mexeu profundamente com os sujeitos da romaria.

### **5.2.2 Recorte discursivo 1.b: Afirmação da Tradição (“transporte pau de arara”)**

*As mudanças primeiramente aconteceram nos transportes, porque tive o conhecimento de pau de arara, muitos romeiros vinham a pé e por animais. / Eu acho que mudou, sim. Antes era pau de arara, hoje é o ônibus; hoje tem muitas pousadas e antes era ranchos. / Só vejo mesmo que os paus de arara não vêm mais. Mudou, mudou sim! Antigamente a gente vinha de pau de arara hoje a gente está vindo de ônibus e o pessoal quando você pega um ônibus que é um ônibus velho, ele reclama. Eles só querem vir hoje de ônibus com ar-condicionado, um ônibus bom, então essa foi uma das mudanças. **Na minha opinião, aqui no Juazeiro não precisa isso. / Achava mais importante o pau de arara. Era muito animado, vinha cantando, soltando fogos e com caminhão enfeitado. / Saiu o pau de arara, diminuiu a reza, não tem a fé que tinha antes, antes tudo era santo, até as pedras da avenida. / O romeiro de hoje não quer só a parte da devoção. Hoje, muitos romeiros sobe o horto para tirar uma foto na estátua do padre Cícero. Antes os romeiros iam mais a pé, hoje é de ônibus. O pau de Arara não existe mais. Devido a tudo isso diminuiu a romaria. Com as dificuldades que a pessoa se encontra, mas continua a devoção ao padre Cícero. / A romaria continua firme. / A viagem no pau de arara eu achava melhor porque era livre: o povo rezava bendito até lá, dava com a mão pro povo que estava na estrada. Ia cantando e rezando como numa festa. No ônibus a gente entra e o povo vai dormindo e muitas vezes vai escutando CD. / Teve muita mudança. Antes o povo ia no pau de arara rezando e cantando. E hoje não querem mais rezar porque o ar***

*condicionado não deixa. / Eu acho que a romaria mesmo é pau de arara. / Quando soube que iria voltar o pau de arara fiquei muito contente. / Observei várias coisas e observei que ela fracassou por conta do pau de arara que foi proibido. O fracasso é por que o povo gostava muito de andar no pau de arara. Ele gostava muito do pau de arara porque era muita alegria e muita reza e cantoria. Como o ônibus tinha muito conforto o povo vai dormindo. Mais acomodado. Quando sai o povo pega no sono. / Mudança eu vejo dos dois lados: o lado bom e o lado ruim. O lado bom é o carinho, a acolhida. No Juazeiro somos acolhidos em todos os lugares. **O lado ruim foi tirar o pau de arara. Foi tirado essa cultura da gente. Antes, a gente parava e tinha os lugares de parada na estrada. Tomava café com um pedaço de carne com farinha. Era uma beleza. Não temos mais. A ida ao Juazeiro. A alegria que tinha não tem mais. Não tem mais penitência de subir a ladeira do horto. Ir para o Santo Sepulcro. Os novos não querem mais saber dessas coisas. Hoje ir de ônibus para o Juazeiro é outra coisa. O motorista liga o som, bota um pen drive com músicas e os romeiros ficam só escutando. Não tem mais aquela ação de puxar os benditos, as rezas e fazer aquela festa. Pra nós antes o caminhão era uma igreja: a boleia do caminhão era como se fosse o altar com a imagem de Nossa Senhora das Dores e Meu Padrinho. Nos bancos eram 7 pessoa em cada tábu. Até nisso era tudo muito bonito. Naquele tempo quando a gente avistava o caminhão não tinha como não chorar. Era assim: o que se tinha dentro da bolsa se repartia. Hoje é muito mudado. O ônibus estaciona no restaurante e é cada um por si com um tal de self service. Antes a gente tomava água de quartinha e era muito gostosa. / Do pau de arara para ônibus. Foi bom para a segurança dos romeiros, mas o pau de arara era uma entidade do Juazeiro do Norte. Perdeu-se um pouco da identidade. (Afirmação da Tradição.1.b).***

Fotografia 15 – Chegada em romaria no Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Arquivo Fotográfico de Daniel Walker e Renato Casimiro - Juazeiro do Norte - CE

O recorte discursivo que passamos a analisar (1.b) caminha *pari passo* com a tradição dos antigos e é de extrema importância para a continuidade ou ruptura da tradição. Refiro-me ao tradicional meio de transporte chamado pau de arara, que no dizer de um romeiro “*era uma entidade do Juazeiro do Norte*” (1.B). Juazeiro do Norte é reconhecida como a cidade- santuário dos nordestinos do Brasil. Aproximadamente 2,5 milhões de romeiros, romeiras e turistas anualmente, motivados pela fé no seu santo protetor, o padre Cícero Romão, transformam essa cidade em um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina. Juazeiro do Norte passa a ser um símbolo carregado de significados para os romeiros e romeiras. A cidade está dentro de uma construção simbólica que, por sua vez, é uma produção social que tem uma história e por isso se faz necessário entender a história de sua produção.

A tradição, como a cultura, é estável e dinâmica, e o romeiro e romeira estão fazendo história quando colocam os pés na estrada. Eles abrem e realizam as suas experiências numa marcha que abre novas veredas e novos horizontes, que não poupa o sofrimento, mas reforça a fé. É aqui que entra o meio de

transporte que se convencionou chamar “pau de arara”. Segundo Gonçalves (2011), a romaria é uma caminhada que faz mover a história dos que participam.

O peregrino, quanto mais caminha mais depura a mala e depura a alma. Purifica a existência daquilo que é inútil ou superficial. Atém-se ao essencial. Focaliza o foco de suas andanças num horizonte bem determinado. Caminhar é relativizar tudo que é secundário, apegando-se ao absoluto. Torna-se evidente a transitoriedade da existência e das coisas, ao mesmo tempo que se reforça a relação com as pessoas e com Deus. Pe. Cícero faz a ponte entre a terra que pisamos e a terra que buscamos. (GONÇALVES, 2012, p. 1).

Como já vimos, a história do romeiro e romeira do padre Cícero Romão é marcada por encontros e desencontros, tensões e conflitos, resistências e superação, intolerância e consentimento, frustração e revolta, sofrimento e resignação que possibilitaram ao povo romeiro, com muita teimosia e ousadia persistir em sua fé e fidelidade ao Padrinho Cícero na realização da sua peregrinação ao espaço sagrado do Juazeiro. O professor José Carlos, da comissão da pastoral da romaria, assim descreve:

compreendemos que no processo de formação, crescimento e manutenção das romarias ao Juazeiro, um dos meios de transporte de passageiros em veículos de carga, ou seja, o caminhão pau de arara, sempre foi e continua sendo utilizado pelos romeiros. A romaria realizada em caminhão pau de arara promove um ambiente místico de orações, benditos e penitência e um clima de solidariedade, motivados por razões de caráter cultural e histórica. Além disso, esse meio de transporte corresponde as condições financeiras dos romeiros, sabendo também da inexistência de veículos de passageiros como ônibus nos seus sítios e vilarejos de origens. (SANTOS, 2011, p. 25).

Em 1997, acontece algo fatal para as romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão: é aprovada e entra em vigor a legislação do trânsito com o Código Brasileiro de Trânsito (CBT), regulamentando a proibição do uso do meio de transporte de passageiros em veículos de carga, chamados de “paus-de-arara”. Com a proibição do transporte pau de arara, temos o início de um conflito. Entendemos que aqui se pode localizar um dos principais pontos de tensão e de ameaça de quebra da tradição.

Desse acontecimento eclode um efeito de sentidos que nos leva a compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. “É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre locutores”

(ORLANDI, 1995, p. 21). É muito importante a compreensão de que a formação discursiva é heterogênea e isso significa que evoca outros sentidos.

No caso concreto da proibição do transporte pau de arara, se constrói um discurso e o mesmo vai se dando uma relação em que vão se gestando múltiplas formações discursivas. Aqui podemos destacar os efeitos metafóricos como efeitos de sentido instaurados por meio de sujeitos históricos, situados dentro de uma cultura, que por sua vez, desenvolve uma relação com a ideologia, com a memória discursiva e com a rede de sentidos tecida pelo interdiscurso.

No recorte discursivo que comentamos, é mostrada a ênfase na insistência da valorização da continuação do transporte pau de arara. Como vemos: *“Na minha opinião, aqui no Juazeiro não precisa isso. / Achava mais importante o pau de arara. Era muito animado, vinha cantando, soltando fogos e com caminhão enfeitado. / Saiu o pau de arara, diminuiu a reza, não tem a fé que tinha antes, antes tudo era santo, até as pedras da avenida” (1.b.)*. Esse discurso produz efeitos metafóricos, via memória discursiva ao enunciar *“não tem a fé que tinha antes, antes tudo era santo, até as pedras da avenida” (1.b.)*.

Num resgate histórico, encontramos um registro do padre Murilo de Sá Barreto, o então vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, que fez um relato dos acontecimentos na romaria de Nossa Senhoras das Candeias no ano de 1998, logo na implantação do novo código de Trânsito:

Por ocasião da Festa de Nossa Senhora das Candeias (1998) a intransigência dos guardas multou caminhoneiros, 162 multas foram lavradas, muitos voltaram de Arcoverde, Cruzeiro do Nordeste. Levantaram-se verdadeiras barreiras. Deixaram romeiros ao relento, no sol, crianças, com fome e sede. Velhinhas e velhinhos chorando, até com armas de punho, os intérpretes de Lei ameaçaram os indefesos romeiros. Diante disto, Juazeiro se estremeceu. Cada caminhão que chegava era um rosário de lágrimas, um grito de dor. Atiravam-se na Igreja de joelhos, cantando " Senhor Deus, misericórdia". (SÁ BARRETO, 1998, p. 112-113).

O depoimento do padre Murilo suscitou uma mobilização da classe política dos estados nordestinos, sobretudo do Ceará, das entidades representativas da sociedade civil de Juazeiro, como o comércio e a indústria, que reivindicaram do governo federal uma atitude de respeito e a necessidade

de uma legislação para os meios de transporte que conduzissem os peregrinos e peregrinas aos lugares sagrados. Como afirma o padre Murilo:<sup>1</sup>

Na alma peregrina, os romeiros usam os caminhões como integrante da ritual de suas penitências...Autêntico é subir num caminhão, assentar-se numa tábua dura, começar a cantar, confrontando com o ronco do motor, subindo rampa, cortando serra, atalhando estrada, rumo ao Juazeiro. (SÁ BARRETO, 1998, p. 113).

No recorte discursivo analisado, percebemos que há um posicionamento sócio-histórico por meio de efeitos metafóricos. O elemento metafórico é imprescindível na análise do discurso. O discurso dos romeiros e romeiras é eivado pela metáfora. Como vemos: *“Não tem mais aquela ação de puxar os benditos, as rezas e fazer aquela festa. Pra nós antes o caminhão era uma igreja: a boleia do caminhão era como se fosse o altar com a imagem de Nossa Senhora das Dores e Meu Padrinho. Nos bancos eram 7 pessoa em cada tábua. Até nisso era tudo muito bonito (1.b).*

É importante pontuarmos que no discurso dos romeiros e romeiras há uma memória discursiva que aciona o interdiscurso dos antigos, ao celebrar a romaria como uma festa em torno do transporte pau de arara. Como declaram os sujeitos da romaria: *“O lado ruim foi tirar o pau de arara. Foi tirado essa cultura da gente. Antes, a gente parava e tinha os lugares de parada na estrada. Tomava café com um pedaço de carne com farinha. Era uma beleza. Não temos mais. A ida ao Juazeiro. A alegria que tinha não tem mais. Não tem mais penitência de subir a ladeira do horto. Ir para o Santo Sepulcro” (1.b).*

O discurso que afirma o lado da comensalidade e da festa, ao mesmo tempo, faz a sua negação: *“Naquele tempo quando a gente avistava o caminhão não tinha como não chorar. Era assim: o que se tinha dentro da bolsa se repartia. Hoje é muito mudado. O ônibus estaciona no restaurante e é cada um por si com um tal de self service. Antes a gente tomava água de quartinha e era muito gostosa. / Do pau de arara para ônibus. Foi bom para a segurança dos romeiros, mas o pau de arara era uma entidade do Juazeiro do Norte. Perdeu-se um pouco da identidade” (1.b).*

---

<sup>1</sup> Um fato interessante aconteceu na ocasião. Padre Murilo mobilizou a classe política e trouxe todos os superintendentes da PRF do Nordeste para Juazeiro do Norte. O efeito imediato foi a resolução de número 82, que foi publicada no dia 19 de novembro de 1998 e que dispõe sobre autorização a título precário para o transporte de passageiros em veículos de carga. Ela equacionou a situação que tinha sido proibida pela nova legislação de trânsito no Brasil.

É perceptível também, pela grande maioria dos pesquisadores e pesquisadoras, que a proibição do transporte pau de arara trouxe um prejuízo enorme para as romarias. É como se elas fossem desfiguradas. No dizer de Vileci Vidal: *“O próprio fato da não permissão do pau-de-arara nas romarias já é uma grande mudança. O ritual já não é o mesmo: os benditos durante a viagem, as paradas para refeição nas estradas, etc. O público já não é somente o romeiro da roça – o camponês, mas tem crescido a participação daqueles que também veem como turistas e isso têm descaracterizado um pouco as romarias”*.

De fato, a proibição do transporte pau de arara foi algo profundamente sentido pelos romeiros e romeiras, e isso possibilitou a construção de um discurso cheio de imagens que se expressam por um processo de elaboração discursiva, as quais remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem: relações de sentido e relação de força.

Fotografia 16 – Despedida da romaria no Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Arquivo Fotográfico de Daniel Walker e Renato Casimiro - Juazeiro do Norte - CE

A proibição do transporte pau de arara, sem dúvida, foi um golpe muito grande na tradição romeira. Isso porque esse tipo de transporte possibilitava, segundo os informantes: participação dos mais pobres; uma liturgia nas estradas onde tudo era uma celebração; um clima de congratulação e festa; movimentação da economia local... tudo isso fica como história áurea do

passado. Muitos informantes participaram desse tempo, por isso, a memória é muito presente entre eles.

O que transborda no discurso dos romeiros e romeiras do padre Cícero Romão é que o transporte pau de arara possibilitava uma dimensão de “communitas”, ou seja, uma vivência e sentimento de união fraterna coletiva e rejeição ao individualismo.

### **5.2.3 Recorte discursivo 1.c: Afirmação da Tradição (“o maravilhoso”)**

*A fé dos romeiros que têm fé no meu Padrinho Cícero, seja sair do Rancho até o Santo Sepulcro, a pé, fazendo penitência, contando histórias que os mais antigos nos contavam, **aquela “Pedra do Taboado” onde lá meu padrinho Cícero descansava de meio-dia e saía daqui meia-noite, para ficar lá. Isso toca muito na gente, agora à noite. Eu me encontrei com uma romeira, que há 22 anos que nós nos encontramos, e ela disse que eu falei sobre um negócio lá nas pedras e imediatamente aconteceu: uma filha matou o pai e se enganchou na pedra e eu disse a ela: olha você tem um grande pecado e nós a tiramos a pulso, enganchada que rasgou as pernas dela toda. / Ah meu irmão, agora eu vou contar, só Deus sabe, eu sinto uma grande coisa que passou em mim, quando eu sofria mais aqui, quando eu era sofredora, mais pra trás, aí eu morava numa casinha de palha e um dia, a casa, de repente foi pegando fogo. E aí eu e meus filhos todos pequenos, eu fui agarrar todos os meninos, fui apagar o fogo. Aí uma hora, gritei por Deus e por meu Padim Ciço, e aí o fogo apagou na hora e eu peguei o abano. Eu acho que o senhor sabe o que é o abano, botei na panela e apagou. Aí ia passando um compadre meu, ele ouviu meus gritos, gritando por Deus e por meu Padrinho Ciço, ele jogou areia e a minha casa não pegou mais fogo. Desde esse tempo - que meus sentidos - não deixou de ser para meu padrinho. / O que não mudou nesses últimos 30 anos foi a relação do romeiro com padre Cícero. Confesso que, quando eu vim morar em Juazeiro, por falta de condição***

*financeira, eu e minha família viemos juntos com os Romeiros. Eles falavam no padre Cícero, eu era criança, não tinha conhecimento, achava que ele era uma pessoa viva. Foi uma coisa que me marcou demais, e vim morar em Juazeiro e foi uma certa decepção, porque eles falavam de uma forma, como se ele fosse uma pessoa viva, lembro da minha primeira visita, que eu esperava ver o padre Cícero Romão como uma pessoa, mas o que encontrei foi uma estátua, mas a relação a essa relação se mantém de amigo e padrinho de pessoa pra pessoa presente. Tudo aqui é a mesma coisa desde que eu cheguei aqui é assim, eu acho muito lindo, aqui **emociona também por causa das coisas bonitas que tem aqui, as Maravilhas que tem aqui no Juazeiro, é muito maravilhoso, muito lindo, gostei demais!** / A devoção e a fé. Tem gente que vem duas ou três vezes ao ano. Antes tinha o ofício, os fogos, às 4h da manhã. Isso acabou. **A lampadzinha vermelha na cabeça que meu padrinho tinha, hoje não tem mais (se refere à lâmpada de sinalização na estátua do horto).** Na matriz tinha muitas “lâmpadas” na frente da matriz das Dores tiraram. / **A convivência do Juazeiro faz com que você se sinta flutuando e eu me sinto como se estivesse em uma festa sem hora pra acabar (Afirmção da Tradição.1.c).***

Fotografia 17 - Festa das Candeias – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

No que se refere à heterogeneidade das formas discursivas, podemos verificar o seu funcionamento no enunciado: “*emociona também por causa das*

*coisas bonitas que tem aqui, as Maravilhas que tem aqui no Juazeiro, é muito maravilhoso” (1.c).* A dimensão do sentimento perpassa a experiência vivida, e lugares como as ruínas do horto são muito mais que apenas o resultado de uma história do passado, mas uma história do presente. Nesse sentido, a memória e o tempo não estão ali expressos nas pedras ou paredes descascadas e mofadas, nas estradas pedregosas de ida e volta do santo sepulcro, mas no “espaço fantástico” (DURAND, 1989) da memória daqueles romeiros e daquelas romeiras que visitam ou visitaram esse lugar.

Sem a compreensão da dimensão e importância do pensamento simbólico, não vamos dissecar a profundidade da discursividade do povo romeiro. Como vemos no dito: *“aquela ‘Pedra do Taboado’ onde lá meu padrinho Cícero descansava de meio-dia e saía daqui meia-noite, para ficar lá. Isso toca muito na gente, agora à noite” (1.c).* A análise do discurso pecheutiana nos ajuda a aprofundar as formações discursivas. Isso porque o discurso “é feito de sentidos entre locutores. Compreender o que é efeito de sentido é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos” (ORLANDI, 1995, p. 20).

A cultura popular é fantástica e o melhor caminho para se estudá-la é estudar a religião popular. Nesse sentido, o Juazeiro do Norte é um laboratório a céu aberto. Peter Berger não deixou passar uma observação muita sábia quando afirma que, da Reforma para Calvino, o protestantismo retirou da religião dos católicos “as três concomitâncias do sagrado mais antigas e poderosas: o mistério, o milagre e a magia” (BERGER, 1985). Já Carlos Rodrigues Brandão, parafraseando o pensamento de Berger, afirma que,

com variações apenas de estilo, as práticas populares devolvem os três ao mundo da religião, em um tempo em que, entre os agentes eruditos, os padres imitam os pastores e purificam as suas paróquias justamente da crença e dos poderes do mistério, da magia e do milagre. (BRANDÃO, 1986, p. 142).

O pensamento e o discurso do fantástico e do imaginário estão presentes entre os romeiros e romeiras do Juazeiro. O sistema comunitário do catolicismo popular romeiro faz de todas as situações de rito coletivo um momento de festa. Como vemos nesse depoimento: *“A convivência do Juazeiro faz com que você se sinta flutuando e eu me sinto como se estivesse em uma festa sem hora pra acabar” (1.c).*

Jürgen Moltmann<sup>2</sup> (2005) diz com sabedoria que a vida precisa do impulso da experiência e da esperança para existir e acrescenta que só quem é capaz de alegrar-se pode sentir dor por seu sofrimento e pelo dos outros. A passagem pelo sofrimento abre a possibilidade de viver num horizonte de sentido. E é preciso pontuarmos que os efeitos de sentido produzidos pelas romeiras e romeiros são muitos. É o que vemos na experiência de vida dessa romeira alagoana: *“eu sinto uma grande coisa que passou em mim, quando eu sofria mais aqui, quando eu era sofredora, mais pra trás, aí eu morava numa casinha de palha e um dia, a casa, de repente foi pegando fogo...Aí uma hora, gritei por Deus e por meu Padim Ciço, e aí o fogo apagou na hora e eu peguei o abano... Desde esse tempo - que meus sentidos - não deixou de ser para meu padrinho”* (1.c). Nesse viés, podemos perceber o funcionamento do discurso em sua produção elaborado pelos romeiros e romeiras.

A identificação com o enunciado na sequência discursiva: *“Desde esse tempo - que meus sentidos - não deixou de ser para meu padrinho”*, como sujeito ativo, deslança uma identificação muito grande com um grau de emotividade forte: *“eu sinto uma grande coisa que passou em mim”*. Assim, podemos observar que o discurso produzido pela romeira faz parte de um processo, que aponta para um acontecimento miraculoso e fantástico. As imagens que ficaram da cena vivida marcaram imaginariamente o processo de elaboração discursiva, as quais remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem: relação de sentido, relação de força e antecipação condicionada pelas formações imaginárias.

Retomando Orlandi (2001), observamos que a análise de discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentido. Percebemos que os diferentes sentidos encontrados em diferentes enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas. É fato que os sujeitos da romaria são marcados pela presença da exterioridade, que nesse caso é dito e não dito, mas

---

<sup>2</sup> Jürgen Moltmann é um dos teólogos mais respeitados e influentes do mundo contemporâneo, ele possui uma teologia expressiva, com forte teor dogmático e um diálogo profícuo com a sociedade atual. Depois de grandes líderes anteriores, como Barth, Cullmann, Tillich e Bonhoeffer, é provável que ele seja a figura mais representativa da teologia protestante contemporânea. Moltmann é considerado o “fundador” da Teologia da Esperança, movimento teológico contemporâneo que surgiu na Alemanha durante a segunda metade do século XX e, também, o seu principal expoente.

que é constitutiva em todo dizer, pois aponta para a assimetria existente e a superioridade do plano divino em relação ao plano terrestre.

O maravilhoso faz parte de uma função fantástica que guia todo o espectro de criação do espírito humano, tanto teórico como prático. Para Gilbert Durand, essa função é universal e está “na raiz de todos os processos de consciência” (DURAND, 1989, p. 397). Tendo em vista que a consciência imaginante está no movimento do pensamento que não separa o subjetivo do objetivo, ela é, portanto, transcendente, ou seja, vai além das coisas e dos sujeitos. Essa consciência é fundamental no sentido de imaginar (e preservar) o mundo, ou seja, de criá-lo num espaço de memória, transcendente e fantástico.

A vida das populações pobres do nordeste brasileiro está comprometida com um tempo nem sempre favorável a uma vida digna. O tempo encaminha a pessoa para a degradação e a morte, ao passo que o domínio do fantástico possibilita ultrapassar esse “vale de lágrimas”. Tomando como foco o estudo dos discursos dos romeiros e romeiras, percebemos que as imagens narradas e recordadas engendram sentidos e são decorrentes de uma associação do sujeito com a linguagem, o inconsciente e com a ideologia.

O maravilhamento do romeiro e romeira é expresso por Edivânia Maria, uma das pesquisadoras do Juazeiro, nas seguintes palavras: *“É a Jerusalém Nordestina, cidade sagrada, como dizem alguns romeiros, é o lugar do julgamento final, a cidade do Padrinho Cícero, à sombra da Mãe das Dores”*. Isso mostra que a romaria do Juazeiro do padre Cícero Romão tem um poderoso imaginário que é cultivado na produção da ação e da memória coletiva. O romeiro e romeira é muito observador e detalhista a ponto de fazer a seguinte observação: *“mudou porque a lampadazinha vermelha na cabeça que meu padrinho tinha, hoje não tem mais (se refere à lâmpada de sinalização aérea na estátua do horto)” (1.c)*.

Continuando a análise dos efeitos de sentido dentro do recorte de afirmação da tradição, tendo presente o tema do sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os romeiros e romeiras do Juazeiro do Norte – CE, vejamos o recorte discursivo seguinte.

#### 5.2.4. Recorte discursivo 1.d: Afirmação da Tradição (“dor que liberta”)

**- Muitos que são roubados no Juazeiro atribuem que isso faz parte da penitência.** / Antes, a experiência do rancho era dormir no chão ou na rede. Era muita oração e digo pra vosmicês que era uma festa só. / Mudou, sim. Hoje é diferente, né, hoje é diferente porque hoje são pousadas, são os hotéis. **Antigamente a gente ficava de noite na porta da igreja, muitas vezes, era debaixo de uma árvore. Era juntar os caminhões um no outro e a gente pendurava as nossas redes. E hoje as pousadas, né, com ar-condicionado. E aqui, na minha opinião, não era para ser assim, entendeu? A penitência, que a gente precisa fazer todos os anos.** / Gostava de dormir no chão em frente a igreja. / Aumentou muito a quantidade de romeiros. / Aqui eu acho que não mudou mais nada não, só a quantidade mesmo, de romeiros. / Mudou, mudou muito. Sobre isso daí, tá muito mudado. O povo está mais educado. / A infraestrutura do santuário. A melhoria na área da comunicação, mas isso não significa mais devoção. / **O pau de arara não oferecia conforto e isso facilitava a devoção** e tudo dependia da fé em Deus. Fé para defender dos perigos para ter uma viagem em paz. No pau de arara não tinha conforto e não podia nem cochilar. Com o conforto do ônibus as pessoas querem até ar condicionado. / Sou tão devoto dele que sou motorista e venho no pau de arara. Os romeiros acham que o pau de arara é uma tradição desde o tempo do padre Cícero. **Tem uma mulher que não quer vir na “buléia” do caminhão, só quer vir em cima. É fé, viu!** / De ônibus não é romaria porque é coisa de conforto e não se canta e se reza. / Os conselhos e as meditações atingia mais o coração da gente. Sou de um tempo que ia pra o Juazeiro a pé. Também em pau de arara dormia pelo caminho. Naquele tempo eu juntava o dinheiro “destôe”. Numa viagem dessa criou uma bolha no meu pé que sofreu e foi depois desse sofrimento que nessa romaria que nunca mais deixei de ir. / Veja mesmo. O caso de dom Fernando Panico. Ele teve que sofrer para poder entender. Teve um câncer e depois fez uma

***promessa com meu padrinho e se curou. É como o povo diz: “se você não vier pelo amor vem pela dor” (Afirmação da Tradição.1.d).***

Fotografia 18 - Chegada em romaria – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

*Quando a tristeza é bela* (2013) é o título de um livro da antropóloga Roberta Bivar C. Campos, onde a autora aborda a devoção a padre Cícero, mas dedica-se mais exatamente à compreensão do modo de viver, das crenças e das práticas devocionais de um grupo de penitentes, os “Ave de Jesus”. O título do livro é interessante porque temos um paradoxo entre tristeza e beleza ou entre dor e alegria. É o que procuraremos analisar neste recorte discursivo.

Uma forte e longa tradição religiosa da prática da caridade no sertão pode ser reconhecida na paisagem cultural sertaneja. Vimos que o drama da seca marcou profundamente a região nordestina, sobretudo a sertaneja. Um paralelo com o cenário bíblico é inevitável. O povo sertanejo, como o povo bíblico, experimenta e experimentou dificuldades advindas de viver numa área seca e desértica. Esses povos se assemelham também nos modos que utilizaram para superar tamanha adversidade. Veremos em outro recorte discursivo que, no

enfrentamento dessas situações, as mensagens que mais se salientam no texto bíblico e na vida do povo romeiro são histórias de mutualidade, gentileza, humildade, misericórdia e compadecimento.

A dimensão do sentimento e emoções, nos estudos do fenômeno do Juazeiro do Norte, nem sempre é levada em conta. De tudo que li sobre o fenômeno do Juazeiro do Norte ao longo dos anos, de fato, raros são os estudos que deram atenção às emoções e aos sentimentos. A tristeza e o sofrimento têm muito a ver com as emoções e essas dimensões pertencem ao domínio das ciências sociais como psicologia, antropologia e naturalmente as ciências da religião.

Normalmente, os santuários religiosos populares como tal são cenários da dramatização do sofrimento e, muito particularmente, por tudo que já vimos, o Juazeiro do Norte. Uma vez na cidade eleita pelos romeiros e romeiras, é possível testemunhar o sofrimento do outro nas penitências, nos ex-votos, na mendicância, na dureza da geografia local. O testemunho dos sujeitos da romaria nesse recorte discursivo mostra claramente o lugar e viés do sofrimento que se expressa como uma espiritualidade: *“tem uma mulher que não quer vir na “buléia” do caminhão, só quer vir em cima. É fé, viu! / De ônibus não é romaria porque é coisa de conforto e não se canta e se reza. / Sou de um tempo que ia pra o Juazeiro a pé. Também em pau de arara dormia pelo caminho. Numa viagem dessa criou uma bolha no meu pé que sofri e foi depois desse sofrimento que nessa romaria que nunca mais deixei de ir” (1.d).*

O romeiro e a romeira do Juazeiro fazem uma experiência espiritual profunda que, mesmo com todas as dificuldades e sofrimentos, tem um objetivo e foco: fazer a romaria anualmente ao Juazeiro. E cada um tem uma experiência a contar: *“numa viagem dessa criou uma bolha no meu pé que sofri e foi depois desse sofrimento que nessa romaria que nunca mais deixei de ir” (1.d).* Fazendo a análise dessa fala, percebemos que “na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência, e o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar sua fala específica; a de sua espiritualidade” (ORLANDI, 1995, p. 30).

Antoine Vergote diz com muita sabedoria que “a religião popular está mais ligada a sinais visíveis que trazem contato físico com o universo sobrenatural”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Antoine Vergote (1921-2013), também conhecido como Antoon Vergote, era um padre católico romano belga, teólogo, filósofo, psicólogo e psicanalista. Ele era professor na Universidade

(VERGOTE, 1998, p. 232, tradução minha). Por isso, que, para o romeiro e romeira, representava um deleite dormir no chão na frente da igreja para esperar a missa da madrugada. Como vemos nas palavras desses sujeitos da romaria: *“Antigamente a gente ficava de noite na porta da igreja, muitas vezes, era debaixo de uma árvore. Era juntar os caminhões um no outro e a gente pendurava as nossas redes. A penitência, que a gente precisa fazer todos os anos. / Gostava de dormir no chão em frente a igreja”* (1.d). Essa fala é um texto que contém um fantástico material simbólico e temos aí uma formação discursiva complexa porque não está fechada, mas pelo contrário se abre em muitas relações, inclusive com a ideologia.

Para Orlandi (2001), os mecanismos de funcionamento do discurso se assentam sobre as formações imaginárias que, por sua vez, produzem imagens do sujeito e do objeto do discurso a partir de uma conjuntura sócio-histórica. No caso do Juazeiro, não é necessário andar muito pelas ruas dessa cidade do Sertão do Cariri para encontrar um romeiro e romeira que tenha uma história de sofrimento e superação. Mesmo quando é assaltado em romaria, o romeiro e a romeira são capazes de ligar o ocorrido com sua mística, como fica claro na fala de um participante da romaria: *“Muitos que são roubados no Juazeiro atribuem que isso faz parte da penitência”* (1.d). Também as histórias contadas sobre sua vida, muitas vezes de inúmeras viagens de romaria a pé, de transporte pau de arara ou outro, não são sobre infelicidades, como a sensibilidade da sociedade de consumo supõe, mas sobre o valor moral atribuído ao sofrimento, à pobreza e à fraternidade, parte integrante de como veem o mundo. Como diz Campos:

entender o significado social e cultural do sofrimento para essa gente é uma importante pista para se chegar ao código moral que fornece a base de um modo de vida construído na pobreza e na caridade. Por outro lado, esse modo de viver relaciona-se a um modo de ser, a um etos que se expressa no sofrimento e na sua redenção. (CAMPOS, 2013, p. 135).

A comunidade romeira encontrou um trunfo no caminho de enaltecer as maravilhas que acontecem no Juazeiro do Padrinho. Assim conta um romeiro: *“Veja mesmo: O caso de dom Fernando Panico. Ele teve que sofrer para poder*

---

Católica de Lovaina. Como a Antropologia e a Sociologia, também a Psicologia começou vinculada à Religião. Nesse quesito Vergote deu excelente contribuição.

entender. Teve um câncer e depois fez uma promessa com meu padrinho e se curou. É como o povo diz: ‘se você não vier pelo amor vem pela dor’” (1.d).

Agora, observaremos como se dará a relação entre romeiros e romeiras com um novo sujeito que cresce a cada ano, gerando polêmica entre os próprios praticantes da romaria, no Juazeiro do Norte: o turista.

### **5.2.5. Recorte discursivo 1.e: Afirmação da Tradição (“turismo nas romarias”)**

- O turismo... *Eu nem sei se mudou, eu não sei te responder direito, se mudou ou não. O turista é aquele que vem olhar coisas, como os balneários, a estátua do padre Cícero que é uma coisa histórica, né? Faz parte da cultura de Juazeiro, ele vem mais pra esses lados, assim, tipo pesquisa, não vem assim, pela fé, pela oração, mas o que a gente tem observado, inclusive esses dias a gente fez aqui registro de turistas, que eles vêm e quase vão pelo mesmo caminho que o romeiro. Entendeu? Eles peregrinam, eles fazem suas visitas, a gente sabe que é um pouco diferente. Mas eles fazem suas visitas também. Não chegam a rezar, como o romeiro, né? É de um jeito diferente. / Você vê o turismo no Juazeiro do Norte, ele mudou o jeito de ser das romarias, de alguma forma, mudando também a estrutura da avenida que hoje, já asfaltada, e acabou tirando um pouco do significado do caminhar. Nesse ponto acontece coisa que tira um pouco da espiritualidade. O projeto de querer colocar na Serra do Horto o nome “Capital da Fé”, não sei! Que eu acho que o nome Capital da Fé é muito mais do que um letreiro. Isso vai aos poucos sendo bom para o turismo, mas vai aos poucos tirando essa espiritualidade da pessoa do romeiro. / O turismo jamais mudará o jeito das romarias. O turismo religioso não existe no Juazeiro. Nossa romaria é diferente em todos os sentidos. Nunca admitimos o turismo religioso. / Isso mudou o jeito de ser das romarias, sim, porque é mais seresta, bebedeira, só curtição, os banhos de piscina, e também não participam. Alguns que ficam ali na Praça da Matriz, impede até da gente*

*entender o que os padres estão celebrando na missa. / Não, não mandou nada, os turistas tudinho é a mesma coisa: reza, ora, tem aquela fé viva que a gente vê aquela emoção que eles têm eu vejo isso. / Ah, mudou, mudou, mudou muito, porque antigamente, como eu disse há pouco tempo atrás a gente vinha para a romaria, a gente não vinha para festa, a gente não vinha para beber e se divertir, a gente não vinha para beber, e hoje em dia é muita banda e muita festa hoje em dia. Antigamente não existia isso ainda. / Romaria não é para ir para balneário (Afirmação da Tradição.1.e).*

Fotografia 19 - Centro comercial de Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

É nessa retomada de valores, práticas e representações sociais que a tradição é mantida, via formações imaginárias. Os efeitos de sentido nas novas formulações são contundentes por parte dos praticantes das romarias, inclusive fazendo um contraponto com os que vão ao Juazeiro fazer turismo: *“Você vê o turismo no Juazeiro do Norte, ele mudou o jeito de ser das romarias, de alguma forma, mudando também a estrutura da avenida que hoje, já asfaltada, e acabou tirando um pouco do significado do caminhar. Aqui, marca-se uma diferença em ser romeiro e turista” (1.e).*

A relação entre romaria e turismo é um destes objetos que hoje percebo como um ponto significativo a observar, porque existe uma tensão, as vezes implícita, entre os múltiplos significados que são postos em risco nos locais de peregrinação e turismo religioso. Não se trata de traçar uma linha divisória entre

romeiros e turistas, mas de clarear o caminho. Mesmo porque, quando observamos as pessoas que acorrem ao santuário no período da romaria, nos damos conta de que romeiros e turistas se confundem tanto em relação às suas motivações quanto aos seus comportamentos. Como expressa a fala dessa informante: *“Os turistas peregrinam, eles fazem suas visitas, a gente sabe que é um pouco diferente, mas eles fazem suas visitas também”* (1.e). De fato, a romaria é constituída por uma multiplicidade de discursos que são trazidos para a seara do espaço da romaria por diferentes categorias de peregrinos, pelos moradores do Juazeiro do Norte e pelos especialistas religiosos que incluímos, estudiosos acadêmicos e líderes religiosos. Nesse sentido, todo recorte que se faça estará enfocando apenas algumas dimensões desse evento complexo e plural.

Nesse direcionamento, é pertinente o cotejamento dos recortes discursivos (1.a. 1.b. 1c. 1d. 1.e) em relação à afirmação da tradição, para observar que, na interpretação de sujeitos praticantes das romarias, marcam-se os lugares sociais, pela tomada de posição-sujeito, em afirmar a identidade de quem é romeiro e romeira de verdade, *“O turismo jamais mudará o jeito das romarias. O turismo religioso não existe no Juazeiro. Nossa romaria é diferente em todos os sentidos. Nunca admitimos o turismo religioso”* (1.e).

Esse discurso marca uma tomada de posição-sujeito e ao mesmo tempo se contrapõe a outra posição como: *“Não, não mandou nada, os turistas tudinho é a mesma coisa: reza, ora, tem aquela fé viva que a gente vê aquela emoção que eles têm eu vejo isso”* (1.e). Observamos que o primeiro é constituído pela memória discursiva, ao dizer: *“Nunca admitimos o turismo religioso”*. Os termos “nunca” e “turismo” *funcionam, aqui, como a ideologia presente na afirmação da tradição romeira materializada, pelo acionamento da memória discursiva. Em um outro discurso encontramos: “mas o que a gente tem observado, inclusive esses dias a gente fez aqui registro de turistas, que eles vêm e quase vão pelo mesmo caminho que o romeiro”* (1.e).

Através dos relatos, percebemos que romeiro e turista são tomados como categorias que condensam duas estruturas de significados, ou “tipos ideais”, no sentido weberiano, do que seria a verdadeira peregrinação ou o turismo genuíno. Foi se referindo a esse modo de trabalhar da ideologia, que Pêcheux (2014), resolveu chamar de “ilusão discursiva”, que ocorre, quando, tocado pelo

inconsciente, as formações ideológicas fazem o sujeito acreditar que ele é a fonte e a origem do seu dizer.

Percebemos claramente que há um discurso posicionando-se que a tradição não muda e um outro onde há uma convivência e aceitação do novo que chega através das mudanças da modernidade que são inevitáveis. Os elementos estudados não nos oferecem indicadores capazes de demarcarem uma linha de fronteira clara entre romeiros e turistas. Observamos que existe uma pluralidade de atos religiosos e turísticos praticados pela mesma pessoa, de modo que temos que fazer uma observação mais acurada para saber se estamos diante de um turista ou de um romeiro ou romeira.

Para uma tipificação do romeiro e do turista religioso, é um bom momento para apresentar o resultado de uma conversa com sr. Mendonça Silva, dono da pousada Santa Izabel do Juazeiro do Norte, que fez o perfil do romeiro e do turista. A transposição da conversa para o texto escrito dá ao leitor uma oportunidade de perceber as nuances da questão:

*“Primeiro de tudo quero dizer que Juazeiro é romaria e turismo religiosos. Mas tem uma diferença entre o romeiro e o turista religioso. A gente percebe quem é romeiro tradicional através de traços: 1º. Ele vem nas romarias específicas, quer dizer: 15 de setembro, 2 de novembro, 2 de fevereiro e se as condições favorecerem em 20 de julho; 2º. Vem com o rosário no pescoço porque é o símbolo do romeiro do meu padrinho Ciço e de Nossa Senhora das Dores; 3º. Vem caracterizado pagando promessa, as vezes traz um parente fazendo o mesmo; 4º. Usa um modo de vestir roupas mais tradicionais como também o sapato; 5º. Sai da pousada todo dia ainda de madrugada para participar da missa de 5 horas da manhã e fazer o caminho das igrejas e do horto que é o caminho da devoção. Já o turista religioso tem um comportamento diferente e podemos identificar nele também cinco coisas: 1º. Quando chega na pousada faz uma primeira pergunta: ‘o ar condicionado tá funcionando?’; 2º. A segunda pergunta não é tão diferente da primeira: ‘qual é a senha do wi-fi?’ 3º. Ele vem fora do calendário da romaria e, por isso, não coincide com as festas do romeiro mesmo; 4º. É um público mais jovem e sua vestimenta é diferente como uso de bermuda, tênis de marca, óculos escuro, um bom celular etc.; 5º. Faz uma pergunta dupla: onde fica o*

*melhor balneário por perto e à noite onde é bom para tomar uma cerveja bem geladinha?”*

Assim, por meio dessa sequência discursiva, extraída da entrevista feita ao dono da pousada, surgem elementos importantes a serem analisados, pois ao dizer: “Juazeiro é romaria e turismo religiosos”, pontuamos como a ideologia de um membro de um estamento social se materializa no discurso produzido e naturaliza os sentidos, provocando o efeito de evidência. Os que fazem o turismo religioso diferenciam-se dos romeiros e romeiras tradicionais não apenas por sua aparência, seu modo de vestir, sua postura, sua ideologia religiosa, sua visão de mundo, mas sobretudo pelas estruturas de significados dentro das quais inserem sua experiência.

Há uma diferença entre essas duas categorias, romeiro-tradicional e romeiro-turista. Steil (2003), abordando as raízes etimológicas das categorias peregrinação e turismo religioso, afirma que:

Enquanto as peregrinações e romarias tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento seja considerado como turístico. (STEIL, 2003, p. 35).

Verificamos que, em geral, quando se trata de romaria, associa-se um caráter penitencial, que é verdade, mas é muito mais amplo, diferenciando-se do turista, o qual, em geral, é identificado com aquele que se relaciona ao lazer. Interessante que ambos fazem lazer e também sua caminhada interior, isso porque sempre existiu uma mistura entre sagrado e profano nas peregrinações, no que se refere às suas finalidades, nas motivações, nos interesses e nas atividades que, na sua complexidade e riqueza, fica muito difícil de mensurar. São dois fenômenos e ambos são atravessados por uma lógica ambivalente, ilustrada por um vai-e-vem permanente entre “o sagrado e o profano” (ELIADE, 1992).

Nossa análise aponta para uma tensão interna e permanente entre duas estruturas de significados no processo das romarias ao Juazeiro, que estariam apontando para idealizações opostas, ou “tipos ideais”, no sentido weberiano.

Os estudiosos do fenômeno religioso costumam ter presente a análise feita por Victor Turner e Edith Turner (1978), que, de um lado, tem o modelo

convivial de uma comunidade emocional e religiosa chamada de *communitas* e de outro, temos o modelo da sociedade, marcado por uma convivência “fria e calculada”, que poderia ser expresso pela ideia de *societas*, da forma como a entende Norbert Elias (1995). Nesse contexto, grosso modo, diríamos que a experiência romeira está para a *communitas* e do turista religioso para *societas*. Mais adiante aprofundaremos esse binômio. Fica claro que há uma complexidade na romaria, porque seu discurso comporta duas formas de sociabilidade que operam a partir de lógicas opostas: da *communitas*, para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão; e da *societas*, em que a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção.

Daniel Walker, pesquisador local de saudosa memória, assim se referiu quando perguntado sobre o que mudaria nas romarias com o impacto do turismo religioso: *“sim, o turismo está mudando o jeito de ser das romarias de Juazeiro, e isso é inevitável. A presença do ônibus como meio de transporte mais usado é um indício disso. Hoje junto com as romarias estar proliferando o turismo religioso e não há como deter essa nova tendência. É um processo de transformação natural e era esperado. A cidade vê hoje o turismo religioso como um grande canal econômico e o estimula, pois é formado por gente de poder aquisitivo maior do que o dos peregrinos, oriundos geralmente das zonas rurais e cidades pequenas do interior nordestino. É possível que num futuro mais distante o turismo religioso prevaleça, descaracterizando as romarias tradicionais, como já ocorre noutros grandes centros de peregrinação, como Aparecida, por exemplo. Mas ainda tenho esperança de que a marca da nordestinidade irá continuar... por conta do carisma especial do padre Cícero”*.

Desse modo, ao cotejar os discursos produzidos por esses sujeitos entrevistados, podemos perceber que a resistência a posições diferentes é algo presente entre eles. Isso mostra como a resistência, vista pela ótica da Análise do Discurso pecheutiana, não é apenas se opor (no sentido da oposição), mas sim ser outro e isso requer uma afirmação.

Por conseguinte, é importante saber que o turismo penetra em todas as áreas da sociedade, como o capitalismo, embora, mais do que lamentar tal transformação, qualificando-a como uma espécie de degradação da prática religiosa ou de rejeição da tradição, preferimos ver as representações turísticas

sob sobre vários ângulos. Sabemos que é um evento constitutivo de uma outra tradição, de caráter profano e moderno, que também se constitui como uma lógica interna das práticas de peregrinação.

### **5.3 Recorte discursivo 2: Resistência Cultural**

A resistência cultural é um dos temas fundamentais para compreender o fenômeno das romarias ao Juazeiro do Norte. O fenômeno do catolicismo brasileiro tem sido analisado de inúmeras formas. Sua importância inscreve-se nos estudos de temas contemporâneos. Podemos afirmar que a resistência do movimento religioso popular de Juazeiro, levado em frente pelos romeiros do padre Cícero até os dias de hoje, revela um potencial “subversivo” escondido sob as aparências de passividade alienada. Os romeiros e romeiras mantiveram secularmente uma postura que mesclava obediência e resistência. Analisando os discursos, vemos no movimento popular de Juazeiro uma continuidade com a tradição do catolicismo brasileiro, mas de forma bastante singular.

#### **5.3.1. Recorte discursivo 2.a: Resistência Cultural (“sentimento de pertença”)**

**- Acho que a resistência do romeiro vem pela obediência. A obediência ao pedido do padre Cícero Romão: “não deixe de visitar o Juazeiro”. / Porque acreditamos que meu padrinho foi um enviado por Deus, com a tradição de tudo que nós ouvimos dos antepassados e participando disso, faz crescer a fé naqueles que tem fé no Jesus Cristo Salvador e que meu padrinho Ciço foi um mensageiro d’Ele. / Eu amo muito, meu Padrinho, padre Cícero e a Mãe das Dores, eu amo demais! / Eu acho que é um sentimento da gente pertencer ao meu Padrinho e ele a nós. Tem também a ligação com a cidade do Juazeiro. Eu tenho um sentimento de que vou ainda morar em**

***Juazeiro pra ficar perto de meu Padrinho e da Mãe da Mãe das Dores / Também a gente sabe que nossos pais tinham uma paixão com o meu Padrinho e o Juazeiro. / Estou com 54 anos, mas depois eu ainda vou morar no Juazeiro e quero morrer lá. / É o chamado. É mais ou menos isso. A pessoa não sabe. / Acho que o romeiro vê meu padrinho Ciço como santo. Eu tenho uma madrinha com mais de 90 anos. E tem mais de 90 viagens. / A fé no meu padrinho Ciço é grande e digo, se ele não fosse um homem de Deus a romaria já tinha se acabado. Vamos não só para agradecer a Graça, mas para pedir. / Se explica pela perseverança dos fiéis romeiros em continuar sua devoção na romaria, a nossa fé, que a nossa fé, que a gente organiza assim, o ano inteiro, devagarzinho, aos poucos. / A gente confia muito em Deus. Sem Deus não somos nada, mas através de meu padrinho Ciço hoje a gente continua a romaria, porque ele foi humilde. Por isso que a gente tem essa fé e por isso a gente resiste em continuar a romaria. / “A fé faz a gente resistir, só isso, a fé no meu Padrinho Ciço (Resistência Cultural.2.a).***

Fotografia 20 - Romeira no Horto – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

Agora, observamos como o romeiro e romeira do Juazeiro se mostra discursivamente interpelado em sujeito que tem uma missão: *“Acho que a resistência do romeiro vem pela obediência. A obediência ao pedido do padre Cícero Romão quando diz não deixe de visitar o Juazeiro” (2.a)*. Como também *“porque acreditamos que meu padrinho foi um enviado por Deus, com a tradição de tudo que nós ouvimos dos antepassados” (2.a)*. O discurso da tradição dos antigos volta sempre como um refrão. Segundo Bourdieu (2004), *“a sobrevivência constitui sempre uma resistência, isto é, a expressão da recusa em deixar-se desapropriar dos instrumentos de produção religiosos” (BOURDIEU, 2004, 45)*.

Já analisamos o recorte discursivo da tradição com o aspecto da afirmação, mas essa dimensão estará sempre presente, porque entendemos que vários elementos estão em complementariedade e não separados de forma estanque. Sabemos que no discurso dos romeiros e romeiras vão se incorporando alguns ditos que são atribuídos aos antigos. Desse modo, os usos e costumes dos romeiros e romeiras funcionam como uma tradição inventada, que circula com efeito de verdade no meio do povo romeiro por meio do imaginário popular. A propósito, Hobsbawm<sup>4</sup> (2017) desenvolve o conceito de tradição inventada ou a invenção das tradições. Para esse autor:

por tradição inventada entende-se o conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM, 2017, p. 8).

A resistência cultural tem dois polos de sustentação: o tempo e o espaço. Na discursividade dos sujeitos da romaria há uma forte incorporação da fala dos antigos no sentido de pertença ao espaço da romaria. No dizer desse romeiro: *“Eu acho que é um sentimento da gente pertencer ao meu Padrinho e ele a nós. Tem também a ligação com a cidade do Juazeiro. Eu tenho um sentimento de que vou ainda morar em Juazeiro pra ficar perto de meu Padrinho e da Mãe da*

---

<sup>4</sup> Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012) foi um historiador marxista britânico reconhecido como um importante nome da intelectualidade do século XX. Ao longo de toda a sua vida, Hobsbawm foi membro do Partido Comunista Britânico. Um de seus interesses foi o desenvolvimento das tradições. Sem dúvidas Hobsbawm foi um dos historiadores mais lido no mundo. Esta notoriedade arranca, sobretudo do êxito planetário das obras: *Era dos Extremos* e *Breve história do século XX*.

*Mãe das Dores / Também a gente sabe que nossos pais tinham uma paixão com o meu Padrinho e o Juazeiro*” (2.a). Aqui temos claramente uma memória discursiva muito expressiva no meio da comunidade romeira. É muito importante relembrar que a memória discursiva não é cognitiva. Isso porque ela não pode ser racionalmente acessada pelos sujeitos, pois o sujeito entendido aqui é da ordem do inconsciente. “A linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descoberta” (ORLANDI, 2001, p. 96).

A memória é poderosa porque guarda tudo o que já foi historicamente simbolizado e funciona como um saber no qual se inscreve toda a produção simbólica das práticas sociais. Apelando para a memória discursiva, o recorte discursivo dos romeiros e romeiras produz um chamativo efeito de semelhança com o discurso atribuído aos romeiros e romeiras do passado. A evocação dos antigos romeiros e romeiras na memória nos coloca numa grande aproximação e diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e as Ciências da Religião. O discurso presente no meio dos sujeitos da romaria evidencia uma inquestionável ligação do espaço e do tempo. Vemos que essas duas dimensões dialogam entre si, no sentido de que para os sujeitos da romaria pode-se “espacializar o tempo” ou “temporalizar o espaço” (MENDONÇA, 2017, p. 22). Os sujeitos da romaria criam uma identidade espacial. O Juazeiro passa a ser um grande santuário. A romaria toma conta de todos os espaços e isso possibilita à romaria do Juazeiro ser uma experiência de vivência da espacialidade romeira. A ligação experiencial dos sujeitos da romaria leva a uma relação de profunda afetividade, a ponto de escutarmos: “*eu ainda vou morar no Juazeiro e quero morrer lá*” (2.a) ou “*a gente tem essa fé e por isso a gente resiste em continuar a romaria*” (2.a). Percebemos que as formas visíveis do espaço da romaria são representações de pensamentos e discursos. E vemos que o discurso se materializa na língua e como a língua é marcada pelo heterogêneo, pelos equívocos. No discurso do sujeito da romaria há uma vontade de morar e morrer no Juazeiro, mas tudo é muito incerto e expressa a própria incompletude do discurso. Como afirma Orlandi:

a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo de entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível. (ORLANDI, 2001, p. 52).

Percebo essa devoção como algo que faz parte intrinsecamente do fiel, no sentido mesmo de sua constituição, como vemos na expressão: *“A fé faz a gente resistir, só isso, a fé no meu Padrinho Ciço (2.a)*. Nos depoimentos que obtivemos, ao longo da pesquisa, os romeiros e romeiras entrevistados afirmavam com muita convicção a centralidade da devoção em suas vidas; não seria possível existir sem a presença dela. E não basta ser devoto, é preciso que essa devoção seja vivida através da realimentação proporcionada pela realização da romaria.

Corroborando com os depoimentos dos sujeitos da romaria, os pesquisadores do local confirmam essa resistência cultural, sobretudo uma resistência que vem da identificação com a história do padre Cícero Romão, que foi também perseguido. Nesse sentido, é ilustrativo o discurso de Josemy Ferreira: *“diversas explicações, mas a mais importante, para mim, quando se trata da romaria em Juazeiro do Norte, é que essa devoção é genuinamente popular, enraizada numa vontade popular que se afirmou e se afirma em relação a qualquer autoridade, especialmente hierárquica. A fidelidade e identificação ao Padrinho que sofreu perseguição como o próprio romeiro!”*

Segundo Pêcheux, a resistência é conatural a toda dominação que acontece e, no caso do Juazeiro do padre Cícero Romão, houve muita resistência, conforme demonstramos em capítulos anteriores e isso confirma que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2014). A resistência aqui não foi ao discurso divino, ao contrário, foi uma resistência a todos aqueles que desqualificaram a crença no milagre da beata e do padre Cícero Romão.

### **5.3.2. Recorte discursivo 2.b: Resistência Cultural (“fé no meu Padrinho e na Mãe das Dores”)**

***- É que tenho aquela fé no meu padrinho Ciço, e na Mãe das Dores, que os romeiros fazem muitas promessas e são validos, por isso eles têm essa paga, daqui para o Juazeiro e pelos santos do Juazeiro que é primeiro meu Padrinho Ciço e nossa Mãe das Dores. / Eita, Artur... essa perseverança, né? Primeiro esse amor, esse carinho que os***

romeiros têm pela Mãe das Dores e pelo padre Cícero. A fé do romeiro, né? Significa essa fé no padre Cícero. Há muitos anos ele ficava ensinando as coisas boas ao mundo. Então o povo tem aquela fé, como um Cristo. / **Isso não tem explicação, não tem. / É a fé na intersecção de Nossa Senhora e a confiança no poder de Nossa Senhora e meu padrinho.** / Significa respeito ao padre Cícero Romão Batista pela sua maneira de rezar e trazer essa dimensão pela fé. É um agradecimento à Deus por tudo que acontece. / A fé. A confiança e as devoções em meu padrinho e Nossa Senhora das Dores. / Quanto mais a gente vem dá vontade. O padre Cícero, a fé. / Vai aumentar a participação do romeiro. Agora, **não precisa o papa santificar o padre Cício, porque ele já é santificado por Deus. / O romeiro trabalha o ano todinho pra vir ao Juazeiro, assim o romeiro tem mais fé do que outros que não tem esse sistema.** / Fé em meu Padrinho e os milagres que ele continua operando. / A fé primeiramente em Deus, meu Padrinho e a Mãe das Dores. / a cada ano vejo mais romeiras novas e vejo que quem vai pela primeira vez não deixa de ir mais. / Aprendemos dos antigos que a gente pode dizer que vai em missão e muitos vai por outras coisas. Muitos vai pra Juazeiro, mas vai como um passeio. Vou todo ano como se fosse uma missão. / **Estamos chegando no Juazeiro de uma caminhada a pé para agradecer e pedir ao meu Padrinho e a Mãe das Dores e para que dê força pra nós pra libertar a terra para nós porque estamos enfrentando uma luta muito grande no acampamento. / A gente só vai ao Juazeiro quando Nossa Senhora das Dores chama.** / A fé primeiramente em Deus e depois em meu padrinho. É um chamado para nós, que nós vem embora pela fé em Deus. / Acredito que diante das necessidades do povo, as pessoas encontram força, coragem e esperança, pedindo a intercessão dos santos e santas, e o povo nordestino acredita muito no poder do padre Cícero. (Resistência Cultural.2.b).

Fotografia 21 - Festa das Candeias – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

Já vimos que a Análise do Discurso parte do pressuposto de que a língua é a materialidade específica do discurso, e que o discurso é a materialidade específica da ideologia (ORLANDI, 2001). Tratando-se de um discurso religioso, desemboca naturalmente em um discurso teológico e este não está isento da ideologia. É importante assinalar que a ideologia não é concebida enquanto ocultação da realidade, mas como modo de funcionamento do imaginário. E essa dimensão é muito forte na dimensão da religião, por isso, nossa incursão nas ciências da religião, porque

A questão da religião é de grande importância hoje no Brasil, como o mostram as atuais transformações e recomposições do campo religioso do país e o interesse que a religiosidade e as religiões despertam nas ciências humanas, em geral, e na Teologia e nas Ciências da Religião, em particular. (DE MORE, 2011, p. 7).

Para analisar o discurso religioso, devemos ter presente a análise interdiscursiva como um elemento constituinte e constitutivo, e ele é produzido pelo processo das formações ideológicas que ocorre nas relações sociais. E essa é uma das razões que justifica a materialidade contraditória do interdiscurso, porque o seu chão é a historicidade, onde acontece a submissão à lei de “desigualdade-contradição-subordinação” e acarreta a necessidade de nos determos nessa pluriressignificação discursiva.

O discurso: *“isso não tem explicação, não tem. / É a fé na intercessão de Nossa Senhora e a confiança no poder de Nossa Senhora e meu padrinho”* (2.b). Nesse sentido, entendemos que a construção discursiva do sujeito ocorre à parte da desestruturação-reestruturação dos dizeres e a partir do outro. O discurso

religioso é construído pela tensão existente entre o plano divino e o plano temporal. Nesse sentido, podemos refletir que entre a voz do sagrado, que pertence ao plano divino, e a voz do ser humano, que pertence ao plano temporal, há um espaço preenchido pelo silêncio e pelas relações imaginárias e simbólicas. E é nesse espaço que também se constroem os sentidos do discurso religioso.

Nesse íterim, se coloca um desafio de reconstrução e exploração para o cientista da religião quando tem que transformar a linguagem oral para a linguagem escrita. Esta interação entre as tradições orais e escritas produz um contexto singular que coloca em movimento a “circulação entre mito e história”, segundo a rica tradução de Lévi-Strauss (1975) E por isso, não basta construir um enredo com explicações exclusivamente a partir de fontes institucionais. O nosso corpus discursivo faz um caminho de dialogar com a oralidade, com a tradição, expelindo as acusações de ser repetição enfadonha, deturpação, traição da verdade.

O recorte discursivo que analisamos tem uma centralidade no discurso teológico dos romeiros de romeiras. É recorrente se escutar: “*A gente só vai ao Juazeiro quando Nossa Senhora das Dores chama*” (2.b). Nossa Senhora tem muitos títulos na tradição católica e cada título corresponde a um contexto social da comunidade em questão. Comentando a narrativa de Nossa Senhora de Guadalupe, Susin diz que

de Guadalupe se poderia dizer muitas coisas: da sua origem, da sua história, do seu presente. Como também do mistério da figura morena impressa no manto indígena e dos seus milagres cotidianos. Aqui, porém, nos detemos na narrativa, que é, a nosso ver, uma renovação do texto evangélico, uma fonte renovada e renovadora da presença, da graça, da compaixão de Deus na América Latina. (SUSIN, 1992, p. 259)

Por que não dizer o mesmo de Maria, Nossa Senhora das Dores, para os sertanejos, romeiros e romeiras do padre Cícero Romão? Em que sentido podemos compreender a inserção de Nossa Senhora das Dores na vida de mulheres e homens que labutam duramente para sobreviver com suas famílias? A Mãe das Dores é símbolo da mãe que passou por situações de sofrimento, agonia e morte. Nesse sentido, está muito perto da realidade dos sem-terra, dos sem-teto, dos sem-emprego, das mulheres silenciadas pelo espancamento dos homens, maridos ou não, mulheres que são ao mesmo tempo mães e pais de família.

O símbolo de Nossa Senhora das Dores designa a alma que acolhe, fecunda e gera. No imaginário dos sujeitos da romaria há um cultivo de uma figura materna que é a mãe. Ela diz o que tem de fazer, por isso, o romeiro e a romeira vão ao Juazeiro quando a Mãe das Dores chamar. Lina Boff assim descreveu, alargando esse sentido quando diz que

daí vem a força da presença atuante de Maria como Mãe, e Mãe de Deus. Os grupos mais conscientizados invocam Maria como a mulher libertadora, a mulher forte e profética, companheira do dia-a-dia, mulher do povo, mulher morena, mulher negra. Percebe-se a importância da sua intercessão e a inspiração da sua figura enquanto modelo e ponte entre o terrestre e o celeste, o que está aqui embaixo e o que está por vir lá do alto. Ver-se-á como Maria entra no clamor por vida das massas excluídas ou sobrantes. (BOFF, 2001, p. 71).

A devoção manifesta-se por uma pluralidade de expressões populares de fé que precisamos perceber dentro de uma polifonia do sagrado. Um grupo de romeiros e romeiras chegou a pé vindo do estado de Alagoas ao Juazeiro e uma romeira fez o seguinte depoimento: *“estamos chegando no Juazeiro de uma caminhada a pé para agradecer e pedir ao meu Padrinho e a Mãe das Dores e para que dê força pra nós pra libertar a terra para nós porque estamos enfrentando uma luta muito grande no acampamento”* (2.b). É um discurso que expressa, através de sua devoção, uma fé, a partir da sua cultura e como força de resistência no meio de seus sofrimentos.

A discursividade romeira é acompanhada sempre de duas referências fortes, como vemos no discurso desse sujeito da romaria: *“é que tenho aquela fé no meu padrinho Ciço, e na Mãe das Dores, que os romeiros fazem muitas promessas e são validos, por isso eles têm essa paga, daqui para o Juazeiro e pelos santos do Juazeiro que é primeiro meu Padrinho Ciço e nossa Mãe das Dores”* (2.b). Nesse discurso percebemos que a teologia romeira é muito simples e direta no sentido que padre Cícero Romão e a Mãe das Dores encurtam o caminho para se chegar ao essencial que é Jesus, o Cristo. E para expressar essa dimensão muitos romeiros e romeiras usam um símbolo externo que é o “rosário da Mãe das Dores” no pescoço.

A romaria é a grande legitimadora desse discurso porque é o espaço ritual que garantirá o status divino a esse conjunto de elementos que fazem de uma manifestação histórico-social uma manifestação enunciativa da discursividade

religiosa e também a interdiscursividade configura a expressão de diferentes vozes a fim de (re) significar o discurso religioso.

Para o romeiro e a romeira do Juazeiro, a fé está no campo da significação de verdade sacralizada e é culturalmente instituída na discursividade religiosa popular. Na romaria e devoção ao padre Cícero Romão e à Mãe das Dores (religião), as pessoas excluídas encontram a melhor solução. Para os romeiros e romeiras, Deus é um mistério que se anuncia como evidência e nesse sentido não é um enigma, mas uma luz no caminho. Por conseguinte, a romaria alimenta um imaginário popular religioso que fundamenta o sentido de busca e dá uma resposta às consequências da vida tão dura que tem que ser enfrentada no dia a dia.

A resistência para esses romeiros e romeiras é acompanhada com paciência a toda prova, a paciência histórica. Os romeiros e romeiras foram historicamente excluídos e marginalizados em relação à prática de suas devoções. Como o padre Cícero Romão, foram silenciados e assumiram um método de continuar resistindo, mas sem fazer muito barulho. Optaram pelo silêncio, mas “há um sentido no silêncio” (ORLANDI, 1995, p. 12). É o que veremos nos próximos recortes discursivos.

#### **5.4 Recorte discursivo 3: Protagonismo Ameaçado**

Os estudiosos do fenômeno do Juazeiro são claros quanto à peculiaridade das romarias dedicadas ao padre Cícero Romão. Os historiadores são lúcidos em constatar que os romeiros e romeiras não prestavam atenção às sentenças eclesiais que condenaram o padre do Juazeiro, que viria a ser considerado o Patriarca do Nordeste. As romarias ininterruptas são uma demonstração de que os romeiros e romeiras assumiram um protagonismo *sui generis* comparando com a experiência de outros santuários espalhados pelo Brasil e pelo mundo. A história eclesial tem mostrado que dificilmente uma experiência leiga, como é o caso da romaria, fica sem ser cooptada pela instituição. Comblin (2011) dizia que o Juazeiro ainda é uma experiência única

de protagonismo preservado dos romeiros e romeiras. Nossa análise se propõe a lançar luz sobre essa constatação.

#### **5.4.1. Recorte discursivo 3.a: Protagonismo Ameaçado (“o padre já é santo”)**

*- Olhe, eu acho que meu padrinho disse que nas horas da partida dele desse mundo que ele ia para o Céu e que a própria Igreja ia fazê-lo retornar a fazer parte da Igreja e as portas da Igreja iria se abrir para ele. Agora é o seguinte: só que para os romeiros de fé, ele já está no Céu, é santo, mostra milagre. Essa história de fazer meu Padrinho Santo. Pra quê? Ele já era e é santo e não precisava de Papa nem cardeal nem padre santificá-lo, porque ele já é santo desde o dia que nasceu. Aí você vê agora tudo interessado pelo meu padrinho. Os que fazem parte daqui da diocese. Hoje, tem interesse que quanto antes ele seja liberado um santo, porque vai melhorar a situação da Igreja financeiramente, e nós sabemos, que tem padre que gosta muito de dinheiro. / Pois é eu vejo o que eu vi toda vida, que eu creio que ele é um santo, eu creio que ele é santo o que aconteceu, eu sei que o padre já é santo, com certeza. / Os padres dizem lá também que tem a missa, mas nós tem que vir a Juazeiro. É porque é um chamado da Mãe das Dores que nós viemos. / É porque antigamente, muitos padres não aceitavam, mas agora está se endireitando. / Afasta não, pelo contrário, está aumentando. Os romeiros estão aumentando. Olha, se eu botasse dois carros, de Jaboação pra cá, vinha cheio! / Eu acho que não, que eles querem isso, eu acredito que o fluxo vai ser muito maior. Apesar de todos nós sabermos que ele é santo. Conhecemos a história dele e sabemos que ele é santo. Ele já está entronizado no nosso coração, isso é o que minha mãe sempre dizia. E se ele for realmente canonizado, nossa! Aí é que os romeiros, todos aqueles que acreditam, que seguem, né, a sua catequese, vai vir mais, muito mais romeiros, eu acredito! / Então, ainda dentro dessa questão, é verdade*

***que há algum tempo atrás, a maioria dos padres, a maioria não concordava com a romaria de Juazeiro com padre Cícero e mudou isso. Agora, uma grande parte dos padres e bispos, tudo valorizando muito o padre Cícero. / É um perigo grande, porque exatamente o que me toca, é o Padim Ciço ser do povo, estar no meio do povo (Protagonismo Ameaçado.3.a).***

Fotografia 22 - Alto do Horto – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte - CE

O padre Cícero se tornou um santo popular pela sua proximidade com o povo pobre nordestino. O povo romeiro foi quem santificou o padre e alimentou essa convicção até os dias de hoje. Em torno do padre santo criou-se todo um imaginário. A cidade de Juazeiro passa a ser um centro de salvação religiosa e o romeiro e romeira continuaram a tradição em boa parte mantendo um protagonismo.

Enquanto produto do trabalho de lideranças leigas “não instituídas”, as lideranças religiosas no contexto das romarias foram se moldando gradativamente fora do controle da instituição eclesiástica, no caso concreto do Juazeiro do Norte, chegando a distanciar-se, não por culpa dos romeiros e romeiras, mas pela postura da própria Igreja hierárquica, não só ficou contra as romarias, mas também as perseguiu. É o que vamos analisar mais a fundo no próximo bloco discursivo.

Na longa caminhada histórica, os romeiros e romeiras foram forjando sua resistência em continuar sua aventura peregrina e em torno de seu discurso foi consolidando um protagonismo. Brandão (1986), estudando a cultura popular, relata a relação do povo religioso com as lideranças institucionais, dizendo que

eles não dominam um saber estranho, como o do padre, mas apenas sabem, mais e melhor, as rezas que todos os outros adultos aprenderam a responder. Eles nunca devem inventar variações perturbadoras sobre um repertório de rezas, cantos e gestos rituais de que a assistência de fiéis participa de maneira ativa e iniciada. Fora as benzedeiras católicas, todos os outros especialistas populares são a memória mais aguda de um saber religioso complexo, mas não secreto, e aprendido no limite entre o ensino dos padres e o da própria comunidade; feito às claras e, se possível, transmitido por pais ou parentes, velhos conhecidos e todos, guias religiosos definidos sem mistérios, segundo os modos como os códigos locais classificam os seus sujeitos e as suas práticas sociais. (BRANDÃO, 1986, p. 38).

Já vimos nos recortes da tradição que os sujeitos da romaria, sobretudo a partir da mudança do estilo de transporte pau de arara para ônibus, reclamam porque houve um enfraquecimento da tradição, e um simples exemplo são os puxadores e puxadoras de benditos da romaria, que estão desaparecendo.

No recorte do bloco discursivo que analisamos, destacamos: *“olhe, eu acho que meu padrinho disse que nas horas da partida dele desse mundo que ele ia para o Céu e que a própria Igreja ia fazê-lo retornar a fazer parte da Igreja e as portas da Igreja iria se abrir para ele”* (3.a). Dito com outras palavras, significa que a Igreja iria reconhecer os méritos do padre Cícero Romão. Não só podemos dizer de outra maneira, mas outros dizeres são ditos, pois há sempre, num determinado discurso, o atravessamento de outros, conforme escreveu Authier-Revuz (1990, p. 26) “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’, pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada”.

Nossa análise quer perceber e compreender, a partir do *corpus* discursivo, o objeto simbólico e como ele produz sentido (ORLANDI, 2001, p. 66). O discurso se guia fazendo opções, ou seja, privilegia algumas formas e “apaga” outras, no momento em que seleciona determinados dizeres em detrimento de outros, diante da interpretação de um acontecimento histórico-social. Quando o sujeito da romaria diz que *“ele ia para o Céu e que a própria Igreja ia fazê-lo retornar a fazer parte da Igreja e as portas da Igreja iria se abrir*

*para ele*” (3.a), lanço a análise de que privilegiar esse discurso ajuda a manter a resistência e fazer avançar o próprio protagonismo. A memória oral guarda esse discurso que é bastante divulgado entre os romeiros e romeiras do Juazeiro. Dumoulin, se referindo a esse recorte discursivo, coloca-o no final da vida do padre Cícero Romão, quando diz que

Ele terminou seus últimos anos de vida como bom católico, ajoelhado silenciosamente nos bancos dos fiéis leigos, recebendo os sacramentos de Penitência, da Eucaristia, e, por fim, a Unção dos Enfermos. Aos romeiros, recomendava a fidelidade à Igreja Católica Apostólica Romana, ele que poderia ter sido o fundador de um cisma na Igreja, e teria sido seguido por milhões de nordestinos e brasileiros, tão grande era sua influência espiritual e moral no meio do povo. Sempre pedia aos romeiros para não procurar defendê-lo junto à Igreja, afirmando que “um dia, ela mesma lhe fará justiça”. (DUMOULIN, 2017, p. 199).

É importante perceber que, analisando os inúmeros discursos dos romeiros e romeiras, o tema da fidelidade à Igreja está presente em palavras e posturas. Mesmo em momentos históricos muito conflituosos, havia uma convivência razoavelmente amigável da comunidade romeira com o clero. Diria que a lógica romeira seguiu o método da não confrontação. Sempre foi uma atitude da comunidade romeira de não conflitar com as autoridades, mas não deixar de fazer o que é mais importante para ela, que é fazer a romaria, porque é nela que acontece a experiência de deixar a quotidianidade dos dias comuns a fim de viver uma experiência do extraordinário, do transcendente. E toda essa história constitui-se em estruturas próprias, da construção de símbolos que geram sentido de modo ilimitado.

Entre tantos recortes da história, há um recorte privilegiado, que é constituído por um certo “esquecimento” e pela interpretação tocada pela ideologia de que a Igreja fará justiça ao padre Cícero Romão. Entendemos que o discurso não é uma construção de um sujeito independente das relações sociais e do condicionamento inconsciente. A teoria de Análise do Discurso é muito elucidativa nesse ponto quando deixa claro que o fazer discursivo é uma práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação e de como cada indivíduo processa através do seu psiquismo essas determinações.

Ao considerar as questões discursivas, Pêcheux (2014): se refere à questão do “esquecimento” e diz que ocorrem dois movimentos no discurso. Há um esquecimento que é relacionado com a ideologia e acontece de natureza inconsciente. Nesse movimento, o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer. Nesse processo, a formação discursiva passa a ser importante no domínio do sujeito, como também há um aspecto inconsciente nesse conhecimento. Já no segundo esquecimento acontece um ocultamento linguístico parcial, um funcionamento que é do tipo pré-consciente/consciente, em que o sujeito tem a ilusão de que o seu dizer expressa exatamente o que pensa. Esta é uma zona em que o sujeito pode penetrar conscientemente. Isso se dá quando o sujeito reformula o seu dizer com a intenção de expressar suas ideias da melhor forma possível, com a ilusão de que pode controlar os sentidos daquilo que diz. Esquecimento, aqui, deve ser compreendido no sentido do acobertamento daquilo que o causa no próprio interior de seu efeito, e não no sentido de algo que se tenha sabido um dia e tenha-se esquecido.

Constatamos que as imagens que emanam do cotidiano vivido condicionam os sujeitos em suas discursividades e estrutura suas vidas, a partir de uma compreensão do que é dito, percebendo como os sentidos se produzem (ou são produzidos, determinados ideologicamente). A memória tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. A memória discursiva está diretamente vinculada a esse esquecimento número um de Pêcheux (2014). Nas palavras de Orlandi, esse esquecimento chamado de número um é também

chamado de esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por este esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pre-existentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico [...] (ORLANDI, 2001, p. 35).

Outro ponto do recorte é a centralidade que exerce o padre Cícero Romão no imaginário romeiro, quando afirma: *“essa história de fazer meu Padrinho Santo. Pra quê? Ele já era e é santo e não precisava de Papa nem cardeal nem padre santificá-lo, porque ele já é santo desde o dia que nasceu. Aí você vê agora tudo interessado pelo meu padrinho. Os que fazem parte daqui da diocese. Hoje, tem interesse que quanto antes ele seja liberado um santo, porque vai melhorar a situação da Igreja financeiramente, e nós sabemos, que tem padre*

*que gosta muito de dinheiro” (3.a). Aqui vemos que o universo romeiro defende em uníssono o discurso de que “ele já era e é santo” (3.a). A crítica do sujeito da romaria à Igreja não é comum entre os romeiros e romeiras do padre Cícero Romão, mas chama atenção para a existência de um discurso silencioso. O discurso construído pelos romeiros e romeiras faz parte de uma história e assim deve ser compreendido, até porque se trata de “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram [...] as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1997, p. 136). Por isso, diante do interesse da Igreja de fazer o padre Cícero Romão santo, o romeiro e romeira afirma que “ele já está entronizado no nosso coração, isso é o que minha mãe sempre dizia. E se ele for realmente canonizado, nossa! Aí é que os romeiros, todos aqueles que acreditam, que seguem, né, a sua catequese, vai vir mais, muito mais romeiros, eu acredito! / Então, ainda dentro dessa questão, é verdade que há algum tempo atrás, a maioria dos padres, a maioria não concordava com a romaria de Juazeiro com padre Cícero e mudou isso. Agora, uma grande parte dos padres e bispos, tudo valorizando muito o padre Cícero. / É um perigo grande, porque exatamente o que me toca é o Padim Ciço ser do povo e estar no meio do povo” (3.a). Aqui os sujeitos analisados afirmam sua identidade como afilhados do padre Cícero Romão e são convictos de sua santidade. Aqui há a afirmação da identidade, que se expressa afirmando a diferença. A Análise do Discurso e os Estudos Culturais, com viés nas Ciências da Religião, se completam. Na realidade, a identidade e a diferença são produtos sociais historicamente construídos pela linguagem. A identidade e a diferença não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Isso porque não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos. Somos nós que as fabricamos no contexto de relações culturais e sociais.*

A identidade do romeiro e da romeira é construída na relação e, por isso, é uma construção social, e assim mostra sua indissociável relação com a historicidade. Nesse sentido, construiu-se um discurso de que o padre Cícero Romão já é santo e que uma possível canonização não mudaria a relação dos dirigentes do santuário com o povo romeiro, sobretudo no que toca ao protagonismo dos romeiros e romeiras. Uma liderança religiosa, quando perguntada sobre o perigo de perda do protagonismo dos romeiros e romeiras,

assim se expressou: *“pode parecer muito estranho um bispo dizer o que vou dizer, mas durante este tempo de realização das romarias a Juazeiro, foi o romeiro que, teimosamente, indicou à Igreja o caminho a seguir e não o contrário. Alguns membros do clero da Igreja Católica, e mesmo alguns leigos, lutaram bravamente para acabar com as romarias. Houve mesmo um tempo em que apenas um ou dois padres acolhiam o romeiro com a dignidade que ele merece. Durante esse tempo de rejeição, os romeiros continuaram, pacificamente, a visitar o Juazeiro, a ser devoto do padre Cícero que sempre consideraram santo, a participar das celebrações e dos sacramentos. Qualquer ofensa, qualquer má palavra que se lhes dissesse, eles atribuíam esse sofrimento à vontade de Deus para que cada vez mais eles se purificassem”*.

A essa questão, um dos sujeitos da romaria se expressou: *“É um perigo grande, porque exatamente o que me toca é o Padim Ciço ser do povo e estar no meio do povo”* (3.a). Abre-se uma incursão na Análise do Discurso para um cotejamento que faremos no próximo recorte discursivo.

#### **5.4.2. Recorte discursivo 3.b: Protagonismo Ameaçado (“antes, o romeiro estava mais na frente”)**

***Antes, o romeiro estava mais na frente no enfrentamento e animação da romaria, hoje os padres vão tomando o lugar do romeiro nessa tarefa. Mudou muita coisa na Igreja. Mas não é isso mesmo?! / Não tem o que fazer, pois padre Cícero já é santo. / Ah, não tem como afastar não, porque a fé do pessoal é grande. Tem como afastar não, tem não, tem não, tem não... O Brasil todinho não tem como afastar ele da romaria não. / A fé no padre Cícero. / Acho que não. Não tem perigo. / Não é santo pra igreja, mas para nós ele já é santo. Agora estamos esperando o Papa dar um parecer, porque a Igreja já fez o processo de reconciliação. Agora esperamos em breve abrir o processo de beatificação pra tirar ele da chuva e do sol. / Não tem nem perigo. Pelo contrário. Aqui é diferente. O milagre aqui é muito diferente. / Antes não, mas hoje a Igreja tece elogios ao padre Cícero. / O padre Cícero foi reconhecido pela***

*Igreja, só falta a beatificação. / Não muda nada, porque meu padrinho já é santo. / Padre Murilo foi um padre que quando chegou no Juazeiro não era ainda assim. Não via meu Padrinho Ciço com bons olhos. Quando ele chegou no Juazeiro ele não via essa história que a gente sabe de meu Padrinho Ciço. No início padre Murilo não batizava se o menino fosse se batizar com o nome de Cícero. Depois monsenhor Murilo se converteu e vai se tornar o maior defensor do meu Padrinho Ciço. / **Acho que não tem perigo para os romeiros. Acho que não porque para o romeiro meu Padrinho já é santo. Ele já tem seu altar que é o coração do romeiro. Por isso ele não precisa de altar de nenhuma igreja. Mas para o povo de hoje é preciso que esse dia chegue. / Esse reconhecimento é importante para o povo do mundo e a Igreja reconhecer o erro que fez. A Igreja deve esse pedido de desculpa. Não a meu padrinho, mas ao povo romeiro. Isso porque o romeiro representa meu Padrinho aqui na terra. Para o povo do mundo o povo romeiro é idólatra. Na realidade o romeiro é que é a maior vítima dessa história toda. / Independentemente do reconhecimento pela Igreja Católica, os romeiros sempre reconheceram o padre Cícero como o Santo do Nordeste. Sendo reconhecido oficialmente como santo pela Igreja Católica, acontecerá o fim do preconceito desta Igreja contra a um dos seus filhos que sempre foi fiel às causas dessa Instituição. / Tá bom porque quem diz tudo que sabe fica sem saber.** (Protagonismo Ameaçado.3.b).*

Fotografia 23 - Missa campal em frente a Matriz das Dores



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte - CE

Observamos que o termo linguístico mais presente na voz dos sujeitos acima é a palavra “santo”. Eles usam a afirmação de santidade do padre Cícero Romão para marcar os traços identitários do povo romeiro do Juazeiro. Quando perguntado sobre o que mudaria se padre Cícero Romão fosse declarado santo pela Igreja e se os romeiros e romeiras corriam risco de perder seu protagonismo, tivemos a resposta: *“acho que não tem perigo para os romeiros. Acho que não porque para o romeiro meu Padrinho já é santo. Ele já tem seu altar que é o coração do romeiro. Por isso ele não precisa de altar de nenhuma igreja. Mas para o povo de hoje é preciso que esse dia chegue”* (3.b). Os sujeitos afirmam a grande tradição de fé no padre Cícero Romão e de maneira poética expressam que *“ele já tem seu altar que é o coração do romeiro”* (3.b). Nesse discurso percebemos uma ligação extremamente afetiva com o santo e, ao mesmo tempo uma afirmação de uma identidade de “santidade”, uma identidade romeira forte a ponto do próprio coração do romeiro e romeira ser o altar do santo. Muitas vezes, o povo antecipou-se à santidade da Igreja reconhecendo uma pessoa como santa. É o caso do padre Cícero Romão, que não é reconhecido pelo catolicismo oficial, mas é venerado por milhões de romeiros e romeiras em todo o Brasil.

Cícero Romão nunca deixou de ser padre e nunca tirou a sua batina preta e surrada. Já vimos fartamente que esse padre foi condenado pela Igreja romana. Embora padre Cícero Romão seja proclamado santo no imaginário popular, não pode entrar na igreja, porque continua sendo um padre afastado de suas funções sacerdotais e, no discurso de uma romeira: *“agora esperamos em breve abrir o processo de beatificação pra tirar ele da chuva e do sol”* (3.b). Aqui temos uma construção metafórica que é imprescindível na Análise do Discurso. Segundo Orlandi (2001), não há sentido sem metáfora porque as palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade. Por conseguinte, esse santo que é obrigado a permanecer na “chuva e no sol” é sustentado pela religião popular. Aqui acontece um movimento simbiótico porque não é a Igreja hierárquica que propõe a devoção ao santo. É a resistência de um movimento popular devocional que obriga a Igreja hierárquica a se posicionar em favor dele, mostrando assim uma forte dimensão identitária.

Em seu tratado sobre memória e identidade, Candau (2002) escreveu que não pode haver identidade sem memória, porque somente esta permite a autoconsciência da duração. Como não pode haver “discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia” (ORLNADI, 2001, p. 67), muito menos pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem a priori um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significados para ele.

A mentalidade mítica dos sujeitos da romaria estrutura os discursos, que têm base num sistema de crenças alimentado por uma escatologia própria da fé popular nordestina. Ainda neste aspecto, Karl Mannheim esclareceu que

a estrutura interior da mentalidade de um grupo nunca pode ser apreendida tão claramente, como quando nos esforçamos por compreender a sua concepção de tempo, à luz das suas esperanças, aspirações e desígnios. Uma dada mentalidade não ordena apenas os acontecimentos futuros, com base nestes desígnios, mas também os passados. Os acontecimentos que, à primeira vista, se apresentam como simples acumulação cronológica, adquirem, deste ponto de vista, o caráter de destino. (MANNHEIM, 1929, p. 151).

A relação entre identidade e memória nos mostra que a identidade se manifesta como um discurso autorreferenciado que tem uma gama de sentidos. Sendo assim, a identidade que foi construída pelos romeiros e romeiras ao longo do tempo em sucessivas romarias é fruto de formações discursivas sempre atravessadas por saberes provenientes de outras formações discursivas. Tentamos não cair na homogeneização ou transmitir um efeito de fixidez, mas procuramos o favorecimento das modalidades discursivas de funcionamento subjetivo. A propósito, Orlandi (2001) esclarece que

os textos individualizam – como unidade – um conjunto de relações significativas. Eles são assim unidades complexas, constituem um todo que resulta de uma articulação de natureza linguístico-histórica. Todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos (imagem, som, grafia etc); quanto à natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição etc); quanto as posições do sujeito. Além disso, podemos considerar essas diferenças em função das formações discursivas: em um texto não encontramos apenas uma formação discursiva, pois ele pode ser atravessado por várias formações discursivas que nele se organizam em função de uma dominante. (ORLANDI, 2001, p. 70).

Na lógica da Análise do Discurso de linha francesa, o discurso é um processo em curso. Ele se manifesta através de uma prática, ou seja, não é um conjunto de textos, mas uma prática. Como também, o discurso se manifesta por ser uma prática simbólica e como tal está carregado de sentido. Na expressão: *“não é santo pra Igreja, mas para nós ele já é santo”* (3.b), manifestam-se vários elementos. Como um discurso não é igual a um texto, compreendemos que ele não deve ser tomado como ponto de chegada ou de partida.

O discurso diz e esconde ao mesmo tempo. É importante pontuarmos que a presença dos efeitos metafóricos no discurso dos romeiros e romeiras se constitui em uma constante, como vemos: *“tá bom porque quem diz tudo que sabe fica sem saber”* (3.b), existe um grau de sabedoria e sutileza do discurso. Dito com outras palavras, é “que o dizer tem relação com o não dizer” (ORLANDI, 2001, p. 82). Quando o sujeito da romaria afirma: “antes não, mas hoje a Igreja tece elogios ao padre Cícero” (3.b), percebe-se nesse discurso o pressuposto que a Igreja não apoiava antes e essa dimensão remete a uma memória histórica forte para os romeiros e romeiras, tempo de perseguição. E essas noções que encampam o não-dizer envolvem, na Análise do Discurso, noções de interdiscurso, de ideologia e formação discursiva. Essas noções correspondem muito à incursão da transdisciplinaridade que quer perceber o antes, o durante e o que está para além no discurso, ou seja, há “níveis de realidade” e “níveis de percepção” diferentes (NICOLESCU, 1999).

Na construção do discurso dos sujeitos, percebemos que há um silêncio embutido. Uma questão fundamental na resposta da questão sobre a ameaça ao protagonismo dos romeiros e romeiras está escondida. O discurso desse sujeito da romaria é muito esclarecedor: *“Antes, o romeiro estava mais na frente no enfrentamento e animação da romaria, hoje os padres vão tomando o lugar do romeiro nessa tarefa. Mudou muita coisa na Igreja. Mas não é isso mesmo?!”* (3.b). O cotejamento dessa sequência discursiva nos traz um elemento importantíssimo para nossa análise. Há diversos modos de dizer e, conseqüentemente, diversas formas de se interpretar o que é dito. Desse modo, partimos do pressuposto de que toda realidade transformada em linguagem é uma forma de interpretação ou uma representação desta realidade. Esse sujeito da romaria faz um monumental indicativo que está em curso uma clericalização da romaria, ou seja, o povo romeiro está perdendo seu protagonismo na romaria.

A construção desse discurso é extremamente sutil e nos permite parafrasear Pêcheux (1982), quando diz que “refletindo o que todo mundo sabe, permite calar o que cada um entende sem confessar” (ORLANDI, 1995, p. 40).

Quando o sujeito responde com uma pergunta, chamo isso de, recurso de precaução: “*Mas não é isso mesmo?! (3.b)*”. A discursividade sobre o fenômeno do Juazeiro é fruto de um longo processo de circunstâncias sociais e históricas específicas. Mesmo que hoje o contexto seja outro, fica no inconsciente coletivo a memória do vivido e, quando ele é mais sofrido, marca mais ainda. O padre Cícero Romão foi guia do povo pobre sertanejo nordestino, impregnando uma dimensão muito importante como o acolhimento a todos. O padre Cícero Romão foi perseguido e viveu no ostracismo, como também as romarias foram ignoradas e perseguidas. Não seria a rebeldia do Patriarca do Juazeiro sua maior força perante os pobres e excluídos de todas as vertentes desse cristianismo beato nordestino? É o que analisaremos no próximo recorte discursivo.

O padre Cícero Romão e as romarias censuradas nos levam a verificar o processo de construção do discurso assumido pelos romeiros e romeiras. Todo discurso é uma fala contextualizada que em muitas situações, por exemplo a censura, exige usar o recurso do silêncio. Por isso que

vale aí ressaltar um aspecto fundamental da censura. Submetido a ela, o sujeito não pode dizer o que sabe ou que se supõe que ele saiba. Assim, não é porque o sujeito não tem informações ou porque ele não sabe das coisas que ele não diz. O silêncio da censura não significa ausência de informação, mas interdição. Nesse caso não há coincidência entre não-dizer e não saber. (ORLANDI, 1995, p. 110).

Quando se diz: “hoje os padres vão tomando o lugar do romeiro” (3.b), expressa claramente que um poder vai se sobrepondo sobre o outro. Brandão (1986), em seu livro clássico *Os deuses do povo*, escreve que

sabemos que, do ponto em que se coloca dentro do mundo católico do lugar, o padre é um especialista legítimo e dominador, tido como necessário para os rituais de variação de status religioso e civil, mas não para agenciar milagres que, sobretudo no espaço dos refúgios camponeses, são acreditados, pedidos, esperados e retribuídos nos limites das regras e crenças da religião popular e com os seus recursos exclusivos. (BRANDÃO, 1986, p. 133).

O que está em jogo nessa questão é que está em curso uma mudança, muitas vezes lenta, mas gradual, do estrangulamento de um tipo de expressão

do catolicismo popular, em que, no caso das romarias do Juazeiro, o povo vai perdendo o modo de viver sua fé em sua cultura própria. É vital a dimensão do sagrado que perpassa todo cenário da romaria e que envolve os templos de pedras e todo espaço que é o caminho do romeiro e romeira, desde o seu lugar de residência, a estrada e naturalmente todos os espaços na cidade do Juazeiro do Norte, que é carregado de simbologia romeira, fazendo “parte das condições da eficácia simbólica das práticas e das representações religiosas” (BOURDIEU, 2004, p. 54). Para os romeiros e romeiras, há dois “campos de batalha”. O primeiro é no interno do templo de pedra. O segundo é toda a riqueza ritual dos espaços sagrados. A primeira, que é o enfrentamento com a mentalidade clerical, indica uma inevitável derrota do protagonismo romeiro. A segunda, que é o caminho, mostra uma tendência de perdurar, porque aí os sujeitos da romaria continuamente reinventam e ressignificam a tradição. Hoornaert (1997), corroborando essa mesma linha, diz que

o fenômeno não é unicamente católico. As igrejas cristãs em geral, no decorrer dos últimos séculos, ao mesmo tempo em que perseguem impiedosamente as dinâmicas sectárias e místico-populares que tendem a desenvolver-se a seu lado, sabem manter o seu domínio pelas mais variadas formas de manipulação do religioso. (HOORNAERT, 1997, p. 129).

Já vimos, no segundo capítulo desta pesquisa, que a partir da metade do século XIX, o cristianismo colonial entrou em crise. Os conflitos entre o Império e o Vaticano aumentaram. Então, a Igreja Romana passou a intervir no plano local. Fundou-se em Roma um seminário latino-americano, e os padres passaram a ser formados em Roma. O Papa enviou diversas ordens religiosas para aplicar aqui o Concílio de Trento. Um exemplo claro no Ceará foi a chegada dos padres lazaristas que assumiram o Seminário da Prainha, onde padre Cícero Romão fez seus estudos seminarísticos. O catolicismo colonial, do qual fazia parte o Juazeiro, ainda tinha características medievais, cultivando uma piedade devocional e laical, enquanto o catolicismo romano primava por colocar em prática a mentalidade tridentina, que se caracterizava por ser uma religião clerical e muito sacramental.

Como já vimos, no caso do Juazeiro, durante muito tempo a prática popular das romarias não só foram ignoradas, mas perseguidas pela religião dominante. Quase sempre, na sua origem, os movimentos de romaria populares

iam ao encontro dos santos do povo, desconhecidos ou desprezados pela hierarquia da época, como foi o caso do fenômeno do Juazeiro do padre Cícero Romão. A interpelação de um romeiro, presente no recorte discursivo (3.a) traz a polissemia de um discurso à tona: *“essa história de fazer meu Padrinho Santo. Pra quê? Ele já era e é santo... aí você vê agora tudo interessado pelo meu padrinho... hoje, tem interesse que quanto antes ele seja liberado um santo, porque vai melhorar a situação da Igreja financeiramente, e nós sabemos, que tem padre que gosta muito de dinheiro (3.a)*. Aqui, a posição-sujeito expressa a dinâmica dos sentidos e a propriedade de significar. Ao analisar o discurso e as relações de poder presentes no processo histórico construído em torno da figura do padre Cícero Romão, vamos percebendo a dinâmica que confere à linguagem a capacidade de produzir enunciados e constituir seus discursos. Percebemos que a posição que o sujeito ocupa na trama discursiva da linguagem, e as disputas ideológicas, por meio das relações de poder, levam-nos a fazer um esforço para ver o que está por trás ou o que está encoberto. Aqui aparece a necessidade da ideologia na reação com a produção de sentidos, porque “a ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história”. (ORLANDI, 1995, p. 12).

No III Simpósio Internacional sobre o padre Cícero do Juazeiro, realizado no Juazeiro do Norte em 2004, o professor Eduardo Diatahy se expressou frente a essa questão, dizendo que

inegavelmente, porém, o que mais chama a atenção dos estudiosos desses fenômenos e que caracteriza ou particulariza as romarias do Juazeiro reside no fato de serem elas praticamente criadas e sustentadas automaticamente pelo povo e até, durante muito tempo indesejadas e reprimidas pela Igreja oficial ou sua hierarquia. Até hoje, o seu estatuto canônico permanece ambíguo, como mais ambíguo ainda é o desejo eclesial de cooptar essa criação do povo tanto tempo perseguida, já que tais romarias perduram sintonizadas na figura de um santo popular não digerido pelo aparelho romanizado e eurocêntrico da Igreja, que começa a dar sinais de mudança de atitude. (MENEZES, 2004, p. 119).

As romarias ao Juazeiro do padre Cícero Romão são uma peregrinação nascida e consolidada através das expressões de fé popular do povo nordestino. A história não nega que o povo romeiro viveu o seu rosário de conflitos e incompreensões e isso fortificou a resistência popular. São homens e mulheres sertanejos que vivenciam o fardo pesado dos problemas sociais, mas encontram

o alimento da esperança e a fortaleza para superar as dificuldades da vida na fé incondicional ao seu “Padim Ciço”. Por isso, a romaria mantém viva a expressão do povo que independe da institucionalização da hierarquia da Igreja ou mesmo de alguma tutela do poder público. É o povo simples e sofrido deste Sertão do Nordeste que caminha para um lugar que ele elege como santo, que para ele é o Juazeiro do Norte, a Nova Jerusalém.

O povo romeiro tem uma paciência histórica muito grande, porque conviveu com o ostracismo da política eclesiástica desde o final do século XIX até o início do século XX, quando muda radicalmente a política da diocese do Crato em relação ao fenômeno das romarias do Juazeiro. Construiu-se um discurso afirmativo em relação à postura da Igreja em reconhecer os valores do padre Cícero Romão. No recorte discursivo que cotejamos, é expressiva a fala dos sujeitos da romaria nesse sentido: *“esse reconhecimento é importante para o povo do mundo e a Igreja reconhecer o erro que fez. A Igreja deve esse pedido de desculpa... sendo reconhecido oficialmente como santo pela Igreja Católica, acontecerá o fim do preconceito desta Igreja”* (3.b). A construção do discurso dos romeiros e romeiras é de muita sagacidade e carregada de sentido para além das palavras. Todo discurso é carregado de silêncio. O povo romeiro espera o pedido de desculpas e não confronta a Igreja, seguindo o método do próprio padre Cícero Romão que “pedia aos romeiros para não procurar defendê-lo junto à Igreja, afirmando que um dia, ela mesma lhe fará justiça” (DUMOULIN, 2017, p. 199).

A partir dessa análise, achamos por bem trazer o discurso de uma pessoa que pesquisa o fenômeno do Juazeiro, que conhece por dentro a estrutura da Igreja. A pergunta desse recorte discursivo foi: Com o reconhecimento do padre Cícero Romão Batista por parte da Igreja Católica Romana (abrindo caminho para o seu processo de canonização), o romeiro está ameaçado em perder seu protagonismo nas romarias? A resposta foi direta: “Com certeza! Os estudos revelam que é uma tendência geral da Igreja Católica querer apropriar-se dos lugares considerados santos pelo povo, depois de ter passado anos a persegui-los! A convicção de que o Clero tem de ser muito mais capaz de ‘organizar as romarias’ do que o povo, sobretudo dentro do Santuário, é impressionante!”.

Assim, apontamos nesse recorte discursivo que se está diante de um acelerado processo de clericalização das romarias do padre Cícero Romão.

Percebe-se que uma batalha já está perdida, que é dentro do templo/santuário. Agora, é verdade, a outra, fora do santuário, é mais complexa para o poder clerical demolir. Aí sim, há muita resistência popular e é um domínio do movimento devocional popular. De fato, uma eventual canonização do padre Cícero Romão possibilita dois movimentos: uma apropriação maior das romarias por parte do poder eclesiástico e um fazer justiça aos romeiros e romeiras, que sofrem censura há mais de um século. É uma trama que continua e tudo vai depender da força histórica da resistência popular.

Agora, observaremos como, a partir de uma cultura bíblico-beata sertaneja, se afirma um cristianismo de tradição, em que os sujeitos são identificados como praticantes da religiosidade popular.

#### **5.5. Recorte discursivo 4: Cristianismo Místico Beato**

É do meu entender que a experiência das romarias do padre Cícero Romão, nas suas particularidades, nos oferece oportunidade para aproximação de um universo religioso e simbólico mais amplo, para além de Juazeiro do Norte, por isso chamo o fenômeno de Cristianismo Místico Beato. Um cristianismo originário<sup>5</sup> em que a constante mudança de vida é uma máxima, como a permanente atitude de acolhida é sua marca e, por isso, místico, porque procura viver a suprema lei do sonho e da esperança, da emoção, da poesia, e beato porque está conectado com a cotidianidade da vida de um povo, sobretudo dos mais pobres e abandonados. Analisaremos a discursividade de um povo que vive de sua “memória subversiva” porque é continuação de uma grande tradição de um movimento que comumente foi se escondendo sob a capa de uma inocente “religiosidade popular”.

---

<sup>5</sup> O termo cristianismo originário nos remete ao tema do cristianismo e história. Jesus deixou um opus *inconclusum*, quer dizer, uma obra inacabada. O cristianismo místico beato vai na direção de atualizar a memória de Jesus de Nazaré procurando viver seu sonho vivendo radicalmente a comunhão comunitária através da partilha dos bens.

### 5.5.1. Recorte discursivo 4.a. Cristianismo Místico Beato (“o pobre”)

*- Mudou também dos anos para cá. Enfraqueceu para os pobres, os mais simples foram deixados de lado. A gente tem que pensar nos outros. O jeito das romarias de antes atingia mais os que estavam dentro do mato. O pau de arara era melhor porque beneficiava mais os romeiros, os mais pobres. Os romeiros subiam o morro cantando, rezando e soltando fogos. / Do meu lugar mesmo do Rio Grande do Norte tem gente que vem para cá a pé. Vinha também no pau de arara. A gente dormia no chão, no chão do abrigo, a gente não tinha esse privilégio de pousada. A gente era de roupa no chão e hoje em dia é tu do mudado, pousada caríssima / E o gostava mesmo era de dormir na calçada da igreja para esperar a hora da missa. / Não tem mais pau de arara porque infelizmente até o governo, isso proibiu, né! / Hoje em dia a gente vai de ônibus, mudou muito também as missas, porque antigamente a gente dormia nas calçadas da igreja para assistir a missa. Hoje em dia pouca gente faz isso. Mas isso aí, no dia a dia, foi mudando pouco a pouco. O que eu achei de diferente foi só isso. / Muito, mudou muito. Quando vinha no início era pouca gente. Aumentou muito. O pau de arara era mais em conta para o romeiro mais simples, comparando. / Mudou muito, aqui é uma terra santa. Quando a gente chega em casa é outra coisa. Já alcancei muitos milagres. / Depois do Bom senhor Murilo, tem se modificado muito a romaria. Hoje os padres são muito diferentes. / Como eu te disse, eu não fico reparando em nada disso, só venho pra assistir à missa e pagar promessas. / **Eu acho que recentemente mudou muito porque se deve ao lado financeiro e eu vejo que a situação econômica maltrata mais os pobres** (Cristianismo Místico Beato. 4.a).*

## Fotografia 24 - Romaria de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

Era verão, janeiro de 1993, o calendário marcava 100 anos do início da comunidade do Belo Monte, Canudos (1893 – 1993), já perto do Açude de Cocorobó, peregrinando de Paulo Afonso – BA a Canudos, quando encontrei uma mulher de 105 anos, Jarmelinda da Conceição, já cega e deitada em uma rede. Sabendo que ela nasceu no velho Canudos, perguntei sobre o beato Antônio Conselheiro. Ela foi direto na resposta: “*Vomicês são da parte da força ou do Conselheiro?*” (PEREGRINO, 2019, p. 87). Dona Jarmelinda respondeu como se estivesse há 100 anos atrás. Sua resposta era carregada de sentidos, ao mesmo tempo em que guardava um silêncio profundo. O real e o imaginário se relacionaram no funcionamento do discurso de dona Jarmelinda, porque “aquilo que é o mais importante nunca se diz” (ORLANDI, 1995, p. 14).

O sentido que contém as palavras e o poder do imaginário expressa que todo pensamento humano é uma re-presentação, isto é, passa por articulações

simbólicas. Por consequência, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana (DURAND, 1989). No fato relatado, vemos como o inconsciente ocupa importante lugar no cotidiano das pessoas. Influência de tal maneira que faz emergir pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar mentes conscientes (JUNG, 1981).

A mente dos romeiros e romeiras do padre Cícero Romão é arrebatada por um mundo de imagens e, se decodificarmos suas representações simbólicas presentes nos seus discursos, compreenderemos como o sujeito lida com o funcionamento do imaginário e da ideologia. Quem passou por experiências de violência, de perseguições, de censura, seja de que modo for, nunca esquecerá. Essas marcas ficam impressas no inconsciente coletivo e a tradição se encarrega de manter viva a experiência do passado.

Viktor Frankl (1993), escrevendo sobre a importância da percepção de sentido, para quem vive uma forte experiência de violência, seja ela qual for, expressou-se nestes termos:

quero lembrar, por exemplo, o que aconteceu algumas vezes em situações extremas como campos de concentração ou acampamentos de prisioneiros de guerra. Nestes, como ouvi de soldados americanos, surgiu um padrão de comportamento que eles chamavam de “desistite”. Nos campos de concentração, este comportamento encontrava paralelo naqueles que, determinada manhã, às cinco horas, recusavam-se a levantar e a ir trabalhar, preferindo ficar na cabana, sobre a palha molhada de urina e fezes. Nada – nem advertências, nem ameaças – podia induzi-los a mudar de comportamento. E então ocorria algo típico: puxavam um cigarro do fundo de um bolso qualquer onde o haviam guardado e começavam a fumar. Naquele momento nós sabíamos que, durante as próximas quarenta e oito horas, iríamos observá-los morrer. A percepção de sentido havia desaparecido e, conseqüentemente, a busca do prazer imediato havia tomado às rédeas. (FRANKL, 1993, p. 120).

Muitas experiências populares tinham uma aguda percepção de sentido para continuar sua luta de resistência. Um exemplo magistral é a experiência de Canudos e tantas outras. A experiência do Juazeiro do Norte tem um elemento fundamental que é a resistência cultural que passa a ser um elemento libertário importantíssimo. A romaria desenvolveu uma espiritualidade do conflito em relação à hierarquia, mas sem conflitar, ou seja, a sabedoria popular sempre arrumou um jeito de pacificar a relação com uma certa inteligência para manter

a realização da romaria. Um exemplo bastante percebido foi a chegada de novos padres, com o falecimento do padre Murilo, antigo vigário, que teve por consequência diversas mudanças inevitáveis e uma delas foi a liturgia: compuseram novas equipes de canto, com animação muito diferente da que existia, um estilo mais inculturado, e trouxeram um estilo ligado à Renovação Carismática Católica (RCC), que prima por um estilo intimista e fora da tradição e da realidade das romarias.

É importante perceber como os discursos constroem-se um ao outro. Dessa tensão permanente, Bourdieu (2004) vai falar da administração dos bens de salvação que

em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religioso, as diferentes instâncias religiosas, indivíduo ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso, enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobretudo, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2004, p. 57).

Um dado curioso em relação ao padre Cícero Romão é que não há na literatura nenhuma referência significativa de menção ao padre Ibiapina ou ao beato Antônio Conselheiro feita por ele, nem falando de bem nem de mal, mesmo estando em um período cronológico muito perto um do outro, e cada um tendo desenvolvido experiências significativas de repercussão nacional. Tanto o padre Ibiapina como o beato Antônio Conselheiro foram proibidos de fazer missão em várias dioceses, sendo declarados “*persona non grata*” pelo poder hierárquico da época. O padre Cícero era bem informado e articulado, e muitos pesquisadores e pesquisadoras de sua são unânimes em destacar seu extraordinário poder de comunicação, embora não se possa deixar de considerar que ele não pode ser apreciado fora do seu tempo. “O que ele disse ou defendeu, estava perfeitamente em sintonia com a época em que viveu e com os costumes em voga” (WALKER, 2009, p. 24).

Podemos indagar: Por que padre Cícero Romão silenciou em relação às famosas missões do padre Ibiapina? Por que não fez nenhuma referência a Canudos e Antônio Conselheiro? Um dado interessante é que ele permitiu,

apoiou e incentivou a experiência comunitária do Caldeirão do seu afilhado, o beato José Lourenço. A partir da Análise do Discurso, dizer e silenciar andam juntos. Há duas categorizações de formas de silêncio: o silêncio fundante e a política do silêncio. Sobre o silenciamento ou política do silêncio, “o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos” (ORLANDI, 1995, p. 55). E também ao não dizer, ele estará, com certeza, dizendo “outros” sentidos. Esse catolicismo popular é expressão de um cristianismo místico beato porque o que o distingue de outras formas de viver a fé, é fundamentalmente, a sensibilidade social. No discurso dos sujeitos da romaria, quando se diz: *“Eu acho que recentemente mudou muito porque se deve ao lado financeiro e eu vejo que a situação econômica maltrata mais os pobres” (4.a)*, o que se sobressai é a percepção social de um lado muito sensível, que é a economia, inseparável da dimensão política.

Nosso esforço, no cotejamento desse recorte discursivo do cristianismo místico beato é perceber e compreender o movimento permanente entre processos parafrásticos (o mesmo) e polissêmico (o diferente), de tal modo que possamos compreender melhor a relação da censura/resistência (ORLANDI, 1995, p. 97-138). É neste contexto que poderemos entender como foi se construindo o discurso de santidade em torno da figura do padre Cícero Romão, como também a construção de um espaço sagrado muito maior do que o espaço geográfico. Mesmo porque, como afirma Renata Paz,

a singularidade das romarias a Juazeiro reside no fato de que, apesar da condenação imposta ao padre Cícero pelas autoridades eclesásticas, o padrinho foi canonizado pelo povo. As romarias configuram um movimento fundado numa heresia e marcado pela penitência dos devotos. (PAZ, 2011, p. 24).

O imperativo categórico do cristianismo místico beato é a capacidade de se aproximar e partir do pobre concreto, da sua vida cotidiana, que é ao mesmo tempo vítima da história e criador dela. Segundo Hoornaert (1997, p.127), *“a Igreja, que sobretudo a partir do século XVI tanto persegue qualquer forma de devoção autônoma quanto demonstra uma grande habilidade em construir seu próprio edifício sobre a dinâmica devota”*.

A Igreja, enquanto institucionalização específica do cristianismo, além de travar uma continuada luta contra as heresias, sempre esteve em conflito com

as maneiras de se viver de forma autônoma a mensagem do Evangelho em torno de beatos, eremitas, monges, devotos ou dos chamados “homens santos”, dependendo das circunstâncias de época e lugar (VILLAR, 1995). No Nordeste do Brasil, os casos mais célebres são os de Ibiapina, Antônio, Cícero e Lourenço. A prática do cristianismo beato (HOORNAERT, 1997, p. 121-133) é expressiva no sentido de trazer viva a história do judaísmo e do cristianismo no que se refere à relação entre profetas e sacerdotes em permanente conflito. Nesse sentido, a análise dos discursos, dos sujeitos da romaria do padre Cícero Romão permite observar que a fé religiosa, por seu incontestável apelo emocional, é convertida em discursos que buscam validá-la.

Bourdieu (2004) foi um dos cientistas sociais que estudou, nos âmbitos da sociologia e da antropologia, a influência que o poder exerce sobre a religião, como também as práticas religiosas interferem nas relações de classe, uma vez que contribuem para a reprodução e permanência da ordem estabelecida. Nas suas palavras,

a estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica, só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política desta ordem. (BOURDIEU, 2004, p. 69).

E toda relação complexa entre a política e a religião não pode existir sem a linguagem, porque “os discursos estão duplamente determinados: de um lado, pelas formações ideológicas que relacionam os discursos a formações discursivas definidas e, de outro, pela autonomia relativa da língua” (ORLANDI, 1995, p. 22).

A religião, de fato, pode ser um fator ou instrumento que favorece a legitimação de um poder instituído ou de uma situação de dominação quando omite, de forma mais ou menos consciente, do âmbito de suas práticas discursivas, as discussões em torno das desigualdades sociais. Entretanto, essa questão não é algo determinante e, a propósito, a própria história nos dá exemplos diversificados. Entre outros, a experiência do Juazeiro do Norte é

relevante, por isso, se torna importante a análise das romarias do padre Cícero Romão, considerando a resistência secular dos romeiros e romeiras.

Durante aproximadamente um século, a postura da Igreja perante as romarias foi marcada pela intolerância, rejeição e combate à religiosidade popular, como vimos em capítulos anteriores. Juazeiro era considerado um antro de fanáticos e uma seita de hereges. Contudo, os romeiros e romeiras mantiveram secularmente uma postura que mesclava obediência e resistência. Por isso, criei esse analogismo: viviam no conflito sem conflitar. Na realidade, são católicos que aceitam determinados códigos devocionais, respeitam a instituição e os sacramentos, mas são fiéis, sobretudo, ao padre Cícero. Durante todo esse tempo foi construído um discurso sobre o padre Cícero Romão. Para os romeiros e romeiras, pouco importa o estatuto que seu Padrinho tem frente à Igreja Católica ou a visão que as autoridades eclesiais construíram sobre ele. Se diz de maneira recorrente que

ele é tudo, para o nordestino que lhe é devoto: santo, patriarca, padrinho, profeta, político, conselheiro, pai, amigo, médico, modelo, mediador, intercessor, chefe, homem de oração e de ação, promessa, nostalgia do passado, esperança de um futuro melhor, o ancestral, enfim, suas próprias raízes. (GUIMARÃES, 1983, p. 287, tradução nossa).

Percebemos que há dois discursos que se chocam e se completam. É o discurso da hierarquia, da oficialidade católica e o discurso dos romeiros e romeiras, ou seja, o discurso dos sujeitos da romaria e o discurso oficial. Nas palavras de Bourdieu (2004),

quando as relações de força são favoráveis à Igreja, a consolidação dessa depende da supressão do profeta (ou da seita) por meio da violência física ou simbólica (excomunhão), a menos que a submissão do profeta (ou do reformador), ou seja, o reconhecimento da legitimidade do monopólio eclesial (e da hierarquia que o garante), permita sua anexação pelo processo de canonização (por exemplo, São Francisco de Assis. (BOURDIEU, 2004, p. 62).

No caso concreto do Juazeiro do padre Cícero Romão, esse processo está se dando, ou seja, nem se contrapõe nem é absolvido totalmente. Aqui se trata de alguém que “chegou inclusive a ser excomungado, entretanto esta pena, nunca lhe foi aplicada. Ficou na gaveta de dom Quintino, bispo do Crato” (WALKER, 2009, p. 105). Agora, já em torno de cem anos de peleja, a própria

Igreja local luta pela “reabilitação canônica” de padre Cícero Romão. E há quem fale em processo de canonização. A propósito, o depoimento que me foi dado por pesquisador local, Pedro Paulo, deixa transparecer esta ambivalência que permeia os discursos presentes: *“eu costumo dizer que esse passo da reconciliação da Igreja com o padre Cícero, como estamos vendo, tem sido mais importante para Igreja oficial e não tanto para os romeiros. A Igreja tem muito mais a ganhar que os próprios romeiros. É claro que a canonização é algo muito importante para os romeiros. Mas tenho a impressão que se a canonização não vier não vai ter alteração. Acho que vai continuar uma relação tensa com a hierarquia. Isso vai depender muito de quem estará à frente dos santuários em Juazeiro”*.

Claramente percebemos uma disputa de discurso que se dá muito acentuadamente no campo simbólico, onde estão presentes de um lado a “doxa” e de outro a “heresia”. Nessa linha de análise, podemos perceber que

uma forma particular da luta pelo monopólio que se instaura quando a Igreja detém um monopólio total dos instrumentos de salvação consiste na oposição entre a ortodoxia e a heresia (homóloga da oposição entre Igreja e o profeta) que se desenvolve segundo um processo mais ou menos constante. O conflito pela autoridade propriamente religiosa entre os especialistas (conflito teológico) e/ou o conflito pelo poder no interior da Igreja conduz a uma contestação da hierarquia eclesiástica que toma a forma de uma heresia do momento em que, em meio a uma situação de crise, a contestação da monopolização do monopólio eclesiástico por parte de uma fração do clero depara-se com os interesses anticlericais de uma fração dos leigos e conduz a uma contestação do monopólio eclesiástico enquanto tal. (BOURDIEU, 2004, p 62).

Há um problema entre o catolicismo vivido pelos segmentos populares e a Igreja oficial, pois são dois mundos distintos que se complementam. O primeiro vem de manifestações religiosas expressas pelo povo, no mundo devocional. O segundo vem de iniciativas oriundas da Igreja clericalizada. Embora sendo mundos diferentes, há uma convivência e conivência que no dizer de Rubem César Fernandes formam uma “oposição complementar” (FERNANDES, 1982, p. 50). Aqui há um jogo de “práxis simbólica” (ORLANDI, 2001, p. 95). Apesar da incorporação do discurso oficial, os romeiros e romeiras caminham numa terceira via que é fazer o seu próprio caminho.

A tensão vivida entre o padre Cícero Romão e a Igreja Católica possibilitou uma movimentação popular intensa desde o tempo do milagre até os dias de hoje, alimentando uma efervescência religiosa que se consolidou nas romarias do Juazeiro do Norte. As romarias constantes ao Juazeiro simbolizam na prática uma espiritualidade e ritualidade romeira, que é vivida por milhões de pessoas. Isto é, nessa experiência de romaria, não é possível separar espiritualidade e ritualidade. Do ponto de vista antropológico, tomamos consciência da relação que existe entre espírito e matéria, entre corpo, mente, afeto, espiritualidade.

Esses aspectos não são compartimentados, mas inter-relacionados e expressos a partir de um sujeito concreto que vive a experiência. No atual recorte discursivo, os sujeitos da romaria, observando o que mudou nas últimas três décadas, constroem seu discurso afirmando: *“mudou também dos anos para cá. Enfraqueceu para os pobres, os mais simples foram deixados de lado. A gente tem que pensar nos outros. O jeito das romarias de antes atingia mais os que estavam dentro do mato. O pau de arara era melhor porque beneficiava mais os romeiros, os mais pobres (4.a).*

Esse discurso, de imediato, leva-nos a observar uma interdiscursividade explícita. De um lado, soma-se ao discurso que já analisamos anteriormente, da mudança de transporte, saindo do pau de arara para o ônibus, a referência econômico-social dos mais pobres. Claramente, a referência que *“antes atingia mais os que estavam dentro do mato” (4.a)* é uma referência ao camponês, ao agricultor, que historicamente foi a maioria do povo romeiro. E a percepção que, no Juazeiro deveria ter, *“um centro de acolhimento para os romeiros mais pobres” (4.a)* faz parte da polissemia do discurso e denuncia algo sentido pelos sujeitos da romaria. Percebemos que, em Juazeiro, o que se sobressai prioritariamente são processos simbólicos de enraizamentos, que põem em evidência a penetração do etos local, camponês e popular.

A narrativa de quem fala expressa seu lugar de praticante da romaria e está relacionada ao exercício de uma memória em que *“diferentes vozes se conjugam”*. Sendo assim, a romaria e o lugar e o espaço de legitimação do discurso. A romaria sendo lugar de um acontecimento pessoal/coletivo, dota o indivíduo narrador de um amplo estoque de imaginários. E sua participação em inúmeras romarias foram determinantes para esse discurso que se reflete nos dizeres de tantos outros romeiros e romeiras.

Quando os sujeitos da romaria dizem: *“enfraqueceu para os pobres, os mais simples foram deixados de lado. A gente tem que pensar nos outros”* (4.a), percebemos a construção de um discurso que destaca a centralidade do pobre, do outro, como alguém que tem que ser considerado como pessoa humana. A antropologia clássica,<sup>6</sup> desde o seu começo, teve seu objetivo centrado no conhecimento que tem como uma das suas principais questões a alteridade. Conforme o pensamento bíblico, o outro é o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro. O outro tem um rosto que frequentemente desnudado em um mundo que constantemente fabrica seus simulacros. Na perspectiva bíblico-teológica, são figuras desprovidas de condições econômicas e também de não reconhecimento na sociedade. Por isso, *“são diferentes e questionam a mim que sou alguém, tenho alguma coisa, tenho posição social”* (SUSIN, 1984, p. 199–207).

“A gente tem que pensar nos outros” (4.a) é um discurso construído a partir de um sentido. Aqui, “a linguagem se constitui para asseverar, gregarizar, unificar o sentido e os sujeitos (ORLANDI, 1995, p. 36). O sujeito com que se dialoga é o outro. O outro que é diferente de mim, e essa diferença é justamente o que me provoca e me questiona. Esse outro não é parte do meu mundo, mas penetra no meu mundo sem ser convidado, e por isso provoca perturbação.

Várias áreas do conhecimento trouxeram à tona o tema da alteridade, sobretudo, a filosofia, teologia e antropologia. O filósofo Lévinas (2010) enfrentou esse tema apontando saídas para a sociedade ocidental, principalmente para diminuir ou amenizar a violência que temos vivido por séculos. Considere-se a “questão religiosa” do Juazeiro. Mesmo se tratando de romaria que envolve, em muitas vezes uma multidão, não deve ser tratada como uma massa uniforme. Cada pessoa é um sujeito insubstituível. Nesse sentido, o outro que não tem pão, vestuário, terra, casa sofre e esse sofrer expressa injustiça e devemos buscar um sentido. Para Lévinas,

Nesta perspectiva, faz-se uma diferença radical entre o sofrimento em outrem na qual é, para mim, imperdoável e me solicita e me chama, e o sofrimento em mim, minha própria aventura do sofrimento cuja inutilidade constitucional ou congênita pode tomar um sentido, o único de que o sofrimento

---

<sup>6</sup> As obras clássicas dessa área debruçam-se sobre o estudo de comunidades tradicionais, tratando a etnografia e a observação participante como os métodos canônicos do fazer antropológico.

seja susceptível, tornando-se um sofrimento pelo sofrimento, mesmo inexorável, por alguém (LEVINAS, 2010, p. 121).

O discurso de que *“enfraqueceu para os pobres, os mais simples foram deixados de lado”* (4.a) traz a memória da própria constituição do Juazeiro com referência a seu fundador, o padre Cícero Romão. Os que foram deixados de lado foram os pobres, que são o outro. Comblin (2005) corrobora com essa reflexão, afirmando que

o outro que é alguém que olha para mim, com um olhar que é interrogante, que denuncia, acusa, pede, suplica, julga. Esse olhar é justamente o que é o pobre. Ele não tem poder nenhum, a não ser o poder de olhar e esse olhar questiona e desequilibra. Ele põe e desequilibra o meu mundo já precário. (COMBLIN, 2005. p. 149).

Através da revelação do outro chocante, descobre-se o outro marginalizado, excluído, discriminado, que nas romarias e nas ruas do Juazeiro perambula, que de tão diferente, não pode ser transformado “em um mesmo”. Pelo olhar sincero, há uma dimensão transcendental. A teologia da libertação sempre insistiu em que o amor ao pobre começa por um movimento em direção a ele. Maria Clara Bingemer fala que a teologia da libertação, encontra sua gênese numa experiência profundamente espiritual. Esta experiência, por ser espiritual, não nega ou minimiza o caráter eminentemente prático e transformador desta teologia. A teologia da libertação assume um discurso em defesa do pobre e oprimido. Ela não nega a historicidade e trabalha com metáforas em que faz valer sua ideologia, “como disse um espírito místico, que, na tarde da vida, seremos julgados pelo amor e pelos gestos de libertação que tivermos praticado ou não para com os famintos, sedentos, oprimidos e nus” (AQUINO JUNIOR, 2012, p. 158)

O discurso dos sujeitos da romaria demonstra uma visão de despojamento ao fazer o ritual da romaria. Nas suas palavras: *“a gente dormia no chão, no chão do abrigo, a gente não tinha esse privilégio de pousada. A gente era de roupa no chão e hoje em dia é tudo mudado, pousada caríssima. E o gostava mesmo era de dormir na calçada da igreja para esperar a hora da missa”* (4.a). A romaria, como era realizada e cultivada no discurso dos sujeitos da romaria, trazia uma forte dimensão de humildade, fraternidade e hospitalidade como valores, o que sem dúvida tem a ver com o que se diz em Análise do

Discurso, as “formações imaginárias” (ORLANDI, 2001, p. 39) que trabalham os mecanismos de funcionamento do discurso.

Essa foi a marca da experiência do cristianismo místico beato que, de maneira plástica, está concentrada no sonho que o padre Cícero Romão teve, logo no início de sua missão em 1872. Vários estudiosos (DELA CAVA, 2014; SOBREIRA, 2011; GUIMARÃES, 1983; WALKER, 2009; DUMOULIN, 2017) descrevem o fatídico sonho como crucial na vida do jovem padre de 28 anos.

Um certo dia daquele ano, o jovem padre foi confessar e celebrar a missa, como estava fazendo todos os domingos, no Juazeiro, 12 km da casa de sua mãe. Numa tarde, depois de ouvir as confissões, Cícero dirigiu-se para a escolinha do lugar, para descansar e dormir, tendo a mesa da professora como travesseiro. Aí teve um sonho que marcou sua vida até a morte: ele viu o Sagrado Coração de Jesus rodeado pelos 12 apóstolos entrando na sala em que ele mesmo, padre Cícero, estava dormindo. Quando Jesus ia começar a falar aos apóstolos, entrou de repente uma multidão de retirantes: era um cortejo de adultos e crianças famintos, fatigados, tocados pela seca, e que pareciam ter saído dos piores tempos de seca dos sertões. Então, Jesus dirigiu a palavra àqueles pobres e, depois voltou-se para padre Cícero e ordenou: “E você padre Cícero, tome conta deles”. Então padre Cícero acordou. Ficou espantado, mas pensou, refletiu e entendeu que esse sonho era mesmo uma ordem de Jesus. Após esse sonho decidiu se fixar no Juazeiro sem ter nenhuma ideia do que viria pela frente.

O Juazeiro do padre Cícero, enquanto expressão de um movimento popular, mesmo inconscientemente, está no meio de um complexo jogo simbólico. A institucionalização historicamente instrumentalizou o movimento popular e o Juazeiro do Norte não é uma exceção, embora a história do Juazeiro seja muito peculiar. Um dos historiadores do lugar, João Carlos, quando perguntado do que aconteceria com o protagonismo dos romeiros e romeiras se o padre Cícero Romão fosse canonizado disse: *“acredito que sim, o protagonismo dos romeiros está ameaçado, pois os romeiros no presente são os protagonistas da romaria e a canonização do padre Cícero pode fortalecer o clericalismo nos espaços de romarias. A espontaneidade já não prevalecerá mais. Pois, o diferencial da romaria de Juazeiro do Norte de outras romarias do Brasil é a devoção popular, os quatro ciclos de romarias. A romaria de Juazeiro*

*traz uma identidade nordestina muito forte que acaba por determinar uma cultura marcada pela solidariedade, gratuidade, economia popular, danças folclóricas, músicas e tantas outras expressões que podem vir a ser substituídas pelo turismo religioso, tendo o controle dos padres”.*

Pode-se concluir que toda formação discursiva determina o que pode ou não ser dito a partir de uma certa formação social e de um contexto específico como este do Juazeiro, que denota grandes peculiaridades, sendo uma delas a mudança que acontece na vida do romeiro e da romeira. É o que veremos no próximo recorte discursivo.

#### **5.5.2. Recorte discursivo 4.b. Cristianismo Místico Beato (“mudança de vida”)**

***- As romarias me ajudou e ensinou a gostar mais da religião e participar da Igreja em minha cidade. / Na minha vida mudou muita coisa, a minha situação tem melhorado mais que antes e tudo isso pela fé em meu Padrinho e a Mãe das Dores. / Eu mudei muito. Tomava muita cachaça. Antes eu bebia muito, mas agora não quero nem saber. / Acho que aumentou a minha fé, lá na roça não tinha muito o que tenho aqui, tomei mais gosto pela oração, minha fé aumentou mais. / Mudou porque a primeira viagem que fiz ao Juazeiro foi com 6 pessoas e agora vou com 53 romeiros. Na minha vida de cristão fiquei mais chegado a Igreja e entrei em um grupo de oração da Igreja aqui. Quando a gente tá no Juazeiro tá em romaria e quando tá aqui tá em missão. / Mudou na minha vida foi de ser mais humilde. / Como você ver: a romaria no Juazeiro é uma catequese. Quando volta do Juazeiro, a gente volta mais amoroso e mais humilde. / Me engajei mais na Igreja. Conheci mais profundamente a propagação da devoção tanto ao padre Cícero, como a Nossa Senhora das Dores. / Minha avó foi a pé para Juazeiro daqui do Sertão de Serra Talhada. Na minha mente é porque lá é o lugar da gente recuperar o errado. É fazer uma mudança de vida. Na hora que vai chegando ao Juazeiro a gente vai sentindo uma***

*emoção muito grande. / Eu tinha medo de tudo, mas depois que comecei a ir para o Juazeiro fiquei com mais força para enfrentar a vida. / **Pra mim é só alegria de passar naquela matriz. A alegria e emoção que tenho é grande e meu desejo de ficar no Juazeiro é tanto que quando chego já fico triste porque tenho que voltar. / Vou pedir ao meu Padrinho força pra lutar, pra sair a libertação da terra. Depois que sair a terra tem mais gente do acampamento pra fazer uma romaria pra agradecer. / Pedir a ele e a Mãe das Dores felicidade, coragem e saúde pra nós trabalhar. O que a gente quer é vontade de Deus e por isso a gente reza o Pão Nosso. Quando vem a dificuldade no caminho a gente se apegar a Deus e a meu Padrinho (Cristianismo Místico Beato. 4.b).***

Fotografia 25 - Capela do Socorro – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

É importante considerar que o desejo de pertencer a um grupo e ser fiel a ele é um traço humano significativo, como também estar unido por um ideal, sobretudo quando se trata de garantir a sobrevivência, faz com que as pessoas sofram e celebrem juntas. Esse é um traço importante das romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão. As romarias muitas vezes interrompem um percurso doloroso de vida. Nesse sentido, “é preciso de quando em quando interrompê-las pelo regozijo tranquilo na própria existência, pois a alegria de existir traz consigo a exigência de que a vida seja vida e não morte, escravidão”

(TABORDA, 1987, p. 54). Aqui se impõe a vivência solidária que faz com que se transforme uma realidade de sofrimento e morte em socorro à vida.

No discurso religioso, o ser humano se constitui sujeito, interpelado por Outro Sujeito que lhe é superior. A teologia clássica chamou esse ser transcendente de o “Totalmente Outro”. Para Karl Barth, “Deus e a fé cristã não podem ser considerados o sinete ideológico da ordem ideológica e política burguesa” (BARTH, 1986, p. 181-199).

Nessa relação Deus/ser humano há um desnivelamento de planos, em que Deus é realidade divina e o ser humano, ser temporal. Logo, o discurso religioso tece uma teia repleta de significações, em que ao se apropriar de outros discursos procura legitimar toda a sua autoridade a partir da realidade divina. Deve-se atentar para a assimetria dos planos, pois as regras são referidas às duas ordens de mundo, o temporal e o espiritual. Nas palavras de Orlandi, “a religião constitui um domínio privilegiado para se observar esse funcionamento da ideologia dado, entre outras coisas, o lugar atribuído à Palavra” (ORLANDI, 2003, p. 242).

Há uma sutileza no discurso religioso: parece até que a palavra gosta de brincar de se esconder, porque permanentemente aparece e se esconde. Aqui há uma lógica que vai além da força física, isso porque, nesse caso, a própria ideologia se impõe pelas peculiaridades da linguagem.

Nesse jogo assimétrico, de um lado, temos os agentes da interpretação que se impõe de duas maneiras. O primeiro pela ordem temporal, na relação com o sagrado, que são os representantes da Igreja: o Papa, o bispo, os padres. Segundo, na ordem espiritual, a relação se faz pelos mediadores do plano divino: Nossa Senhora das Dores, o Padrinho Cícero.

O cristianismo na versão popular é encarnado na vida do povo sertanejo que tem uma tenacidade fantástica. Esse cristianismo que chamamos de místico e beato não é uma forma decadente do oficial, que é oriundo da cultura letrada greco-latina. Ao contrário, possui igual dignidade ao encarnar a mensagem de Jesus na cosmovisão popular. Segundo Leonardo Boff, nesse catolicismo, popular, “mais que o *logos*, é o *pathos* que organiza os discursos. Expressa-se pela linguagem do imaginário, do coração e do afeto. Possui suas verdades e seu modo de dizer, de rezar a Deus e de viver o sonho de Jesus” (BOFF, 2011, p. 166)

As romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão é expressão forte desse catolicismo místico beato. Importante destacar algumas características principais das romarias do Juazeiro que podem ser identificadas por três fatores determinantes:

- i) por ser uma “manifestação de base popular, uma interpretação típica do movimento salvífico que é o Cristianismo e esse movimento histórico salvífico não pode, nesta interpretação, ser domesticado na interpretação oficial de uma instituição centrada e centralizadora, pois o espaço vital da base é mais dinâmico...”;
- ii) porque “... ela permanece ligada à mais profunda tradição cristã da romaria que é um ato peregrino na visão teológica da desinstalação...”; iii) e, ainda porque constitui-se “... uma herança do nosso traço cultural indígena. [...] o Pagé ... [que] era sobretudo o conselheiro, aquele que tinha o tirocínio e o conhecimento ... vasta sabedoria da vida. [...] Padre Cícero era escolhido como luz e guia ... foi procurado como conselheiro... (HOLANDA, 2008, p. 123).

As raízes das romarias do Juazeiro estão ligadas a essa tradição de um cristianismo peregrino com forte inculturação indígena. Este tipo de cristianismo popular foi quase sempre menosprezado, submetido às doutrinas e aos ritos do corpo clerical. O caso do Juazeiro faz jus a essa tradição que, sem confrontar-se e entrar em conflito direto com o modelo oficial, cria seu caminho próprio e desenvolve um cristianismo da vida cotidiana, das virtudes pessoais e familiares. Sua devoção à Nossa Senhora das Dores é muito expressiva porque, na literatura bíblica, sobretudo na tradição católica, é a mãe que recebe o filho crucificado, na qual o povo romeiro vê sua própria situação, que em muitos momentos é de dor, padecimento parecido com o encontro da mãe com o filho.

Os discursos dos romeiros e romeiras expressam a dimensão de uma vida de sentido, como vemos externados nessas palavras: *“as romarias me ajudou e ensinou a gostar mais da religião e participar da Igreja em minha cidade. / Na minha vida mudou muita coisa, a minha situação tem melhorado mais que antes e tudo isso pela fé em meu Padrinho e a Mãe das Dores. / Eu mudei muito. Tomava muita cachaça. Antes eu bebia muito, mas agora não quero nem saber”* (4.b). A religião cumpre o papel de responder a dimensões profundas do ser humano. Ela se configura numa matriz antropológica de possibilitar uma busca de sentido que estrutura a religiosidade, que por sua vez harmoniza a vida do ser humano. Expressões como *“gostar mais da religião”, “fé em meu Padrinho e a Mãe das Dores”* e *“Tomava muita cachaça”* traz à tona um discurso a partir de

uma confissão de fé em que a pessoa se sente interpelada por uma palavra revelada de Deus e a acolhe como sentido e exigência ética de vida. Importante é perceber a mudança de vida ocorrida pela adesão à fé. É bem verdade que esse sentido foi construído a partir de uma história de vida e que as palavras não têm sentido nelas mesmas. Orlandi corrobora com esse cotejamento quando diz que “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso e todo discurso se delinea na ralação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2001, p. 43).

A mística presente na devoção dos romeiros e romeiras é o alimento da esperança, do sonho, da emoção e da poesia. Como vemos na construção do discurso desse sujeito da romaria: *“pra mim é só alegria de passar naquela matriz. A alegria e emoção que tenho é grande e meu desejo de ficar no Juazeiro é tanto que quando chego já fico triste porque tenho que voltar”* (4.b). Os sonhos são a voz do desejo. “O que se busca, como esperança e utopia, como projeto inconsciente do ego, é um mundo que traga as marcas do desejo e que corresponda às aspirações do amor” (ALVES, 1990, p. 34). E é a partir dessa realidade que se constrói o discurso da religião, como mensagem do desejo, expressão de um imaginário fértil de falas. O discurso do padre Murilo, antigo vigário do Juazeiro, reforça a dimensão mais afetiva e menos racional dessa prática romeira e é sugestivo nesse sentido, quando diz que

os romeiros não são turistas, na força etimológica da palavra. Mais de que preocupados por admirar, querem sentir, aproximar-se, tocar com gestos simbólicos da ordem devocional que desafiam nossas liturgias. Os romeiros são os primeiros reformadores de uma liturgia feita de raciocínio e belos comentários. Querem eles situar-se concretamente. Menos explicações e mais encontro. Se símbolo significa “juntar, reunir” realidades separadas, desconhecidas ou invisíveis, aprendamos dos romeiros – em cada olhar um convite, em cada gesto uma evocação, em cada canto uma relação. (SÁ BARRETO, 2004, p. 26).

A prática religiosa romeira desenvolve uma espiritualidade de integração que harmoniza gesto corporal – a peregrinação – e sua correspondente atitude interior. Por trás de tudo isso, está o desejo de viver o caminho espiritual da tradição, que é uma dimensão fundamental e inerente ao ser humano. Corpo, mente, alma, espírito, formam uma unidade e é por essa unidade que o ser humano pode ter acesso ao divino, ao Transcendente. Os discursos dos

romeiros e romeiras transparecem uma vivência de um cristianismo puro e simples, como vemos: *“quando a gente tá no Juazeiro tá em romaria e quando tá aqui tá em missão. / Mudou na minha vida foi de ser mais humilde. / Como você ver: a romaria no Juazeiro é uma catequese. Quando volta do Juazeiro, a gente volta mais amoroso e mais humilde. / Me engajei mais na Igreja. Conheci mais profundamente a propagação da devoção tanto ao padre Cícero, como a Nossa Senhora das Dores”* (4.b). Como todas as coisas, eles também têm um discurso que traz sua complexidade.

Nas expressões de fé popular também se esconde a consciência induzida pelo sistema dominante e que costuma ter suas manifestações num certo misticismo privatizante da experiência religiosa popular. Como todo discurso contém seus limites e carrega a condição da própria linguagem que é a incompletude, há sempre um silêncio necessário no discurso. Quem sabe, é uma fala que esconde outras falas. Há quem diga que há um certo inconsciente no discurso. Esse aspecto, herdado da psicanálise, é fundamental em AD francesa. Nas palavras de Orlandi,

é uma das contribuições mais importantes da análise de discurso, a de colocar como base de sua teorização esse movimento necessário entre o um e o plural, a unidade e a dispersão, como pares necessários a que eu acrescentaria o mesmo e o diferente, a paráfrase e a polissemia. (ORLANDI, 1995, p. 174).

O discurso do sistema dominante produziu, em muitos casos, uma alienação radical que desemboca numa atitude de resignação totalmente passiva, mas em outros casos, a própria atitude provocou um discurso histórico, simbólico, mítico e semiclandestino, pelo qual se sistematizou a memória coletiva em torno de uma luta histórica popular importante como é o caso das romarias ao Juazeiro que analisamos. Logicamente, isto não invalida o fato de que não raro se mistura fé confiante com superstição, e muitas vezes se vê como milagres, com demasiada facilidade, fatos naturais. Mas, “como vivem fora do poder não sofrem as patologias próprias dos portadores de poder que é o carreirismo, a bajulação, a dupla moral, o farisaísmo, a hipocrisia, a dureza de coração e arrogância” (BOFF, 2001, p. 166). Como já vimos, a linguagem tem limites e caminha sempre de maneira relacional tensa entre a paráfrase e a

polissemia. “A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras” (ORLANDI, 2001, p. 52).

Depois de ter escutado tantos informantes e ter analisado a construção do discurso de várias falas, não me saiu da mente o depoimento de uma romeira trabalhadora rural acampada no sertão do estado de Alagoas: “*vou pedir ao meu Padrinho força pra lutar, pra sair a libertação da terra. Depois que sair a terra tem mais gente do acampamento pra fazer uma romaria pra agradecer (4.b)*”. Para essa romeira trabalhadora rural, na sua visão de mundo, a romaria para o Juazeiro do padre Cícero Romão é um acontecimento forte em que se vive um “tempo primordial” (ELIADE, 1992). Ela mesma diz que sua luta e contentamento é, com a “libertação da terra”, ter mais gente para agradecer em romaria. Sua simbólica, sua rede de significados não é aceitar e se conformar com o já dito, mas fazer seu próprio caminho. A romaria aqui, passa a ser um ponto de força no sentido de enfrentar a situação dura e difícil da vida. Ir em romaria para tomar forças e agradecer em oração sincera. Pelos pés que caminham, pelas mãos que se agitam, pelas palavras que gritam e pelo silêncio operante, rompem com a indiferença e exigem nova ordem social.

Nesse sentido, “o movimento popular do Juazeiro” (COMBLIN, 2011, p. 23) retoma a caminhada da tradição dos beatos e beatas nordestinos a que já nos referimos. Pensar no Sertão nordestino é acolher a multiplicidade e heterogeneidade da vida, engendradas a partir do processo histórico construído. No sertão, consolidou-se uma tradição ao longo do tempo, através de uma forte religiosidade que traz consigo uma afirmação cultural. O estudo da realidade popular brasileira suscitou algumas expressões significativas para falar da cultura colada à religião, sobretudo do sertão. Otávio Velho, cunha o conceito de “cultura bíblica”, a partir do texto *O cativo da Besta-Fera* (VELHO, 1987, p. 4-27), e mais tarde Pierre Sanchis apresenta a ideia de uma “cultura católico-brasileira”, a partir de um texto intitulado *O repto pentecostal à cultura “católico-brasileira”* (SANCHIS, 1992). Já Carlos Steil faz uma síntese dos dois, para chamar “cultura bíblico-católica”, a partir de um estudo feito no Santuário de Bom Jesus da Lapa com o título *O sertão das romarias* (STEIL, 1996). Por último, Eduardo Hoornaert, com seu livro *Os anjos de Canudos*, inaugura o termo “cristianismo beato” (HOORNAERT, 1997), embora faça um registro importante de Marcos Villa, que fazendo a tipologia desse movimento religioso chame de

“profetismo e beatismo” (VILLA, 1995), e mais recentemente tenha escrito para mim falando de um novo termo: “misticismo beato”. Todos esses termos funcionam como uma espécie de matriz cultural que funciona como referência para o pensamento e ação; dito de outro modo, um acervo cultural que constitui um modo de vida em sociedade.

A experiência de campo me leva a juntar as posições desses autores, de uma vez que nossa cultura é um universo de tradições, e cunhar a expressão: cristianismo místico beato, em que as imagens e simbolismo bíblicos aparecem sob a mediação cristã, que tem na mística a suprema lei do sonho e da esperança e de recorte profético que é a vida beata. Em minha análise, acrescento a este conceito a dimensão de *habitus* de Bourdieu (BOURDIEU, 2004) e, assim, não estarei me referindo unicamente ao símbolo e às emoções sociais, mas estarei levando em conta que esse cristianismo místico beato participa da constituição não só do pensamento e dos modos de agir, mas do corpo e das emoções, atingindo o indivíduo na sua integralidade. Além disso, ele está em permanente tensão porque vive a teia de sentidos que os romeiros e romeiras vão tecendo para sustentar a labuta do dia a dia, que é perpassado por uma dinâmica que exige sempre “uma síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente, de diacronia e sincronia” (SAHLINS, 1990, p. 180).

A sequência discursiva em questão vai no sentido de romper com os discursos que representam as hermenêuticas redutoras e que não têm respostas às grandes questões levantadas pela realidade. Hoornaert lança luz sobre essa questão quando faz uma crítica perspicaz a alguns cientistas sociais, dizendo que

basta lembra os “explicadores” modernos da religião: Durkheim, Marx, Jung. No seu *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim evoca a figura de Lévy-Bruhl, que dizia: “o primitivo mantém uma relação mística com o mundo e é por isso incapaz de pensar corretamente”. Freud ainda é mais redutivo do que Durkheim. (HOORNAERT, 1997, p. 127).

Graças aos estudos de fenomenologia da religião, que guardam uma relação “umbilical” entre Ciências da Religião e Ciências Humanas, se tem avançado cada vez mais entre saberes incluindo o tema da religião nas Ciências Humanas (CAMURÇA, 2008), que, por sua vez, aos poucos vai resgatando o

discurso mítico-simbólico. Um estudo pioneiro pode ser atribuído a Rudolf Otto (1869 – 1937), que valoriza a religião por seu pressuposto fundamental, que é

querer manter a religião no plano de uma experiência vivida, não a reduzindo a um simples objeto de estudo, e sim, ao contrário, favorecendo a experiência religiosa que cada religião é capaz de transmitir, por ser vivida por uma comunidade e ser parte essencial do modo de sentir e de entender do homem que crê. (TERRIN, 2003, p. 23).

A vida, a religião e a fé se misturam num misto de muita integralidade no cotidiano dos romeiros e romeiras do padre Cícero Romão. Para concluir esse recorte discursivo, faço o registro de um discurso de uma romeira de Pernambuco, Maria Alves Barbosa, que nas últimas três décadas esteve assídua nas romarias:

*“Na minha vida, mudou bastante. Acredito que a minha fé ficou mais fortalecida, pois conhecer de perto a história do Padre Cícero me fez acreditar na sua santidade. Saber o quanto ele se preocupava com os menos favorecidos, a maneira como usou a política partidária em benefício do Juazeiro do Norte e a luta pelo seu povo, me faz ter a certeza de que não é em vão que retorno lá todos os anos e que o nosso Deus sempre está ao lado dos pobres. Ouvir os testemunhos de fé de tanta gente sofrida, mas com tanta esperança, me faz acreditar cada vez mais que a luta não é em vão e que o poder da oração é imenso, e quando rezamos juntos, esse poder se torna muito mais forte. Cada oração, cada testemunho, benditos do Juazeiro, enfim, tudo o que lembra o meu “Padim Ciço” representa uma emoção muito grande, o que me dá a certeza de que todo mês de outubro, com a graça de Deus, estaremos lá. Quanto aos romeiros, eu percebo o quanto a romaria uniu as pessoas, que antes eram apenas vizinhos ou conhecidos. Hoje, todos formam uma grande família, a amizade cresceu e a solidariedade entre todos é impressionante, bem como o carinho que eles possuem uns para com os outros. Tudo isso fazem parte dos relatos feitos nas reuniões de preparação, como também na própria romaria, no momento das avaliações que fazemos ao final de cada dia. Todos acreditam que através da oração se conforta o coração e, além disso, através da mesma pode-se agradecer a Deus pelas graças alcançadas e pedir a intercessão do*

*Santo do Nordeste por outras intenções na certeza da obtenção de vitórias. Os romeiros sentem-se felizes e realizados visitando todos os anos o Padre Cícero e a Mãe das Dores. A Romaria da Amizade representa uma grande família, onde todos se preocupam uns com os outros. A cada dois meses nos encontramos para decidirmos juntos como será a nossa caminhada de fé ao Juazeiro do Padre Cícero. Durante a nossa peregrinação, através das orações, colocamos em prática tudo o que Jesus nos ensinou, sabendo que não é fácil, entretanto não é impossível quando se tem fé. A nossa romaria simboliza a oportunidade para que os romeiros transformem sua espiritualidade em um compromisso concreto, como ter amor ao próximo, ser solidário, ser amigo de verdade”.*

O discurso da romeira Maria José é prenhe de esperança e de formas de sociabilidade baseada em relações de amizade. As imagens que se sobressaem no discurso dialogam entre si; e elas fazem sentido porque tomam parte em uma estrutura maior de significado na qual o cosmo, o ser humano e a natureza estão ligado por um mesmo destino. Destino que a fé, enquanto testemunho, luta, solidariedade, emoção, explica essa conjugação entre o simbólico e o político. Nessa práxis simbólica, “a realidade se constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos. É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos mas porque pratica sentidos, intervém no real” (ORLANDI, 2001, p. 95).

Uma forte e longa tradição religiosa da prática do cristianismo místico beato é a prática da caridade no sertão, que pode ser reconhecida na imagem cultural sertaneja que se expressa pela hospitalidade. Esse será o tema do próximo e último recorte discursivo.

### **5.5.3. Recorte discursivo 4.c. Cristianismo Místico Beato (“comunhão-solidária”)**

- O que não mudou foi a acolhida do Povo. / Muitas mudanças, aumento na quantidade de pessoas sendo que as cidades estão oferecendo melhores acolhimentos aos romeiros, só falta mais segurança. / **Antigamente a gente ia para um pavilhão onde se armava a sua rede e assim se fazia muita amizade e todo mundo ajudando uns aos outros numa comunhão só, mas na pousada é diferente. No meu caso procuro manter esse espírito de partilha. / Era emocionante lembrar de quando a gente entrava na igreja do nosso jeito com andor e tudo e cantando os benditos e dando viva a meu padrinho e a mãe das Dores. Hoje não tem mais. A confraternização que fazemos todo ano pelo natal, um grande sopão pra ninguém ficar de fora. Antes da viagem em nossa cidade a gente faz como na consagração do Sagrado Coração que no final tem um café reforçado pra todos. É porque durante a romaria, tudo passa ser de todos. Para entende a romaria do Juazeiro tem que ter olho de pobre. Acho que a organização deveria ter um centro de acolhimento aos romeiros mais pobres. Deveria ter um abrigo no Juazeiro porque eu vejo o sofrimento do outro, dos mais pobres / Era para ter um abrigo já próprio pra o romeiro. E isso para o romeiro mais pobre. Pra gente não depender de pousada. Pra gente não depender da vontade do povo ser humilhado pelos outros mesmo pagando a gente ainda é humilhado nas próprias pousadas. Então era para ter um abrigo para receber o romeiro aqui no nosso lugar. / O Juazeiro é nossa casa, por isso, que quando chego aqui, já tô com saudade, pensando na hora de ir embora. / Como se eu estou na mesa da comunhão, se eu estou sentado no chão, se eu estou na calçada, essa ligação com padre Cícero e a Mãe das Dores, a romaria vai além das paredes da igreja, que é um espaço onde eu me sinto acolhido e em comunhão, eu me sinto um filho, um afilhado. / Padre Cícero é um servo de Deus e nunca deixou ninguém para trás e sempre acolhia. Ele nunca abandonou preto, branco, rico, pobre, seja quem fosse, prostituta, quem fosse ele acolhida. / A gente bota o pé fora de casa pra pegar a estrada e vai pensando o que vamos encontrar no Juazeiro, mas o que me comove mais é a acolhida na igreja de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro junto com a irmã Annette fazendo aquela festa de comunhão com os irmãos romeiros de todo canto e lugar / Digo pra o senhor que não sei falar muito**

*da romaria porque é mais fácil viver a romaria do que falar. / Eu vou pra romaria porque lá é o lugar que eu me sinto bem à vontade, não me sinto como se fosse menos do que ninguém. Lá eu me sinto igual a todo mundo. Eu me sinto como irmãos todos juntos, unidos, uma família. Um exemplo disso é quando a gente partilha a comida na romaria. É bonito de ver. / A romaria do Juazeiro para mim é o mesmo que estar no caminho do céu. Nunca fui ao céu, mas nesse dia parece que estou no céu. (Cristianismo Místico Beato. 4.c).*

Fotografia 26 - Partilha em rancho de romaria



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

O cristianismo místico beato desenvolvido em Juazeiro e em suas romarias teve um cimento unificador na dimensão da comunhão solidária. A comunhão humana e a solidariedade presentes nas romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão, como elementos estruturantes de toda espiritualidade romeira, constituem um ponto de vista antropológico, uma referência importante para os estudos de religião. Nos discursos dos romeiros e romeiras, identificamos elementos indígenas que são incorporados na tradição religiosa católica, demonstrando que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, como demonstra García Canclini quando diz que

a mobilização de todos os recursos culturais dentro de uma minoria étnica (ativação das relações de parentesco, do sistema de cargos, das festas etc.), pode corresponder tanto a uma última forma de resistência, a uma espécie de congelamento do patrimônio cultural étnico, como a um recurso que permita à comunidade encontrar vias de adaptação. (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 235).

A discursividade da hospitalidade aparece muito fortemente no discurso dos romeiros e romeiras do Juazeiro. Esse tema também foi considerado por inúmeros humanistas que privilegiaram a experiência que toma a sério a espiritualidade como um modo de viver. A romaria é um acontecimento popular e como tal tem uma mística peculiar que se baseia na experiência cotidiana. A própria romaria desenvolve uma espiritualidade que tem os pés no chão. Para o filósofo Gabriel Marcel, a experiência tem peso ontológico, ou seja, “o ser humano é convidado a passar da existência ao Ser” (MARCEL, 1964, p. 11). Toda história do ser humano é uma contínua criação de sua humanidade. Por sua vez ele caminha para uma dimensão transcendental.

Temos caminhado até aqui mantendo nossos pressupostos teóricos para a Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 2014); ORLANDI, 1995, 2001, entre outros), que dialogam em ambiente transdisciplinar. Temos seguido a perspectiva de manter a importância da linguagem como um produto sócio-histórico, um entrecruzamento da estrutura com o acontecimento, da forma com o conteúdo. Em uma das falas no recorte discursivo que analisamos, lemos: “O Juazeiro é nossa casa, por isso, que quando chego aqui, já tô com saudade, pensando na hora de ir embora. / Como se eu estou na mesa da comunhão, se eu estou sentado no chão, se eu estou na calçada, essa ligação com padre Cícero e a Mãe das Dores, a romaria vai além das paredes da igreja, que é um espaço onde eu me sinto acolhido e em comunhão, eu me sinto um filho, um afilhado” (4.c). Em uma breve fala percebemos o quanto de palavras de sentido podemos colher: “nossa casa”, “saudade”, “mesa da comunhão”, “romaria vai além das paredes da igreja”, “acolhido e em comunhão”. Cada palavra está relacionada com outra, porque há uma permanente produção de sentidos e os sentidos necessitam de relações. O discurso é transpassado por uma dimensão de pertencimento que traz os valores religiosos do “centro”, que são inseparáveis das noções de espaço e intimidade. Nas palavras de Meslin

o Centro, portanto, não é apenas uma realidade topográfica nem uma construção ritual, mas o ponto inicial absoluto em que as energias divinas irrompem, e ao mesmo tempo o lugar em que o homem experimenta essa realidade total. Fonte, raiz, germe, dessa última realidade, o Centro é ao mesmo tempo o ponto mais profundo de cada ser humano, o lugar em que ele pode encontrar o Outro. Lugar de referência para o que é preciso constantemente voltar, tal a tensão constante em que se desenvolve a simbólica do Centro. (MESLIN, 2014, p. 258).

Os significados que os indivíduos atribuem aos lugares estão associados com seu cotidiano, movimentos e atividades no lugar. Explorando o significado dos lugares na perspectiva do simbólico, especificamente na esfera do sagrado, percebemos que não existe um único significado para o lugar, mas sim pluralidades interpretativas. Tanto o lugar como a palavra podem ter vários significados. “Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma outra formação discursiva” (ORLANDI, 2001, p. 60).

O lugar é um elemento central e constitutivo da vivência do sagrado que se desenvolve em torno da cidade do Juazeiro do padre Cícero Romão. Tanto nos relatos escritos, quanto nos orais, as referências à paisagem são uma constante. A construção do discurso de pertença deixa evidente a identificação com o lugar como sua casa, “*Juazeiro é nossa casa*”. A partir de estudos desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa da Religião do Juazeiro,

são os ‘valores’ que o romeiro reconhece no ‘centro de romaria’ e a maneira de se aproximar deles que podem revelar o grau de humanização que esse ritual popular pode trazer. É preciso entender melhor o que significa para o romeiro essa ‘conquista das espacialidades místicas’, que são as romarias. (DUMOULIN, 1990, p. 45).

É importante perceber a vivência da espacialidade no sentido de possibilitar a saúde psíquica, e a vivência da romaria é algo que leva o praticante a “inteireza do ser” (BARONTO, 2000). A vivência da romaria recupera, de forma integrada, elementos fundamentais como o somático (corporal), cognitivo (intelecto), afetivo (sentimentos), que são desenvolvidos na própria espiritualidade romeira. Como vemos nesse discurso: “*a gente bota o pé fora de casa pra pegar a estrada e vai pensando o que vamos encontrar no Juazeiro, mas o que me comove mais é a acolhida na igreja de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro junto com a irmã Annette fazendo aquela festa de comunhão com os irmãos romeiros de todo canto e lugar*” (4.c). Pois, corpo, pensamento e afetividade, presentes numa única vivência, criam uma mística forte, e aí se dão os discursos em que brotam seus sentidos, das formações discursivas, regiões do interdiscurso. Nas palavras de Orlandi

o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória. Representa assim

a alteridade por excelência (o Outro), a historicidade. (ORLANDI, 2001, p. 80).

Desde o tempo do padre Murilo, a irmã Annette, a quem os romeiros e romeiras se referem, mantém uma ritualidade pela qual, nos tempos fortes de romaria, toda quinta-feira, às 15h, acolhe os romeiros e romeiras no Círculo Operário, vizinho à matriz de Nossa Senhora das Dores, para simplesmente dar a voz ao povo romeiro. Disponibilizar o microfone para quem quer falar. Gesto muito significativo para um povo que foi silenciado por tanto tempo. Orlandi (1995), refletindo sobre esse tema, diz que “aí entra toda a questão do ‘tomar’ a palavra, ‘tirar’ a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar. O silêncio e a fala fazem parte da retórica do dominador, mas pode fazer parte da retórica do dominado e ajudar na resistência, quando

em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto como parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado (...) (ORLANDI, 1995, p. 31).

Para a Análise do Discurso, o silêncio não só é fundante, mas é o real do discurso. O silêncio passa a ter um significado preponderante na história das romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão. Qual foi o significado do silêncio da Igreja, de todos os Papas até Francisco (2013), de todos os bispos da diocese de Crato até dom Fernando Panico (2001), no que toca às romarias do Juazeiro? Com certeza o silêncio da Igreja, e até a perseguição impostas aos romeiros e romeiras do Juazeiro, fazendo de conta que os romeiros e romeiras não existiam, silenciando o próprio nome do padre Cícero, inclusive proibindo o batismo de crianças com o nome de Cícero ou Cícera, graças a isso, a romaria do Juazeiro é realmente criada pelo povo romeiro.

Aqui está o ponto extremamente sensível da pesquisa, no qual mora a questão do protagonismo dos romeiros e romeiras. Pela originalidade da feitura da romaria do Juazeiro, ela é diferente de todas as outras, mas isso começa a mudar, como já analisamos. O recente reposicionamento da diocese em relação ao movimento denota como a Igreja se apropria das romarias, elemento até então excluído das práticas e representações consideradas oficialmente legítimas, e as transforma em expressões autênticas. Como afirmou padre

Murilo: “Bastou uma ação pastoral para transformar os romeiros de fanáticos em agentes de fé” (PAZ, 2011, p. 42).

Um exemplo visível é a mudança que vai acontecendo na liturgia no interno dos templos. A maneira romeira de celebrar a liturgia, de fazer o rito, vai se institucionalizando, ou seja, o rito que se expressa através de determinadas palavras, ações e gestos simbólicos vai perdendo o seu objetivo que é produzir a inteireza. A dinâmica romeira é mais corpo, sentimento, comunhão, solidariedade (“profeta”). A ação corporal é central para a realização do rito da romaria. Sem ela não acontece o rito da romaria, porque o espírito expressa-se no corpo. Estamos de acordo que “nossas atitudes psicológicas e espirituais têm tudo a ver com nossa postura corporal” (GAIARSA, 1991, p. 61). Enquanto a instituição hierárquica é mais ideias, formulações abstratas, racionalismo, dogmatismo (“doxa”). É aqui que mora o perigo de tornar o rito que é riquíssimo na romaria em apenas uma questão de comunicação, mesmo que seja dentro das formalidades litúrgicas e nesse caso o caráter espiritual se degenera em dogmatismo e racionalidade.

Já aprofundamos a dimensão dos catolicismos, a partir do historiador francês Henri Delumeau (1989) que distinguiu o catolicismo como “vivido” para superar a dicotomia catolicismo popular e não popular. Vimos que para ele, “catolicismo vivido” significa o catolicismo enquanto praticado no dia a dia dos fiéis. Inclui o conjunto de crenças, de credices, de ritos, de rituais, de devoções, penitências. Abrange os modos e a frequência da participação nos rituais oficiais da Igreja, bem como a totalidade das práticas religiosas concretas dos católicos, independentemente de sua classe ou segmento socioeconômico e cultural. Já o catolicismo magisterial<sup>7</sup> é constituído pelo conjunto dos discursos escritos e orais da hierarquia da Igreja, dos teólogos, pastoralistas e coordenadores de pastoral. Agora, a tensão entre essas duas visões continua bastante acentuada, mas não é dita. Neste recorte discursivo que analisamos, destaco o discurso de um romeiro: “*digo pra o senhor que não sei falar muito da romaria porque é mais fácil viver a romaria do que falar*” (4.c). De fato, às vezes, o silêncio é todo o

---

<sup>7</sup> Os dois aspectos do catolicismo são trabalhados pelo professor Bartolomeu Tito Figueirôa de Medeiros na sua tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o qual desenvolveu a categoria de “catolicismo magisterial”, *Entre almas, santos e entidades outras no Rio de Janeiro: os mediadores*.

discurso. O povo romeiro vai perdendo o seu espaço dentro do templo. A lógica é muito simples. Depois da morte do padre Murilo, se acentuou, com a chegada dos novos padres, uma institucionalização que podemos chamar de clericalização, que foi um tema já tratado no capítulo II. Só que agora a clericalização se apresenta com outros vieses e não está fora do fenômeno que acontece na Igreja Católica no Brasil. Mais padres, onde devemos ler mais missas. Com a chegada do Movimento da Renovação Católica na diocese de Crato e de modo especial no Juazeiro, vai se mudando o jeito de celebrar, ou seja, saem os cânticos de benditos e entram os cânticos de louvação que não expressam o jeito romeiro de celebrar. Nesse sentido, vai invertendo a máxima religiosa sertaneja popular, que diz: “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre” (POEL, 2018, p. 31).

A censura eclesiástica é bastante sutil, age sem fazer muito barulho, guardando as exceções. O povo romeiro recorda dos antigos as histórias de tempos vividos e conta as experiências com uma certa consciência dos limites do dizer. Quando escutamos: “era emocionante lembrar de quando a gente entrava na igreja do nosso jeito com andor e tudo e cantando os benditos e dando viva a meu padrinho e a mãe das Dores. Hoje não tem mais” (4.c), nesse discurso se sobressai uma consciência histórica que evidencia uma nova situação. Mas qual é a resposta dos romeiros e romeiras a essa situação? Não precisa verbalizar, mas a censura atinge a constituição da identidade do sujeito. A censura, no caso do Juazeiro, não é abrupta, mas vai acontecendo na prática. Na medida que se vai ignorando os benditos tradicionais da romaria e introduzindo outro estilo de cânticos, no exemplo já dado, vai acontecendo a censura. Orlandi diz que

a censura é um sintoma de que ali pode haver um outro sentido. Na censura, está a resistência. Na proibição está o “outro” sentido. E isto porque, como dissemos, a censura atinge a constituição da identidade do sujeito. A identidade, por seu lado, sempre em movimento, encontra suas formas de manifestação não importa em que situação particular de opressão. (ORLANDI, 1995, p. 121).

É bem verdade que a censura e perseguição ao padre Cícero Romão e as romarias aumentou a resistência dos romeiros e romeiras. Mas quem é esse povo romeiro? Dumoulin fez uma formulação bem real para responder essa questão quando falava de sua condição social, dizendo que são

quatro vezes marginalizados por uma boa parte da sociedade brasileira: “porque são pobres, porque são nordestinos, porque são romeiros e, pior ainda, porque são romeiros do Padre Cícero” (2016, p. 11), e acrescento uma quinta: é ainda em boa parte, povo roceiro, “do mato”. Ao fazer o discurso de abertura do III Simpósio Internacional sobre padre Cícero, o padre Murilo definiu quem é o romeiro e romeira, dizendo que

é preocupação para interpretarmos e não interpelarmos. O romeiro sai para o Juazeiro. Quer celebrar, participar, ser agente de um ritual que se iniciou bem longe e tem seu momento especial aqui. A comunidade local, na igreja ou nos outros lugares, deve tomar consciência do papel dela: acolher o romeiro, não atrapalhar o romeiro, não escravizar suas expressões, como se fosse proprietária do Santuário, castrando a liberdade e criatividade da liturgia da espacialidade. Características da fé romeira clamam por uma atitude pastoral de respeito de atenção e de carinho. A fé romeira é mais afeto que intelectualização, é mais leiga que clerical. Sua celebração quer o padre, mas é o leigo que é o romeiro. E quando um padre se larga a caminho, pode atropelar os passos do peregrino, a não ser, quando se faz um deles. Quem são os romeiros – também nos remete ao papel das lideranças da comunidade. Queremos caracterizar Juazeiro no Norte como um santuário, todo ele. Aberto para, pelo menos, não espantar os devotos da Mãe de Deus, a quem o Padre Cícero ensinou a invocar como Mãe, Soberana. Romeiros simples, piedosos, que têm direito ao que lhes deve Juazeiro: acolhida, segurança, tratamento, distinção. (SÁ BARRETO, 2004, p. 26).

As condições sociais e as características do povo romeiro construiu uma originalidade nesse cristianismo místico beato. Hoornaert (1997), falando do cristianismo beato vai criar uma outra expressão para designar essa experiência, assim intitulando de misticismo beato. Este é uma expressão do catolicismo devocional que, juntamente com a força da tradição oral, configura um tipo de cristianismo específico. Nessa linha, se firma um tipo de cristianismo autônomo, marcado pela simplicidade, que se propaga na cotidianidade da vida sem forte mediação sacerdotal e basicamente por meio da dinâmica da devoção, seja no meio rural ou na cidade, pela própria tradição familiar. Trata-se de uma prática religiosa que está ancorada na ética da hospitalidade, solidariedade, partilha e resistência. Como vemos no discurso dos sujeitos da romaria: *“antigamente a gente ia para um pavilhão onde se armava a sua rede e assim se fazia muita amizade e todo mundo ajudando uns aos outros numa comunhão só, mas na pousada é diferente. No meu caso procuro manter esse espírito de partilha. /*

*Acho que a organização deveria ter um centro de acolhimento aos romeiros mais pobres” (4.c).*

Acompanhando a romaria do Juazeiro do padre Cícero há três décadas, já percebia uma forte virtude presente, sendo uma das características de força a capacidade de produzir, no período da romaria, comunhão humana e solidariedade social. A experiência religiosa do Juazeiro, com práticas religiosas comunitárias, é produzida a partir de condicionamentos sócio-históricos que se articulam com arranjos e itinerários de grupos de romeiros e romeiras, e às vezes individualizados, cada vez mais diversificados. Para Danièle Hervieu-Léger, a figura do peregrino (romeiro),

É uma figura típica do religioso em movimento, em duplo sentido. Inicialmente ele remete, de maneira metafórica, à fluência dos percursos espirituais individuais, percursos que podem, em certas condições, organizar-se como trajetórias de identificação religiosa. Em seguida, corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece, ela mesma, sob o signo da mobilidade e da associação temporária. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89).

A prática da romaria permite uma dinâmica de envio e reenvio e ao mesmo tempo delimita seu território simbólico. A romaria é uma “operadora utópica” do romeiro e romeira, porque “essa dinâmica de agregação e dispersão intensifica uma territorialização simbólica da universalidade católica” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 105). No modelo paroquial, o forte é a fixação e a estabilidade, abrindo caminho para uma prática religiosa orientada e vigiada, por isso o vigário tem dificuldade de compreender a romaria.

O discurso dos sujeitos da romaria transmite o discurso dos antigos, que alimenta o imaginário dos praticantes da romaria. É muito disseminado o discurso que: *“padre Cícero é um servo de Deus e nunca deixou ninguém para trás e sempre acolhia. Ele nunca abandonou preto, branco, rico, pobre, seja quem fosse, prostituta, quem fosse ele acolhida. / Deveria ter um abrigo no Juazeiro porque eu vejo o sofrimento do outro, dos mais pobres (4.c).* É um discurso de sensibilidade ética, à vida, sobretudo dos mais pobres. Nas palavras de Gutiérrez, esse olhar para o outro, “o pobre não é, portanto, somente uma pauta pastoral e uma perspectiva de reflexão teológica; é também, em primeiro lugar, um movimento espiritual no sentido forte da expressão” (GUTIÉRREZ, 2014, p. 119). Nesse sentido, o rosto do pobre é provocação e juízo, por sua

simples revelação. “O outro que o rosto anuncia é anterior e exterior, é não mundano” (SUSIN, 1984).

A própria experiência da romaria chega até nós, vem-nos como manifestação, epifania de um rosto que nos desafia porque subverte todo e qualquer esforço de constituição categorial. Os discursos, os relatos de vida do povo romeiro, abrem-se como um apelo do pobre, da viúva, da criança e do estrangeiro, para um outro mundo em que se cultiva a suprema lei do sonho e da esperança, da emoção e da poesia.

A romaria do Juazeiro do padre Cícero Romão põe em evidência o seu poder mobilizador e aglutinador, capaz de conciliar diferentes desejos, situações distintas e situações conflitantes, ou seja, põe em destaque, nas palavras de Victor Turner (1974), a ideologia da “*communitas*”. A romaria permite o surgimento de um conjunto de disposições as quais criam uma idealizada comunidade.

E nessa comunidade passa-se a viver um tempo forte, maravilhoso, que é o tempo da romaria. Vivida e representada por um grupo de romeiros e romeiras, todos e todas irmanados e irmanadas, porque têm o Padrinho Cícero como protetor que, “a um só tempo, reconhece a ordem social e a ‘rompe’ ritualmente através de valores que considera mais propício a um modelo de convivência que se opõe àquele experimentado no cotidiano” (ALVES, 1990, p. 109). Frei Barbosa, do convento dos frades franciscanos do Juazeiro do Norte, é categórico em dizer que: “A romaria é a Páscoa do romeiro” (dito no “Concílio dos Romeiros”, Crato 2012).<sup>8</sup>

A romaria, dentro deste contexto, é expressão privilegiada dessa experiência de solidariedade, que no caso alcança, particularmente, o grupo familiar, mas também, os compadres e comadres, como também pessoas amigas do entorno. Como vemos no discurso dos romeiros e romeiras: “*a confraternização que fazemos todo ano pelo natal, um grande sopão pra ninguém ficar de fora. Antes da viagem em nossa cidade a gente faz como na consagração do Sagrado Coração que no final tem um café reforçado pra todos. É porque durante a romaria, tudo passa ser de todos. Para entender a romaria do Juazeiro tem que ter olho de pobre*” (4.c).

---

<sup>8</sup> Em 2012, a pastoral de romaria da diocese de Crato realizou um grande encontro com romeiros e romeiras de muitos lugares do Nordeste, o qual ficou cognominado de “Concílio dos Romeiros”.

Segundo os participantes, a romaria “é um oásis no sertão”. Assim uma romeira se expressou: *“a romaria do Juazeiro para mim é o mesmo que estar no caminho do céu. Nunca fui ao céu, mas nesse dia parece que estou no céu”* (4.c). Um outro romeiro falava do sentido de igualdade e partilha que havia nas romarias: *“eu vou pra romaria porque lá é o lugar que eu me sinto bem à vontade, não me sinto como se fosse menos do que ninguém. Lá eu me sinto igual a todo mundo. Eu me sinto como irmãos todos juntos, unidos, uma família. Um exemplo disso é quando a gente partilha a comida na romaria. É bonito de ver”* (4.c). Esta solidariedade expressa na romaria acontece antes, durante e depois, quando se criam mecanismos de ação que suspendem momentaneamente as diferenças categoriais. A partilha da comida tem sempre uma centralidade na romaria, enquanto afirmação de sentido histórico-existencial. A experiência vivencial da romaria é capaz de transcender a realidade marcada pelo individualismo e a violência, e libertar a ação humana para a autodoação amorosa, que para entender *“tem que ter olho de pobre”* (4.c).

Turner apresenta uma contribuição teórica que nos ajuda quando discute o binômio “liminaridade” e “communitas”.<sup>9</sup> Ele traz a definição que Van Gennep (1978) dá aos ritos de passagem. E assim, rito é entendido como aquele que acompanha toda mudança de lugar, estado, posição social e idade. Todos os ritos, segundo a concepção van-gennepiana, possuem três fases distintas: separação, margem (ou fase liminar) e agregação. Isto significa que primeiro o indivíduo é afastado de um ponto fixo na estrutura social, passa por um período intermediário de características ambíguas, para finalmente ser reagregado ou reintegrado a um novo status, retornando assim à estrutura.

No período liminar, a sociedade, enquanto sistema estruturado, diferenciado e hierárquico, dá lugar a uma “communitas” na qual se forma um

<sup>9</sup> Para Turner “Liminaridade” e “communitas” são formas e atributos dos ritos de passagem. Terminando a sua obra, Turner aborda a questão dos rituais de reversão e de elevação de “status”. A passagem de uma situação “mais baixa” para uma “mais alta”. Estes ritos também representam a destruição de uma condição anterior. Falando da “liminaridade” Turner explica: A liminaridade dos que sobem em geral implica o rebaixamento ou a humilhação do noviço como principal componente cultural... a liminaridade das pessoas permanentemente inferiores na estrutura contém como principal elemento social a elevação simbólica, ou fictícia, dos sujeitos a posições de autoridade iminente. Já a “communitas” em pouco tempo se transforma em estrutura, na qual as livres relações entre os indivíduos convertem-se em relações, governadas por normas, entre pessoas sociais. Turner distingue três tipos de “communitas”: 1. A “communitas” existencial ou espontânea; 2. A “communitas” normativa, - sistema social duradouro; 3. A “communitas” ideológica.

espaço social e temporal, às vezes, não estruturado e relativamente indiferenciado, no qual há uma comunhão, ou comunidade de indivíduos iguais que conjuntamente se submetem à autoridade ritual. Isto leva Victor Turner a crer na existência de dois modelos de correlacionamento humano que se justapõem e se alteram:

(...) para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de “communitas” e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade”. (TURNER, 1974: 120)

Nenhuma sociedade, segundo Turner, poderia funcionar adequadamente sem esta dialética. Nos ritos de passagem é permitido aos seres humanos se libertarem da mediação da estrutura para entrar na imediatidade da “communitas” e finalmente retornarem, revitalizados pela nova experiência, à estrutura.

As romarias do Juazeiro têm, até certo ponto, o elemento da “communitas”. O próprio ritual de viagem e celebração da romaria leva os indivíduos a viverem uma experiência diferente do seu cotidiano. Elas expressam com muita força o sentir, o pensar e o agir dos romeiros e romeiras. É comum encontrar esses sujeitos dizendo que depois de uma romaria a pessoa nunca é mais a mesma.

As romarias do Juazeiro, enquanto reunião de pessoas, possibilita que se experimente, na performance ritual, uma concepção de solidariedade humana, de neutralização de certas disputas, e onde o pobre real tem seu lugar. É esse outro, o pobre concreto, que é levado em conta na vivência de um movimento popular cristão cujo forte não é a penitência, mas a comunhão e a solidariedade. Em termos teológicos, diríamos que o forte não é o pecado, mas a Graça. No caso de ir a Juazeiro, é um momento de reviver uma fé comum, de penetrar num imaginário coletivamente construído, que lhes confere uma espécie de identidade, expressa numa sensação de pertencimento, porque já não estão sós, mas compõem uma grande família em torno do Padrinho Cícero. O romeiro e romeira que vêm a Juazeiro em geral começam a realizar suas viagens por causa de promessas. Mas a experiência da romaria é tão forte no sentido da renovação que se realiza que, não raro, ela se torna uma tradição que desenvolve uma mística que é avessa à ascese, obediência ‘cega’, procura da perfeição,

introspecção. Mas é uma vivência em que a gratuidade e o cuidado expressam a dimensão fundamental como prova ‘visível’ do sagrado.

A mística vivida por este cristianismo popular, através das romarias, se distancia do penitencialismo dos frades capuchinhos italianos, os primeiros e principais emissores do movimento da redução do Brasil à ‘obediência romana’ (HOORNAERT, 1991; AZZI, 1987), como já discutimos alhures (ver primeiro capítulo). No Nordeste, um exemplo foram as missões de frei Damião de Bozzano, acontecidas de 1931 a 1997, nas quais a culpabilização e a culpabilidade eram temas recorrentes.

O movimento de que a romaria do Juazeiro faz parte não é algo arrebatador ou baseado em visões ou aparições, vozes misteriosas ou momentos de êxtase, mas em momentos de união simples e intensa com Deus. É uma espiritualidade cujo forte não são exercícios ascéticos, pois mesmo as romarias a pé, que acontecem desde o tempo do milagre da beata Maria de Araújo, fazem parte de uma experiência forte de afirmação humana, de uma espiritualidade que se propõe a viver uma experiência do sagrado na estrada. Daí ser preciso entender o que significa para o romeiro e romeira a “conquista das espacialidades místicas” (DUMOULIN, 1990, p. 45) que são as romarias.

A experiência mística não se pratica num paraíso, mas num mundo atravessado por contradições, como tudo que é humano. Seus sinais podem ser tênues. Essa história de um cristianismo místico popular que escapa à burocracia eclesiástica vem de muito longe. Ainda no final da Idade Média surgiram os movimentos chamados de pobreza, respeito dos quais existem poucos registros históricos, pois “tratava-se de um movimento impetuoso que se dá justamente numa atmosfera de adversidades aparentemente intransponíveis para os excluídos de então” (CALADO, 2012, p. 4). Temos relatos esparsos sobre beatos e beatas no Oriente grego e no Ocidente latino, beguinhas na Idade Média, monges peregrinos, goliardos (PEREGRINO, 2019, p. 22-34). São pontas emergentes de um enorme iceberg, do qual nem conseguimos medir as reais dimensões.

O cristianismo místico beato participa dessa larga história. No catolicismo brasileiro anterior à romanização da segunda parte do século XIX, há o misticismo de beatos e beatas, dentro do “guarda-chuva” da assim chamada religiosidade popular, das romarias e da devoção aos santos. Essa tenacidade

impressionante poderemos verificar nas expressões coletivas fomentadas por padre Ibiapina e seguidas por Canudos, Caldeirão e Juazeiro.

O cristianismo místico beato espelha uma “prática religiosa que tem Deus mais na vida do que no nome” (BEZERRA, 2007, p. 127). Os beatos e beatas traziam o Deus da vida confessando-o em práticas concretas do cotidiano. Sabemos que a história dos oprimidos não possui muitos registros. Até porque, na sua grande maioria, os oprimidos não eram alfabetizados, guardando algumas exceções como o beato Antônio Conselheiro. O registro da história dos beatos e beatas, que não possuía outras formas se não a memória oral de sua gente, ficou entregue às páginas policiais de jornalões da época e aos arquivos criminais da chamada justiça.

No processo de burocratização da Igreja Católica no Brasil, pensou-se que fosse fácil passar um pano por cima da história anterior da vida mística no Brasil, ao concentrar o povo em paróquias e dioceses, casas paroquiais e cúrias diocesanas, seminários e centros pastorais. Mas a tenacidade da religiosidade popular não deixa dúvidas: o cristianismo místico beato resiste.

Fotografia 27 - Despedida do Juazeiro



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

### 5.5. O casamento da poeira dos livros com a poeira da estrada (relato de uma vivência)

Simplesmente não sabemos, e nunca saberemos, se aprendemos sobre a narrativa a partir da vida ou sobre a vida a partir da narrativa, provavelmente ambas. Mas ninguém questiona que aprender as sutilezas da narrativa é uma das principais maneiras de se pensar sobre a vida (Jerome Bruner).

As duas culturas, a humanística e a científica, mais e mais se intercomunicam no sentido de pensar o todo, o destino do próprio projeto científico-técnico face às intervenções que faz na natureza e sua responsabilidade pelo futuro comum da nação e da Terra. Tal desafio exige um novo modo de pensar que não segue uma lógica do simples e linear, mas do complexo e do dialógico (Leonardo Boff).

O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (Guimarães Rosa).

Esse item deve ser compreendido como uma inserção que tem o objetivo de ilustrar pontos da pesquisa já aprofundados. Sua descrição vai em um formato de missiva dirigida a uma pessoa que é pesquisadora e missionária no Juazeiro do Norte há mais de 40 anos. Seu olhar de psicóloga da religião, sobretudo sua presença na convivência com o povo romeiro, lhe confere uma inquestionável autoridade sobre o tema. O item 4.2, do capítulo quatro, já abordou em detalhes quem é Annette Dumoulin.

O escrito que ora apresentamos é fruto de uma peregrinação a pé realizada pelo doutorando, na região contemplada pela pesquisa no intuito de fazer uma experiência a partir do saber popular. Assim começa a carta:

*Querida irmão Annette,  
Paz e bem!*

Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente (Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*).

Vive-se a peregrinação e o seu momento de encontro com o sagrado como um acontecimento personalizador, envolvente,

“arrasador”, como se assistíssemos a um milagre realizado de propósito para cada um (Aldo Natale Terrin).

Hay una dimensión de la religión que es fundamental, pudiendo llegar a ser dominante, y que la razón teórica o las ciencias humanas difícilmente identifican: aquélla que pertenece precisamente al orden del deseo y del amor, vividos en relación con el ser que, según la religión, está en nosotros y fuera de nosotros, y al cual se da un nombre divino o se le llama sencillamente Dios (Antoine Vergote).

*Já caminhamos mais de 300 quilômetros, significa mais da metade do caminho. Significa que já estamos saindo do sertão e entrando no agreste. Nessa altura já superamos as primeiras dificuldades como calos, bolhas e inchaços nos pés. Sobretudo temos resistido às primeiras tentações que se manifestam muito sutilmente. Neste momento somos um grupo de 6 pessoas, mas vai aumentando na medida que vamos caminhando no Estado de Pernambuco, podendo chegar a 20 pessoas. Como são 30 dias de peregrinação, é normal que seja assim.*

*Ainda no caminho me veio o desejo de escrever uma carta para você. A carta sempre foi uma maneira de levar para o papel alguns pensamentos (moções) que voltam sempre nos momentos de meditação no caminho. Dom Hélder Câmara concordaria plenamente comigo. Comecei a escrever de punho no caminho, mas agora, com a conclusão da peregrinação, resolvi digitar para uma melhor leitura.*

*Primeiro de tudo, partilho como foi nossa chegada e partida do Juazeiro do Norte. Alguns acontecimentos não poderiam deixar de ser partilhados com você. Toda partilha de uma experiência vivida reúne uma gama de elementos indecifráveis.*

*Ainda em dezembro passei uma mensagem para o professor José Carlos, pedindo que entrasse em contato com o padre reitor da Basílica de Nossa Senhora das Dores, no sentido de providenciar hospedagem dos peregrinos do dia 04 para o dia 05 de janeiro, em vista do início da peregrinação que inclusive é chamada, pelo Jubileu dos 150 anos de ordenação sacerdotal do padre Cícero Romão, de “Peregrinação Nordestina”. O professor José Carlos deu o retorno dizendo que o padre reitor falou: “Ele (Artur) não falou comigo e a casa está cheia e nesse caso não posso acolher. Que ele fale com Nininha para ver se ela tem possibilidade na casa da pastoral”. Eu disse para José Carlos que iria ver o que*

*fazer, embora o padre que acolhe a peregrinação devesse agir para resolver a situação. No mesmo dia que cheguei, 04 de janeiro, falei com Nininha, o que foi constrangedor porque ela foi pega de surpresa e reclamou nesse sentido. Eu estava certo que o padre reitor, sendo da comissão da preparação do Jubileu dos 150 anos, iria dar todo apoio, mas ele o negou. Além do mais, a casa a que ele se referia (casa paroquial) não estava cheia. Tomei conhecimento de que a casa, que pode acolher 30 pessoas, estava apenas com uma, o padre Reginaldo Veloso, que assessorara o encontro de estudo do Ofício de Romaria que acontecera no sábado, dia 04 de janeiro de 2020.*

*Importante registrar que a peregrinação começou com um estudo de liturgia inculturada, com o assessoramento do padre Reginaldo Veloso. Foi um encontro rico em sensibilidade popular para desenvolver uma liturgia a partir das expressões de fé do povo, sobretudo dos romeiros e romeiras. Todo o estudo foi fundamentado no excelente livro Ofício de romaria (Reginaldo Veloso. Ofício de Romaria, Paulus). A manhã de estudo concluiu-se com a apresentação de comentários do sumário da tese “À sombra do Juazeiro: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)”. Apresentei um sumário da tese comentado nos últimos 50 minutos do encontro. Na parte da noite, ainda no Círculo Operário São José, onde aconteceu o encontro durante o dia, houve um momento cultural com uma expressiva coreografia a partir dos cânticos ensaiados durante o encontro. Foi uma apresentação muito bonita e bem preparada, mas percebi que houve pouca participação do público em geral. Se esperava um público que estava na igreja e que não apareceu.*

*A peregrinação tinha uma opção bem clara de despojamento. Durante toda a caminhada, iniciando no Juazeiro, não utilizávamos dinheiro e nossas necessidades eram supridas por quem nos acolhia. Fiquei decepcionado, porque era um evento dentro da programação do Jubileu dos 150 anos organizado pela diocese de Crato, mas o que vimos foi a porta fechada. Veio-me muito forte toda a reflexão que fiz em um Seminário de Pastoral de Romaria que assessoriei no Centro de Expansão no Crato, anos atrás, que teve como tema “Espiritualidades do caminho e do templo”.*

*Eu estava preocupado porque éramos 6 peregrinos e peregrinas de vários Estados e precisávamos de um canto para passar a noite e nos encontrar para combinar tudo em relação ao início da caminhada.*

*O pároco reitor da basílica santuário Nossa Senhora das Dores ignorou quase que completamente nossa presença. Apenas na missa das 5h do dia 05 de janeiro, domingo, fomos convidados a dizer o nome e de onde éramos e nada mais. Saímos da Matriz das Dores desolados. O padre reitor da basílica não teve a delicadeza de partilhar uma garrafa de café com os peregrinos e peregrinas, pois saímos em jejum do Juazeiro, e sequer cumprimentou os peregrinos e peregrinas em algum momento nem no final da missa. Inclusive, foi indelicado com dois irmãos no sacerdócio, incluindo um já ancião de 74 anos. Imagine, nós, que nos “revestimos” de romeiros e romeiras e que temos uma “lábria” até mais ou menos, fomos tratados dessa forma. O que pensar realmente dos pobres romeiros e romeiras que chegam ao santuário? Será que são escutados, olhados? Foi lamentável porque isso não é a tradição do Juazeiro do padre Cícero Romão. Muito menos dos preceitos deixados pelo Padrinho de todos. Juazeiro sempre foi tido como uma casa onde cabe todos. Essa maneira de agir não expressa a tradição romeira e é uma agressão à memória do padre Francisco Murilo de Sá Barreto, pastor maior dos romeiros e romeiras do Juazeiro, “Pároco do Nordeste”. O acolhimento e a partilha são pérolas que padre Cícero Romão deixou e estão sendo “jogadas aos porcos”. Eu tentei animar a todos para pegar a estrada, dizendo que não nos iludíssemos com o Templo e nos voltássemos para o Caminho que nos traria muitas surpresas no que se refere ao acolhimento.*

*Em novembro de 2019 participei de um momento celebrativo em Carpina – PE, onde teve uma celebração presidida pelo padre reitor da Basílica de Nossa Senhora das Dores do Juazeiro. Na ocasião, pedi para ele fazer, como o romeiro e a romeira faz quando sai da paróquia para ir ao Juazeiro, uma carta de apresentação para levarmos na peregrinação de janeiro, mas ele desconversou e disse para eu pedir a um padre de Recife. Ora, eu não estava pedindo algo para mim, mas para uma atividade coletiva que tinha sido aceita pela diocese. Bem antes, já percebia que a administração dos “tesouros do Juazeiro” estava correndo sério risco. O clericalismo e a concentração de poder não partilhado tem semelhanças com outras épocas. Bem que você disse em seu texto (“Padre*

*Cícero, Santo? O que sobra e o que falta!”) que em nossa Igreja Católica e que o Papa Francisco tanto condena: o clericalismo. Faço um sério questionamento na minha pesquisa de doutorado: “O que será do protagonismo dos romeiros e romeiras se o padre Cícero Romão for canonizado nesse modelo clerical?” Fiz a pesquisa de campo aplicada a pesquisadores e pesquisadoras, principalmente a romeiros e romeiras com uma pergunta fundamental: “Com o reconhecimento do padre Cícero Romão Batista por parte da Igreja Católica Romana (abrindo caminho para o seu processo de canonização), o romeiro está ameaçado em perder seu protagonismo nas romarias?”*

*Vivendo esses acontecimentos, recordei-me de uma viagem que fiz ao México. Era o ano de 2010 quando fui convidado pela Universidade Católica de Pernambuco para participar de um encontro do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), representando o setor leigo, no México, precisamente na cidade de Guadalupe, por sorte minha, onde fica um santuário dedicado a padroeira da América Latina, o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. Foi um encontro de cinco dias, o que me possibilitou ir aos lugares visitados pelos romeiros e romeiras da Virgem de Guadalupe. Visitei o local da aparição da Virgem de Guadalupe ao índio Juan Diego, no sopé do monte Tepeyac, ao norte da cidade do México.*

*Chamou-me muito atenção a situação do santuário, especialmente no último dia, quando resolvi ir à missa das 5 horas da manhã. Quando cheguei à igreja, ainda estava escuro e não consegui participar direito da missa devido ao barulho de um carro dentro da basílica virando cofres de dinheiro. Absurdo! O tilintar das moedas fazia um enorme barulho, como também a troca dos inúmeros cofres espalhados em toda basílica.*

*Após a missa, voltei para a casa onde estava hospedado. Tomei café e me organizei para ir para o aeroporto. Como era meio da manhã, resolvi me despedir da imagem da santa na igreja. Quando cheguei na frente do santuário tive uma grande surpresa! O santuário estava cercado de polícia. Perguntei o que estava acontecendo. Alguém me falou: “É o Calderón!”. Felipe Calderón era o presidente do México (2006 – 2012) que estava com sua esposa acompanhada do cardeal do México de óculos em punho analisando os olhos da santa. Surpresa desagradável! Fora da igreja, muitas pessoas, incluindo um grupo de*

*indígenas de Chiapas. Uma cena que expressa um tipo de religião privatizada, da qual os sujeitos da romaria ficam excluídos.*

*Por falar em sujeitos da romaria, pude ver e escutar um fato tenebroso. Pois, ao lado do santuário, na semana que passei no México, estava acontecendo uma comercialização de produtos agrários chamada “feira de reforma agrária”. Havia um padre do santuário que acompanhava esses trabalhadores e trabalhadoras. Durante a semana fizemos amizade, partilhando o que havia em comum na luta de trabalhadores no México e no Brasil. Tema muito comum a nós. Isso possibilitou algumas confidências. Ele me partilhou o que segue: “O reitor da basílica falou que não gosta desses índios que ficam em torno do altar porque eles fedem muito”. E até hoje percebe-se que os indígenas que chegam, sobretudo os de Chiapas, ficam na igreja do meio para trás. Esse fato acontecido escancara uma reflexão que expressa uma vergonha para um santuário que surgiu pela aparição da Virgem ao índio Juan Diego (1535). Nesse fato concreto, o poder clerical, numa atitude excludente, afasta os que são os prediletos do Evangelho de Jesus, o pobre de Nazaré.*

*A mentalidade expressa no Templo de Guadalupe é uma triste realidade que está presente como uma doença que corrói as células de vida de uma Igreja que se propõe em saída, como exorta o Papa Francisco.*

*Querida Irmã Annette, não quero individualizar esses acontecimentos, mas constatar, como pesquisador, que isso pertence a uma mentalidade reinante hoje no clero. Conversando com um padre durante a caminhada, ele confidenciou para nós peregrinos e peregrinas que “a maioria da geração de padres hoje está preocupada com uma boa casa paroquial, uma eficiente pastoral do dízimo, um celular de ponta, um carro novo de ponta, uma gorda conta bancária, grana para viajar e se hospedar em hotel cinco estrelas e uma bonita casula para se destacar”. Na própria peregrinação fomos constatando, através das vivências, o que escutávamos.*

*A peregrinação foi sempre marcada pela convivência com portas abertas, entreabertas e fechadas. Confesso que as fechadas vieram sempre através dos Templos (igrejas, casas paroquiais) e as abertas através da Estrada (romeiros, romeiras e pessoas simples do povo morando em casebres).*

*A diocese de Crato nos deixou uma “sombra do Juazeiro” que nos lembrou o discurso do Papa Francisco para a cúria romana, quando chama*

atenção que também “a Igreja está exposta às doenças, mau funcionamento e enfermidades”. Que os padres e todo o clero, sem um relacionamento vivo e pessoal com Cristo, que em carne está na pessoa do pobre, cada membro da Igreja rapidamente se tornaria um “burocrata, formalista, funcionalista, um mero funcionário, um ramo que murcha e, lentamente, morreria, sendo assim, jogado fora”. O próprio Papa Francisco, no Natal de 2014, diz que a Igreja está infestada de um mal que é o “Alzheimer espiritual” e enumera 15 doenças que estão enfraquecendo e prejudicando a ação missionária da Igreja.

Tentei articular com outras paróquias da diocese, mas encontrava sempre portas fechadas. Tive que apelar para padre Joaquim Ivo, que tem família em Missão Velha, para dar uma mão no sentido de abrir alguma janela para nós. Em Missão Velha ele orientou procurar a casa de sua mãe, dona Judite, de mais de 90 anos, que está acamada. Lá dormimos e comemos. A cidade tem dois padres, mas totalmente apáticos a nosso movimento. Inclusive nem foi cumprimentar dois irmãos no sacerdócio que estavam no meio dos peregrinos e peregrinas. Falta de gentileza, para não dizer que isso representa o que acabamos de relatar: “Alzheimer espiritual”. Tivemos que apelar ao padre Joaquim Ivo, um ex-aluno meu, para algum contato mais adiante até sair da diocese. Ainda antes de iniciar a peregrinação, escrevi para o bispo, dom Gilberto Pastana, informando de todo nosso itinerário e objetivos. A mesma comunicação também foi enviada via WhatsApp para todos os contatos, dioceses e paróquias.

A peregrinação “de Cícero Romão a Hélder Câmara” aconteceu com a saída da Matriz de N. Sra. das Dores do Juazeiro do Norte – CE até a Igreja das Fronteiras, Recife – PE, de 05 de janeiro a 02 de fevereiro. Foram 30 dias de caminhada cumprindo rigorosamente o itinerário escolhido. Eu sempre dizia pela estrada que a peregrinação tinha dois sentidos: um para fora e outro para dentro. Para fora eram as rodas de conversas e celebrações com romeiros e romeiras. Como estudante de Ciências da Religião aproveitei para entrevistar muitos romeiros e muitas romeiras a ponto de duplicar a margem de informantes que já tinha abordado. O sentido para dentro foi o Retiro de 30 dias que fizemos. Seguimos os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola dentro da proposta pedagógica das Quatro Semanas.

As vivências do Evangelho na estrada deram o tom de toda a peregrinação. É importante dar o sentido e contexto em que aconteceu a

*peregrinação. O grupo se propunha viver uma experiência do Deus da Vida no meio do povo e em contato permanente com a natureza. A opção evangélica do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste era muito clara: caminhar só a pé e ir de lugar em lugar com a decisão radical de não receber e carregar dinheiro como também não carregar comida de um lugar para outro. Essas opções garantiram a mística do Grupo.*

*Todo o evento da peregrinação foi motivado por uma atitude de estudo e permanentemente estava ancorado na pesquisa do doutorado em Ciências da Religião, como já relatamos. Assim o professor Gilbraz Aragão, orientador da pesquisa, se referiu ao comentar a peregrinação no Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife:*

*Artur Peregrino está saindo em mais uma caminhada, junto com seu grupo de peregrinas e peregrinos: de 5 de janeiro a 2 de fevereiro eles estarão na estrada, da Matriz de Nossa Senhora das Dores do Juazeiro, no Ceará, até a Igreja das Fronteiras no Recife, em Pernambuco – provocando assim o encontro de dois santos populares do catolicismo no Nordeste brasileiro, padre Cícero Romão e dom Helder Câmara, ambos compromissados com os pobres por causa do evangelho cristão, seja através de uma aproximação mais devocional lá no sertão, seja por um envolvimento místico-político aqui na periferia urbana.*

*Essa peregrinação atende a chamados importantes: a diocese do Crato, pela convocação do seu bispo, dom Gilberto Pestana, está celebrando, neste ano de 2020, 150 Anos de Ordenação do Padre Cícero Romão Baptista, e prepara um grande Simpósio no final do ano com o tema: “Padre Cícero Romão: um sacerdote numa Igreja em saída”; e, além disso, o próprio Artur Peregrino (o professor José Artur Tavares de Brito) está caminhando rumo à defesa da sua tese de doutorado em Ciências da Religião na UNICAP, com orientação de Gilbraz Aragão, sobre “As transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)”, onde analisa o fenômeno das romarias no intuito de perceber as suas novas configurações, as explicações antropológicas e os desafios teológicos das permanências e mudanças na fé do povo. O caminho, então, vai abrir o Ano Jubilar do “Padim Ciço” e também arrematar e decantar a pesquisa de Artur sobre os seus devotos.*

*No momento em que a Igreja católica inteira é convidada pelo Papa Francisco para uma atitude de saída, ao encontro das periferias existenciais e*

*sociais, a disposição do padre Cícero em acolher a todos, especialmente aos pobres e sofredores das secas e das cercas, aconselhando-os e abençoando-os “à sombra do juazeiro”, constitui um testemunho eloquente de hospitalidade que continua atraindo muitos romeiros ao Juazeiro do Norte. Ao mesmo tempo, os encontros de irmãos de dom Helder, grupos de estudo bíblico, convivência e ação comunitária dos “pobres que evangelizam os pobres” nos morros e alagados do Recife, sinalizam um cristianismo que se renovou e se renova no seguimento místico e político de Jesus. É sobre esse espectro de desenvolvimentos da experiência religiosa, seus entrelaçamentos, atualizações e contradições, que os peregrinos vão meditar durante essa caminhada de trinta dias.*

*No percurso, o grupo vai também realizar rodas de conversa sobre a “espiritualidade do caminho” em escolas e sindicatos, igrejas e centros comunitários, com romeiros e pessoas interessadas no tema. E os peregrinos irão compartilhar das rezas e da comida do povo pelas estradas, numa atitude de entrega, caminhando só a pé, sem carregar dinheiro ou alimentação. Trata-se de um grupo ecumênico que busca reanimar sua fé unindo o pó das estradas com a poeira dos livros, a convivência com os pobres e o estudo da Palavra de Deus. Veja o roteiro e acompanhe a passagem do pessoal na sua região. Depois, dia 2 de fevereiro, domingo, 17h, na igreja das Fronteiras no Recife, venha cantar o Ofício Divino na chegada da peregrinação. E no dia 3 de fevereiro, também às 17h, no auditório dom Helder (térreo do Bloco A) da UNICAP, participe da Partilha da Peregrinação: em um encontro de “Padim Ciço” com “Dom Helder”, incluindo os pobres e/ou romeiros entre e além, quais serão as lições para a vida e para a Igreja da gente?! Se quiser ajudar na resposta, talvez você tenha que pegar igualmente a estrada: “Vai moiando os pés no riacho; Que água fresca, Nosso Senhor; Vai oiando coisa a grané; Coisas qui, pra mode vê; O cristão tem que andá a pé”! (<http://www.unicap.br/observatorio2>).*

*Os mais pobres e excluídos da sociedade foram nosso endereço pelo caminho percorrido. Saímos de Juazeiro do Norte e caminhamos a pé até Recife, percorrendo mais de 600 km e no meio do caminho encontrando comunidades e pessoas diversas.*

*A peregrinação se encerrou na Igreja de Dom Hélder com uma celebração ecumênica presidida pelos próprios peregrinos junto com um bispo anglicano*

*(Dom Sebastião Soares), um pastor batista (Rev. Paulo César) e um padre católico (Monge Marcelo Barros), além de mais de 62 pessoas que vieram para acolher o grupo da peregrinação e ser por ele abençoadas.*

*No final partilhamos o que vimos e vivemos em tão longa caminhada, que foi do sertão ao mar. O que vimos? Uma situação piorada do povo: “os ricos cada vez mais ricos às custas dos pobres cada vez mais pobres” (PUEBLA, 1979). A situação social e econômica do Nordeste piorou muito de outras peregrinações para essa. A fome volta com toda força para as populações do sertão, agreste e zona da mata.<sup>10</sup> No dizer de sr. Arlindo, de Quipapá: “Antes as crianças estavam alistadas no bolsa família e estavam na escola e também no posto de saúde, mas agora o governo que tá aí cortou essa benfeitoria e não apresentou outra e também não tem emprego para os mais jovens e por isso a fome volta. A fome tem cara do cão, seu moço”.*

*Também os exemplos de vida marcaram o caminho. Nas anotações da peregrina Bernadete há um relato maravilhoso. Assim ela escreveu: “Um fato que ficou na história dessa peregrinação foi o encontro com Leda. Estávamos, pelo meio do dia, chegando na divisa do Ceará com Pernambuco. Ainda no município de Jati – CE, tem um posto de fiscalização policial. Resolvemos dar uma parada em frente ao posto numa bela sombra. Enquanto estendíamos a lona para descansar, o peregrino Oliveiro resolveu ir até os policiais, no abrigo, para pedir água. Um deles lhe mostrou onde era o bebedouro. Enquanto ele se dirigia para pegar água, uma mulher que estava sentada em frente a um computador o avistou. Não só o viu, mas o olhou com um olhar de compaixão, ternura, pois, segundo o que ela depois narrou, ela viu entre ela e ele a luz do Espírito Santo. Ela se sentiu tocada com a presença de Oliveiro. Se dirigiu a ele e disse: - ‘Eu estou no horário do almoço. Você quer almoçar comigo?’ Oliveiro respondeu: - ‘Aceito, sim, mas não estou só, estamos em 6 pessoas’. Ela lhe falou que não tinha problema, que todos e todas poderiam ir também. Assim que ela saiu do posto ao nosso encontro, foi-nos abraçando e convidando para que a seguíssemos para que fôssemos almoçar em sua casa. Ao perceber o que estava acontecendo, uma alegria imensa me invadiu. Ver, mais uma vez, e mais acontecendo hoje. Assim aconteceu: Leda Leal nos levou até sua casa, dividiu*

---

<sup>10</sup> Essa situação soma-se com os dados da fome no mundo que atinge mais de 820 milhões de pessoas. A cada quatro segundos morre uma pessoa de fome no mundo.

*seu alimento conosco, e muito mais: partilhou seu amor, sua disponibilidade, seu carinho, sua alegria. Nos deixou à vontade para descansar e usufruir do que ela pôde oferecer. Fiquei tão tocada com seu gesto que resolvi lhe presentear com o meu livro, um exemplar que carregava na mochila. Mais alegre fiquei quando soube que Leda era cristã de tradição evangélica. Seu testemunho de abertura mostrou-se ainda maior por esse fato.”*

*A peregrinação perpassou a região do sertão, agreste e zona da mata, o que nos possibilitou um conhecimento mais profundo dessas regiões. No dizer de João Guimarães Rosa, mergulhamos no “sertão profundo”. Nós peregrinas e peregrinos dizemos: “mergulhamos no Nordeste do Brasil profundo”. O que encontramos?*

**No sertão**, como em outras regiões, por falta e por corte em programas sociais, voltou a fome e o abandono do povo, deixando-o a própria sorte. Percebemos, a olhos nus, que aumentou a desigualdade social, a pobreza e a miséria. A falta de incentivos atinge sobretudo os mais jovens, que vivem sem perspectiva e esperança de arrumar um emprego. A exemplo de Natália Silva, uma jovem de 21 anos, que concluiu o ensino médio há anos, mas não tem condições de se qualificar por falta de oportunidade, o que não é oferecido pelo governo federal, que já mostrou que é inimigo da educação.

**No agreste**, tem-se percebido um aumento da desigualdade entre ricos e pobres e isso é percebido pelo aumento do latifúndio improdutivo. Andando pelas fazendas escutam-se e vemo-se o aumento do gado nelore e o desaparecimento de pequenos sítios. Esse cenário ficou muito visível na região de Garanhuns. Nas palavras de sr. Gerson Fonseca, morador da cidade de Canhotinho: “A maioria das terras da região estão nas mãos dos grandes de Maceió. Por isso vemos o aumento da violência e das drogas”.

**Na zona da mata** o quadro é ainda mais grave por causa do “inferno verde da cana” – a monocultura da cana de açúcar. Secularmente, impõe-se uma opressão sem limites ao povo trabalhador da região. Vimos de perto os crucificados da cana. A exemplo, encontramos um trabalhador da cana, chamado de boia fria, que quando perguntamos seu nome nos respondeu: Binda. Tudo lhe foi roubado, inclusive a consciência e o próprio nome. No trecho da cidade de Escada para o Cabo de Santo Agostinho, encontramos esse jovem, aparentando 22 anos: negro, aspecto físico esquelético, olhos fundos sem brilho,

*sem camisa, calça em molambos, estava coberto de cinzas da palha da cana da cabeça aos pés e apenas tinha um facão na mão direita. Dialogamos um pouco, mas ele só respondia o que perguntávamos e as respostas eram curtas e diretas: você trabalha no canavial e corta quantas toneladas de cana por dia? De 4 a 5 toneladas. Quanto custa uma tonelada de cana cortada? Custa doze reais. Você é de onde? Macaparana. Aqui você fica onde? Num galpão com 54 homens. Você tem despesas e paga algum valor? Pago a alimentação e o aluguel da ferramenta. Ele nos olhou com olhos fundos, tirando a vista para a pista e passou para o outro lado, desaparecendo dentro do canavial. A partir dessa cena vivida, fizemos uma reflexão que calou fundo. O jovem Binda faz parte de um fenômeno de trabalhadores que vêm do sertão e do agreste, muitas vezes de outras cidades da zona da mata, onde há usinas falidas e o desemprego é alto. É o caso da cidade de Macaparana, município paupérrimo do interior do Estado de Pernambuco, onde o desemprego é altíssimo, tendo no seu histórico a dependência de duas famílias oligárquicas que dominam a política desde a ditadura militar de 1964, mudando sempre de nome: Arena, passou para PDS, que se tornou PFL, que virou DEM. Binda é o tipo de trabalhador da entressafra. No geral vivem em lugares sem condições mínimas de humanidade. Alguns, de tanto trabalhar para melhorar o ganho, trabalham à exaustão chegando a ter sérios problemas de saúde. Popularmente é conhecida uma causa de morte: “trabalhou tanto que estourou o coração”. É um regime de semiescavidão, não tem outra palavra. Não é preciso irmos tão longe da chamada “civilização” para encontrarmos escravos.*

*A estrada nos surpreendeu pelo descuido das rodovias por parte das autoridades. Em boa parte do caminho percorrido, as banquetas eram desprovidas de cuidado. Inclusive em alguns lugares não havia acostamento porque o mato invadia a pista, sobretudo nas estradas estaduais. Foi impactante o número de cruzeiros que encontramos pelo caminho como também animais mortos. Em certo momento parecia que tinha acontecido uma guerra naquele local. Junte-se a isso a quantidade de lixo entulhado na beira da estrada. Era um retrato da vida degradada a olhos nus. Do chão subia um grito de socorro da terra.*

*A peregrinação foi recolhendo muitos exemplos vivos e tocantes de comunhão e de solidariedade humana. O amigo e irmão Marcelo Barros, que*

*nos enviou uma carta de encorajamento no meio do caminho, assim se expressou: “Vocês vão construindo a peregrinação da esperança pascal. E ainda na noite escura, celebram o túmulo vazio e o anúncio de ir até a Galileia dos pobres. É ali que todos nós o veremos”. Também o irmão João Batista, do Mosteiro do Discípulo Amado, enviou uma mensagem para nós no meio do caminho: “Vocês são humanidade nova. Vocês são Igreja nova. Vocês são a comunidade dos escolhidos e escolhidas entre os filhos de Deus e filhas e estão sendo para nós estímulo para nossa própria caminhada”. Essas mensagens nos encorajaram bastante no caminho, que tem sua noite escura, incluindo cansaço e dores.*

*Uma peregrina disse, de forma magistral: “Na estrada a gente não precisa abrir a Bíblia porque a própria estrada abre os Evangelhos para nós”. É uma verdade porque a vivência do Evangelho é uma constante no caminho. A peregrinação tem sempre duas faces: acolhida e rejeição. Isso quer dizer que tivemos sempre portas abertas e fechadas. Vimos a epifania de Deus e o diabo solto. Valha-me Deus!*

*Registramos que tivemos excelentes acolhidas em vários ambientes como sindicato rural, associações comunitárias, casas de família, inclusive em algumas casas paroquiais, sobretudo nas dioceses de Afogados da Ingazeira, Pesqueira e Garanhuns, mas a acolhida fervorosa veio dos mais pobres, com um destaque para as mulheres, caracterizando a aparição de anjas boas da estrada. Um peregrino recordou uma frase bíblica dita, atribuída ao apóstolo Paulo: “onde abundou o pecado, superabundou a Graça” (Rm 5, 20).*

*A estrada proporciona encontros inesperados. Após a cidade de Custódia, no povoado Rio da Barra, que é chamado de Valdemar Siqueira, encontramos um grupo de romeiras e um romeiro que estavam caminhando para o Juazeiro do Norte a pé. Dormiram na capela do povoado enquanto nós na casa de uma família. Fizemos um encontro à noite na capela para partilhar a caminhada e, para nossa surpresa, estavam fazendo a caminhada com objetivo muito claro: conquistar a terra onde estão acampados com 80 pessoas durante 20 anos em uma região do Estado de Alagoas. O acampamento se chama Bota Velha e fica em uma velha fazenda da Usina São Simeão no município de Murici – AL. A romeira Cícera Maria nos deu o seguinte depoimento:*

*“O acampamento está fazendo 20 anos e vou ao Juazeiro porque a gente vai ganhar um pedacinho de terra. Vou ao Juazeiro porque vou pedir ao meu Padrinho Ciço para que os homens liberem a terra. Vou pedir ao meu Padrinho força pra lutar, pra sair a terra. Agradecer a Deus e pedir forças. Depois que sair a terra tem mais gente do acampamento pra fazer uma romaria pra agradecer. Espero encontrar no Juazeiro felicidade e encontrar meu Padrinho no altar dele e pedir pra ele o interesse que eu vou, que é conquistar a terra. Pedir a ele e a Mãe das Dores felicidade, coragem e saúde pra nós trabalhar. Eu espero quando voltar para o acampamento o dono reconhecer que a terra é da gente. Eu voltando, vou tá com mais força porque Jesus e o meu Padrinho vai fortificar. Meu Padrinho vai ajudar, dar força pra gente enfrentar porque Deus não passou escritura de terra pra ninguém. O que a gente quer é vontade de Deus e por isso a gente reza o Pão Nosso. Quando vem a dificuldade no caminho a gente se apega a Deus e a meu Padrinho. A devoção ao meu Padrinho em Alagoas é forte, vem dos antigos. Quando a gente conquistar a terra vai mudar o nome de Bota Velha para Bota Nova com os mandatos de Deus e do meu Padrinho”.*

*O exemplo desse grupo de romeiras nos mostra que a Teologia da Libertação está mais viva do que nunca e presente no meio do povo. É preciso olhar mais o fenômeno de dentro, a partir da luta do povo e de suas expressões de fé. A partir dessa reflexão, recordamos que o monge Marcelo Barros lançou no final de 2019 um bellissimo livro, na Igreja das Fronteiras de Dom Hélder Câmara em Recife, com o título Teologias da Liberação para os nossos dias (Editora Vozes).*

*Chegamos na cidade de Pedra, Pernambuco, o calendário marcava dia 21 de janeiro, 17º dia de caminhada. O cansaço juntava-se com algumas bolhas nos pés. Era um dia de terça-feira, dia nublado e preparado para chover. Caminhamos a manhã toda da cidade de Arcoverde à cidade de Pedra. Andamos 19 quilômetros, com algumas paradas para descansar, para chegar nessa pequena e bonita cidade por volta das 13h. Chegamos no centro da cidade e estranhamos porque o comércio estava totalmente fechado e não havia quase ninguém na rua. Procuramos bater em várias casas, mas logo percebemos que a cidade dormia em pleno dia. Ficamos aguardando o comércio abrir e acordar junto com a cidade. Conseguimos água em uma casa, mas sem muita conversa.*

*Fomos na casa paroquial, que estava fechada, mas com insistência veio uma moça, sobrinha do padre, logo nos dizendo que não podia fazer nada porque o padre estava viajando, mas que às 14h a igreja abriria. Quando a igreja abriu, a peregrina Bernadete foi pedir para ir ao banheiro. A secretária negou dizendo que a igreja não tinha banheiro, mas depois ficamos sabendo que não era verdade. A peregrina teve que fazer “xixi” na rua em um canto de muro ao lado da igreja. Nos apresentamos e explicamos nosso objetivo e que iríamos passar o resto do dia na cidade para voltar a caminhar no dia seguinte. Falamos para ficar no salão paroquial que fica ao lado da igreja. Até pensamos que a própria igreja nos protegeria da chuva para passar a noite.*

*A secretária da paróquia fez o contato com o padre, que estava em Brasília. Logo ele mandou um áudio via WhatsApp, por volta das 15h30, que passo a transcrever: “Eu não vou permitir um negócio desse que abra o salão. A igreja não é lugar de dormir. Que vão para a casa de apoio do hospital. E que vocês não criem confusão”. Confabulamos entre nós que não iríamos sair da igreja e ficaríamos esperando o que iria acontecer. Tudo nos foi negado inclusive fazer xixi, um direito humano básico.*

*Continuamos na igreja e para nós só faltava a polícia chegar para nos tirar a força. Nossa decisão era firme de não sair da igreja porque compreendemos igreja como casa da comunidade, sobretudo de acolhida aos pobres. Tínhamos toda certeza de que a atitude do padre não contava com o apoio do bispo de Pesqueira, porque foi uma negação gritante do Evangelho de Jesus Cristo e a entendíamos como uma atitude isolada e patológica que não maculava a excelente acolhida que tivemos em outras comunidades da diocese.*

*Dentro da igreja matriz de Pedra começamos a ler a Bíblia e meditar sobre tudo que estávamos vivendo naquele momento. Um peregrino até escreveu em seu caderno e leu para algumas pessoas presentes: “Na igreja, pode ter missa, pode ter pão, vinho, padre e até palavras de consagração, mas se não tiver lugar para o pobre, Jesus não está presente”.*

*Quando acabava de ler em voz alta, chegou Maria Gomes, uma mulher militante social que trabalha na Caritas diocesana (organização humanitária da Igreja Católica). Ela salvou a situação! Ela tinha recebido um telefonema do padre Fábio, vigário geral da diocese de Pesqueira, falando sobre nós, pedindo*

que nos acolhesse. Sendo assim, ela logo nos convidou para irmos para sua casa, dizendo que era pequena, mas lá tinha banho, comida e dormida.

Vimos aí um sinal do Deus da vida. Uma mulher forte do Evangelho em atitude amorosa deu testemunho do amor divino. Na hora me recordei de um pensamento antigo: “Deus só é visível através de pessoas que são testemunhas vivas do seu amor”.

Na cidade de Quipapá tivemos outra vivência que dá para fazer um paralelo literal com a parábola do samaritano relatada no Evangelho de Lucas 10, 25-37. Era o 21º dia de caminhada, que caiu numa segunda-feira, 27 de janeiro. O diário registra que acordamos às 4h da manhã. Para pegar a estrada, andamos, dentro da cidade, uns 2km para chegar na pista. O tempo estava prometendo esquentar. Mesmo sendo muito cedo o sol já estava despontando. Estávamos diante de 27 km. Pela manhã caminhamos 20 km. Fizemos algumas paradas e como sempre a primeira parada contemplava a colocação do ponto de oração do dia na vivência dos Exercícios Espirituais (EE).

Registro que neste dia a mãe natureza nos propiciou o almoço. Eu mesmo comi as seguintes frutas na estrada: banana, azeitona, manga, caju, jaca, graviola e umbu-cajá. Na ocasião fizemos uma reflexão debaixo de um pé de manga, que a terra é viva e se comporta como um único sistema autorregulador, formado por componentes físicos, químicos, biológicos e humanos que a tornam propícia para a produção e reprodução da vida e que, por isto, ela é nossa Grande Mãe e nosso Lar Comum.

Bem, seguimos adiante e chegamos na cidade por volta das 17h. No centro da cidade, nos aproximamos da igreja. Vimos que estava fechada, mas havia um salão aberto ao lado. Por nossa surpresa, quando chegamos na calçada da igreja, o salão já estava fechado, passado uma corrente e atado com um cadeado. Todos nós, que estávamos em oito peregrinas/os, nos sentamos na calçada da igreja sob o olhar de muitos, que de longe faziam sua leitura imaginária. Dois de nós fomos à casa paroquial e falamos com uma pessoa que atendeu como funcionária do pároco. Essa pessoa disse que o padre estava em uma capela, mas que já tinha passado uma mensagem no WhatsApp dele.

Minutos depois, ela falou que ele leu a mensagem, mas não deu nenhuma resposta. Aguardamos um bom tempo e nada. Víamos algumas pessoas transitarem em direção à igreja com uma camisa intitulada grupo de oração. De

repente, aparece Quitéria Maria da Silva, uma romeira do Juazeiro do padre Cicero Romão, que chega dizendo: “Não gostei do tratamento que estão dando a vocês”. Ela bateu no peito e apontou para camisa dizendo: “A gente tem que honrar essa camisa aqui”. Logo falou para nós que iria pedir à coordenadora do grupo de oração para ser liberada para nos acompanhar, levando-nos para sua casa.

*Logo voltou e disse: “Minha casa é pequena e pobre, mas cabe todo mundo. Lá tem água e o que tiver de comida a gente reparte”. Uma peregrina disse: “Benza Deus!”. A noite já chegava e acompanhamos Quitéria até sua casa. Descemos uma ladeira muito íngreme e logo chegamos em sua casa, encontrando o seu esposo, Cícero Mendes da Silva, com a mesma disposição de acolhida. Todos e todas eram romeiros e romeiras do Juazeiro há muito tempo. Aproveitei a ocasião e fiz entrevistas com o casal e a mãe de Quitéria Maria da Silva, dona Maria do Carmo da Silva.*

*Enquanto tomávamos banho, Quitéria preparou a janta. Anotei os itens da janta que fartamente foi oferecida por essa família: feijão, arroz, macarrão, farinha, cuscuz, ovos, carne (talvez o único pedaço que tinha), café, suco e chá de capim santo. Os Silvas deram um show de arreentar a boca do balão! Benza Deus!*

*Ainda tem mais! Como a sua casa era realmente muito pequena, teve a iniciativa de falar com o responsável por uma casa de apoio, tipo pensão. Lá nos levou e através do responsável foi na farmácia e trouxe uma bolsa com remédios diversos para nos restabelecer naquela noite. Anotamos os seguintes: gel tradicional para massagens, atuando em dores musculares e lombares; para dor e febre, uma caixa com 10 comprimidos de Novalgina 1g e uma pomada dermatológica, Conacort, que tem função anti-inflamatória e antimicótica.*

*Depois de nos entregar o remédio, dona Quitéria da Silva sentou-se em uma cadeira na sala e esperou que cada um se acomodasse para dormir. Quando viu que todo mundo estava bem acomodado: tomado banho, alimentado, servido com remédios, se despediu de todos e disse para um rapaz, Paulo Maurício, que toma conta da pousada: “Agora tome conta deles”.*

*Essa vivência calou profundamente em todos nós, peregrinas e peregrinos, porque estávamos diante de um texto sagrado do cristianismo que*

*se repetia. Falo do texto do samaritano, relatado bíblico que está no Evangelho de Lucas, 10, 25-37. Vejamos:*

Naquele tempo, **25**um mestre da Lei se levantou e, querendo por Jesus em dificuldade, perguntou: “Mestre, que devo fazer para receber em herança a vida eterna?” **26**Jesus lhe disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?” **27**Ele então respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda tua alma, com toda a tua força e com toda a tua inteligência; e a teu próximo como a ti mesmo!” **28**Jesus lhe disse: “Tu respondeste certamente. Faze isso e viverás”. **29**Ele, porém, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” **30**Jesus respondeu: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes arrancaram-lhe tudo, espancaram-no, e foram-se embora deixando-o quase morto. **31**Por acaso, um sacerdote estava descendo por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante, pelo outro lado. **32**O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado. **33**Mas um samaritano que estava viajando, chegou perto dele, viu e sentiu compaixão. **34**Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem no seu próprio animal e levou-o a uma pensão, onde cuidou dele. **35**No dia seguinte, pegou duas moedas de prata e entregou-as ao dono da pensão, recomendando: “Toma conta dele! Quando eu voltar, vou pagar o que tiveres gasto a mais”. E Jesus perguntou: **36**“Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” **37**Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus lhe disse: “Vai e faz a mesma coisa”.

*Quitéria Maria da Silva foi para nós o samaritano do texto, porque seu procedimento é uma repetição quase literal em relação ao texto. O pároco de Quipapá, que estudou teologia, sabe que o amor total a Deus e ao próximo é que leva à vida. Mas não basta saber. É preciso amar concretamente como fez Quitéria da Silva. A parábola do samaritano mostra que o próximo é quem se aproxima do outro para lhe dar uma resposta às necessidades. Quando chegamos na igreja o sacristão e as outras pessoas do grupo de oração fizeram o papel do levita, porque viram e passaram adiante pelo outro lado. A romeira do padre Cícero Romão, Quitéria da Silva, tomou a frente porque entende que o próximo é aquele que eu encontro no meu caminho.*

*Um elemento importante é que Quitéria da Silva é romeira do padre Cícero Romão, que pertence à religião popular, que não é a religião do Templo. Na história das romarias ao Juazeiro do Norte, os romeiros e romeiras não são bem vistos pela sociedade em geral. Aí estão implícitas algumas marginalizações,*

*porque a romaria do Juazeiro é prática religiosa de pobre e que não é aceita pela Igreja oficial. Isso tem mudado muito lentamente, porque se trata de uma mentalidade que está arraigada nos hierarcas como também no meio do próprio povo. Quitéria da Silva encarna a figura do samaritano e tem uma atitude de questionamento a toda a comunidade, e pergunta a cada um com sua atitude: o que você faz para se tornar próximo do outro?*

*Em toda a peregrinação as mulheres foram anjas boas que nos acompanhavam permanentemente, fazendo a hospitalidade no acolher e no partilhar, o que para nós foi um sinal do amor divino.*

*Na cidade de Ribeirão tivemos uma celebração com romeiros e romeiras na igreja dedicada ao padre Cícero Romão, pelo menos para o povo romeiro, no chamado Alto da Fé. A história dessa igreja remonta ao ano de 1983, quando o padre Cícero Romão “apareceu entre pés de bananeira”, no Bairro Novo ou, como era popularmente chamado, na Toca da Onça.*

*Os romeiros e romeiras de Ribeirão não só construíram uma igreja votiva, no Alto da Fé, no mesmo ano da propalada aparição, como estabeleceram uma meta: transformar Ribeirão numa segunda Juazeiro, incentivando romarias e estabelecendo um calendário de festas locais, semelhantes às da cidade santa. Criava-se desse modo a réplica das festas que se celebram no Juazeiro por ocasião das romarias. Na festa do terceiro domingo, 15 de outubro de 2000, deu-se a inauguração da estátua do Padim, com cerca de 7 m de altura, incluída a base. Toda essa história ficou no passado.*

*O que vemos agora é essa experiência de romaria se perder e não ser valorizada. O que assistimos atualmente é um santuário popular ser transformado em uma capela paroquial, perdendo suas características, ou seja, suas expressões de fé próprias. O teólogo Comblin já falava de uma tendência de paroquialização das romarias.*

*A peregrinação é uma oficina de ideias e nos educa porque a própria estrada se encarrega de ir burilando a nossa mente e coração. No caminho, tivemos alguns momentos de estudo. Aconteceu no próprio Juazeiro, com um dia de estudo e apresentação da tese de maneira sumária, em Brejo Santo, com o professor Ms. Luiz Moura apresentando um dos temas da pesquisa, que foi a história do Caldeirão, e em Caetés, onde foi apresentado o primeiro capítulo da Tese, do povo Cariri ao povo romeiro, com o professor Dr. Saulo Feitosa. Momentos ricos em estudo e debate em ritmo de roda de conversa. O estudo*

*acontecido no caminho é uma tentativa de fazer o casamento do saber popular com o científico. São saberes que se retroalimentam ao mesmo tempo que estão transdisciplinarmente respondendo questões colocadas pela realidade.*

*O término da peregrinação foi coroado com uma belíssima celebração, um ágape ecumênico de comunhão onde estiveram presentes um bispo anglicano, um pastor batista e um padre católico. A antiga bênção irlandesa foi expressiva no final do caminho: “Que o caminho seja brando a teus pés. O vento sopra leve em teus ombros. Que o sol brilhe cálido sobre tua face, as chuvas caiam serenas em teus campos. E até que, de novo, eu te veja, que Deus te guarde na palma da sua mão”.*

*Terminada a peregrinação, passaram-se alguns dias, quando recebemos uma carta de um peregrino, que fez a peregrinação, em que ele dá o seu testemunho, que achamos por bem inserir neste texto:*

*Ao caro irmão e companheiro de caminho Artur... DO SINAL DE JONAS – AO SINAL JESUS Refletindo o peregrinar: “À SOMBRA DO JUAZEIRO”. A Liturgia desta quarta-feira (Lc 11, 29-32), diz que a multidão se aproxima de Jesus em busca de um SINAL. Jesus afirma que aquela é uma geração má. Que nenhum sinal Ihe será dado, a não ser o sinal de Jonas. Ao ler a CARTA – RELATO da peregrinação feita pelo Artur, sou grato pela graça que tive de conhecer, conviver e experienciar com o GRUPO – COMUNIDADE DE PEREGRINAS E PEREGRINOS DO NORDESTE, a firme opção de despojamento, confiança na providencia e profunda mística do encontro com o outro(a), aqui entendido, com o multiuniverso da vida num todo, no seu emaranhado existir, bem como, um profundo mergulho para dentro, ruminando à luz dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, o que uma companheira deixou brotar de seus lábios de forma magistral, segundo relato do próprio Artur: “Na estrada a gente não precisa abrir a Bíblia, porque a própria estrada abre o evangelho para nós.” Hoje somos chamados a “ler os sinais dos tempos”, e nele ver estampado o rosto do “FILHO DO HOMEM”. É missão de uma Igreja peregrina não pedir, menos ainda, negociar sinais (milagres), a exemplo da “GERAÇÃO MÁ”, apontada por Jesus. Ao contrário, deve peregrinar e ser sinal na humanidade a caminho Daquele que é maior que Jonas. Por isso, ao caminhar À SOMBRA DO JUAZEIRO, acompanhados por PADRE CICERO ROMÃO BATISTA E DOM HELDER*

*CÂMARA, irmãos marcados e compromissados com os pobres, foi para mim uma oportunidade ímpar, poder compartilhar A FÉ PROFUNDA DEVOCIONAL, OU MÍSTICO-POLÍTICA, vivida no dia a dia da COMUNIDADE PEREGRINA, como também, nas conversas, reflexões, partilhas, celebrações, encontro com pessoas e comunidades... Em um contínuo pé na estrada, de lugar em lugar, em cadência harmoniosa entre o fora e o dentro desta vida peregrina. O peregrinar fora dos templos, através da estrada, seguindo as pegadas dos romeiros e romeiras, pessoas simples do povo, morando em casebres e periferias, com experiências vivas e tocantes de comunhão e de solidariedade humana, construindo assim, nas palavras do irmão Marcelo Barros: “A PEREGRINAÇÃO DA ESPERANÇA PASCAL. E AINDA NA NOITE ESCURA... DO TUMULO VAZIO... IR ATÉ A GALILEIA DOS POBRES. É ALI QUE TODOS NÓS O VEREMOS”. Na carta a Diogneto, uma Joia Da Literatura Cristã Primitiva, escrita cerca de 120 d.C., lemos: (...)vivem na sua pátria, mas como se fossem forasteiros; participam de tudo como cristãos, e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é sua pátria, e cada pátria é para eles estrangeira... Assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo” (...) PEREGRINANDO À SOMBRA DO JUAZEIRO DO PADIM CIÇO, construindo UM MUNDO SEM SENHOR E SEM ESCRAVOS – UM MUNDO DE IRMÃOS, preanunciado na oração, vibrante de Dom Helder dirigida a MARIAMA, como COMPANHEIRA DAS PEREGRINAS E PEREGRINOS CONSTRUTORAS (ES) DO REINO a sinalizar na travessia, À GALILEIA DOS POBRES, ATÉ O DIA EM QUE O VEREMOS TAL COMO ELE É. Tudo em toda tessitura multidiversa da peregrinação cósmica cristificada. Com carinho e estima Pe. Décio Marques.*

*Querida Ir. Annette,*

*Este texto é e continuará incompleto, porque do que foi vivido na peregrinação só conseguimos dizer algumas coisas. A peregrinação é uma grande trama com uma tessitura de símbolos próprios. Esse relato é ilustrativo do que foi a peregrinação e quer cumprir o papel de partilhar um certo olhar de quem ver a vida a partir do Caminho e não do Templo. Por fim, percebemos que com a hospitalidade e ternura se faz o caminho e mesmo que já tenhamos feito uma longa caminhada, sempre haverá mais um caminho a percorrer.*

*Que as pesquisas e vivências nos ajudem a viver com os olhos postos no horizonte da justiça e do amor.*

*Artur Peregrino*

Participantes da peregrinação

(aqui inclui quem fez todo caminho ou parte dele):

Artur Peregrino, Bernadete de Oliveira, Carlos Vieira, Socorro Mendes, Luiz Junior, Oliveiro Rodrigues, José Wilson, Benedito Bezerra, Amanda Lêdo, Itamar Peregrino, Edivânia Batista, Décio Marques, Eliomar Queiroz, Edileuza Macedo, Jorge Monteiro, Laudeci Nunes, Mauro Lopes, Geraldo Ferraz, Luiz Moura, Karoline Menezes, Fátima Nunes.

\*

## À SOMBRA DO JUAZEIRO: UMA TRAMA QUE NÃO SE FECHA

O passado resiste à mudança, pois a tradição é sagrada em essência. O novo deve, portanto, se inserir no velho sem destruí-lo (Roger Bastide).

Eu tenho certeza de que o movimento de Juazeiro a nível popular é uma resistência passiva, e ao mesmo tempo um pouco ativa, em relação à Igreja oficial, hierárquica, porque muitos romeiros que chegam, por exemplo, aqui no Juazeiro, chegam contra a vontade de seus vigários. Primeira coisa: eles vão em romaria e muitas vezes o próprio vigário da região é contra, desvaloriza, mas eles nem ligam. Eles vêm, não brigam com o vigário, não brigam com ninguém, mas eles fazem a sua romaria (Annette Dumoulin)

Tinha todas as preocupações de um antropólogo quando se defronta com seu objeto de estudo - não ser etnocêntrico, vigiar meus preconceitos e, muito marcadamente nesse caso, não ser paternalista. Essa atitude de procurar entender o ponto de vista do "outro" e de relativizar o seu constitui o cerne do trabalho de pesquisa (Gilberto Velho)

O presente trabalho apresentou um estudo desenvolvido sobre a religião como elemento que forma, define e modela a identidade e o pertencimento, utilizando, para isso, a observação participante empreendida junto aos romeiros e romeiras do padre Cícero Romão, no contexto de modernização, buscando compreender as estratégias de hibridação, como mecanismos de preservação e ressignificação da romaria, no período de 1986 a 2016.

O direcionamento deste trabalho consistiu em estabelecer uma relação estreita entre a pesquisa teórica e a atividade prática, por meio do acionamento da memória discursiva constitutiva nas marcas da historicidade presentes no discurso religioso desses romeiros e romeiras, por meio também das relações de heterogeneidade discursiva apresentadas, sobretudo considerando a complexidade presente no fenômeno. Por sua vez, o processo de análise deste trabalho de pesquisa ocorreu sob o olhar das Ciências da Religião, situando-se dentro do marco teórico e metodológico transdisciplinar, por ser um enfoque aberto e inclusivo de diversas áreas do conhecimento.

A análise do tecido que constitui o movimento sócio-religioso de Juazeiro, seus nós, suas tramas, sobretudo aquelas urdidas nas três últimas décadas,

permitiu a construção de uma perspectiva compreensiva referente à ação dos diferentes atores sociais envolvidos, com o objetivo de contribuir para a reflexão crítica acerca da trajetória do movimento de Juazeiro e para além dele.

Conversas, narrações e causos funcionam como reflexo da cultura, uma forma rica de chegar aos sentidos mais importantes, numa construção metafórica da verdade que importa. Os romeiros e romeiras, assim como outras experiências sociais, não foram passivos aos obstáculos encontrados no caminho. O testemunho dos mais velhos serviu sempre de referência e foi sempre um respaldo ético e moral, tem força de verdade na definição dos comportamentos que devem ser praticados e daqueles que devem ser evitados. Percebemos a tenacidade para continuar existindo enquanto povo romeiro, cujo elemento muito importante foi a luta para a preservação da tradição.

Para efeitos conclusivos, o desenvolvimento desta tese está dividido em duas partes, distribuídas em cinco capítulos. A saber:

**No Capítulo 1** enfocamos o contexto do Juazeiro do Norte e das romarias. Este capítulo situou o contexto sócio-religioso do Cariri que na sua origem tem a marca indígena. No desaguar de um movimento popular vimos também as experiências nordestinas de Canudos – BA e Caldeirão – CE que são parte da história do catolicismo que se expressou no movimento de beatos e beatas.

**No Capítulo 2**, analisamos a história tumultuada de Juazeiro e do padre Cícero Romão, tendo presente o processo de romanização em curso. Enfocamos a personalidade do padre Cícero Romão e sua chegada no Juazeiro do Norte. O padre Cícero Romão foi um personagem polivalente e por isso recebeu vários cognomes. O patrono do Juazeiro deve ser compreendido dentro de uma teia de relações e por isso complexa.

**No capítulo 3**, tratamos especificamente das transformações nos tipos de romaria e na experiência pessoal do fiel. Destacamos o início dos trabalhos do padre Cícero em Juazeiro, da beata Maria de Araújo, a beata do milagre, e o início das romarias ao Juazeiro, como também o início da Questão Religiosa deles decorrentes. A análise das tipologias das romarias nos possibilitou estudar as várias expressões de fé do povo que pratica a devoção romeira.

**No capítulo 4**, abordamos o hibridismo religioso e as novas configurações do sagrado a partir das contribuições da socióloga Danièle Hervieu-Léger e do antropólogo Néstor García Canclini. Descrevemos as contribuições de padre

Murilo e das religiosas Annette Dumoulin e Ana Teresa que, através de sua prática, convergiram plenamente com os anseios do Papa Francisco, que prega uma Igreja católica em saída ao encontro dos mais pobres.

**No capítulo 5**, propusemo-nos a trabalhar uma análise das entrevistas com o povo romeiro e pesquisadores locais a partir da Análise do Discurso de linha francesa pecheutiana. Fizemos 4 blocos para a análise: a afirmação da tradição; a resistência cultural; o protagonismo ameaçado e o cristianismo místico beato. Por fim, relatamos uma experiência vivida, numa peregrinação a pé, em janeiro de 2020, de Juazeiro do Norte/CE a Recife/PE.

O fenômeno das romarias do padre Cícero Romão nos coloca diante de uma complexidade: nem a estrutura é um sistema estático, nem a mudança é um desmantelamento da estrutura. Sahlins corrobora com nossa percepção quando afirma que “a vida em sociedade não é uma genuflexão automática diante do ser superorgânico, mas, antes, um rearranjo contínuo de suas categorias e projetos de existência pessoal” (SAHLINS, 1990, p. 309). Nesse mesmo sentido, Bourdieu (1998) considera que estrutura tanto se reproduz como muda, através de estratégias de conservação e subversão. Os romeiros e romeiras não foram passivos aos obstáculos impostos pela sociedade dominante. Há continuidades, mas também há rupturas em todo o processo, considerando os contextos locais e apropriações do evento por agentes externos.

Para efeitos conclusivos deste trabalho de pesquisa, destacamos esquematicamente, a seguir, o que pensamos sejam aquisições obtidas no tratamento dado. A saber:

a. Afirmação da tradição. Juazeiro do Norte, conhecido como Terra da Mãe de Deus, é um dos maiores santuários em território brasileiro. Sua fundação como cidade deu-se em função das romarias e da devoção a padre Cícero Romão. Há uma tradição muito peculiar nesta cidade que se transformou em um grande centro de romaria. Muitos de seus moradores chegaram como peregrinos e peregrinas, para lá se fixar, contribuindo para a expansão populacional e a vocação comercial do lugar, que se expressa a partir de uma multiplicidade de práticas e sentidos.

Há um sentimento de pertença à tradição dos antigos e isso foi demonstrado nos depoimentos. Vimos que no passado recente predominou um catolicismo tradicional, marcado pela espontaneidade, pela diversidade de expressões e pelo seu caráter penitencial e festivo.

Manter a tradição dos antigos é fundamental, e a perda ocorrida do transporte em caminhão “pau de arara” foi como se se perdesse uma entidade do Juazeiro do Norte, porque o referido transporte promovia um ambiente orante de mística solidária, enquanto correspondia às condições financeiras dos romeiros e romeiras mais pobres. Com essa mudança nos transportes, houve uma readaptação que nem sempre é aceita pela maioria do povo romeiro. O que transborda no discurso dos romeiros e romeiras do padre Cícero Romão é que o transporte pau de arara possibilitava uma dimensão de “*communitas*” (TURNER, 1974), ou seja, uma vivência e sentimento de união fraterna coletiva e rejeição ao individualismo.

Constatamos que as diversas expressões da fé do povo romeiro constituem também, nesta região nordestina, o somatório de inúmeras práticas devocionais advindas dos colonizadores, das irmandades religiosas e de pregadores leigos (beatos, benzedoras populares e outros). As figuras do padre Ibiapina, do beato Antônio Conselheiro, do beato José Lourenço são exemplos dos quais o próprio padre Cícero Romão se acercou.

Vimos que na tradição da romaria há uma retomada forte de valores, práticas e representações sociais, via formações imaginárias, e nesse sentido fica latente a influência da memória que vem na sua linhagem familiar, caracterizando a continuidade e afirmação da tradição. Constatamos que muitos romeiros e romeiras falavam da tradição familiar que data do início do século XX, a de vir em romaria a Juazeiro do Norte, como já faziam seus pais e avós.

b. Resistência cultural. A resistência do movimento religioso popular de Juazeiro, revela um potencial “subversivo” escondido sob as aparências de passividade alienada, e a sua persistência acontece na devoção a um santo quase excomungado e num forte movimento religioso popular. Percebemos que os romeiros e romeiras mantiveram secularmente uma postura que mesclava obediência e resistência.

A autoprodução e a resistência foram impulsionadoras de um processo religioso popular que transformou a região do Cariri cearense num importante centro de peregrinação no Nordeste do Brasil, e essa resistência cultural é um dos temas fundamentais para compreender o fenômeno das romarias ao Juazeiro do Norte.

O fenômeno do catolicismo brasileiro tem sido analisado de inúmeras formas. Sua importância inscreve-se nos estudos de temas contemporâneos. No caso concreto do Juazeiro, essa construção envolve o reconhecimento do laço de pertencimento ao tempo da romaria, como fonte de identidade cultural. Foi exatamente esse movimento popular devocional que obrigou a Igreja hierárquica a se posicionar em favor das romarias, mostrando assim uma forte dimensão identitária.

Corroborando com os depoimentos dos sujeitos da romaria, os pesquisadores do local confirmam essa resistência cultural, sobretudo uma resistência que vem da identificação com a história do padre Cícero Romão, que foi também perseguido. A resistência, para esses romeiros e romeiras, é acompanhada com paciência a toda prova, a paciência histórica. Os romeiros e romeiras foram historicamente excluídos e marginalizados em relação à prática de suas devoções. A história não nega que o povo romeiro viveu o seu rosário de conflitos e incompreensões e que isso fortificou a resistência popular. Como o padre Cícero Romão, os romeiros e romeiras foram silenciados e assumiram um método de continuar resistindo, mas sem fazer muito barulho. Em nossa análise, vimos que optaram pelo silêncio, mas que colocaram um sentido nesse silêncio.

A resistência cultural tem uma dimensão libertária importante, e essa dimensão as romarias desenvolveram a partir de uma espiritualidade relacional conflitiva com a hierarquia. A romaria desenvolveu uma espiritualidade do conflito em relação à hierarquia, mas sem conflitar, ou seja, na sabedoria popular, sempre arrumou um jeito de pacificar a relação com uma certa inteligência para manter a realização da romaria.

Na longa caminhada histórica, os romeiros e romeiras foram forjando sua resistência em continuar sua aventura peregrina e em torno de seu discurso foi consolidando um protagonismo.

c. Protagonismo ameaçado. O protagonismo dos romeiros e romeiras é atingido pelo acelerado processo de clericalização das romarias que coincide com o movimento em torno da eventual canonização do padre Cícero Romão, em que a ameaça maior não é representada pelo turismo religioso, mas pelo próprio clericalismo.

Nas últimas três décadas aconteceram muitas transformações no campo religioso a nível mais amplo, e também constatamos que há um movimento lento e paulatino de reposicionamento da Igreja, especialmente da diocese de Crato, face às romarias, ao padre Cícero e à religiosidade popular num sentido mais amplo. De forma metafórica apropriada, Maria da Conceição Campina, em seu livro *A voz do padre Cícero e outras memórias*, afirmou que “há de chegar o tempo em que vai ter mais padre no Juazeiro que urubu nos ares (CAMPINA, 1985, p. 182). Maneira irônica para falar de um tempo que já estamos presenciando. Nesses anos de pesquisa, participei de missas, sobretudo as do dia 20 de julho, data em que se celebra a morte do padre Cícero Romão, presidida por cardeal e bispos de outras regiões do país. Novos tempos!

Atestamos que a romeira e o romeiro do padre Cícero Romão são protagonistas de uma liturgia própria, isto é, têm um jeito próprio de celebrar. A espiritualidade, como dimensão fundamental e inerente ao ser humano, está presente na liturgia romeira porque corpo, mente, alma, espírito formam uma unidade. Percebemos que a romaria carrega muito fortemente a harmonia entre o gesto corporal e sua correspondente atitude interior.

Esse estilo foi sendo mudado e a liturgia a serviço de uma prática ritual litúrgica envolvente, participativa, mística, ao estilo da tradição nordestina romeira, foi dando espaço a outro estilo que prima pela ortodoxia. O romeiro e a romeira que coordenam a romaria entravam na igreja com seu andor enfeitado e faziam suas cantorias. Hoje, não há uma proibição falada, mas o clima criado é de inibição às expressões de fé popular da tradição romeira com seus benditos próprios. Um exemplo bastante percebido foi que o falecimento do padre Murilo, antigo vigário, e a chegada de novos padres tiveram por consequência diversas mudanças inevitáveis, e uma delas foi a liturgia. Os novos padres compuseram novas equipes de canto, com animação muito diferente da que existia, significando que o romeiro e a romeira passam de sujeitos da liturgia a devotos que devem dizer amém.

Neste sentido, entrevemos que a questão da reabilitação de Padre Cícero é um tema completamente aberto e que continua provocando a nossa reflexão crítica na busca de compreensão dos bastidores da política eclesiástica atual, dentro de um contexto mais amplo. Não resta dúvidas de que o clericalismo está dinamitando a ponte que faz passar o povo romeiro com seu simbolismo e ritualidade genuína.

d. Cristianismo místico beato. Chamamos de cristianismo místico beato a esse movimento em torno das romarias do padre Cícero Romão, que faz parte de um universo religioso e simbólico mais amplo, para além de Juazeiro do Norte, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária.

O estudo mostrou uma realidade histórica que só pode ser compreendida a partir de um cenário mais amplo, onde também estão inseridos os acontecimentos históricos no campo político, econômico e social, somados ao trabalho missionário do padre Ibiapina, os quais nos oferecem uma base consistente para a compreensão do fenômeno em questão. Canudos com o beato Antônio Conselheiro, Juazeiro com padre Cícero e Caldeirão com o beato José Lourenço podem ser compreendidos a partir de um mesmo cenário.

Em uma linha histórica do tempo percebemos que, por causa das severas perseguições dos últimos séculos, esse movimento popular de expressão religiosa foi se escondendo sob a imagem de uma inocente religiosidade popular, no cultivo devocional aos santos que se manifestou no sincretismo. Sendo assim, a dinâmica místico-popular foi ficando em dificuldade de identificação. Nesse sentido, a Igreja católica demonstrou sempre um poder muito grande de cooptação das expressões e do vigor popular através de associações leigas, como também dos oficialmente reconhecidos santuários de devoção sob sua administração.

Em nosso estudo, percebemos que há muitos casos de santuários populares, e Juazeiro não fugiu a essa regra, que na origem são marginalizados e desautorizados pelos bispos, mas depois são assumidos oficialmente. Em toda a América Latina temos vários casos assim, sendo os mais famosos os de Guadalupe no México e Aparecida do Norte no Brasil. Constatamos que, no caso do Juazeiro, este não foi só desautorizado, mas perseguido duramente.

Em muitos aspectos deduzimos que há pontos em comum entre o cristianismo místico beato e a tradição judaico-cristã. Primeiro de tudo, trata-se

de um cristianismo extremamente simples, pode ser praticado a qualquer momento e em qualquer lugar, já que sua teologia é mais colada à vida. Passa a ser primordial viver a aproximação ao pobre concreto, na vida cotidiana, de forma prática, gratuita e criativa. Este cristianismo popular foi quase sempre menosprezado, submetendo seus praticantes às doutrinas e aos ritos do corpo clerical. É impactante a frase dita por um hierarca europeu, ex-reitor do seminário da Prainha, onde estudou padre Cícero Romão, em relação ao milagre da beata Maria de Araújo: “Nosso Senhor não iria deixar a Europa para fazer milagres no Brasil” (LIRA NETO, 2009, p. 108).

O cristianismo místico beato tem uma alma que se chama hospitalidade. Isso porque a centralidade é a boa convivência, das virtudes pessoais e familiares, do seguimento de Jesus, geralmente do Crucificado no qual os fiéis veem sua própria situação crucificada, por serem gente trabalhadora e sofrida. Esse cristianismo não deixa de ser festeiro, acompanhado de santos e santas protetores, cheios de cores, danças, comidas e bebidas. Um relato de uma experiência, no final do capítulo 5, exemplifica o que falamos. Acolher o outro não é algo acidental, mas é a alma de tudo.

Pudemos descobrir essas dimensões nas figuras aprofundadas nessa pesquisa: Ibiapina, Antônio, Cícero e Lourenço. Não encontrei relato dessas figuras tendo visões ou aparições, vozes misteriosas ou momentos de êxtase, mas de momentos de união simples e intensa com Deus na conflitividade da história. Não seguiram tanto o caminho da ascese, que era muito comum na época, sobretudo da culpabilização e da culpabilidade, mas procuravam a espiritualidade da vida e da graça, seguindo sua consciência, sendo avessos à obediência “cega”.

A dimensão revolucionária do cristianismo místico beato faz parte de uma larga história de mulheres e homens. Captamos que fica abafada por uma incessante interferência por parte da burocracia eclesiástica. A história nos revela que as místicas e místicos sempre tiveram muitas dificuldades de lidar com o burocratismo institucional. A tenacidade da religiosidade popular comporta um “mínimo de Igreja” e o máximo de mística aliada à ética. Eis o que nos parece ser o imperativo categórico do cristianismo místico beato.

Por fim, a escrita dessa tese foi uma grande peregrinação. Tudo o que escrevi nesse trabalho é fruto de minhas leituras, vivências e experiências.

Chego muito feliz nesse trecho da caminhada porque vejo que aconteceu uma síntese entre a poeira dos livros e a poeira da estrada. Isso porque se celebrou o casamento entre o conhecimento (saber) popular e as experiências feitas com o saber acadêmico no intuito de minorar o sofrimento das pessoas no mundo.

Este trabalho quer apenas ser mais um fecho de luz no conjunto dos demais estudos de Ciências da Religião sobre o fenômeno do padre Cícero Romão e das romarias do Juazeiro do Norte. Contudo, muito ainda há por se fazer, pois esse caminho é uma obra aberta e inacabada. Abre perspectivas de novas abordagens.

Consegui alcançar os frutos correspondentes às questões fundamentais colocadas pelos objetivos no início, mas os resultados aqui alcançados devem potencializar inúmeras outras questões, abrindo novas frentes para continuar a pesquisa, porque essa é uma trama que não se fecha.

Não há como negar uma intrigante sensação: concluímos este trabalho no momento em que nos sentíamos em melhores condições de começá-lo. Se pudéssemos fazê-lo novamente, com certeza voltaríamos a percorrer as estradas poeirentas do Nordeste brasileiro, parando com mais calma nas capelinhas dedicadas ao padre Cícero Romão em beiras de estradas e com olhar bem mais objetivo; ouviríamos com muito mais atenção as falas e preces dos romeiros e romeiras do Juazeiro. Tudo o que hoje sabemos sobre as diversas formas de crenças, seus sentidos e sua arte de ser romeiro e romeira revela-nos que por detrás ainda há muito de inexplicável.

Acreditamos que com todo esse estudo aprendemos um pouco mais sobre a multiplicidade de sentidos que organizam e regem a vida cotidiana e social do ser humano religioso.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos da História Colonial: 1500-1800**. 6. ed. rev. e anot. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, DF: MEC: Instituto Nacional do Livro, 1976.
- ABREU, João Capistrano de. Sobre uma história do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 13, p. 49 – 50, 1899.
- AGUIAR, Cláudio. **Caldeirão**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- ALMEIDA, Horácio de. Confederação dos Cariris ou guerra dos bárbaros. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 316, p. 407-433, jul./set.1977.
- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- AMORIM, Helder Remigio de. **“Um pequeno pedaço do incomensurável”**: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro. 2016. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero**: mito e realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- AQUINO JUNIOR, Francisco de. **Teoria teológica**: práxis teológica sobre o método da teologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ARAGÃO, Gilbraz. A sombra do Padre Cícero. **PARALELLUS**: Revista de Estudos de Religião – UNICAP, Recife, v. 5, n. 10, 2014, p. 343-360.
- ARAGÃO, Gilbraz. Inculturação da fé cristã na religiosidade popular. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 54, n. 289, abr. 2013. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/inculturacao-da-fe-crista-na-religiosidade-popular/>. Acesso em: 12 out. 2019.
- ARAGÃO, Gilbraz. Religião, educação e ética. *In*: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER (org.). **Religião e espaço público**: cenários contemporâneos. Belo Horizonte; São Paulo: Paulinas, 2015.
- ARAÚJO, Antônio Gomes de. O Apostolado do embuste. **Itaytera**, Crato-CE, ano 2, n. 2, p. 5-63, 1956.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Padre Ibiapina: peregrino da caridade**. São Paulo: Loyola, 1995.

ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico do dia de finados**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ARAGÃO, Raimundo Batista. **História do Ceará**. Fortaleza: IOCE, 1985.

ARAÚJO, Raimundo. **Padre Cícero do Juazeiro: antologia**. Brasília: CDI, 1994.

ARRAES, Raquel. Annette Dumoulin: o templo e o caminho. **Revista Cariri, Juazeiro do Norte**, p. 44-53, 2012.

ARRUDA, João. **Canudos: messianismo e conflito social**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará: SECULT, 1993.

AUTHIER-REVUZ. Heterogeneidade(s) enunciativas. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, n. 19, p.25-42, jul./dez., 1990.

AZEVEDO, Ferdinand. A inesperada trajetória do ultramontanismo no Brasil Império. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 20, p. 201-218, 1988.

AZZI, Riolando. **O altar unido ao trono: um projeto conservador**. São Paulo: Paulinas, 1992.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978.

AZZI, Riolando. **A cristandade colonial: mito e ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

AZZI, Riolando. Elementos para a História do Catolicismo Popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 95-130, mar. 1976.

AZZI, Riolando. O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 34, n. 135, p. 646-662, mar. 1974.

BALBINOT, Egídio. **Liturgia e política: a dimensão política da liturgia nas romarias da terra de Santa Catarina**. Chapecó: Editora Grifos, 1998.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joazeiro celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar Editorial, 2007.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **Caminhadas com o padre Cícero**. Fortaleza: ICVC, 2010.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **Juazeiro dos meus amores**: narrativas de um cronista e de uma época – anos 50. Juazeiro do Norte: ICVC, 2014.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **O padre e o romeiro**. Juazeiro do Norte: Royal, 1997.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Evangelizando pelas romarias**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório Litúrgico**. Pela inteireza do ser na vivência ritual. São Paulo: Salesiana, 2000.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. **A terra da mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; INL, 1988.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. **Juazeiro do Padre Cícero**: a terra da mãe de Deus. 3. ed. Fortaleza: IMEPH, 2014.

BARROS, Marcelo. **A secreta magia do caminho**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1997.

BARROS, Marcelo. **O Espírito vem pelas águas**. Goiânia: Rede, 2002.

BARROS, Marcelo. **Teologias da Liberação para os nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. **A festa dos pequenos**: as romarias da terra no Brasil. São Paulo: Paulus, 1996.

BARTH, Karl. **Dádiva e Louvor**. Tradução de Walter O. Schlupp et al. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

BASTIDE, Roger. **Brasil, terras de contrastes**. 10. ed. São Paulo: DIFEL, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEDOYA, Luís Eduardo Torres (org.). **Milagre, martírio, protagonismo da tradição religiosa popular de Juazeiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

BEOZZO, José Oscar *et al.* **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época: Século XIX. Petrópolis: Vozes, [1980]. t. 2, v. 2.

BEOZZO, José Oscar. Irmandades, santuários, capelinhas. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 37, n. 148, p. 741-758, dez. 1977.

BERGER, Klaus. **Pode-se crer em milagres?** São Paulo: Loyola, 2003.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado.** São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1985.

BERKENBROCK, Volney. **O mundo religioso.** Petrópolis: Vozes, 2019.

BERNUCCI, Leopoldo. **História de um malentendido:** un estudio transtextual de la guerra del fin del mundo de Mario Vargas Llosa. New York: Lang, 1989.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade.** Petrópolis: Vozes, 2010.

BEZERRA, Benedito Gomes (org.). **A palavra de Deus na palavra dos pobres:** reflexão a partir da periferia. Olinda: AGN Gráfica, 2007.

BEZERRA, Benedito Gomes. **A palavra de Deus na palavra humana:** gênero, preconceito e tradução da Bíblia à luz da linguística. São Paulo: Pá de Palavra, 2019.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém.** Tradução do texto em língua portuguesa. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible, edição de 1973, publicada sob a direção da École Biblique de Jérusalem. 4ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1989.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O mistério e o mundo:** paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris.** Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, Leonardo. **Cristianismo:** o mínimo do mínimo. São Paulo: Vozes, 2011.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder.** Ensaio de eclesiologia militante. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOFF, Leonardo. **O padre Cícero à luz do Papa Francisco.** 2018. Disponível em: <https://ceseep.org.br/o-padre-cicero-a-luz-do-papa-francisco-por-leonardo-boff/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

BOFF, Leonardo. **Papa Francisco:** igreja em saída de onde para onde? *In:* CARTA Maior, [São Paulo?], 26 jun. 2015. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Papa-Francisco-Igreja-em-saida-de-onde-para-onde-/2/33833>. Acesso em: 18 dez. 2017.

BOFF, Lina. **Na vida do povo**: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha. São Paulo: Paulus, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero, sociologia de um padre, antropologia de um santo**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola**: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

BROWN, Dee. **Enterre meu coração na curva do rio**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

BURGARDT, Camila Machado. **A invenção da seca no século XIX**: a imprensa do Norte e o romance Os Retirantes. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

BUYST, Ione. **Como estudar liturgia**: princípios de ciência litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. **O mistério celebrado**: memória e compromisso. São Paulo: Paulinas, 2002.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. O cimento religioso e a consolidação de Canudos. *In*: BRANDÃO, Sylvana (org.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Editora da UFPE, 2001. v. 1, p. 78-106.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Memória histórica e movimentos sociais**: ecos libertários de heresias. João Pessoa: Ideias Editora, 2012.

CALASANS, José. **No tempo de Antônio Conselheiro**. Salvador: UNB, 1959.

CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. **Voz do Padre Cícero**. São Paulo: Paulinas, 1985.

CAMPOS, Roberta Bivar. **Quando a tristeza é bela**: o sofrimento e a constituição do social e da verdade ente os Ave de Jesus – Juazeiro do Norte – CE. Recife: Editora da UFPE, 2013.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências sociais e ciências da religião**. Polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARIRY, Rosemberg; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa**. Fortaleza: Nação Cariri, 1982.

CASIMIRO, Antônio Renato Soares de (org.). **Padre Cícero Romão Batista e os fatos do Joazeiro**: a questão religiosa. Fortaleza: Ed. SENAC, 2012.

CASTRO, Josué. **Geografia da Fome**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

CASTRO, Oliveira. **Relatório Antropológico** - “As Terras Indígenas da Barragem (Morro da Saudade) e do Krukutu e o Rodoanel Mário Covas- trecho Sul”. São Paulo, 2002. p.92.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2012.

CHAYANOV, V. **La Organización de la Unidad Econômica Campesina**. Buenos Ayres: Nueva Visión, 1985.

COMBLIN, José. **Instruções espirituais do Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulinas, 1984.

COMBLIN, José. **O caminho**: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMBLIN, José. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Paulus, 2011.

COMBLIN, José. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulus, 1993.

COMBLIN, José. Para uma tipologia do Catolicismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 28, n. 1, p. 48, mar. 1968.

COMBLIN, José. Prolegômenos da catequese no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 27, n. 4, dez. 1967.

COMBLIN, José. Situação histórica do catolicismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 26, n. 3, p. 574-600, 1966.

COMBLIN, José. **Um novo amanhecer na Igreja?** Petrópolis: Vozes, 2002.

COMBLIN, José. **Vocação para a liberdade.** São Paulo: Paulus, 2005.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **A evangelização do presente e no futuro da América Latina.** Conclusões de Puebla. São Paulo: Loyola, 1979.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Outros 500:** construindo uma nova história. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

CORBIN, Henry. **L'Imaginaire créatrice.** France: Flammarion, 1958.

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. **Um beato líder:** narrações memoráveis do Caldeirão. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas:** dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. **Analyse du Discours politique:** à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. Langages 62, Paris: Didier, Larousse, 1981.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões:** campanha de Canudos. 33. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DE MORE, Geraldo; CRUZ, Eduardo (org.). **Teologia e ciências da religião:** caminhos da maioria acadêmica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2011.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300 - 1800.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DI TARANTO, Giuseppe. **Sociedade e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro.** São Paulo: Edições CEJUP, 1993.

DUARTE, Jodeval. **A história contada pelo Diário:** edição comemorativa aos 180 anos do Diário de Pernambuco. Recife: Fundação Assis Chateaubriand, 2005.

DUMOULIN, Anne; GUIMARÃES, Therezinha Stella. **O Padre Cícero por ele mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

DUMOULIN, Annette. A romaria em Juazeiro do Norte. **Romeiros de ontem e de hoje**: peregrinação e romaria na bíblia, Petrópolis, n. 28, p. 42-53, jan./jun., 1990.

DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero**: santo dos pobres, santo da igreja. Petrópolis: Vozes, 2017.

DUPRONT, Alphonse. **Du sacré**. Paris: Gallimard, 1987.

DURÁN y DURÁN, José (org.). **Igualdade e desigualdade**: reflexões em quarentena. Aracaju: Editora Criaarte, 2020.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ÊXODO. *In*: BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible, edição de 1973, publicada sob a direção da École Biblique de Jérusalem. 4ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1989. Cap.3, vers.7-8.

ÊXODO. *In*: BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible, edição de 1973, publicada sob a direção da École Biblique de Jérusalem. 4ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1989. Cap. 12, vers. 37-42.

FACÓ, RUI. **Cangaceiros e fanáticos**. 6. ed. Fortaleza: UFC: Civilização Brasileira, 1980.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 19-34, maio/ago. 2000.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do bom Jesus**: uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERRAZ DE SÁ, Maria Auxiliadora. **Dos velhos aos novos coronéis**. Recife: UFPE/PIMES, 1974.

FERRAZ, Renato José Marques. **Cartilha da história de Canudos**. Salvador: Prefeitura Municipal de Canudos: UNEB, 1991.

FERREIRA, Luís Gustavo dos Santos. **Fui pegada a dente de cachorro: a construção e a afirmação da etnicidade Kariri**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Regional do Cariri, Crato, 2016.

FIGUEIRÊDO, Maria Aneide. **Renovação do Sagrado Coração de Jesus: uma visão sócio-cultural**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa e Arte Educação), Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Arte Educação, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2004.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro**. São Paulo: Annablume, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2014.

FRANKL, Victor. **A presença ignorada de Deus**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GAIARSA, José Ângelo. **O que é o corpo?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: L&PM Editores, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais: 4ª expedição**. São Paulo: Ática, 1994.

GARCÍA CANCLINE, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2015.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GARCIA, Ana Karine Martins. **A sombra da pobreza na Cidade do Sol**: ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos em Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Trad. Fanny Wrobel, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

GENESIS. *In*: BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible, edição de 1973, publicada sob a direção da École Biblique de Jérusalem. 4<sup>a</sup> impressão. São Paulo: Paulinas, 1989. Cap. 2, vers. 1-4.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Alfredo. Profetas, romeiros e migrantes. **Revista (SPM) Serviço Pastoral dos Migrantes**, São Paulo, n. 12, p. 1, ago. 2012.

GONÇALVES, Claudio Ubiratan. “A invenção da região do Cariri entre o messianismo e a ética capitalista”. *In*: LIMA, Marinalva Vilar de; MARQUES, Roberto (org.). **Estudos regionais**: limites e possibilidades. Crato: CERES/NERE, 2004.

GONTIJO, Rebeca. **O velho vaqueano Capistrano de Abreu (1853-1927)**: memória, historiografia e escrita de si. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

GONZÁLEZ, José Luis; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Catolicismo popular**: história, cultura, teologia. Petrópolis: Vozes, 1993.

GRÜN, Anselm. **A caminho**: por uma teologia da peregrinação. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUIMARÃES, Therezinha Stela. **Étude psychologique de la fonction d'un saint dans el catholicism populaire**: Pe. Cícero et la religion du nordestin (Brésil). Louvaine: UCL, 1983.

GUIMARÃES, Therezinha Stela. **Padre Cícero e a nação romeira**: estudo psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular. Fortaleza: IMEPH, 2011.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço**: itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente**: uma reflexão sobre o livro de Jó. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 2000.

GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard. **Ao lado dos pobres**. A teologia da libertação é uma teologia da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2014.

HANH, Thich Nhat. **Sem lama não há lótus**: a arte de transformar o sofrimento. Petrópolis: 2016.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne Alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. *In*: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da religião**: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOLANDA, Maria Laudícia de. **O político padre Cícero**: entre a religião e a cidadania. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

HOORNAERT, Eduardo. 5 reflexões sobre o Padre Ibiapina. **Adital – Notícias da América Latina e Caribe**. Fortaleza, 02 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.eduardohornaert.blogspot.com> Acesso em: 10 set. 2017.

HOORNAERT, Eduardo. **A memória do povo cristão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOORNAERT, Eduardo. **Crônicas das casas de caridade fundadas pelo Padre Ibiapina**. Fortaleza: SCECE, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. **Crônicas das casas de caridade**. São Paulo: Loyola, 1981.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

HOORNAERT, Eduardo. **Hermas no topo do mundo**. São Paulo: Paulus, 2002.

HOORNAERT, Eduardo. **Joaquim Nabuco**. São Paulo: Paulinas, 1990.

HOORNAERT, Eduardo. **O cristianismo moreno no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1991.

HOORNAERT, Eduardo. **O que significa uma “igreja em saída” segundo o Papa Francisco**. In: LeonardoBoff.com. [S.], 8 abr. 2017. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2017/04/08/o-que-significa-uma-igreja-em-saida-segundo-o-papa-francisco/>. Acesso em: 18 dez. 2017.

HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de Canudos**: uma revisão histórica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. Para uma História da Igreja no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 33, n. 129, p. 117-138, mar. 1973.

HOORNAERT, Eduardo. **Questões metodológicas acerca da Igreja do Caldeirão**: heurística e hermenêutica. Fortaleza: CEHILA, 1989.

HOORNAERT, Eduardo. **Verdadeira e falsa religião no Nordeste**. Salvador: Ed. Benedictina, 1973.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1846-1878: Pio IX). **Carta encíclica Quanta Cura**: Sobre os principais erros da época Carta encíclica do Papa Pio IX promulgada em 8 de dezembro de 1864. Roma, 8 dez. 1864. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/quantacura/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. p. 89-105.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUNG, Carl Gustav. O eu e o inconsciente. Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo (1934). In: **OBRAS completas**. Petrópolis: Vozes, 1981. v.7.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEMOS, Fernanda (org.). **Movimentos messiânico-milenaristas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

LEMOS, Mayara de Almeida. **Terror no sertão do Ceará: o cólera e seus flagelos**. Fortaleza: Ed. UECE, 2016.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a Alteridade**. Tradução de Pergentino S. Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVI-STRAUSS. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LEVI-STRAUSS. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologie et Anthropologie**. Paris: PUF, 1977.

LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

LIBÂNIO, João Batista. **Qual o futuro do cristianismo?** São Paulo: Paulus, 2006.

LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Escatologia cristã: a libertação na história**. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIMA, Marcelo Ayres Camurça. **Marretas, Molambudos e Rabelistas: a revolta de 1914 no Juazeiro**. São Paulo: Maltese, 1994.

LIRA NETO. **Poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIZANA, Clemente. **A questão do corpo nos movimentos populares: equipe habeas corpus Recife**. Salvador: CEAS, 1990. n. 134.

LLOSA, Mario Vargas. **A Guerra do fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LÖWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação?** São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2016.

LOYOLA, Santo Inácio. **Autobiografia**. Trad. António José Coelho, S.J. Braga: Editora A.O., 2015.

LUCKMANN, Thomas. **La religión invisible: el problema de la religion en la sociedad moderna**. Salamanca: Sígueme, 1973.

- MACIEL, Vilma. **Nordeste místico**: império da fé. Fortaleza: UFC, 1999.
- MAIA, Pedro Américo. **Peregrinos da Santíssima Trindade**. São Paulo: Loyola, 1986.
- MAIA, Vera Lúcia Gomes de Matos. **José Lourenço**: o beato camponês da comunidade do caldeirão. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MANNHEIM, Karl. **Ideología e utopia**: introducción a la sociologia del conocimiento. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1929.
- MARCEL, Gabriel. **Os homens contra o homem**. Porto: Editora Educação Nacional, 1951.
- MARCEL, Gabriel. **Um homem de deus**. Petrópolis: Vozes, 1964.
- MARIA, Julio. **O catolicismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1950.
- MARIZ, Celso. **Ibiapina**: um apóstolo do Nordeste. 3. ed. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, 1997.
- MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MATOS, Henrique Cristiano José. **Introdução à história da Igreja**. 5. ed. Belo Horizonte: Editora Lutador, 1997.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: formas e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Ed. Escriba, 1968.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: E.P.U: EDUSP, 1974. 2 v.
- MAYER, Arno J. **A Força da Tradição**: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). Trad. De Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**: iniciação, teorias e temas. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MELO NETO, João Cabral de. **Poesias completas (1940-1965)**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- MENDONÇA, José Tolentino. **Libertar o tempo**: para uma arte espiritual do presente. São Paulo: 2017.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; FONTELES FILHO, José Mendes. **Plantas medicinais indígenas**: usos-saberes-sentidos. Fortaleza: IPECE, 2011.

MENEZES, Djacir. **O outro Nordeste**: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais. 3. ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1995.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de Antropologia Religiosa**: a experiência humana do divino. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de Antropologia Religiosa**: a experiência humana do divino. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MIGRAÇÃO. *In*: **GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural**, volume 16. São Paulo: Larousse e Nova Cultura Ltda, 1995, 3983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MONIZ, Edmundo. **Canudos**: a luta pela terra. São Paulo: Global, 2001.

MONTENEGRO, Abelardo. **História do fanatismo no Ceará**. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1959.

MOREL, Edmar. **Padre Cícero**: o santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. *In*: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 21-34.

MOURA, Luiz Gomes de. **Caldeirão**: o mundo futuro já presente aqui. Recife: FASA, 1995.

NEVES, Frederico de Castro. **Seca, pobreza e política**: o que é politicamente correto para os pobres? Fortaleza: UFC, 2009.

NEVES, Gilvan Gomes das. **“O passado é a morte das coisas”** – Padre Ibiapina: ante o esquecimento, a memória em construção. 2019. 229 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

NICOLESCU, Basarab. **Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 1999.

NOGUEIRA, Nonato. **Contemporizando a história do Ceará**: período republicano, 1889 a 1930. Fortaleza: Ed Jovem, 2011.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais**. São Paulo: Paulinas, 2012.

NORDESTE. In: **GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural**, volume 17. São Paulo: Larousse e Nova Cultura Ltda, 1995. p. 4233 – 4234.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). **Vidas em romaria**. Fortaleza: UFC, 2016.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O padre Cícero que eu conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte**. Recife: Massangana, 1989.

OLIVEIRA, Hermínio Bezerra de. **Formação histórica da religiosidade popular no Nordeste: o caso de Juazeiro do Norte**. São Paulo: Paulinas, 1985.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, P. CRUZ, J. **Frei Damião: a metamorfose do missionário**. Revista História Agora, [S.l.], 2011.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**. Campinas: Princípios & Procedimentos, 2001.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

OTTEN, Alexandre. **Só Deus é grande**. São Paulo: Loyola, 1990.

PANIKKAR, Raimon. **O diálogo indispensável: paz entre as religiões**. Lisboa: Zéfiro, 2007.

PAPA Francisco perdoa padre Cícero. **O Povo**, Fortaleza, 13 dez. 2015. Caderno Regional, p. 7.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: UNICAMP, 2014.

PEIRANO, Mariza. **A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREGRINO, Artur. **Herança das reformas**: papel de mulheres e homens em 500 anos de história. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

PEREGRINO, Artur. Lula o andarilho. *In*: LOPES, Mauro (org.). **Lula e a espiritualidade**: oração, meditação e militância. Curitiba: Kottter Editorial, 2019.

PEREGRINO, Artur. **Voz do sangue que clama da terra**. Recife: CPT, 1992.

PINHEIRO, Irineu. **Efem**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Imprensa universitária, 1963.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Fortaleza, 1950.

PINHEIRO, Irineu. **O Joaseiro do Padre Cícero e a revolução de 1914**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1938.

PLUMMEN, Humberto. Romeiros de ontem e de hoje: peregrinação e romaria na bíblia. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 28, p. 8-16, out. 1990. Edição temática: Nordeste, terra de migrantes.

POEL, Francisco Van Der. **Com Deus me deito, com Deus me levanto**. São Paulo: Paulus, 2018.

POLICARPO JUNIOR, José. Um caminho para uma vida integral e preciosa – Reflexões sobre Espiritualidade e Educação. *In*: RÖHR, Ferdinand. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2.ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 81-107.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológico. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**: a colônia. São Paulo: Martins, 1943.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1973.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 3. ed. São Paulo: Alfa e Ômega, 2003.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: EDUFC, 2012.

REESINK, Mísia Lins. **Les passages obligatoires**: cosmologie catholique et mort dans le quartier de Casa Amarela, à Recife (Pernambuco-Brésil). 2003. Thèse (Doctorat em anthropologie) – Programme d'études supérieures em anthropologie, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2003.

REIS JUNIOR, Darlan Oliveira de. **Senhores e trabalhadores no Cariri Cearense**: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX. 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIES, Julien. **O sagrado na história religiosa da humanidade**. Petrópolis: Vozes, 2017.

RIES, Julien. **Vida e eternidade nas grandes religiões**. Petrópolis: Vozes, 2019.

RITOS do corpo. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

RUBENS, Pedro. **O rosto plural da fé**: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer. São Paulo: Loyola, 2008.

SÁ BARRETO, Murilo de. **Testemunho, serviço e fidelidade**. Juazeiro do Norte: Gráfica Mãe das Dores, 1998.

SAHLINS, Marshall. **Historical metaphors and mythical realities**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1986.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SANCHIS, Pierre. As tramas sincréticas da história. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 123-138, jun. 1995.

SANCHIS, Pierre. **O repto pentecostal à cultura católica-brasileira**. Rio de Janeiro: ISER, 1992.

SANCHIS, Pierre. Perspectivas antropológicas sobre o catolicismo. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Catolicismo plural**: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANCHIS, Pierre. Uma identidade católica? **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 5-16, nov. 1986.

SANTOS, José Carlos dos Santos. **Os caminhos da terceirização em Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

- SILVA, Severino Vicente da. **A igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- SOBREIRA, Azarias. **O patriarca do Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH: UFC, 2011.
- SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- SOUZA, Ney de; ASSUNÇÃO, Elinaldo Cavalcante. **Padre Cícero e a questão religiosa do Juazeiro: reconciliação... e agora?** São Paulo: Loyola, 2020.
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – BA**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso, raízes etimológicas e interpretações antropológicas. *In*: ABUMANSUR, Edin Sued (org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003.
- SUSIN, Luis Carlos. **O Homem Messiânico: uma introdução ao pensamento de E. Levinas**. Porto Alegre: EST: Vozes, 1984.
- SUSIN, Luiz Carlos. “Aqui se conta”: a narrativas de Nossa Senhora de Guadalupe. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 52, n. 206, , p. 259-281, 1992.
- SUSIN, Luiz Carlos. Religião no espaço público: a busca de sanidade entre fanatismo e esquizofrenia. *In*: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (org.). **Religião e espaço público: cenários contemporâneos**. Belo Horizonte; São Paulo: SOTER: Paulinas, 2015.
- SUSIN, Luiz Carlos; SANTOS, Joe Marçal (Org.). **Nosso Planeta nossa casa: ecologia e teologia**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SÜSS, Günter Paulo. **O catolicismo popular no Brasil: tipologia de uma religiosidade vivida**. São Paulo: Loyola, 1978.
- TABORDA, Francisco. **Sacramentos, práxis e festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- TEIXEIRA, Faustino; BERKENBROCK, Volney J. (org.). **As orações da humanidade: das tradições religiosas do mundo inteiro**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado**: culturas e religiões. São Paulo: Paulus, 2004.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TOLOV, Carlos Alberto. **Padre Cícero do Juazeiro do Norte**: a construção do mito e seu alcance social e religioso. 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

TROCHU, Francis. **O Cura d’Ars**: São João Batista Vianney (1786-1859). Petrópolis: Vozes, 1960.

TURNER, Victor; TURNER, Edith. **Image and pilgrimage in Christian culture**. Orford: Basil Blackwell, 1978.

TURNER, Vitor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VELHO, Otávio. **O Cativo da Besta-Fera. Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 14/1, mar. 1987.

VELOSO, Reginaldo. **Ofício de romaria**. São Paulo: Paulus, 2013.

VERGOTE, Antoine. **Culpa y deseo**: dos ejes cristianos y la desviación patológica. Lima: Universidad de Lima, 1998.

VERGOTE, Antoine. **Psychologie religieuse**. Bruxelas: Dessart, 1966.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844 – 1926)**. São Paulo: Santuário, 2007.

VIEIRA, Dom Joaquim. **[Correspondência]**. Destinatário: Marcelo Guidi. Rio de Janeiro, 27 mar. 1897.

VILA, Marcos Antonio. **Canudos, o povo da terra**. São Paulo: Ática, 1995.

VIVA meu Padim. Intérprete: Luiz Gonzaga e João Silva. Disponível em: [palocmp3.com.br/palco-fm/luiz-gonzaga/1563872](http://palocmp3.com.br/palco-fm/luiz-gonzaga/1563872). Acesso em: 10 jun.2020.

WALKER, Daniel. Conversa com Cícero Romão Batista. **Revista Cariri**, Juazeiro do Norte, n. 12, p. 16-20, ago./set. 2013.

WALKER, Daniel. **Homilia de Dom Fernando Panico**. Celebração da missa pelo centenário da morte da Beata Maria de Araújo. Juazeiro do Norte, ano 3, jan 2014. Disponível em: [http://historiadejuazeiro.blogspot.com/2014/01/homilia-de-dom-fernando-panico-bispo-do\\_21.html](http://historiadejuazeiro.blogspot.com/2014/01/homilia-de-dom-fernando-panico-bispo-do_21.html) Acesso em: 10 jan. 2019.

WALKER, Daniel. **Padre Cícero**: a sabedoria do conselheiro do sertão. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

ZILLES, Urbano. **A modernidade e a igreja**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

ZWETSCH, Roberto Ervino. **Missão com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

**APÊNDICES**

## **APÊNDICE A - Roteiro da entrevista aplicada aos romeiros e romeiras do Padre Cícero Romão**

Questões aplicadas aos romeiros e romeiras:

- (i) Você é romeiro do Juazeiro há quanto tempo?
- (ii) De quantas romarias ao Juazeiro você participou até hoje?
- (iii) O que você acha mais importante, que gosta mais nas romarias do Juazeiro?
- (iv) Nos últimos 30 anos você observa algumas mudanças nas romarias do Juazeiro?
- (v) E na sua vida, o que mudou durante este tempo? Você poderia dar alguns exemplos?
- (vi) O que não mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?
- (vii) Além das devoções, quais são outras atividades que você gosta de fazer no Juazeiro?
- (viii) O que explica essa perseverança dos fiéis romeiros em continuar sua devoção nas romarias?
- (ix) Você sabe que durante muito tempo a maioria dos padres era contra meu padrinho e agora estão se aproximando. A Igreja Católica reconhecendo que ele é santo, o que pode mudar?

## **APÊNDICE B - Roteiro da entrevista aplicada aos pesquisadores e pesquisadoras**

Questões aplicadas aos pesquisadores e pesquisadoras:

- (i) Você tem contato com as romarias do Juazeiro há quanto tempo?
- (ii) Nos últimos 30 anos você observa algumas mudanças nas romarias do Juazeiro: o que mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?
- (iii) O que não mudou nesses últimos 30 anos nas romarias do Juazeiro?
- (iv) Como você vê o turismo no Juazeiro do Norte? Ele mudou o jeito de ser das romarias?
- (v) O que Juazeiro representa para os romeiros?
- (vi) O que explica essa perseverança dos fiéis romeiros em continuar sua devoção nas romarias?
- (vii) Com o reconhecimento do padre Cícero Romão Batista por parte da Igreja Católica Romana (abrindo caminho para o seu processo de canonização), o romeiro está ameaçado em perder seu protagonismo nas romarias?
- (viii) Ao final deste depoimento, quais as suas últimas palavras?

## **APÊNDICE C - Dados Biográficos da vida do Padre Cícero Romão**

### **Batista**

- 24/03/1844 - Nascimento de Cícero Romão Batista na cidade do Crato. Filho de Joaquim Romão e Joaquina Vicência Romana.
- 30/11/1870 – Ordenação sacerdotal na Catedral, em Fortaleza, por Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará.
- 24/12/1871 – o recém ordenado padre Cícero Romão celebra a primeira missa no Juazeiro.
- 11/04/1872 – O jovem padre, fixa residência em Juazeiro com sua família. Neste dia, rezou a missa na pequena capela de Nossa Senhora das Dores, um humilde santuário rural.
- 26/09/1872 – É nomeado capelão da pequena capela de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro – CE.
- 28/08/1884 – Dom Joaquim José Vieira, segundo bispo de Fortaleza, sagra a nova capela de Nossa Senhora das Dores, benzendo a pedra do altar-mor.
- 22/04/1886 – Instalação solene do sacrário permanente da capela de Nossa Senhora das Dores.
- 21/12/1887 - Nomeação do padre Cícero Romão como vigário da paróquia de São Pedro, hoje Caririáçu, continuando, entretanto, a residir no Juazeiro.
- 01/03/1889 – Pela primeira vez, ocorre em Juazeiro a transformação da hóstia em sangue, na comunhão da beata Maria de Araújo. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia de festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer todos os dias.
- 17/07/1891 – Padre Cícero é chamado a Fortaleza e se apresenta ao bispo para responder, sob juramento, a um questionário referente aos fatos extraordinários de Juazeiro.
- 21/07/1891 - O bispo diocesano nomeia a primeira comissão para averiguar os fatos extraordinários ocorridos em Juazeiro, tendo como membros os padres Glicério e Francisco Antero. Seus objetivos eram de duas ordens: testemunhar a transformação da hóstia e entrevistar as personalidades dominantes da questão.
- 28/11/1891 - Padre Glicério entrega o relatório da investigação ao bispo, Dom Joaquim, declarando que os fatos extraordinários do milagre do Juazeiro não têm explicação natural.

- 04/04/1892 – Padre Alexandrino, vigário do Crato na ocasião, recebe do Dom Joaquim a ordem de proceder a um segundo inquérito sobre os fatos extraordinários do milagre do Juazeiro.
- 22/04/1892 – Término do segundo inquérito, com a conclusão de que os fatos extraordinários de Juazeiro não são sobrenaturais.
- 05/08/1892 – Padre Cícero é suspenso de ordens, sendo permitido celebrar fora do Juazeiro.
- 06/08/1892 – Dom Joaquim dispensa padre Cícero da administração da paróquia de São Pedro em Caririaçu – CE.
- 10/11/1893 – Dom Joaquim proíbe todos os sacerdotes da diocese de celebrar, confessar ou pregar na capela do Juazeiro, com exceção do vigário do Crato e dos padres por ele indicados.
- 23/11/1894 – A proibição de celebrar no Juazeiro foi estendida ao vigário do Crato, padre Quintino.
- 04/04/1894 – A Congregação do Santo Ofício reprova e condena os fatos do Juazeiro.
- 04/07/1894 – Padre Cícero presta obediência às decisões do Santo Ofício, em Fortaleza – CE.
- 14/04/1896 - O bispo de Fortaleza proíbe padre Cícero de celebrar em toda a diocese.
- 21/06/1897 – O vigário do Crato, padre Constantino, entrega ao padre Cícero a portaria de excomunhão válida se, no prazo de 10 dias, não se retirar do Juazeiro.
- 29/06/1897 – Padre Cícero exila-se em Salgueiro, Sertão de Pernambuco, dentro do prazo exigido.
- 10/01/1898 – Padre Cícero viaja para Roma, via Recife. Foram catorze dias de viagem. Depois de ser recebido como hóspede na casa do próprio presidente pernambucano Joaquim Correia, o padre Cícero Romão embarcou no porto do Recife.
- 24/03/1898 – No dia exato em que completou 54 anos, padre Cícero Romão ficou diante do Papa Leão XIII. Não era uma sessão particular como tanto esperava, mas a pequena distância, durante uma celebração especial na Sala Régia do Palácio Apostólico do Vaticano.
- 01/09/1898 – Padre Cícero faz seu ato de obediência aos decretos da Igreja, perante o Santo Ofício. Recebe ordem para celebrar missas e voltar ao Brasil.

- 12/11/1898 – Chegada do padre Cícero em Fortaleza para prestar contas de sua viagem a Roma e render obediência ao bispo Dom Joaquim.
- 15/11/1898 – Dom Joaquim concede ao padre Cícero a licença para celebrar missa na diocese, menos em Juazeiro e nas circunvizinhanças.
- 07/09/1910 – O povo de Juazeiro declara-se independente de Crato, negando o pagamento de impostos àquela cidade.
- 22/07/1911 - Criação do município de Juazeiro. A Assembleia Estadual do Ceará vota e dar autonomia municipal a Juazeiro. Deve-se esse sucesso, oficialmente, ao Patriarca, padre Cícero Romão.
- 04/10/1911 – Padre Cícero assume o cargo de primeiro prefeito de Juazeiro.
- 20/01/1912 – Padre Cícero é eleito 39º vice-presidente do Estado do Ceará.
- 11/02/1913 – O presidente Franco Rabelo demite padre Cícero do cargo de prefeito de Juazeiro.
- 04/12/1913 - O prefeito João Bezerra de Menezes, nomeado por Franco Rabelo, é deposto pelas forças revolucionárias, comandadas pelo Dr. Floro Bartolomeu.
- 14/12/1913 – Padre Cícero convoca o povo para cercar Juazeiro de trincheiras e muralhas, em defesa da Vila que as forças rabelistas queriam arrasar.
- 21/01/1914 – Segundo ataque das forças rabelistas contra Juazeiro. Este ganhou a batalha. As forças do Dr. Floro Bartolomeu, ajudadas pelo governo federal, chegam até Fortaleza e derrubam o governo de Franco Rabelo. Volta ao poder Acioly.
- 22/07/1914 – Padre Cícero é eleito primeiro vice-presidente do Estado.
- 30/12/16 - O primeiro bispo de Crato, Dom Quintino, concede ao padre Cícero a ordem de celebrar novamente a missa em Juazeiro.
- 03/07/1921 – Padre Cícero é novamente suspenso de ordens.
- 16/04/1926 – Padre Cícero é eleito deputado federal depois do falecimento do Dr. Floro Bartolomeu, mas não assumiu o cargo. Nessa época padre Cícero Romão chegou a ser um símbolo da causa do Nordeste.
- 20/07/1934 – As primeiras horas de dia 20 de julho de 1934, padre Cícero Romão embarcou naquela última jornada da qual nem patriarca nem políticos podem escapar. Morre às 6h30, depois de ter feito um gesto não consentido, na qualidade de um clérigo suspenso de ordens, traçou no ar três sinais da cruz, falecendo logo em seguida.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Mensagem do Cardeal Parolin

Excelência Reverendíssima  
Dom FERNANDO PANICO  
Bispo Diocesano de Crato

Ocorre hoje mesmo o centenário da criação dessa amada Diocese, que a mesma quis comemorar com um inteiro Ano Jubilar. Em uma atitude de ação de graças, procurou vivenciar o caminho histórico que, através das vicissitudes humanas, traçou a vida dessa Igreja particular, na busca da fidelidade ao Depósito sempre atual da Fé e, ao mesmo tempo, vivendo o dinamismo missionário da evangelização, que deve ser dirigido a todos sem exceção, especialmente aos pobres e pequeninos.

Trata-se de uma ocasião propícia para analisar também o movimento religioso em torno da figura do Padre Cícero Romão Batista (24 de março de 1844–20 de julho de 1934), que viveu no território dessa Diocese, figura histórica proeminente no Brasil, especialmente em toda a região do nordeste brasileiro. Em tal sentido, pareceu oportuno ao Santo Padre associar-se às comemorações jubilares com o envio da presente Mensagem à Diocese de Crato que põe em realce *a figura de Padre Cícero Romão Batista e a nova Evangelização*, procurando concretamente ressaltar os bons frutos que hoje podem ser vivenciados pelos inúmeros romeiros que, sem cessar, peregrinam a Juazeiro, atraídos pela figura daquele sacerdote.

Procedendo desta forma, pode-se perceber mais claramente a repercussão que a memória do Padre Cícero Romão Batista mantém, no conjunto de boa parte do catolicismo deste País, e, dessa forma, valoriza-la desde um ponto de vista eminentemente pastoral e religioso, como um possível instrumento de evangelização popular.

1. Excelência Reverendíssima, não é intenção desta Mensagem pronunciar-se sobre questões históricas, canônicas ou éticas do passado. Pela distância do tempo e complexidade do material disponível, elas continuam a ser objeto de estudos e análise, como atesta a multiplicidade de publicações a respeito, com interpretações as mais variadas e diversificadas. Mas é sempre possível, com a distância do tempo e o evoluir das diversas circunstâncias, *reavaliar e apreciar as várias dimensões que marcaram a ação do Padre Cícero como sacerdote e*, deixando à margem os pontos mais controversos, por em evidência aspectos positivos de sua vida e figura, tal como é atualmente percebida pelos fiéis.

Assim fazendo, abrem-se inúmeras perspectivas para a evangelização, na linha desta recomendação do Documento de Aparecida; “Deve-se dar catequese apropriada que acompanhe a fé já presente na religiosidade popular” (DA, 300).

2. É inegável que o Padre Cícero Romão Batista, no arco de sua existência, viveu *uma fé simples, em sintonia com o seu povo* e, por isso mesmo, desde o início, foi compreendido e amado por este mesmo povo.

A sua visão perspicaz, ao valorizar a piedade popular da época, deu origem ao fenômeno das peregrinações, que se prolonga até hoje, sem diminuição tanto no número como no entusiasmo das multidões que ocorrem, anualmente, a Juazeiro. Essa amada Diocese tem procurado incorporar este movimento popular com um grande esforço de evangelização, orientando-o para o Cristo redentor do ser humano. Integrando seu aspecto popular e devocional em uma catequese renovada, fortalece e anima o romeiro em sua vida cotidiana, tornando-o sempre mais consciente do seu batismo e ajudando-o a viver sua vocação específica de cristão no mundo.

Além disso, utilizando-se de palavras do próprio Padre Cícero, inúmeros cantos de romaria traduzem o conteúdo da fé e da moral cristã para a compreensão dos simples e dos pobres, constituindo-se, dessa forma, instrumentos úteis de formação na fé; “Quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais...”. O entusiasmo e o fervor com que os romeiros entoam estes hinos ecoam pelo nordeste brasileiro, como um convite constante a uma vida cristã mais coerente e fiel.

Várias Dioceses do nordeste brasileiro, fonte primária das romarias, em consonância com sua Diocese de Crato, têm procurado associar-se a esta forma de evangelização, que se tem demonstrado eficaz. A criação recente de um Conselho das romarias, junto a essa Diocese, composto também por representantes das demais Igrejas particulares da região é, sem dúvida, um elemento positivo a ser apoiado e estimulado.

### 3. Deixou marcas profundas no povo nordestino a *intensa devoção do Padre Cícero à Virgem Maria*.

A devoção mariana, especialmente à Nossa Senhora das Dores, mas também sob o título mariano das Candeias, foi bem acolhida e assimilada pelo povo fiel. Através delas, a influência positiva do Padre Cícero continua a exercer, junto aos romeiros, um papel educador da sensibilidade católica, que é uma das características marcantes desta população.

As grandes romarias realizadas por ocasião destas festas marianas ilustram o calendário evangelizador de Juazeiro e constituem momentos altos de formação católica.

Como não reconhecer, Dom Fernando, na devoção simples e arraigada destes romeiros, o sentido consciente de pertença à Igreja Católica, que tem na Mãe de Jesus Cristo um dos seus elementos mais característicos? Ajudando o romeiro a acolher Maria como Mãe, recebida do próprio Cristo ao pé da cruz do Calvário, o influxo de Padre Cícero fortalece, nos fiéis, o sentido de pertença à Igreja. É significativa a intensidade desta devoção mariana, inspirada por Padre Cícero, a marcar definitivamente a alma católica dos romeiros nordestinos.

Realizando sempre mais o trabalho evangelizador da Diocese de Crato, no acompanhamento pastoral deste movimento, tenha-se presente esta recomendação do Documento de Aparecida: “Para esse crescimento na fé, também é conveniente aproveitar pedagogicamente o potencial educativo presente na piedade popular mariana. Trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem, verdadeira “educadora da fé” (DP 290) que

nos leva a nos assemelhar cada vez mais a Jesus Cristo, provoque a apropriação progressiva de suas atitudes” (DA, 300).

4. Outro aspecto vivenciado por Padre Cícero e por ele transmitido aos seus devotos é *a oração e o respeito pelos mortos*, mais um elemento importante da fé católica.

A grande romaria do dia de Finados, iniciada pelo Padre, continua ainda hoje incentivando os romeiros a rezar pelos fiéis falecidos, transmitindo-lhes, também, de maneira simples mas eficaz, a consciência da dimensão escatológica da existência humana. Em uma vida marcada por tantos sofrimentos e dificuldades, a expectativa da bem-aventurança é, para eles, consolação e estímulo.

Uma iniciativa originada por esta sensibilidade tem acontecido, também, em várias Dioceses do nordeste o encontro dos romeiros nas suas paróquias, além do dia 20 de julho, também no dia 20 de cada mês, recordando o falecimento do próprio Padre Cícero. Um marcante espírito penitencial, a busca pela confissão auricular, a grande participação da Santa Missa em horas bem matinais constituem uma experiência inesquecível para quem delas já participou e uma oportunidade evangelizadora ímpar.

Vem a propósito citar aqui este trecho de Aparecida: “Nossos povos não querem andar pelas sombras da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo. Buscam-no como fonte de vida. Desejam essa vida nova em Deus, para a qual o discípulo do Senhor nasce pelo batismo e renasce pelo sacramento da reconciliação. Procuram essa vida que se fortalece, quando é confirmada pelo Espírito de Jesus e quando o discípulo renova, em cada celebração eucarística, sua aliança de amor em Cristo, com o Pai e com os irmãos. Acolhendo a Palavra de vida eterna e alimentados pelo Pão descido do céu, quer viver a plenitude do amor e conduzir todos ao encontro com Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida” (DA, 350). Temos aqui, Senhor Bispo, todo um programa de evangelização, a partir da sensibilidade do romeiro diante do mistério da morte e na proclamação confiante da esperança na ressurreição.

5. No momento em que a Igreja inteira é convidada pelo Papa Francisco a uma atitude de saída, ao encontro das periferias existenciais, a atitude do Padre Cícero em *acolher a todos, especialmente aos pobres e sofredores*, aconselhando-os e abençoando-os, constitui, sem dúvida, um sinal importante e atual.

Não deixa de chamar a atenção o fato de que estes romeiros, desde então, sentindo-se acolhidos e tendo experimentado, através da pessoa do sacerdote, a própria misericórdia de Deus, com ele estabeleceram – e continuam estabelecendo no presente – uma relação de intimidade, chamando-o na carinhosa linguagem popular nordestina de “*padim*”, ou seja, considerando-o como um verdadeiro padrinho de batismo, investido da missão de acompanhá-los e de ajudá-los na vivência de sua fé.

É também uma característica do nordeste brasileiro a grande quantidade de pessoas que recebem, no batismo, o nome de “Cícero” ou de

“Cícera”, em preito de homenagem e de gratidão a este sacerdote. O espírito das romarias transmite-se, assim, de pais para filhos e se perpetua por gerações.

É certo, por outro lado, que este apego afetivo do romeiro deverá dar lugar a um trabalho paciente de formação da sua fé, de maneira a leva-lo a um encontro pessoal com Jesus Cristo, como mostra o documento de Aparecida (cfe. nn. 276ss) traçando, com acuidade, as várias etapas a serem seguidas, para que, da atração pelas testemunhas, se chegue Àquele que é a Testemunha fiel e Redentor de todos; “O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem por lhe conhecem a voz” (DA, 277).

6. Finalmente, apraz-me salientar, Dom Fernando, mais um importante fruto da influência do Padre Cícero Romão Batista junto aos seus romeiros: *o respeito que os peregrinos demonstram pela Igreja, na pessoa de seus sacerdotes e seus templos.*

O afeto popular que cerca a figura do Padre Cícero pode constituir um alicerce forte para a solidificação da fé católica no ânimo do povo nordestino. O trabalho de evangelização popular a ser continuado, com perspicácia e perseverança, vem contribuindo certamente para o fortalecimento desta mesma fé, chamada a frutificar em atos concretos de compromisso cristão e de promoção dos mais autênticos valores humanos, pois “os desafios que apresenta a situação da sociedade na América latina e no Caribe requerem identidade católica mais pessoal e fundamentada. O fortalecimento dessa identidade passa por uma catequese adequada que promova adesão pessoal e comunitária a Cristo, sobretudo nos mais fracos na fé” (DA, 297).

7. Eis portanto, Senhor Bispo, alguns elementos positivos que promanam da figura do Padre Cícero Romão Batista, tal como é percebida, atualmente, pelo povo fiel que acorre a Juazeiro do Norte, dando vida às romarias e transformando-as em uma bela expressão de fé. Como já indicado, cada romeiro, desafiando a criatividade dos agentes de evangelização, abre novas perspectivas para atuar a missão da Igreja no contexto local, em que esta figura constitui o chamado inicial para um aprofundamento da fé católica e para sua manutenção.

Não podemos ignorar, no entanto, que *outros aspectos da pessoa do Padre Cícero podem suscitar perplexidades.* Deus, com efeito, na sua genial criatividade, serve-se muitas vezes de “vasos de argila” para realizar a sua obra de salvação, “para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4,7) e, dessa forma, nós, seres humanos, nunca possamos nos orgulhar. Porque “aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente Deus, que dá o crescimento” (1Co 3,7), Deus serve-se sempre de pobres instrumentos. Padre Cícero, na sua complexa história humana, não privada de fraquezas e de erros, é um claro exemplo disso. Sem dúvida alguma, foi movido por um intenso amor pelos mais pobres e por uma inquebrantável confiança em Deus. Ele teve, porém, que viver em um contexto histórico e social pouco favorável, empregando todas as suas forças e procurando agir segundo os ditames da sua consciência, em momentos e circunstâncias bastante difíceis. Se nem sempre soube encontrar as justas decisões a tomar ou adequar-se às

diretrizes que lhe foram dirigidas pela legítima autoridade, não há dúvida, entretanto, de que ele foi movido por um desejo sincero de estender o Reino de Deus. Não nos esqueçamos, porém – como dizia São João Paulo II, na Audiência Geral de 30 de abril de 1986–, que, às vezes, “*Deus escreve certo por linhas tortas*” e se serve de instrumentos imperfeitos para realizar a Sua obra (cf. Lc 17,10). Portanto, *é necessário neste contexto, dirigir nossa atenção ao Senhor e agradecer-lhe por todo o bem que ele suscitou por meio do Padre Cícero.*

Este dado positivo, eminentemente religioso, justifica a atenção pastoral especial que essa Diocese de Crato presta ao fenômeno religioso de Juazeiro Norte, que tem sua origem justamente na ação do Padre Cícero, valorizando a sua repercussão benéfica em vista da evangelização de todos aqueles que a ele sentem-se ligados. Assim, é garantida a sua reta orientação eclesial, trazendo para todos o inegável benefício de uma adequada evangelização, inserida na realidade e na mentalidade da população fiel desta região e com repercussões em todo o Brasil.

A presente mensagem foi redigida por expressa vontade de Sua Santidade o Papa Francisco, na esperança de que Vossa Excelência Reverendíssima não deixará de apresentar à sua Diocese e aos romeiros do Padre Cícero a autêntica interpretação da mesma, procurando por todos os meios apoiar e promover a unidade de todos na mais autêntica comunhão eclesial e na dinâmica de uma evangelização que dê sempre e de maneira explícita o lugar central a Cristo, princípio e meta da História.

Ao mesmo tempo que me desempenho da honra de transmitir uma fraterna saudação do Santo Padre a todo o povo fiel do sertão do Ceará, com os seus Pastores, bendizendo a Deus pelos luminosos frutos de santidade que a semente do Evangelho faz brotar nestas terras abençoadas, valho-me do ensejo para lhe testemunhar minha fraterna estima e me confirmar

de Vossa Excelência Reverendíssima  
devotíssimo no Senhor

Pietro Card. Parolin  
*Secretário de Estado de Sua Santidade*

Vaticano, 20 de outubro de 2015.

**ANEXO B - Registros fotográficos da romaria no Juazeiro do Norte – CE**

Estátua do Horto – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

Romaria de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

### Missa do dia 20 de julho – Capela do Socorro



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

### Missa na Capela do Socorro



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

### Romaria de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

### Presença do trabalhador rural na romaria



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

### Capela do Socorro – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte - CE

## Chegada no Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte – CE

## Saída do Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte – CE

## Escuta das romeiras e romeiros na romaria



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte – CE

## Festa das Candeias – Juazeiro do Norte - CE



Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

## Matriz de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte – CE

## Antiga casa de repouso do Padre Cícero no Horto – Hoje museu de visitação



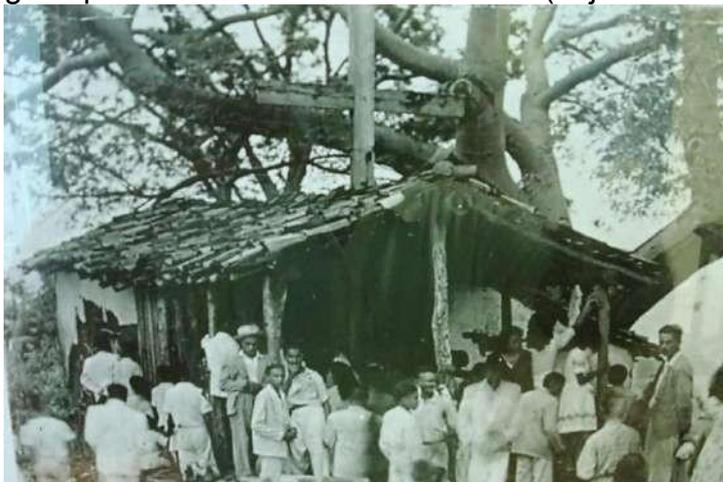
Fonte: Centro de Psicologia da Religião (CPR) – Juazeiro do Norte – CE

Beato Manoel Cego - Igreja de São Miguel – Juazeiro do Norte - CE



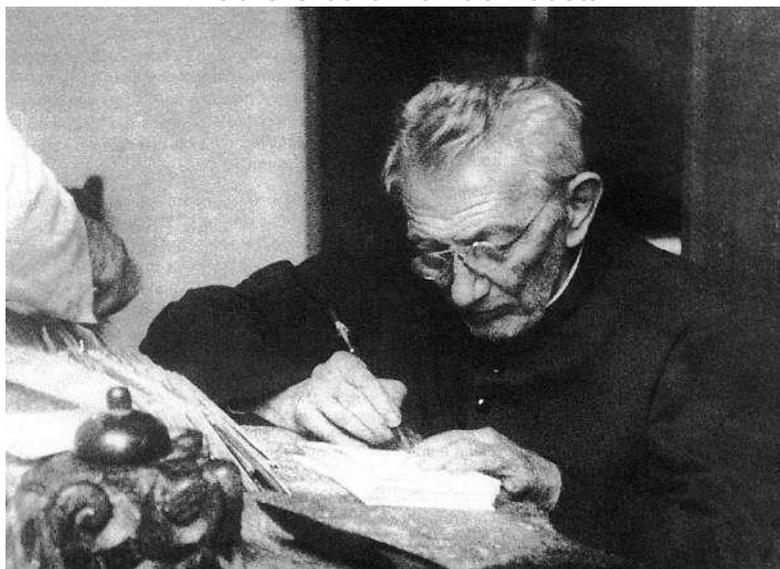
Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte – CE

Antiga capelinha do Beato Elias no Horto (hoje inexistente)



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte - CE

Padre Cícero Romão Batista



Fonte: Arquivo Fotográfico Daniel Walker e Renato Casimiro – Juazeiro do Norte – CE

## Estátuas da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero Romão



Fonte: Arquivo do Doutorando